AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO
JP

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Janeiro de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES IMPRESSOR DA CASA REAL,
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

O anno de 1872 — Definições de costumes, de typos e de instituições — Carta ao sr. Fontes Pereira de Mello — O *India* mettendo agua — A *princeza Georges*. Os adulterios — Carta ao sr. bispo do Porto — O *Sena* e o *Tete*. As condecorações e as economias — As exposições de creanças e ás escadas dos predios — O sr. Pinheiro Chagas e o Indostão — A maçonaria e o catholicismo — Os concelhos de provincia. Uma phrase do sr. ministro do reino — A portaria Alves Branco — O discurso da coròa. Caracterisação e scenario — Historia de um concurso documental — A questão dos cemiterios — O estado da administração segundo a opposição e segundo o governo — Os terrenos do Alemtejo. Explicações — As nossas luvas e as nossas bengalas. — As *Farpas* e S. M. El-Rei e sua familia. — As reformas da administração, etc., e a opinião das *Farpas*

Querido Publico — eis-te diante de um anno novo: 1872.

Está defronte de ti, serio, impenetravel, com o seu largo chapeu de feltro carregado no rosto, a capa côr de mysterio traçada á Lindor, altas

botas de pregas reluzentes, a acção tacita, a palavra recolhida, — e vê-se apenas a ponta da sua espada erguer de leve, por traz, com uma prega subtil, a orla da capa escura. O traidor! — vem armado!

Como será o seu rosto — fransino e pacifico ou violento e duellista? Como será a côr, o geito dos seus cabellos — grisalhos e acamados como de um musgoso conservador ou negros e revoltos como de um revolucionario impaciente? Como será a palma da sua mão — macia e secca como a do que espalha dinheiro ou adunca e aspera como a do avaro ganchoso?

— Quem o sabe? Quem o saberá? diz o cuco da legenda.

Que te trará elle a ti, fiel camarada das *Farpas* e das suas peregrinações ironicas? Um accesso no teu emprego? A herança de um velho tio? Uma noiva de rosto anemico? Uma viagem inesperada? Um pequerrucho guloso de leite?

— Quem o sabe? Quem o saberá? diz o cuco da legenda.

Que importa! Que elle, o Anno Novo, te conserve a cabeça fria, o estomago são, o bolso sonoro e a mão decidida: é o bom, o positivo,

o fortificador e o desejado. De resto que o sr. de 72 se porte comtigo como um *gentleman*, — é tudo o que se lhe pede.

É o que nós pedimos á sua taciturna figura. E tambem um pouco, — que te dê, que te inspire subtilmente, que faça penetrar em ti como um calor purificador e com um aroma affavel — a estima das *Farpas* — ou pelo seu nome generico — a estima do *Bom senso*..

. ˙ .

Mas, querido, é justo que pensemos tambem um pouco na Patria. Porque emfim, temos uma *patria*. Temos pelo menos — um *sitio*. Um *sitio* verdadeiramente é que temos: isto é — uma lingua de terra onde construimos as nossas casas e plantamos os nossos trigos. O nosso *sitio* é Portugal. Não é uma *nação*, não é um *paiz*, não é uma *nacionalidade*, não é uma *patria*; mas é um *sitio*. Já não é mau. A Laponia nem um *sitio* é: cabanas entorpecidas na fria extensão da neve. Podemos pelo menos desdenhar a Laponia. Ah! ah! miseravel Laponia! Como a nossa organisação é mais rica, a nossa raça mais digna, o nosso cerebro mais vasto! A Laponia! *pouff!* — nós ao menos temos um *sitio*!

Pois bem: o que vae trazer-lhe, debaixo da sua capa, o digno sr. de 72?

Trar-lhe-ha a paz, como um folhetim monotono continuado da vespera?

Trar-lhe-ha a guerra, como uma aventura romantica a marche-marche?

Trar-lhe-ha, como um ramo de theatro, uma revolução?

Trar-lhe-ha, no meio de um espantado *oh!* universal — uma idéa?

Trar-lhe-ha entre os braços, para lhe depositar no collo uma nova dynastia — de mama?

Trar-lhe-ha, á patria, como um noivo para a fecundar, o eximio prelado de Vizeu, que recua e córa de pudor?

Atirar-lhe-ha aos pés, como um mimo do ceo, Melicio, melhor que os favos?

— Quem o sabe, quem o saberá? diz o cuco da legenda.

. ˙ .

Ahi está! Nem elle mesmo o sabe talvez. Os annos chegam desprevenidos, indecididos, desintencionados. Sómente tomam informações com os annos que sáem. E então pelas suas notas, como um dramaturgo, preparam os seus episodios! — Ah! que diria o Anno Velho, ao ir-se com

as suas malas e as suas rugas, a este Novo Anno que vinha, inexperiente, moço e agil? — O que disseram elles, ao encontrar-se n'essa mysteriosa estrada por onde caminham os dias e os annos, excentricos transeuntes da Eternidade? O Anno Velho recolhia-se: estivera trezentos e sessenta e cinco dias em Portugal; ia enfastiado e embrutecido; percebia-se que ia de cá pela grosseria dos remontes das botas; tinha os dedos queimados do cigarro e trocava o B pelo V; levava o estomago estragado da mesa do hotel; ia ressequido da falta de banhos; palitava os dentes com as unhas; sabia ajudar á missa; assoava-se a um lenço vermelho; perguntava a todo o proposito *que ha de novo?* e era reformista. Estava alusitanado. — O Anno Novo vinha da frescura do ceo.

Então cumprimentaram-se.

E um dialogo vivo, rapido, caracteristico, minucioso, palpitou no silencio.

. · .

— Mas, dizia o Anno Novo, consultando apontamentos esboçados que trazia, esse paiz é uma monarchia ou uma republica?

O Anno Velho replicou gravemente:

— As geographias dizem que é uma monarchia: pelo que vi pareceu-me que nem era uma monarchia, nem uma republica, e que era apenas um *chinfrim*.

— Mas, exclamava o Anno Novo, pelo menos ha um rei?

— Ha um, ponderou prudentemente o Anno Velho. Os jornaes revelaram de vez em quando a sua existencia — contando que fôra photographar-se! É quanto sei da sua vida publica.

— Mas elle, bom Deus, reina!

— Reina — como quando se diz na descripção de uma sala: — no alto, ao pé da cornija, *reina* um friso dourado.

— Mas, dizia o Anno Novo, por onde se governa esse paiz?

— Este paiz tem a *Carta* — que se manifesta todos os mezes nas musicas regimentaes em hymnos — e actua nas repartições de anno a anno — em suettos. É tudo o que o paiz sabe d'ella.

— Mas de que vive esse paiz? Tem rendimentos, tem orçamento?

— Tem de menos todos os annos para pagar as despesas da casa — uns poucos de mil contos,

4 ou 5. É a isto que este nobre paiz chama — as finanças. Cada ministerio...

— Um momento. Eu sou um simples, um ingenuo, chego. O que é um ministerio?

— É uma collecção de doze homens que se encarregam — seis trotando a cavallo atrás dos outros seis — de dirigir o paiz, isto é, de ter a mão na chave da despensa. Quando se pertence a um partido...

— Pertencer a um partido, meu amigo, vem a ser?...

— É metter-se a gente n'um omnibus — que leva aos empregos — e a que pucha o chefe de partido, sempre com o freio nos dentes!

— Ah! meu amigo pelo appetite da gente, esse paiz é — ferreo. E a questão de fazenda, dizia...

— É uma especie de nó que todos, um por um, são chamados a desatar — e que cada um aperta mais.

— Sem nunca entalar os dedos?

— Bem ao contrario: a alguns fica-lhes na mão o pó da corda. — Ora é com esse pó que se compram os melões.

— E o paiz, meu amigo, em que se emprega?...

— Nas secretarias. Não sabe o que é... São salas onde innumeraveis homens escrevem em papel almasso: «ill.mo e ex.mo sr.», para poderem jantar, e ter este accesso: aos 20 annos semi-inuteis, aos 30 inuteis e aos 45 inuteis e semi.

— E d'onde saem esses homens?

— Do lyceu, que é um logar com bancos, onde em rapaz se decoram palavras, — para ter o direito de não se tornar a estudar depois de homem.

— Perdão, mas ha uma universidade, parece.

— Ha. Mas a universidade é apenas um documento historico para se provar que existiu D. Diniz, seu fundador.

— Mas, Santo Deus, estuda-se?

— Sim, estudam-se sciencias — que levam 5 annos a estudar — e que estão atrazadas 10 annos, — com excepção de uma, a theologia, que acabou ha um seculo.

— E como é a organisação dos estudos?

— O alumno, ao entrar, faz uma cortezia profunda ao lente, entra, lê um romance que traz na algibeira, e sae fazendo ao lente outra cortezia mais profunda. Se não fizer isto é reprovado.

— E tudo isso para que?

— Para se ser bacharel — uma qualidade que se exige para tudo — e que se não respeita para coisa nenhuma!

— E a que chama a *politica*, meu amigo? Tenho-lhe ouvido...

— A politica é uma occupação dos ociosos, uma sciencia dos ignorantes, uma riqueza dos pobres e uma fidalguia dos plebeus. — Reside em S. Bento...

— Um santo do calendario?

— Uma instituição da carta.—Uma sala que a carta instituiu para *perpetuamente* se discutir quem ha de organisar o paiz *definitivamente*.

— E qual é a posição dos deputados?...

— Na apparencia sentados, por dentro de cocoras.

— Perdão...

— Ah sim! a posição para com o governo: empregados de confiança do governo, nomeados pelo governo, — consentindo-se ao povo, para o contentar, que assigne o decreto!

— Explique-me, amigo, uma palavra dos meus apontamentos: — eloquencia parlamentar.

— É a serie de palavras sabidas que vae de Barros e Cunha o sensivel, a Osorio o arrevesado — passando por Santos e Silva o facundo.

— Quem são esses homens?

— São elles mesmos — e teem um trabalho violento para serem tanto.

— E não ha o que chamamos *homens praticos?*

— Sim, d'esse modo se denominam os politicos impossibilitados pela inepcia de decorarem o enunciado de uma theoria. Estes sujeitos não fallam nem escrevem: meneiam a cabeça, e de quando em quando — assoam-se! São muito respeitados.

— Ha ainda, parece, outra camara...

— Ha a dos pares. — É um forno apagado onde cada governo mette lenha nova — para poder coser o seu pão.

— Estranhos casos! E ha partido anti-dynastico?...

— Perfeitamente: é um partido que se ri do rei actual por ter tão pouco poder sobre o seu povo, — e lastima o povo por soffrer tanto poder do seu rei actual.

— E tem crentes, tem cofres, um jornal, parece...

— A *Nação*: um periodico que ha 30 annos, todos os dias promette para a semana seguinte a restauração miguelista — para conservar os

assignantes. Começa-se a dar na burla — e alguns despedem-se.

— Falle-me da aristocracia...

— Ah, querido, uma collecção de capacetes vasios das velhas cabeças, os quaes iam cahir ao chão, e onde se mettem para os sustentar cabeças novas de mercieiros, que pagam para isso ao governo.

— Ainda bem, ainda bem! falle-me então do povo.

— Oh o povo! É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre porque lhe não montam na anca, — e o desgraçado não se lembra da canga!

— E a burguezia?

— Chut! Baixo! Esse é o nome de despreso com que os antigos tendeiros fulminam os jovens marçanos!

— Mas esse paiz, então, que credito tem entre os outros, para além dos Pyrineus?

— Portugal lá fóra é conhecido pela laranja. De resto, ha dois annos, em Paris, Madame de A. dizia, um dia, a um portuguez: Tenho um favor a pedir-lhe... O Lusitano curvou-se como um civilisado — Temol-o visto aqui, sempre perfeitamente vestido, á europea; venha um d'es-

tes dias vestido á moda do seu paiz,—minhas filhas estão mortas por ver as pennas e a flexa!
—Ó lusitanos! Madame de A., imaginava que vós usaveis pennas de arara na nuca e nos hombros e—a flexa selvagem!

—E a diplomacia d'esse paiz?...

—Cada governo, meu amigo, costuma mandar como embaixadores para fóra aquelles que elle não quer ver dentro como chefes da opposição—parecendo-se assim com aquelles criados que os companheiros mandam espreitar para a sala,—para comerem mais á vontade na cosinha.

—Tens viajado de certo, amigo! Falla-me das cidades! Ha boas estradas?

—Ha: mas estão todas na secretaria das obras publicas, para não se deteriorarem.

—E o caminho de ferro?

—É novo em Portugal: gatinha ainda. De resto é um luxo de velocidade temperado por descarrillamentos.

—Mas chega-se. E o Porto o que é?

—Uma terra onde se é negociante a serio e por convicção—só para ter meios de fingir que se é aristocrata.

—E Coimbra?

— Uma cidade onde o municipio não varre as ruas para não perturbar os que estudam, —em quanto os que estudam, com o barulho que elles mesmos fazem na rua, não deixam dormir o municipio.

— E Lisboa, emfim?

— Lisboa é a cidade onde Melicio habita. De resto uma burgueza que desejaria parecer-se com uma *cocotte* — se podesse costumar-se a lavar os dentes.

— Bom Deus! mas não são escrupulosos, comsigo, então?

— Outr'ora, mancebo, quando os criados inexperientes dos hoteis viam chegar o viajante portuguez, traziam-lhe como a todos, uma tina cheia e fresca: e o portuguez respondia invariavelmente: «obrigado, não tenho sede!»

— Mas a vida elegante em Lisboa, então?

— É não ser cigarreiro da fabrica de Xabregas. Tudo o mais é elegante.

— Mas os portuguezes? essa bella raça! E são intelligentes ao menos?

— Ah! meu amigo! foi o A B C que espalhou isso — todo vaidoso de que o tivessem comprehendido!

— Mas teem ao menos costumes graves! A familia...

— É um grupo de egoismos, — que janta de chinellas.

— Mas as mulheres?

— São pessoas excellentes que teem a doçura de fingir que não teem espirito — só para não humilharem os maridos!

— E são bonitas?

— São bonitas — nos intervallos da cuia!

— E são honestas?

— Muito mais do que os maridos dão a entender e do que os volumes de versos espalham.

— E são ternas?

— Aprenderam a ternura de cór — mas recitam-n'a mal.

— Que tal conversam?

— Não se sabe, porque nunca tiveram com quem.

— E amorosas?...

— Diz o sr. Vidal que sim.

— E ligeiras, gentis, femeninas?

— Meu amigo, são utilitarias: e acham em tudo o que acharam na mesma walsa — uma utilidade.

— Na walsa? qual é?

— É, mancebo, o meio de suar com elegancia em sociedade.

— Oh! bom Deus, voltemos ás generalidades: o paiz é rico?

— Portugal, meu caro, é um paiz que todos dizem que é rico, povoado por gente que todos sabem que é pobre.

— Mas a agricultura, senhor!

— A agricultura aqui é a arte de assistir impassivel — ao trabalho da natureza.

— E as colonias?

— São umas velhas salvas de familia, que se enferrujam ao seu canto.

— Mas esse paiz, com todas essas desgraças, tem orgulho, tem um exercito!

— Póde-se permittir essa formalidade,— porque tem segura a paz.

— E o exercito policia, ao menos?

— De modo nenhum. A policia é uma instituição que passeia apparatosamente em certas ruas — para prevenir os malfeitores que vão para outras.

— Disse malfeitores. Como são as cadeias?...

— São latrinas — onde tambem se guardam presos.

— Mas a camara municipal, ao menos, vela pela cidade?

— Zelosamente. Por uma das suas posturas, por exemplo, é prohibido a qualquer cidadão, sob pena de uma grave multa, ter em sua casa mais de seis mezes — um lobo damnado!

— É extraordinario! Mas o bom senso, não o ha?

— Evita-se: porque tel-o chama-se pedantismo, e publical-o chama-se insulto.

— Mas esse povo nunca se revolta?

— O povo ás vezes tem-se revoltado por conta alheia. Por conta propria — nunca; nem mesmo lh'o consentiriam aquelles que o tem revoltado por interesse seu.

— Em resumo — qual é a sua opinião sobre o paiz?

— Um paiz geralmente corrompido — em que aquelles mesmos que soffrem não se indignam por soffrer. De resto a patria do grande Affonso de Albuquerque e outros.

— E não ha um protesto? Ah! mas agora me lembro: as *Farpas?* falle-me d'ellas...

— Um jornal que tem só um merecimento — sentir-se com bom senso e não aspirar á dictadura.

. ˙ .

Então, tendo assim conversado, o Anno Novo e o Velho Anno separaram-se. E o Novo, senhor de uma serie de definições que o habilitavam a conhecer o paiz, entrou a fronteira. Uma cousa porém lhe tinha esquecido: tendo ouvido fallar n'um guerreiro illustre o sr. Osorio de Vasconcellos, e sabendo que todos os campeadores, paladinos, cabos de guerra e outros teem a sua espada baptisada e senhora de um nome —não se lembrára de perguntar ao Velho Anno como se chamava a espada do citado cavalleiro. Podemos satisfazer esta legitima curiosidade:

— Anno de 1872! a espada do sr. Osorio de Vasconcellos chama-se a *Reformeca!*

Ao ex.^mo sr. Fontes Pereira de Mello

Vimos agradecer-lhe, sr. ministro, a proposta pela qual é extincto o imposto do pescado. N'uma indicação, romanescamente esboçada, as *Farpas* tinham apresentado, com um relevo

doloroso, toda a cruel hostilidade d'esse imposto. Não sabemos se v. ex.ª já viveu algum tempo nas costas de Portugal. Devia-o ter feito. Nada mais duramente instructivo. Um interior de cabana, ensina mais que um livro de Mauricio Block. Mesmo os livros do dito Mauricio não ensinam nada. A pesca não é uma industria regular: é um ganho de surpresa. O mar, sr. ministro, não tem a calma tranquillidade da terra: a terra estende-se ao sol, como a nympha antiga, e deixa na sua impassibilidade santa que a violem, a dilacerem, a cavem, lhe tirem o vinho, o pão, o oiro, todos, — os inexperientes e os subtis, os fracos e os impetuosos; e aos que a rasgam e roubam, dá a decoração colorida das sombras, a vaporação dos aromas e as consolações da paisagem. O mar, sr. ministro, defende-se: olha o homem como um inimigo; cerca-se de rochas, embuça-se traidoramente na nevoa, apavora com o seu ladrar monotono. É necessario espreital-o, ver quando dorme: então o pescador, rema em silencio, adianta-se um pouco, deita as redes, e rouba-o. Já vê, sr. ministro, que não é uma industria: é a pirataria da fome, feita contra o bom Deus.

Anda ás vezes uma lancha quarenta e oito horas sob a chuva, o vendaval e a neblina, na inclemencia da agoa. Os homens estão *perdidos e trabalhados*, como dizia Camões, encharcados, hirtos de frio, cavados de fome. Ás vezes é necessario passar a noite no mar. Deitam a ancora e as redes, accendem uma lanterna, persignam-se, e sob a neblina e o afiado do vento, embuçados nos gabões, salpicados, ali ficam no vasto mar escuro. Tudo isto, quantas vezes, para erguer as redes vasias, quantas vezes rotas! Vão homens, vão creanças. Um homem de companha ganha 80 réis por cada pesca, dois dias de trabalho aspero. Uma creança ganha um vintem. É necessario ver como habitam. Em Espinho — e é uma das costas mais populosas e mais ricas — vivem em casebres de pau; a chuva, o vento, a nevoa, entram livremente; dormem sobre farrapos de velhas jaquetas rotas e de antigas vellas inuteis; comem n'uma grande tigella, — toda a familia —, mettendo a mão — a caldeirada de sardinha e codeas de broa. — Isto no tempo feliz, rico e abundante. No inverno, internam e pedem esmola. Tal é aquella vida a traços largos. Escusamos fallar-lhe, sr. ministro, dos temporaes, dos naufra-

gios, de barcos partidos, de redes inutilisadas, do fim d'elles sobre a terra, que é o hospital, do seu fim debaixo da terra, que é a valla. Vir sobre uma existencia d'estas o fisco, e tirar — por meio de uma conta de dividir — parte d'aquillo que ella ganha por meio de um risco de morrer era excessivamente torpe, mesmo para portuguezes! Os pescadores teem, sr. ministro, um verdadeiro imposto: as grandes ondas que viram as lanchas.

Agradecemos, sr. ministro, a sua sympathica iniciativa.

O *India*, o melhor navio que temos, o navio novo, expressamente feito para uso do paiz, comprado com madura reflexão, examinado com escrupulosa sciencia, gloria da nossa marinha, defesa das nossas colonias, garantia da nossa honra, o *India*, que sabias commissões approvaram, que uma recta imprensa exaltou, que professores da escola normal celebraram, que é o nosso *transporte* para a India, que custou muitas mil libras, que é novo, perfeito,

impeccavel, o *India*, — mette apenas cinco pollegadas de agua por dia!

. ˙ .

Louvemos a Providencia em humilde attitude: o *India* podia não ter fundo!

Mas não, o *India* é novo e bem acabado, é o nosso glorioso vaso, conhece, sabe o brasão heroico que tem, comprehende a responsabilidade que arvora, vê que lhe cumpre sustentar o nome da Lusitania, e portanto o *India* com uma moderação que nos commove até as lagrimas, o *India*, o *India* querido e estremecido — mette apenas cinco pollegadas de agua por dia!

. ˙ .

E todavia o *India* podia — quem lh'o impediria? quem ousaria cohibir-lhe a nobre vontade? — o *India* podia não ter casco! O *India* poderia não ter costado!

Mas não, o *India* sabe os deveres da boa educação e a moderação de um procedimento honesto: o *India* — limita-se a metter apenas cinco pollegadas de agua por dia!

Deu-se durante o corrente mez um facto litterario. Representou-se no theatro de D. Maria a *Princesse Georges*, de Alexandre Dumas filho.

Em França, tendo-se ouvido depois do abalo dado nos espiritos e nas consciencias pela catastrophe do segundo imperio a palavra da critica e da historia, houvera grande curiosidade de verificar na peça de Dumas, primeira obra de theatro posta em scena depois do cerco de Paris, qual fôra a influencia da guerra e da desgraça nos trabalhos da imaginação e nas creações da arte. Isto inspirou o grande interesse que cercou em Paris o apparecimento da nova peça do auctor do *Demi Monde*.

Trazida a Portugal e vertida em vulgar a *Princesse Georges* alcançou do publico em enchentes successivas um dos maiores exitos que o moderno drama tem achado em Lisboa. O que em Portugal suscitava discussões e promovia interesse não era como em França a curiosidade artistica do espectador; o sobresalto de espirito na expectativa de uma revelação nova, da nova arte arrancando o seu ideal, o typo intimo das preoccupações geraes, do seio das palpitantes incertezas de uma sociedade renascente. Em Portugal a attenção era mais restrictamente

movida pela substancia dramatica e sobretudo pelo problema moral da peça.

Considerado sob este ponto de vista o successo de uma obra de arte vem a ser um elemento perfeitamente expressivo para a critica da moral e dos costumes na sociedade que julga e que decide.

No estudo do caracter de uma nação pelas revelações das suas platéas cabe este aphorismo :

«Dize-me as peças de que gostas, dir-te-hei as manhas que tens.»

.·.

Ora Lisboa, tanto quanto podemos julgal-o pelos applausos do publico e pelas apreciações da imprensa, gostou da *Princesse Georges*. Para extrahirmos d'este facto a intima verdade psychologica que elle encerra é preciso ver a peça e é preciso ver o publico.

.·.

Principiemos pela peça.

Versa o drama sobre cavalheiros e damas do *faubourg Saint Germain*, a porção mais aristocraticamente pundonorosa, mais recolhida e mais casta da sociedade franceza. Estas senho-

ras apparecem todas grupadas no segundo acto no qual as tímidas meninas de Dumas filho dizem sem pestanejar coisas que não poderiam ouvir sem corar até o branco dos olhos os intrepidos e valentes mosqueteiros de Dumas pae. Em nenhuma outra peça, nem na *Dame aux Camelias* nem no *Demi Monde* se cersiu em tule perfumado de *Jockey-Club* dialogo decotado tanto abaixo como aquelle em que se entreteem as jovens senhoras honestas que a *Princesa Georges* recebe nas suas salas. Os homens pela sua parte não teem principios nem palavras, nem sequer maneiras : as esposas acham-lhes os modos brutaes.

O sr. de Birac, marido da princesa, tem por amante madame de Terremonde, uma das relações intimas de sua mulher. Esta descobre uma noite depois de um jantar com as suas amigas uma carta do principe á amante : a princesa dirige-se ao ponto do salão em que se acha a senhora de Terremonde, sua amiga, e diz-lhe : «Passaste a noite de hontem com meu marido ; sáe, se não queres que te expulse ruidosamente.» A outra toma o seu *burnous* e responde-lhe : «Adeus, querida.»

Depois a princesa Georges discute o seu plano

de vingança com sua propria mãe, uma especie de dueña sem virtude, sem altivez senhoril, sem prestigio maternal, e com um velho tabellião, variante de lacaio, agaloado de todas as condescendencias baixas, de todas as curvas humilhantes e de todos os sorrisos indecorosos da senilidade inepta.

No espirito e no coração da princesa, duplamente atraiçoada pelo esposo e pela amiga, luctam dois unicos elementos: a paixão no que ella tem de mais significativamente carnal — a posse, e o despeito trazido da origem menos legitima que elle póde ter — a vaidade. Com tão baixos conselheiros de vingança a esposa não podia deixar de se desaggravar pela baixeza. Eis o que ella faz: Denuncia ao sr. de Terremonde os amores clandestinos de sua mulher, sem lhe revelar o nome do portador do adulterio ao seu lar domestico. — «Procure-o» lhe diz ella.

O marido enganado esconde-se no cubiculo do seu porteiro, espera o amante da esposa, e mata com um tiro de revolver um homem que não é o sr. de Birac.

Tal é o drama!

Perante as accusações do seu erro o marido

não tem para a esposa senão palavras de tedio e de despreso. Perante o seu infortunio a esposa não encontra na sua alma senão conselhos de reacquisição immediata, ou de vingança prompta. Isto pode ser a paixão da mulher, mas não é decerto a dignidade nem o decoro da esposa. Nas considerações revoltas que o abandono do amor inspira á princesa não entra nunca a ponderação do austero recato que deve sempre envolver as negociações domesticas da dignidade e da honra. Ao encontro dos desvarios de seu marido ella oppõe a sua belleza, a sua dedicação e o seu amor...

.˙.

Nem um appelo sequer para o dever, para a dignidade, para a justiça! Para essa mulher a sua casa e a de seu marido, o seu nome e a sua familia são uma questão adstricta ao pequeno espaço tepido, mole e perfumado do seu *boudoir*.

—Achas-me bonita ou não me achas bonita? —eis o ponto de honra!

Que o pae dos meus filhos seja um covarde, um inepto ou um tolo, que importa isso á intensidade dos meus prazeres ou das minhas amarguras? Que te salves ou que te

percas pelas loucuras da tua mocidade no conceito das pessoas justas e honradas, pouco se me dá! Estás estendido no chão prostrado de bruços sobre um tapete aos pés de outra mulher? Quero que estejas assim aos meus pés. Se o não fizeres denunciarei a seu marido a tua amante, produzirei um escandalo, escancarei as portas da tua culpa, lançarei o teu nome á lama das ruas. Se porém substituires na tua carteira, junto do teu coração, a chave dos aposentos d'ella pela dos meus, se bebermos Champagne reunidos, se te deitares aos meus pés, se perfumares o bigode e frisares o cabello para me apparecer, se me forçares docemente a usar por dia tres pares de luvas de oito botões e um par de sapatos de setim em cada noite, se me offereceres todas as manhãs um ramalhete de jasmins do Cabo, se finalmente, dando-me a prova suprema de amor, te arruinares por mim e fizeres por minha causa *mil loucuras*, ah! então perdôo-te, e tu serás para todo o sempre o meu bem, o meu amado, o meu querido!

Tal é a solução achada ao grande problema da existencia quando elle se estuda com os pés nús em pantoufles de setim, defronte de um espelho entre o pó de Florença com que se

branqueia a pelle e o lapis de kol com que se alarga o contorno dos olhos, dentro de uma alcova convertida em centro moral da vida humana.

A princesa Georges que pensa por tal modo é Margarida Gautier, casada e honesta.... honesta não: casada e — *portando-se bem*. Por baixo do aspecto externo da mulher pura sente-se ondular o morbido contorno da Venus saida das espumas da cidade para a tranquilidade casta de um lar domestico.

As demais senhoras d'esta peça valem todas ainda menos que a protagonista.

Alexandre Dumas, filho, á força de pintar as damas equivocas do *Demi Monde*, affeiçoou-se, insensivelmente talvez, mas de um modo inteiramente determinado, ás suas heroinas. A ultima peça d'este escriptor não pretende pintar a sociedade clandestina a que elle tinha consagrado a sua paleta, mas é para ella evidentemente que o quadro foi destinado. O mais mimoso e mais captivante presente que se póde dar a uma *petite dame* do bairro Breda é o espectaculo de uma verdadeira princesa desconjunctada e demolida. A dama das Camelias nunca agradecerá bastante ao seu antigo idealisador o abrir

agora á posteridade uma galeria de duquezas muito mais despresiveis do que ella.

Nada temos que allegar contra as predilecções femininas de um escriptor, que está inteiramente no seu direito procurando-as na sociedade que lhe apraz. O que porém nos parece menos licito é que para lisongear aquelles com quem sympathisamos lhes sacrifiquemos aquelles que nos são anthipathicos ou indifferentes.

Se o drama *Princesse Georges*, falsissimo e calumnioso como pintura social, se nos apresenta apenas como uma hypothese litteraria, entendemos ainda que essa hypothese não póde ser admittida a um francez como o sr. Dumas filho, que aproveitava os ocios de uma pacifica viligiatura no campo, debaixo dos lilazes, para escrever comedias em que eram insultados os homens que a esse tempo tinham abandonado todos os palacios do Faubourg Saint Germain para se alistarem no exercito e jogarem a sua vida pela salvação da patria.

. ˙ .

Agora o publico. Vimol-o applaudir, e ouvimol-o criticar a *Princesse Georges*.

Aos homens em geral não desagradaram as

grosserias do sr. de Birac. Este principe que maltrata a sua mulher quando esta lhe lança em rosto as suas relações de amor com outra, tomal-o-iam por accaso os senhores burguezes de Lisboa como um typo elegante e *chic* das regiões ignotas do alto dandysmo? Não, burguezes amigos, desilludi-vos: Dumas, filho, o Racine das *Phedras* do segundo imperio, esteve zombando vilmente com a vossa credulidade! O primeiro preceito da elegancia entre os homens bem educados é sacrificarem-se sem hesitação e sem clausulas por toda a mulher que involuntariamente fizeram soffrer — embora essa mulher seja a d'elles. Os unicos homens a quem não fica mal a intrepidez e o arrojo perante as supplicas de uma senhora que chora não são os principes nem os fidalgos: são apenas os dentistas e os pedicuros.

As senhoras que applaudiram o procedimento da *Princesse Georges* sanccionaram a mais deploravel tactica que mulher alguma póde ter perante os desvarios conjugaes do homem. Não é assim, nunca assim foi, que o terrivel facto do adulterio masculino se combateu ou se modificou. O vosso amor, minhas senhoras, a vossa dedicação e a vossa belleza sómente são para

nós um argumento quando o argumento não é preciso, isto é: quando a paixão nos acorrenta aos vossos pés. Extincta a paixão, esse prestigio que primeiro nos dominara desapparece. Ai de vós, esposas honestas, se quizerdes acceitar com armas eguaes a lucta do amor com as amantes de vossos maridos! Desgraçadas se sois vencidas! Mais desgraçadas ainda se conseguis vencer! porque n'esse caso tereis abdicado um poder que oscilava na indifferença para o trocardes por um predominio grosseiro e ephemero que terminará pela repulsão ou pelo tedio!

A quadra das violentas rebelliões do temperamento passa depressa. Depois vem a quieta estação melancholica das recordações e dos desenganos. O contorno dos labios descae aos cantos da boca, a luz dos olhos esmorece, o rosto é vincado pelas rugas, e a cabeça cobre-se de cabellos brancos...

Querida leitora amiga, consente que n'esta pagina te deixemos um conselho de que dependerá uma grande parte da tua felicidade n'esse tempo e muito da tua elevação e da tua dignidade já:

Faze sempre do teu caracter o primeiro dos teus titulos de mulher.

E tem a certeza de que nunca teu marido, ainda que elle seja tão exhorbitantemente grosseiro como o sr. de Birac, te dirá como á princesa Georges: *Allons donc! tu m'ennuies!* porque tu terás sido para elle aquillo que nunca no mundo nos aborrece — um companheiro corajoso e um amigo verdadeiro.

Ao sr. D. Americo, bispo do Porto

Reverendissimo prelado:

Deve v. ex.ª reverendissima saber — que o *Diario da tarde*, jornal d'essa diocese, tem publicado cartas trocadas entre o sr. Camillo Castello Branco, que no mundo profano é um romancista excellente, e Rocha, que é no mundo ecclesiastico — qualquer coisa. Trata-se, parece, de decidir se existem as famosas labaredas do *Inferno*. — Tem a discussão tomado uma feição theologica: o sr. Camillo Castello Branco tem trazido a ella toda a originalidade fogosa da sua

penna peninsular; o chamado Rocha tem apresentado ali a rotina da theologia, a argumentação devota, a defesa dos missionarios e o exemplo das suas doutrinas. Ora n'uma das cartas do dito Rocha encontra-se, reverendissimo prelado, esta phrase, para a qual chamamos a attenção intelligente de v. ex.ª e a sua authoridade hierarchica:

«Diz o sr. Camillo que a presença dos missionairos augmenta a faina da roda dos expostos. Pois bem, eu digo que melhor, por que augmenta a população.»

O que significa, dignissimo prelado:

«É um bem que os missionarios seduzam as suas ouvintes por que augmentam a população.»

Foi escripta esta phrase, excellentissimo prelado, na cidade do Porto, no anno de 1871, dezembro, por um chamado Rocha, ecclesiastico.

Excellentissimo prelado, é simplesmente o missionarismo que ameaça a virgindade: é simplesmente o missionarismo, que — impellido, ferido, irritado da contradicção, torcendo-se sob a mordedura da verdade, levado violentamente contra o muro — faz como os gatos longo tempo perseguidos e espicaçados, assanha-se, encres-

pa-se, sopra, herrissa-se, desenrosca-se, silva, attaca — e grita:

— « Ah! eu estou convencido de ser impudico? Melhor! Confesso o meu impudor, sustento-o. É um bem: por que augmento a população. »

E prepara-se! Pedimos, excellentissimo prelado, a interferencia da sua mitra.

Se, entre nós os profanos, nos tribunaes civis, um assassino declarasse que matára fulano, — para diminuir a população; se um ladrão se gabasse de que roubára sicrano — para fazer girar os capitaes, — nós mandariamos estes dois reformadores benemeritos que se haviam sacrificado pela justiça — britar pedra, na argola da grilheta!

Não sabemos o que as leis ecclesiasticas cominam áquelles senhores missionarios que entendem do seu dever desflorar as mulheres — para augmentar os homens!

Se nada estatuem — então, excellentissimo prelado, dê-nos v. ex.ª na sua capella um logar, para irmos ahi agradecer a Providencia maternal, de rojo nas lages, — pois que é tão benevola com a terra de Frei Bartholomeu dos Martyres que no meio das nossas desgraças e

da nossa pobreza — ao menos! — nos dá o moedeiro falso que augmenta o capital e o missionario que augmenta a população!

Como porém a justiça e conhecida dignidade de v. ex.ª não deixará passar na impunidade a palavra do chamado Rocha, vimos humildemente pedir a v. ex.ª reverendissima que attenda: — a que a phrase do chamado Rocha é a expressão synthetica de uma theoria de missionario; — que os missionarios são muitos; — que os maus sacerdotes fazem desertos os melhores altares; — que Christo, o supremo Mestre desfaria o seu azorrague n'estes vendilhões de bentinhos; — e que uma vez que os seus padres, excellentissimo prelado, ameaçam augmentar a população, não será injusto que nós suppliquemos a v. ex.ª — que açame os seus padres!

Beijamos o annel pastoral de v. ex.ª reverendissima — sendo:

Admiradores da sciencia e crentes da virtude de v. ex.ª reverendissima.

Para definitiva decisão na victoria das armas portuguezas sobre as do gentio rebelde em Africa, mandou o governo construir dois pequenos vapores de fundo chato para a navegação do Zambezia — o *Sena* e o *Tete*.

Dois officiaes de marinha, nomeados para commandarem os novos vasos, foram buscal-os a Inglaterra, e trouxeram-nos ao Tejo, onde elles actualmente reluzem aos fugases e escassos sorrisos do sol d'este inverno com as apparencias pacificas de convidarem os véos azues do passeio do Aterro a irem almoçar á Outra Banda.

Dá-se com estes vapores um caso que os illustra com um esplendor e um relevo — que espalhou o mais profundo assombro no ministerio da marinha, na armada, e no paiz inteiro. Este caso é: que os alludidos vasos, saidos da costa de Inglaterra com destino a Portugal, realisaram a estupenda e nunca jámais esperada aventura de chegarem effectivamente — ao porto a que se destinavam.

Quem ousaria prevel-o? quem se arrojaria a sonhal-o?! Ha cerca de dois seculos que nós, os luzos, damos ao mundo o enganador espectaculo de não fazer coisa alguma. É que os nos-

sos dias e as nossas noites consagramol-os a cogitar em tudo aquillo de que somos capazes. Tanto nas eras remotas como nos hodiernos tempos, Deus de Affonso Henriques, como somos valentes e terriveis! Ó Camões! ó Albuquerque! ó Castro! ó Barros e Cunha! ó Melicio! como a gente é forte!!... Sim, á força de o termos ponderado em S. Bento e na casa Havanesa, de o scismarmos á tarde passeando mudos no Aterro, de manhã provando commovidos um collete em casa de Catarro, e á noite crusando as pernas em extase sobre uma mesa do Gremio ou contemplando tectricos a valsa que passa na embaixada ingleza, nós temos obrigação restricta de sabermos bem o que valemos. Porém para maravilha tal como a que se deu com os vapores *Sena* e *Tete* — para que disfarçal-o? não estavamos preparados.

Que os dois vasos de guerra portuguezes soltos do estaleiro britannico, molhassem a quilha no Tamisa e deitassem a fugir para terra; que estremecendo por um momento na onda como cysnes amedrontados mettessem o bico para o fundo e se refugiassem para sempre na profundidade do elemento; que se fincassem na praia com a nobre resistencia de muares e pedissem

uma liteira para vir por terra; que fosse finalmente expedido o sr. Carlos Testa, que os dobrasse debaixo da sua grave unha burocratica, que os cintasse, que os estampilhasse e que os mandasse pelo correio; isto era natural, era logico, era tambem glorioso, mas não exhorbitava do possivel.

Que em vez d'isso porém os dois barcos não só tivessem a delicada condescendencia de entrar na agua, mas que não fossem ao fundo, que navegassem, que obedecessem á força do vapor e á direcção do leme, phenomeno é que depois de simplesmente narrado não precisa de ser mais encarecido.

. ˙ .

Chegando a Lisboa com grande pasmo dos habitantes o *Sena* e o *Tete*, os dois officiaes que os commandavam foram agraciados pelo ministro em nome da patria com a medalha da Torre Espada. E isto não por outra coisa senão porque os respectivos navios partindo de Inglaterra tinham chegado a Portugal.

Ora das duas uma: ou o governo entendia que estes vasos podiam navegar, ou entendia que não podiam. Se entendia que não, para que sujeitou a uma morte irremediavel a tripulação

do *Sena* e do *Tete?* Se entendia que sim, com que fundamento condecora dois officiaes que não fizeram maior proesa que a de embarcarem em navios novos e validos?

A verdade é a seguinte: O *Tete* e o *Sena* são embarcações de pequenissimo calado, mas fechadas. Se o mar entra com navios d'estes, elles cerram-se hermeticamente e boiam na onda que os envolve. Ora dos annaes da marinha portugueza consta que uma lancha de bocca aberta, com a qual o perigo é muito mais emminente, veiu de Diu a Lisboa. Uma embarcação do mesmo genero foi de Lisboa ao Rio de Janeiro. Os pescadores de Ilhavo e de Ovar passam a sua existencia em pequenos barcos, no mar, entre o Vouga e o Tejo. Os pescadores da Povoa, os mais possantes e valentes homens de Portugal e talvez os primeiros remadores do mundo, fazem outro tanto. Estes navegantes nem teem o auxilio do vapor para irem ávante nem o refugio da escotilha para não irem ao fundo. Não teem senão o seu valor e o seu remo. O governo tem até hoje lançado impostos e multas aos nossos queridos comprovincianos da Povoa e de Ilhavo, mas não nos consta que nunca lhes decretasse medalhas.

Os vapores de pequeno calado como os que temos destinados á Zambezia offerecem um risco no mar — o de desgovernarem pela razão de que a vaga no balanço de pôpa a prôa lhes põe o leme fóra d'agua. Ora, por este lado, observamos que depois de uma viagem em taes barcos os maiores direitos ao galardão seriam — os do homem do leme e não os do commandante.

. ˙ .

Quando se nomearam commandantes para o *Sena* e *Tete* o governo estipulou aos officiaes encarregados d'esse serviço uma gratificação de 40 por 100 sobre os seus vencimentos. Em seguida, attentando o ministro em que o sr. bispo de Vizeu no logar d'elle, em vez de gratificar o official com 40 por 100, o mais que faria seria reduzir-lhe um vintem nos vencimentos, propoz a seguinte economia: « Que, attenta a importancia da gratificação que lhes fôra arbitrada, os commandantes do *Sena* e *Tete* houvessem de prescindir do criado de bordo. » E supprimiu-se o criado.

Como os officiaes objectassem que por mais avultada que fosse a gratificação concedida, elles não poderiam nunca encarregar a sua gra-

tificação de lhes engraxar as botas nem de lhes pôr na mesa o almoço, deliberou o ministro que um marinheiro fosse, a bordo, incumbido do serviço do moço.

Temos portanto que n'uma das duas metades do serviço de bordo o criado se supprime por inutil, e que na outra metade se supprime o marinheiro por escusado.

Admittida esta sabia theoria teremos o gosto de ver dentro em pouco tempo o quadro da nossa força naval reduzido unicamente ao sr. Carlos Testa — o encarregado de comprar os vasos.

.·.

Succede ainda que o ministro que substituiu no poder aquelle que assentou as bases do contrato feito com os commandantes dos vapores para a Zambezia, ponderando que podia acompanhar vantajosamente o seu antecessor na sagrada via das economias, e não tendo moço que supprimir, supprimiu a gratificação dos officiaes.

Para compensar todas estas penurias não teem elles a Torre Espada?! Se forem condecorados outra vez, o governo terminará por lhes supprimir tambem os viveres.

.˙.

D'esta instructiva historia se extraem dois saudaveis avisos :

1.° Aos que forem ameaçados com as condecorações, para que fujam.

2.° Aos que fizerem contratos com o governo, para que o obriguem a dar fiador.

Durante os ultimos dois mezes foi tão grande o numero dos recemnascidos abandonados em differentes pontos da cidade, que Lisboa commoveu-se. Ella que tão raramente se commove ! Pensou-se nos meios de remediar um tão grande mal. A imprensa deu muitos alvitres. A camara municipal discutiu este assumpto. O que se decidiu foi :

Que, para evitar que as mães continuem a abandonar a seus filhos...

Notem bem !

1.° *Que os inquilinos dos predios fossem obrigados a illuminar as escadas (!!)*

2.° *Que se empregassem todos os meios para que em cada predio houvesse um porteiro (!!!)*

. ˙ .

Temos a repetição assustadoramente frequente do seguinte facto: o filho repudiado. Como causas mais proximas achamos, da parte das mães, a duresa e a miseria; da parte dos paes, o cynismo, a deslealdade e a traição. Trata-se da questão mais intimamente ligada com a moralidade de um povo: a maternidade, a familia, o amor, a lealdade, o ponto d'honra, a justiça. Trata-se do mais elevado objecto dos estudos modernos: os destinos humanos na sociedade humana. Lisboa entre as eleições municipaes, a estatua a Bocage, o discurso da corôa e o orçamento, investe com o grande problema, e acha esta solução:

Um bico de gaz em cada escada, um porteiro em cada predio!

. ˙ .

O homem que seduz uma mulher, que a engana, que a atraiçôa e que a abandona, é tido por um heroe romantico que a sociedade recebe sem ignominia e sem repulsão.

Era preciso demonstrar por todos os meios

da publicidade e da popularisação que todo o homem que deshonrou uma mulher, e immediatamente não põe a sua vida, a sua fortuna, a sua posição e o seu nome ao serviço do desagravo que possa dar ao seu erro, é um infame, ao qual nenhuma digna mulher póde baixar a vista, ao qual nenhum homem de bem póde estender a mão.

Estes moles e deshotados personagens romanescos, filhos da crapula, do hysterismo e da ode, postos em moda por uma litteratura que nos ultimos annos tem pintado a parte mais respeitavel e mais digna da sociedade com as côres colligidas em paletas de bordel e de taverna, estes homens, e todos aquelles que os apregoam, que os idealisam, que os descantam, que os romantisam e que os versejam, é preciso, a todos elles, prostral-os pela critica severa e honrada, despir-lhes a pelle como se despe uma luva, desengonçal-os osso por osso, desmanchal-os membro por membro, descosel-os musculo por musculo, desfial-os fibra por fibra, no theatro, no livro, no romance, no folhetim ; na arte com os nossos escriptos e com os nossos quadros ; nas relações moraes e nas relações publicas com o nosso despreso ; nas salas com

as nossas ironias, com os nossos epigrammas, com todos os flagelos do nosso espirito; e na rua com os nossos chicotes e as nossas bengalas.

. ˙ .

A mulher de todas as condições não esconde o seu amor, mas esconde o seu filho. Era preciso provar ainda que a mulher amante, por elevados que sejam os seus titulos, é perante a familia, perante a religião e perante a sociedade, uma mulher extremamente inferior em direitos áquella que é mãe. Esta, tendo o valor para erguer o seu filho nos braços com a alta dignidade de uma responsabilidade cumprida, não póde deixar de encontrar na sociedade a passagem respeitosa que as pessoas justas abrem sempre á infelicidade corajosa.

. ˙ .

No entanto o mundo em que vivemos gira n'uma athmosphera tão espessa de errados conceitos, de velhos prejuizos e de falsas convenções, que a verdade e a justiça encontram sempre incalculaveis e quasi invenciveis resistencias no seu doloroso caminho. D'aqui a evidencia da necessidade de uma demolição nos dominios

intellectuaes e moraes da sociedade em que vivemos, e da reconstituição pela educação, pela philosophia e pela arte de uma moral menos impraticavel e de uma justiça menos curvilinea.

. ˙ .

Para chegar a taes resultados em beneficio dos direitos humanos nada por certo mais efficiente do que a medida que acabamos de ver decretada:

Um bico de gaz em cada escada! Um porteiro em cada predio!

Ora illuminados os patamares e vigiados os portaes, o vicio se quizer continuar a campear em Lisboa ha de ter pelo menos o trabalho de pôr o porteiro na rua e de soprar a luz nas escadas.

Sempre queremos vêr se ousará fazel-o!

Querem conhecer um cidadão perfeitamente feliz? — É o nosso humoristico amigo Pinheiro Chagas.

Insinua-o elle finamente no seu folhetim de 5, no *Diario de Noticias*: ahi accusa com um gentil espirito os que «fustigam a patria»: ahi desenha o paiz como tão superiormente impeccavel que na sua superficie não ha uma fenda — e no seu perfil não ha uma verruga: ahi declara que todo aquelle que acha na Lusitania defeitos e no cysne farruscas — é *burlesco*. Burlesco é o termo que ali crava o nosso amigo Pinheiro Chagas.

Parece que, segundo elle, nós temos todos os bons livros, toda a perfeição de leis, toda a abundancia de riquezas, toda a virtude publica, toda a elevação de caracter, toda a belleza de fórmas — como aquella cidade ideal onde o joven Telemaco e o calvo Mentor passeiavam coroados de loiros, trocando as prosas monotonas com que o puro Fénelon lhes besunta alternadamente os beiços.

E sabem quaes são as provas que o nosso espirituoso amigo dá d'este estado de perfeição platonica, d'esta superioridade inaccessivel ás raças inferiores?

Duas provas:

Termos descoberto o caminho da India.

Termos, com a nossa energia, domado o Indostão.

Assim, segundo esta theoria de impeccabilidade lusitana — sabem por que é que o sr. Bramcamp é um perfeito philosopho politico? — Por que nós descobrimos o caminho da India. — E todo aquelle que, ou sobre o sr. Braamcamp ou sobre qualquer instituição ou sobre qualquer facto passado de fronteira a dentro, pozer algumas duvidas — *é burlesco*. Assim as *Farpas* seriam *burlescas* — se ousassem pôr duvidas sobre a superioridade philosophica do sr. Braamcamp; sel-o-iam se se atrevessem a ter meios sorrisos sobre o desenvolvimento da nossa instrucção publica; e isto porque nem o sr. Braamcamp póde eximir-se a ser um philosopho tão profundo como Kant, nem a instrucção se póde esquivar a ser tão derramada como na Prussia — desde o momento em que nós outr'ora domamos o Indostão!

É este um systema politico, de todo o ponto perfectivel e accessivel: domar o Indostão. Quem doma o Indostão está, desde esse momento, na plenititude da verdade e na posse da abundancia. Foi por não o ter domado que a França está nos embaraços da inconstituição. Foi por o não ter domado que Babylonia caiu! É um erro que uma nação comece a viver — sem se ter pre-

venido — com alguns Indostões domados. Doma o Indostão e deita-te a dormir. Doma o Indostão e fecha a escola — a população saberá ler; doma o Indostão e não faças estradas — a circulação augmentará.

As *Farpas* accusam a desorganisação dos estudos? Mentira, os estudos são perfeitos, veja-se a energia com que domamos o Indostão!...

As *Farpas* censuram a inefficacia da diplomacia? Como, esqueceis o Indostão domado!...

As *Farpas* accusam o beaterio imbecil? E o Indostão, um rico Indostão domado, desgraçadas?...

As *Farpas* condemnam o procedimento da camara dos deputados? Que ousaes dizer, pois não domámos nós o Indostão?...

As *Farpas* revelam a desorganisação litteraria? Que novo aggravo — pois, nem a recordação do Indostão que domamos!...

. ˙ .

O paiz póde e deve dizer, em verso:
Zoilos tremei, que o Indostão foi meu!

O clero começa a reconher entre a egreja e a vida incompatibilidades inesperadas.

Ainda ha pouco Mgr. Dupanloup, bispo d'Orleans e antigo academico, pedia á academia a sua demissão por incompatibilidade com Littré, positivista e academico recente. Isto, bem entendido, obrigaria Mgr. Dupanloup — se nos não transvia uma erronea logica — a pedir a sua demissão de deputado á assembléa, porque onde está a *fé-dupanloup* não póde estar a *impiedade-littré* — e o positivista Littré é deputado á assembléa. Mas sendo Littré cidadão francez, — sob a logica da incompatibilidade, deve Mgr. Dupanloup demittir-se de cidadão francez. Mas resta alguma coisa : Littré, é homem, e o principio de Mgr. Dupanloup obriga-o desde já, se é consequente, a demittir-se da sua qualidade de homem. E não é tudo ainda : Littré é materia organisada (carne, organismo, osso, etc.) e portanto o logico e incompativel Mgr. Dupanloup deve correr perante a auctoridade competente e demittir-se nobremente de materia organisada. Resta ainda : Littré é ser — (vitalidade, substancia, parte do universo etc.) e Mgr. Dupanloup, que é incompativel com tudo o que é Littré, segundo as suas palavras, deve trabalhar até

conseguir — a sua demissão de ser. E emfim demittido de academico, de deputado, de francez, de homem, de materia, e de ser, o que fica, d'este bispo de Orleans, sabio latinista e pamphletario illustre?

. ˙ .

Em Portugal, agora, o clero descobre incompatibilidade entre a qualidade de *catholico* e a qualidade de *mação*. Pelo menos uma questão recente poz em relevo esta divergencia.

Ora, como sabem, hoje as associações maçonicas, (que perderam ha muito a sua feição carbonaria, jacobina, etc.) são em Portugal associações publicas com os seguintes fins:

Eleições;

Soccorros mutuos;

Beneficencia;

Auxilio e protecção reciproca aos irmãos no paiz e no estrangeiro.

De sorte que, segundo a opinião recente do clero, um catholico

Não póde tratar de eleições,

Nem soccorrer, proteger e auxiliar os seus amigos.

. ˙ .

Em quanto a eleições, os srs. ecclesiasticos,

são os mais lesados em que haja incompatibilidade entre a qualidade de catholico e de agente eleitoral, porque a carreira ecclesiastica de ss. s.as depende superiormente da sua habilidade eleitoral: e ss. s.as não foram subtis, apresentando a *caça ao voto* assim incompativel com a *devoção a Roma*. Vão ss. s.as definitivamente abandonar a urna? Então ss. s.as arriscam-se cruelmente a crearem musgo nas pobres parochias de aldeia. Vão ss. s.as, continuar a proteger candidatos? Em tal caso despem a sua qualidade de catholicos e não podem continuar a ganhar pela missa.

O que! — quererão ss. s.as dizer-nos que não trabalham em eleições? Mas é que é a sua missão mais clara, mais visivel e mais productiva. Na ultima eleição, n'uma diocese proxima de Lisboa, a auctoridade ecclesiastica superior officiou a todos os seus parochos, de todas as freguezias e concelhos, para que desenvolvessem o maior zelo, influenciassem por todos os modos — e outras doçuras! É por essa estrada de votos que se chega ás boas parochias.

. ˙ .

Em quanto a *soccorros e protecção* — não nos

parece que os srs. sacerdotes sejam muito mais habeis declarando que ser *catholico* é incompativel com seu *beneficente*. Devem lembrar-se que a egreja vive de esmolas! que o papa vive de esmolas! E aquella theoria leva a supprimir os pagamentos á egreja e a cortar os viveres a sua santidade!

. ˙ .

Por outro lado se os srs. ecclesiasticos começam a esmiuçar á beira do leito de morte a vida dos moribundos, para achar n'ella incompatibilidades com o ceo, podem dar-se casos terrivelmente burlescos. Porque se é um peccado inabalavel o ter trabalhado em eleições — o que é uma das occupações da maçonaria — sel-o-ha egualmente ter pertencido a uma phylarmonica — que é outro emprego fortuito da maçonaria. Porque, em algumas terras do reino, as sociedades maçonicas filiaes — que não teem outros trabalhos nem outros fins — reunem-se usualmente para se organisarem em bandas de musica! Assim chegaremos ainda a tempo em que os jornaes porventura publiquem tal retractação:

« Declaro que renego e me arrependo do facto culpado e terrivel de ter, em companhia criminosa, esquecido todos os deveres e sob a in-

fluencia do espirito mau — tocado o Barba-Azul no meu clarinete » !

. ˙ .

Não se vê menos embaraçado o proprio governo, Elle!

Porque a egreja não reconhece a maçonaria; a maçonaria é a eleição: a egreja portanto condemna a eleição.

Tem o governo a escolher. Sim, porque ter depois de morto a gloria do ceo, e em vivo a honra de fazer deputado o sr. Melicio — não póde ser!

Tem de escolher entre Melicio para maioria, e o ceo para bemaventurança. Se, para ganhar o ceo, repelle Melicio com pudico e mystico meneio — perde um voto: se, para ter o voto querido, acolhe Melicio com amoroso braço, rasgam-se-lhe sob os pés as fendas do abysmo theologico.

Tem de escolher — entre o ceo e a maioria. Catholico, perde as pastas; ministro, perde o paraiso. Ou S. Pedro ou Melicio. —

Melicio está-lhe defronte com todas as appetitosas attracções da maçã prohibida nas manhãs do paraiso. Se estende mão avida para colher Melicio — Satan, o terrivel commissario civil do

abysmo, deita-lhe a mão á gola do casaco: se se affasta, e deixa, sem colher, Melicio baloiçando-se na ponta do ramo verde, perde um voto. E emfim o ceo é o ceo, mas um voto é um voto. Que fazer ? colher Melicio? — é o ranger de dentes. Deixar Melicio nas arvores para que os pardaes o comam? — é a queda do gabinete. Porque aqui Melicio é mais que homem, aqui Milicio é pomo! (E não fallamos do sr. Melicio, intelligente e laborioso rapaz, que amamos: fallamos do symbolo constitucional, d'elle, do typo exclusivo, do politico, de Melicio!)

Que fará o governo, n'esta questão abstrusa? Renunciará ás eleições ou renunciará ao ceo?

Ha no relatorio da *Reforma de Administração*, uma phrase de uma poderosa realidade:

«Sei — diz o sr. Sampaio — que muitos concelhos mortos para a administração vão ressuscitar para a resistencia.»

É a verdade. Ha concelhos em que nem ca-

mara, nem administração, nem regedoria se manifestam mais do que em atravessar pomposamente a praça, no dia da procissão dos Passos, torturadas nos seus botins novos ou fazendo reluzir o oleo espesso do penteado. A cidade está entregue ao instincto natural. Nenhumas obras: as viellas descalçam-se, velhos muros abatem, os enchurros empoçam. Nenhuma hygiene: a immundicie apodentra em socego, os generos deteriorados teem consumo, os maus cheiros fazem uma athmosphera, as ruas estão tapetadas de destroços, os porcos fossam ás portas, a praça é uma capoeira publica. Nenhuma policia; as tavernas echoam de desordens, o jogo é permittido, os bebados cantam pelas ruas. A administração está ociosa, a camara espectadora, a regedoria barbeia os freguezes. Não se cria nada, nem se conserva alguma coisa. O que ha serve tranquillamente para se estragar: a escola vae perdendo os discipulos, as estradas vão-se deteriorando, a egreja vae-lhe caindo a cal, á cadeia vão-se-lhe desengonçando as portas. É uma villa que apodrece. Ha silencio. Vultos escassos atravessam devagar. Um marchante que passa, uma egoa que trota, surprehendem: as creanças escancaram a bocca, as

mulheres coram, as authoridades desconfiadas espreitam. Ninguem é rico, ninguem é activo, ninguem é intelligente, ninguem é vivo. Dizem-se apenas meias palavras e aperta-se apenas meio botão. Não se vive inteiramente, como não se vestem inteiramente os casacos: a vida e os casacos — trazem-se ás costas.

Pois bem, um dia uma lei diz: tal concelho está extincto — e fica annexado a tal.

Clamor! « O que! quer o governo impedir que nós mesmos construamos as nossas estradas, dotemos as nossas escolas? quer amarrar a vontades alheias a força dos nossos braços?

« É assim que recompensa todo o nosso zelo etc.?... »

« Nós que ha tanto tempo curamos desveladamente etc.?... »

Ha porém uma differença: É que não é o concelho que ressuscita para a resistencia: é um deputado da opposição que para lhe fazer aproveitar uma resistencia presente — lhe inventa uma administração passada!

Se em attenção ás reclamações urgentes — fosse concedido a esse concelho o continuar a administrar-se — elle continuaria a apodrecer.

Estranha irregularidade provinciana: escan-

dalisar-se uma excellente villa — por a lei lhe tirar um trabalho que ella espontaneamente já tirára de si! Arrufar-se por que a lei lhe estabelece como preceito — o que até ahi era n'ella desleixo! Amuar-se — por que a lei lhe legitima o erro! Reclamar — por que o que até ahi fôra o vicio da sua imbelicidade passa a ser a virtude da sua obediencia!... Singular, singular!

Tinhamos ciselado alguns periodos, tendentes a mostrar que a portaria — que impunha ao sr. Alves Branco um silencio anti-hygienico sobre o hospital de S. José, era uma portaria que de longe se parecia com uma torpeza, mas que vista de perto e mais á luz, positivamente se reconhecia que era um crime!

Os jornaes officiaes declaram porém que o sr. ministro assignou a portaria sem a ler, e exaltam a sua dedicação em acceitar a responsabilidade publica d'aquella acção burocratica.

É realmente louvavel que o sr. ministro confesse por dignidade o que assignou por sur-

preza: e não seria menos louvavel que castigasse a surpreza para desafrontar a dignidade!

Porque: introduzir subrepticiamente, sob a penna ministerial que vae correndo, papeis obscenos, é uma acção cuja nobreza se parece singularmente com aquella outra tão conhecida dos tribunaes — que consiste em metter subrepticiamente a mão na algibeira de um similhante e prival-o dos seus valores. Roubar uma assignatura official para legalisar uma acção particular não differe inteiramente de roubar uma bolsa alheia para saciar um vicio proprio.

Antes queremos acreditar que o sr. ministro, indicou uma portaria a redigir — no sentido inteiramente justo de fazer uma inspecção ao hospital, e que os senhores empregados se equivocaram a ponto de a redigir — no sentido de prohibir a critica scientifica do hospital. Tal se nos affigura este caso immundo.

No entanto parece-nos que, se não der alguma attenção mais aos papeis escriptos que lhe passam sob a penna, o sr. ministro se arrisca a empallidecer de surpreza diante de todos os numeros do *Diario do Governo*; porque, por exemplo, estando as secretarias, como é notorio, povoadas de vates lyricos e outras es-

pecies sentimentaes não menos torpes, é possivel, oh Deus, que se leiam ainda estas linhas, para sempre infamantes:

Portaria de 10 de janeiro:

> Ai! Adeus acabaram-se os dias
> Que ditoso vivi a teu lado,
> Soa a hora, o momento fadado,
> É forçoso deixar-te e partir...

Secretaria do reino. — O ministro, Antonio Rodrigues Sampaio.

.·.

Emquanto á portaria Alves Branco, toda a sua critica e todo o seu castigo está n'este facto: declara-se officialmente que foi introduzida enganosamente á assignatura do ministro.

É o que ha, meus senhores, de mais inexoravel — e de mais claro.

O que *As Farpas* poderiam dizer sobre a portaria — seria apenas a beliscadura debil de uma unha ironica: aquella declaração é para ella a mordedura fumegante do ferro em braza.

. . .

Em todo o caso ao sr. ministro, um conselho probo : olho nos vates!

Abriram-se as côrtes geraes no dia 2 de janeiro. Sua magestade tomou assento na cadeira do throno, permittiu que os representantes do paiz se mandassem sentar e cumpriu o sacrosanto preceito da carta constitucional da monarchia, felicitando-se por se achar ainda mais uma vez entre os dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza.

O paiz não tem dinheiro; os espiritos não teem instrucção; as estradas derretem; a frequencia das escolas diminue; o movimento da roda dos expostos augmenta; a agricultura paralysa-se; as nossas possessões revoltam-se; na Covilhã fazem-se missões; no Porto celebram-se reuniões catholicas; em Braga prepara-se a canonisação de frei Caetano Brandão; em Lisboa fazem-se leilões e compram-se bilhetes da lote-

ria; os unicos livros que se publicam são almanachs; os jornaes insultam-se; o parlamento boceja; a civilisação dorme.

No meio d'este estado de coisas, sua magestade el-rei é acordado todos os annos, no dia 2 de janeiro, por um camarista que lhe diz:

— Senhor! digne-se vossa magestade preparar-se para sentir o mais entranhado jubilo...

— Que succedeu? Deram as bexigas nos inimigos da ordem? Principia o meu povo a ter gallinha na panella? Fez-se a paz com o Bonga? Resolveu-se a questão da fazenda?

— Não, senhor. As bexigas lavram indistinctamente todas as physionomias incaracteristicas e degeneradas dos subditos de vossa magestade. O povo, real senhor, ainda não comprou gallinha, e emquanto a penella, pôl-a hoje no montepio. O Bonga ás ultimas noticias d'Africa tinha comido em molho de vilão o ultimo soldado da nossa expedição da Zambezia. A questão da fazenda vae mal.

— Sob que respeitavel pretexto pedem pois hoje a folhinha ou a carta que eu me regosige?

— É que sendo a solemne abertura das côr-

tes geraes é do codigo fundamental da monarchia que vossa magestade ainda mais uma vez se julgue felicissimo por se achar d'aqui a um momento entre os dignos pares e senhores deputados da nação portugueza.

E sua magestade recebendo em seguida o discurso que a sua elevada posição o obriga a proferir — como a expressão directa dos seus sentimentos, — entra a elevar-se em espirito para as regiões perennaes do jubilo!

. · .

Accusam-nos malevolentemente de sermos desaffectos ás pessoas reaes. Não tem fundamento este aleive. Nós temos por el-rei a mais sincera sympathia, e consagramos a sua magestade a rainha o respeito mais profundo. Se a nossa palavra não basta, e se a esta homenagem dos nossos sentimentos é preciso accrescentarmos o sacrificio das nossas vidas — tenham a bondade de as mandar buscar. Desculpem o incommodo que vão ter, mas emfim, por mais acrisolado que seja o nosso amor aos principes, não parecerá certamente estranho que tratando-se das nossas vidas — hesitemos um momento em as mandar pela posta!

Foi por effeito d'estas convicções affectuosas que no passado numero das *Farpas* pedimos que se não consentisse que um policia insultasse sua magestade a rainha — prendendo os pobres que lhe pedem esmola. É ainda em virtude de eguaes sentimentos de dedicação que hoje pedimos que se não continue a permittir que um governo insulte sua magestade el-rei — obrigando-o a proferir um discurso da corôa.

. ˙ .

É rebaixar a realesa, mais do que o permitte o sagrado respeito da personalidade humana, o estatuir entre as mais graves obrigações de um principe a de declamar annualmente perante os representantes do seu paiz um discurso que elle não fez, que não sente e que não pensa. Isto só nos theatros se consente sem desdouro de quem o faz, porque no tablado o comediante exerce uma arte.

Se declamando a falla da corôa, sua magestade pratica um acto de quem reina, abaixo o discurso!

Se sua magestade expõe simplesmente um effeito de quem representa, então pedimos os prestigios da scena, as commoções da voz, o

movimento do gesto, a paizagem, a caracterisação e o trage.

Se é um espectaculo constitucional o que se desempenha, pede a arte, pede o bom gosto, pede a necessidade do effeito que o discurso da corôa se divida do seguinte modo:

. ˙ .

Quadro 1.° — Cantata patriotica na orchestra. O chefe do estado coberto com a purpura e empunhando o sceptro. Clarões celestiaes ao fundo.

O chefe do estado (jubiloso). — As nossas relações com as potencias estrangeiras continuam a ser satisfactorias. Não foi alterada em todo o reino a tranquillidade publica.

CAE O PANNO

Quadro 2.° — Vista da India. Ao fundo, junto ao mar, um canarim dando o babaré. O chefe do estado na figura do sr. Jayme Moniz, face pallida, cabellos á disposição da brisa. Cantata funebre na orchestra.

O chefe do estado (contristado). — Na India porém um acontecimento mais grave pela sua

natureza do que felizmente, etc. etc. Até o fim da parte da falla que se refere á revolta de Goa.

DESCE O PANNO

Quadro 3.º — Vista da praia do Mindello. O chefe do estado na figura do sr. Fontes Pereira de Mello, luvas amarellas, cabello frisado, *gilet en cœur, chapeau gibus.*

O chefe do estado (vehemente). — No intuito de acompanhar o espirito do seculo, que tende ao aperfeiçoamento de todas as instituições. (Siga o que diz respeito á reforma da carta).

PANNO ABAIXO

Quadro 4.º — Ferulas, e governadores civis ao fundo. O chefe do estado dentro das formas do sr. Antonio Rodrigues Sampaio. Cantata na orchestra á civilisação e ao trabalho.

O chefe do estado (concentrado). — Sobre varios assumptos de interesse publico e designadamente sobre a administração largamente descentralisadora, sobre a instrucção publica, etc. etc.

E d'este modo prosiga o discurso da corôa

em quadros successivos, na razão de um quadro para cada ministerio e de uma caracterisação para cada ministro, até á phrase final:

«Está aberta a sessão».

. · .

Se o discurso da corôa não é um mero espectaculo, então o digno, o logico, o sensato é que as instituições não obriguem el-rei a uma velha formalidade, anachronica e decrepita sem significação e sem virtude.

Não queremos privar os nossos amigos da historia modesta de um concurso, que é scintillante de alegria, paradoxal de jovialidade; estala de riso por todos os poros, torce-se de facecia, espuma de pilheria.

. · .

Havia um logar vago de cirurgião do banco no hospital de S. José. O concurso era documental. Dois medicos apparecem, concorrendo:

um o sr. Boaventura Martins apresenta como documentos os certificados de onze cadeiras do curso medico: um de approvação plena, dez de approvação plena com louvor, e em seis cadeiras seis diplomas de premios. O outro concorrente não tem em nenhum dos seus documentos nem louvor, nem premio, e tem um R. A administração do hospital collocou o sr. Boaventura em primeiro logar: era a logica, a verdade, a força inatacavel e victoriosa dos documentos. O governo tambem o considerou preferivel: era a fatal evidencia. Sómente succedia que o governo não queria despachar o sr. Boaventura e queria despachar o outro cavalheiro. Mas — supremo embaraço! — os documentos, os louvores, os premios, tinham uma força intransigivel, uma convicção incombativel. — Que fazer? como se diz nas operas-comicas. O governo ruminou no fundo no seu peito, e tirou esta sentença:

« O sr. Boaventura não podia ser despachado porque não tinha sido recenseado. » Surpresa! pallida admiração! Eis o que succedera:

A lei diz: não póde exercer logar publico o individuo que não tenha sido recenseado.

E dera-se que o sr. Boaventura não fôra re-

censeado em tempo competente por descuido da camara; mais tarde, quando o reconheceu, requereu á camara para ser incluido no recenseamento; a camara respondeu sensatamente: que tendo passado os 21 annos da lei, o sr. Boaventura não devia ser recenseado, e seria inutil que o fosse, porque o contingente do seu anno estava plenamente preenchido.

O sr. Boaventura juntou estes documentos da camara: e foi fundado n'elles que o governo o excluiu do concurso, — porque não podendo negar-lhe a superioridade de classificação negou-lhe a validade do concurso!

De sorte que tacitamente o governo confessa:

Que dez louvores e seis premios n'um curso, habilitavam com uma superioridade inatacavel o sr. Boaventura a ir exercer o logar de medico do banco do hospital:

Sómente que de nada lhe valem louvores e premios, porque a camara municipal se esqueceu de o recensear.

Debalde a camara exclama pela voz dos seus documentos: não, por causa de mim, não! esse cavalheiro requereu para ser recenseado, sómente é inutil que o seja, porque o seu contingente está preenchido.

O governo insiste: não! desde o momento em que a camara se esqueceu de o recensear, esse medico póde ser um habil carpinteiro, um esculptor excellente, um subtil miniaturista, mas é-lhe vedada a clinica! — E por consequencia aproveita-se esta interdicção publica do sr. Boaventura, esta excommunhão da sciencia e do trabalho — despachando um cavalheiro protegido e querido!

Portanto o que se collige é que o concurso não tinha esta interrogativa racional: qual é o melhor medico?

Tinha esta estranha interrogativa:

Qual é o mais bem recenseado?

O mais bem recenseado seria o mais apto, segundo o governo, para curar, operar, tratar doentes.

Por consequencia o recenseamento n'este caso, substitue o curso. Ora ninguem negará que qualquer soldado do 5 ou do 18, está mais bem recenseado e prova melhor a efficacia do seu recenseamento, do que o sabio professor Thomaz de Carvalho. Portanto quem segundo a doutrina do governo deveria reger a cadeira de anatomia, seria um soldado do 18, com a auctoridade da sua fardeta suja, e não o sr. Tho-

maz de Carvalho, com o vigor da sua palavra erudita!

Tal é a historia jovial d'este concurso!

Agradecemos ao sr. ministro do reino a sua portaria, resolvendo o enterramento dos impios nos cemiterios publicos. E dizemos — *agradecemos* — porque foram as *Farpas* a primeira voz que teve contra os escrupulos e as resistencias dos srs. ecclesiasticos perante o cadaver dos *in*beatos e dos *in*devotos, — um accento hostil. A portaria estatue:

Que haja no cemiterio publico, jazigo civil dos cidadãos mortos — um logar para os corpos d'aquelles que, ou por dissidencia de egreja como os protestantes, ou hostilidade de religião como os israelitas, ou por principios philosophicos como os racionalistas — sejam *in*catholicos.

Fazer recolher estes cadaveres ao cemiterio — que o clero quereria affastar para as estrumeiras — é já um progresso moral, de bom

senso, de dignidade civil e de positivismo hygienico.

A camara municipal não vê almas, vê corpos: ora perante a morte nem todas as almas se celestiam, mas o que sabemos de positivo é que todos os corpos apodrecem — e os cemiterios são a suppressão administrativa d'esta infecção fatal. Portanto cumpre á camara vigiar que o transeunte, o vivo, o eleitor, o contribuinte, não seja prejudicado pelos miasmas — nem do atheu nem do devoto. E a sua obrigação civil é enterrar a putrefação — sem indagar quaes sejam as suas crenças religiosas ou as suas opiniões philosophicas. A Deus o que é de Deus, á camara o que é da camara. Deus escolherá e distinguirá as almas: a camara dará egualmente aos corpos atheus e aos corpos beatos uma cova hygienica. Isto é o legitimo bom senso.

A portaria no entanto não é completa:

Porque, por uma concessão espiritualista, faz collocar n'um sitio separado, longe dos tumulos catholicos, o jazigo dos irreligiosos ou dos differentistas. — E não podendo a portaria referir-se nem aos protestantes que teem o seu cemiterio, nem aos israelitas que teem o seu — é decerto

para os impios que reserva, ao canto, aquelle logar isolado.

Mas quem decidirá que o cidadão morto foi um átheu, por exemplo? A auctoridade ecclesiastica? É entregar ao clero a policia do cemiterio, que é toda civil! — A auctoridade administrativa? É entregar ao processo civil uma averiguação que é toda da philosophia!

A portaria teria evitado este embaraço incortavel decidindo com a simplicidade antiga: todo o cidadão morto é sepultado no cemiterio publico. No entanto com o progresso que estabelece a portaria é excellente: decide a questão hygienica; e é o principal.

Não deve importar aos racionalistas que o seu cadaver seja enterrado na parte do cemiterio onde só ha cruzes negras, ou n'aquella parte onde só ha arvores verdes. Teem mesmo a perspectiva de gosarem n'este caso um tecto de folhagem, sonora de passaros.

E á hygiene, á policia, á dignidade civil — e é o essencial — o que importa é que os corpos sejam enterrados nos cemiterios, e não atirados para os cantos dos quintaes, o que era uma infecção ao vivo e uma degradação ao morto!

O sr. Luciano de Castro, um dos chefes da opposição, fez no seu relatorio uma exposição sombria sobre a administração do paiz. Ahi confessa: que não ha fé politica, nem dignidade politica; que não ha partidos com idéas, mas fracções com invejas; que o paiz está cahotico, desorganisado, entregue ao abandono; que cada reforma cáe successivamente com cada governo; que as leis são um apparato de eloquencia parlamentar e não uma efficacia de organisação civil, etc. N'uma palavra caracteristica — que o paiz está na ultima decadencia administrativa.

Registemos esta preciosa declaração do chefe da opposição; guardamol-a como uma joia, — em algodão.

. ˙ .

Na reforma da administração, o sr. Sampaio, ministro do reino, termina com uma phrase em que expõe que a administração, como está, é uma confusão vergonhosa, uma desorganisação terrivel, um abandono mortal.

N'uma palavra definitiva — que o paiz está na ultima decadencia administrativa.

Registemos esta confissão sincera do sr. ministro do reino: guardamol-a como um bicho precioso, — em espirito de vinho.

. ˙ .

Resultado : o ministro e o chefe da opposição — declaram officialmente — o paiz n'um estado deploravel de administração. Ora :

Nem a reforma do sr. Luciano se effectua : nem a reforma do sr. Sampaio se applica.

De tal sorte, o que resta? Que estamos n'um estado deploravel de administração, — segundo confessa o governo e segundo confessa a opposição.

E que ficamos n'esse estado!

. ˙ .

A confrontação d'estas duas opiniões diz tanto, falla tanto, convence tanto—que levamos os nossos commentarios para longe, discretamente, e deixamos as duas Senhoras Opiniões notaveis, só comtigo, ó leitor contribuinte, para que tu lhes dês o braço, e ss. s.as as Opiniões te digam o que tens a esperar de Regeneradores, Historicos e Reformistas, — essas tres maneiras constitucionaes de dizer :

— Vamos jantar!

Algumas pessoas tomaram n'uma intenção extremamente litteral as nossas rapidas paginas (Numero de dezembro) sobre a emigração para a Nova Orleans e o seu remedio — os terrenos do Alemtejo. Estranhou-se que nós tivessemos torcido um pouco o perfil da verdade dizendo com aspectos veridicos—que a opinião mostrára aos colonos com gesto morgado as vastas terras incultas do Alemtejo, dizendo-lhes : ahi tendes, gastae 5:000 contos e procurae ganhar os vossos 17 vintens.

Não! Não! Nós não contornamos a verdade, fizemo-lhe a caricatura: não lhe expozemos o perfil photographico, arrebitamos-lhe um nariz truanesco. Não! O paiz — fazemos-lhe com a maior solemnidade essa severa justiça — ainda não está tão diabolicamente insensato que exija a quem quer ganhar um pinto — o desembolso previo de um milhão! Não. Talvez em breve se registem casos parallelos e terrivelmente parecidos. Os *direitos de mercê* e o *sêllo*, são uma tentativa, um repellão n'este sentido da vertigem — mas, por ora, o paiz retesa os musculos, firma-se, contém-se, e limita-se a exigir 400$000 réis de direitos de mercê, a quem tem de ordenado 200$000 réis.

Além d'isso, tendo sido o sr. Ferreira Lapa quem primeiro enunciou essa idéa scientifica, democratica e justa da cultura dos terrenos alemtejanos — nós não teriamos — apezar, sim, de sermos innocentes, e candidos, — a loira ingenuidade de um *baby* — a ponto de suppôr que de um homem, como o sr. Ferreira Lapa tão seriamente intelligente e tão provadamente erudito — saisse a idéa de offerecer a algumas centenas de miseraveis umas poucas de milhas de terrenos aridos — com um sorriso e *bons dias*. Não! Sabemos perfeitamente que o esclarecido e honrado professor apresentava esta idéa, para que o governo — ou por acção propria ou por concessões a grandes companhias — aproveitasse em culturas poderosas, os terrenos incultos — dando assim um centro, um emprego ás inactividades hesitantes.

Sómente succede — que offerecer esta idéa ao governo ou aos capitalistas é tão inefficaz como offerecel-a aos trabalhadores. Nenhum governo em Portugal tem iniciativa, acção reformadora, idéa para fazer uma transformação tão radical nas condições da vida agricola: nenhum capital nacional quererá arrancar-se á somnolenta e gorda rotina da agiotagem para

correr áquella collocação arriscada, generosa, grandiosa e liberal. Eis ahi. De modo que — quando os emigrantes põem na cabeça o seu chapeu para a Nova Orleans, é bastante ingenuo — da parte dos homens honrados e intelligentes — dizer-lhes : esperae, esperae, nós vamos apresentar ao governo esta idéa, que é a regeneração da vossa economia infeliz.

Dizer isto é ingenuo : crêr nos governos, entre nós, é ter a boa-fé de um patriarcha, ou a descorada credulidade de uma *miss*.

Ora isto não quer dizer, que a inactividade dos governos produza o affastamento da idéa : Não, a idéa escreva-se, espalhe-se, commente-se, demonstre-se com cifras, glorifique-se : sómente quando nós dizemos que é quasi gracejar com os operarios, o propôl-a ao governo — não se estranhe nem se diga que o lapis veridico das *Farpas* se affastou da estreiteza da justiça para dar mais brilho á caricatura.

. ˙ .

Mas algumas pessoas dizem-nos ainda :

— Mas isso é injusto : está-se formando, para a cultura d'esses terrenos famosos uma compa-

nhia, séria, rica, iniciadora. Eu mesmo pertenço. E eu! e eu!...

— Pois bem uma prophecia:

Essa companhia alcançará accionistas nominativos: reunir-se-ha, sob o gaz de uma sala: perorará abundantemente: nomeará commissões apparatosas: consumirá papel almasso e papel glacé: usará paciencia, virgulas e a sola das botas: — não fará nada! Não fará nada!

É certo, é decidido, é fatal. É talvez o clima, é talvez a agua, é talvez a raça, é o governo, é a falta de sangue. Sim, é qualquer coisa, evidentemente. Não fará nada!

E de resto, se essa companhia, organisada e estabelecida — chega a arrotear e a cultivar 10 palmos quadrados de terrenos do Alemtejo, — nós mesmos iremos estender os nossos pescoços no cepo do patibulo, e que o alfange afiado do carrasco nos prive da regalia das nossas cabeças. Que mais quereis?

Á similhança de alguns duelistas que fizeram voto de se bater com todo aquelle que se apresente, embora seja um cabelleireiro, deliberamos nós responder a todo o periodico que nos provoque, embora seja...

Não! não diremos o seu nome.

Não contribuiremos por tal modo para lhe dar uma celebridade que não merece, porque elle reune as duas negações mais antipathicas que podem concorrer n'um ser moral — não é espirituoso e não é serio.

Se fosses somente semsaborão talvez sympathisassemos comtigo e te dessemos o nosso voto nas proximas eleições — mas além de não teres o espirito, tambem não tens o ar. Assim has de consentir que não te nomeemos, ó aquelle!

Não nos parece que a tua companhia seja menos suspeita que a tua grammatica.

Os teus periodos fecham-se em si mesmos como n'aquelle inexpugnavel parenthese funebre que orla as unhas que se não escovam.

Resigna-te ás fatalidades do teu solitario destino. O teu nome, que nós não proferiremos nunca, nasceu de uma ociosidade insolente, e viverá, como aquelles que se escrevem na al-

vura dos muros novos, — o tempo de se lhes passar por cima uma esponja.

. ˙ .

Se te não permittimos pois que nos subas a escada e que te annuncies aos leitores das *Farpas*, nada te impede, ó coisa, de que nos falles da rua. Nós te responderemos da janella. E conservando estas posições um serviço te poderemos prestar quando te mostrares excessivamente-rhetorico: o de te despejarmos uma banheira em cima.

Dizes tu na tua folha, para cuja existencia andas promovendo astuciosamente algumas menções preconisadoras nos periodicos alheios, que os redactores das *Farpas* instam ou instaram alguns ministros para que lhes dessem uma collocação em qualquer escaninho official. Ora os redactores das *Farpas* promettem dar-te as suas joias e os seus thesouros se tu lhes disseres qual foi o ministro a que qualquer d'elles tenha jámais pedido o que quer que seja.

. ˙ .

Mas ha nas tuas aggressões alguma coisa muito mais grave e muito mais offensiva.

Dizes tu que nós vestimos *casaca da moda e luvas brancas.*

Emquanto á *casaca da moda*, sim, é verdade — para que haviamos de dar-te o gosto de te desdizer? — Temos effectivamente uma casaca da moda, temos mesmo umas poucas: temol-as pretas com botões de setim, e temol-as azues com botões de ouro. Accrescenta a isto que nunca as virámos, — e terás uma idéa das casacas que nós vestimos...

Mas *luvas brancas!* Nós de *luvas brancas!!..* Ó mentira! ó calumnia! ó felonia! ó traição! ó perfidia!

São asperas, são rudes, são demasiado violentas talvez as objurgatorias que te dirigimos, mas ah! é que somos tambem ferozmente provocados.

Pois não é verdade, ó deuses, que elle disse que nós traziamos — luvas brancas?!

Invocamos as divindades e os homens, os astros e os lustres, o ceo, a terra e as aguas, as nymphas que se escondem nas espessuras, os homens que passeiam no Chiado, as senhoras que vem de casa de Lombré e as sylphides que ondeiam nos lagos penetrados do luar sob as folhas dos nenufares...

Dizei-o vós todos, amigos, inimigos e indifferentes: já nos vistes, já alguem no mundo nos viu, em *toilette*, com luvas — que não fossem côr de palha ou côr de perola?!

Oh! inventa, vil embusteiro, inventa as calumnias que quizeres, rouba-nos a estima do povo e o favor do monarcha, desgraça-nos, tudo te soffreremos. Mas *luvas brancas*... Se nos tornas a attribuir luvas brancas, vamos lá baixo com as bengalas!

Alguns jornaes accusam-nos, gravemente — de sermos hostis e violentos com a realeza e a familia real: e dão ligeiramente a entender, que nós estamos comprados pela demagogia para attacar a corôa.

Outros jornaes accusam-nos severamente — de sermos hostis e violentos com todo o facto e toda a instituição — e sermos pelo contrario benevolamente cortesãos com a realeza e a familia real: e dão infamente a perceber, que nós estamos comprados pela corôa — para vergastar a demagogia.

Fundam-se os primeiros em que nós fomos menos amoraveis com sua magestade a rainha, — contando a historia pathetica do mendigo preso.

Fundam-se os segundos em que nós fomos vassallamente aduladores com sua magestade el-rei, — dizendo que elle espalhava no logar da Ajuda seis contos de réis de esmolas.

As pessoas imparciaes comprehendem de certo o nosso embaraço cheio de rubor:

Quereriamos dizer palavras pungentes á corôa, para efficazmente provar, que não estamos comprados — pelo seu oiro! — Mas então, patentemente se percebia que o que nos inspirava a prosa amarga — eram as bolsas de dinheiro, que nos atirara a pallida demagogia:

Quereriamos offerecer periodos perfumados á corôa, para convencer que não nos acorrentam o poder dos thesouros demagogicos —: mas então abertamente se via, que se fallavamos com um som tão meigo — era sob a influencia dissolvente dos cofres da corôa! Livida collisão!

. ˙ .

De tal sorte que resolvemos imprimir as duas seguintes cartas, pedindo a rapida justificação da nossa honra:

Ao rei de Portugal

Senhor. — Alguns malevolos, nossos communs inimigos, espalham subtilmente que vossa magestade nos sacia de oiro, para que as *Farpas* tenham para vossa magestade um tom amoroso e unctuoso. Rogamos a vossa magestade declare se já deixou cair na nossa mão estendida — o corruptor metal! Vossa magestade, com mal disfarçado despeito o dizemos, nem se quer é assignante das *Farpas!* procedimento, que prova, que não é inteiramente erroneo o que a historia conta dos crimes da realeza. Aproveitamos a occasião de lembrar a vossa magestade que são esses actos que tornam odiosos os tyrannos — e que, mais tarde ou mais cedo, erguem o lugubre cadafalso de Carlos I. Um rei que não assigna as *Farpas* vae por um declive, ao fundo do qual encontra a chorosa vereda do exilio ou o gottejante corredor da masmorra. Um rei que não assigna as *Farpas*, arma fatalmente na escuridão inimiga o braço inelludivel de Ravaillac! Á negação da *assignatura* corresponde o delirio da revolução! — Não insistimos n'estes conselhos. — O que pedimos a vossa magestade é que declare, como é a in-

transigivel verdade, que nunca vossa magestade passou para a nossa mão — parte dos seus thesouros. — *Humildes vassallos.*

Á Hydra da anarchia

Tendo alguns jornaes dado a entender, que nós attacavamos a realeza porque estavamos para isso pagos pela Hydra da anarchia — pedimos ao dito bicho — declare a falsidade d'esta asserção immunda.

Somos, sr.ª Hydra, com a maior consideração — *Os redactores das Farpas.*

Os factos politicos e graves do mez foram: *As reformas da carta*, plural melancolico:

A reforma da instrucção publica:

A reforma da administracção:

A reforma das comarcas...

Estes factos parece que deviam ser cercados pelas *Farpas*, n'uma bordadura de commentarios subtis.

Desde que a politica, essa dona de casa da patria, sente a necessidade de lavar os seus soalhos, espanejar as suas paredes e renovar o lugubre escalavramento das mobilias — é natural que as *Farpas* fossem ao encontro d'esse successo, e o apresentassem á multidão surprehendida — com prefacio e notas.

Mas para que? Todas estas reformas, trasidas triumphantemente a grande ruido de rethorica, — ai! durarão, como a rosa de Malherbes — o espaço de uma manhã! Que necessidade ha em encaxilhar na bordadura da nossa prosa — uma folha que vae seccar? Para que fazer commentarios — ao fumo ephemero de um cachimbo? Para que fazer uma estatua — de neve que se derrete? Para que argumentar sobre leis — que se evaporam?

Reforma da administração, da instrucção, da carta! Parece que é uma organisação, que é uma regeneração: são algumas velhas folhas de papel que palpitam um momento ao vento da contradicção, e que vão, d'aqui a pouco, cair miseravelmente ao seu canto! Ai! ellas são como uma luva côr de palha que serve para estar n'um baile, apertar finas mãos, anediar o bigode — e que ao outro dia, vae no cisco, eno-

doada e perdida, ser o lixo da esquina! As reformas, tambem, servem um, dois mezes para pretexto de um ministerio, para fingir que se administra, para se dar a entender que ha zelo, para se illudir a plebe ingenua, para se imitar a missão de estadistas, para se parecer mais profundo, mais economista e mais jurisconsulto que a opposição — e depois, d'ali a pouco, tendo feito o seu serviço, vão como todos os papeis velhos e inuteis ser desfeitos e enrodilhados sob as vassouras justiceiras dos srs. varredores publicos!

As reformas dos srs. ministros, são como as fardas dos srs. ministros. As fardas servem para ir ao paço, ás galas, ao beijamão, são o signal official do poder, são o distinctivo especial e bordado dos que governam: emquanto se tem correio, são escovadas, lavadas com chá, teem os botões enrodilhados em papel de seda, estão mettidas em lençoes de linho, gosam a attenção zelosa da creada e fazem o pasmo do aguadeiro: depois o sr. ministro é despedido: a farda é vendida, é empenhada, é reduzida a jaqueta, é passada a um toureiro que aproveita os bordados, é dependurada no prego miseravel de uma loja de adello, e depois de ter passado pelas costas

suadas de um mascara do Casino ou de um comparsa do Salitre, vae, raspada, gasta, enodoada, torpe, perder-se na dispersão melancolica dos trapos inuteis! Assim as reformas. Com ellas o ministro governa, entretem, illude, caracolla sobre a eloquencia de aluguer, tem pretexto para governar, despachar, collocar, resplandecer e mandar: — e no fim, quando o sr. ministro é empurrado para o macadam, as pobres reformas, com que elle tanto se empertigou, tanto viveu, tanto se assoalhou, vão, esquecidas, inuteis, apodrentadas, perder-se na confusão amarellada dos archivos ineptos! As reformas em Portugal são um adorno classico do ministerio — como o correio, com os bordados da gola!

Não são uma organisação do paiz — são um pretexto da *pasta*.

Todo o ministro que entra — deita reforma e *coupé*. O ministro cáe — o *coupé* recolhe á cocheira e a reforma á gaveta.

Senão vejam.

Reformas de 68. Ministerio Fontes: inuteis.

Reformas reformistas: inuteis.

Reformas *historicas*: inuteis.

Reformas Saldanha: inuteis.

Reformas Avila: inuteis.

Reformas Bispo : inuteis.

Reformas regeneradoras : serão inuteis.

Cada ministro tem a peito apresentar, classicamente, como um dever, como um documento, como uma justificação da sua nomeação — uma reforma. Os jornaes fallam um momento, a opposição arranja umas certas representações na provincia contra ellas, — as commissões installam-se e mettem os pés nos capachos para discutir — e no entanto o ministerio, por uma intriga, por uma *bambocha*, por um enredo — cae — e a reforma segue-o na sua saida, com a fidelidade de um cão e a esterilidade de um boneco!

Quantas reformas de administração, de instrucção, de finanças — não tem o paiz visto apparecerem no horisonte parlamentar, como sombras que vão chegar á vida, e dissiparem-se ainda no seu estado de sombras, sem terem da vida provado mais que a doçura dos labios de Osorio ou o polido da calva de Barros!

Tem havido — nos ultimos tres annos — seis reformas de administração : — e todas irrealisadas, e todas mortas ainda de mama, e todas inuteis! — E depois de seis tentativas de reformas o ministro do reino actual confessa que a

administração é um cahos vergonhoso — e o chefe da opposição actual brada que a administração é um vergonhoso cahos!

Haveria um livro a fazer intitulado: *Da physiologia das reformas em Portugal*. Ha pelo menos uma definição a dar:

A reforma é uma formalidade que tem a preencher perante o paiz todo o ministro — menos essencial que o coupé de aluguer e mais requerida que a farda de emprestimo!

. · .

Pedimos portanto:

Que o ministerio seja dispensado d'essa formalidade:

Que elle tenha coupé de aluguer — bem: pede-o a civilisação, a honra do paiz, a commodidade dos seus callos officiaes e os srs. correios que querem trotar!

Que elle tenha farda — pede-o a carta, a côrte, a dignidade do *toilette*, e a necessidade de evitar que ss. ex.as se apresentassem a el-rei de quinzena e gabão.

Mas para que se ha de exigir a um portuguez — ainda que ministro — que reforme? Quem lucra com isso? Elle não: que não póde

alugar essa formalidade na companhia lisbonense de carruagens — nem pedil-a emprestada ao adelo da esquina:

O paiz tambem não — como sabem.

Para que se ha de exigir esse trabalho de intelligencia, esse zelo de espirito, esse esforço de sciencia a um pobre, a um debil, a um fortuito lusitano?

Não, não, não! Que os srs. ministros, em nome da dignidade publica sejam eximidos a essa formalidade ridicula, anachronica, caturra — de reformar a patria.

. ˙ .

Para que fariam as *Farpas* um desenho de ligeiras palavras em torno das reformas — esse fumo esteril que se dissipa com cada ministerio! essa formalidade trabalhosa que opprime cada ministro!

Uma lembrança:

Nas suas carruagens de aluguer os srs. ministros trazem apenas na almofada o cocheiro. Em logar de se lhe exigir uma reforma sobre qualquer coisa — exija-se-lhe um creado mais sobre a almofada. Em fim, para que claramente o digamos:

Nas insignias ministeriaes, nos symbolos do poder, seja a reforma substituida — por um trintanario! E o paiz lucrará!

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes da provincia o obsequio especial de satisfazerem em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

AS FARPAS.
EÇA DE QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Fevereiro de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

FASTOS DA PEREGRINAÇÃO
DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL
POR ESTES REINOS

AO IMPERIAL VIAJANTE

Senhor — Dirigindo a Vossa Magestade estas letras obscuras e humildes, que Vossa Magestade já nos não fará a honra de ler senão depois de regressado ao seio da sua patria, pedimos a Vossa Magestade que haja por bem consentir que diante de Vossa Magestade nos inclinemos respeitosamente e que, na falta de quem nos apresente, ousemos nós mesmos apresentar-nos a Vossa Magestade.

Somos, Senhor, os dois unicos homens que Vossa Magestade não viu em Portugal. São innumeros os titulos que n'esta occasião poderia-

mos exhibir das cathegorias — que não temos. E passamos a mencionar alguns d'esses titulos:

Não somos deputados da nação; não somos empregados publicos; não somos academicos; não somos negociantes; não somos proprietarios. Tem Vossa Magestade diante de seus olhos dois sugeitos que, a não temerem mostrar-se immodestos, poderiam provar a Vossa Magestade que — não são nada. Vossa Magestade vae ficar certamente maravilhado de que existam n'este reino dois portuguezes tão assignaladamente illustres como nós. Agradecemos profundamente a Vossa Magestade a sua amavel surpresa...

— Como assim! exclamará indubitavelmente Vossa Magestade, procurando estender os braços por cima do Oceano para nos cingir ao seu peito. Não é isto, ó mancebos, uma mystificação que queiraes fazer ao viajante de boa fé que ainda ha pouco atravessou incognito a vossa patria?.. Juraes-me, ó grandes homens, que effectivamente não sois nada?!...

Nós (*no Atterro, com o rubôr da modestia nas faces, recuando de olhos baixos*). Sim, senhor! Nós o juramos.

Vossa Magestade (*extactico*). Nada! Não ser nada!... Em Portugal não ser nada — Oh! — é

realmente muito! E como? como em annos tão verdes, ó incomparaveis moços, conseguistes tão robusta e solida posição social?

Nós (*com a nobre resolução da sinceridade*). Senhor! á força de muita somma de talento.

Vossa Magestade (*de lá*). A mim já! a mim immediatamente! Vinde para a Tijuca, entrae na minha côrte, vinde repousar as vossas frontes assignaladas debaixo das sombras virentes, ao respiro tropical da naturesa em que o amollecido indio se embala e em que o sabiá gorgeia!

Nós (*solemnes, com a mão no coração*). Oh! nunca! Não tente Vossa Magestade seduzir-nos com a offerta de honras e de thesouros, a que aliás nos reconhecemos com direito, mas de que não nos determinamos a tomar posse. A nossa patria — coitadinha! — nunca se habituaria a viver sem nós. Consinta pois Vossa Magestade que continuemos, cheios de abnegação e de gloria, os nossos passeios pelo Atterro.

Vossa Magestade (*profundamente desgostoso*). Ah! ceus, que pena! E eu que os não conheci!

E foi realmente pena, senhor, que nos não conhecessemos! Que se lhe ha de agora fazer! Se não receassemos aggravar no coração de Vossa

Magestade um cruel remorso, diriamos que, tambem, não podemos explicar como estando em Lisboa, Vossa Magestade não tivesse nunca a lembrança de vir por ahi um dia, jantar comnosco, ao accaso da panella!

Teriamos conversado muito, e chegariamos talvez a entender-nos em muitos pontos. Estava bem longe de repugnar-nos a convivencia de Vossa Magestade. Já de França, senhor, tinha Vossa Magestade vindo recommendado á nossa estima pelos odios do sr. Veillot.

—Veillot que embirra com Elle, tinhamos nós dito ao ler o *Univers*, é porque Elle tem merecimentos... Veillot, o beato vermelho! o papista *sans-culotte!* o grosso aguadeiro de agua benta!...

Oh! Vossa Magestade não imagina como nós detestamos Veillot, o inimigo de Vossa Magestade!

Depois, em Portugal, não esteve nunca viajante que mais nos devesse interessar. Nascido e creado no Brazil, dentro do mais apertado e incommodo regime da etiqueta imperial, acabava Vossa Magestade de descer pela primeira vez do throno, onde deixava a sua purpura, o seu sceptro, a sua esphera armilar bordada a

oiro em fundo verde, e o seu ar de occasião, o qual ar de occasião tinha sido tristemente para Vossa Magestade o ar de toda a sua vida! E, a seguir, Vossa Magestade entrava n'um paquete, no alegre e pittoresco movimento do tombadilho, nas conversações da camara á hora do jantar, nos passeios ao luar sobre a tolda, e nos embalados somnos do belixe, onde se escuta o bater do helice e o cachoar da onda no costado do navio. Depois desembarcar n'um estranho clima, um novo ceu, novos aspectos de luz, de vegetação e de paizagem, pôr o pé no caes, saltar em terra, e achar-se livre, inteiramente livre, entregue, como qualquer homem, a si mesmo, á sua vontade, ao seu pensamento, aos seus caprichos, e até aos seus defeitos se os tem! Como deve saber bem isto a um rei! Dedicar-se burguezmente ás suas coisas pessoaes, como o cidadão mais obscuro e mais feliz: metter o dinheiro em oiro na algibeira do collete, metter o dinheiro em cobre na algibeira das calças, o passaporte no bolso do paletot, botas largas com duas solas, chapeu baixo, um grande guarda chuva, e toca a entrar pelo velho mundo dentro, com a sua mulher pelo braço, um *Guia do viajante* em punho, e a mala na mão!

E ainda estranharam que Vossa Magestade a não largasse — a mala! Podera largal-a!... Um homem como Vossa Magestade, quieto desde que nasceu em cima de um throno com um sceptro em punho, que melhor, que mais regaladamente pode descançar a mão do que segurando n'ella uma mala!

O sceptro quer dizer: «Diverti-vos, ó vós que passaes; eu para aqui estou!» A mala quer dizer: «Arranjae-vos como puderdes, ó vós que permaneceis; eu cá vou-me embora.»

A mala é a antithese do sceptro. Um escravisa, a outra liberta.

O rei Leopoldo da Belgica gostava tanto de malas até que as mettia nos discursos: «Vejam lá, meus senhores, dizia elle á assembléa de 48, se não estão satisfeitos, eu tenho a minha mala feita!» phrase que hoje seria inutil, porque, como Vossa Magestade sabe, não ha agora rei nenhum que não tenha preparada a mala. Vossa Magestade, percorrendo a Europa sem nunca se separar da sua mala, mostrou com grande tacto que não precisa de que ninguem lhe ensine que este objecto de viagem não é já considerado pelos reis sabios, como em 1848, uma simples figura de rhetorica.

Vindo a Portugal, depois de ter percorrido a França, a Italia, a Inglaterra e a Allemanha, fez-nos Vossa Magestade o sympathico effeito d'aquelles que, visitando um grande predio, querem depois de vistas as salas nobres e os espaçosos apartamentos lustrosos e brilhantes, que se lhes mostrem egualmente aquelles quartos escuros, baixos e esconsos que estão sempre fechados, e onde não vae ninguem.

Fez-se a vontade de Vossa Magestade, patenteando-se-lhe no remate da sua viagem o interior da agua furtada da Europa.

Querem dizer alguns dos inquilinos d'esta modesta trapeira que Vossa Magestade poderia ter-lhes feito a galanteria de se considerar um pouco mais constrangido perante o deslumbramento das pompas hypotheticas do tegurio lusitano.

Nós pela nossa parte entendemos que Vossa Magestade andou bem, e que é demasiadamente exigente a nossa patria pretendendendo que, para ser amavel com ella, Vossa Magestade se violentasse até o ponto de se lhe mostrar como não é.

Vossa Magestade pois, segundo nós, andou bem.

. ˙ .

Andou bem não vestindo casaca senão para o concerto no Paço, e não pondo lenço branco absolutamente nunca. Assim mostrou Vossa Magestade conhecer profundamente o paiz em que estava, no qual as mais rancorosas divergencias que conturbam as instituições procedem principalmente do modo como cada um dá o nó da sua gravata de etiqueta. Notou decerto Vossa Magestade que o unico homem publico com quem todos os partidos se conciliam é o sr. marquez de Avila: a rasão é que este cavalheiro tem em toda a sua vida escondido sempre a gravata debaixo de um astuto *cache-nez*.

. ˙ .

Andou bem pedindo com espressivo empenho que aos seus jantares se servisse orelheira de porco com feijão branco. A orelheira de porco é effectivamente mais do que um mero piteu. A orelheira de porco, — a orelheira de porco com feijão branco sobretudo — é uma instituição nacional; é uma philosophia; diremos mais, senhor: a orelheira de porco é uma fatalidade geographica como o clima e o solo.

Em Portugal metade das coisas que succe-

dem explicam-se pelas condições climatericas, pela situação e pela configuração do paiz; todas as outras coisas se explicam pela orelheira e pelo feijão branco.

Viu Vossa Magestade em Inglaterra os homens sanguineos, de elevada corpulencia e de rijos musculos, que caçam a raposa, que remam e que jogam o cricket durante um dia inteiro, supportando as maiores fadigas, fallando pouco e deliberando justo; viu as mulheres loiras, solidamente constituidas, de fortes maxillas e de grandes pés, que dão vinte filhos sem ficarem doentes, e acompanham valorosamente os seus maridos nas mais longas e perigosas viagens, sem terem fadiga nem medo: essa raça é a que se alimenta a *roast-beef*, devorando todos os bois de Portugal, de Hispanha e da Italia.

Em França conheceu Vossa Magestade os homens inquietos, nervosos, falladores, impetuosos, e as mulheres *mignonnes*, franzinas, espirituosas, elegantes e leves: é o paiz das trufas, do vinho de Champagne, do café e de todas as bebidas fortemente aciduladas e gazosas.

Em Italia acharia Vossa Magestade as bellas mulheres flacidas e brancas, o *dandy* clerigo e

o nobre tenor: ahi vigoram os farinacios e o lacticinios.

Em Hispanha existe o *arranque*, o pandeiro e a faca, o fandago e a revolução: é o paiz do Val de Peñas, do chocolate e do pimentão.

Em Portugal encontrou-se Vossa Magestade com uma população triste, lymphatica, gorda, molle, indolente; na litteratura e na poesia antiquados e parranas; na sciencia duvidosos, hesitantes ou resistentes; na *toilette* soturnos; na convivencia silenciosos e lugubres; na politica conservadores e constitucionaes — sempre os resultados determinantes da tradiccional e patriotica combinação da orelheira de porco e do feijão branco, tão grata, como dos papeis publicos consta, ao imperial paladar de Vossa Magestade!

No intimo da substancia vital de todo o portuguez ha um centro organico de feijão e de orelheira. N'uns é o suino que predomina; em outros é o farinacio que governa. Temos temperamentos simples — *feijão* ou *orelheira*, e temos temperamentos combinados, *orelheiro-feijão* e *feijão-orelheira*. O sr. Barros e Cunha, por exemplo, é puro feijão branco; o sr. Osorio de

Vasconcellos é a extreme orelheira. No partido reformista predomina a influição da orelheira de porco: repare-se no sr. bispo de Vizeu. No partido historico sobrepuja o feijão branco: veja-se o sr. Anselmo Braamcamp.

Os viajantes praticam uma temeridade em se deixarem imprudentemente impregnar de um acepipe tão absorvente e preponderante. Vossa Magestade é por ventura o unico soberano a quem uma tal imprudencia não póde ser fatal: o paiz da mandioca e do feijão preto não extranha as secretas influencias da cosinha em visita ao paiz do feijão branco e da orelheira. N'este particular pois entendemos ainda que andou bem Vossa Magestade.

. · .

Andou egualmente bem Vossa Magestade em viajar incognito e em adoptar a representação de sabio.

Por muitas rasões.

Em primeiro logar nada favorece mais o incognito do que a sabedoria. Um sabio commedido, arranjado, prudente, discreto, tem quasi a certesa de passar em toda a parte desconhecido.

Depois a sabedoria é immensamente commoda

em viagem. Leva-se em qualquer parte. Não faz bulha, não tem cheiro, não aperta os pés, não obriga a despezas de representação, inspira os gostos simples e os desejos moderados... Oh! a moderação dos desejos, como ella é difficil de guardar! Em Paris, por exemplo: o viajante que não é sabio chega ao *Grand Hotel* ou ao *Hotel du Louvre*, toma o seu banho, frisa-se, perfuma-se, sente aquelles vagos e exparsos rumores do boulevard condensados por Offenbach na musica das suas operetas, desce á rua e começa a desejar mil coisas indefinidas e desmanchadas. Vossa Magastade pelo contrario chegou à Paris, e que foi que lhe appeteceu logo, de um modo claro, terminante, positivo? Appeteceu-se-lhe hebraico. Trouxeram-lhe hebraico: Vossa Magestade libou o severo idioma biblico dos patriarchas, e sentiu-se refrigerado e satisfeito. Ora ousamos supplicar humilde e respeitosamente a Vossa Magestade que haja por bem considerar se seria capaz de conseguir resultados tão cabalmente satisfatorios tendo escolhido qualquer outro caracter de incognito, que não fosse aquelle que Vossa Magestade escolheu!

A sabedoria tem ainda isto de bom: que dispensa muita coisa no viajante; dispensa o ar;

dispensa a *toilette*; dispensa todos os pequenos talentos de *touriste*: o desenho, a gymnastica, a equitação, o jogo das armas; dispensa ainda os ligeiros deveres de salão: conversar, fallar com senhoras, achar replicas, ter ditos, fazer musica, fazer companhia, saber estar, possuir a linha elegante e o rasgo espirituoso. A sabedoria finalmente dispensa tudo: dizem até que chega a dispensar as coisas mais precisas em viagem — o banho e a roupa branca.

Oh! sabedoria, como tu deves ser boa!...

.˙.

De resto, senhor, a antiga elegancia tradicional dos cavalheiros europeus, esse mixto de galanteria e de valor, que distinguia uma raça de privilegio, — como um laço bordado posto pelas mulheres na empunhadura de certas espadas, com muito menospreço e desdouro para a concorrencia das togas e das pennas, — essa elegancia desappareceu ha muito do nosso velho mundo. Substituiu-a o *dandysmo*, isto é: a falsificação mercantil e burgueza da primitiva distincção fundada, mais ou menos remotamente, nos caracteres do merito e do valor.

Depois o dandy, que era o elegante fingido,

foi por seu turno batido e desthronado: hoje resta-nos o *crevet*, que é o jockey disfarçado.

N'este ponto a sociedade europeia não se acha bem servida.

De onde se segue que é talvez boa a occasião para principiarmos a considerar como secundarios todos os prestimos de salão, cerimoniosos e affagantes, que Vossa Magestade deliberou não ter, e a estimarmos directamente os outros dotes mais solidos que Vossa Magestade possue. Uma coisa mais meritoria do que sermos o que os outros decidem «que é preciso» é sermos aquillo que nós mesmos entendemos que «se deve ser.»

. ˙ .

Já Vossa Magestade estará vendo que nós não somos aquelles arrogantes malevolos em que lhe fallaram, mas sim umas modestas pessoas rasoaveis e sinceras. As nossas *Farpas* no fim de contas são isto sempre: uma pequena quantidade de ferro, que ordinariamente não servimos em fórma de punhal, como se dá aos assassinos, mas sim em pequeninas pilulas para se tomarem em nata perfumada com baunilha, como convem que se receite ás senhoras frageis e anemicas.

Se depois de Vossa Magestade haver recebido

no Rio de Janeiro este volume, os seus vassalos o forem encontrar, como é natural, derramando sobre estas paginas copiosas lagrimas de arrependimento por nos não ter conhecido, o respeito da verdade obriga-nos a dizer de ante mão ao povo brasileiro, que será justificadissimo em tal momento todo o pranto que o seu monarcha determine consagrar-nos.

Vossa Magestade suppoz talvez que viu tudo visitando em Lisboa todos os edificios e todos os monumentos...

Não Senhor. Os monumentos e os edificios publicos constituem os caracteres communs de todas as cidades. A physionomia especial de cada terra toma-se principalmente no estudo dos individuos e na analyse dos costumes — uma das missões que nós nos adjudicamos ao encetarmos a publicação d'estes livrinhos.

Agora, senhor, desejando mais especialmente servir a augusta curiosidade de Vossa Magestade, dar-lhe-hemos o traslado de alguns typos das ruas e de alguns dos interiores da cidade. Estes estudos—que fizemos meditando pouco para tambem não forçar Vossa Magestade a reflectir muito, — reunidos com algumas das considerações que a presença de Vossa Magestade nos inspi-

rou — constituem a substancia d'este volume, consagrado a Vossa Magestade, cujas virtudes separamos de tudo, como o objecto mais sério do nosso respeito, e cujos desejos, se Vossa Magestade nol-os quizer algum dia communicar, consideraremos para todos os effeitos como verdadeiras ordens — da Roza!

Vejamos os typos: descriminemos da sombria e triste multidão lisbonense algumas das individualidades de que ella se compõe.

O mendigo. Sua Magestade, recebeu por occasião da sua primeira passagem em Lisboa, trezentos memoriaes de pessoas que pediam esmola. Teria assim tido em quarenta e oito horas uma medida computativa da quantidade de individuos que mendigam n'esta cidade de Ulysses.

Temos em primeiro logar as creanças. Em Lisboa todas as creanças que não são ricas pedem esmola: os paes criam-n'as desde a mais tenra infancia n'essa baixeza degradante. Os pequenos começam por pedir esmola para Santo

Antonio; habituam-se n'este exercicio da mendicidade ao divino a que os repillam, os maltratem, os espanquem mesmo algumas vezes. Abatidas assim as primeiras resistencias da dignidade e do orgulho, começam a pedir esmola para si mesmos. A familia sorri aos primeiros lucros d'essas diligencias humilhantes. A final entende-se que isto rende mais do que ir para a escola ou para o officio, e a familia, deixando desde então de alimental-os, de laval-os e de vestil-os, relaxa-os á comiseração publica.

Ha depois a mulher: a mulher que traz andrajos; a que está de luto, com um veu, e estende a mão balbuciando; a que vem embrulhada em uma capa e entrega um papel; a que usa chapeu com velhas fitas desbotadas e conta a historia da sua familia, em que houve um desembargador; a que tem creanças; a que tem apenas um rosario; a que pede nas egrejas, sentada nos degraus dos altares; a que pede em pé junto da pia da agua benta; a que espera defronte das confeitarias.

Depois o homem. Ha innumeras variedades: o antigo mendigo legendario e pittoresco, de moletas e barba branca, o das portarias dos conventos, das feiras, das romarias na aldeia,

das estalagens e das estradas — é o menos commum —; o operario sem trabalho; o chefe de familia; o que vem do hospital; o que precisa de banhos de mar; o que vae para as Caldas; o que abriu uma subscripção; o que diz aos logistas que passam: «Sr. conde, eu tenho fome! Sr. conselheiro, minha familia não tem pão!» o que pede emprestado; o que pretende embarcar seu filho; o que traz um pequeno chapeu de viagem, a gola da quinzena levantada para cima e as mãos nas algibeiras; o que usa bengala e fato preto: o que anda de calças com presilhas e que já foi militar; o que se veste bem, o que nos sabe o nome, o que nos sacode com pequenos piparotes familiares o pó da sobrecasaca, o que nos enfia um dedo por uma casa do paletot, o que está vexado, o que pede pela primeira vez, o que nunca mais tornará a pedir. Ao todo a decima parte da população de Lisboa.

Outro typo: *o empregado publico*. Rendimento medio 300 mil réis annuaes. Gasta metade d'esta quantia na renda da casa; dispende a outra metade na sua *toilette* e na *toilette* de sua mulher, — porque é de notar que se lhes não per-

mitte o uso exclusivo da simples folha de vinha!
— Applicada uma metade da receita á habitação e a outra metade ao vestuario, o empregado publico portuguez vive — com o resto. Pede-se a Sua Magestade o obsequio de acreditar que não vive bem. De resto tem joelheiras nas calças. Se é amanuense traz uma grande unha crescida no dedo minimo de uma das mãos; e só deixa de usar um sobretudo na força do verão.

O joven sacerdote. Um galan de theatro de provincia, com corôa.

O soldado. Menino de côro com fardeta militar. Face pallida, corpo enfesado e pequeno, annel no dedo.

Policia. Aquelle de képi e espada, que quando não namora medita, e quando não medita namora.

O aba (designação abreviada e metaphorica). Valsista de touros ou toureiro de valsas. Aspecto imberbe mas carrancudo; fato curto; calças de bocca de sino, esporas, grossa bengala de cana

da India com castão de marfim, — chapeu de aba direita.

O caixeiro de modas. Parecenças de cão da Terra Nova immergindo de um banho de oleo de amendoas doces. Cabello escorredio apartado desde o alto do nariz, por diante, até á cinta, por traz. Palavra doce, olhos sentimentaes, rosto pallido, attitudes lyricas, mãos vermelhas.

O brazileiro. Conhece por certo Vossa Magestade o brazileiro de Minas Geraes, o de Mato Grosso, o do Catete, o da Tijuca e o da rua do Ouvidor: este não é o nosso brazileiro. Ha dias liamos no registo dos leitores de uma bibliotheca o seguinte: *Fulano de tal — profissão, brazileiro — naturalidade, Mesão Frio.* Este, imperial senhor, é o nosso brazileiro. Elle habita o Pedro Alexandrino e frequenta os banhos sulphuricos do doutor Lourenço, o *Club Lisbonense* e algumas boticas. Tem muito dinheiro, o que o não impede de ter varias molestias. As orelhas d'elle são geralmente lividas e separadas do craneo. Anda acamaradado com outros, e encontram-se sempre em turmas ou no passeio de S. Pedro de Alcantra, onde costumam sentar-se,

ou nas carruagens do caminho de ferro onde descalçam as botas, ou no Pedro Alexandrino onde vagueiam n'um silencio mysterioso embuçados nas suas capas. Perfeitamente respeitaveis pela sua iniciativa e pelo seu trabalho, constituem uma especie de tribus, sem patria que os adopte, porque em Portugal chamam-lhes brazileiros, e no Brazil chamam-lhes gallegos. São esses que ahi vão—de bengalas de unicornio na mão e alfinetes de brilhantes no peito das camisas.

O militar reformado. Bigode grisalho, nariz vermelho, oculos, gravata alta, voz grossa. Frequenta a loja de um fabricante de barretinas, ama o imperador, augusto pae de Sua Magestade imperial, ama ainda a salada de camarões e as amendoas torradas; odeia tudo o mais, e passeia ás tardes no Rocio.

O operario. Typo incaracteristico. É o janota barato e em terceira mão, assim como o janota é o dandy de pouco preço. Detesta a blusa e prefere parecer um fidalgo indigente e desmoralisado a representar um honrado sapateiro ou um digno tecelão. Particularidade notavel: Não ha em Portugal operarios velhos.

O politico. Espera de tarde os deputados á porta da Casa Havaneza, e faz á noite discursos no café Martinho. É aquelle que passa vestido de escuro, com a barba por fazer, as mãos mettidas nas algibeiras do paletot, o passo apressado : vae para a camara, onde pretende que haverá chrinfrim. É correspondente de um jornal de provincia ou requerente de um emprego publico. Não se lava nem escova o fato : o seu banho é o orçamento, a sua escova é o sr. Santos e Silva ou o sr. Marianno de Carvalho.

Deputado de provincia. Esse que sorri por baixo do seu chapeu novo, e que seria em Lisboa o homem mais feliz do mundo, se não lhe succedesse uma desgraça — estranha os comeres!

Mulheres. Entre todas as physionomias femininas que Sua Magestade poderia ver cruzarem-se n'essa rua falta uma importantissima: o typo lisboeta. É a mulher pequenota, arredondada, *potelée*, morena, cabello abundante, negro e lustroso, olho inquieto espreitando na orbita como a cabeça de um grilo entre os alfinetes da gaiola, mão polpuda, pé gordo e pe-

queno, sobrancelha espessa, e — particularidade para que temos a honra de chamar particularmente a attenção dos estudiosos — buço! Ha annos já que se notava que a mulher typica, a indigena de Lisboa, lentamente se despaizava: perdia importantes partes da sua velha e caracteristica devoção a Santo Antonio; o vaso de manjarico e a massaroca de alfazema, — adorno e riso do seu telhado, companhia e perfume do seu bragal — principiaram a baixar de preço; ella abandonou em seguida o *capote e lenço*; por fim, ultimamente — oh saudade eterna! — poz tambem de parte o buço! Não sabemos realmente o que fizeste, ó mulher de Lisboa, abandonando o bigodinho lendario, cunho e brazão do teu rosto! Nossos paes não vos conheceriam assim — sem elle! Sem elle pareceis padres! Oh! é impossivel! não queremos ainda acabar de crêr que vós deitasseis fóra os buços! Se a nossa voz póde penetrar em vosso coração, exoramos-te, ó mulher de Lisboa, que, se Sua Magestade Imperial voltar a visitar-nos, o não obsequeies tu pondo só luminarias: põe tambem o buço!

Temos depois a mulher que se faz acompanhar e respeitar por um embrulho de papel que

traz sempre na mão; a que usa um cãosinho ao colo; a que leva um menino pela mão; a que percorre quotidianamente todas as lojas; a que frequenta o Atterro; a que cursa o passeio do Rocio; a que ama os beneficios no theatro de D. Maria; a que se consagra exclusivamente a S. Carlos; a que tem a especialidade *bailes*; a que sacrifica o anno pela sua estação em Cintra ou pelos seus banhos em Cascaes. Pequenissimas differenças só discriminaveis a ponta de agulha as separam, e no entanto separam-as radicalmente essas pequenissimas differenças. A do Atterro despresa a do Passeio Publico; a do Passeio Publico odeia a do Atterro; a de S. Carlos e a do theatro de D. Maria nunca olham uma para outra; a que leva o menino pela mão e a que leva o cão ao colo mudam de passeio quando se encontram no caminho. Ha uma que compra bolos ao meio dia na confeitaria Cócó, ha outra que luncha ás duas horas na pastellaria Baltresqui: são duas adversarias, tanto em pasteis como em principios. De resto elegantes, espertas, leves e bonitas. Sómente as suas *toilettes* sensibilisam, porque parecem menos um capricho da moda do que um proposito de penitencia: Os saltos Luiz xv não permittem andar

a pé; as *tournures* e os *poufs* não consentem o sentar-se; os penteados, a altura dos chapeus e o ornato das pennas não deixam trazer a cabeça direita debaixo do tecto franzido das caleches fechadas. Esta incompatibilidade entre as prescripções da moda e os usos da existencia — porque emfim é indubitavel que a gente ou ha de andar a pé, ou ha de ir em carroagem, ou ha de ficar sentado, tres coisas que as *toilettes* contemporaneas não dão licença que se façam — esta incompatibilidade, dizemos, determina sacrificios quasi sobre-humanos que não são o menor dos titulos da mulher contemporanea á nossa gratidão eterna.

. ˙ .

Vejamos os interiores das casas.

A sala do pequeno burguez. Cadeiras de mogno com assentos de palhinha enfileiradas como em revista militar ao longo das paredes; chão esteirado; cheiro a figo; sophá e dois *fauteuils* com estofo de seda sobre um tapete em que está debuxado um leão; mesa com marmore entre duas janellas; vasos com flores de papel; castiçaes de prata; um quadro bordado a missanga; uma espevitadeira. De quando em quando combina-se uma reunião de certas visitas; toca-se

piano; uma ou outra vez dançam-se os «lanceiros» ou joga-se a manilha; ás onze horas serve-se o chá: bandeja das chavenas seguida da bandeja dos bolos, em pratos doirados, tendo ao meio um cão de prata ou um ananaz do mesmo metal trespassado de palitos. Falla-se do estado em que se acha o mundo; narram-se casos de adulterio e de fallencias commerciaes; diz-se mal das *Farpas*, e retira-se cada um para sua casa.

Outro salão. Mobilia barata. O sophá não tem estofo. Não ha *fauteuils.* Na mesa do centro um prato com muitos bilhetes de visita ornados de corôas nobiliarias e de escudos de armas. Um *porte-bouquet* quebrado mettido com um leque na boca de um vaso de cristal. Habitantes que vão a casa dos outros mas que não recebem os outros em sua casa. Alta convivencia fóra e profunda miseria dentro. Uma creada de chinellos fecha a janella, de onde esteve conversando para a rua; tem na mão um castiçal com vela de cebo e brutalisa com gritos uma creancinha que rabuja enchugando os olhos á ponta suja do seu bibe. Os outros pequenos dormem. O dono da casa está no jogo; a mulher percorre os bailes.

Outro. Uma mulher pallida, com um lenço atado na cabeça, embala com o pé o berço de uma creança adormecida, e cose phreneticamente sobre o joelho á luz de um pequeno candieiro de petroleo. Tomou-se chá com pão duro sem manteiga. São duas horas : ella cose, cose, cose... O marido ceia n'um gabinete do Matta com os seus amigos, porque elle, depois de S. Carlos, não póde passar sem ceia.

Um salão em que ha baile. — Multidão compacta. Ar que se póde talhar á faca. A quadrilha crusa-se de uma para a outra cabeceira do salão. Dos lados falla-se.

Um par que deseja amar :
— Já viu o *Ruy Blas?*
— Não.
— Ah ! deve ir ! Querer assim roubar-nos a sua *toi'ette*, o seu olhar, o...

Um par que ama :
— Vae ámanhã á *soirée* dos viscondes de...
— Vou.
— Não quero que vá.

Um par indifferente:

— Como está bem a dona da casa!

— Acha?

— Acho, e v. ex.ª não acha?

— Eu tambem acho.

. ˙ .

Ha outros typos. E, já que é preciso dar de Lisboa a Sua Magestade Imperial uma idéa que se não exaggere por nenhum dos lados, vejamos, por exemplo, esta casa:

Apenas tocamos na campainha a porta abre-se. Uma luz branca cae de um candieiro em que não ha doirado nem vermelho. Ar perfeitamente puro: sente-se que durante o dia não estiveram os criados nem os fornecedores fumando n'este sitio. Um criado velho, polido, sereno, fallando baixo, como quem jantou discretamente sem discutir com o cozinheiro e sem fazer saudes com os lacaios, recebe os nossos paletots, e abre as portas de casimira que fecham o patim da escada, sem as cortezias e sem os sorrisos que trahem o criado francez, e que lembram o *garçon de café* e o *pourboir*.

Um só lanço de degraus largos envernisados de branco; ao meio um tapete passado em has-

tes de cobre reluzente; não ha taças de onix nem bronzes celebres, mas tambem não ha potes de faiança, nem chineserias remendadas, nem imitações de zinco, nem telas de ferro-velho: uma escada que não póde confundir-se nem com a de uma *cocotte* nem com a de um *parvenu*.

Estamos no salão, onde não rege a antiga abusão lisbonense de que é inutil ou prejudicial nos aposentos a chaminé e o fogo, esse meio tão hygienico e tão confortavel de instalar a conversação, de corrigir a temperatura e de renovar o ar.

O tapete, os reposteiros, as cortinas, os estofos teem os tons cuja suavidade se comprehende por meio d'esta designação: as côres que cheiram bem.

A mobilia abraça-nos bondosamente e convida-nos a ficar, sem pretenções a que lhe perguntemos d'onde veiu, quanto custou, e por onde deseja que se lhe pegue para lhe fazermos elogios.

Junto de uma mesa redonda, á luz de um grande abat-jour senhoras trabalham não importa em que; — occupam-se, o que é um dever moral de toda a mulher bem educada.

Teem boa côr e bons dentes brancos, luzi-

dios e humidos; teem tambem saude, e, na mulher moderna, ter saude não é sómente um facto physiologico, é tambem uma affirmação dos costumes, um symptoma de educação e de moral.

Estão simplesmente vestidas: pouquissimas joias, vestidos quasi lisos, de uma só linha, desenhando a espadua, reentrante na cinta e caida n'uma unica ondulação que se espraia na alcatifa. Mangas lisas, e mãos afiladas e eburneas mechendo no trabalho.

Ha um pequeno, de oito annos, alegre e forte, logicamente vestido de uma só côr e de um só estofo — flanella; tem os cabellos curtos: não tem pomada nem perfumes, mas na sua cabeça loira sente-se aquelle doce e casto aroma, similhante aos dos ninhos, que exhalam as creanças que se banham todos os dias e que brincam ao sol; não é buliçoso, falla correctamente duas linguas, e não anda no collegio.

Installamo-nos, abrimos as nossas opiniões, deixamos partir os nossos ditos e o nosso bom humor. Sua Magestade, chegando de Paris — unica terra do mundo, onde verdadeiramente se conversa — fallaria naturalmente um pouco mais do que nós, e ficaria encantado do modo

como o entenderiam, da perfeita sciencia de ouvir com que seria escutado, das replicas que lhe fazem, das objecções que lhe põem, dos finos sorrisos benevolos com que o festejam, da perfeita communhão, emfim, em que entram rapidamente os nossos pensamentos, tornando a conversação espumosa e fazendo reluzir as palavras como aquelles pequeninos globulos de topasio que se veem em constante movimento atravez de um copo de Champagne.

Tomamos chá preto servido em antiga prata, ao modo inglez. Á meia noite inclinamo-nos diante d'estas senhoras, enfiamos os nossos paletots, accendemos os nossos charutos e vimos para a rua ponderar que passamos uma noite sem fallar nem de *toilettes*, apezar de nós estarmos com senhoras de Lisboa — nem do sr. Fontes Pereira de Mello ou do sr. bispo de Vizeu, apezar de ellas estarem comnosco.

Em Portugal ha talvez dez salões tão perfeitamente distinctos como este.

. ˙ .

Ácerca de um mez estivemos em casa de mademoiselle A ..., a qual partiu ha quinze dias

para a ilha da Madeira. Havia quinze senhoras. Quasi todas ellas fallavam tres linguas. Tinham viajado, possuiam um grande numero de idéas justas e de opiniões rectissimas, algumas com um relevo de individualidade e de caracter perfeitamente varonil. Julgaram inutil dançar. Fallou-se de alguns dramaturgos: o que obteve maior numero de votos foi Shaskspeare. Uma tocou musica, que tinha feito. Pendentes do muro havia dez ou doze quadros perfaitamente pintados a oleo por mademoiselle A ···, cujas obras nunca appareceram nas exposições de pintura. Minuciosidade curiosa: — Entre outras mil coisas fallou-se de Deus: não houve divergencias de opinião, e no emtanto as quinze senhoras a que nos referimos representavam tres religiões differentes — a protestante, a catholica e a israelita.

. ˙ .

As *Farpas* não teem por costume acompanhar com o seu lapis estes contornos mais particularmente sympathicos da sociedade que vão pouco e pouco retratando n'estas chronicas. Nós não somos os meigos lisongeadores do mundo em que vivemos: o nosso processo não é posi-

tivamente o do pintor Latour, debaixo dos cujos amaveis pasteis se idealisavam as feições de todas as mulheres da Regencia, que elle retratou. Nós não procuramos o ideal, procuramos apenas o verdadeiro. Não é tão difficil de achar, mas custa um pouco mais a expôr.

Ora as verdades são como as cabeças de marcella:

Se não amargam não prestam.

N'este numero porém entendemos deixar voar algumas das poucas verdades doces que temos para nosso uso. Occultal-as poderia deixar crer a Sua Magestade imperial que nós lhe dedicavamos este volume com o intuito reservado de que Sua Magestade, apiedando-se ao lêl-o da nossa mesquinha sorte lusitana, nos convidasse principescamente a irmos passar as noites para o arrabalde de S. Christovão, o que, em verdade, não é a coisa pela qual fazemos votos mais garantidamente fervidos.

Um momento de attenção. O Imperador do Brazil quando esteve entre nós e mesmo fóra de nós — era alternadamente e contradictoriamente — *Pedro d'Alcantara* e *D. Pedro* II.

Quando as recepções, os hymnos ou os banquetes se apresentavam a glorificar *D. Pedro* II — elle apressava-se a declarar que era apenas *Pedro d'Alcantara*. Quando os horarios de caminhos de ferro, os regulamentos de bibliothecas ou a familiaridade dos cidadãos o pretendiam tratar como *Pedro d'Alcantara*, — elle rompia a fazer sentir que era *D. Pedro* II.

De tal sorte que se dizemos que esteve entre nós *Pedro d'Alcantara*, erramos — porque elle declarou que era *D. Pedro* II. Se nos lisongeamos por ter hospedado *D. Pedro* II desacertamos — por que elle declarou ser *Pedro d'Alcantara*.

Que farão os historiadores futuros? Dirão que viajou em Portugal *D. Pedro* II? Mas se elle o negou! Narrarão que Portugal foi viajado por *Pedro d'Alcantara?* Mas se elle o contradisse!

A historia não tem nome a dar-lhe!

É por isso indispensavel, para segurança das chronicas, que se lhe dê um nome que não sendo

Pedro d'Alcantara nem D. Pedro II — seja bastante generico para os abranger ambos; e que ao mesmo tempo seja bastante abstracto para se poder attribuir sem desdouro a um principe, se elle o era, — e para se poder dar sem exaggeração a um plebeu, se elle o fosse!

Proporemos por tanto aos presentes e aos futuros que elle — que não póde ser chamado Pedro d'Alcantara por que o vedou, nem D. Pedro II porque o negou — seja simplesmente chamado — PST!

Fallemos da malla deste principe illustre. Todos a conhecem. Ella deixa na Europa uma legenda perpetua. Durante mezes, viu-o o Velho Mundo absorto — atravessar as capitaes, estudar os monumentos, sulcar os mares, costear os montes, visitar os Reis, olhar as paisagens, ensinar os sabios, — com a sua malla na mão! É uma malla pequena, de coiro escuro, com duas azas que se unem. É por alli que elle a segura. Na outra mão trazia ás vezes o guarda-sol, de-

baixo do braço ia o embrulho de papel. Muitas vezes foi visto sem o guarda-sol, ás vezes alheou de si o embrulho, — a mala nunca! Paris, Londres, Berlin, Vienna, Florença, Roma, Madrid, o Cairo, — conhecem-n'a. Ella ficou popular na Europa — como o pequeno chapéo de Napoleão o Grande — ou a grande covardia de Napoleão o Pequeno! Mesmo a celebridade da malla encobre um pouco a gloria do principe. Como se dizia da batalha d'Austerlitz — muito tempo se fallará d'ella sob os lustres dos palacios e sob o tecto das cabanas. D'elle — menos!

.˙.

Muitas opiniões se erguem em torno d'essa malla fechada. — Que continha ella? — Uns querem que ella tivesse no seu seio os thesouros imperiaes: outros affirmam que ella continha os imperiaes manuscriptos: outros, mais profundos, sustentam que dentro havia piugas: outros, mais discretos, affiançam que dentro não havia nada!

.˙.

Tal se nos affigura a verdade: a malla não continha nada!

A malla era uma insignia: a insignia do seu

incognito. S. M. Trazia em wagon a malla, como usa no throno o sceptro: como a corôa é o signal da sua realeza no Brazil, a malla era o signal da sua democracia na Europa. A malla é o seu sceptro de viagem — como o perpetuo chapeu baixo é a sua corôa de caminho de ferro. Se S. M. trouxesse as mãos vazias, isso indicaria apenas que Sua Magestade não trouxera o sceptro porque o incommodava para dormir, no beliche do paquete: mas não daria a ninguem o direito de affirmar que elle não era o Principe, o Imperante, o Soberano! Com a malla não: a malla significa que não só não tem na mão o sceptro, mas traz na mão a bagagem; que não só deixou a realeza no Brazil — mas tomou a sem cerimonia na Europa! A malla é o signal evidente do seu incognito! a malla é o cartaz da sua familiaridade! A malla diz: apertem-me a mão, tratem-me por Pedro e não me toquem o hymno! A Europa olhava-lhe para as mãos via-lhe a mala, e dizia logo: ó aquelle, que tal te dás por cá? O Senhor D. Pedro trazia a malla — para que o não confundissem com Sua Magestade. Aquillo queria dizer: reparem que não sou Elle. Á entrada das cidades, approximavam-se d'elle as recepções officiaes; mas Sua

Magestade mostrava a malla — e immediatamente as auctoridades desabotoavam os coletes! Os cortesãos iam a beijar-lhe a mão; mas Sua Magestade descobria a mala — e os cortesãos davam-lhe logo, maganamente, palmadinhas no estomago!

Se Sua Magestade percebesse que uma só malla não era sufficiente para mostrar o seu desejo de sem cerimonia, Sua Magestade era homem para tomar — duas mallas! Se as recepções insistissem Sua Magestade deitaria ao hombro — um bahu! Sua Magestade estava disposto a tomar sobre as suas costas — tantas bagagens — quantas fossem necessarias para provar que elle não era o principe!

Em Portugal, como receasse recepções ostentosas á entrada — Sua Magestade accrescentou á sua mala um guarda sol, e ao guarda-sol um embrulho! Foi assim que o viram descer do wagon os povos perplexos! Eram os seus documentos! Se não tivesse havido a precaução, de retirar apressadamente todo o apparato — sabe-se que Sua Magestade estava disposto a mostrar — as suas chinellas de moiro! Mas as auctoridades, em toda a parte, mal viam Sua Magestade começar a demonstrar, por familiarida-

des, que não era principe — apressavam-se a affastar toda a ceremonia, receosos que Sua Magestade levasse a sua demonstração até ao excesso impudico — de despir as calças!

Foi graças a estas precauções que Sua Magestade conseguiu atravessar a Europa, — disfarçado na sua malla. É por isso que ella estava vasia. Sua Magestade não a usava como bagagem — punha a como disfarce. Sua Magestade trazia a malla — como outros trazem um nariz postiço.

. ˙ .

No entanto, — disfarce ou bagagem — a malla é sympathica: dá um perfume de boa pessoa e sente-se a honestidade. Uma malla pequena não póde chegar para tudo: tapa por um lado o rei, — descobre por outro o homem de bem!

Sua Magestade imperial passa, com justiça, por um dos homens mais sobrios do seu vasto imperio. Sopa, carne cosida, legumes, *beeftaeck*,

agua, 20 minutos de demora e um palito, tal é o perfil dos jantares da côrte nos paços da Tijuca.

É verdade que os jornaes parisienses contaram que no jantar que o sr. Adolpho Thiers, presidente certo de uma republica incerta, deu ao imperador do Brazil,—Sua Magestade a cada momento cortava a fina conversação litteraria e sceptica que faiscava em redor da mesa—para gritar com a sua imperial bocca cheia: que magnifico prato! que precioso peixe! que sublime galinhola!

No entanto, esta circumstancia de estupenda gula, narrada com ironias finamente cravadas—não offerece autenticidade: é um *reclamo*, é uma adulação politica á cosinha do dito Adolpho! Os jornaes republicanos como não encontram nada a exaltar nas idéas politicas de Adolpho—querem ao menos glorificar-lhe os cosinhados do jantar: já que não podem dizer: que organisação elle dá á França! gritam: que jantares elle dá á gente! A verdade incontestavel é que Sua Magestade o Imperador—é um sobrio!

Ha porém um só objecto ácerca do qual Sua Magestade revela uma gula excepcional: é a sua fraqueza: é o espinho da rosa imperial. Sua Ma-

gestade desdenha, demagogicamente — desde a truffa até ao Johanisberg — todos os delicados mimos da fornalha ou da adega. Uma só coisa lhe aguça a lingua. Uma só lhe vibra o paladar, lhe ruborisa os beiços : para uma só coisa tem a curiosidade gulosa e a soffreguidão apressada — para o hebraico!

Sua Magestade é um guloso de hebraico. No hebraico — rapa os pratos e lambe os dedos. E por uma inexplicavel imprevidencia, Sua Magestade não traz comsigo nem um hebreu nem um sabedor de hebraico! De tal sorte que nos longos dias preguiçosos de paquete, nas horas fastidiosas de wagon, — Sua Magestade passa crueis privações — de hebraico. Por isso chega sempre esfaimado, soffrego, insaciavel de hebraico : e mal entra as portas festivas dos hoteis, ainda com a malla na mão, rompe logo a pedir nos corredores, com ganidos de gula, quasi com assomos de colera — o predilecto hebraico!

.˙.

Quando Sua Magestade imperial chegou a Londres, o principe de Galles enviou-lhe alguns dos seus ajudantes de campo, um d'aquelles lindos *captain* de *Sydinham-House*, rosados e

loiros, discretos, quasi virginaes, com um jasmin do Cabo na farda e grandes rosetas de oiro nas suas esporas gothicas. Um ajudante perguntou então a Sua Magestade o que desejava, n'aquelle momento em que punha o seu pé brazileiro nas fuscas planicies d'Albion: esperavam que Sua Magestade pedisse noticias da côrte, a historia dos monumentos, um caldo ou um banho.

Sua Magestade respondeu avidamente: hebraico!

Os officiaes olharam-se consternados: e o Imperador com os labios seccos, as mãos nervosas, o appetite enristado, repetia famintamente: — hebraico!

Então por um rasgo profundamente lucido, os ajudantes do principe de Galles levaram, a toda a brida fogosa de um *laudau*, o Imperador do Brazil — á Synagoga! Sua Magestade precipitou-se entre os hebreus: os sabios *rabbis*, que são doutores da lei, cercaram-no: e então, vorazmente, a grandes bocados, com guinchos de goso, o Imperador do Brazil, consummiu incalculaveis porções de hebraico. E depois de se fartar, olhando em redor — pediu mais!

Certos donos de hoteis, em algumas cidades, ficavam apavorados e confusos quando Sua Magestade assomava aos limiares das portas pedindo hebraico a altos brados. Alguns arriscavam timidamente:

—Se Vossa Magestade quizesse antes um caldo...

—Hebraico!...

—Se Vossa Magestade quizesse antes um banho...

—Hebraico!

Foi assim, em Lisboa, no Lazareto. Sua Magestade já ao descer as escadas do paquete vinha resmungando: salta o meu hebraicosinho! E d'ahi a minutos, expedia gritos famintos. Houve consternação. Tudo estava preparado: havia a *canja*, a *orelheira*, a *broa*, o *capilé*, o *caldo d'unto*, todos os artificios do genio portuguez—mas ninguem se lembrára do hebraico! E Sua Magestade estrebuchava!

Partiram então exploradores em todas as direcções—e por fim, voltaram trazendo estonteado e surprehendido o sr. Salomão Saragga, (o sr. Saragga falla o hebraico).

Sua Magestade esperava anciosamente, debruçado na janella. Não houve cumprimentos,

nem se pôz toalha: serviram-lhe o sr. Saragga, assim mesmo, — cru! Sua Magestade deixou-lhe uns restos!

. ˙ .

A verdade é que n'este abuso excessivo que Sua Magestade faz do hebraico, ha uma rasão — é ser Sua Magestade versado no estudo das linguas orientaes: o hebraico, o arabe sobretudo, encontram n'elle não um *dillettanti* curioso, mas um estudioso sabio.

Ora Sua Magestade faz, por muitas razões, muito bem em ser um sabio... e dir-lhe-hemos — como Sua Magestade ama as linguas do oriente — no pouco arabe que aprendemos no Cairo:

— Taib edder — dogrhi, dogrhi!

E no escasso turco que aprendemos em Jerusalem:

— Pek eyi effendum, ou lou iol dir!

Meus senhores, escusam de estar assim pasmados, com uma physionomia de chafariz. Os senhores não percebem, graças a Deus, as graves palavras que dissemos a Sua Magestade. Só Elle e nós. Graças ao arabe do Cairo e ao turco de Jerusalem, — dialectos terriveis — vós não

o sabereis nunca, oh burguezes! Só nós — e Elle!

Sua Magestade Imperial usando da palavra na academia na qualidade de socio honorario d'aquella corporação scientifica fez, segundo vimos de extractos da respectiva acta publicados pela imprensa, a apologia de frei Luiz de Sousa, e pediu á academia que mandasse desenterrar — dos entulhos que a encobrem á veneração dos peregrinos — a lapide tumular do chronista dominicano sepultado em Bemfica.

∴

Achamos perfeitamente legitimo o respeito de Sua Magestade por frei Luiz de Sousa, o qual em nosso entender tem apenas o ligeiro defeito de ser um pouco mais frade do que é licito a um frade com talento. A historia da edificação do convento de S. Domingos na cidade do Porto, como este escriptor a refere, é de um milagrento

tão saloiamente simplorio que desperta graves suspeitas ácerca do criterio ou da boa fé do auctor. Um que nunca diria aquillo era o padre Vieira. Por isso tambem entre os religiosos Vieira foi sempre considerado como um bife fraudulentamente sequestrado á frigideira do Santo Officio.

. · .

Emquanto porém á lapide sepulchral de Luiz de Sousa, se o imperador do Brazil sabe que ella se acha — encoberta pelos entulhos — permittir nos-hemos uma lembrança em beneficio do respeito aos finados illustres:

Sendo uma questão de entulho a do caso presente, e tendo-o Sua Magestade devidamente averiguado nos logares, tornaria porventura mais efficiente a sua iniciativa archeologica, se, em vez de trazer a sua communicação ao seio da academia, a transmittisse simplesmente, em Bemfica mesmo, — a quatro pedreiros da localidade.

. · .

Commetter á academia o encargo de desentulhar os terrenos suspeitos de conterem lapides memoraveis estabelece um precedente cujos resultados — ousamos lembral-o a sua Magestade

— poderão dentro em poucos annos ter occupada toda a corporação scientifica de que Sua Magestade faz parte em acarretar materiaes, — não para o edificio da civilisação, mas para o Aterro da Boa Vista.

A Universidade e os seus doutores — teem espalhado algumas apreciações rancorosas sobre a maneira como Sua Magestade o Imperador se apresentou na sala dos capellos, n'um dia de doutaramento e de cerimonia: dizem que Sua Magestade trajando *jaquette* de viagem, com um chapeu desabado, e um sacco a tiracolo, se veiu sentar nos bancos severos da antiga sala adamascada — com a mesma familiaridade com que se sentaria na almofada da diligencia dos Arcos de Val de Vez. E a Universidade quiz ver no jaquetão de Sua Magesgestade e no seu chapeu braguez a mesma significação desattenciosa, que o Parlamento de Paris viu, em outras eras, nas altas botas moles e no chicote de estalo do defuncto Luiz XIV.

. ˙ .

Não nos parece justificavel o rancor da Universidade.

É verdade que um principe póde deixar de se comportar com a pompa de um rei — sem que por isso passe a comportar-se com o esbandalhado de um varredor. Entre o manto de arminhos e o jaquetão — ha gradações. Um rei por não ir ao passeio com o seu sceptro de oiro — não se segue que vá com as suas chinellas de ourello: por não receber as authoridades com o seu uniforme — não é honesto que as receba — nú! Por não se visitar um paiz com a gravidade official de quem examina uma instituição — não é coherente que se veja, com o desabotoado de quem fiscalisa um curral. — Mas tambem não nos parece que um jaquetão e um chapeu desabado sejam uma *toilette* que deva escandalisar a sala dos capellos.

É necessario que os srs. doutores saibam a theoria da *toilette* official: a *toilette* só é exigida — quando a *toilette* é um fim. N'um baile, n'uma gala, n'uma opera — a gravata branca, a luva *gris* ou *perle*, a flor de itea ou a grã-cruz são essenciaes — por que essas festas gentis são exclusivamente a reunião de *toilettes* ele-

gantes, entre decorações elegantes, para um fim elegante — walsar, comer truffas ou beijar a mão de um rei! É um fim de dandysmo, de crevetismo, de tenorismo — onde tudo converge para a harmonia geral — as *toilettes*, as *librés*, os espelhos, os decotes, as joias, os estofos e as intrigas. Então trata-se de festejar, reluzir, amar, scismar: e a *toilette* torna-se — o fardamento da voluptuosidade.

Mas quando se trata apenas de doutorar o sr. fulano, bacharel — não nos parece que tenham cabimento as preoccupações de luxo. Se a veneranda cerimonia do capello é uma festa *raffinée*, que requeira as subtilezas de *toilette* — onde estão as flores, os gelados, as damas de hombros nús, o rumor das orchestras, os *frous-frous* da dança e os finos peccados? Se o capello é uma festa galante, porque é que o sr. padre Rodrigues de theologia, não olha meigamente o seu gordo collega padre Victorino, dizendo-lhe, baixinho, entre o palpitar do leque — *adoro-te!* Porque é que o sr. dr. Brito, de direito, nos priva do maravilhoso contorno do seu collo, trazendo batina — afogada? Por que não vemos os srs. lentes jubilados, resvalarem no rithmados balanços da walsa, e por que é que o sr. For-

jaz, de direito, não dirige os arrebatamentos do cotillon? Ah os srs. querem *toilette?* — Walsem! Querem gravatas brancas? — Tenham gelados. Querem luvas côr de palha? — Amem, srs. doutores de capello!

Mas para ver uma enfiada de rostos somnolentos e de batinas caturras sentada n'um estrado, para ouvir uma charanga torpe dilacerando a grandes golpes de figle um minuete da sr.ª D. Maria I, para ver quatro archeiros sebaceos perfilados, entre ramos de louro murcho encostados á parede — querem os srs. que a gente ponha gravata branca e um penteado de etiqueta? Pois não vemos ahi os srs. de theologia, antigos egressos espapados de gordura, com as suas velhas batinas nodoosas? Não vemos os srs. de direito, antigos commentadores do Pegas, com os seus sapatos achinellados? — Quando foi que a Universidade teve jámais o instincto, a curiosidade e o amor da *toilette?* Ella que ainda ha pouco levava ao carcere os estudantes que usavam collarinho! Ella que reprovava os estudantes que entravam nas aulas — com luvas! Ella que prohibia em Coimbra os estabelecimentos de banhos! Ella, que destinada a bacharelar as novas gerações, conseguia sobretudo — su-

jal-as! Ella! — E escandalisa-se, abespinha-se, amua — por que Elle foi ver um capello, elle viajante, elle Pedro, elle espectador, elle turba multa — de jaqueta e chapeu braguez! E onde então! Na sala dos capellos — que é a Egreja onde se professa para doutor, onde se troca a elegancia mundana pela negra batina cathedratica, onde o sujeito deixa de ser um homem á vontade para ser um lente sorumbatico, onde faz voto de melancholia e de carranca perpetua, onde jura matar o sorriso — e substitue a alma por um compendio. E é n'este logar funerario que os srs. doutores imergem da somnolencia sepulchral para murmurarem — talvez em latim! — *olha aquelle de jaquetão!* — A Universidade dando-se ares de saber — que existe a casaca! Irrisoria vaidade conimbricense!

. ˙ .

É celebre! Vimos sempre a Universidade, quando se tratava de pôr gravata branca — desculpar-se com as suas preoccupações por que tinha de fallar latim, — e agora que se tratava de fallar latim, a Universidade recusa-se por que um dos assistentes não está de gravata branca!

Pois que! Recebe a Universidade um sabio, e

em logar de se perder com elle nos retiros difficeis das mais sérias questões scientificas — olha-o, recua, e diz-lhe cocottemente: *para traz! que horror! o sr. não está de casaca!* E não o comprehende! Não comprehende o que havia de critico, de sabio, de pensado — na *toilette* de Pedro. Elle quiz-se apresentar entre sabios na modestia do sabio! Elle não quiz humilhar nenhum sr. doutor — pelo aceio da sua roupa branca! Elle vestiu-se com o rigor — scientifico. Elle, antes de sair para o capello, em logar de molhar os dedos n'uma taça de agoa de colonia — sabe-se isto — ensopou as mãos n'um tinteiro! Elle sabia a velha tradicção universataria—que o rasgão é uma gloria e a nodoa um fim! — E, se a Universidade tivesse logica, devia escandalisar-se e corar — não por elle se ter abstido da gravata branca, mas por ousar entrar n'aquelle recinto — com tão poucas nodoas no fato!

Deu-se um facto singularmente equivoco no sarau do Paço, offerecido ao Imperador — e foi

que, segundo as mais veridicas informações — muitos srs. ecclesiasticos assistiram ao concerto do Paço.

Ora o concerto não era uma recepção constitucional e politica, nem uma gala obrigatoria e legal — era uma festa!

Uma festa cheia de luzes, affogada em aromas, sonora de musicas sentimentaes, amollecida de estofos suaves, povoada de damas decotadas — galante, lyrica e feminina. Perguntamos se os srs. ecclesiasticos com os seus votos — podem participar d'estes gosos profanos.

Ou conhecemos muito pouco a essencia do catholicismo — ou não nos parece que os srs. ecclesiasticos possam estar legitimamente e segundo a lei dogmatica — n'um logar de arias, de sentimentalismo, de gelados e de decotes.

Da tradicção dos padres e dos santos não consta que as poderosas e mysticas figuras d'esses Homens do Espirito se encontrassem nunca — entre o rumor lascivo dos violoncellos e o palpitar amoroso dos leques. — De S. Bernardo sabemos que vivia em Clairvaux — para fugir da riqueza de Cister — e ahi, sob um alpendre de folhagem, comendo pão duro e bebendo no fio dos regatos, preparava-se para Deus: se se

correspondia com o rei de Inglaterra e com o imperador da Allemanha — era em dez linhas apressadas; — mas era em dez paginas que escrevia a pobres monges afflictos de alma para os encher da Graça. De S. Domingos sabemos que era descalço e esfarrapado, que, na santa ferocidade da sua fé — prégava e impellia uma crusada tragica contra os hereges do Languedoc: vendia os seus livros para comprar lenha aos mendigos; e um dia para soccorrer uma mulher pobre, como já não tinha dinheiro — quiz-se vender como escravo. Do poetico S. Francisco de Assis sabemos que renegou as suas riquezas, viveu muito tempo n'um buraco, e saiu-se a peregrinar as terras, penetrando na communhão da natureza, beijando as arvores, fallando aos passaros — e espalhando sobre todos os seres, flores, rochas, feras, montes e grutas o amor divino que o enchia! Está assim a legenda dos santos cheia dos renunciamentos mysticos e da hostilidade ao regalo. E em nenhum se acha — para exemplo dos srs. ecclesiasticos do concerto — que fosse espalhar o sentimento de Deus para um buffete resplandecente de baixellas, entre um copo de *marsala* e uma perdiz truffada!

Sabemos, pelo ensino da theologia, que nunca o sacerdote deve alhear do seu espirito a presença de Deus e a acção da Graça. Ora não é natural que ss. ss.as estivessem possuidos d'estes sentimentos — entre as melodias de Auber e os braços nús das senhoras!

O pensamento forma-se das coisas que nos cercam: o que vemos desprende de si uma idéa que vem fatalmente habitar, chorar ou cantar no nosso cerebro: de um mendigo uma idéa sae que vem para o nosso espirito soluçar baixo, de um jasmin uma idéa se exhala que vem para o nosso peito cantar de leve. — Por isso os antigos solitarios tinham, diante de si, a caveira! — E que tinham em torno de si os srs. ecclesiasticos do concerto? — Os molles sophás que inclinam ás preguiças romanticas, as musicas penetrantes e dissolventes que são o cathecismo sonoro do amor, e as damas decotadas, srs. ecclesiasticos! V. ss.as estiveram entre ellas, trespassaram-se dos seus aromas, roçaram pelas suas caudas rugidoras e languidas — e approximaram-se, srs. ecclesiasticos! Os cabellos lustrosos e magneticos pendiam caidos, conteslados de joias: os pescoços brancos tinham tons lacteos e a côr macia das carnações delicadas tocadas da luz: o collo arqueava-se, com

o pollido dos marmores pallidos, na languida franqueza da nudez! Em que pensavam v. ss.as srs. ecclesiasticos?

V. ss.as estiveram de certo no buffete: beberam talvez Champagne. O vinho torna a fibra amorosa e o suspirar frequente. E os vestidos, no seu *frou-frou* diziam os delicados segredos que teem as sedas, os leques sussurravam na sua palpitação emplumada, e as luzes punham sobre os cabellos negros aquelles reflexos que são as aureolas tenebrosas da paixão! Em que pensavam v. ss.as srs. ecclesiasticos?

Ora a nós outros, srs. ecclesiasticos, os homens peccadores e perdidos, não dá grandes estremecimentos a presença da belleza mortal: estamos acostumados, pela educação, ás glorias do decote. Tambem nos não agita o demonio electrico, côr de opala, que faisca no Champagne. Conhecemos Satanaz em todas as edições. E para nós um collo decotado não é a mysteriosa fatalidade da belleza — é o pescoço da sr.a fulana, casada com o conselheiro sicrano. Mas para v. ss.as educados no sinistro isolamento do seminario, presos pelos votos tyrannicos, tendo vivido na frieza da sachristia, fatigados do breviario.................................

E, srs. ecclesiasticos, os tempos estão de modo que o povo já se affasta dos simples virtuosos — reclama santos! Ora os santos não se suppõem entre o captivante rugir dos setins e a gemente preguiça das rebecas. Ninguem crê que uma rosa saia intacta de um forno e um sr. ecclesiastico puro — de um concerto. E um povo que não crê na pureza dos seus padres—termina por se esquecer dos martyrios do seu Deus!

.·.

Acceitem v. ss.as estes conselhos de velhos scelerados. Creiam que lhes queremos bem. Mas a verdade é — aqui entre nós — que v. ss.as podem ao subir para as festas dar ao creado — os seus paletots a guardar, mas não lhe podem dar a guardar — os seus votos. Ora votos por mais fortes que sejam — se os passearem muito entre hombros nús, se os aninharem entre as pregas das caudas, se os fizerem encostar ao buffete sobre os aromas do *Madeira*, se os fizerem scismar ao delirar das cavatinas — terminam sempre por lhes acontecer aquillo que acontece as casas commerciaes que abusam das festas — quebrar!

. ˙ .

Se porém succedeu que v. ss.as foram ao concerto por que Sua Magestade Imperial — assim como quiz lá ver os folhetinistas, quiz ver lá os sacerdotes — então lamentemos todos o singular temperamento d'este principe — que vae para o vagar dos saraus passar revista ás profissões! Apressado, curioso, tyrannisado pelo tempo escasso, queria ver na salla do Paço — o indice dos costumes e Portugal em resumo? Sendo assim louvemos que esse principe—assim como quiz ver na salla do concerto as profissões — não exigisse que tambem estivessem os estabelecimentos; e para poupar passadas não fosse casualmente requerer — que além dos folhetinistas e dos sacerdotes estivessem tambem nas sallas — as typographias e as egrejas! — Que embaraço para El-Rei nosso Senhor!

Constou que Sua Magestade imperial, na occasião de ser convidado para uma *soirée* no paço da Ajuda, fizera informar Sua Magestade fidelis-

sima de que lhe seria particularmente agradavel encontrar no sarau da côrte os litteratos e os escriptores celebres. Esta circumstancia, a ser veridica, levar-nos-ia a suspeitar que os homens illustres não frequentam o paço nas festas ordinarias — o que nos repugna acreditar.

É porventura crivel que não frequentem sempre o paço de um rei constitucional as celebridades e as illustrações artisticas e litterarias do paiz em que elle reina?!

Não pode ser. Em primeiro logar não se comprehende um salão verdadeiramente elegante sendo excluidos d'elle os homens de espirito.

Estes homens, não sendo por si mesmos distinctos em suas pessoas o que muitas vezes acontece, governam e dirigem sempre a distincção alheia, espiritualisam-n'a, dão-lhe o fino relevo do ideal e do bom gosto, intellectualisam-n'a, elevam-n'a. A convivencia do talento só é repulsiva aos burguezes, porque os humilha. A princeza de Orleans pediu um dia a dois dos frequentadores das suas salas que lhe consentissem metter uma cadeira entre os logares em que elles estavam juntos, sentou n'essa cadeira a sua filha, que era uma creança, mostrou-lhe um relogio que ficava fronteiro, e disse-lhe: «Lem-

bra-te que n'este dia e áquella hora tu estiveste sentada entre Alexandre Dumas e Victor Hugo.»

Além das rasões que militam para que em todos os salões aristocraticos e conservadores se recebam os homens interessantes, como um dos meios de tornar aprasivel e vivo o *statu quo*, acresce ainda que os reis constitucionaes teem uma especie de obrigação moral de affirmarem a sua individualidade — gerindo nos seus reinos a pasta do bom gosto.

As conveniencias da cultura das artes e das lettras nos systemas monarchicos e o abastardamento do gosto attribuido aos regimens puramente democraticos como uma das suas consequencias no ideal, constituem um argumento em favor das monarchias e em desabono das republicas. Todos os reis conhecem isto e todos procuram fortalecer na medida das suas posses o argumento que os serve.

Sabe-se que em toda a parte e em todo o tempo os periodos mais brilhantes do desenvolvimento das lettras condisseram com o maior esplendor dos thronos.

Sua Magestade fidelissima não ignora por certo esta verdade. Sua Magestade fidelissima não deseja seguramente que se possa dizer que

a sua influencia como protector do bello se resume em condecorar um baritono ou em dar uma abotoadura de camisa a um actor.

Logo é impossivel que Sua Magestade fidelissima não conheça pessoalmente, não convide para sua casa e não aperte a mão a todos os homens importantes pelo talento em Portugal.

Foi portanto ociosa — folgamos de o attestar — a lembrança do imperial viajante. Se este não encontrou na *soirée* do paço os nossos grandes homens de espirito a rasão não pode ser senão a seguinte:

Que os não ha.

E é então o verdadeiro caso de dizermos:

Que el-rei o perde!

Sua Magestade imperial visitou o sr. Alexandre Herculano. Isto é inteiramente incontestavel. Todos são accordes.

No que porém a opinião está radicalmente desaccordada — é ácerca do logar em que o Imperador brazileiro visitou o historiador portuguez.

O *Diario de Noticias* diz que o Imperador foi á *mansão* do sr. Herculano.

O *Diario Popular* affirma que o Imperador foi ao *retiro* do sr. etc.

O sr. Silva Tullio, declara que o Imperador foi ao *Tugurio* de Herculano; ainda que linhas depois se contradiz narrando que o Imperador esteve na *Thebaida* do illustre historiador que...

Uma correspondencia para um jornal do Porto affiança que o Imperador foi ao *aprisco* do grande, etc.

Outra sustenta que o imperador foi ao *abrigo* d'esse que...

Outros jornaes de Lisboa ensinam que Sua Magestade foi ao *albergue* d'aquelle que...

Outro exclama que Sua Magestade foi á *solidão* do eminente vulto que...

Outro conta que o imperante foi ao *exilio* do venerando cidadão que...

Ora, no meio d'isto, uma coisa terrivel se nos affigura: é que Sua Magestade se esqueceu de ir simplesmente—a casa do sr. Alexandre Herculano!

Infeliz principe! tinha marcado aquella visita no seu programma—casa de Herculano—e falha-a! Que infinita, amarga magoa o não tortu-

rará agora nas sombras murmurosas do Catete — que é o Campo Grande de *lá!*

Senhor!

Ousamos dirigir-nos a Vossa Magestade Imperial, por um motivo de indeclinavel justiça. Veiu Vossa Magestade a estes reinos e apezar de termos toda a obrigação de acreditar — segundo as ordens de Vossa Magestade — que não era Vossa Magestade que estava entre nós, succedeu que alguns imprudentes, em risco de cair no imperial desagrado, ousaram affirmar por factos publicos — que Vossa Magestade era Vossa Magestade! Egualmente aconteceu que, se por um lado Vossa Magestade negava ser o Imperador do Brazil, dava bastantemente a entender por outro — que não era inteiramente nem o defuncto Pilatos, nem o actual varredor da travessa das Gaveas. Emfim alguns indiscretos vendo um homem alto, forte, encanecido, com uma mala na mão, o hebraico na bocca, academico e irmão dos terceiros da Lapa — não esperaram mais e

no seu impulso febril e avido de glorificar o Imperador do Brazil festejaram Vossa Magestade: ainda que Vossa Magestade dizia que não era esse: mas emfim podia bem ser que fosse: e estes individuos deliberaram então accender em honra d'aquelle que Vossa Magestade diz não ser, uma illuminação no Rocio ao pé da estatua do pae de Vossa Magestade—que nós, por abreviatura, n'este paiz apressado e preguiçoso, chamamos familiarmente — o Dador! Estes individuos ergueram dois obeliscos de madeira e envolveram-n'os de tubos de gaz: o gaz não ardeu, mas tambem Vossa Magestade não era Vossa Magestade — e a illuminação não foi a illuminação: quiz tambem passar *incognito*. No entanto, se a illuminação se recusou obstinadamente a resplandecer, ficou inteira e pura — a intenção dos sugeitos. Elles não tinham bicos em seus obeliscos — mas sua alma estava cheia de luminarias.

Ora fazendo estas illuminações — secretas, elles tinham, Imperial Senhor, um fim supremo, docemente esperado. Elles, Senhor, são todos homens de bem, de boas familias, manejam regularmente as quatro especies, não comem com a mão, e teem boa roupa branca, — mas são aca-

nhados. São acanhados como araras. Deram amplamente o seu dinheiro, mas não dão facilmente o seu segredo. Tremem, descoram, recuam.

Ora nós, compadecidos e generosos, tornamo-nos a palavra d'estes timidos e a voz d'estes silenciosos!

Senhor!

Aqui os tem Vossa Magestade a seus pés. Vossa Magestade pode verificar que estão todos bem barbeados. Elles pedem, Senhor, uma coisa bem insignificante:

Não é que Vossa Magestade os visite a Valle de Lobos. Não é que Vossa Magestade lhes pergunte pela familia, como áquelle de quem fallam os telegrammas de Santarem. Não é que Vossa Magestade lhes faça a elles a honra que fez á orelheira de porco — proval-os. Não é que Vossa Magestade lhes compre os mimos de Pomona, que a plebe ignorante chama maçãs. Não senhor, o que pedem estes cavalheiros, sim, digamol-o:

É que Vossa Magestade os condecore com a commenda da Rosa! Ora ahi está!

Ah Imperial Senhor é que elles foram incançaveis! Vigiavam alta noite os trabalhos dos

obeliscos! Reanimavam com fallas exaltadas, o ardor dos operarios! Chegaram a estar de cocoras, revolvendo a terra! Quando a illuminação não ardeu, elles sopraram com desvairada furia, pelos canos! Alguns ficaram calvos! E se não poseram mais illuminações — é que Vossa Magestade bem vê — a cidade não podia ficar inteiramente ás escuras!

Ousamos dizel-o. Vossa Magestade deve-lhes a commenda! Não foi para outra coisa que elles ergueram dois obeliscos! Não foi para regalar os principes nem para allumiar a plebe. Para isso accendiam phosphoros! Foi no interesse superior das suas casacas pretas! Senhor! Foi para a commenda. Gastaram o seu dinheiro! contos de réis, senhor!

Senhor! Vossa Magestade é generoso, consolador, claro em sabedoria, luminoso e inexgotavel d'alma! Esperamos com os joelhos no chão, aos pés do Imperador...

Mas Vossa Magestade sorri! uma benevolencia radiosa aclara-lhe o rosto! O *sim* desejado formula-se-lhe nos labios!... Oh obrigado, senhor! A generosidade do dom será recordada nas glorificações da historia! E os senhores da commissão de festejos curvem-se na doce humil-

dade do reconhecimento, porque a commenda da Roza — *abicharam-n'a!*

E nós, Senhor, penhorados até á profundidade da nossa essencia — aqui ficamos n'estes paizes, para o seu serviço bem amado—ou como historiadores dos seus feitos ou como fornecedores de mais maçãs — Deus tenha Vossa Magestade sob o seu olhar paternal.

Ah! E não fallamos mais especialisadamente das illuminações do Rocio porque nos succedeu a seguinte desventura:

Na occasião em que saimos da casa em que nos achavamos para examinar os obeliscos que deviam allumiar a estatua do Libertador, augusto pae de Sua Magestade imperial, era tal o vento que se apagaram as luzes — de um creado que nos precedia.

Assim recuamos com temor de que, aventurando-nos ás escuras na praça, quebrassemos a cabeça — na illuminação.

No *Diario de Noticias* e no *Jornal da Noite* encontrámos esta commemoração das ultimas palavras proferidas por Sua Magestade o Imperador a bordo do paquete que o reconduziu á America.

« Deteve-se por duas vezes a falar com o sr. Filippe de Carvalho, director da *Correspondencia de Portugal* e perguntou-lhe se nunca havia de vel-o do Brazil. Quando conversavam, o sr. barão de Bom Retiro, aproximando-se de Sua Magestade, disse batendo no hombro do sr. Carvalho : « Aqui está um nosso bom amigo. »

« Bem sei, respondeu Sua Magestade, já nos conhecemos desde o Lazareto. »

Os jornaes a que nos referimos accrescentam :

« Registamos este facto porque é-nos agradavel ver como um soberano illustrado trata os homens da imprensa. N'esta demonstração de estima toda a imprensa é honrada e obsequiada. »

. ˙ .

Ao transcrevermos as expostas linhas — não o escondemos — palpita-nos o coração de enthusiasmo e de jubilo, humedecem-se-nos os olhos de reconhecimento, treme-nos a mão de commoção e de alegria...

É que nós tambem pertencemos á imprensa, e coisas d'estas ditas por homens d'aquelles a uma classe inteira — não se ouvem sem que vibrem em cada um todas as intimas cordas que ellas dedilham.

Mas, confrades, amigos, irmãos, não nos precipitemos! Oh! por Deus não nos precipitemos evianamente nos braços tenros d'essa Visão transcendente para baquearmos depois na negra desillusão, que causa a morte!

Dizei, amados e estremecidos companheiros, tendes bem a certesa de que Sua Magestade, elle, — que n'isto não haja confusão! — elle mesmo, o Imperador, por sua augusta e imperial bocca, tivesse dito, *ipsis verbis* :

« Bem sei, já nos conhecemos do Lazareto! »

?

Disse-o effectivamente? Concordam as versões? Condizem os depoimentos? Está averiguado? Confirma-se? ha certeza? Oh! então, tende paciencia : affastae-vos um momento, dae-nos terra, que nós queremos prostrar-nos de rojo n'este chão! queremos bater muitas vezes com as frontes no solo! queremos ir assim, de gatas, por ahi fóra beijar as plantas ao *Diario de Noticias* e ao *Jornal da Noite* que foram os primeiros

a recolher o imperial verbo nos vasos de oiro pelos quaes quotidianamente libamos — as noticias do dia, o preço corrente da jinguba e o annuncio do prompto alivio.

Parece impossivel, mas elle o disse! Disse duas coisas: *Primo* — « que bem o sabia. » — *Secundo*: — « que conhecia do Lazareto. » — Falla tão notavel pelo que declaradamente expressa como pelo que discretamente cala! Notae bem: elle disse « que bem o sabia, e que conhecia do Lazareto. » E nada mais disse! Isto é grande!

Porque, meus senhores, por muito pouco que tireis a este discurso elle não presta; por muito pouco que lhe accrescenteis elle ficará perdido.

Supponhamos por exemplo que elle tinha dito apenas:

Bem sei! Seria frio.

Bem te conheço! Pareceria ironico.

No Lazareto! Seria ambiguo.

Supponha-se pelo contrario que accrescentava qualquer coisa, qualquer d'estas coisas que todos nós diriamos, como *verbi gratia*:

Viva o amigo!

Ditosos olhos!

Até um dia!

Visitas á familia!

N'este caso descambaria no trivial e no familiar, o que, como todos sabem, é uma dos demonios para o sublime.

Tomada palavra a palavra e olhada por partes, como esta falla nos penetra e nos commove! Veja-se, por exemplo, a primeira e porventura mais importante parte d'ella: — *Bem sei.*

Bem — Antigo adverbio assás conhecido dos doutos, mui estimado na sociedade e algumas vezes mesmo usado pela classe media e até pelo povo em suas correlações e mesteres. Se examinamos todas as grandes evoluções do pensamento humano desde a mais remota antiguidade até nossos dias, vemos que sempre este vocabulo teve um logar distincto na mente, nos escriptos e nos discursos dos grandes homens.

Pessoas idoneas e dignas de fé, teem acompanhado tão interessante parte da oração desde a formação do homem, seguindo-a como se segue uma mulher amada, atravez das edades por entre as revoluções da glotica até os tempos presentes.

E não consta que em tão diversos transes e encontradas aventuras o estimavel adverbio *bem* tivesse jámais sucumbido ou recuado. Moder-

namente muitos principes, muitos sabios e muitos oradores o teem empregado em seu uso. Usou-o Mirabeau, Lamartine, Castellar, Bismarck, Lincoln, Napoleão e o sr. bispo de Vizeu Antonio. Nenhum d'elles porém nem mais a proposito nem com mais ajustada imposição, nem mais do intimo, nem mais d'alma, nem com mais fé do que Sua Magestade o imperador do Brazil!

Sei — Elegante preterito do abalisado verbo *saber*, que os grammaticos pretendem ser irregular de conjugação, mas não de costumes. Em todos os seus tempos tem sido este verbo usado, algumas vezes — ai de nós! — com bem pouca descrição e recato, outras com singular sensatez e decoro. Na primeira pessoa do preterito, ousamos porém dizer sem baixa lisonja, que ninguem ainda com mão mais firme o cravou no discurso do que o imperial viajante — na oração que analysamos.

O dito só assim póde ser. Nem mais nem menos. É o que ali está, erguido do chão, afilado para o espaço, furando pelas nuvens, apagando as estrellas com o bafo e obrigando o sol a pedir uma pala.

Como mui avisadamente declaram o *Diario*

de Noticias e o *Jornal da Noite* — as imperiaes palavras não se applicam individualmente ao sr. Filippe de Carvalho, director da *Correspondencia de Portugal*, mas sim, como claramente se deixa ver, ao jornalismo inteiro.

De modo que, quando Elle, no momento angustioso da partida, com a saudade no coração, com o tremor nas mãos e com as lagrimas nos olhos, levantando estes ao ceu e crusando aquellas no peito, exclamou commovido:

« *Bem sei. Conhecemo-nos do Lazareto* » o que Elle queria dizer não era que conhecia individualmente do Lazareto o sr. Filippe de Carvalho, senão que « a conhecia do Lazareto... »

Mas ai, ai, que a cruel duvida nos assalta!

Suspende os teus deliquios, ó imprensa mãe! Emquanto nós procuramos com previo esclarecimento de Sua Magestade o Imperador dissipar a cruel duvida.

Imperial Senhor:

«Tendo Vossa Magestade dito aquillo que nós sabemos, e acabando repentinamente de rebentar das palavras de Vossa Magestade a cruel duvida, tomamos a liberdade de pedir respeitosa

e humildemente a Vossa Magestade que pela volta do paquete se sirva informar-nos, debaixo de juramento, se quando affirmou «que a conhecia do Lazareto» era effectivamente á imprensa que se referia, e não á peste. Nós, os representantes d'Ella (e quando dizemos d'Ella, entenda-nos Vossa Magestade como quizer) ficamos esperando anciosos que Vossa Magestade resolva se opta por esta ou se se determina por aquella, acceitando em todo o caso os ardentes votos que fazemos para que no vasto imperio de Vossa Magestade aquella se desenvolva e esta se dissipe.»

Isto posto pedimos aos nossos bons collegas do *Diario de Noticias* e do *Jornal da Noite* que sobreestejam em seu regosijo, e aguardem tranquillos o imperial despacho.

Emquanto essas e outras coisas se passavam, que faria o sr. Eduardo Vidal, ultimo Abencerragem da poesia lyrica na Europa?

O vate, aproveitando sagaz o momento, que

não é vulgar, de se achar juntamente com elle dentro da mesma cidade um Imperador, fazia *Nuvens*.

Sempre que este notavel phenomeno se dá: sempre que debaixo da mesma latitude, um poeta lyrico e um imperador concorrem, é muito bom inquirir para ensinamento das gerações futuras como os dois astros, o do sceptro e o da lyra, se equilibraram, como se sopesaram, como guardaram as respectivas distancias para não descalharem das orbitas, para não chocarem um com outro desengonçando a harmonia e o systema do universo.

O sr. Vidal conta-nos no seu ultimo folhetim como isto se conseguiu.

. ˙ .

«O que se discute ainda, exclama o poeta no *Diario Popular* de 17 de março, é o Imperador!» Em seguida elle mesmo discute tambem o Imperador, mas ao mesmo tempo — severa lição aos que o tinham esquecido! — discute-se egualmente a si, o que enche na historia uma grande lacuna e deixa a humanidade completamente inteirada do modo como se passaram as coisas.

O Imperador por um lado, levado pela aza

erudicta do sr. Silva Tulio, percorria a Mouraria, palmilhava o Bairro Alto, voava aos braços do sr. Alexandre Herculano, praticava com Vicencia, e lembrado dos antigos augures que investigavam os *fados* nas entranhas das rezes, elle, tendo ouvido os *fados* explicados nas guitarras d'Alfama, consultava apenas nos secretos interiores do templo a—tromba ou o pernil prophetico do cerdo portuguez.

Agora o bardo:

«Eu, diz por sua parte o sr. Vidal, entrego ao vento estas *nuvens.*»—Que excentrico typo!

. · .

Nuvens são versos consagrados pelo sr. Vidal á mulher amada. Nas suggeridas trovas diz o poeta que não mais quer amar, que de seu peito angustiado vae alfim arrancar o santo amor que lhe tem dado desgostos. Conta que sonhou de parceria com ella tendo ambos as mãos unidas e os olhos pelo ceu. Depois pede-lhe que o deixe, que lhe fuja porque elle é mau homem.

Que infame eu tenho sido, tenho, tenho!

Mais diz que a chamou á «via dolorosa»

Chamei-te á minha via dolorosa!

Outro sim affirma que é doido e que lhe dá para mal a doidice:

Sou louco e foi loucura criminosa!

Finalmente o vate faz-nos a revelação de um vicio secreto, que lhe desconheciamos: o uso immoderado da bengala nas relações de amor, abuso a que manifestamente se refere o seguinte verso:

Puz-te nos hombros debeis o meu lenho!

. ˙ .

Assim pois temos que emquanto a uma parte o Imperador á sombra do sceptro amimava as letras, a outra parte o lyrico, por inexplicavel acinte, de lenho em punho, deslombava a muza.

Acabamos de saber que o incognito guardado

por Sua Magestade imperial durante a sua viagem em Portugal e na Europa foi muito mais rigoroso do que toda a gente suppõe. Revelam-nos o seguinte:

O sujeito que todos nós recebemos e festejamos como Sua Magestade o Imperador...

...Não era Elle!

.˙.

Sua Magestade entendeu do modo mais sabio que o unico meio seguro de escapar ás curiosidades europeias era dar-lhes um homem por si. O homem arranjado, ensaiado e caracterisado para este fim era o que se mostrava aos povos, aos reis e aos sabios.

O verdadeiro imperador ninguem o viu.

Assegura-se que Elle, não fez absolutamente nada do que fez o *outro*. Segundo as nossas informações, a unica coisa que Elle fez — foi rir.

Pelas conversações que o Imperador teve em Lisboa, soube-se que existe no Rio de Janeiro —

e é illustre e preponderante — um homem que possue este titulo:

Barão de Minhinhonhá!

Se assim é — e se ha ainda algum resto de dignidade nacional, pedimos a intervenção energica do governo.

Um paiz não deixa esbofetear no estrangeiro os seus cidadãos, nem rasgar a sua bandeira: desforram-se á bala estas humilhações da honra.

Ora a bochecha do cidadão ou o paninho azul e branco — não tem mais direitos ao respeito publico — do que a lingua nacional. Arrastar pelo chão do grotesco, — uma lingua — até ao vocabulo *Minhinhonhá*, é desfeitear a intelligencia de uma nação, a austera dignidade da sua palavra, o verbo do seu pensamento, a litteratura e a memoria dos puristas, e a inviolabilidade da sua idéa.

Minhinhonhá — é uma nodoa, é um pingo de lama, é um traço de saliva, é um espapado de gordura, — na pureza altiva de uma lingua, onde successivamente veiu depor a essencia da sua alma, a geração venerada que vae de Bernardim Ribeiro a Garrett.

Se os srs. brazileiros não podem cohibir-se

de vir para o portuguez de frei Luiz de Sousa e de Antonio Vieira, deixar escorrer aquelle mellasso fluido e baboso que lhes sae dos beiços — quando fallam — tenham a bondade de pôr entre a sua palavra e a nossa lingua — uma bacia! Vocabulos d'aquelles não se depositam n'um diccionario respeitavel, atiram-se para uma escarradeira. Os srs. brazileiros tenham a bondade de fallar — para a rua, ou nos seus lenços!

E o governo, se tem dignidade, deve pelos seus agentes diplomaticos — pôr cobro áquelle extravasamento do brazileiro — sobre o portuguez de Camões. Os srs. do Brazil que deem uma direcção á sua linguagem — de modo que não venha cair como um enchurro sobre os nossos diccionarios que passam. Em ultimo caso que a canalisem! E assim o brazileiro que tiver a expellir um periodo eloquente ou uma phrase sublime, já se não aproxima da nossa grammatica — dirige-se logo á sargeta!

Esperamos tranquillos as decisões dos poderes publicos.

Ha longos annos o *Brazileiro* é entre nós o typo de caricatura — mais francamente popular. Cada nação tem assim um personagem typico, creado para o riso publico. As comedias, os romances, os desenhos, as cançonetas espalham-n'o, popularisam-n'o, accentuam-n'o, aperfeiçoam-n'o, caracterisam-n'o, e elle fica assim um Judas infeliz de sabbado de alleluia, que cada um rasga friamente com a sua gargalhada, e vara feramente com a sua chacota! Torna-se o *comico* classico: é representado nos palcos, cizelado em castiçaes, aguarellado em caixas de phosphoros, fabricado em paliteiros, torneado em castões de bengala. A França tem o inglez de larga e aguda suissa em forma de costelleta aloirada, collarinho alto como um muro de quintal, pé largo como uma esplanada, e ar hirto: ultimamente tem mais o prussiano, suissa e bigode espesso, cabello em bandós, capacete em bico, um sabre insolente e um relogio de sala roubado debaixo do braço!

Nós temos o Brazileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, modo ricasso, arrastando um pouco os pés, burguez como uma couve e tosco como uma acha, pescoço suado, collete com grilhão, chapéo sobre a nuca, guarda sol verde,

a voz fina e adocicada, ar desconfiado e um vicio secreto. É o brazileiro : elle é o pae achinellado e ciumento dos romances satyricos : é o gordalhufo amoroso das comedias salgadas : é o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos: é o maridão de tamancos trahido — dos epigrammas.

Nos labios finos, a palavra *Brazileiro*, tornou-se um vituperio : *o sr. é um brazileiro!* A sua convivencia é um descredito plebeu : ninguem ousa ir para um hotel onde se alojam brazileiros e onde elles arrastam os seus sapatos de liga, fallando baixo e solitarios das coisas *di lá* : ninguem se *abrazileiralha* a ponto de frequentar os cafés onde elles n'um descambado somnolento, bocejam appoiados aos guarda sões...

Nenhuma qualidade sympathica e de fino relevo se suppõe no brazileiro : não se lhe suppõe espirito, como não se suppõe aos negros correctos cabellos loiros ; não se lhe suppõe coragem, e elles são, na tradição popular, como aquellas aboboras de agosto que soffreram todas as soalheiras da eira : não se lhe suppõe distincção — e elles são, na persuação publica — os eternos toscos achinellados da rua da Ouvidor. A opinião critica nega-lhes o caracter e attribue-lhes

os negocios de negros. A imaginação ironica suspeita-lhe colletes de velludo verde com matizes escarlates e fachadas de casas riscadas de amarello com telhas azues. O povo suppõe-n'o o auctor de todos os ditos illustremente sandeus, o heroe de todos os factos universalmente risiveis, o senhor de todos os predios grotescamente construidos, o frequentador de todos os hoteis sujamente lugubres, o namorado de todas as mulheres gordalhufamente ridiculas, o auctor de todos os versos aleijadamente facetos.

Tudo o que se respeita no homem é escarnecido aqui no brazileiro; o trabalho tão santamente justo, lembra n'elle, com riso, a venda de tapioca n'uma baiuca de Pernambuco: o dinheiro tão humildemente servido, recorda n'elle, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos colletes de panno amarello; a pobreza tão justamente respeitada, n'elle é quasi comica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho *Constancia* e os fretes de café que carregou para as bandas da Tijuca: o amor, tão justamente amado, n'elle faz rir, e recorda a sua espessa pessoa, de joelhos, dizendo com uma ternura babosa — oh *minina!*

Tudo o que é ou faz, tem uma cauda de gar-

galhada: se negoceia, apparece como o *dóno di návio*, personagem grotesco das comedias de feira. Se pertence á nobreza é suspeito de se chamar barão de Suriquitó ou conde de Ipátápá! Se fez a guerra uma universal risada echoa, e todos lembram o grito celebre — *quebra esquina, minhá genti!* Se falla aquella estranha linguagem, que parece portuguez — com assucar, a hilariedade estorce-se. A celebridade dos seus callos enche o mundo. O seu pouco aceio faz desmaiar as virgens. O seu maior feito — a victoria do Paraguay mereceu em Portugal este dito celebre que corria as ruas: o Brazil encheu-se de gloria, oh Brazil dá cá o pé! — Emfim, a opinião, a cruel opinião, — tudo o que é mau gosto, grosseria, tosquice, obtusidade, pello, ordinarismo, — colloca-o como n'um indice no brazileiro. De tal sorte que este escarneo intenso communicou-se, pela sua violenta expansibilidade, ás nações mais velhas: e em França, em Hespanha, em Italia, o Brazileiro penetrou triumphantemente, de guarda sol azul em rolo e chapeu na nuca, entre uma hilariedade pasmosa — na região dos grotescos. E o Brazileiro tornou-se assim para a raça latina, essa caduca sabia da ironia, — o deposito do riso! — Tal elle é!

. ˙ .

Pois bem! É uma torpe injustiça que seja assim. E nós os portuguezes fazemos facciosamente mal em nos rirmos d'elles os brazileiros! — Por que emfim, elles veem de nós! As suas qualidades tiveram o seu germen nas nossas qualidades. Sómente n'elles alargaram, floresceram, cresceram, frutificaram: em nos estão latentes e tacitas. O Brazileiro é a expansão do Portuguez.

Por que? Facil explicação. Existe uma lei de retracção e dilatação para os corpos — sob a influencia da temperatura: aprende-se isto nos lyceus quando vem o buço: os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas: ao sol a sua natureza alarga, floresce; ao frio da sombra a sua natureza encolhe, emmurchece, estiola. A bananeira, nos nossos climas frios, é uma pequena arvore mirrada, hirta, timida, esteril, encolhida: no calor do Brazil é a grande arvore triumphante de folhas palmares e reluzentes, tronco violento, seiva insolente, apopletica de vida, sonora de movimento, ridicula de bananas: o sol desabrochou-a. Mesma lei para as qualidades moraes: o hespanhol das Asturias, modesto, humano, discreto e grave — passado para o sol do Equa-

dor nas Antilhas Hespanholas, torna-se o hespanhol violento, vaidoso, sanguinario, ruidoso e febril! — Pois bem: eis ahi: O Brazil é Portugal — dilatado pelo calor.

O que elles são expansivamente — nós somol-o encolhidamente: as qualidades retrahidas em nós, estão n'elles florescentes: nós somos modestamente *ridiculitos* elles são á larga *ridiculões*. Os nossos defeitos, sob o sol do Brazil, dilatam-se, expandem-se, espraiam-se! É como a bananeira, aqui resequida e esguia — lá florida e soberba: os nossos ridiculos, maus gostos, aqui sob um clima frio, estão retrahidos, não apparecem muito, estão por dentro: lá, sob um sol fecundante, abrem-se em grandes evidencias grotescas. Sob sol do Brazil a bananeira abre-se em fructo e o portuguez abre-se em brazileiro. Eis o formidavel principio. — O Brazileiro é o Portuguez desabrochado.

E o Portuguez é o brazileiro encolhido: o Portuguez está para o Brazileiro com o paio de vitella está para a perna de vitella: o paio é a perna ensacada, apertada, opprimida, condensada, resumida: o Portuguez é — paio do Brazileiro.

La fóra não nos distinguem: acham-nos quasi

a mesma côr, o mesmo feitio, o mesmo tosco — mas *quasi* : é que nos acham mais acanhados, mais apanhados sobre nós, mais concentrados. É como um ananaz de estufa : é o aroma, o sabor, a côr, a forma do ananaz — mas não tem a forte seiva, a viva florescencia : em nós tambem, acha-se o Brazileiro sem a sua expansão, é o Brazileiro com as cores desbotadas. É que o Portuguez é o Brazileiro de estufa !

É o sol que nos fecunda lá. O Chiado sob o sol do Brazil dá inteiramente a rua do Ouvidor ! O amanuense dá o negociante de tapioca. Rirmo-nos d'elle é rirmo-nos de nós. Nós somos o germen, elles são o fructo : é como se a espiga se risse da semente. Pelo contrario : elles estão na inteira manifestação da sua natureza : nós estamos no entorpecimento do nosso ser. Elles estão já completos e perfeitos como a abobora, nós incompletos e embryonarios como a pevide. O Portuguez é pevide de Brazileiro !

Elles estão na inteira verdade das suas qualidades patentes e claras : nós estamos no disfarce das nossas qualidades retrahidas e occultas. O Portuguez é a hypocrisia do Brazileiro.

Nós somos Brazileiros que o clima não deixa desabrochar : somos sementes a que falta o sol :

em cada um de nós, no nosso fundo, existe, em germen, em feto, em embryão — um brazileiro entaipado, affogado — que só pede para crescer, ver a luz, abrir-se em colletes amarellos e em callos — o sol dos Tropicos. Cada Portuguez, sabei-o, contem em si o germen d'um brazileiro. Sim. Nós passeamos, lemos, amamos, vestimos cores escuras, somos discretos, — e no fundo de nós, cá dentro, está fatal, indestructivel, agachado, aboborando, — um brazileiro.

Quem o não tem sentido agitar-se, como o feto no seio da mãe? — Fitaes ás vezes um corte de collete verde com pintas escarlates? É o Brazileiro a remecher por dentro. — Desejaes inesperadamente feijões pretos? — É o Brazileiro. Appetece-vos ir ver a memoria do Terreiro do Paço? — É o Brazileiro, lá dendro. — Lembra-vos ir reler uma ode de Vidal ou uma falla de Melicio? — É o Brazileiro! É o Brazileiro! Elle está dentro de vós! Certos maus gostos que veem como enjôos, certos appetites de lombo de porco com farinha de pau que veem como tonturas, certas necessidades de coçar os joelhos que apparecem como preguiças — é o Brazileiro, o cruel Brazileiro que dentro de vós, no vosso seio — se agita, in-

flue, domina, tyrannisa. Ah! Portuguezes, sabei-o! vós estaes sempre no vosso estado interessante — d'um Brazileiro!

E quereis uma prova? É o verão! É o cruel verão! Então sob o sol fecundante, sob a temperatura germinadora — o Brazileiro interior tende a florir, a desenvolver, a desabrochar, a sair a lume! Então começaes a deitar o chapeu para a nuca, a usar quinzena de alpaca, a passear depois do jantar gravemente, com o palito na boca, a exigir aos vendedores agua do Arsenal, a ir de noite para o terreiro do Paço contornar a memoria, a ir á Deusa dos Mares! Sabeis o que é? É o Brazileiro, que lá tendes dentro na entranha, attrahido pelo sol, a querer romper! É o Brazileiro! É um perigo imminente: uma soalheira póde fazel-o desabrochar, e a gente achar-se de repente a pensar nos *di la*. Um homem exposto ao sol começa-lhe o corpo a pedir tapioca: é um symptoma terrivel: é necessario fugir do sol, do calor, entrar nas salas frias, banhar-se — para affogar, recalcar o Brazileiro. É como a tenia. E tem-se visto portuguezes illustres subirem á tribuna parlamentar e com o calor, a commoção, o ar abaffado — abrir a bocca — e depositar o Brazileiro

Eis ahi pois: esse brazileiro interno desabrocha inteiramente ao sol do Brazil.

Portanto quando nos rimos d'elle — intentamos a nós mesmo um processo terrivel. No inverno a pevide contém a abobora: mas quando a abobora cresce no verão é ella que contém a pevide. Nós cá contemos o brazileiro; mas elle depois no Brazil, cresce, alarga, abre em fructo, e nós ficamos-lhe dentro. Se descascarmos a maçã, encontramos a semente: se descascamos o brazileiro, achamos o portuguez. Ora se esmagarmos a maçã esmagamos a semente: se ridicularisarmos o brazileiro, redicularisamo-nos a nós. Reconheçamo-nos n'elles como nós mesmos — ao sol!

Não o escarneçamos, não. Antes elle nos é exemplo e terrivel licção. Ponhamos os olhos n'elle e vejamos a desgraça que póde acontecer a um portuguez — que se expõe a um sol ardente! Todo o brazileiro que passa diz tacitamente ao portuguez que o olha: não te chegues para o sol ou podes tornar-te semilhante a mim!

Meus senhores:

Ser brazileiro póde acontecer a todo o mundo: basta uma soalheira!

Um passeio ao meio dia póde fazer do nosso

espirituoso amigo Julio Cesar Machado, o barão de Ipatucá! É terrivel. Sáe um homem para tomar absinto vestido de escuro, e entra — a gritar por mandioca recamado de amarello!

⁂

Taes são as sabias verdades que soltamos de nossas mãos. Aproveitae-vos compatriotas! Não vades por descuido sair um dia, portuguezes, interessantes e joviaes — e voltardes para os braços de vossa esposa e para os beijos de vossos filhos — inteiramente, irremediavelmente *abrazileiralhados!* Não sejaes pois orgulhosos: não tenhaes para o brazileiro a ironia desembainhada na direita e na esqerda a chacota engatilhada. Lembrae-vos do sol de agosto! E para eterna humildade e para prevenção eterna — acceitae este mote tranquillo: sobre a terra e sobre os mares — ácerca do joanete ou ácerca da tapioca — paz ao brazileiro!

Mas emfim, uma coisa é verdadeira: é que tu, portuguez, não vales mais que elle brazileiro.

O brazileiro não é bello como Apollo, antigo inquilino do ceu, nem como Saint-Just, a mais formosa cabeça da Convenção — mas tu, ó portuguez, tu tambem não és bello, e se a tua bem

amada t'o diz — é que não tem mais nada que dizer-te.

O brazileiro não é espirituoso como Mery a fallar, ou Rochefort a escrever — mas tu, portuguez, não és certamente espirituoso: de cima dos embrulhos d'aquella tenda, quarenta folhetins t'o provam.

O brazileiro não é elegante como o duque de Cadérousse ou phantasista como lord Byron, mas tu portuguez — ou dandy desventuroso do Chiado ou contribuinte da rua dos Bacalhoeiros — ai! tu não és certamente o duque de Cadérousse, tu não és certamente lord Byron!

O brazileiro não é sabio como Littré, mas tu portuguez és tão sabio como Bertholdinho!

O brazileiro não é extraordinario como Peabody, o santo, que deu de esmolas dezenas de milhões — nem como Delescluse, o fanatico, que queimou Paris. Mas tu portuguez, és tão extraordinario como uma couve, e ainda tão extraordinario como um caldo!

Ora o brazileiro que não é formoso, nem espirituoso, nem elegante, nem sabio, nem extraordinario—é um trabalhador:—e tu portuguez que não és um formoso etc. — és um mandrião! De tal sorte que tu que te ris do brazileiro — procu-

ras viver á custa do brazileiro. De tal sorte que quando vês o brazileiro de frente estallas de riso — e se o visses de costas? morrias de fome! E a prova é que tu — que em conversas, entre amigos, no café, *és* inexgotavel de facecia sobre o brazileiro, — és no jornal, no discurso ou no sermão, inexhaurivel de glorificações ao Brazil. Em conversa é o *macaco;* no jornal é a *nação irmã!* Ah portuguezes! E ahi está porque nós queremos que se embainhe a chacota e que se descarregue a pilheria. Que o portuguez veja no brazileiro o que elle é: um portuguez que alargou ao sol. E que uma paz imperturbavel, consoladora e serena, reine entre a nação da batata e a nação da banana! E que esta visita do imperador seja o traço justificador, solido e unido — que ligue os dois corações — o coração onde bate o amor da orelheira e o coração onde pulsa a paixão da tapioca. São dignos um do outro!

. ˙ .

Brazileiros, se estas paginas risonhas forem levadas por um vento feliz ás vossas chacaras, lêde-as sem rancor, entre o ruido dos engenhos e o bocejar da *sinhá*. Nós queremo-vos delicadamente bem. Se a nossa penna ri em torno de

vós—a nossa philosophia applaude-vos. A França escarnece a suissa do inglez, mas admira-lhe o caracter e copia-lhe os jockeys. Nós sorrimo-nos dos vossos colletes, amamos o vosso trabalho e comemos os vossos doces. Vós tendes qualidades fortes, duradouras, boas para alicerce da vida! E depois vós daes-nos dinheiro! vós proveis-nos de papagaios! São coisas que não se esquecem!

Assim, brazileiros, sabei-o—vós que tão amplamente, tão regiamente recebeis o avido portuguez explorador, sabei-ó—tendes nas *Farpas* uma solida e activa amizade! Um honrado skac-hands e dae-nos noticias vossas!

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes da provincia o obsequio especial de satisfazerem em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Março de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

— O patriotismo. A Europa e o *abençoado torrão.* A civilisação e a paizagem. A Venus de Medicis e Salvaterra de Magos. — O nosso programma

A sua ex.ª o ministro do imperio do Brazil n'esta corte

Senhor ministro. Affirmam pessoas idoneas e tão dignas de fé que não é licito pôr duvida em seus depoimentos que a delicada susceptibilidade diplomatica de vossa excellencia se melindrara com as innocentes paginas que nós consagrámos no passado numero das *Farpas* á viagem de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

Consta-nos ainda que o resentimento discretamente manifestado por vossa excellencia é perfilhado com ardente solidariedade por todos os representantes officiaes de Sua Magestado o Imperador do Brazil residentes n'esta cidade, e bem assim por todos os subditos do mesmo augusto senhor.

Querendo-nos parecer que tanto vossa excellencia como os seus illustres compatriotas laboram em flagrante erro no modo como nos julgam, impômo-nos hoje, senhor ministro, em honra da justiça e da verdade, o dever de esclarecer com

algumas breves e resumidas allegações o espirito do Brazil, o de vossa excellencia e o de todos os illusos em geral, tanto no novo como no velho mundo.

. · .

Senhor ministro, senhores illusos — A satyra, uma das expressões mais vehementes da litteratura artificial, por meio da qual se manifesta o tardo pensamento dos povos que envelhecem, não é um proposito individual: é uma lei, é uma fatalidade historica. As sociedades compõem hymnos heroicos na infancia, escrevem poemas epicos na mocidade, criam dramas na edade viril e fazem satyras quando chegam a velhas. Os povos, coitados, são como a gente: teem successivamente a edade do papagaio de papel no alto das colinas, a do namoro á esquina da rua e a da bisca ao pé do lume. Ora o Brazil, meus senhores, paiz novo e uberrimo de toda a seiva risonha e fecunda da infancia, está no periodo festival do brinquedo que parece uma constelação erguido no ceu pela brisa matinal, e doirado nos ares pelos raios obliquos do sol nascente. Nós outros portuguezes achamo-nos no sedentario quartel da bisca.

E eis aqui temos já fóra d'esta primeira parte

do nosso discurso, a principal rasão pela qual portuguezes e brazileiros teremos frequentemente o desgosto de nos não entendermos de um modo acabado.

. ˙ .

Particularisemos:

Vossa excellencia, senhor ministro, é poeta, e de sua apreciavel penna temos um livro intitulado *Romances historicos*. O sr. Manuel de Araujo Porto Alegre, consul do imperio do Brazil n'esta cidade, é egualmente poeta e auctor justamente celebre do poema *Colombo*.

O livro do sr. ministro principia assim:

Do Ave gentil e aprazivel
Sobre as margens pittorescas
De Guimarães ás muralhas
Verde-gaias vinhas cercam.

O poema do sr. consul prerompe d'este modo:

Troam na Iberia os hymnos da victoria
Que Fernando e Isabel do Mouro houveram.

Temos que o sr. ministro se enleia enebriado no edylico e no pastoril colhendo docemente a

bonina tenra sob a verde-gaia vinha, emquanto por seu lado o sr. consul se entranha em espirito no fragor das pelejas e aos lampejos da metralha brande facundo um recurvo alphange.

Ora sendo vossas excellencias, sr. ministro e sr. consul, as pessoas encarregadas pela sua alta qualificação de acompanharem em Portugal o seu augusto committente, o modo seguro de casarmos com as de suas excellencias as expressões do nosso jubilo seria fazermos o passado numero das nossas *Farpas* em verso lyrico ou bucolico, festival e mellico.

Nós quereriamos de todo o coração fazer isso —para lhes sermos agradaveis—mas o escriptor, como sabem e como acima se expoz, não pertence exclusivamente á sua vontade e ao seu desejo, pertence ao seu tempo e á sua sociedade; elle é menos uma força livremente productiva do que um producto forçado — o producto do meio em que nasceu e em que vive. De sorte que, senhores representantes do Brazil, ao sermos honrados com a visita de vossas excellencias, poetas e jovens, a unica phrase sensata que nos occorreu a nós, velhos prosadores, no meio das coisas organisadas como ellas estão, foi simplesmente:

« Ora vivam, meus senhores, mandem-se sentar! »

E depois que fizemos nós? Conversámos... conversámos com a semceremonia que certamente não molestava o principe por isso que Pedro, de sua propria bocca, a todo o instante a requeria.

Custa-nos a comprehender que n'este ponto suas excellencias representantes de Sua Magestade se julguem com direito de desdizer o seu saberano. Isto pelo que respeita á fórma do nosso volume.

Vejamos agora a substancia d'elle.

. ˙ .

Tivemos já a honra de alludir ao direito da satyra como uma das inatacaveis liberdades do pensamento humano. Note porém, senhor ministro, que não foi satyra o que nós fizemos. Um dos caracteres da satyra consiste em provocar por meio do riso a indignação contra o objecto satyrisado. Ora nós não suscitamos indignações. Não nos parece que contra o peito leal de Cezar discutido podesse o nosso folheto accender a ira vingativa do senado, ou armar o braço de Bruto regicida. Bem se deveria ver que não era essa a nossa tragica intenção.

Rimo-nos, senhor ministro. Rimo-nos simplesmente, pachorrentamente, com um riso talvez prosaico, mas honrado. Ignorará vossa excellencia que o riso empregado por tal modo é um elemento nativo das litteraturas neo-latinas, um dos caracteristicos da nossa raça, um dos nossos meios mais poderosos de philosophia, de critica e de analyse? Mas não é invenção nossa a applicação que fazemos da ironia e do gracejo! encontramol-a nas fontes primordiaes da litteratura, nos remotos seios do seculo XIII, nas canções de gesta, que eram a chronica do tempo balbuciada pelos menestreis.

Já então se percebia que a grandiloqua narração dos feitos heroicos não dava mais que meia imagem dos homens e das coisas; que o mundo era essencialmente binario; que de um elemento commum partiam manifestações oppostas; que a mesma essencia comprimida ou dilatada tomava fórmas contrarias; que, por exemplo, economia de menos era prodigalidade e economia de mais era avaresa; que pela imperfectibilidade da natureza humana a vibração da mesma corda produzia as lagrimas e produzia o riso; que finalmente no mundo moral como no mundo physico a mesma linha humana dá Apollo e dá

Esopo na arte, na vida Cezar e João Fernandes, e na litteratura Homero e Juvenal, Dante e Rabelais.

Bifronte como o Deus mythologico o mundo moral só nos apparece inteiro colhido nos seus dois perfis, olhado pelos seus dois aspectos. Os que estão de cá não podem naturalmente ver o que se passa do lado opposto, nem devem pretender advinhal-o.

Que cada um trabalhe com sinceridade e com honra a sua obra, livremente, despreoccupadamente, sob o seu ponto de vista! Mais tarde d'este trabalho simultaneo da arte perante o modelo commum sairá completa em suas mesmas contradicções a imagem da existencia — patente e tangivel para todas, incohercivel para cada um.

. ˙ .

Do ponto em que *As Farpas* se collocaram o lado que a sociedade lhes patenteia é quasi sempre o lado que ri. Assim, de Sua Magestade o Imperador, nós outros rimos.

Ha homens que o ridiculo magôa, e esses procuram tornal-o odioso. Fazem mal. É porque o não conhecem — o ridiculo.

Nos tempos de egoismo a que chegamos, to-

das as prisões da solidariedade humana se deslaçam. Ninguem acceita a participação nas lagrimas e na dôr alheia. Os mesmos affectos perderam a nota commum de fraternisação que nos unia. Patriotismo, religião, amor, são coisas que cada um entende de seu modo, e que no espirito ou no coração de cada individuo tomam caracteres diversos, segundo os successivos processos de critica, que umas vezes aprofundam, outras vezes dissolvem, e sempre modificam e alteram. N'este deploravel desmembramento da familia humana, que a civilisação produziu cerceando progressivamente com o roer do exame a auctoridade e a fé, o ridiculo — por mais doloroso que seja dizel-o — é ainda o mais inalterado laço que estreita a fraternidade entre os homens.

Desde as crusadas até ás missões dos padres Grainhas, desde o combate das Termopilas até o cerco de Paris, desde a *Divina Comedia* até o ultimo soneto de Charles Beaudelaire, quantas e quão profundas mudanças não teem tido no coração humano as convicções mais graves e mais fundas que o demovem : o sentimento da religião, o amor da patria e o amor da mulher! Quantas variedades na fé! quantas no senti-

mento! Entretanto atravez dos tempos e das edades o ridiculo sempre inalteravel, sempre o mesmo! São de hontem ainda *René* e *Elvira*, e no entanto ninguem já chora com René, ninguem já suspira com Elvira, ao passo que, ao longe, com a mão na espada, os olhos no ceu, o elmo de Mambrino carregado na fronte, El Quijote scintilla no coro das nossas gargalhadas e das nossas attenções. O Quichote tem todas as grandes virtudes e todas as grandes paixões tragicas, sómente as tem pelo lado em que o aspecto que ellas offerecem é immutavel e eterno: o lado ridiculo.

. · .

O ridiculo tem profundidades que se não encontram no que é de naturesa chato.

Permitta-nos dizer-lhe, senhor ministro, que não é ridiculo quem quer.

Ridiculo é Molière com ciumes; ridiculo é madame de Stael pintando o rosto; ridiculo é Newton tomando o papa pelo antechristo; ridiculo é Pascal tendo medo do demonio; ridiculo é Goethe fugindo á influencia nefasta das terças feiras; ridiculo é Rousseau vestindo-se de Armenio; ridiculo é Archimedes passeando em camisa pelas ruas de Syracusa; ridiculo é Sua Mages-

tade o imperador de um grande Estado viajando com uma pequena mala e um embrulho.

Não são, nunca foram, jámais poderão ser ridiculos: os idiotas, os insignificantes e os parvos.

Se nós agora affirmassemos, senhor ministro, que Sua Magestade o imperador do Brazil não era ridiculo, que nunca o fôra, que nunca o poderia ser, talvez que vossa excellencia se agastasse, encontrando nas nossas palavras uma injuria á relevante e poderosa personalidade do seu soberano. De sorte que: tendo nós dito primeiro que Sua Magestade era ridiculo, e dizendo depois que Sua Magestade o não era, vossa excellencia se acharia entre esta affirmativa e esta negativa do mesmo facto, na extranha conjunctura diplomatica de não acreditar nem uma nem outra coisa! Taes são os resultados da critica isolada de um facto que só póde ser justa e devidamente apreciado juntamente com o grupo dos successos de que faz parte.

. ˙ .

O sr. visconde de Castilho achou que Sua Magestade o imperador do Brazil era um *Semi-Deus*. Quando nós entendessemos e houvesse-

mos affirmado que Sua Magestade imperial era apenas um *portador de malas* — o que todavia não fizemos—a verdade encontrar-se-ia entre a opinião do senhor visconde de Castilho e a nossa. *Opportet haereses esse.*

. ˙ .

«Será tão falto de virtudes o seu soberano que nos queiram convencer de que não tem defeitos?» Esta pergunta, senhor ministro, não temos nós o arrojo de a fazer; lembramos simplesmente a vossa excellencia que a fez Henrique IV ao embaixador D. Pedro.

Temos a honra de ser com o respeito mais profundo

De vosssa excellencia

INUTEIS SERVOS.

Inauguraram-se em Braga as conferencias publicas de uma sociedade intitulada *Democratico-recreativa.*

Meditemos n'este simples titulo que encerra, en si sómente, um mundo de philosophia... A *Donocratico-recreativa!*

A democracia na sua marcha atravez dos interesses, das influencias moraes, dos sentimentos e dos principios da sociedade, auxilia-se já na historia ou na philosophia, já na sciencia economica ou administrativa. Braga, desviando-se brilhantemente dos caminhos até hoje trilhados, especa a democracia com o recreio, e inaugura agora as suas sessões de:

Democracia divertida.

É natural que antes de terem feito da democracia uma jocosidade publica os senhores conferentes a tivessem cantado á viola pelas ruas ou recitado ao piano pelas casas particulares.

Depois principiaram talvez a fazer com ella empalmações e ligeirezas de mãos, tirando-a com as pontas dos dedos de um botão da murça do senhor arcebispo primaz, dizendo-lhe: «Passe!» e fazendo-a apparecer em seguida dentro do chapéu do senhor general da divisão.

Logo imaginaram a natural applicação da chymica aos principios democraticos e fizeram-n'os entrar verdes por um funil e sair encarnados por uma torneira.

Por fim, achando-se senhores dos mais poderosos elementos de propaganda e de risota, juntaram-se os incomparaveis patuscos e, entre barrigadas de riso, lançaram os alicerces á assembléa.

Democracia e recreio.

Oh! como vós vos ides divertir em Braga com a vossa democracia — para rir!

Estamos d'aqui vendo esses galhofeiros espectaculos — da magica branca da regeneração dos povos — para divertimento honesto dos burguezes abastados, dos fidalgos realistas, dos officiaes superiores da guarnição, das damas e do cabido!

Inauguração dos espectaculos da Democratico-recreativa! exclamarão os cartazes em grandes letras ornadas de diabinhos. *Funcção extraordinaria!*

Subirá o pano e ver-se-ha o senhor conego Alves Matheus, ex-deputado e ex-viajante a Madrid, de braço nú para mostrar que não tem preparações nas mangas, metter o *proletariado* dentro de um chapeu, de que hão de sair bandeirolas de papel, e tirar em fios do nariz do sr. Pereira Caldas a theoria da *cooperação* e o *principio federatico!*

Teremos o *suffragio universal* executado n'um *pas de deux* pelos srs. padre Pereira e padre Dias, e o *pauperismo*, problema para corneta de chaves, tocado com variações pelo sr. Pereira Caldas com acompanhamento da orchestra.

N'um dos intervallos tocar-se-ha a grande polka brilhante *Miseria das classes operarias*, e terminará a festa com a nunca vista escamoteação dos *bancos ruraes* e substituição d'elles por grandes redomas com peixes e agua alluminada com fogos de Bengala.

A instituição da *Democratico-recreativa* vae marcar novas e fulgurantes eras nos fastos da sociedade bracarense.

Se não mentir ao seu mote a nova propaganda terá dentro de pouco tempo a gloria de algemar o nefasto despotismo do voltarete insidioso, e de prostrar para sempre a velha tyrannia dissoluta da infame bisca — os dois cancros roedores da aristocracia minhota.

Parabens, ó Braga.

Aqui está com simplicidade, em palavras nitidas, curtas e cifradas, o estado da instrucção publica em Portugal.

. . .

Em primeiro logar está toda a cargo do governo, a instrucção.

As senhoras camaras municipaes, já por velha tradicção não dão protecção ao espirito — e nem sequer dão esmola ao A B C. Uma senhora e bronca camara, tem antes de tudo, como base, de macadamisar commodamente as ruas ou as viellas de ss. s.as os vereadores: depois tem de aplanar, alargar e calçar os caminhos que levam ás quintas, onde ss. s.as os vereadores, de tamancos e colete arejado suam sob a folhagem da faia — *sub tegmine fagi!* Quando chega a passar o A B C, ss. s.as tem a iniciativa cançada e a bolsa esfaimada.

Por seu lado os particulares, com singularissimas e sympathicas excepções, nunca levaram a mão á algibeira, para dar o cobre — á escola — (E como estranhar esta abstenção póde parecer uma originalidade jovial, devemos especificar que em Inglaterra, França, Alemanha, Dinamarca, Suecia, Italia, Russia, Hespanha, Esta-

dos Unidos, Turquia, os particulares sustentam com um hombro as paredes da escola que os municipios amparam com o outro.)

A lei de 20 de setembro de 1844 concedeu ás camaras municipaes — auctorisação para fundarem com os seus rendimentos escolas primarias. Quem attenta n'esta lei, suppõe muito racionalmente que as camaras estavam soffregas, avidas de fundar escolas, e que o amor da instrucção tinha tomado o freio nos dentes: suppõe que leis anteriores teriam circumspectamente domado este impeto sanguineo de educar — e que a lei de 44 alargando um pouco as redeas, permittiu ás camaras palpitantes — o crearem as appetecidas escolas — não n'uma carreira desordenada, mas n'um *choito* modesto. Naturalmente, feita a concessão, as camaras atiraram-se aos pulos, aos corcovos, com a clina esguedelhada — a levantar os alicerces das escolas! — Pois bem, sabem quantas escolas teem as camaras fundado, inteiramente a expensas suas, desde 44, ha quasi trinta annos? Uma, em Setubal!

De resto, não sejamos injustos. Algumas camaras tendo, com o curso dos annos, tomado a idéa de que soletrar não é inteiramente tão cri-

minoso como roubar — deram generosamente o auxilio dos seus cofres para a creação de escolas — e n'este sentido as 300 camaras do paiz e as 4:000 parochias, teem concorrido n'este espaço de 30 annos para a fundação de — 41 escolas !

. ˙ .

Tal é a protecção, a iniciativa, o cuidado, o espirito, a administração, de ss. s.as as espessas camaras municipaes — sobre a instrucção.

É uma situação parallela á dos cafres, de nossos irmãos os cafres.

. ˙ .

O estado por tanto, tem e toma a instrucção pela mão.

Ora, tendo um paiz a educar, o estado tem feito isto...

Sabem quantas escolas ha, de Norte a Sul, n'este paiz onde floresce a vinha e Melicio pensa?

2:300.

Ora existindo no paiz segundo as ultimas estatisticas 700:000 creanças, e não sendo justo que se apertem na estreitesa abafada de uma escola mais de 50 alumnos, — e já é fazer transpirar de mais tenros cidadãos imberbes, — se-

gue-se que deveriamos ter — 14:000 escolas!

Temos 2:300!

Devendo pois ter uma escola para cada 50 creanças, temos uma escola para cada 300 creanças! Temos uma escola por cada 2:600 habitantes!

Das 700:000 creanças que existem em Portugal dá o estado, n'estas 2:300 escolas — instrucção a 97:000 creanças. Isto é de 700:000 creanças, estão fóra da escola mais de 600:000!

Mais! d'estas 97:000 creanças que andam nas escolas, sabem quantas se apuram promptas, por anno? Segundo as ultimas inspecções — em cada 50 alumnos — 1!

Portanto Portugal de 97:000 creanças que tem nas suas escolas — apura 1:940!

Por consequencia isto é um paiz que tendo 700:000 creanças a educar — consegue educar 1:940!

Mordei-vos de ciume, cafres!

. ˙ .

Esta infecundidade — tem a sua origem no alumno, no mestre e na organisação da escola. Tem sobre tudo, a sua causa — no estado. O estado inutilisa o alumno, impossibilita o mestre

e despresa a escola. Vae como o general Boum por tres caminhos — contra o A B C!

. . .

Nas classes pobres — a familia é hostil á escola, diz-se. É um erro. A familia não nega o filho á escola, requer o filho para o trabalho. A creança aqui é um trabalhador. Pequeno, de 7, de 10 annos, conduz os bois, pasta o gado, guia o carro, acarreta, sacha, auxilia, collabora na cultura. Tem a altura de uma enchada, mas a utilidade de um homem. Sáe de madrugada, recolhe ás trindades, com o seu dia rudemente vivido. Nas familias trabalhadoras a creança é um braço, é uma parte da tarefa, é um augmento de trabalho, é uma actividade creadora, é um lucro. Mandal-o á escola, de manhã, de tarde — umas poucas de horas, é diminuir a força laboriosa da familia: educar a creança na escola torna-se assim inutilisar um homem na lavoura. Pobres, com uma cultura toda feita a braços, sem poder pagar jornaes — a familia tira-o á escola, para o dar ao trabalho. É claro. Uma familia de lavradores não póde luxuosamente diminuir as suas forças vivas. Não é por a creança saber soletrar que a terra dá pão, mas é

por a creança cavar que os sulcos germinam.

O remedio é a creação de cursos nocturnos. Á noite, o campo, entrega a creança livremente á escola. Os cursos nocturnos eram outr'ora exclusivamente para os adultos que tinham o seu dia tomado pela lavoura ou pelo officio. No entanto, n'um paiz pobre, n'uma agricultura quasi primitiva e n'uma industria quasi instinctiva, a creança tem quasi o trabalho do homem. O filho tem o seu dia tomado como o pae. Os cursos nocturnos são para ambos.

Ora sabem quantos cursos nocturnos havia em Portugal em 1862? — 62!

Em Italia, paiz cuja instrucção se arrasta vagarosamente ha — 5:000!

Sabem quanto todos os municipios dão para os cursos nocturnos, suprema facilitação da instrucção? 1:200$000 réis! — 300 municipios!

Sabem quanto dá o estado para esses 62 cursos? 240$000. O estado, o paiz, a patria — dá 240$000 réis para os cursos nocturnos! 3$890 réis a cada curso: pouco mais de tres quartinhos! É com estas despesas desvairadas que se fazem as bancas rotas impudentes!

Mas não é tudo: em 1867 o ministro do reino, promoveu energicamente a creação de cursos

nocturnos. Fez-se um exforço arquejante e chegaram, depois de mezes prolongados — a crear 545 cursos! As camaras, na palpitação da primeira impressão, prometteram magestosamente para auxiliar estas creações — 12:000$000 réis. Pois bem, sabem o que succedeu?

Mezes depois, as camaras negaram-se a continuar as dotações.

Algumas mesmo não chegaram nunca a pagal-as.

Outras não quizeram satisfazer ao professor os ordenados ganhos.

N'um districto, no bestial districto de Evora, dos 18 cursos que se abriram, restavam apenas, mezes depois, 3!

No districto de Coimbra (oh lusa Athenas!) de todos os que havia, não restava passados mezes — nenhum!

Ultimamente em Peniche os cursos nocturnos que eram frequentados por 700 alumnos — as camaras fecharam-nos todos!

Dos 545 que se conseguiram crear, restam — não chega a 100!

Que lhes parece, meus senhores, esta singular infamia!

Oh nossa patria, Deus na sua justiça inillu-

divel te dê uma boa, uma saudavel, uma feroz tyrannia, que te deite nas palhas das cadeias, que te vergaste nos velhos pelourinhos que ainda existam, que te enforque nas traves apodrecidas das forcas de outr'ora!

. . .

Uma das causas da ignorancia publica é o professor.

O professor de instrucção primaria é o homem no paiz mais humildemente desgraçado e mais cruelmente desattendido.

Sabem quanto tem o professor de instrucção primaria? 120$000 réis por anno, 260 réis por dia! Tem de se alimentar, vestir, morar, comprar livros, e quasi sempre comprar para a escola papel, lapis, lousa etc., treze vintens por dia. Note-se que para a alta moralidade da sua missão, é evidente que o professor deve ser casado. Pois bem, para crear uma familia—treze vintens por dia!

Mas notem: já em 1813 a junta directora dos estudos pedia ao governo que pelo menos désse aos professores primarios 200$000 réis. Pedia-se isto ha 60 annos! E ainda tem 120$00 réis! E a junta dizia energicamente: « decidamo-nos:

sem ordenados sufficientes não ha professores idoneos.» Em 1813, 200$000 réis para um professor, era achado pelas repartições competentes — apenas sufficiente: e em 1872 com o estraordinario augmento dos preços, com a violenta carestia da vida — o professor tem de ordenado 120$000 réis!

Note-se mais: ha 35 annos, Rodrigo da Fonseca Magalhães — considerando que o professor não podia viver, nem educar-se, nem aproveitar com o ordenado avaro do antigo regimen — determinou que os professores de Lisboa tivessem 400$000 réis, e os das outras terras réis 250$000. Pois bem, d'ahi a tres mezes! essas medidas racionaes e inevitaveis foram abolidas, determinou-se até que aos professores não fossem pagos os ordenados vencidos — e arremessou-se de novo, violentamente, o professor para a indigencia!

Além d'isso o professor de instrucção primaria não tem carreira: está fechado no seu destino como n'uma desgraça murada: crescer-lhe-hão os filhos, vir-lhe-hão os cabellos brancos, terá educado gerações, terá sido bom, deligente, paternal, util, e continuará a soffrer acanhado nos seus estreitos 120$000 réis e conti-

nuará a entorpecer a sua actividade nas monotonias do B A — Ba. A falta de carreira é a extincção do estimulo, é a petrificação da vontade, é o estabelecimento da inercia e a hesitação da vida. O homem assim não procura alargar-se, saber, conhecer mais, progredir: embrulha-se na somnolencia do seu officio como quem se accommoda para a eternidade.

Uma eternidade de 120$000 réis! E ainda d'este estreito salario — tem quasi de sustentar a escola: o alumno pobre só acceita o ensino gratuito — absolutamente: se tem de comprar pennas, lapis, lousa, pauta, papel — abandona a escola, como um logar perdulario.

O professor tem de pagar estes pormenores: de outro modo desertam-lhe a aula: o vasio da sua escola e o fim do seu salario.

Accresce que o professorado é uma sciencia que é necessario aprender: é este o fim das escolas normaes: aprender a ser mestre. Só a Italia, a nossa irmã Italia, paiz de obscura escola — tem 91 escolas normaes. Sabem quantas havia em Portugal? — Uma. Era a que havia em 1868. Em Inglaterra, França, Hespanha, Brazil alargavam-se.

Entre nós, o governo para seguir este movi-

mento civilisador e fecundo, foi á unica que havia e — extinguiu-a! É verdade, meus senhores, extinguiu-a. Tinha ella dado, no pouco tempo que viveu 91 professores — todos aproveitados pelo estado — porque 70 regiam ha pouco escolas publicas, e o resto dava-se ao ensino livre. Até que em 69 reconheceu-se que emfim era necessario ensinar aos professores a arte difficil de ensinar as creanças — e crearam-se 5 em Lisboa, Porto, Coimbra, Evora e Vizeu.

Estes salarios indigentes, esta profissão sem carreira e sem progresso, este professorado sem escolas normaes, estabelece o seguinte estado:

Na ultima inspecção — de 1:687 professores só foram encontrados com habilitações litterarias 263! E só foram julgados zelosos — 172!

Que lhes parece, meus senhores?

* * *

A escola por si, é outra desorganisação. Os edificios, a não ser os legados pelo conde de Ferreira, que ainda quasi não funccionam — são na maior parte uma variante escura entre o celeiro e o curral. Nem espaço, nem aceio, nem arranjo, nem luz, nem ar. Nada torna o estudo tão custoso como a fealdade da escola. Não pe-

dimos de certo para uso do BA ba, os classicos jardins d'Armida. Mas está na mesma essencia da organisação dos estudos a boa disposição material da escola. Em Inglaterra, França, Alemanha, Italia, Hespanha, é um requisito primordial. Sobretudo nas aldeias, é quasi impossivel domar ao estudo n'uma saleta tenebrosa e enjoativa as creanças inquietas que vem do vasto ar e da plena luz dos prados e dos campos. A escola não deve ter a melancolia da cadeia. Pestallozi, Froebel, os grandes educadores, ensinavam em pateos ao ar livre, entre arvores. Froebel fazia alternar a sua aula pelo estudo do A B C e pelo uso do trabalho, a creança soletrava e cavava. O arranjo da escola harmonico, espaçoso, limpo e assoalhado — é um interesse higienico, e educativo. A escola entre nós é uma grilheta do abecedario, escura, suja, desarranjada: as creanças estão ali enfastiadas, repetindo a lição alto, monotonamente, sem vontade, sem intelligencia, sem estimulo: o professor domina pela palmatoria, ensina pela rotina, e põe todo o tedio da sua vida no systema do seu ensino.

Além d'isso, de 1:687 como viram — só 172 foram achados zelosos.

. ˙ .

É que ha um outro mal terrivel — a falta de inspecção. A inspecção é a consciencia publica da escola. Sem inspecção, a escola desorganisa-se, o professor desleixa-se, o alumno deserta. Uma inspecção bem organisada conserva a escola bem ordenada, o professor zeloso e attento, o estudo seguido. — Sem inspecção — o professor que não tem ordenado, nem destino solido e garantido, nem estimulo efficaz, esquece-se no tedio, no abandono, no desdem, — e a escola extingue-se. É o que se dá por todo o paiz. As escolas estão abandonadas á iniciativa indolente do professor.

E como sabem de 1:687, acharam-se apenas 172 zelosos!

Ora sabem como é feita a inspecção?

Em cada districto administrativo ha um commissario dos estudos que tem por anno, para inspeccionar as escolas do seu districto, a gratificação de — 120$000 réis: ordinariamente é um professor do lyceu ou o reitor. Isto desde 1844.

Querem a critica justa d'esta instituição? Eil-a: Em 1854 o ministro do reino, dizia á camara dos deputados n'um relatorio: — os com-

missarios dos estudos occupados na direcção dos lyceus, e nas regencias de cadeiras, não curam nem podem curar da visita e inspecção das escolas primarias! É o ministro, o governo, o estado — que assim critica, anniquilla uma disposição legal, a de 1844. Pois bem, ha perto de 20 annos que esta sentença condemnatoria da inspecção dos commissarios foi lavrada pelo governo — e ainda existe hoje, em 1872 — a inspecção pelos commissarios!

Que lhes parece?

Tal é resumidamente o estado da instrucção.

2:300 escolas n'um paiz de 4 milhões de habitantes!

De 700:000 creanças a educar apenas 97:000 nas escolas. D'estas 97:000 apenas se apuram 1:940. Por tanto de 700:000 creanças a aducar — educa o paiz 1:940!

Sendo indispensaveis os cursos nocturnos — crearam-se 545! restam — não chega a 100!

Os professores tem em 1872 o ordenado de 120$000 réis, que já em 1813 era julgado absolutamente insufficiente. Não teem carreira.

As escolas normaes são a aula dos professores. Havia 1 em 68. Foi extincta! Agora ha 5.

De 1:867 foram julgados com habilitações litterarias 263 — zelosos 172!

As escolas são curraes de ensino.

Inspecção não a ha. Já em 1854 se queixava d'isso o ministro do reino! Estamos em 1872!

Eis ahi, o estado da instrucção publica em Portugal, nos fins do seculo XIX [1].

. · .

Note-se que nós fallamos apenas da organisação do ensino. Não fallamos da organisação do estudo. Essa não é incompleta porque não existe. A nossa escola é a antiga aula de escripta e leitura do tempo devoto do Sr. D. João V. Isso é uma outra grave, severa, terrivel questão. Hoje fallamos meramente da organisação do ensino: e de tudo o que descrevemos uma palavra de conclusão colhemos:

A instrucção em Portugal é uma *canalhice* publica!

[1] D'esta indifferença profunda e bestial que ha pela instrucção, devemos exceptuar os excellentes trabalhos do sr. D. Antonio da Costa. Os seus livros, escriptos com uma exacta sciencia e com um altivo sentimento, são o protesto da civilisação e a desforra do espirito.

Que o actual governo volte os seus olhos, um momento, para este grande desastre da civilisação!

A academia portuense das Bellas Artes deu os seguintes pontos para o concurso triennal que deve realisar-se este anno:

Pintura — *S. João prégando no deserto.*

Esculptura — *S. Jeronymo fazendo penitencia.*

Architectura — *Projecto de uma egreja destinada para freguezia central de qualquer cidade.*

. ˙ .

Inclinemos a cabeça diante da comprehensão que, em vista de similhantes pontos, a academia portuense das Bellas Artes denota ter do destino e dos fins da arte. Pobre academia! que sympathica perplexidade não seria a tua se nós tivessemos a impertinencia de te perguntar o que é a arte e qual o seu fim!

Não! não pertubaremos com vozes indiscretas o silencio augusto do portico portuense. Que

seja a arte o que muito bem quizer. Que seja ou que não seja um instrumento de aperfeiçoamento physico e moral da nossa especie, como a queria Prudhon. Que o seu verdadeiro objecto seja o corpo humano, segundo a opinião de Miguel Angelo. Que imite a vida real nos seus usos e costumes, como faziam os flamengos. Que seja italiana ou franceza. Que acaricie a belleza material da forma. Que seja espiritualista e dramatica. Que especialise as tragicas attitudes da escola bolonheza. Que seja ideal, olympoca, domestica, psichologica, metaphysica, pedagogica, intima, social ou scientifica. Que nos importa isso, tanto a nós como á academia portuense!

Querem dizer que nos diversos periodos da historia da arte se observa que ella decae sempre que acceita as inspirações de segunda mão, que se reconstitue e revalida embebendo-se na natureza. Para que o artista crie em vez de copiar importa que o objecto da sua obra exista dentro d'elle mesmo, nas suas convicções resultantes da educação adquirida no meio em que vive. Não nos parece, por este lado, que a imagem de S. João constitua nos principios, nas idéas, nos sentimentos ou nas aspirações do ho-

mem contemporaneo o germen intimo de uma manifestação artistica, original.

Por mais religiosos, por mais mysticos, por mais asceticos, por mais contemplativos que queiramos suppor os membros do illustre corpo docente da academia portuense de Bellas Artes hesitaremos sempre em acreditar que elles possam desentranhar do fundo dos seus respectivos repositorios de ideal a idéa precisa dos caracteres que devem distinguir o S. João actual do sadio S. João de Raphael, que existe em Florença, ou do pallido adolescente, apaixonado e feminil, de Leonardo da Vinci. Em todo caso póde ser que, contra a nossa expectativa, os senhores professores se achem perfeitamente compenetrados d'aquillo que á geração actual cumpre inserir ou desgastar — para maiores explendores da arte — nos Sãos-Joões que a precederam.

. ˙ .

São porém de ordem menos esthetica as observações que se nos offerece fazer aos senhores professores da academia portuense.

As perguntas que temos de levar á decisão dos senhores cathedraticos fautores dos pontos, são simplesmente as seguintes:

Quaes são os caracteristicos por meio dos quaes os senhores professores distinguem um S. João prégando no deserto de um S. João prégando em qualquer outra parte? Se a ausencia de ouvintes — feição capital de um auditorio no deserto — pode influir na gesticulação do prégador, supprimindo-lh'a por inutil, é natural que pelo mesmo modo lhe modifique tambem a palavra, excluindo-lh'a por escusada. N'este caso será difficil, — por demasiado metaphisico, — representar prégando um prégador que nem gesticula nem falla.

Se pelo contrario os auditorios do deserto se compõem de ouvintes, como os demais auditorios, sobrevem então outra difficuldade: a de achar os toques especiaes que distingam prédica e prédica — predica no deserto e prédica no povoado.

. ˙ .

Ácerca de *S. Jeronymo fazendo penitencia* suggerem-se-nos eguaes duvidas. Na pintura uma figura individual só pode ser perfeitamente determinada ou pela copia das feições, que dá o retrato, ou pela representação de um facto ou de uma acção historica que assignala e individualisa um personagem celebre. Ora a acção da

penitencia, sendo o effeito de um uso commum em todos os ascetas, não pode determinar a especial physionomia, a personalidade religiosa de S. Jeronymo. Pergunta-se por tanto se os senhores professores da academia portuense estão no caso de facultar aos candidatos ao concurso do corrente anno um retrato authentico do personagem cuja figura tem de constituir a prova esculptural?

. ˙ .

A execução do ponto de architectura apparece-nos envolta em trevas ainda mais impenetraveis.

Modelo de uma egreja que possa servir de freguezia central em qualquer cidade!

Em que se differença a egreja de uma freguezia central de qualquer cidade, da egreja de uma freguezia suburbana ou de uma freguezia rural? Nem por sombras, as mais tenues e mais remotas, o podemos nem levemente conjecturar!

Dar-se-ha o caso de que nas *freguezias centraes* exista uma religião especial, se exerça differente culto, se congreguem crenças diversas ou se interponham particulares elementos de civilisação municipal nas relações particulares do homem com Deus?

Succederá por ventura que nas villas os fieis entrem no templo pelas janellas, e que nas aldeias se cantem as missas pela claraboia?

. ˙ .

Achamos muito proveitoso para a arte que sobre os referidos casos de duvida os senhores professores da academia portuense, se dignem de dar-nos a sua obsequiosa e esclarecida opinião.

O *Brazil*, periodico lisbonense destinado ao imperio americano, teve a supina amabilidade de consagrar ás *Farpas* uma grande folha de supplemento especial.

A referida gazeta encerra, para o brazileiro ler, o panegyrico do brazileiro.

Lemos e achamos bom. Collocando-nos como leitores do *Brazil* no ponto de vista que foi tomado pelo auctor do supplemento, achamos mesmo que está perfeito, e consignamos aqui os nossos cumprimentos.

O que sómente nos parece destituido de fun-

damento é dizer o *Brazil*, no supplemento, que escreve tudo aquillo para desmentir o que se achava exposto no precedente volume das *Farpas*...

Perdão, *Brazil* supplementar! Para que tu, panegyrista do brazileiro, podesses permittir-te o ar victorioso de nos desmentir, seria preciso que nós, detractores do brazileiro, o tivessemos previamente denegrido. Ora, longe d'isso, o que nós procuramos fazer no nosso precedente numero foi criticar a opinião desvairada que tinha do brazileiro o vulgo desalumiado. Pessoalmente, por nossa parte, gloriámo-nos muito então e agora de apertar affectuosamente a mão honrada do brazileiro hospitaleiro e operoso. Torna a ler, ó *Brazil* de appendice, e lá verás que taes são os sentimentos que bem expressa e manifestamente declarámos.

De resto — e muito nos pesa magoar-te por ventura, com esta sincera declaração — nós, redactores das *Farpas*, estamos inteiramente de accordo comtigo.

Com a differença de que:

No modo e no intuito com que nos expressamos, nós somos as *Farpas*, tu és o *Brazil*, *Brazil* papel, *Brazil* fazenda, *Brazil* de torna-via-

gem, jornal-encommenda, litteratura-fardo, polemica-pacote, expedida aos mezes pelos vapores transatlanticos debaixo de coberta enxuta, e consignada á rua do Ouvidor.

Nós, *As Farpas*, não nos consignamos a nenhum paiz, a nenhuma nacionalidade, a nenhum partido, a nenhuma politica, e a nenhuma rua. Estamos ao nosso cantinho, vigiando na setteira e despedindo de quando em quando uma flecha que ficará pegada como um signal no successo que passa — e mais nada.

A proposito do brazileiro a nossa opinião, como nós a definimos, terá talvez, como tu allegas a imperfeição de mostrar alguns angulos que contundam os que se lhe deitem em cima, mas por esse lado, amigo, olha que a tua opinião tambem não é perfeita. O teu voto — fraternalmente t'o dizemos — tem um defeito:

É ser o unico que sobre o ponto sujeito se te permittia dar.

Porque comprehendes bem que, destinando-te, expressa e consignadamente á rua do Ouvidor, se o teu supplemento se pronunciasse de modo diverso d'aquelle que tem, a rua do Ouvidor, segundo todas as probabilidades, queimar-te-hia como um genero avariado e pôdre.

Ora todos nós sabemos que ninguem está para empregar o suor do seu rosto mandando *Brazis* supplementares de um hemispherio para o outro, para que de lá lh'os devolvam, juntamente com os pontapés do antipoda agastado!

Portanto, sympathico *Brazil*, conciliemo-nos e concordemos em boa avença que inteiramente perfeito não ha ninguem!

Preconisa pois em santa paz as perfeitas virtudes e os incontestaveis merecimentos do brazileiro: nós te applaudiremos com o enthusiasmo de que podermos dispor. Brigar comnosco farás bem em não brigar. Querendo lisongear o indigena da Tijuca com o aspecto do nosso sangue, arriscas-te a dar-lhe o espectaculo triste de seres tu mesmo devorado. Manipula em socego a tua prosa embandeirada e domingueira, mas não tentes pendural-a em quem tem o espinhaço duro de mais para se dobrar diante de ti. A mão com que nos tocasses podia ser-te cortada: o melhor é que a mettas no bolso.

E com isto, adeus, estimado *Brazil!* vive por muito annos, medra e engorda muito, e, como a tua missão é outra, não te embaraces nunca com quem vae pelo seu caminho: isso é cá para nós.

Tu, se da rua do Ouvidor te perguntarem quem passa, responde:

« Que é o rei que vae á caça! »

« Não quereria, por todos os coraes do mar e pelos thesouros das ilhas distantes, desalegrar teus olhos verdes-negros », assim diz uma velha cantiga de piratas Norvegios.

Nós tambem não quereriamos, por nenhuma gloria, desgostar as *meninas solteiras*. Mas tambem não queremos deixar fóra do estudo e da critica — organismos moraes tão curiosos. Depois só se critica aquillo que se respeita. As estatuas celebres teem originado livros que são a sua sagração e a sua interpretação: ninguem extrahe uma idéa das *figurines* de biscuit que arqueiam as suas attitudes pueris na *vitrine* das lojas.

A sciencia tem os seus direitos inelludiveis e violentos: não é um galã com os labios faiscantes de madrigaes subtis; é um velho medico, sceptico e pratico, que olha, mede, compara,

toca, e, atravez dos fingimentos e dos recatos, vae apontando visivelmente as secretas verdades.

. ˙ .

A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães. O homem é profundamente filho da mulher, disse Michelet. Sobre tudo pela educação. A creança é como um marmore branco; sobre elle a mãe grava — mais tarde os collegios, os livros, os costumes só conseguem escrever. As palavras escriptas podem apagar-se ou emendar-se: não se alteram as palavras gravadas. A mãe penetra profundamente o homem com o seu temperamento, instinctos, idéas e ideaes. A educação dos annos virgens, a mais dominante e absorvente, é feita pela mãe: os grandes elementos vitaes—religião, trabalho, amor, dever, obediencia, fé, paixão, sonhos provisorios, realidades definitivas, é ella que lh'os põe no espirito. O pae, homem de trabalho e de actividade exterior, mais longe do filho, impõe-lhe menos a sua feição; é menos camarada e menos confidente: o filho mesmo conhece-o pelo que conta a mãe do seu passado e do seu trabalho. A creança palpita assim, na influencia da mãe, — como uma materia trans-

formavel de que se pode fazer um heroe ou um justo, um sabio ou um infame.

Dize-me a mãe que tiveste — dir-te-hei o destino que terás.

A acção de uma geração é a expansão publica do temperamento das mães. A geração burgueza e plebea de 1789 a 93 foi em França forte, livre, sensivel e humana — porque as mães que a conceberam tinham chorado e pensado sobre as paginas de Rousseau.

A geração de 30, gerada durante o primeiro imperio — foi nervosa, idealista, avida de dramas e de excitação, porque as mães tinham vivido nos sobresaltos das guerras, na tenção aguda do receio, na contemplação dos destinos maravilhosos.

Se a geração de 51, em Portugal, foi a mais viva, mais impaciente e mais original — é porque as mães tinham sido as raparigas vivamente sacudidas pelos tempos colericos e dramaticos de 28.

. ˙ .

Assim — o que hoje são as meninas de 1872, é o que será a geração portugueza de 1893? Oh não, inteiramente! Os livros, as idéas, as sciencias, o espirito positivo, as revoluções for-

mal-a-hão. Mas nem por isso é menos curioso saber o que são estas gentis raparigas de 15 a 20 annos: assim se poderá prever o que ellas serão como esposas e como mães, como companheiras e como educadoras.

Que ellas nos perdõem, se a nossa penna nem sempre foi glorificadora com o soneto de Petrarca: mas a tinta moderna é diluida em verdade. O madrigal ficou-se, suspirando esterilmente, á beira dos livros de Curvo Semedo, o pastoril desembargador: não se atreve a pôr o seu pé florido n'estes caminhos revoltos da vida presente. Elle está tão longe de nós como os pastores vestidos de seda, apoiados a bordões de chrystal: hoje os pastores são rudes miseraveis, cobertos de farrapos, esguedelhados e imbecis, ruminando a sua desgraça pelas asperas serras: não suspiram, em versos sonoros, as meiguices de Clhoris: pedem mais pão aos patrões!

O madrigal é triste como um velho perfume, ou como uma coroa de larangeira desbotada, atirada para o sotão. Não ha nada como bellas verdades, sadias e robustas, frescas e moças!

. ˙ .

As meninas solteiras. Vejamos o typo geral de Lisboa: é uma pessoa magrita, amarellada, com um andar debil, ligeiramente ondulado, um grande *puff* no vestido, penteado difficil e espesso, um pequenino chapeu, o olhar sem ingenuidade, sem hesitação e sem temor.

O primeiro signal saliente é a debilidade e a anemia. Taine diz, pintando o solido vigor inglez — que o primeiro dever de uma menina é ter saude. É. A saude é a explosão physica da innocencia. Á saudavel perfeição do corpo corresponde a lucida simplicidade do espirito. *Mens sana en corpore sano.* Uma pelle fresca e sanguinea diz um pensamento casto e veridico. Musculos que jogam livremente, busto direito, beiços vermelhos, construcção viva — indicam juizo simples, consciencia recta e alma fresca. A pallidez, a curvatura, as olheiras, o deprimido, o murcho — mostram um ser possuido de sensibilidade, de histerico, de appetites, de ideas subtis e profanas, de excitações e de nevrozes. Ora entre nós, as meninas não teem saude. Anemicas, debeis, descoradas, sem sangue, sem musculos, sem força — umas padecem de nervos, outras de estomago, outras do peito, e to-

das são chloroticas como seres que estão longe do sol.

Em primeiro logar não respiram: passam os dias na preguiça de um sophá ou de uma cadeira, com as janellas fechadas — ou percorrem com o seu passinho miudo o Chiado e as suas fronteiras. Por tanto falta de ar livre, são e restaurador — por que o ar d'esta cidade baixa penetrado de infecção, enfraquece — e nas sallas abafadas, resguardadas de cortinas ou allumiadas a gaz, o ar debilitado de oxogenio não dá alimento ao sangue.

Depois não fazem exercicio. Uma ingleza tem por dever moral, como a oração, o passeio — o largo passeio, de grande respiração, de livre horisonte, bem marchado durante duas horas, sem preoccupação elegante, todo de disposição hygienica. Aqui, as que andam a pé, depois de ir de uma loja na rua do Ouro a uma egreja no Loreto, arquejam, tossem, arrastam-se, amarguram-se: algumas não sabem andar, desiquilibram-se, escorregam, saltitam, oscillam. Nada dá tanta idéa da constancia de caracter, como a firmeza do andar. Uma allemã, uma ingleza, anda — como pensa — direita e certa. — Como estão constantemente sentadas e aninhadas, os

musculos sem exercicio affrouxam-se, laxamse, e sempre um grande tedio de espirito coincide com o cançasso do corpo. Além d'isso, o habito do *sophá*, da *causeuse*, do *fauteil*, do recosto e da almofada da *caleche* — acostuma ás posições debeis e emollientes; cabeça errante, braços amollecidos, corpo abandonado e flacido. Uma ingleza nunca toma, por pudor, estas attitudes languidas e fatigadas. São attitudes de serralho ou de pomba amorosa. Uma menina está direita, firme, séria, forte e simples. É o dever da sua innocencia. As posições deitadas levam ao sonho, ao sentimentalismo, á mortal preguiça do coração.

Depois não comem: é raro ver uma menina alimentar-se rudemente como é logico, de uma forte sopa, *roast-beef* e vinho. Comem doce e alface. Jantam as sobremesas. O amor da gulodice, do assucar, do doce, das natas, é uma diminuição de força. Os antigos moralistas, attribuiam-lhe mesmo uma influencia má nos costumes e no caracter: nas casas de provincia, onde a moral existe guardada em decrepitos proverbios, como em frascos — dizem os velhos, com um ingenuo horror: *mulher gulosa, bicha manhosa*.

Os arabes explicam certas inferioridades das mulheres, pelo habito de estarem passivamente encrusadas, roendo assucar. Nas artes realistas, o amor dos doces explica muitas circumstancias de temperamento: evite-se a mulher que depois de comer assucar ou folhados ou rebuçados, humedece a pequeninos toques o meio dos labios com a ponta da lingua. É um symptoma. O realismo ensina a conhecer a personalidade interna, pelas exterioridades do corpo: assim por exemplo que toda a mulher evite e desdenhe o homem que tiver os cantos da boca humidos e amarellados — é um covarde, um falso, um espirito de pequenas tyrannias.

Lisboa é uma cidade gulosa, como Paris é uma cidade revolucionaria. Paris cria a idéa e Lisboa o pastel. D'ahi a grande quantidade de doenças de estomago e de maus dentes. A deterioração pelo doce começa aos quatro annos. O sangue vae perdendo as suas qualidades de vitalidade activa, solida e progressiva: e alimentado a massa, ovos, natas, dá estes corpos debeis e estes carateres amollecidos. Nas meninas o estomago assim habituado debilita-se, derranca-se como se diz na aldeia, e todo o organismo do corpo e da vontade tende a morrer.

Outra doença, a *toilette*: doença indirecta e grave... Com os penteados complicados, herrissados, insolitos, em fórma de capacete, de fronha, de *chalet* e de concha, com todos os segredos tenebrosos que põem por baixo para sustentar, erguer a construcção inclemente — accumulam sobre a cabeça um fardo, uma trouxa, que não deixa arejar o craneo — de tal sorte que a transsudação accumulada á raiz do cabello, penetra, entorpece, adoece. Ouve-se-lhe dizer quasi sempre — *Sinto hoje um peso na cabeça!* É o fardo. É o cabello opprimindo, tyrannisando; é a inflammação lenta do craneo, sem ar, amollentado, como um corpo que se não despe.

Lisboa é a cidade onde as meninas mais se apertam e se espartilham: ora o espartilho que destroe a belleza da linha, a melodia das curvas naturaes é — dizem os velhos medicos rindo scepticamente, — um mal inextinguivel. Antes de tudo difficulta a circulação, a respiração e a digestão. Toca as tres causas da vida.

De modo que com os musculos sem exercicio:

Os pulmões sem bom ar;

O estomago sem carne;

A cabeça abafada;
A circulação cumprimida;
A digestão estrangulada;
Uma pobre menina, arrasta a morte fatalmente, como uma cauda.

Além d'isso, destroe a sua belleza, a vivaz mocidade e a graça: por aquellas causas a pelle torna-se amarella, os olhos cercam-se de um pisado côr de bistre, os labios descoram, seccam-se e gretam, as orelhas despegam-se do craneo, o corpo corcova-se, o nariz afila, as mãos humedecem — e assim, na forte edade da florescencia e na expanção da vida, uma pobre rapariga de quinze ou dezoito annos está como alguma coisa de amarrotado, de murcho, de seco de *em segunda mão*, com aquelle aspecto velho e extincto que o pó das estradas dá á virgindade das folhas.

Começam a precisar, para serem bonitas, da luz do gaz. Ahi sim: no brilho artificial d'aquella luz crua e opaca que põe em tudo um reflexo sem *nuance*, uma menina com os cabellos lustrosos e os tulles espalhados, tem relevo e preciosidade. Mas que venha ao outro dia, a transparente, fina, intelligente luz do dia: então as fraquezas destacam: os cabellos cha-

muscados do ferro de frizar estão seccos e côr de rato, a pelle tem laivos rosados, os beiços são como um bago de romã exprimida, o nariz tem na cartilagem que o liga ao rosto um vinco escuro, e a boca encova... Ai! Páris não lhes daria a maçã.

. ˙ .

É a moda. — Cruel razão! a moda começa por ter isto de absurda: é que não é ella que é feita para o corpo — é o corpo que tem de ser modificado para se ageitar n'ella. Ella vem de fóra, pintada no figurino, feita á phantasia burgueza de um desenhador de armazem: e aqui, depois — é necessario reformar o corpo, obra do bom Deus, — para o accommodar ao *figurino*, obra do jornal das damas: de modo que para sustentar o chapéo deforma-se a cabeça: para obedecer ao *puff* torce-se a espinha; para dar razão ás botinas Luiz XV desconjunta-se o pé; para seguir a altura das cintas, destroe-se o busto. Nunca como hoje, sob o dominio da burguezia, se despresou, se deteriorou o corpo humano. Ai, não é com a intenção mystica d'aquella santa que cortou o nariz, para aniquillar as glorias mortaes da sua belleza! Não, hoje mais que nunca se glorifica a belleza: o corpo é o

fim, a lei, a consciencia. Sómente não se acceita o corpo que a natureza dá — e procura-se aquelle que se vende nos armazens. Ah! onde estão os tempos em que a belleza era como uma santidade! Em que a vida era a educação e a idealisação do corpo! em que se erguiam estatuas ás nudezas maravilhosas! em que o desfigurar o homem, era punido com as velhas leis barbaras do sacrilegio! e em que o atheniense nas conversas dos porticos ou nos peristyllos dos banhos — se occupava menos da invasão de Xerxes do que do corpo de Lais. Veja-se então que logica, clara, plastica *toilette*. Uma larga tunica de linho, d'amplas pregas, que deixava o corpo livre, intacto, inopprimido, em toda a bella originalidade de suas linhas. Até as barbaras respeitavam a perfeição da fórma: e era nos tempos asceticos em que a carne era o crime da vida. Vejam-se nos tempos merovigios e carlovigios — os vestuarios d'aquellas rainhas homicidas e magnificas. Um vestido inteiro, branco ou negro, modelando o corpo como uma luva, o pescoço livre, e os cabellos em duas tranças, ao comprido das costas!

.˙.

A moda destroe a belleza e destroe o espirito.

Um figurino decretado e seguido — mata as originalidades do gosto. Santo Deus! um caixeiro desenha a lapis, em Paris, um certo corpete, umas certas mangas — e todas, magras e gordas, as loiras, as trigueiras, as ageis, as debeis, as altas e as pequeninas, se introduzem, se alojam, se mettem n'aquelle molde, sem se preoccuparem se o seu corpo, a sua côr de cabellos, o seu perfil, a sua altura, o seu peito, condizem, harmonisam, *vão bem* com o molde decretado e com o modelo vindo pelo correio. Abandonam-se servilmente ao figurino, abdicam a sua originalidade, o seu gosto, o seu engenho, o seu talento. Tornam-se imitadoras e copistas. Acceitam uma banalidade em seda e um logar commum com folhos. Agacham-se humilhadamente no gosto das ruas. Uma senhora que não inventa, não cria os seus vestidos — é como um escriptor que não acha, não inventa as suas idéas. Ter a toilette do figurino é fazer como os mercieiros que teem a opinião da sua gazeta. Deshabitua o espirito da invenção, da espontaneidade, da altiva liberdade. Torna a alma passiva, acceitando como um terreno esteril e neutro as idéas e as opiniões alheias. É uma confissão tacita de que se não tem espirito, nem phantasia. O figurino

é a reducção da originalidade a uma obediencia a costureira: é servir a cabeça de um caixeiro diluida em prosa: é cumprir a Carta Constitucional dos pannos abretanhados; é aprender a elegancia de cor, para a ir recitar na rua; é a maneira barata de ter gosto de encommenda; é alugar o *chic* ao mez: é mandar vir as idéas pelo correio: é o bom tom por assignatura. Que falta de espirito! e os maridos pagam-n'o!

.˙.

Depois da anemia e debilidade do corpo, o que n'ellas é mais caracteristico — é a debilidade dos modos, dos habitos. Nada mais significativo que o seu modo de andar. Veja-se o andar de uma ingleza, firme, direito, accentuado, sereno, pratico: sente-se a saude, a personalidade bem affirmada, a coragem, os instinctos positivos. Veja-se o andar de uma menina portugueza, arrastado, incerto, banlançado, hesitante, morbido: sente-se a indicisão, a fraqueza e a incoherencia.

Depois são preguiçosas: uma preguiça emolliente e unctuosa. O dia de uma menina de dezoito annos é assim dissipado: almoça, vae-se pentear, corre o *Diario de Noticias*, cantarola

um pouco pela casa, ageita-se n'uma cadeira, pega no *crochet* ou na costura, deixa-a, vae á janella, passa pelo espelho, duas pancadinhas no cabello para o compôr, dá mais dois pontos no trabalho, deixa-o cair no regaço, come um bocadinho de doce, conversa vagamente, volta ao espelho e assim vae puxando o tempo pelas orelhas, fatigada de ociosidade e bocejando as horas.

Depois teem medo, um medo horrivel, de tudo: de ladrões, de trovoada, de phantasmas, da morte, dos corredores, dos castigos de Deus, dos soldados e dos mascaras. Não são capazes de atravessar uma sala ás escuras, se um rato corre no soalho saltam para cima dos moveis, gritam se veem um revolwer, teem os terrores que teem os canarios.

Não teem decisão: um quasi nada as embaraça. É necessario que tudo em roda d'ellas seja facil, claro e accessivel; de outro modo, suspendem-se, hesitam, succumbem: um *não*, uma carruagem que falta, o relogio que parou, o tempo que mudou — e ahi estão indecisas, aterradas, inutilisadas. É vel-as no inverno, nos grandes dias de chuva: a ingleza se tem que fazer compras, visitas, põe o seu *water-proof*, calça as suas galochas, toma o seu guarda chuva e ahi

vae chapinando a agua. A portugueza em casa, encolhida, voltada para dentro, *inclusa*, segundo a energica expressão do nosso grande desenhista Manuel de Macedo, cae no fundo monotono de um grande entorpecimento.

É vel-a nas jornadas! Se tem de montar a cavallo que sustos, que gritinhos, que *padre nossos* murmurados!

A bordo de um paquete a ingleza, a franceza gostam de se expôr na tolda, ver o mar, a fria brisa, a humida sensação do ar, a espuma, a baixa tristeza das nuvens: a portugueza em baixo, geme, resa, toma caldos e quer morrer.

D'aqui vem a sua falta de acção e a sua infeliz passividade. Uma menina aqui, não tem iniciativa, determinação e vontade: precisa ser mandada, governada, inspirada, de outro modo: irresoluta e suspensa, fica na inacção, com os braços caidos. Perante um perigo, uma crise de familia, uma situação difficil, resam. Vão buscar a sua força ao silencio do oratorio: teem fé que só Deus as póde inspirar, dar-lhes a decisão e a idéa precisa: e terminam quasi sempre por seguir o conselho de uma criada!

Veja-se que companheira para a vida do homem — e do homem moderno que não é um

trovador ou um comtemplativo, nem um sultão para ter aninhadas, em fofas almofadas, preguiças perfumadas e brancas — mas que é um trabalhador, precisa ganhar o seu pão, viajar, arcar com as fortes durezas da vida; como ha de ter sobre os braços creaturinhas que desfallecem e gemem, cheias de *puff*, de pó de arroz, de rabuge e de mimos de romance!

Que differença de uma franceza, uma allemã, uma ingleza; quantas d'estas encontrou um de nós, nos mais asperos paizes, nas ruinas e nos desertos, nas montanhas de Judéa, nos desfiladeiros do Mar morto! Soffriam as duras horas do sol, dormiam sob a tenda, comiam entre duas pedras no leito secco das correntes, e sempre alegres, fortes, vivas, rosadas, o *skach-hand* franco, o riso facil. Nunca se esquecerá de duas nobres e bellas inglezas, que viu em Jerusalem. Dezenove a 22 annos, solteiras: iam partir para o Jordão, pelo abrasado caminho de Mar-Saba. Uma sobretudo era de um grande relevo: alta, com um vestido de amazona verde-escuro, justo com uma luva, grandes olhos verdes innocentes e fortes, o pescoço de uma brancura de camelia humida. Tinham ambas o seus chicotes, luvas de camurça e á cinta os seus *rewolvers*. Isto

é: luctariam, desfechariam — por que o caminho do Jordão é aventureiro, ás vezes os pastores beduinos apparecem no alto das collinas, e é mau ver as suas tendas de pelle de camello negrejarem no quente azul do ar. E eram solteiras, creanças quasi: se as fitassem de certo modo corariam, se lhes pedissem a bolsa desfechariam: tal é a delicadeza pueril da *miss*, tal é a sua força. Raça de protestantes — de consciencia altiva e de razão serena.

. ˙ .

Vejamos, um pouco, como estes seres interessantes se formaram, lentamente, sob a educação interior. As mães poem nas suas pequerruchas todo o interesse de uma gloria: e adornam a sua golria magnificamente. Mas, infelizmente, vestindo-as, como uma pequenina senhora! A pequerrucha de seis, oito annos, uma *baby*, *Bébé*, um bocadinho de creatura, um nadinha de mulher, já transformada, com gravidades de dama, direita, amaneirada, seriasita, tontinha de vaidade e absurda de folhos! Na edade, em que precisam toda a largura, todo o livre movimento, toda a espontaneidade para crescer, já trazem a cinta apertada n'um annel tyrannico, a

cabeça opprimida de penteados, o cabello crestado do ferro, os pesinhos devorados pela soffreguidão do verniz, e *anquinhas* e *puffs*, e um grande apparato que é o carcere do anjo.

Ora a *toilette*, é como a nobreza — obriga. E assim a pequenina penetra-se da influencia dos seus vestidos. Aos oito annos olha-se ao espelho, tem perrices por causa de uma fita, põe pó de arroz conscientemente, quer a meia esticada e elastica para dar relevo a uma perninha bem feita e mimosa; todos os labios da familia peregrinam no claro, rosado rosto da Bebé, e a creaturinha que é ainda uma argila santa, vae-se impregnando de vaidade, como uma esponja de agua. Depois, vivendo na certeza da sua belleza como uma santa no seu altar, toda preoccupada de vestidos, affogada de mimo, admirada e beijada — começa a ter certos sorrisos crescidos, a espreitar com um certo disfarce malicioso, a ter umas ternuras de andar, um modo de se retrahir de se recusar — que ha de fazer corar por vezes o seu anjo da guarda. Teem pequeninas sympathias, cheias de mysterio. Uma deu um dia a um nosso amigo um amor perfeito, em segredo, pedindo-lhe que o guardasse. Tinha nove annos. Outro amigo nosso,

lindissimo rapaz, recebe a occultas, de uma pequerruchinha de dez annos uma fita de cabello, com um pedido de casamento, extremamente ingenuo e innocente. São pequeninas graças, leves como fios. Mas a vaidade infiltra-se na alma, gota a gota, e crea no fundo aquelle lago immovel, negro e resplandecente, onde nada a sereia mysteriosa que se chama a voluptuosidade.

Ao par d'esta educação profana—que educação moral?—o cathecismo e a doutrina. É a educação religiosa. Faz-se assim: a pequerrucha aprende a persignar-se, a ajoelhar com gravidade e a recitar o *padre-nosso*. Depois seguidamente, mysterio a mysterio, todas as orações da cartilha. Esta doutrina dil-a a pequerrucha, correntemente, de cór, como a taboada ou como as capitaes da Europa, sem idéa, sem fé, sem comprehensão, com um certo terror—por que lhe ensinam que Deus dá as trovoadas, as doenças, a morte e os castigos abrasados.

Ora para que se dá religião a um homem, a uma mulher? Para lhe dar um guia para a sua consciencia e um guia para a sua moral: uma doutrina que lhe ensine o que deve pensar e o que deve fazer: criterio para o seu juizo e cri-

terio para a sua acção. O que se lhe ensina no cathecismo? Uma série de formulas e de palavras, cujo sentido lhe é estranho, como uma lingua ignorada. Aprende-a machinalmente como uma lição, que recita a certas horas, de pressa ou de vagar, como uma obrigação, como se penteia e como trata as unhas.

De toda a doutrina do cathecismo, nenhuma mulher percebe, comprehende a pagina mais simples e mais facilmente accessivel ao sentimento ou ao entendimento: parte por que é obscuramente theologica, prende aos mysterios ou á inexplicação dos dogmas; assim por exemplo não ha mulher que, recitando todos os dias, os *inimigos da alma, mundo, diabo e carne,* comprehenda a significação mystica, racional ou grammatical d'estas palavras: parte por que, tornada um habito de recitação, uma formula trivial que se repete de joelhos, um costume, está na memoria como uma toada machinal, mas não está no espirito como uma lei respeitavel: assim por exemplo, a creança repete todos os dias *que os peccados mortaes* são: 1.º soberba, 2.º avareza, 3.º...... 4.º ira, 5.º gula, 6.º inveja e 7.º preguiça etc.: pois bem, qual foi a creança, que diante de um prato de bolos hesitou jámais em

lhe deitar a mão — por se lembrar que a gula é um peccado mortal? Qual foi a que deixou de adormecer sobre os seus livros, por temor de commetter o peccado da *preguiça?* Qual foi a que deixou de gritar para não cair em *ira?*—E será por que — para a nossa natureza fatalmente possuida do mal sejam estereis, e se quebrem com bolas de sabão contra um muro, as recommendações da religião? Não. É que para obedecer a um preceito é necessario comprehendel-o — como é necessario que para nos fazermos obedecer de um creado minhoto, não lhe fallemos alemão. Ora a creança, que recita machinalmente, á flor dos labios, sem intenção, o cathecismo — não o percebeu: expõe-se-lhe a vontade de Deus: sem lh'a explicar, fazendo-lhe apenas aprender de cór, de modo que ás palavras que profere não liga idéa que o prenda.

Assim, desde que a creança tem de cór o cathecismo suppõe-se que ella sabe e possue a religião: mas, se chegando com esta educação aos quinze annos, lhe perguntarem — qual é o seu dever como esposa christã? Qual é o seu dever de christã como mãe? — Ficará extremamente embaraçada, como diante de interrogações mysteriosas. — Não sabe. Da religião sabe a car-

tilha, não sabe o dever: ou pelo menos o que ella suppõe o dever é ouvir missa aos domingos, e comer carne á sexta feira. — Determinações e idéas da religião sobre o amor, o casamento, a maternidade, a amisade, a caridade, a obediencia, a egualdade, a humildade, os adornos, as occupações, o trabalho, a economia, etc., etc. — sobre todas as idéas e sobre todos os factos — ou pelo menos sobre aquelles que são do movimento elementar da vida — não sabe *nada*, *nada*, *nada*, como dizia o santo. Sabe a cartilha. Por consequencia — diante de qualquer facto, casamento, morte, viuvez, etc — ella religiosa, christã, devota — como não se sabe guiar pela religião que desconhece — guia-se pelo instincto ou pelo capricho. Isto é a religião de que tanto usa não lhe serve muito mais do que a um canario ou a uma rola. Por que no fim o que a guia, o que a inspira, o que a domina — é o instincto.

De modo que aos dezoito annos, uma christã em Portugal — acha-se n'esta situação moral: da religião sabe a doutrina que não comprehende ou que recita sem comprehensão — e não sabe a moral que não lhe ensinaram: de modo que a doutrina é-lhe inutil por que a não

entende: a moral é-lhe inefficaz por que a não sabe. É tão christã e tão religiosa — como um passaro. — De modo que contra as tentações da vida não tem no seu espirito conselho, força, resistencia ou interesse superior: isto é, mais realistamente — uma palavra de amor, que percebe, que sabe, que absorve — póde-a perder: e a doutrina que possue, que não comprehendeu e que não percebeu — não a póde salvar. E ahi está porque, segundo dizem os velhos, Satanaz ainda se não resolveu morrer. E os seus dominios, como os da Prussia, crescem!

. * .

A pequerrucha Bébé, aos cinco annos, quando possue inteiramente a palavra e a phrase — começa a mentir. Bébé mente. Uma senhora ingleza ou franceza ou allemã — se vê sua filha mentir sente-se verdadeiramente offendida. Uma mentira são duas degradações; deixamos de nos respeitar por que affirmamos o falso e deixamos de respeitar os outros porque os lançamos em erro. Em Portugal a mentira da creança faz rir, é uma graça: prova o engenho, a faisca, a agudeza do pequenino cerebro. Bébé começa a mentir para ter triumphosinhos, sonoros de bei-

jos. Começa por negar o que faz — o que é o germen da covardia: — termina por contar o que os outros não fizeram — o que é a semente da calumnia. De resto, aqui a mentira é um habito publico. Mente o homem, a politica, a sciencia, o orçamento, a imprensa, os versos, os sermões, o romance — a arte, e o paiz é uma grande consciencia falsa. Vem da educação.

A creança cresce na mentira. É um cesto roto esta creança — diz a familia rindo. E não sabem que dizendo graciosamente que é um cesto roto dizem tacitamente: será por tanto um intrigante, um falso, um calumniador e um covarde. Ás meninas sobre tudo — como se suppõe que ellas não teem relações officiaes ou publicidade em que a mentira possa prejudicar — consente-se a mentira, como uma alegria e uma vivacidade innoffensiva! Innoffensiva! Como se não importasse menos que o homem minta na publicidade do jornal — do que a mulher no recato da familia. O facto é que Bébé, o loiro, o engraçado anjo — mente!

.˙.

Além d'isso é curiosa. De uma curiosidade insaciavel. A curiosidade tem sido mal compre-

hendida: este grande instincto natural tem sido reduzido ás proporções de um vicio de criado. No entanto a curiosidade é o trabalho fatal da intelligencia e a livre expansibilidade da acção. A curiosidade é a civilisação, a sciencia, a industria, a navegação, as descobertas, a critica, a arte, o commercio — e a viagem perpetua que o homem faz atravez dos factos e das idéas. No entanto este grande instrumento de acção é necessario saber como a educação o dirige. Por que descobrir a America ou escutar a uma porta — são dois factos de curiosidade.

Em Portugal, uma mulher, excluida da politica, da industria, do commercio, da litteratura, pelos habitos ou pelas leis — fica apenas de posse de um pequeno mundo moral, seu elemento natural — a familia. Infinito dominio, o mais profundo, o mais bello, o mais grave. As mulheres queixam-se. D'isto sáe que senhoras reunidas giram — como borboletas em torno de um globo de candieiro — em volta d'este centro de exame: vestidos, dispensa e casamento. A creança — grande ouvido e grande curiosidade — vive n'este elemente: absorve como uma esponja o que ouve dizer em redor, no conchego das saias. Um pequenino espirito alimenta-se,

como de uma respiração, da conversação que o envolve. E um espirito nascente, avido, trabalha principalmente sobre a idéa que contém mysterio. *Ver o que está dentro* — é o ardor da creança para os fatos e para as bonecas, para as palavras e para as pellas. Ora a conversação moderna é ligeiramente clara. *As pessoas conhecidas* tal é o assumpto que a conversação resolve, espalha, commenta, emboneca e rasga: fulana casou, aquella separou-se do marido, é inexplicavel a riqueza de toilette de outra, sicrano faz-lhe a côrte, mas sicrano tem uma actriz... E depois vem a conversação dos homens, tios, paes, irmãos, primos, visitas. Veem de fora com a sua provisão de noticias, de curiosidades: este, esta, aquella, e a paixão de um e as aventuras de outro, e casamentos, amores, virtudes, amantes, — e o espirito da creança fita grandes olhos n'aquelles mysterios pittorescos! Os inglezes são n'este ponto de um recato saudavel: teem a creança longe, como sob uma redoma: não a deixam tomar o violento ar da palavra profana. As creanças não jantam á mesa, veem apenas á sobremesa e á noite sómente ao chá, um quarto de hora: os homens tomam o seu jornal, a senhora o seu *crochet* ou

interroga-se a Baby sobre as suas lições. A creança, não é assim penetrada de conversações sobre theatro, festas, paixões e aventuras, que devem dar á sua pequenina alma uma palpitação curiosa, — alguma coisa do que produz o primeiro cheiro das madre-silvas nas borboletas ainda affogadas na vida inerte do casulo.

Assim tambem — não se vê como aqui uma menina aos quinze annos, fallando com grande saliencia de opinião, sobre casamentos, dotes, adulterios, raptos, e dizer, a face branca, tal comedia é fresca ou tal romance é immoral.

Por isso a ingleza guarda longo tempo na sua alma, como no resguardo de uma estufa, aquella viva e doce flôr do romanesco, que ás vezes sobrevive á edade; e já *lady*, já velha, já avó, ainda tem em si um fino sentimento do ideal.

Em Portugal aos dezenove annos já se não tem romanesco: é-se de um estreito positivo e succede como ás meninas do segundo imperio que descrevem Taine e About, que são em tudo praticas, dominam-se sempre, e se se dão ás sensibilidades do sentimento, não é a sangue irrefletido, mas — porque *muito bem e friamente se querem dar ás sensibilidades do sentimento!*

. ˙ .

Um grande agente da educação na creança é a casa. Em Lisboa as casas não tem quintaes: isto só explica muitos destinos. N'um andar, com janella para a rua ou para o saguão, sem horisonte, sem arvores, sem tanque, sem naturesa — a creança estiola e decae: ora a estiolação tem qualidades suas, proprias, caracteristicas — grande excitabilidade dos sentidos, surescitação e promptidão dos nervos, propensão melancolica, genio irritavel, variabilidade de humor, etc. Na creança assim ha muito do animal preso. Como não pode desenvolver a força muscular, — desenvolve a acção nervosa. O animal preso torna-se industrioso, subtil, sempre prompto, inquieto, álerta, febril, e tem a *sezão* que é a excitação esteril da actividade nervosa: o instincto desenvolve-se á custa do musculo. Na creança presa o espirito e o systema nervoso, desenvolvem-se á custa do corpo e do systema muscular. As creanças da cidade, abafadas, são estremamente precoces, de uma comprehensão fulminante, sensiveis, cheias de pequenas vontades, astuciosas, electricas — são como um instrumento afinado. De sorte que com a edade, as cordas do instrumento laxam-se, e como fo-

ram vivas e rapidas na infancia tornam-se na virilidade tardias e molles. Aos oito annos *vivo demonio*, aos vinte *semsaborão*. Além d'isso a naturesa physica não se desenvolveu, e cedo vem a anemia, a debilidade, a frouxidão, a doença. E outras qualidades ficam, — que são a consequencia da educação nervosa — os caprichos, o sentimento, as lagrimas promptas, a languidez, o nervoso e as tendencias viciosas.

Veja-se a creança educada n'uma quinta: solta-se pela manhã, com um bibe, largos sapatos, um velho chapeu: corre, vae ver os seus velhos amigos os bois, lucta com o carneiro, abraça o pacifico e grave jumento, conhece os ninhos, sabe de cór as arvores, cae, enlamea-se, arranha os joelhos, cura-se pulando, combate as lagartijas, preside á reunião das galinhas, tem todas as sombras e os largos abraços do sol, penetra-se de ar, de vida e de paz, e innocente como um bicho, fresca como uma madre-silva, o bibe sujo, as mãos cheias de terra, o rosto vermelho como uma amora, feroz de saude, as narinas palpitando de vida, sem sensibilidade e sem tristezas, com um cheiro de fenos e de prados atravessados, espirito vivo da verde natureza, entra em casa aos pulos, berrando pela

sua sopa. Á noite, cheia de fadiga, dorme como um bicho. As creanças na cidade tem difficuldade de adormecer, sonhos saccudidos, um calor humido no corpo.—E que educação superior em verdade, não sae das arvores, das relvas, do pacifico e resignado marchar dos regatos, das recolhidas sombras, tenda viva onde acampa o sonho, e das searas, dos milhos, de todos os tranquillos seres que cumprem nobremente, socegadamente o seu dever de crescer. Correr n'uma grande quinta, misturar-se ás grandes sinceridades vivas da vegetação, penetrar-se da conversa infinita da ramagem, cobrir-se como de um tecto de vozes de passaros, estudar na innocencia da agua, ver tantos aspectos justos, claros, firmes, tranquillos, commungar na saude e no pacifico equilibrio das coisas verdes — é verdadeiramente — como diziam os velhos poetas ingenuos — tomar um banho de bondade.

Resultado: bom sangue vermelho, forte musculo, ampla respiração, cabeça fresca, digestão d'aço.

Veja-se agora uma menina de dez annos, aqui em Lisboa, n'estas altas casas encarceradas; pallida, curvada, acanhada, com olheiras, lendo já o jornal, cheia de si, caprichosa, com

palpitações, ardendo em vontades, em curiosidades — uma boneca de cera habitada por um bico de gaz.

Depois a pequerrucha na quinta habitua-se a estar sobre si, perde o medo, sabe defender-se, tem acção, decide-se: aqui, são timidas, gritam, encolhem-se, tremem, empallidecem, hesitam, resam aos santos, e estão sempre promptas a refugiar-se nos primeiros braços que a acolhem. Mau habito — dizia a ama de Jullieta.

Além d'isso — grave consideração — na quinta, está longe das mulheres, dos homens, da sala e das suas conversações, dos seus commentarios, da sua malicia: — aqui, aconchegada nos mesmos quartos — penetra-se, aos oito annos, do *espirito crescido*, o que é mau. É por isso que ellas aos quinze annos dizem, com um desdem que espanta e faz recuar — *que estão cheias de experiencia!*

.˙.

Será necessario que penetremos nos collegios? — Um nadinha. Espreitamos pela porta. — Um dos grandes males do collegio — além dos que explica a medicina, a hygiene e o realismo — é o tedio. O tedio tem este mal: enfraquece, annulla a alma, o espirito, a vontade — e em todo

este silencio do organismo — uma só voz falla, reclama — a curiosidade. De que? De tudo, do imprevisto, do que se não tem, do que está na rua quando nós estamos em casa, do que está no vicio quando nós estamos no dever. Ora se alguem se aborrece é uma collegial. Presa, arregimentada, governada, sem ar, sem *toilette*, sem liberdade de preguiça — está como uma flor apertada entre as duas folhas de um livro. Nada a prende ao collegio: nem a serenidade da vida — por que não é o sangue buliçoso e saccudido dos quatorze annos que aspira a repousar: nem o estudo — por que a mulher pela constituição do seu cerebro não adhere aos interesses do estudo e da sciencia: nem a satisfação de cumprir o dever — por que o collegio não o considera dever, aos doze annos, e além d'isso a comprehensão philosophica do dever não tem presa sobre o espirito feminino; a mulher do dever só comprehende um lado, e esse admiravelmente — o pudor. De sorte que, não a prendendo a paz do collegio, nem o interesse da sciencia, nem a influencia do dever — tudo na sua natureza impaciente e curiosa a leva a desejar o mundo, o ruido exterior, a vida feliz. É n'este estado de espirito que se encontra diante do

collegio, horas regulamentadas, lições, costuras, refeitorio insipido, uniformidade claustral e a presença antipathica das mestras. O refugio são as conversas, as camaradagens, as grandes amizades, os segredos... Mas o tedio presiste. — E o tedio — portanto — mantem a imaginação excitada, palpitante e avida. O mundo apparece como alguma coisa de maravilhoso, de confuso e resplandecente que se balança indeffinidamente, ao rumor das orchestras, ao ruido das carruagens e sob o explendor do gaz: concebem-se, com desporpróções, os theatros, as salas, os bailes, os jantares: mesmo as que são pobres, e sabem que na familia estarão tão confinadas como no collegio, teem esperanças sobresaltadas, podem casar, ser ricas... E os grandes impetos dos sonhos partem em largos vôos.

Tomam em desdem os livros e o estudo. Não ha educação litteraria mais falsa, mais esterilisadora do que a dos collegios. Ensina-se á rapariga de oito a dez annos — além das linguas, francez e inglez, que só aprendem bem nas familias, pelo uso exterior, — dois monotonos martyrios de memoria — geographia e historia: a geographia com os seus promenores fatigantes, a historia com os seus factos classicos: uma

creança gasta mezes, de lucta aspera, a aprender de cór, desinteressada, nomes geographicos e anedoctas historicas — que dois dias depois de sair do collegio esquece voluntariamente, com gosto, como põe de parte o escuro vestido de merino do regimen escolar. A geographia e a historia ficam-lhe sendo assim duas recordações odiosamente collegiaes, duas sciencias caturras que lhe lembram os oculos da mestra e o seu dedo secco e reprehensivo.

Os collegios, pelos seus methodos monotonos, fatigantes, repellem o espirito das mulheres dos livros e das coisas da sciencia. É o que nos acontece a nós os homens com o *Telemaco* e com o *Virgilio*. Aprendemos por elles, passamos sobre elles as compridas e somnolentas noites do estudo, tiramos-lhe palavra a palavra o significado, choramos sobre as suas paginas a dôr das palmatoadas, de tal sorte que não voltamos mais nem ás piedosas e moralistas idéas do puro *Fenelon*, o que não é um grande mal, — mas o que é deploravel — não voltamos ao *Virgilio*, á sua Georgica, profunda interpretação e educação pela natureza, nem á *Eneida*, primeira aurora do mundo moderno, poema genesico de uma transformação social. É o que faz — com que

entre nós nenhuma senhora se dê ás serias leituras da sciencia; — não da profunda sciencia, o seu cerebro e a sua immobilidade, não o supportam — mas dos elementos pittorescos da sciencia, curiosidades da botanica, historia natural dos animaes, maravilhas dos mares e das coisas da athmosphera. — Evitam isso: lembra-lhes a mestra, o dever, a monotonia do collegio. Depois acham vulgar, insipido tranquillo. Querem ser impressionadas, saccudidas, abaladas — preferem o drama e o romance. As senhoras inglezas e francezas aos serões de familia, leem, ou para si, ou em voz alta aos irmãos mais pequenos ou aos filhos, livros de historia natural, curiosas vidas de animaes, segredos da existencia das plantas, viagens. Os livros de Michelet, tão profundamente sentidos, de uma tão grande harmonia vital, o *Passaro*, o *Insecto*, o *Mar*, a *Montanha* teem sido adoptados como livros de familia, leituras de serão, doce sciencia para espiritos delicados que amam a vida e os seres. Aqui leem *Ponson du Terrail*, ou mais irritantemente, os falsos realistas, *Dumas Filho* e a sua banda de analystas lascivos.

Não se lhes pede que estudem mathematica, sociologia ou jurisprudencia, não, bom Deus —

mas a historia e a vida das flores, a maravilhosa existencia dos insectos, a narração de longas viagens, as regiões pittorescas da China, de Sião, das Antilhas, dos povos barbaros — não é bem mais interessante excitação de idéas e de sonhos — do que a descripção dos amores de Pedro e de Francisca, e como elle fitava uma estrella e como ella arfava de voluptuosidade — e como ambos jantaram n'um caramanchão?

A imaginação que se desenvolve nos collegios tem outro mal: é que produz, entre as collegiaes, uma vida sentimental ficticia: d'ahi as mil pequeninas coisas que todos sabem, innocentes no momento, mas que influem mais tarde: as senhoras mesmo depois de casadas, as contam rindo: são os romances que se leem em segredo, grandes paixões que teem umas pelas outras, com ciumes, intrigas, vinganças, duellos: cartas que se escrevem em que uma assigna João, Pedro, ou conde de tal: o retrato de um primo que se obtem: o chapeu do mestre de musica que se abraça ás escondidas, etc. etc.

E depois diante das mestras — é necessario estar seria, contida, correcta, fria — quando a imaginação palpita, treme, arfa por voar e vencer. Para isto é necessario disfarçar. É um dos

grandes perigos dos collegio: aprende-se a astucia. Tornam-se habeis em comprimir o interior, recalcal-o, apparentar, contradizer o rosto e a alma.

Para que continuar esta analyse e esta physiologia do collegio? Isto basta: é das feições dos costumes que se compõe o resto dos destinos.

. ˙ .

Tem dezeseis ou dezesete annos: eil-a entrando na vida. — A educação vae-se completar agora por duas influencias — uma interior, a *familia*: outra exterior, a *sociedade* — isto é, os theatros, as salas, as relações e a litteratura.

A impressão que n'esta edade, mas directamente lhe dá a familia — é toda positiva: é a necessidade de ter dinheiro para viver. A vida interior é para ella a educação pelo dinheiro: a organisação material da vida e do seu custo penetram-lhe no espirito como uma cunha, dão-lhe um grande senso pratico; comprehende que sem dinheiro, sem um casamento rico, sem um destino, a vida moderna não é mais que uma perpetua decadencia e uma humilhação. Não fallamos aqui nem das ricas, nem das santas — duas raras especies. Na familia vê a constante

acção do dinheiro; começa a misturar-se no governo da casa, a entrar nas conversas financeiras dos paes, a examinar contas, a comprar — e vê hoje o rol dos fornecedores, ámanhã o da modista, depois o do estofador, e um chapeu, e un camarote de theatro, e as luvas, — e a necessidade da vida applicada, como uma bomba aspirante á bolsa da casa. A idéa do dinheiro torna-se n'ella fixa. Além d'isso, embebe-se d'ella, nas conversas, nos jornaes; hoje, no fundo do pensamento ou do sonho, ha o dinheiro: a preoccupação não é a religião, nem a patria, nem a arte — é o goso, o bem estar, a cheia commodidade, os dominios e os resultados do dinheiro. O desinteresse e despresado como uma ingenuidade. O mundo estende a mão. Primeira, profunda influencia no espirito da mulher. — D'ahi a preoccupação, casar, casar com dinheiro, casar rica; seja o marido velho, imbecil ou rude, plebeu ou trivial: o dinheiro faisca, attrahe, triumpha.

Por outro lado a sociedade diz-lhe: gosa. A sensibilidade não perde os seus direitos. Pelo contrario: é mantida, excitada, alimentada, pelos theatros, pela sala, pela litteratura. — Hoje os romances affirmam, as operet-

tas cantam, as comedias provam uma idéa — *gosar*. Quer-se *gosar*. Ora a respeito das mulheres o que se entende por *gosar?* Ter um marido rico, grande luxo de casa, um coupé, uma sala de opera, perfumes, temperaturas amorosas de baile ou de concerto. — É o que todo o pae, da classe media bem educada — e em Portugal onde não existe ha muito aristocracia só ha isso — deseja para sua filha.

De modo que temos, casar rica para gosar: é em que se resolve a ambição de todo o destino feminino. Dinheiro — e sensibilidade.

Courbet — o mais poderoso pintor critico dos tempos modernos — fez um quadro *As duas meninas do segundo imperio*: é n'uma paizagem magnifica: duas mulheres solteiras estão alli, na frescura tepida das sombras; uma alta, loira, branca está sentada; tem o perfil frio, secco, o olhar direito, e com um dedo appoiado á face calcula — sente-se que pensa em dinheiro, hypothecas, juros, acções de companhia e jogo de fundos. A outra, deitada na relva, os braços estendidos como abraçando a terra, trigueira, de phisionomia nervosa e imaginativa, a testa curta, os labios seccos, scisma: sente-se que sonha festas, bailes, a grande voluptuosidade das ceias,

alcovas tepidas e caladas, paixões, sensações, os encontros rapidos e perigosos no fundo de um parque, e todas as exaltações da sensibilidade. Comprehenderam, sim? Pois hoje, pela educação moderna dos collegios, cidades, romances, theatros, musica, moral contemporanea, hygiene — as duas *meninas do segundo imperio*, estão em cada mulher: fria ambição de dinheiro: exaltado ardor do idealismo sentimental.

Comprehendem de certo quantas ha que — pela educação severa ou pela simplicidade de espirito, ou pelo sentimento intelligente da religião ou pelas existencias recatadas ao modo inglez, — estão como n'uma redoma, e não recebem o pó da vida.

. · .

Julgamos inutil insistir mais n'estes estudos da moral contemporanea. Todos nos comprehenderão.

Do modo como influem n'um temperamento feminino os theatros, as operas, os livros, os romances, as conversações, o scepticismo corrente, — cada um poderá crear-se a si mesmo uma idéa justa e nitida.

Uma só consideração resumirá estas notas:

a mulher na presença do mundo tentador—está hoje desarmada. Desarmada, inteiramente. A familia e a sua dignidade enfraqueceu, a religião tornou-se um habito incomprehendido, a moral está-se transformando e emquanto se transforma não influenceia nem dirige, a fé já não existe, a pratica da justiça ainda não chegou: em que se appoiará a mulher? Isto poderá ser vago e declamatorio. Um exemplo pois, fulminantemente nitido e pratico. Supponhamos uma mulher nova, educada em Lisboa, com a educação contemporanea: suppunhamos que se lhe diz: tu terás todas as elegancias da toilette, um marido complacente, as tuas carruagens atravessarão a cidade com *grande ar*, ouvirás todas as noutes uma opera deliciosa tomando neve, dançarás até ao cançasso da madrugada nos paraisos artificiaes dos bailes, deitarás perfumes no teu banho, terás jantares ruidosos e magnignificos, amarás loucamente, serás doidamente amada por um homem, novo, bello, forte, intelligente, dominador, os vossos amores serão interessantes como um drama, mas isto será uma existencia peccadora perante a religião, injusta perante a moral, indigna perante a familia—acceitas? Trata-se de saber se a moral

contemporanea affirma bastante a alma, para resistir, desdenhar, sem magoa, sem hesitação, com tédio — esta tentação scintillante.

Ha muita gente ingenua que suppõe — que uma grande consideração para a mulher — é o terror da catastrophe. Pueril ingenuidade. Nada tem um encanto tão profundamente attrahente como a catastrophe. Ella satisfaz o desejo mais violento da alma — palpitar fortemente. O que se evita hoje, n'esta excitação do mundo confuso, é o *terra a terra*, o trivial, a chinella, a tranquillidade, o palito nos dentes e a virtude plebea. O que se pede é a commoção, a sensação, o sobresalto, a palpitação. Uns procuram-n'a na politica, outros no deboche, outros nas conspirações, outros no amor, outros no dinheiro. Um negociante dizia um dia a Proudhon: *ha um prazer horrivel em um homem se sentir fallir!* Esta palavra monstruosa contém a explicação de um mundo. Toda a litteratura, theatro, romance e verso, educam n'este sentido: vibrar, apaixonar-se, sentir fortemente. Nós mesmos, que estamos aqui moralisando, escrevemos ambos um livro deploravel, que juntava á insignificancia litteraria, a esterilidade moral — *O Mysterio da estrada de Cintra.* O que

é esse livro? A idealisação da catastrophe, o encanto terrivel das desgraças de amor. Sobretudo do amor illegitimo, culpado: ahi o perigo, o final tragico, attrahem como um abysmo delicioso. O marido que mata sua mulher pensando dar um castigo de justiça ao peccado, dá um relevo poetico á paixão. O conde Du Bourg, ultimamente em Paris mata sua mulher: ella não morre das feridas: e subitamente, torna-se uma especie de anjo vehemente dos amores illegitimos, e a porta do hospital onde a recolheram á pressa para os primeiros soccorros (fôra ferida em casa do amante) está apinhada de senhoras, de elegantes, de mundanos, de carruagens blasonadas, que pedem noticias d'ella, deixam-lhe os seus bilhetes, e vão ás egrejas pedir a Deus que a salve da morte.

Quem irá nunca orar ás egrejas ou deixar o seu bilhete á mulher obscura e pacata, que no silencio da sua casa cumpre prosaicamente, sublimemente o seu dever? É que a nós só nos excita, nos exalta, — a presença, a acção do drama! O *drama*, eis o nosso idéal. Fazer *drama* eis a nossa perdição. Pelo *drama* desejamos a morte e commettemos o mal. Por elle nos lançamos nos destinos violentos. Ora o homem tem

para fazer drama — a guerra, as revoluções, os duellos, os livros; — as mulheres confinadas no mundo do sentimento — teem apenas o amor!

Eis ahi. — Perdoem estas notas apressadas, incompletas, defficientes, que não são um estudo da natureza, — são apontamentos de costumes.

Na camara dos srs. deputados pronunciou o sr. Santos Silva um discurso que é qualificado de eminentemente patriotico pelos periodicos que o trasladaram do *Diario das Camaras*. Visto que elle é patriotico, vamos transcrevel-o tambem para dar aos leitores uma idéa do que é actualmente o patriotismo em Portugal.

. ˙ .

«*Sr. presidente, eu sou um d'aquelles portuguezes que têem por habito e convicção não amesquinhar as coisas do seu paiz. (Vozes: Muito bem)*».

Amesquinhar, com referencia ás coisas como n'este caso, significa *dal-as* ou *fazel-as* com demasiada parcimonia. De modo que, segundo todos os diccionarios da lingua portugueza, o que o orador quiz dizer foi que: no tocante ás coisas do seu paiz, elle orador tinha por habito e por convicção — a liberalidade. Quando, por exemplo, alguem lhe offerece um charuto, elle sacca da provincia de Traz-os-montes e faz presente d'ella ao sujeito. Ao sair do parlamento, a um moço que lhe chamára a carruagem, o orador, coherente com as suas convicções e os seus habitos, dissera circungirando um dedo pelo horisonte: « Ahi tem — para beber... »

Referia-se á cidade de Lisboa.

. ˙ .

« *Entendo e creio* — prosegue o orador — *que « proporcionalmente » somos tão grandes como os maiores paizes* ».

N'este ponto temos de observar que, se quando s. ex.ª diz *proporcionalmente*, se refere ás proporções, então a Turquia, por exemplo, é maior; se quando s. ex.ª diz *proporcionalmente*, se não refere ás proporções, n'esse caso a Turquia tambem é maior.

Pedimos portanto licença para n'este caso não acompanharmos o orador senão até metade do seu patriotismo e da sua grammatica: s. ex.ª *entende e crê;* nós cremos — mas não entendemos.

. · .

Em seguida opina o sr. Santos Silva que quem não estiver satisfeito com o seu paiz «que saia para fóra, mas que não ridiculise a terra que lhe deu o ser» — a qual opinião foi coberta com muitos apoiados da camara.

Nós não entendemos que a camara fizesse bem, antes que mostrou ignorancia do seu dever em apoiar similhante alvitre. Não foi decerto para que do parlamento os mandassem para o estrangeiro — sem todavia lhes subsidiarem a viagem — que os eleitores mal contentes com a patria votaram em ss. ex.ªs para que lhe advogassem os interesses e lhe fomentassem a prosperidade.

Se ridiculisar a terra que nos deu o ser, é como cremos, critical-a pelo riso, o riso é muito melhor instrumento de critica do que a paixão de partido, o proposito de corrilho, a declamação de campanario, o velho lyrismo constitucional, as estafadas expectorações de uma rheto-

rica banal, a animadversão de pessoas, a guerra de sugeitos ou a guerra de palavras, a provocação, a assuada, a insolencia, o doesto e a injuria—isto é: as armas mais usualmente brandidas nas pugnas do parlamento lusitano.

Benemeritos da patria—ousamos dizel-o ao sr. Santos Silva, ao sr. presidente e á camara—não são os ôcos paroleiros que recalcam circularmente com gravidade tão enfatuada como inutil a peguinhada oratoria da atafona parlamentar. Chia a nora, rangem as engrenagens, sobem e descem os alcatruzes: bem vemos isso! o que não vemos é rebentar a agua da bica e escachoar a rega no alfombre.

Vós chiaes em secco.

O riso pela sua parte não é uma convenção, não é uma trama, não é um machinismo, não é um apparelho; o riso é um phenomeno insobornavel; é um facto essencialmente desinteressado; é o resultado de uma sensação; é uma aferição; é uma prova; é uma pedra de alvidrar. Como arma de arremesso o riso tem de bom que de si mesmo se desponta quando não fere o alvo. Deixae passar o riso, e para o fazer de mais boamente reflecti que seria perfeitamente inutil que no fim de contas o consentisseis ou o

empecesseis! Quer n'um, quer n'outro caso, elle passaria sempre. Muitas coisas se desconjunctarão na sua passagem, muitas hão de estremecer, muitas hão de baquear com elle. Quando essas coisas vierem abaixo, por mais alto que houvessem estado, ao vel-as de perto, verificareis que eram velhas, carcomidas e podres. Quando os antigos madeiramentos das construcções architectonicas se desconjunctam e abatem, os muros inuteis que se lhes arrimavam esboroam-se com elles; as abobadas bem feitas apertam-se, pelo contrario, ainda mais no seu fecho, e permanecem rasgadas e firmes no proprio peso.

. ˙ .

Vejamos porém sobre quaes razões assenta o sr. Santos Silva o seu amor á patria e o seu odio aos que riem. Diz s. ex.ª que viajou em França, em Hispanha e na Belgica, e que tendo-se extasiado n'esses paizes diante das maravilhas da arte, dos fructos do trabalho e dos prodigios do genio, nada viu no entanto que, *como belleza natural*, se comparasse ás varzeas do Minho, ás eminencias do Mondego e á Cova da Beira.

Ao estrangeiro que chamava a attenção do sr. Santos Silva para algum facto capital na

Europa nunca o illustre deputado portuguez deixou de contrapor alguma das *bellezas naturaes* do seu abençoado torrão.

No Louvre por exemplo:

O cicerone apontando orgulhosamente uma tela. — Esta é a celebre Mona Lissa...

O sr. Santos Silva, com um sorriso de desdem. — Já viu Bajouca?

O cicerone, cuidando que se trata de uma estatua. — De quem?

O sr. Santos Silva, com enthusiasmo. — De Riba!

O cicerone. — Bajouca de Riba... nunca vi.

O sr. Santos Silva, com cruel sarcasmo. — Por isso!

E assim, em vista d'estas simples e exclusivas considerações, o digno deputado entranha-se de amor pela sua patria, e manda com notavel semcerimonia e geral applauso dos seus collegas passeiar todos aquelles que requerem para o paiz a civilisação e o progresso!

Quando nós vos pedimos instrucção, justiça, moralidade, estimulos de intelligencia, de aperfeiçoamento e de elevação, vós, legisladores e sabios, daes suspiros bucolicos, tomaes attitudes de pastorinhas de leque e estendeis o dedinho

para o lyrio que viceja e para a bonina que floreece no valle.

Sabeis que mais, ó representantes da nação? se sois sinceros e convictos apoiando e applaudindo o sr. Santos Silva, deixae os styletes de aço com que deverieis entalhar os vossos nomes nas taboas da lei que vos deram a guardar: não tendes pulso para isso. Sois simplesmente as musas suspirosas da paizagem campesina; coroae-vos de rosmaninho e de trevo, vesti o fraque primitivo da folha de figueira dae uma frauta ao sr. Santos Silva e ide bailar sob a copa da faia — para Pico de Regalados!

Pedimos licença para dizer ao periodico lisbonense intitulado o *Brazil* que o programma das *Farpas* não é em completa verdade aquelle que a alludida folha ha pouco lhes attribuiu — de um modo exaggeradamente inventivo e phantasioso.

O programma das *Farpas* acha-se resumido

n'estas breves palavras do nosso primeiro volume:

« Somos dois simples sapadores ás ordens do senso commum. No alto da colina apparecemos só nós: o grosso do exercito vem atraz — chama-se a justiça.

Emquanto á fórma que deliberámos adoptar, no mesmo volume primeiro se lê:

« Este livrinho, bem como todos aquelles que houvermos de te consagrar, leitor, — poderemos lel-os sem gaguejar, sem baixar a voz em um unico ponto, perante o mais recatado auditorio, a nossas proprias mães, ás nossas mulheres ou ás nossas filhas. »

Este é que é o programma das *Farpas*.

Tal o temos até hoje desempenhado, tal continuaremos o cumpril-o no futuro. Porque *As Farpas* não acabarão tão cedo! Emquanto em nosso espirito houver uma verdade que dizer e em nosso braço a força precisa para escrever essa verdade, *As Farpas* estarão comtigo, leitor honrado.

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes da provincia o obsequio especial de satisfazerem em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO
JP

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

Abril de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

O jornalismo e a publicidade dos crimes. O noticiario e a muralha de S. Pedro de Alcantara. A estranha opinião da imprensa.—Palavras á torre de S. Julião, ácerca dos naufragios que os navios soffrem e do dinheiro que a torre ganha. — A Real Associação Central da Agricultura Portugueza. O que a Associação é. A agronomia e a valsa. — Os senhores padres. Os enterros, a infamação, a invasão dos poderes, a agua de *la Salette*, os missionarios no Porto, a inutilisação do culto, a confissão na alcova. — As Bellas Artes, a exposição, os quadros, os artistas. — O cão damnado e o vereador vadio. Os cães de Lisboa e os pombos de Veneza. As immundices. Os cheiros de uma rua. Se devemos matar os cães. — Os carlistas. As guerrilhas padrescas. Uma recordação historica. — A theoria da facada. Porque se dão facadas. Como deixariam de se dar.— A musica no Fundão e de como ali se pisca o olho á justiça. — Bibliographia. *«As Farpas», chronica mensal, pelos srs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz*, publicação brazileira! — A propriedade litteraria. O nosso alvitre.— O vapor *Tete*. O ministerio da marinha. Apparece a palavra *peixismo*.

A imprensa de Lisboa, fazendo uma excepção aos seus habitos, discutiu ultimamente uma

questão de grande interesse e subida importancia, uma questão vital nos destinos do jornalismo — a questão da publicidade. Tratou-se de decidir se o direito da publicidade se devia considerar absoluto ou condicional. Entre a immunidade e a restricção, a imprensa de Lisboa votou unanimemente

Na restricção!

. ˙ .

Assim acabamos de ver todos os periodicos lisbonenses que discutiram o direito da publicidade entoarem em coro as seguintes declamações:

Temos este direito e temol-o na sua maxima plenitude. Ninguem nol-o contesta, ninguem nol-o restringe. É elle ao mesmo tempo uma garantia da verdade e um instrumento da justiça. No entanto tal ha sido o criterio, tal a sabedoria, tal o talento com que temos usado d'esse direito, que ainda não produzimos senão desgraça e miseria.— É isto ou não é isto verdade? perguntava cada um. — É inteiramente verdade! respondiam todos. Que é pois o que se deve fazer d'este direito, de cujo emprego não tem resultado senão mal? Conclusão geral:

Supprimil-o!

. . .

É como se alguem perguntasse á sua mão:
—Mão, que tens tu feito?
E, respondendo a mão:
—Tolices!
resolvesse o sujeito—cortar a mão.

. . .

Os factos sobre os quaes os periodicos desejam apagar a publicidade são principalmente—os crimes.

Os senhores jornalistas, segundo a sua propria confissão, teem conseguido revestir a noticia de qualquer facto criminoso de commentarios tão adaptados a excitar o horror do publico, que o resultado tem sido fazerem ao crime uma verdadeira *réclame*. São elles mesmos que o dizem!

Parece estar provado que, sempre que suas excellencias referem que alguem assucarou o seu café com acido prussico ou preparou o seu chá com cabeças de phosphoros, apparecem leitores que no dia immediato passam a substituir nas cosinhas o sal pelo arsenico e a massa de Italia pela massa phosphorica!

Assim teem os periodicos conseguido, á força

de tactica e de astucia, fazerem acceitar pelas familias os tratados de toxicologia como receitas alimenticias!

. * .

Vejamos por meio de que processos se alcançam esses resultados verdadeiramente phantasticos.

Rarissimos homens deixam de estar um dia em sua vida á beira da miseria óu á beira da deshonra. Ha em Portugal n'este momento quatro homens, pelo menos, que estão atravessando agora a semana fatal, de que falla Balzac. Estão desempregados, e esperam uma collocação, que virá talvez ámanhã. No entanto elles chegaram á extremidade dos seus recursos. Estão no cabo da lucta. Empregaram todas as armas: trabalharam, pediram, imploraram, inventaram, venderam, empenharam, mentiram, talvez até que roubassem. Os crédores ou os beleguins vão apparecer á esquina da rua. Todas as retiradas lhes estão cortadas. Como velhos lobos esfalfados, ouvem em torno de si latir a matilha de dentes luzidios e anavalhados; ao fundo do atalho, por cima dos muros, do alto das arvores, fita-os o olho negro e redondo dos canos das espingardas apontadas. Esses quatro homens teem

vestida a sua derradeira camisa, estremecem de frio, de medo e de fome dentro do ultimo paletot que lhes resta; foge-lhes o chão debaixo dos passos vacilantes; sentem vertigens; fazem-lhes esgares incoherentes e allucinados as pavorosas visões da febre. Então um d'esses desgraçados volta uma perna por cima de um muro e despenha-se n'um precipicio.

Á noite o jornalista, fumando tranquillamente o seu charuto de depois de jantar, escreve para o periodico do dia seguinte:

«Da muralha de tal acaba de precipitar-se um sujeito de meia edade, decentemente vestido. Ignora-se quem seja o infeliz. Lamentamos que a ausencia de principios religiosos, cada vez mais raros na educação moderna, continue a arrastar ao crime aquelles para quem se apagou o divino facho da resignação e da esperança. A vida não pertence ao homem, pertence a Deus.»

Dos quatro desgraçados a que acima nos referimos a citada noticia tem por leitores os tres sobreviventes. Como é á ausencia de principios religiosos que se attribue o seu mal, elles releem o cathecismo. Todavia, como com a falta da religião coincide para elles a falta de comida, a leitura sacia-os apenas de um modo mediocre.

Entretanto, como no conto do *Pendulo e do poço*, de Ergard Poe, a miseria cinge-os n'um circulo de fogo progressivamente mais estreito, e por cima da cabeça d'elles, cada vez mais perto, vibra oscillando o largo cutelo da deshonra ou da fome, n'um compasso terrivel, como a pancada de um chronometro. Então o segundo infeliz cavalga o muro de que acima se fez menção, e deixa-se baquear ao outro lado.

O jornal repete a proposito do infeliz n.° 2 a noticia feita para o infeliz n.° 1: *Um sujeito de meia edade decentemente vestido, etc...* Accrescenta que a muralha de tal está sendo um sorvedouro de vidas, e conclue pedindo religião para as consciencias e grades de ferro para as muralhas. O que — segundo é facil de prever — em nada obsta a que o infeliz n.° 3 se ausente d'entre os vivos, *haurindo* — segundo a expressão da noticia que lhe corresponde — *uma poção venenosa*. Em quanto, por seu lado, o infeliz n.° 4, herdando inesperadamente duzentos contos de um tio discretamente finado, se elimina da lista dos suicidas para passar a figurar no projecto de uma fornada de pares do reino, — veneravel asylo de todas as pessoas ricas impossibilitadas de se porem repentinamente ao par

de qualquer outra coisa que não seja o reino!

. ˙ .

Tal é a historia vulgar do suicidio em Lisboa. Em dadas circumstancias matam-se aquelles para quem a existencia se torna um fardo demasiadamente pesado; deixam de matar-se aquelles que por outro qualquer meio conseguem depôr o peso que os esmagava.

A imprensa dá-se ares de uma malignidade que não possue attribuindo-se qualquer especie de cumplicidade n'este crime. O argumento de que no anno em que se publicou Werther augmentou sensivelmente na Alemanha o numero dos suicidas, carece de analogia para o caso das pessoas que se precipitam do muro de S. Pedro de Alcantara. A pura verdade, a qual para descanço das consciencias dos senhores noticiaristas devemos dizer é: que suas excellencias, considerados como Goethes dos precipicios de Lisboa, são inoffensivos até o ponto de se tornarem ligeiramente ridiculos continuando a insistir na affirmação de uma responsabilidade de que o crime os absolve mesmo sem os ouvir.

A concorrencia de varios casos de suicidios em épocas dadas não prova que a publicidade

de uns promovesse os outros. Tem-se observado que succede com os incendios o mesmo que com os suicidios : parecem contagiosos, — e não está todavia provado que os predios leiam os periodicos antes de se conchavarem para arder.

. ˙ .

Passando da publicidade dos suicidios á de outros crimes, a questão complica-se mais em sentido contrario á opinião modernamente assentada pela imprensa.

Se os jornalistas resolvem que é nociva a publicação dos crimes perpetrados, bem como a das differentes circumstancias e documentos dos processos respectivos, os jornalistas são obrigados, depois d'essa decisão, a acceitarem todas as consequencias do principio que estabelecem.

Temos em primeiro logar que, se o crime é excluido d'entre o numero dos factos de que é permittido á imprensa occupar-se, sob o fundamento de que a publicidade excita a perpetração, criterio identico se deve egualmente applicar á menção dos simples delictos, violações ou contravenções de lei. E a rasão é que o simples delicto, não só pelo pequeno grau de perversão que demanda, como pela exiguidade da pena que

lhe corresponde, está por sua natureza muito mais na ordem dos factos cuja frequencia por espirito de imitação é dado receiar-se, do que o crime propriamente dito.

Exceptuados pois os crimes e os delictos dentre os factos de que a imprensa tem direito de tratar, que é o que fica permittido aos jornaes para a menção ou para a critica?

São-lhes vedados, como theatro de delictos ou de crimes, os tribunaes, as casas do parlamento, as prisões, os hospitaes, os corpos da guarda, as estações da policia, a alfandega, a administração municipal, a repartição de saude, os actos do governo, a apreciação da politica, os discursos dos deputados, a critica dos livros e a das peças do theatro. Um mero extracto do calendario, uma simples noticia do santo do dia, terá de ser feita com grande commedimento e reserva, porque os martyrologios são outros tantos homicidios, e a paixão de Jesus narrada nos Evangelhos é um processo crime commentado pela revelação divina.

. ˙ .

Ao passo que a imprensa portugueza delibera a conveniencia de abafar no silencio os pormenores dos processos debatidos nos tribunaes —

no que a imprensa é exactamente da opinião do Santo Officio — na Inglaterra promove-se, como um relevante aperfeiçoamento do direito, que todo o processo criminal agite e commova o paiz inteiro.

Discursos e commissões no parlamento, allegações de advogados, reclamações da imprensa, historia do crime, observações dos jurados, publicações particulares, tudo se emprega, tudo se comprehende que deve ser empregado, para abalar a sociedade e fixar-lhe a attenção nos interesses da justiça.

O mesmo succede inteiramente nos Estados Unidos, e já um pouco em França.

Erradas interpretações, boatos corrompidos, falsas testemunhas, illusorias apparencias, aclaram-se, corrigem-se, desapparecem na discussão geral, pela critica, pelo depoimento livre, á luz publica.

Pode contribuir a publicidade da historia do processo e dos promenores dos debates para converter o reu n'um objecto de sympathia ou de interesse? Rasão de mais para que, n'esse mesmo intuito, com esse expresso fim, exerça a publicidade a sua influencia. É barbaro e mesquinho privar o accusado — que perde com a

liberdade muitos dos mais sagrados meios de defesa — de appelar do tribunal, do carcere, do degredo ou da grilheta, para a piedade e para a opinião. Isso que suppondes ser um dos precalsos da publicidade não seria realmente senão um dos seus mais bellos titulos ao reconhecimento da humanidade: evitar que a execração publica acompanhe no ultimo destino aquelle que está já fulminado na sua existencia e na sua liberdade pelo castigo que recebeu. Em quasi todos os crimes a responsabilidade do mal não se limita unicamente ao individuo que o commette, toca tambem em alguma parte á sociedade a que o individuo pertence. A sociedade pois, não só póde, mas deve conhecer o crime — para zelar a justiça e para cobrir a desgraça.

Felizmente, na discussão do direito de publicar, a imprensa não decidiu sómente uma coisa, decidiu duas. Decidiu primeiro — que se devia abster; e decidiu depois — que se não abstinha.

Pedimos licença á imprensa para lhe não enviar os nossos cumprimentos.

Suppõe, querido concidadão, que no escuro isolamento de uma estrada, eras uma noite atacado por dois ladrões: preparas-te para lhes deixar nas mãos, amigavelmente, o teu relogio e a tua bolsa de trama de prata: mas os senhores ladrões pretendiam mais um pequenino promenor — que é crivar-te de facadas. Estás n'um momento agudo. Sente-se o trote de cavallos: é uma patrulha, uma ronda de segurança; chega, dispersa á pranchada os senhores assassinos, e restitue-te á vida, aos teus negocios, aos luminosos beijos dos teus pequerruchos, ao Gremio e aos teus vicios. Certamente entras em casa ruminando uma gratidão sentida: que excellente patrulha! que boa gente! que consolação haver rondas! Que bravura, que promptidão, que decisão! Que gente!

E no dia seguinte, ao teu almoço, recebes um papel dobrado onde está escripto:

Deve o senhor fulano á patrulha n.º... por soccorros prestados na estrada da... 27$000 réis. Que dirias tu, concidadão amado?

. · .

Tal foi um caso recente: uma pequena embarcação acha-se em perigo á barra: era de

noite, escuro mar e escuro ar : a torre de S. Julião dá tiros de « alarme », a pedir soccorro : mas a embarcação escapa-se á vaga, vem n'uma condescendencia do vento e entra o rio, salva. Era uma bateira. No outro dia recebem esta conta.

Deve o barco tal, á torre de S. Julião, pelos tiros de hontem . . . 2$400 réis.

. ˙ .

Ora a torre de S. Julião, avisando o porto, por meio de tiros, da imminencia de um perigo, cumpre um dever estricto de policia : e portanto apresentando ao barco protegido a conta sommada dos seus serviços — cae na inexplicavel singularidade d'uma patrulha que se aproximasse de noite e que nos dissesse : os senhores podiam ser roubados e não o são, estou eu aqui, de capote de oleado e arma ao hombro que o estorvo : o estado paga-me por isso 360 réis diarios : devem mais os senhores 4$800 réis ! — Esta interpetração do preço da segurança transforma radicalmente os costumes : o bombeiro vae reclamar do incendiado a despeza de esforços e de trabalhos que adiantou : o salva-vidas apresenta, sorrindo, ao naufrago uma conta em que som-

mando as ondas e as forças de remo, — exige 7$200 réis por afogado. O pharol faz suspender a marcha dos navios e destaca o escaler com a conta: *tanto de gaz e tanto de boa vontade.*

Animadas salutarmente por estes exemplos, a caridade e a philantropia abandonam o idealismo esteril do seu desinteresse — e reclamam salario. Um cidadão escorrega, outro ajuda-o a levantar e atira-se logo para uma loja de papel a redigir a conta da sua acção piedosa. Um homem cae ao mar e o barqueiro decidido que o salva, apresenta-lhe com grandes felicitações este papel:

Por me ter molhado 1$000 réis.
Por ter nadado 1$200 réis.
Por ter de mudar de fato 800 réis.
Por secar este 350 réis.
Deve o senhor ex-affogado — 3$360 réis.

. ˙ .

Uma coisa porém nos perturba n'este systema judaico da senhora torre de S. Julião. E é que — sendo ella tão escrupulosa nos seus salarios que não adianta, por caridade, de graça, um tiro de polvora — é evidente que de todo ha de pretender evitar — que a sua despeza não seja integralmente paga. A senhora torre não pode

querer decerto que a caloteem. De tal sorte que só adiantará os seus tiros com segurança de exacto pagamento. Mas como faz a senhora torre para conhecer a honradez dos seus navios? Por que emfim é de noite: um barco está em perigo; o negro ceu esconde, o mar cerrado esbate, o vento dispersa a voz, o lugubre mugido de agua domina: o navio é apenas fórma indistinta na agoa inclemente. A senhora torre não pode saber se elle é uma rica barca ingleza de bom credito, se uma pobre muleta de pescadores, proletaria das aguas.

Como distingue a senhora torre? A senhora torre não pode adiantar os seus tiros, assim ao acaso: imagine-se que salvava apenas alguns miseraveis varinos de gabão esfarrapado!—Sua senhoria perdia a sua polvora! Sua senhoria tambem logicamente, vendo um navio em perigo, não pode dizer ao vento que se retraia, á vaga que detenha o seu salto, á rocha que se affaste —para ter tempo de perguntar ao navio: quem dá o senhor por fiador?

Lugubre embaraço!

. ˙ .

Por outro lado é bem possivel que nem todos

os preços convenham ao navio em perigo. Um navio tem direito a ser salvo, por preços commodos. Pode querer regatear. E a torre anda imprudentemente adiantando trabalho, morrão e polvora por uma embarcação que pode depois retrahir-se e dizer: Não, eu não pedi tiros, eu não posso ser salva por esse preço, eu tenho mulher e filhos, eu não o vou roubar á estrada, a senhora torre se atirou foi por que quiz, quem lhe encommendou o tiro? Tal preço! Nunca!

E a senhora torre fica em desembolso.

. • .

Parece pois isto um negocio em que a torre pode perder muito. E com ella o estado. Porque evidentemente o estado recebe avidamente o preço da polvora gasta. Nem podia deixar de ser. Não estamos assim n'um estado de cheia prosperidade que possamos com a imprevidencia de trovadores — gastar 2$400 réis para salvar vinte vidas. Nós damos, todos os dias quasi, nos castellos, nas torres do mar, nos navios, salvas de 21 tiros; sim, mas isso é para celebrar as galas e para um fim de etiqueta. Gastamos com isso contos de reis de polvora. Mas é para um

goso, um luxo, uma pompa de côrte. Para salvar uma tripulação não podemos gastar 2$400 réis. De modo nenhum. Meia moeda por doze vidas, dois tostões por vida é muito. Quanto mais que ali o pagamento é certo, imperdivel. É um tributo lançado pela morte. Tu pobre barco, estás ahi n'essa demencia da agua impiedosa, torce-te o vento, ladra-te a onda, os rochedos estão ali, o barco está cheio d'agua, estaes na desesperação da fadiga, é de noite, ninguem virá, estamos nós sós, tu, barco perdido, eu, torre salvadora, vaes-te despedaçar, perder, morrer; a negra onda cava-se, os vossos corpos balançar-se-hão na espuma irritada; debalde chamareis, estaes ahi no vasto mar negro, na perdição, na agonia — ora muito bem: quereis viver, ir para vossas casas tranquillos, para os contentamentos da vida, para o bom sol do dia, tu que és novo para a tua noiva, tu que és velho para tua pequerrucha? — dae para cá um par de moedas: se sois miseraveis, vendei a rede, o barco, as amarras, mas passae para cá a quantia, por que emfim vós bem vêdes que o estado está sobrecarregado de despezas! para cá o dinheiro!

Assim é impossivel que o tributato não se promptifique ao tributo.

O que tudo prova a grandesa d'este paiz, onde as vinhas florescem, e Osorio medita.

A real associação central da agricultura portugueza é uma sociedade que tem uma casa e um parque no pateo do Duque de Cadaval.

Na casa quatro cavalheiros jogam o wisth. No parque, sob as arvores, algumas senhoras fazem partidas de croquet.

Além d'isto ha um album onde se consignam todos os serviços relevantes prestados na roda do anno á agricultura nacional. N'esse registo consta, por exemplo, qual a fórma do canivete com que, no anno tal, o barão de tal podou uma pereira franceza, que tinha no jardim; de como em tal era o cidadão fulano achou boas as suas ervilhas; quaes as dimensões que em tal data tinham os pecegos do visconde Cicrano; quantas em dado praso as bigonias da estufa de miss X.; quaes na mesma época os nenufares da taça de madame Z etc.

De quando em quando, na estação do campo, alguns socios da real associação da agricultura portugueza, caçando a codorniz nos restolhos, ou pescando a truta em algum ribeiro, fallam, aos agricultores com quem se encontram, na existencia da associação agricola, e os lavradores, então, tiram commovidos o seu chapeu, e coçam reconhecidamente na cabeça.

Tal é em resumo o caracter da real associação da agricultura portugueza, e a sua influencia nos destinos da terra.

. ˙ .

Algumas vezes o socio sr. X. penetra concentrado, pallido, profundo, nas casas da associação, suspende o *rober* que se está jogando, leva os parceiros para um canto, e communica-lhes *a idéa*.

A idéa é fundar um banco rural e estabelecer colonias agricolas no Alemtejo.

Os parceiros tomam nota da idéa. Um d'elles vae á janella, e diz ás senhoras que estão jogando o croquet no jardim:

— Cá está o homem com a idéa!

As senhoras tambem tomam nota.

Depois do que, continuam os jogos. Em-

quanto o socio sr. X., enxugando o suor do seu rosto, vae ler as folhas.

.·.

Ha tempos, quando sua magestade o imperador do Brazil expunha n'estes reinos a mala suspensa da sua augusta mão, a qual mão os brazileiros já hoje não beijam, deliberou a real associação da agricultura portugueza celebrar uma sessão.

Fez um ensaio do espectaculo premeditado. Esteve tudo arranjado para a grande sessão. Estava fallado povo para assistir. O povo rugiria de impaciencia, estaria em bicos de pés, levantaria brados de commoção e de enthusiasmo. Havia uma acta da *sessão antecedente*, e pessoas que pediriam a palavra sobre essa acta, rectificando-a e ampliando-a. Durante a sessão chegariam homens com cartas, com officios, com telegrammas. Appareceriam tambem agricultores cobertos da lama e do pó dos caminhos, vindos á ultima hora a trazer communicações, a fazer perguntas, a pedir sciencia. Vozes diriam na galeria: « ouçam! ouçam! » Muitas pessoas bateriam ás portas chegando com musicas e com dadivas dos povos reconhecidos. Um dos socios

encarregar-se-ia dos rumores « de impacinte curiosidade » ; outro dos clamores «de jubilo insoffrido» ; varias familias incumbir-se-iam de fazer desmaios de senhoras, cujos maridos fossem coroados pela associação. A correspondencia viria datada dos mais remotos pontos do globo. Os telegrammas chegados durante a sessão diriam :

« Senegal tantos de tal. Que ha de feijão ? »

« Cairo... Achamo-nos a braços com o pulgão. Fulminae o pulgão. »

« Londres... Diga de boi. »

« Washington... Que devemos acreditar de gravanso ? »

E a mesa responderia — espargindo o pensamento pelas pennas dos seus secretarios.

Tinha havido o ensaio geral ; estava tudo combinado. Afinal a sessão não se fez — não sabemos porque.

. ˙ .

Ultimamente a associação achou-se em crise. O paiz tremeu pela sorte de tão fecundo instituto. Os socios vinham-lhes as lagrimas aos olhos, davam soccos de desesperação nos chapeus, e diziam mordendo os beiços de dôr : «Não estamos em paiz para nada ! assim acaba uma instituição d'estas ! »

Fôra o caso que deixára de funccionar a mesa do wisth por falta de um parceiro, o qual trocára a real associação central da agricultura portugueza — pelo club.

. ˙ .

A secção *croquet* entendeu então que devia estender a sua mão femenil e aristocratica á secção *whist* combalida e amputada. Com este fim a secção agricola *croquet* resolveu dar um baile de subscripção, para o qual está designada a noite de 1 de junho proximo. Com o producto da subscripção d'este baile a real associação da agricultura portugueza poderá instituir e crear um parceiro de wisth de reserva para futuras contingencias.

Em nome da patria agricultada os nossos agradecimentos por tão benefica iniciativa ao vivido elemento civilisador, a cujos pés delicados e breves não deixaremos de ir no dia 1 implorar — em nome da terra agradecida — uma volta de valsa.

Alguns actos ultimamente praticados por suas senhorias os padres requerem instantemente alguns momentos da nossa attenção.

Repugna-nos penetrar nos escandalos de sachristia. Magoa-nos tocar na theologia. Respeitamos a igreja. Respeitamol-a mesmo — notem bem — como governo, como elemento de civilisação, como garantia de liberdade.

Comprehendemos que a religião não pode ser uma correlação exclusivamente individual entre o homem e Deus. O instincto religioso da humanidade cria naturalmente e fatalmente a sociedade religiosa. Toda a sociedade instituida importa a existencia de um governo que a dirija. Posta a necessidade de uma direcção para a sociedade religiosa, nenhum governo encontramos tão perfeito como a igreja. Basea-se na discussão e levanta-se do consenso unanime esse governo. Se por um lado a igreja denega os direitos individuaes da razão humana, aviventa por outro lado esses direitos, dirigindo-se sempre á razão, e obrigando-a á luta permanente a que o espirito humano deve em maxima parte o seu desenvolvimento e a sua força. Aos concilios, ás bullas e ás excommunhões, correspon-

deram sempre as reformas, as seitas, as protestações, as heresias.

Estabelecendo o principio da separação do poder espiritual e do poder temporal, creou a igreja a independencia do pensamento.

Por isso nós respeitamos a igreja, ainda atravez dos seus erros e dos seus crimes, postada em frente da humanidade como um objecto de discussão constante, de processo permanente.

. ˙ .

Não respeitamos menos que a força collectiva da igreja o esforço individual do clero. Respeitamos-lhe o direito de trabalhar como muito bem quizer nos intuitos da sociedade religiosa de que fizer parte. Exigimos-lhe egual respeito aos nossos direitos na sociedade secular a que nos appraza pertencer. Seremos os mais cordeaes amigos do clero e os seus melhores visinhos de ao pé da porta em quanto o virmos a um lado, guardando a lei das paralellas na conducta do seu procedimento e na prosecução do seu fim.

Eu, um dos redactores das *Farpas* tenho a minha penna; o senhor padre Miel, da igreja de S. Luiz, tem a sua agua de *la Salette*. So-

mos dois operarios. Devemo-nos respeito reciproco. Pela nossa parte tiramos o nosso chapeu e cumprimentamos sinceramente o senhor padre Miel. Reconhecemos sem inveja ruim que uma só garrafa da agua d'aquelle ecclesiastico tem mais poder, esparge em torno de si muitos mais elementos de influição e de vitalidade do que todos os nossos livros junctos.

. · .

Quando porém o clero falseia a paralella e atravessa a linha secular, parece-nos bem pedirmos ao clero que vá para o seu logar e que se não metta comnosco.

Se o alludido senhor padre Miel, que nós respeitamos tanto, em vez de nos considerar como simples devotos do seu *Mez de Maria*, querendo ver em nós um objecto das suas piedosas irrigações, pretendesse misturar na tinta do nosso tinteiro a agua de *la Salette* das suas garrafinhas, não poderia o proprio senhor padre Miel levar a mal que nós deffendessemos hostilmente a profana e obscura integridade da nossa escrevaninha da invasão mystica dos seus afamados artigos de *toilette* ao Divino.

Quando pelo contrario formos nós que levan-

temos para o thuribulo mão indiscreta queremos egualmente que nol-a decepem.

. ˙ .

Ora um de suas senhorias os padres commetteu ultimamente uma d'essas invasões de que nós não queremos ser accusados para com suas reverencias, mas que egualmente desejavamos muito que suas reverencias deixassem de perpetrar comnosco.

Em uma freguezia rural falleceu ha pouco tempo um individuo a cujo cadaver o respectivo parocho denegou sepultura com os seguintes fundamentos:

Primeiro. — Que o cidadão fallecido não frequentava os sacramentos;

Segundo. — Que mantinha um amor illegal.

O cadaver esperou durante tres dias que se sanassem as resistencias do parocho.

Ora a denegação de sepultura com similhantes fundamentos é a declaração de uma devassa á vida particular do cidadão, é uma especie de infamação civil.

Se o clero auctorisa isto, o clero precisa em tal caso de uma mordaça para que não excite as famosas questões religiosas do tempo de

Luiz xv, em que o parlamento ordenava aos parochos que dessem a communhão aos moribundos, e em que Voltaire mandava intimar o seu cura por um official de justiça para que lhe fosse ministrar os sacramentos na hora final. Esta brutal intervenção do poder civil nas attribuições exclusivas do poder religioso tinha por causa o alvedrio que a igreja se tinha dado de assignalar com a infamia civil os moribundos a quem recusava os sacramentos. O cadaver do grande Molière, assim infamado, foi enterrado de noite, como se fazia aos malfeitores, e apupado pelo povo, que elle tanto consolara, instruira e amára!

Parece que suas senhorias os padres quando negam sepultura aos cadaveres de cidadãos cujo procedimento elles reprovam teem particular empenho em fazer reviver o triste estado de coisas a que acabamos de nos referir.

.˙.

A denegação de sepultura fundamentada em factos da nossa vida particular é uma infamação que vós, srs. ecclesiasticos, infligis á nossa memoria quando nós já não existimos para nos desaffrontarmos. Nada obsta a que meia duzia

de fanaticos appareçam ámanhã n'uma das encruzilhadas das vossas aldeias a insultar e a profanar no caminho para a sua derradeira morada o cadaver do reprobo sobre que tenha caido a vossa condemnação. Ora este acto de infamação, de deshonra, de desautoração, de injuria posthuma, que vós praticaes e contribuis para que outros pratiquem é — além de uma affronta pessoal da qual algum homem da familia do morto aggravado vos póde pedir alguma vez contas estreitas e terriveis — um delicto civil, a respeito do qual as auctoridades civis teem obrigação de interrogar as auctoridades religiosas. Vós podereis talvez responder com os vossos canones. Mas o civil, para vos admittir os canones como justificação, precisa de os entender, de os interpretar, de os criticar, de os discutir comvosco. E ahi tendes deploravelmente invadida a isempção espiritual que vós quereis ter e que nós desejamos que se vos conceda na mais inteira plenitude.

Notae que não defendemos a nossa impunidade. Quando nós delinquirmos na igreja, castigae-nos, mas castigae-nos na igreja.

Sois imprudentes vindo á praça publica ler, á porta do cemiterio, sobre o nosso cadaver, pe-

rante a nossa familia que chora e os nossos conterraneos que nos respeitam, as vossas sentenças infamantes.

Castigae-nos, mas castigae-nos na igreja e emquantos vivos. Tendes para isso a penitencia e tendes a excommunhão — duas coisas de que em todo o caso sempre poderemos appellar para a opinião dos homens, para o desmentido da consciencia e para a decisão de Deus.

Não acompanheis porém para além da morte a investigação e a punição da culpa. O morto como peccador pertence inteiramente a Deus, a cujo tribunal foi levado pela morte. O cadaver não é o resto de um christão, é o resto de um cidadão, e como tal pertence á familia e á sociedade.

Chorado na familia, respeitado na sociedade, perdoado talvez por Deus, o que resta na terra d'aquelle que foi um homem, não póde, srs. ecclesiasticos, ser lançado por vossas senhorias — a uma latrina.

No Porto alguns senhores missionarios teem singularmente recommendado ás pessoas devo-

tas que se vão confessar á sua propria casa d'elles missionarios. Sendo pela maior parte as mulheres as que palpitam mais beatamente sob a palavra minhota de suas senhorias, esta recommendação toma uma poderosa significação moral.

. ˙ .

A exclusão do templo e dos altares — na pratica dos sacramentos — é uma nova interpretação theologica e catholica, subtilmente original. É, logicamente, a radical inutilisação do culto. Se um senhor missionario determina confessar — na sua alcova, pode o senhor parocho dizer missa — na sua sala de jantar.

A igreja e a sua santa decoração, as imagens consagradas e os vasos, a influencia eucaristica dos sacrarios, tornam-se inuteis e começam a ser como as arvores ou como os theatros, um regalo da cidade, e um ornato do municipio. A religião abandona os templos e hospeda-se na casa particular dos senhores padres. Suas senhorias tornam o culto uma occupação domestica. Pela manhã armam a mesa em altar para a missa, e á noite põem-lhe em cima, para a ceia, a caneca vidrada com vinho. Põem a toalha ao pescoço do devoto que vae commungar, e enro-

lam-n'a depois ao seu proprio cachaço para fazer a barba.

Os utensilios da casa servem de alfaias do culto. Como a alcova é confissionario, o pucaro da agua é calix. Para os santos oleos emprega-se o azeite que se emprega para a pescada. Os cadaveres serão levados a casa de suas senhorias e responsados na capoeira ou na sentina. E a creança ao entrar na vida e no christianismo, será baptisada na pia da cosinha do senhor abbade!

. ˙ .

Tal é a idéa theologica dos senhores missionarios. No Porto a opinião irritou-se porque viu na ordem dos senhores missionarios um despreso do culto, em favor dos seus prazeres. O Porto equivocou-se. A recommendação inesperada dos senhores missionarios não é uma desattenção de culto, é uma substituição de divindade.

Como? É que poucas pessoas sabem uma qualidade sacrilegamente torpe do beaterio. E é que:

Os beatos, as beatas, na religião não respeitam a divindade, respeitam os sacerdotes. Não prestam culto ao Deus, prestam culto ao padre.

Para espiritos estreitos, embrutecidos, esterilisados, como os forma a devoção fanatica, Deus e os mysterios, é alguma coisa de incom. prehensivel, de vago, de distante, no fundo dos ceus: pelo contrario o padre é o sempre presente e o sempre visivel: é o padre que os confessa, os comunga, os penitenceia, os doutrina, os guia. De sorte que, lentamente, todo o poder, toda a sabedoria, toda a santidade a attribuem ao padre. Deus está n'um indefinido mysterioso, na profundidade dos firmamentos: o padre está alli, na sua rua, ao pé da sua casa, sempre prompto, e torna-se assim um Deus ao alcance dos sentidos e ao contacto da mão. Veja-se uma beata ou um beato diante de um padre: beija-lhe a mão com temor, está com os olhos baixos, respeita-lhe a casa como um templo, se entra a porta faz mesura como deante do sacrario, não se atreve a contradizel-o, como a mesma sabedoria; julga-o impeccavel, candido e perfeito, respeita-lhe o cão e o porco, e toda a philosophia d'esta vil humildade e d'esta adoração profana, está no grito pavoroso d'aquella beata: «ai! maldita seja eu, que sem saber, enchotei o gato do senhor abbade!»

. ˙ .

Por tanto os senhores missionarios costumados a serem tratados como Deus, fazem naturalmente das suas casas egrejas. Continuam logicamente a santidade que o beaterio lhes attribuiu. O logar em que habitam julgam-n'o consagrado. E é portanto com uma senceridade ingenua que elles confessam nas suas alcovas, e dirão talvez missa na sua cosinha.

Sómente, com todo o respeito perguntaremos aos senhores bispos, se não teem entre os direitos da sua auctoridade a interdição, — e aos senhores governadores civis se não teem entre os edificios do seu districto a cadeia. E ficaremos tranquillos.

Esta não é a entrada do Parthenon nem a das estancias do Vaticano nem a da galeria do Louvre.

N'um velho muro da rua de S. Francisco, esbeiçado, negro, rendido, alagartado pelas rachaduras e pelas podridões, ha uma porta ata-

mancada com ripes de pinho e coroada por uma taboleta de barraca de feira ou de estalagem de opera bufa. Por aqui se entra.

Estamos na exposição das bellas artes em Portugal.

A taboleta que vimos, primeiro producto da pintura indigena, feita aliás com entendida discrição, não tem numero nem nome de auctor.

O visitante acha-se logo com agradavel surpresa no meio de um cebolal. É um aprasivel posto que modesto talhão de horta suburbana. Pelo meio fóra um carreirinho, a uma e a outra banda cebolas.

Nós, que temos pelo bucolico um fraco verdadeiramente reprehensivel, ficamos ao ver tal a modo de parvoinhos de alegria. Corremos, demos guinchos, mordemos os nós dos dedos, e os braços, rasgamos os lenços e batemos um no outro de contentamento! Era tal a satisfação de que nos achavamos possuidos que iamos passar a levantar pesos e a fazer forças, talvez a despirmo-nos, quando um empregado nos pediu meio tostão, metteu-nos para dentro de uma porta e disse-nos:

— Ahi é que são os quadros... E tenham prudencia!

. ˙ .

Achamo-nos na galeria.

O primeiro quadro que nos chama a attenção pela collocação que lhe deram e pelas dimensões que tem é o

N.º 101. No primeiro plano uma mulher gorda e morena, com um trage de dama illustre mas sem feição nem ar aristocratico — o que lhe dá o aspecto de uma salchicheira vestida de princeza — tem uma espada ameaçadoramente levantada sobre a cabeça de dois pequenos ajoelhados aos pés d'ella. Um dos adolescentes tem o ar supplicante e parece pedir perdão; o outro está pallido e trespassado de medo por ver que vae levar e que não tem braços para se deffender, mas simplesmente um grosso pente de clina de cavallo em logar de mão. O pente de cavallo tem bastante expressão, melancolicamente pendido da manga do pequeno sem braços. A mulher faz um gesto expressivo para uma porta. Vê-se que ameaça os pequenos de apanharem com a espada ou de irem para o quarto escuro. Ao fundo permanecem, regados com molho branco, tres idiotas, dois dos quaes do sexo feminino.

O auctor d'este quadro denomina-o *D. Fi-*

lippa de Vilhena armando seus filhos para a conspiração de 1640.

. ˙ .

Tomando para a esquerda depois de termos olhado para o n.º 101, apparece-nos o

N.º 23. É o retrato de um sujeito de lunetas que foi obrigado a pousar pregado pelas carnes em uma almofada de costura. Tem o cabello estacado, a bocca franzida, o olho afflicto, denotando em todo o seu ser uma dôr pungente e ridicula.

. ˙ .

N.º 2. Retrato de homem atacado de cholera-morbus; a sua physionomia tem os tons verdes e amarellos do periodo algido da enfermidade que o devora. O auctor querendo imprimir n'este retrato um estylo vigoroso, pintou-o aos murros; arregaçou as mangas, molhou os punhos em verde, em amarello e em preto e atacou a tella com a intrepidez com que se ataca o vulto de um adversario no pugilato. A physionomia do retratado resente-se d'este methodo, apresentando as violentas depressões de uma pera de sete cotovellos.

⁂

N.º 6. Cabeça de carneiro com agriões — paizagem de *restaurant à la carte.*

⁂

N.º 19. Dois livros de medicina e um chifre pendurado n'um collete. Quadro de natureza morta com a cabeça de um medico em cima.

⁂

N.ºs 21 e 22. Milagres que fez Nossa Senhora da Nazareth a uns maritimos.

⁂

N.º 29. Intitula-se *Mãe e filhos*, e tem um grande valor zoologico. Representa uma cadela com os seus dois filhos a uma janella da arca por occasião do diluvio. A cadela sente os incommodos gastricos que dá o balanço das aguas aos que não teem o habito de navegar, e dispõe-se a depositar. Os dois filhos manifestam uma vaga esperança de proxima passagem para uma existencia vegetal, á qual elles se veem chamados pela sua vocação, denotando que acabarão em aboboras antes de enchuta a superficie do globo.

.˙.

N.º 30. A mesma abobora que foi cão na arca, querendo botar focinho e outras manifestações de tardia saudade pela existencia animal que tivera antes do diluvio.

.˙.

Desde o n.º 45 até o n.º 64. Pelos milagres que fizeram Nosso Senhor dos Navegantes, Nossa Senhora da Nazareth e outros santos e santas da côrte celeste a varios maritimos,— o sr. Pedroso agradecido.

.˙.

Desde o n.º 106 até o n.º 118. Por identicos milagres feitos pelos mesmos santos e santas a diversos navegantes, — o sr. Thomazini penhorado.

.˙.

N.º 79. Fiel copia de um bordado a missanga. A' similhança do que succedeu com as uvas de Zeuxis, que os passaros depenicavam, os gatos pretendem deitar-se a dormir em cima d'este quadro, imaginando-o um assento de poltrona.

. ˙ .

N.^{os} 81 e 82. Estudos philosophico-recreativos sobre a influencia do amarello. Por baixo de um ceu côr de cabeças de marcella, corre, entre duas montanhas de cenoiras, um rio de gemmas d'ovos; prediosinhos de casca de limão, vegetações, florestas, montanhas e rochedos temperados com açafrão, assistem impassiveis ao exame do sol que os contempla n'um occaso de ictericia.

. ˙ .

Manuel de Macedo, expõe paizagens. É difficil ver tratar um publico com uma familiaridade mais desdenhosa. Manuel de Macedo não lhe dá a honra de lhe apresentar uma idéa, mostra-lhe ao de leve alguns effeitos de luz: as suas pequeninas telas são esboços feitos a cantarolar e a fumar, para aguçar o pincel e firmar a mão. Macedo expoz o seu talento — do avesso. Desenhista de figura, expõe paisagens a oleo: artista critico e philosopho, observador e romancista a lapis — mostra-nos luares nublados e côres quentes do pôr do sol: artista que estuda a cidade e os seus costumes, diz-nos os aspectos das aldeias, dos caminhos, ou das margens dos rios: tendo a psycologia, quer-nos dar a entender que só tem

a côr; sabendo a alma, quer-nos fazer convencer, que só conhece a paisagem. Longe de nós, desdenharmos a paisagem: attribuimos-lhe certo, uma influencia, um valor critico, inferior inteiramente ao estudo da figura humana e da sua acção e paixão: é claro que estudar as attitudes de uma arvore, ou o verde macio e humido de uma relva, é um trabalho de menor intelligencia, de menor critica, de menor sciencia, do que estudar n'uma acção humana, a paixão, os temperamentos, os costumes sociaes e as educações: a paisagem faz scismar, a pintura critica faz pensar: a paisagem adorna as paredes, o quadro de figuras póde ensinar o espirito: nenhuma idéa, nenhum ensino póde sair das perspectivas de um bosque ou de um rebanho que pasta. Mas a paisagem na pintura póde dar uma sensação tranquilla, uma momentanea harmonia ao espirito, um estado de contemplação recolhida, um esquecimento agradavel. E por este lado a sua influencia é excellente, o seu valor inteiro:—mas não se póde permittir, que um espirito como o de Manuel de Macedo, ponha de parte, como uma arma inutil, as suas faculdades criticas e scientificas, o seu poder de observação e psycologia, o seu forte sentimento

da realidade, a sua grande comprehensão da vida social, as suas qualidades de desenhador, a perfeita intelligencia da figura, a fina intenção de traço, a sciencia das physionomias e das profissões, um tão grande conhecimento do homem, da sua raça, dos seus ridiculos, do seu mal, — para ir, assobiando alegremente, espreitar o tremor luminoso que faz o luar sobre os rios, ou a côr quente e secca que o occaso põe nas massas de verdura! O seu talento deve-nos mais.

Paizagistas, pintores de animaes, interpetradores do classico sentimentalismo da lua e dos poentes, temol-os nós. O que nos falta é um pintor de costumes e um interpretador da realidade humana. Os *albuns* de Manuel de Macedo, infelizmente sem popularidade, porque não tendo sido gravados nem lythographados, teem sido vendidos só em original, — foram uma poderosa revelação das suas faculdades criticas. O auctor dos *Tres americanos*, da *Volta do conservatorio*, da *Pitada do sachristão*, dos *Inglezes depois de cear*, do *Proletario*, dos *Actores* [1], e de tantas

[1] Estes desenhos pertencem ao ultimo album de Manuel de Macedo, comprado pelo rei D. Fernando. Compunha-se o album de 50 desenhos.

outras paginas tão vivas, tão reaes, tão criticas, deve—aos que esperam d'elle a iniciativa de um forte impulso original na arte nacional, algumas coisas mais que pequeninas telas, distraidamente desenhadas, onde aguas quietas se enchem de sombra, ou largos occasos avermelham e alaranjam as pedras das eiras. Manuel de Macedo não tem direito a dispersar nas esterilidades da paisagem, as qualidades poderosas, que deve concentrar na sciencia da figura. Espirito imminentemente moderno, todo penetrado dos processos criticos das novas escolas litterarias e artisticas, amante fiel da realidade, estudando incessantemente o modelo e a vida, possuindo a consciencia plena do fim social da arte, com um gosto finamente educado, não se limitando nem se fossilisando só nos estudos da sua arte, mas curioso e tão conhecedor dos movimentos litterarios e scientificos, como dos processos technicos da pintura, com um espirito innovador e justo, —estava naturalmente destinado a revolucionar esta velha arte nacional, a introduzir vitalidade e movimento n'esta somnolenta rotina da academia e da sua geração, e a ser entre estes espiritos pallidos—o espirito creador. Seria a ultima illusão a perder, ver uma tão

distincta intelligencia, ora desanimada, ora preguiçosa, ora indifferente, perder se lentamente e affrouxar-se em producções estereis.

Nós bem sabemos que n'este paiz a arte pura não dá ao artista uma carreira e um destino solido, e é necessario recorrer aos ganhos do officio. É por isso que Manuel de Macedo, deixa muitas vezes o seu lapis de desenhista pela broxa de scenographo. A scenographia é de certo, uma grande arte. Cinnatti e Rambois teem pannos de fundo, que são telas soberbas. Mas Manuel de Macedo não é um scenographo. É de certo, é incontestavelmente, depois de Cinnatti e Rambois, o melhor e o unico que pela sciencia des architecturas, pelo sentimento do pittoresco, pela vigorosa imaginação, — póde mais dignamente succeder aos dois admiraveis mestres. Mas os pannos de fundo de Manuel de Macedo são bem inferiores ás paginas do seu album! É ahi, com o seu lapis na mão, que elle cria. Manuel de Macedo é um espirito fino, investigador, critico, anatomista, analytico: só a delicadeza do lapis póde dar finamente, com uma subtil fidelidade, a sua intenção e a delicadeza da sua idéa. É um observador do homem, é um realista. A acção humana, a paixão,

os costumes da cidade, as physionomias, os vicios, os ridiculos, os caracteres, os temperamentos, — a vasta, complexa, fina, prodigiosa sciencia dos costumes é o seu dominio. É alli que elle se deve estabelecer, crear, estudar, revolver, ensinar, revelar. Se é fatalmente necessario que a scenographia seja a sua *profissão* — que o desenho seja a sua *arte*. Com a facilidade de Manuel de Macedo, com a sua penetrante improvisação elle poderia encher os intervallos da sua profissão, como os estudos da sua arte. Quanto mais que este artista revelado — seria immediatamente popular. O publico tem pela sua obra quasi ignorada uma sympathia instinctiva. Alguns desenhos publicados e dos inferiores tem-lhe dado uma reputação, que outros não tem com laboriosas telas vastamente trabalhadas. Existe na opinião um tacto singularmente justo. Não se obscurece nem se transvia absolutamente a critica de um povo. Não ha cidades imbecis. Póde um publico não ter educação, nem sciencia, — mas o seu juizo e a sua sympathia difficilmente será surprehendida — ou errada. A multidão tem uma ponta de intelligencia que não se embota, nem se quebra. Se muitas vezes parece repousar muito tempo na

admiração do *mediocre*, é porque não tem o *melhor* : ali adormeceu e ali se definha : mas que appareça o *melhor*, ella despertará, irá para elle, consagral-o-ha. Desesperar do publico é um modo disfarçado de não ter confiança em si.

A multidão tem no fundo da sua consciencia a verdade. Sabe qual ella é, sente-a ; sómente, não a sabe exprimir, realisar em obras. Mas appareça um, que tenha essa faculdade gloriosa, de saber *dizer* a verdade que todos *sentem*, e immediatamente, como uma faisca n'um caixão de polvora, a sympathia terá a sua radiosa explosão. Não se deve por isso descrer. O individuo póde ser estupido, a massa é intelligente. O que é necessario é saber dizer, escrever ou desenhar a verdade.

Manuel de Macedo, no dia em que mostrar publicamente o seu trabalho, será popular. Roubal-o-hemos da scenographia, e dal-o-hemos ao desenho : será o estranho caso de dizer que a arte — conquistou o artista !

. · .

O sr. R. Bordallo Pinheiro, expõe entre alguns carvões já conhecidos, um grande desenho — *O enterro na aldeia*. Esta composição

realista e revolucionaria — revela e accusa uma lugubre indignidade clerical. Trabalho imminentemente moderno, grave, critico, por esta intenção de justiça e de razão é mais que um pormenor caracteristico dos costumes ecclesiasticos — é uma sentença moral. Entre nós, de entre todos os factos naturaes e sociaes em que a egreja intervem, o enterro do homem é o mais degradado pelo caracter de obrigação fastidiosa, de cerimonia trivial, de salario, de ganha pão, de tedio, de indifferença, que lhe dá a presença e a acção do padre. O quadro de Bordallo Pinheiro revella um d'esses aspectos. O acompanhamento do enterro, que vem de longe pela hora da sesta, pára á porta de uma taberna: o padre, montado no seu burro, o barrete p'ra nuca, o vasto guarda sol aberto, o ventre enorme e silenico, as roscas do pescoço bestiaes e suadas, a larga batina de lustrina enodoada, resfolga e emborca um copo de vinho: o sachristão, figura idiota e secca bebe: os que trazem o esquife, sentados á porta, com os barretes deitados para traz, estendem os copos. O taberneiro, vae de um a outro com o seu cangirão: vieram curiosos, bebedores, alguma beata da visinhança; a tumba, á moda do Minho, similhante

a um berço, assenta no chão: uma velha descobre o lençol e espreita a cara do morto; outros inclinam-se a ver: sentem-se as perguntas, os pequenos commentarios. — É fulano! coitado! Era um bebado! Era aquelle que tinha o olival á beira da estrada! estava pobre! — Pesado como um chumbo, dizem os que trouxeram o caixão! — Duas missas de doze, conta, esfregando as mãos, o sachristão. — Mais vinho ó lá de dentro, grita o abbade. — Alguma guitarra vibra monotonamente dentro, na sombra da taverna: uma velha persigna-se. Ao longe o longo caminho batido do sol, estende-se, sob a nevoa de poeira: e entanto fóra do lençol, veem-se espalmadas, gretadas, hirtas e lividas as solas dos pés do cadaver!

Assim se passa um enterro na aldeia. Ás vezes ha desordens, entre o padre, o sachristão e os que levam o esquife: questões de lavoura, de eleições ou de congrua. Insultam-se, espancam-se, caem por cima da tumba, e ás vezes o cadaver rola pelo chão, entre os gritos das velhas.

A execução d'este quadro é todavia inferior á sua intenção. Sente-se o artista incompletamente educado. Ora estas grandes realidades

pintadas, querem uma interpretação completa e viva. Ha n'aquelle trabalho idéa, vontade, grande sentimento do fim da arte, habilidade dramatica — falta-lhe a poderosa realisação pelo lapis. O artista não secundou o critico. É no entanto este um trabalho que marca, na arte portugueza, uma evolução emminentemente racional. O sr. Bordallo Pinheiro possue a idéa critica — a educação lhe dará, esperamol-o, a concepção artistica.

. · .

Outro trabalho excepcional — o *Orphão*, estatua em gesso. É uma obra delicada e finamente sentida. A esculptura é uma arte que se extingue. Falta-lhe a idéa. O corpo humano, a sua belleza, a sciencia das attitudes, a graça imperecivel das linhas, não tendo hoje significação na vida moral e na vida civil como outr'ora, onde póde inspirar-se e que utilidade racional tem uma arte, que é apenas a idealisação do corpo? A questão então era com effeito toda com o corpo: pela gymnastica, pela orchestrica, educava-se o homem para que elle fosse o *mais bello*: por isso a esculptura era a grande arte. Hoje a questão é toda com o espirito e com a consciencia: pela sciencia, pela critica, pela mo-

ral, educa-se o homsm para que elle seja o *mais sabio* ou o *mais justo*. Portanto que ensina, que educa, que celebra a esculptura, essa sciencia da belleza animal? O esculptor, reconhecendo isso, pretende, seguindo o movimento critico das artes, estudar nas suas estatuas, nas suas nudezes — os sentimentos. Mas que sentimento ha tão simples que se possa estudar, exprimir e reaisar vivo — com um cinzel e um bloco de pedra? Fortes intelligencias se consomem n'este intento desolado e esteril. Ainda assim de tal modo a critica penetra os temperamentos e as organisações, que os esculptores hoje teem a arte de pôr-nos nos marmores ou nos seus gessos, sensibilidade e idéa. Assim, n'uma ordem inferior, mas bella, o *Orphão* do sr. Simões. Uma creança nua e sentada, estende a mão á vaga piedade das almas. O seu corpo magro e dolente está modelado com um mimo triste. A musculatura debil e macia, feita com grande sciencia, contornada com uma realidade poetica, vive, sente. Aquillo é tenro. Percebe-se a elasticidade e a flascidez. O seu pequenino corpo attrahe a caricia compassiva, os contactos consoladores. Ha vontade de dizer áquelles hombros de uma curva tão branda, ás costas tão dolorosamente nervosas, aos seus bra-

cinhos onde a carnação é tão intencional que parece supplicar:—então! tenra carne miseravel e linda, não te afflijas, aqui estou eu, alegra-te! Tal é a moderna habilidade do esculptor e que o sr. Simões tão delicadamente realisou — exprimir a sensibilidade interior no corpo, dar idéa a fórma, e como chamar a alma á superficie. Por isso aquelle gesso — soffre.

. · .

O resto da exposição — ou pela idéa, ou pela arte — affoga-se monotonamente, n'uma grande mediocridade dispersa.

———

O cão, esse fiel amigo do homem, tem um defeito: damna-se de quando em quando, e sempre que isto lhe succede faz uma coisa: devora o seu amigo.

Durante a semana passada não houve dia em que se não damnassem cães, comendo cada um d'elles varios bocados dos viandantes com quem se encontraram.

O que hoje existe da população de Lisboa podem os cães dizer á bocca cheia que é simplesmente aquillo que elles não tiveram vontade de comer na semana finda!

A cidade humilhada pede á camara municipal que esta providenceie de modo que o Chiado deixe de ser considerado pelos cães como um «restaurante.»

Parece que o cidadão se julga com direito a exigir que as barrigas das suas pernas não continuem a ser tratadas sob todos os pontos de vista, pela raça canina, como bifes.

Tem-se geralmente como iniquo que o homem se veja condemnado a ser constantemente o portador — sob a casimira das suas calças — da ceia de um perdigueiro.

A circumstancia de terem algumas pessoas, durante o cerco de Paris, comido cão, parece-nos que não auctorisa alguns cães de Lisboa a comerem homem.

O parisiense comia cão quando não tinha outra coisa que comer; o cão nunca teve falta de alimento em Lisboa: o cão é muito guloso de immundicie, e a camara de Lisboa tem sempre o cão farto e mimoso do acepipe predilecto da sua raça.

Que mais quer o cão?

. ˙ .

Lisboa manifesta pelos seus cães o mesmo carinho que tem Veneza pelos seus pombos. Nenhuma outra cidade da Europa, a não ser Constantinopla, tem tantos cães como Lisboa. Aqui encontra-se ainda como na Turquia o cão selvagem em toda a pureza do typo primitivo. Os estrangeiros admiram estes cães. Elles são o nosso orgulho, e são tambem a nossa hygiene. A limpeza das nossas ruas é feita quasi exclusivamente pelo cão vadio. É elle quem levanta as nossas podridões e as nossas immundicias. Somente o cão abusa um pouco quando confunde o habitante com as coisas que cáem dos barris do lixo. Porque emfim com quanto passeemos juntos por essas ruas com os bichos mortos e com a hortaliça apodrecida, a verdade é — entendam-n'o bem os cães! — a verdade é que nós não somos inteiramente nem uma cenoira podre nem um rato finado. Se o vereador nos não distingue uns dos outros e nos deixa andar confundidos pelos passeios da baixa, que, pelo menos, o cão nos discremine! O cão tem o faro — faculdade organica que evidentemente falta

no vereador; pois bem: que o cão se dê ao incommodo — antes de nos comer — de nos cheirar! E todos os males ficarão remediados, e todos os direitos garantidos.

. ˙ .

Alguns jornaes, mordidos talvez em suas redacções pelo cão vadio, teem pedido ultimamente ao vereador que trucide o cão. Este pedido é inutil e é immoral. É inutil porque o vereador é inteiramente surdo a tudo quanto se lhe pede, — e logo provaremos isto. É immoral porque a verdade é que o cão vadio, apezar de todos os seus defeitos, limpa escrupulosamente as ruas sujas, ao passo que o vereador, apezar de todas as suas virtudes, ou suja ou deixa sujar as ruas limpas. Portanto, se alguem tem de comer strichnina, que a coma a camara. Verdadeiramente vadio em Lisboa é o vereador, não é o cão.

. ˙ .

Promettemos provar que o vereador é surdo ao rogo do municipe. Vamos fazel-o. Um de nós passa todas as manhãs pela rua em que se acha a Academia, na rua do Arco a Jesus. Esta rua, uma das mais immundas da capital — sem

com isto querermos ferir os sagrados direitos que muitas outras teem ao mesmo adjectivo — esta rua, dizemos, está desde tempos immemoriaes na antiga posse de cheirar mal. Cada dia cheira á sua coisa differente, mas cheira sempre mal. São prodigiosos os recursos de imaginação que esta rua emprega, variando constantemente de cheiros, cheirando successivamente a tudo, sem nunca cheirar bem! Ha tres annos que temos a satisfação de conhecer esta rua, e uma só vez — uma unica — a vimos falsear o seu programma e desdizer os seus principios. Foi o anno passado em um dia de primavera. Eram dez horas da manhã. Tinha chovido muito na vespera. O sol doirava nos corregos as areias sintilantes do enxurro. Uma ligeira brisa de nordeste fazia palpitar docemente a folhagem *pannaché* do arvoredo por cima do muro do jardim de madame de Gerando. As vegetações variegadas dos telhados destacavam se nos beiraes, tocadas vivamente pela luz, sobre o ineffavel azul do ceu. Ás janellas abertas, os moradores em mangas de camisa, uns com a navalha da barba ou com a esponja do lavatorio na mão, outros no acto de pucharem um suspensorio ou de abotoarem um colleirinho, repentinamente

suspensos nas suas attitudes matinaes pelo phenomeno maravilhoso, olhavam extacticos a atmosphera. Dois cavallos do serviço da posta, que costumam transitar soltos e desacompanhados por aquella localidade, contemplavam-se silenciosos trocando entre si pequenos gestos interrogativos. Cincoenta e dois gatos indifferentes aos attractivos de cerca de outros tantos carapaus que juncavam o solo, parecia cogitarem em posições lyricas, esthericas ou nervosas. Do alto dos pardeeiros desmoronados alguns pombos, uns calçudos, outros de leque, olhavam o caso por cima dos seus papos reluzentes e metallicos como escamas de armaduras. Um coelho domestico ao canto de um predio franzia o nariz como n'um extasi olphatico. Sómente, no meio da rua, uma grande ratazana parecia indifferente ao que se estava passando. Esta ratazana achava-se excluida das surpresas que a naturesa e os municipios mysteriosamente preparam aos entes que vivem no seu gremio: ella estava morta.

O que determinava esta estranha surpreza de todos os moradores da rua do Arco era o seguinte:

A rua não tinha cheiro!

Nós mesmos mandamos para um jornal do outro dia esta nota:

« *Pedem-se providencias* — A bem conhecida e antiga rua do Arco a Jesus, a qual nunca de memoria dos seus mais provectos habitantes deixou por um só dia de cheirar mal, começou hoje, ás dez horas da manhã, a não ter cheiro. Não ter cheiro em rua que sempre cheirou mal — como toda a visinhança attesta — é meio caminho andado para, dentro de bem pouco tempo talvez, passar por ventura — a cheirar bem! Os moradores e os transeuntes estão cheios de afflições e de cuidados com temor de que uma tão inesperada quanto violenta mudança de ares os prejudique em suas saudes. Pelo que se supplica respeitosamente á excellentissima camara municipal que ella dê as mais promptas providencias para que a alludida rua volte immediatamente a ter os cheiros bem notorios que sempre teve. »

Apezar porém d'esta justissima queixa, a camara, que nós suppunhamos que escrupulisava religiosamente em manter na via publica os miasmas deleterios que a caracterisam, a camara foi impassivel e surda.

Perante a repugnante indifferença municipal, a rua do Arco continuou sem cheiro durante tres dias consecutivos! Ao fim do quarto dia principiou a cheirar soffrivelmente... Fallámos então com dois dos moradores. Um d'elles disse-nos:

«Isto vae bem, está quasi a cheirar mal! logo pela noite, se não houver algum transtorno, temos outra vez o fetido comnosco.» E deu-nos um abraço.

Ao segundo morador dissemos nós:

«Parabens! já sei que esperam o fetido esta noite!

— Diga-lhe que sim! respondeu-nos elle. Eu cá mudo-me esta tarde. A rua ha quatro dias que está sem cheiro, hoje apparece um cheiro soffrivel... ou eu me engano muito ou dentro de dois dias ha de o senhor vel-os aqui a braços — com o perfume!

Ao quinto dia porém a rua do Arco voltou a cheirar mal. Não nos arrojamos a affirmar absolutamente que o vereador não tivesse contribuido por algum modo para esta satisfatoria solução. O que é verdade é que, se o vereador adoptou algum meio para restabelecer o mau cheiro na rua do Arco, a rua do Arco francamente declara que não deu por tal.

. . .

Em quanto aos cães vadios apparece agora um alvitre para os exterminar. Annunciam os jornaes que os alumnos da escola de medicina bem como outros estudantes de escolas superiores vão dar um grande banquete, que será todo preparado com carne de cão, provando assim que tanto o cão nos pode comer a nós, segundo até hoje tem feito, como nós o podemos comer a elle, segundo os senhores estudantes vão fazer.

Ora nós não deffendemos o cão. O nosso animal de predilecção, fóra de casa, é o cavallo; dentro de casa, na vida intima, sobre os nossos papeis, entre os nossos livros, na almofada da nossa poltrona, é o gato. O gato é o amigo e o companheiro natural do escriptor: elle ama o silencio e o recolhimento do estudo: apraz-lhe o monotono ranger da penna sobre a asperesa do papel; acompanha discretamente o rumor da escripta com o do seu respiro gutural. Quando se não escreve mais elle acorda. Comprehende perfeitamente que ha uma relação de analogia, uma afinidade entre a mão que escreve e a cabeça que medita sobre a pagina: sómente, como não explica essa correlação, nas noites em que não tem somno e em que assiste ao nosso tra-

balho sentado em um livro sobre a banca, mette de quando em quando a pata no espaço que existe entre a penna e a fronte, e palpa de vagarinho se não ha uma linha, uma *ficelle* invisivel, entre a mão e o cerebro. Além d'isso tem no pello um perfume almiscarado; é acceiado como o arminho, tem meneios e contorsões perguiçosas e languidas, de uma elegancia femenil; finalmente é voluntarioso e tenaz como um homem, e ingrato como uma mulher bonita.

Em favor dos cães nada temos particularmente que allegar. Ponderamos apenas isto:

Os senhores estudantes de medicina comem os cães. Muito bem!

E as immundicias das ruas, quando os cães estiverem comidos, quem é que as ha de comer?

Eis a nossa questão.

Como mudam os tempos infieis! Ha cincoenta annos o legitimismo governava completamente, e apenas, pelos montes, nos despovoados, algu-

ma guerrilha constitucional, mal armada e mal mantida, perseguida com mais rancor que um lobo e com mais despreso que um rato, protestava, em nome da vaga e indefinida deusa que tem entre os homens o nome inintelligivel de liberdade, a raros tiros de espingarda. Hoje, ai! o constitucionalismo de guerrilha fez-se exercito, apoderou-se e estabeleceu-se, e é o legitimismo que anda a monte! Navarra e Biscaya.

. ˙ .

Nós somos neutros — inteiramente neutros, entre Carlistas que pretendem a Hespanha, e constitucionaes que a possuem. Parece-nos que ambos teem rasão, porque a Hespanha é um paiz rico, e deve ser bom possuil-a. Nós dois pela nossa parte se tivessemos armas, guerrilhas, munições, um emprestimo e um partido, tambem iriamos ao ruido dos tambores, bandeira ao vento, reclamar a Hespanha. Porque emfim a Hespanha é um paiz rico. O mesmo sr. Melicio, se tivesse um exercito e artilheria, tambem quereria a Hespanha para si. Teriamos então o Melicismo. O que cohibe o sr. Melicio é não ter artilheria.

. . .

Sómente, apezar da nossa neutralidade, não podemos deixar de accentuar a attitude feroz dos padres. São curas que commandam as guerrilhas. São elles que pregam, conspiram, fanatisam, fazem jurar. E é singular, como as mãos immaculadas e costumadas á hostia teem tanto vigor para a clavina.

Já um poderoso philosopho, um creador, fez notar que o temperamento do padre é inclinado a fazer soffrer. Está na memoria de todos os christãos, pela tradicção do Evangelho, a subtil, a ferina crueldade dos phariseus que eram sacerdotes. O padre impelle á guerra. As matanças de mouros, turcos, albigenses, lutheranos, judeus, christãos novos que encheram a historia de sangue, foram prégadas, dirigidas, executadas por padres. A inquisição é ecclesiastica. Poseram alli, na invenção dos tormentos, a subtil habilidade que tinham posto na argumentação da casuistica. A inquisição é a theologia da morte.

Os processos de feiticeria deram aos padres occasião de accender, durante dois seculos, uma fogueira por dia. Os cilicios, contas de prégos, disciplinas, são de origem devota. Depois do

corpo a alma. Pela penitencia, pelo confessionario gostam de fazer chorar, soffrer, amargurar, tremer de medo. Sobre tudo ás mulheres. Opprimir parece ser o instincto do padre. Nas guerras civis são os primeiros a armar-se — e sem querer procurar nos seus habitos, na sua educação, na sua lei, no seu temperamento, no seu fim, a secreta verdade d'estas tendencias sanguinarias, não é talvez inteiramente inutil contar uma historia veridica e lugubre, que precisa e carecterisa, com poderoso e melancolico relevo, esta guerra desordenada a que o legitimismo impelle os instinctos escravos.

Era, no tempo das guerras de D. Miguel. Um homem, ainda hoje vivo, constitucional, tinha sido ferido. De miseria em miseria, conseguira recolher-se, esconder-se n'um povoado, em casa de umas mulheres velhas. Boa gente, piedosa, assustada, consumida pelos terrores do tempo. O homem convalescia. Começava a erguer-se, apenas a vir á porta, ao sol, tiritar debilmente a sua fraqueza. Um dia as duas mulheres apparecem n'uma grande hesitação afflicta. Tinha chegado ao povoado o Batalhão sagrado. O homem fôra denunciado.

O Batalhão sagrado era composto de padres

armados de clavinas e fouces. Era a guerrilha idiota do assassinato. Longe das suas egrejas, desembaraçados dos votos e das obediencias, na liberdade da serra e dos caminhos, com a sensualidade desabotoada, avidos como animaes soltos, a clavina ao hombro, iam levando atravez das povoações uns a colera bestial do seu fanatismo, outros a independencia animal do seu temperamento plebeu sofrego de mulheres, de vinho e de desordem, todos uma lugubre violencia de attaque e de medo. Temiam-n'os. Elles matavam e prendiam. A prisão era peior: era a tortura intelligente, circumstanciada, pittoresca e perpetua. As duas mulheres tremiam ao pé do doente.

— Pois bem, disse elle, vocemecés em todo o caso não teem que temer. Se os padres vierem eu cá estou. Apresento-me, digo que estava aqui contra a vontade das senhoras, que foi á força, atiram-me alli para um canto morto, e ahi está, estou fraco, não me ha de levar muito a morrer e disse. Assim, se dessem busca á casa e me achassem para ahi escondido, davam cabo de mim da mesma maneira, e vocemecés padeciam. Assim é melhor. Eu cá estou.

As mulheres choravam, queriam escondel-o;

o homem recusou com a indifferença de um vencido. D'ahi a pouco o Batalhão sagrado, com grande ruido de armas, apparecia ao pé de casa, de batina arregaçada, cruz, foice ao hombro e chapeu desabado.

O homem saiu e disse tranquillamente :

— Aqui estou, sou eu. — Então dois padres, aproximaram-se : cada um o tomou por um lado do rosto, pelas barbas, rindo, e com um empuchão terrivel arrancaram-lh'as ! O homem caiu no chão. Então os padres amarram-n'o com cordas em cima de um macho e partiram com elle victoriosamente, cantando o bemdito, para as prisões de Almeida. A jornada durou dias. Era no verão. Os asperos caminhos estvam mordidos do sol. O homem levava o rosto em chaga, com um continuo suor de sangue. A poeira, o sol calcinavam-lhe as feridas. Levava as mãos amarradas e as moscas picavam-lhe a carne viva. Quando chegavam ás tabernas, os padres atiravam ao homem um pedaço de pão. De vez em quando, por desfastio espancavam-n'o, picavam-n'o com as pontas das baionetas. O sol, o calor, a inflammação, faziam-lhe nas feridas um ardor pungente, de sorte que o pobre homem mordendo o orgulho pedia que lhe

deitassem agua fresca. Os padres então, com grandes risadas...

... não pode ninguem escrever o que faziam os padres do Batalhão sagrado, para refrescar aquellas feridas. Ao chegar á cadeia, sem intelligencia, sem consciencia, n'um torpor desmaiado, atiraram-n'o para cima de uma esteira.

Quando voltou a si, um homem estava debruçado sobre elle e curava-o. Era um enfermeiro de acaso, um preso tambem, um compadecido d'aquella aspera desgraça. Esse preso piedoso não era um vencido politico. Era um assassino. — E foi elle que curou as chagas feitas pelos senhores padres do Batalhão sagrado.

Hontem, ao meio dia, um gallego disse uma palavra irreverente a um cidadão de uma das ruas da baixa. O cidadão cravou uma faca no peito do gallego. O gallego morreu.

.˙.

Casos similhantes áquelle que acabamos de

referir dão-se em Lisboa todos os dias. Um diplomata francez, que esteve ha poucos annos n'esta côrte, nunca saía do Gremio, onde passava as noites, sem perguntar a um criado: «Já se deu a facada?»

Em Lisboa dão-se facadas com mais facilidade do que em outras cidades se dá lume. Uma noite á porta de uma taberna perto do theatro do Gymnasio um sujeito caiu no passeio; outro que passava disse-lhe: «Desculpe: não era para o senhor.» Julgou-se que lhe teria talvez calcado um pé; foi-se ver: não, tinha-lhe mettido no abdomen um palmo de navalha.

.˙.

A lei que aboliu a pena de morte está provado que não tem força para abolir a faca de ponta. No entanto a faca tem sobre a forca os seguintes predicados aggravantes:

A forca dava-se apenas aos criminosos: a facada dá-se indistinctamente em toda a gente. A forca não se dava senão por sentença: a facada até por equivoco se dá.

Abolimos a morte por sentença, não podemos abolir a morte por facada. E todavia seria o caso talvez de dizer como Alf. Karr: *Je suis*

d'accord sur l'abolition de la peine de mort, mais que messieurs les assassins commencent.

. ˙ .

Observa-se uma coisa: O uso da faca é particular dos homens que habitam as regiões planas e do meio dia. A arma do italiano do sul é o punhal, a do italiano do norte é a clavina. O mesmo acontece em Hespanha. Em Portugal o minhoto, nosso comprovinciano, nunca se bate senão á paulada; o trasmontano vinga-se a tiro. O unico portuguez para quem a faca é arma predilecta é o estremenho e principalmente o lisboeta. É uma influencia do meio em que vive e da educação que recebe. A habitação em bairros immundos, estreitos e escuros, a debilidade physica, as discussões e as bravatas de taberna, as polemicas de viela, os ciumes de bordel e o medo da policia, aconselham naturalmente a faca, que é a arma surda da vingança dos fracos. Ao emprego da navalha convém a escuridão; não se precisa de espaço; tambem se não precisa de força nos musculos para o ataque, nem de claresa e sagacidade no espirito para a defesa; não ha luta, não ha resistencia, não se faz bulha; não é preciso fugir, para o

que seria necessaria a agilidade e a tactica, basta esconder-se, para o que é sufficiente a inercia: um ebrio, atraz de uma porta, nas trevas, ao fundo de uma escada, entre dois muros, esfaqueia o seu adversario.

Nos montes, ao ar livre, no despovoado, onde não ha o aperto, onde não ha a escuridão, nem a galeria das mulheres dissolutas, nem a encrusilhada das vielas, nem os portaes escuros, nem os apitos da policia, o homem precisa naturalmente de toda a sua força e de toda a sua intelligencia para atacar e para se defender. Ahi o homem que saca a navalha encontra-se debaixo do varapau, e não tem defesa nem esconderijo nem fuga: tem de lutar por força, braço a braço e frente a frente. Por isso o minhoto que se embriaga nunca promove rixas: deita-se sensatamente a dormir. Se um dos nossos fadistas do Bairro Alto abusar do vinho do minhoto para o insultar, este deixar-se-ha injuriar e até bater, fará com este a figura mais parecida com a de um cobarde, o que deverá levar o fadista, se elle não souber bem anatomia, a numerar escrupulosamente n'essa noite todas as engrenagens do seu esqueleto, porque no dia seguinte terá os ossos todos n'um molho.

.·.

Portanto o modo de tirar a faca da mão do fadista é afastal-o do seu meio escuro, encrusilhado, estreito, rixoso, e estabelecel-o nas montanhas, á influencia hygienica do espaço, do ar e do perigo.

No Minho projecta-se a construcção de um caminho de ferro; o minhoto antipathisa com a profissão de operario industrial: elle não quer senão agricultar ou navegar; ou ficar no seu campo ou ir para longe a ver mundo. D'ahi a falta de braços e a carestia dos salarios n'aquella provincia. As obras do caminho de ferro seriam pois uma excellente applicação para o braço do fadista.

Em vista do que, se nós fossemos legisladores, proporiamos, em beneficio da moralisação do povo da capital,

Que todo o homem, preso em Lisboa em quem se encontrasse uma faca, fosse desde logo matriculado como operario, e enviado a trabalhar, mediante o competente salario, nos aterros, nos tuneis e nos viaductos que hajam de construir-se entre Douro e Minho.

———

Secretos e mysteriosos são os destinos do talento quando elle se consagra á musica e habita no Fundão! Bemaventurados foram Meyerbeer, Rossini e Auber, porque morreram sem terem passado pelo Fundão! Que nunca vá ao Fundão, se porventura toca algum instrumento, o sr. Jayme Moniz! No Fundão pôr um clarinete aos beiços é alongar uma perna para a masmorra. Quem no Fundão se entrega á musica entrega-se ao mesmo tempo á grilheta. A corneta no Fundão é um attentado com chaves, e a caixa de rufo é um abysmo com vaquetas. No Fundão recolher em casa um fagote é muito mais perigoso do que recolher no corpo um ataque de bexigas. No tribunal do Fundão quando se falla no *instrumento do crime* especifica-se sempre: *Instrumento do crime de arco! Instrumento do crime de sopro! Vêde, senhores jurados, o instrumento do crime não tem caravelhas! etc.*

. ˙ .

No Fundão appareceu ha tempos um homem, o qual foi levado pela bossa do crime até o ponto mais profundo a que a musica pode precipitar um desgraçado! Elle era bom, compadecido e benefico. O seu passado estava limpo de toda a

macula. Ninguem ousára nunca assacar-lhe nem uma semifusa! Elle não manchará nunca a puresa dos seus labios unindo-os ao orificio de uma flauta dissoluta! Nunca tivera nem as mais platonicas relações com a rebeca venal! Nunca a sua mão casta palpara o braço lascivo e nú de um cavaquinho!

Repentinamente porém o homem treslouca, e, aggravando o infando crime que ia commetter com uma premeditação repugnante, compra uma folha de papel de musica.

Depois o miseravel, recluso, escondido, a occultas da familia, por horas mortas, como quem fabricasse uma nota falsa, escreveu na dita folha de papel um hymno.

Ora um hymno faz differença de uma valsa. A valsa pode intitular-se *Ella*, *A estrella*, *Os suspiros*; o hymno não pode ter titulo. O hymno tem dedicatoria. Quem faz um hymno precisa de o fazer a alguem ou a alguma coisa. A quem havia de dedicar o criminoso o seu hymno? A el-rei? Já tem. Ao Senhor D. Fernando? Tambem já tem. A Sua Magestade a Rainha? Já ha. A' carta? Está servida. Ao trabalho? Já se fez. A Pio IX? Tem um. Aos artistas? Teem uns poucos...

Ha ainda uma coisa: se o homem do Fundão offerecesse o seu hymno a alguem, arrastava comsigo uma victima, uma especie de cumplice, um co-reu.

Se o offerecesse a uma coisa, como todas as coisas teem dono, o dono da coisa obsequiada com o hymno poderia vir a padecer com o auctor d'elle.

Era preciso por tanto offerecel-o a uma coisa sem dono, a uma instituição impessoal, a alguma coisa de vago, de incompressivel, de irresponsavel, de convencional, de hypothetico. O homem do Fundão achou, nas citadas condições, como a mais innocente de todas as dedicatorias para o seu crime, o seguinte: *Á republica.*

Apezar da sagaz penetração com que o musico conseguiu por tal modo desligar da sua composição todo o elemento que podesse compromettel-a na sociedade, porque finalmente consagrar um hymno á Republica, no Fundão, onde a Republica não existe, é absolutamente o mesmo que não o consagrar a coisa nenhuma — apezar d'isto, dizemos — a justiça do Fundão condemnou a um anno de cadeia o auctor do hymno.

⁂

Se os musicos do Fundão não tomarem ensino com esta amostra do pano, achamos que a justiça da localidade fará bem principiando a fuzilal-os. E assim a sociedade do Fundão virá emfim um dia a dormir perfeitamente tranquilla, principalmente se, depois de ter calcado o musico, ella conseguir egualmente refrear — o persevejo.

O Fundão está sendo um perfeito viveiro de criminosos, uma verdadeira *pepinière* de monstros, uma fistula de malvados! Está-nos a parecer que o Fundão o que quer é que o arrasem e que o salguem por cima para o esterilisar para todo o sempre!

Os homens do Fundão teem viboras na alma assim como os outros homens teem cabellos na cabeça.

A propagação do crime no Fundão é superior á do arenque no mar do Norte.

A serpente que perdeu a humanidade resuscitou para ir pôr os ovos no Fundão.

O Fundão todo é uma ninhada de cobras.

Escaceiam-nos os ditos para exprobar Fundão...

Acabaram os leitores de ver que houve um no Fundão, que levou a perversidade e o cynismo até o ponto de fazer um hymno?

Isto não é tudo!

Ha dias, em plena audiencia, no mesmo sacrario da lei, no proprio sanctuario da justiça, appareceu um monstro que, contra todas as leis divinas e humanas, abafando todo o instincto moral, a voz do sangue, o impulso da alma, e o grito da consciencia, fez o seguinte:

Piscou um olho ao delegado do ministerio publico.

O olho da Providencia estava felizmente cravado no olho que se piscou. O scelerado, apanhado em flagrante delicto, foi logo preso.

Toda a defeza se tornava impossivel para um attentado de similhante natureza. Que havia de aduzir o reu em seu favor?

Que não fôra sobre a pessoa inviolavel do sr. delegado que elle piscára o seu olho nefando? Impossivel! as pessoas adjacentes tinham seguido o raio visual do olho accusado, e tinham distinctamente visto esse raio atravessar o es-

paço e cravar-se impudentemente na fronte do magistrado.

Que o olho se piscára sem expressa licença de seu dono; que era um *tic*, uma contracção nervosa? Escarneo e chimera! Todo o olho que tem o impudor de piscar sem receber para esse fim, por meio dos nervos telegraphicos do cerebro, a ordem mais formal da glandula pineal, é um olho indigno de fazer parte do rosto de um cidadão que se respeita.

Quem tem um olho que manifesta similhantes propensões faz-lhe o mesmo que se faz a um dente que se caria: põe-lhe a raiz ao sol. Se o olho apresenta demasiada agilidade nos seus movimentos, chumba-se o olho. Se no Fundão não ha dentistas de olhos, Lisboa tem-os de sobra para lh'os mandar.

Um olho que pisca, o que faz, por espaço de tempo, é vir a corromper o outro olho. E até muito raro o individuo que tendo um olho que pisque conserve o outro inteiramente illeso da horrenda peçonha.

Por isso o mais prudente em taes casos é arrancar ambos os olhos, emquanto o vicio se não communica tambem ao nariz.

. . .

A justiça do Fundão foi demasiadamente paternal com o facinora: em vez de lhe cortar a cabeça, condemnou-o apenas a dois mezes de cadeia.

O sr. juiz, como a victima tinha sido o sr. delegado, mostrou-se misericordioso. Talvez que se o olho do criminoso se tivesse piscado ao proprio sr. juiz, sua excellencia tivesse sido mais severo!

Ora queira Deus que o sr. juiz se não arrependa, e que os facinoras do Fundão, animados por esta especie de impunidade, não cravem á falsa fé uma piscadella de olhos nas costas de sua excellencia! Entendemos que o governo faria bem se garantisse aquella respeitavel auctoridade dos attentados da traição armada pela villeza do indigena.

Acabamos de ser mimoseados do imperio do Brazil com um exemplar de uma notavel obra

recentemente saida dos prelos de Pernambuco. O frontespicio do livro diz assim :

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

Chronica mensal da politica, das letras
e dos costumes

Editor

Manuel Rodrigues Pinheiro

O Brazil, nação irmã, leva os seus extremos de fraternidade comnosco até o ponto de reproduzir a nossa obra e de a vender depois por sua conta.

Ao nosso editor no Brazil enviamos commovidamente n'estas linhas os nossos agradecimentos pelo paternal carinho com que nos adoptou. O que lhe pedimos com particular instancia é que, quando a serie dos seus livrinhos chegar á reproducção do presente numero, se não esqueça sua senhoria de recommendar ao seu revisor o maior cuidado na integridade dos seguintes paragraphos :

. ˙ .

Eu, abaixo assignado, editor na cidade de

Pernambuco da notavel publicação intitulada *As Farpas*, a qual publicação recommendo muito á protecção dos leitores,

Declaro que

Roubei aos srs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, unicos redactores e unicos proprietarios da publicação acima referida, não só o presente volume mas bem assim todos aquelles que da sua obra tenho dado á estampa sob o meu nome.

Declaro mais que

Achando-me eu, abaixo assignado, fóra do alcance das leis que punem este roubo, não deve a circumstancia de se achar o meu pé desguarnecido da grilheta que lhe compete — ser motivo para que todas as pessoas dignas e honestas deixem de me considerar para todos os effeitos e sob todos os pontos de vista como um criminoso que tem a honra de ser

Dos srs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz

Ladrão muito attento e obrigado

Manuel Rodrigues Pinheiro

Editor das *Farpas* no imperio do Brazil, morador na cidade Pernambuco, typographia do *Jornal do Recife* — 1872.

. ˙ .

O *Movimento*, periodico brazileiro, analysando o volume das *Farpas*, a que acima nos referimos, chama aos seus redactores, entre outras coisas menos felizes, *moedeiros falsos*. Esta qualificação é bem achada e denota fina critica. Effectivamente desde o momento em que o jornalismo brazileiro se apropria do *dinheiro bom* que o nosso trabalho nos produz é perfeitamente logico suppôr elle que nós nos sustentamos com *dinheiro falso*.

Ao *Movimento* pela sua penetrante sagacidade os nossos cumprimentos.

Aproveitando a salutar tendencia que a imprensa manifestou de cultivar os seus interesses no facto de discutir ultimamente a questão da publicidade, offerece-se-nos propor-lhe para assumpto de subsequentes cogitações a conveniencia de promover a celebração de um tratado de propriedade litteraria com o Brazil.

Recordámo-nos de que principiamos a venti-

lar este assumpto reunindo-nos todos n'um jantar de escriptores no hotel Universal. Apezar de não termos jantado inteiramente mal e de havermos feito mesmo um certo dispendio de *verve* e de *Champagne*, dois annos são passados por cima do ultimo dito e da ultima colher de café que consumimos juntos, e a questão acha-se no entanto exactamente nos mesmos termos em que estava um momento antes de termos levado á bocca a primeira garfada do pargo com molho branco da cooperação e da confraternidade litteraria.

Somos levados a suspeitar com rasoavel fundamento que não ficaram perfeitamente mantidas as bases da negociação que nos proposemos tratar.

Meus senhores, o alvitre que hoje temos a honra de vos apresentar, ácerca da renovação de esforços para obter com o Brazil um tratado de propriedade litteraria, é que:

Afim de nos inteirarmos cabalmente do assumpto, — tornemos a jantar.

Por occasião da chegada a Lisboa das duas canhoneiras a vapor o *Tete* e o *Sena*, consagramos á navegação n'estes pequenos barcos um artigo, de que os leitores das *Farpas* estarão talvez lembrados.

Sem pormos a minima sombra de duvida no valor e na pericia dos dois militares que commandam as referidas embarcações, tivemos todavia a frieza de não fazermos do nosso artigo um completo poema: não dissemos que *cantavamos aquelles varões que*... etc. Narramos o facto; expressamos — com a proficiencia de simples dilletantes — ligeiras theorias da navegação em barcos de fundo chato; compáramos as embarcações fechadas com as de boca aberta; dissemos que o governo falseára o contrato feito com os commandantes do *Tete* e do *Sena*; provámos que o governo procedera mal com aquelles officiaes, se a navegação que elles fizeram era perigosa; que procedera egualmente mal se em tal navegação não havia perigo; accusámos o governo; e concluimos.

O nosso artigo foi taxado de indifferente ou de hostil á coragem e ao denodo de dois jovens officiaes, cujas qualidades tivemos o infortunio de mostrar que despresavamos.

Um dos militares a que alludimos achou o mais interessante meio de dar ao nosso espirito e ao nosso animo a luz e a rectidão de que elles manifestaram carecer. Eis o que elle fez: indagou qual de nós fôra auctor do artigo a que nos estamos reportando, e dirigiu-lhe pessoalmente uma carta em que o convidava da maneira mais graciosa a acompanhal-o a bordo do vapor *Tete*, que sairia a barra de Lisboa no dia 10 do mez de junho, até um dos portos do Mediterraneo.

É, como vêem, o desafio mais delicado, o mais finamente ironico e o mais obsequioso e captivante.

Respondemos com a seguinte carta:

Commandante:

Acabo de receber o amavel convite que v. ex.ª me dirigiu para o acompanhar, até um dos portos do Mediterraneo, a bordo do vapor «Tete».

Aprecio extremamente tanto o sentimento de estima como a espirituosa intenção mais particularmente litteraria que lhe dictou o offerecimento que me faz de receber-me a seu bordo.

Esse offerecimento acceito-o com toda a satisfação e gloria que me resultam de navegar debaixo da sua bandeira.

Esperando a ordem de embarcar, permitta-me, meu presado commandante, que desde já eu me dê a honra de assignar-me

De v. ex.ª
Companheiro e amigo

«O tripolante do Tete»
RAMALHO ORTIGÃO.

Quando depois d'isto, o commandante do *Tete* pediu na secretaria da marinha que nas suas instrucções se especificasse que elle levava a seu bordo um passageiro, foi-lhe isto recusado.

Nós dirigimo-nos então pessoalmente ao sr. ministro e pedimos a s. ex.ª, não que ordenasse a nossa partida — o que s. ex.ª não teria direito de fazer, segundo uma disposição de um dos seus antecessores, o sr. Rebello da Silva — mas simplesmente que se não oppozesse á vontade do commandante do *Tete*. Porque é preciso distinguirmos bem isto: uma coisa é conferir passagem e impôr um passageiro ao commandante de um navio do Estado — abuso coarctado pelo sr. Rebello da Silva — ; outra coisa é conceder ao commandante a passagem que elle mesmo reclama para um fim qualquer, sendo este ultimo

caso e não o primeiro, aquelle em que nós nos achavamos.

Em todas as marinhas do mundo os governos permittem delicadamente aos commandantes dos seus vasos de guerra esta faculdade. Em Portugal mesmo, nunca similhante licença se denegou senão uma vez ao official da armada o sr. Viegas do Ó, quando este solicitára licença para viajar com sua esposa, — o qual caso não é inteiramente o que se dá com o commandante do *Tete*, pois que ninguem se apresentou a depôr que o tenente Amaral denotasse jámais nem por actos, nem por suspiros, que nós fossemos a pessoa eleita pelo coração d'elle para mãe de seus filhos.

A presença da esposa póde influir pelo sentimento conjugal na liberdade ou no valor do marinheiro n'um momento de perigo. Não offerece o mesmo risco a co-existencia a bordo de um passageiro, ao qual é facil impôr silencio com um tiro, quando elle se lembre de perturbar a manobra gritando pela mamã.

O actual ministro da marinha, o sr. Jayme Moniz, tinha pois diante de si um negocio, que escusava mesmo de subir tão alto, e que estava decidido naturalmente pela pratica constante de

uma deferencia que ninguem recusára nunca ao commandante de um navio.

Eram porém excepcionaes e particularissimas as circumstancias em que se achava o sr. Jayme Moniz no momento em que a nossa pretenção subiu a s. ex.ª

O sr. Jayme Moniz, professor distincto, advogado habil e orador citado, tinha passado molemente a sua mocidade na eloquencia e na oratoria. Era um moço de perfil elegiaco e palavra intrepida, arguciosa e aventureira. Houve um partido politico que quiz aproveitar para a tribuna parlamentar as faculdades polemisticas do pallido mancebo, e esse partido fel-o successivamente deputado e ministro. Ora o sr. Jayme Moniz, que era um homem de imaginação e de colorido, nervoso, impressionavel, sentimental, namorado da gloria, principiou desde então a julgar-se um espirito positivo, reflexivo, frio, experimental, apto para o manejo rectilineo e mathematico dos negocios e do poder. N'esta deploravel convicção acceitou na sociedade um falso papel absolutamente incompativel com o seu temperamento, com o seu organismo, com a sua indole e com a sua educação. Deixou de ser o que era e não conseguiu ser o que desejava.

No ministro concorrem, como defeitos que annullam e esterilisam, todas as qualidades que fertilisavam e caracterisavam o orador.

A imaginação, que lhe dava a côr e o vigor na palavra, torna-o na administração inquieto, febril, deattento e superficial.

A impressionabilidade, que lhe dava o arrojo na invectiva perante os auditorios, fal-o no gabinete hesitante, inexpedito e inhabil perante o juizo da opinião e o rigor da critica.

O amor da gloria, que lhe fazia libar com emulação e delicia o applauso da publicidade, inspira-lhe na decisão dos negocios um medo pueril das reprovações da imprensa.

Não tendo escripto nunca, inteiramente extranho ás luctas do jornalismo, em que a sensibilidade se endurece e em que a opinião aprende pouco e pouco a affirmar-se com intrepidez e com denodo, a delicadeza tenra, mulheril e ingenua, que fazia vibrar nos discursos o lyrismo do orador, faz tremer prejudicialmente sobre o papel official a mão, que devia ser imperturbavelmente firme, do ministro de estado.

O jornalismo póde ser a aprendizagem do poder. A eloquencia não é nunca senão a inhabilitação para governar.

Para nos convencer de que se recolhia e meditava o sr. Jayme Moniz deixou inteiramente de fallar em publico e deu á sua personalidade na politica o facil, posto que inglorio movimento incompressivel, mudo, silencioso e fugace, que caracterisa — o peixe. O sr. Jayme Moniz, abandonando a tribuna, tomou resignada e modestamente o seu logar entre os aquatilos reluzentes e doirados da taça de luxo do constitucionalismo portuguez. Na patologia do systema representativo precisa-se de uma palavra, que nós apresentamos aos leitores, e que caracterisa o mal de que enfermou o sr. Jayme Moniz: s. ex.ª é uma victima do *peixismo lusitano.*

Tendo deixado de fallar para resolver, o actual sr. ministro da marinha nem falla nem resolve.

O parlamento fechou-se sem que s. ex.ª lhe apresentasse:

O orçamento do ultramar,

O relatorio do seu ministerio,

O mais simples e exiguo projecto de lei.

Da actividade com que s. ex.ª occorre ao expediente dos negocios pendentes da sua secretaria, daremos ao leitor uma idéa contando-lhe uma historia.

Á exposição de Paris em 1867 mandou um

habitante do archipelago de Cabo Verde uma amostra das areias d'aquella costa. Examinou em Paris as referidas areias, a *École des arts et metiers*, e em Lisboa a sociedade pharmaceutica. Averiguou-se então que a areia das costas de Cabo Verde continha particulas de ferro.

Ha tempos a casa A. Dubois & C.ª, de Rouen, tendo quatorze navios em navegação entre o nosso archipelago e os portos europeus, lembrou-se de pedir ao governo portuguez licença para exportar, como lastro, a areia de Cabo Verde, pagando ao governo a quantia que elle arbitrasse a cada tonelada de areia, e obrigando-se a casa Dubois a fixar o minimo das toneladas exportadas, a fim de que o governo podesse desde logo fixar no orçamento do estado esta nova receita.

Um amigo nosso, o sr. Regnauld, socio da casa Dubois, negociantes millionarios, cuja respeitabilidade foi afiançada em Lisboa pelo proprio sr. Thiers, o sr. Regnauld, dizemos, veiu pessoalmente a Portugal tratar este negocio, e expol-o em toda a sua simplicidade ao sr. ministro da marinha. S. ex.ª mandou ouvir a junta consultiva do ultramar. Esta deu o seguinte parecer sybilino:

Que, havendo aço na areia de Cabo Verde, e sendo o aço um metal, a exportação da sobredita areia se deveria regular pela legislação especial das minas!

Como o processo de exploração, segundo a legislação das minas era muito menos lucrativo para o governo e muito menos dispendioso para a casa Dubois, o nosso amigo Regnauld apressou-se a declarar que acceitava o contracto nas bases da legislação que se lhe inculcava. Considerada porém a areia de Cabo Verde como se fosse uma mina, era preciso: saber quem tinha descoberto a mina; registar a mina; delimitar a mina, etc. etc., — o que tudo se tornava bastante difficil de se fazer — não havendo a mina. De sorte que, tendo-se primeiramente decidido, sobre a praia, que a praia se considerasse mina, resolveu-se depois sobre a mina, que a mina se considerasse praia. O sr. Regnauld apresenta-se, pede, supplica e exhora: — Meus senhores, considerem a areia como muito bem quizerem, considerem-a praia, considerem-a mina, considerem-a pano crú, considerem-a oleo de mamona, mas respondam-me uma coisa: digam-me sim ou digam-me não, como lhes approuver; mas respondam-me por quem são, porque eu estou

aqui a morrer de calor e de tedio, e quero ir-me embora para casa!

Tal tem sido em cada dia a linguagem do nosso amigo, o qual está em Lisboa ha noventa dias. O seu requerimento foi apresentado ha dez mezes!

Não se lhe responde nada, senão que se está meditando o assumpto.

Querem outro caso? Poderiamos citar duzias...

Um sujeito, considerando que em Angola escaceavam os burros, e que seria um serviço áquella provincia abastecel-a de tão prestaveis quadrupedes, propõe ao sr. ministro da marinha enviar a Angola cem burros, querendo o governo, em attenção á grande quantidade de burros exportados, alivial-os em Angola dos direitos que pesam sobre esta mercadoria.

Tragica perplexidade do governo perante simillhante proposta!

De um lado a pauta requer que a respeitem; de outro lado Angola pede meios de transporte para sua pessoa e bens; para outra parte a mercadoria impaciente orneia; sobre simillhante confusão o sr. ministro medita. Convoca-se a junta, constitue-se a commissão, elegem-se vo-

gaes, nomeia-se relator, elaboram-se consultas, trocam-se officios, apparecem partidos contra e a favor, botam-se discursos; uns pela metropole dizem: «*Timeo danaos*, eu temo os burros!» outros, em nome dos de Angola, contrariam: «Não confundamos Troia com Angola: o angolense não pode viajar como o troiano tendo por unica cavalgadura seu filho Eneas!»

Finalmente, não se querendo dar licença para defraudar a metropole de cem burros, e não se querendo egualmente privar de burros o ultramar, baixa do ministerio da marinha a seguinte solução:

Que se permitta ao requerente exportar para Angola doze burros.

Doze. Nem mais nem menos. Exactamente o numero dos membros da junta consultiva do ultramar! Oh! pudor!

No meio de uma tal extagnação de coisas, comprehende-se bem que, ao cabo de dez mezes de uma existencia passada assim, o sr. ministro da marinha começasse a sentir um desejo vehemente e irresistivel de governar uma vez. Foi o que a s. ex.ª approuve finalmente fazer perante a petição que lhe dirigimos. Enviamos gostosos á posteridade a nova d'este acto de fe-

cunda isempção e poderosa energia, unico da administração do actual ministro dos negocios da marinha e ultramar.

Ha de registal-o a historia com respeito, e os Livios e os Curcios do porvir dirão com ardor:

— Na era de 72 denegou-se ao tenente Amaral licença para receber a bordo do navio do seu commando o jornalista Ortigão. Tal foi Moniz, o grande! —

6

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes da provincia o obsequio especial de satisfazerem em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO
JP

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

2.º ANNO

Junho a Julho de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

Silva de todos os memoraveis casos da gloriosa viagem d'El-Rei no Porto e nas provincias.— Moniz enygmatico.— O municipio lisbonense. As subsistencias, os banhos publicos, as ruas, os passeios, a limpeza, a agua, a poeira, os canos, e outras coisas.— Moniz ambiguo.— Classificação dos sermões. O sermão galante. O sermão politico. Lembranças nossas a monsenhor Oreglia. — Moniz dubio. — A policia e a instituição *Habil Antunes*.— Moniz sybilino.— A barra do Porto e a Commissão do *salva-vidas*. — Moniz hypothetico. Uma guerrilha e o exercito. A accumulação do pato e do abutre. — Padres e atheus. — O municipio de Coimbra e os cães.—Os bachareis formados e os empregos publicos.—Moniz evasivo.—A *toilette* dos degradados.—*Os Farpões*, litteratura de cipó, por José Soares, o terrivel pernambucano. — Moniz, illusão e chimera — O sr. Jayme Moniz.

Na viagem memorada e victoriosa que Sua Magestade El-Rei fez ás provincias do Norte, as

cidades e villas observaram uma singular tactica: disfarçaram-se. Mal Sua Magestade se avisinhava, as localidades cobriam-se, como de um *dominó* administrativo, de arcos de murta, bandeiras, festões, ramos de louro, colxas de damasco, docéis de panninho, lanternas e fumo de foguetes. A senhora localidade ficava assim escondida, despercebida, agachada, mascarada, transvestida, sob a decoração de verduras fatigadas e de damascos desbotados. Ora as cidades e villas deviam saber que Sua Magestade não foi ás provincias do norte para se divertir!

O Minho tem, sim, uma paizagem original, murmurosa e profunda. Mas Sua Magestade conhecia o Minho e o encanto das suas sombras, e não é conjecturavel que para se refazer dos tedios emollientes da sua capital, fosse buscar a Laundos ou a Boiças a fina flôr das sensações. Aquella viagem não era um suave regalo, era um fatigante dever — e Sua Magestade ia, pelas monotonas exigencias do seu cargo, examinar o estado das provincias, ver a sua civilisação, a sua ordem, a sua vida na agricultura, nos estabelecimentos, nas industrias, na hygiene, na administração, nos costumes, na feição das ruas. Não nos parece pois coherente que cada loca-

lidade — em logar de se mostrar em toda a sua realidade e verdade, se disfarçasse, se embuçasse em murtas, loiros, verdes, festões, alfazemas, — de modo que Sua Magestade poderia, áquelles aspectos folhosos, suppôr-se — não reinando sobre um paiz, mas governando um caramanchão!

Para honrar a presença do Rei e glorifical-a lá estavam as multidões, o seu aspecto festivo e amoravel e as vivas glorias das acclamações. As colxas eram inuteis. Não se desejava saber a opinião das colxas. Sua Magestade preferiria sempre um bom grito alegre que saúda, á fileira dos ramos seccos que pendiam mesquinhamente na amarellidão da poeira. Detraz d'aquellas galas de arcos e de colxas, melancolicas como esqueletos de triumpho, occultavam-se como um muro velho por traz de uma trepadeira florida, as casas sujas e velhas, as ruas latrinarias, a infecção das cadeias, o escuro desleixo dos quarteis, a negrura das tabernas, a immundicie das repartições, a accumulação dos enchurros, a pobreza estagnada das lojas — e se Sua Magestade affastasse o ornato administrativo, — encontraria a miseria publica!

. . .

Em compensação a localidade — mal chegava El-Rei, punha a mesa. Não o deixavam examinar, respirar, estudar, escovar o pó. Jante! E os proprietarios arrastavam-n'o, debaixo do pallio, para a pesada pompa das merendas minhotas. Não lhe mostraram uma quinta, um estabelecimento agricola, uma fabrica, um edificio, uma paizagem, uma obra d'arte, uma idéa — mostravam-lhe silenciosamente a perna de vitella. Faziam-n'o viajar, de mesa em mesa, por entre uma paizagem de colxas. Os srs. proprietarios não suppozeram que Sua Magestade fosse um espirito, uma curiosidade, uma observação — suppunham só que era um estomago: elle vinha, dobravam os negocios, e desdobravam a toalha.

A provincia do Minho, de grande e gordo alimento, suppõe que Lisboa amarellada e debil não come. Áquelle que chega de Lisboa apressa-se a gente estimavel — a fartal-o. Com Sua Magestade o cuidado foi tão exaltado que lhe deram bois vivos. Algumas camaras desejariam substituir a cerimonia gothica da entrega das chaves — pela entrega dos bifes. Porque todos, n'aquellas pittorescas villas de remotas e decrepi-

tas idéas, suppunham que Sua Magestade não fazia uma viagem politica, mas uma escursão alimenticia: e que Sua Magestade, a respeito dos povos — não lhes queria o amor, queria-lhes o lombo. Além d'isso, muitos ingenuos d'aquelles logares frondosos querem ser *barões*: e suppuzeram que a melhor maneira de attrahir a boa vontade d'El-Rei, não era á custa de acções valiosas, mas a doses de carne assada. E tanto fizeram n'esta recepção succulenta — que Sua Magestade poderá muito bem trazer esta idéa das suas provincias do norte, — que ellas não são nem florescentes, nem decadentes — que são apenas indigestas. E invejam-se os Reis!

. ˙ .

Quantas singularidades, n'esta viagem, da parte das camaras! Um pouco antes de Villa do Conde — na estrada, á passagem do rei, erguia-se este ornato: um palanque — um palanque! — com um mestre escola cercado dos seus discipulos, funccionando. Decoração inesperada! As escolas até aqui tinham sido quasi tudo desde enxovia até curral: só não tinham sido duas coisas — escolas e arcos de buxo.

Mas eil-as agora substituindo galhardamente,

nas estradas armadas em gala, a columna de lona do tempo do Senhor D. João VI! A camara escolheu delicadamente a escola para enfeite: podia pôr alli uma philarmonica ou um mastro: preferiu a escola. A instrucção torna-se festão de luxo: o ensino arma-se em quadro vivo! Que dizem os livros e os espiritos sentimentaes que a escola é civilisação, é paz, é futuro, e tantas sonoras imaginações? A escola é ornato municipal, é arrebique de festa, para armar as ruas, enfeitar os largos nas vesperas do S. João e nos anniversarios da Carta. É uma revelação, isto. A camara tinha ali aquella escola, não lhe servia de nada, extinguia-se mesquinhamente ao seu canto, sob o lento bolor. Pois bem. Tira-se da sua inercia, escova-se, arma-se sobre um palanque, põem-se os meninos em posições estudiosas, arranja-se o mestre com gravidade pedagogica, põe-se-lhe rapé novo no nariz, envernisa-se a palmatoria, espera-se, ao longe na estrada a poeira enovella-se, é El-Rei, sentido! os trens rodam surdamente no mac-adam, já se veem os bordados das fardas, eil-os! vá e como se poderia erguer nos tambores e nas trompas o hymno — ergue-se nas boccas estudiosas o B-a-ba. Eis o A B C hymno municipal! No

dia seguinte os festejos murcham, desfazem-se os arcos, despregam-se as luminarias, desarma-se a escola — e tudo, lamparinas, livros, ensino e ramos de loiro, volta a apodrecer nos sotãos da casa da camara!

Achou-se emfim, ás escolas, um fim, um destino, uma utilidade. Ornatos de gala. E esperemos que na proxima viagem d'el-rei ao Norte, seguindo-se o exemplo intelligente de Villa do Conde — os jornaes digam:

«A estrada de Penafiel a Amarante estava brilhantemente adornada de escolas primarias: de espaço a espaço, sobresaiam, com lindo effeito, lyceus: havia idea de pôr no tôpo a Universidade — mas este notavel estabelecimento scientifico — não chegou a tempo!»

Oh terra do nosso berço!

. ˙ .

No entanto os jornaes serios commentavam a viagem d'el-rei: e nas suas columnas circumspectas poude-se ler, com sobresalto, estas linhas testuaes e extraordinarias;

«Foi uma providencia mandar para (nome da localidade; vimos Penafiel, Villa do Conde, Villa Real, etc.) um regimento — por occa-

são da passagem de Suas Magestades, porque se não poderia prever onde chegaria, sem a energica interferencia da força publica, o enthusiasmo das populações ao avistar a real familia. »

E em Lisboa, tremiamos, com apprehensões pungentes. Aquella palavra, cheia de prudencia, fazia-nos suspeitar nas povoações do Minho — pavorosas especies de enthusiasmo. Para o reter marchavam providencialmente os regimentos e mordiam-se os cartuchos. Lembrava-nos aquelle legendario rei mouro que, possuido de um amor sobrenatural pelo seu serralho, o mandou retalhar ao fio do alfange. Lembrava-nos o amor da panthera, que nos mezes magneticos em que o seu pello faisca, no fulvo ardor dos juncaes, rasga e dilacera a femea. — Para que escondel-o? Temiamos, sim, que pelo dizer dos jornaes intelligentes — onde Sua Magestade fosse recebido apenas com agrado — ficasse apenas contuso. — Mas que nas povoações, onde o recebesse um enthusiasmo exaltado... ah! receavamos ler, d'ahi:

« Na nobre povoação de tal, o enthusiasmo e a ovação crescerem, ao entrar el-rei sob o pallio. Os membros de Sua Magestade dilacera-

dos e espalhados em poças de sangue, pela estrada, testemunhavam o amor dos habitantes pelo neto de D. Pedro IV! O senhor infante D. Augusto, comprehendido o amor do povo, teve tambem a sua parte da ovação e lá está — partido ao meio!»

Taes são os jornaes serios! Tal tu foste, *Commercio do Porto*, excellente folha somnolenta!

> Folha de tedio, folha grave e ouca,
> Quem tão soturna, te espalhou na rua?

. ˙ .

Aconteceu, pelas estradas que Sua Magestade percorreu, que ás vezes, saia ao caminho, um homem de casaca ou uma mulher de branco; pedia ao rei um instante de demora, desembrulhava um papel—e lia uma ode ou uma falla. Este procedimento, inaugurado no Minho, agora innocente, gracioso, singello, pode tornar-se com o tempo, fatal e mortal. Se Sua Magestade, não se recusar a estas leituras de estrada, pode ver um dia o seu caminho ladeado de auctores impacientes, repletos de manuscriptos. O furor da publicidade desvaira. Tendo possibilidade de fazer parar o rei, o seu sequito, o povo, e formar

assim um publico, o pensador de provincia salta á estrada, desdobra a prosa e accommette. Quem tiver um livro manuscripto, mette-o na algibeira, senta-se n'uma pedra e espera a familia real.

Ora não é justo que quem nas provincias tiver composto em noites trabalhosas uma peça litteraria,—se julgue obrigado a não privar d'ella o rei. A viagem de Sua Magestade não é a edição gratuita dos poemas de provincia. O proprietario imprudente que tiver nutrido no seu seio uma ode, que a affogue, mas não saia com ella á estrada. Saia antes com a clavina. El-rei partio confiado no amor dos seus povos, desprevenido, não deve encontrar á esquina de cada muro a face pallida d'um poeta inedito. El-rei julgava as estradas seguras. Quando muito podia suppor que encontraria lobos. Vates, não.

A condescendencia de Sua Magestade pode ser-lhe fatal. Quando vir despontar o sujeito inspipirado, faça romper a galope. Não são demais todas as forças d'uma parelha,—contra todas as ameaças d'uma ode!

Se consentir em parar, perde-se. Sua Magestade não sabe do que é capaz a poesia de provincia.—Começam suavemente pela ode—e terminam pelo volume. Sua Magestade vae n'um

plano inclinado com a sua imprudente bondade. Consentio em ouvir uma falla de jubilo — terminará por ter de ouvir um tratado de arithmetica.

E ainda poderá acontecer que um dia, indo Sua Magestade incautamente, por uma estrada, recostado na sua caleche, veja surgir d'um recanto um homem pallido, que estenda a mão e diga, lendo: *Por uma bella tarde de verão dois cavalleiros embuçados em capas alvadias, subiam a encosta alpestre do monte discreteando de coisas de amor...* Isto, real senhor, é o meu romance *Isaura ou a Vingança do Moiro*, em 3 volumes. Eu continuo!

. ˙ .

Quando Sua Magestade chegou a Villa do Conde esperava-o uma pompa singular. Era uma delicadeza da camara. Estavam na estrada, formados em alas, respeitaveis — 160 bois!

Não queremos escandalisar o boi. Muito menos o boi do Minho: este animal enorme, gordo, lusidio, atletico e meigo é o melhor boi das creações de Portugal; poderoso trabalhador, carne tenra, riqueza dos prados, maravilha dos mercados de Londres. Mas se estimamos o boi nas calorosas fadigas do arado; se o apreciamos na

placidez das paizagens planas; se o contemplamos amoravelmente,—destacando, no silencio das sestas, entre as altas verduras ou no descorar do occaso, quando já se eleva a quente exhalação do prado e se começa a ouvir o cantar dos sapos, e voam as borboletas pardas—movendo-se para o curral na fila mugidora e lenta; —se o amamos mais tarde—com mostarda e Bordeos—ai! apreciamol-o muito limitadamente —em alas. Em alas só soldados n'um apparato militar, irmãos do Santissimo com tochas, ou renques de arvores na terna tristeza das alamedas. Bois não. Para que?

Senão, digam-nos: — Para que estavam ali? Em que qualidade? com que intenção? como bois não. O boi está nos campos, ou no prato. Em alas nunca. Em que qualidade se perfilavam, esperando, na poeira da estrada?— Representavam como policias, para conter em alas a multidão impaciente? Estavam como curiosos?—Por que então, sendo assim, evidentemente se abre uma epocha inesperada nos destinos do boi! Se elles podem policiar, á orla das estradas, á chegada de um cortejo, então, é talvez economico, conveniente e seguro—que Lisboa e Porto substituam a policia civil— pelo

gado bovino. O boi é mais solido, mais sobrio, mais duradouro, mais serio que o *policia*. Não seria o boi que levaria a sua tarde vigilante, em attitude namorada, diante da criada da esquina: não seria o boi que entraria no fumacento ruido da taberna, a parceirar com os homens de fado. Não. Mas tinha inconvenientes. Seria o boi respeitado? Ah! é bem certo que se poderia ler nas gazetas aterradas: «Hontem um bando de faccinoras agarrou o policia n.º 6, todo preto com malhas, e assaram-n'o no espeto. Providencias, sr. commissario!» — Ou ainda: «O café Central acaba de fazer acquisição do policia n.º 20, castanho, e tem-no á disposição dos seus freguezes para ceias e almoços. Informam-nos ser da mais tenra a carne d'este agente da força publica.»

Por outro lado se o boi estava ali como curioso, para ver o cortejo real, que revolução nos seus habitos! O boi começa a attender ás coisas da civilisação. Interessa-se, interroga, examina, aprende. Eil-o observador, leitor, espectador. E o boi que vae ver passar o rei, leva logicamente ao boi que vae ouvir cantar a *Lucia*. Eil-o nos theatros, sentado, com uma camelia na papeira, luva *gris* na pata, correndo o binoculo

pelas *gazes* enganadoras do corpo de baile. Eil-o cheio de impressões, de desejos, de vida social. Eil-o do Gremio, eil-o conversando de perna dada, com o sr. Melicio, na augusta sombra da arcada. Eil-o nas locaes: « Hontem foi pedida em casamento a filha mais velha da sr.ª viscondessa de... por um dos mais elegantes e conhecidos bois da nossa sociedade. Parabens aos noivos. » Ou tambem: « Vimos hontem, um dos bois nossos amigos, com a sua gentil noiva, a viscondessinha de... passeiando em Cintra nos Setiaes. A gentil noiva, graciosa como sempre, estava de côr de rosa. Seu esposo, aquelle boi tão elegante e tão *crevé* que nós todos conhecemos, hoje dado todo á familia, ia junto da sua interessante esposa — pastando! »

Oh bois!

Ah! se por acaso Sua Magestade El-Rei viajasse, pela aldeia, n'uma digressão agricola, a pé, seria pittoresco, de uma bella e nobre simplicidade, fazel-o entrar nos prados, entre as possantes juntas de bois suadas do trabalho. Mas n'uma estrada, n'uma viagem politica, n'uma recepção official, os bois misturados com as auctoridades, a anca do *Russo* roçando a farda do sr. administrador, a cauda do *Ligeiro* fusti-

gando a suissa do sr. recebedor de fazenda!... Dir-se-ia que os bois faziam parte da deputação da villa, e que quando o sr. presidente da camara na sua allocução disse *nós*, se referia — ás authoridades e ao gado: e certificava ao rei que era bem recebido e querido — dos cidadãos e dos bois.

Se por acaso, porém, os bois estavam ali como ornato, arrebique, com a mesma intenção com que estariam arcos de buxo, parece-nos imprudente da parte de Villa do Conde substituir as grinaldas de verdura — por animais de carne. É inconveniente adornar uma estrada com carne crua. Póde ser um funesto exemplo. A villa seguinte, querendo rivalisar em galas, póde adornar as ruas com carne cosida. E encetando-se estes festejos de carne, póde succeder, desastradamente, que no futuro n'uma povoação exaltada—em logar de atirarem a sua Magestade flores, lhe atirem almondegas!

. ˙ .

A ovação tão expontanea, tão bella, feita a sua magestade no theatro do Porto, teve um singular final. Os mancebos elegantes, dizem os jornaes, que, n'uma grande acclamação, acom-

panharam o carro de sua magestade — ao chegar ao paço—despiram as suas casacas pretas e estenderam-nas no chão, para El-Rei passar por cima.

Srs. mancebos, achamos equivoca esta demonstração! Os srs. mancebos, costumam ahi no Porto, fazer ás vezes esta estrada de casacas pretas, aos pés mimosos de uma dançarina ou de uma *contralto* famosa: não era logico que a repetissem a El-Rei. Os enthusiasmos politicos pelos Reis devem deferir na essencia dos delirios nervosos pelas actrizes. N'uma ovação a uma dançarina ha phantasia, exaltação, bohemia, apparencias de orgia, bebeu-se nos entre-actos, tem-se os nervos impacientes, vem-se da luz do gaz e do pó de arroz dos camarins, ha uma ponta exigente de amor, ella sorri, atira beijos, os seus olhos gulosos de ruido, scintillam sob o capuz de setim, rasga a luva em reliquias; grita-se, está-se febril, estroina, absurdo, e quando ella desce do carro, atira-se com o paletot, com o lenço, com a vida, por violencia, petulancia de sangue, desordem de sensações, como se atira, na cascalhada de uma orgia, com as *garrafas de Champagne* aos espelhos melancolicos de restaurante! Não é assim com Sua Magestade.

Victoriar o Rei é uma affirmação politica — não é uma estroinice ruidosa. Consciencias de cidadãos que se affirmam — não são bambochas de estudantes que estalam. Não é o cidadão que está ali quando um homem despe a sua casaca para que a dançarina tal poise o seu pé subtil: é o rapaz, o estroina, o doido, o amante: não é o cidadão. Quando um homem acclama o rei — é o cidadão que está ali; não é o namorado, nem o *diletante*, nem o estroina. Ora despir assim a casaca — póde ser natural no estroina, não é digno no cidadão!

Ou Sua Magestade é recebido como um rei — isto é uma politica, um principio, uma idéa e então deve ser applaudido, com dignidade, convicção, seriedade: ou é recebido como uma dançarina famosa e então não se lhe apresenta o pallio — dá-se-lhe uma ceia na Foz, na *Mary*, com *Champagne* por copos de agoa, *lorettes* encommendadas e o *baccarat* da madrugada.

Sua Magestade foi ao Porto ter a adhesão dos cidadãos, e vendo as suas acclamações cerradas, as suas generosas alegrias, poude julgar-se entre cidadãos honrados, de consciencia séria, de auxilio seguro e forte, solidas amisades para a sua dynastia: — mas de repente os

sujeitos despem as casacas, como n'um orgia — e Sua Magestade que se suppunha entre cidadãos acha-se apenas entre *pandigos!* Ora Sua Magestade não viaja para recolher nas provincias a adhesão da patuscada!

Srs. mancebos, não se lembraram que ao lado do Rei ia uma senhora — e que não é uso em taes presenças mostrar as mangas da camisa. Para se cumprimentar a Rainha não se toma a attitude familiar com que se faz a barba. Se entre os senhores é maxima — que quanto mais estima menos roupa — pedimos-lhes em nome do decoro que não estimem El-Rei de mais. Já o amavam até ficar em mangas de camisa, não vão aprecial-o até ficarem em piugas! É o pudor que lh'o pede, mancebos! Vós ides na amisade real e na *toilette* por um declive. A liberdade, não vos pede tanto. Parae, temerarios. Deixae-vos ficar de calças!

E sobre tudo, meus senhores, não se mostra a um Rei que elle tem vassallos — que julgam a sua casaca mais bem accommodada nas lages da rua — do que no proprio peito.

Por Deus! Os srs. não festejavam o 9 de julho, que os srs. chamam o dia da liberdade?

Pois bem, não é proprio festejar a liberdade com as maneiras da escravidão!

E, depois, uma consideração que ha de ferir os vossos espiritos é que o panno preto está pelo a hora da morte! É que ha pó, lama, sujidade na rua. E que podieis arriscar-vos a que o dia 9 de julho, não vos ficasse gravado no espirito pelas lembranças da liberdade — mas pelas nodoas da casaca. E seria terrivel que o commentario d'esse dia não fosse a gloria — fosse a benzina!

Acautelae-vos filhos do Porto e do paiz.

Acaba de chegar ao nosso conhecimento que o actual sr. ministro da marinha descobrira um meio especifico para despachar todos os negocios do seu ministerio, salvaguardando intacta a firme resolução gloriosa em que sempre esteve de mantèr em todo o estado de coisas a indecisão mais inhabalavel e heroica.

Não querendo, como é justo e prudente, dizer jámais que — sim;

Repugnando-lhe profundamente por outro lado destemperar até o ponto inconstitucional e temerario de dizer egualmente que — não;

Arrastando-o a vastidão dos seus largos conhecimentos a ser inteiramente da opinião que se lhe suggere — e da opinião contraria;

Sua excellencia determinou na solução de todos os negocios a seu cargo adoptar como expediente de secretaria — o enigma pittoresco.

. ˙ .

Assim a um industrial que ha tempos fizera certo fornecimento para uma das repartições do arsenal, sua excellencia concentrado e pallido retorquiu um momento depois de ler a conta que lhe era apresentada:

« *O meu primeiro é nome proprio de mulher.*

O meu segundo é conta sahida do colar.

O meu todo é a minha opinião ácerca do seu fornecimento.

Retire-se. »

O fornecedor retirou-se a meditar com sua familia a escura profundidade sybilina de tal resposta.

. ˙ .

Alta noite o fornecedor mergulhado na soli-

dão do seu quarto dava uivos de alegria por descobrir que se achava em frente da mais lisongeira portaria de louvor. Eis como elle tinha decifrado as palavras de sua excellencia o sr. ministro :

O meu primeiro é nome proprio de mulher — *Linda*.

O meu segundo é conta sahida do colar — *Conta que está fora da fieira*.

O todo de sua excellencia o sr. ministro era portanto o mais apreciavel elogio !

. ˙ .

Para outra parte da casa, a mulher e as filhas do fornecedor choravam as mais amargas lagrimas sobre o resultado das suas cogitações ácerca do juizo que tinha merecido ao sr. ministro o fornecimento feito ao arsenal.

O meu primeiro é nome proprio de mulher — *Carolina*.

O meu segundo é conta sahida do colar — *Conta que sahiu*.

Assim vinha a ser o todo de sua excellencia o sr. ministro o seguinte :

Caro, li na conta, que sahiu !

. ˙ .

Qual era realmente a opinião do sr. ministro ácerca do ponto sujeito? Sabem-o Deus e Elle — Jehovah e Moniz!

———

A camara municipal de Lisboa é a alma enferma encarregada de animar as escumas e as podridões da cidade com a sua vitalidade paludosa.

Onde roça o halito municipal as coisas gangrenam.

Onde os vereadores tocam com o dedo, a chaga apparece, a fistula vem, a corrupção desenvolve-se.

Elles, os asquerosos, são os emissarios da morte. Não nos levam para a civilisação; levam-nos para o cemiterio.

São os gatos pingados da edilidade europeia.

Vêde-os, vestidos de negro, empennachados com os arminhos curues, lugubres, e esgrouviados.

É o carro dos mortos que elles vão puxando.

Levam as togas salpicadas de lagrimas de cera amarella. Cheiram ao suor tabido dos amortalhadores e aos murrões fumarentos das tochas de enterro.

Cumpre-nos chamar á barra este funebre prestito, que se denomina a vereação lisbonense.

. · .

Cidadãos! aqui tendes os vossos edis!

Revistae-os: elles trazem escondidas debaixo das vestes as quartãs e as malignas, o colera-morbo de que morreram vossos paes e o virus escrofuloso que entumece o pescoço das vossas filhas.

Sobre elles pesa a responsabilidade terrivel de muitas vidas perdidas, de muitas organisações enfesadas, de muitos temperamentos corrompidos, da degeneração assustadoramente rapida de uma raça que se extingue.

Em nenhuma outra cidade da Europa a mortalidade se póde comparar á de Lisboa. Em Africa, apenas, morre, nas regiões mais insalubres, tanta gente como aqui. Em nenhuma outra parte ha tantos pequenos escrofulosos, tantas mulheres chloroticas, tantos homens ophtalmicos, rachiticos, pequenos e feios.

O desmasello da edilidade corrompe lentamente nos insalubres focos das ruas de Lisboa o vigor e a belleza das formas, e mantem perante a saude publica os effeitos deleterios de uma epidemia devastadora e permanente.

. · .

A habitantes anemicos e dessorados, como nós somos, conveem os regimes tonicos e reconstituintes: a carne, o vinho e os banhos frios.

A carne tem um preço verdadeiramente prohibitivo para as classes pobres. Este preço é posto pelo monopolio. A camara municipal de Lisboa reconhece isto, estuda este problema ha uns poucos de annos: ainda lhe não achou solução!

O vinho é objecto das mais extranhas e flagrantes falsificações. Ha armazens onde se prepara de vespera a bebida que se vende em cada dia. Se ha sobras lançam-se fóra, porque essa charopada infecta é feita com a infusão de substancias que apodrecem depois de quarenta e oito horas.

A camara é inteiramente extranha á policia sanitaria das tabernas e dos comestiveis.

Este desleixo e esta incuria do poder municipal no facto das subsistencias e da alimenta-

ção publica constitue um verdadeiro crime de consequencias muito mais funestas do que geralmente se mostra suppor.

É indubitavel que as classes pobres são aqui insufficientemente alimentadas. Um cão de Paris janta muito melhor do que um amanuense de Lisboa. As escrofulas e a tysica ninguem ignora que são o resultado da debilitação das faculdadades digestivas produzida pela alimentação insufficiente ou má. Foi a falta de comida que originou no seculo XVIII «as convulsões de Saint-Medard» tão similhantes á epilepsia, cujos casos são tão frequentes nos pobres que transitam nas ruas de Lisboa. A *Dansa de S. Guy* no seculo XIV foi ainda um dos phenomenos da carestia dos alimentos.

Os operarios não são como alguns cuidam os que mais soffrem na capital as privações da mesa. Ha familias e familias de amanuenses de secretaria e de pequenos empregados nas repartições do estado que não comem carne senão em porções diminutissimas e raras vezes por mez. A sua alimentação consta quasi exclusivamente de legumes e de farinacios — o que ha mais prejudicial para as constituições lymphaticas e anemicas.

Nas costas de Inglaterra, debaixo de um clima frigidissimo, um conhecimento perfeito da therapeutica e da hygiene leva os habitantes a tomarem banhos do mar em todas as estações do anno e ainda nos maiores rigores do inverno. Em Lisboa, com a magnifica bacia do Tejo, com uma temperatura extremamente suave, não ha banhos do mar senão em dois ou tres mezes do anno, e a camara municipal não pensou nunca na improrogavel necessidade hygienica de construir sobre o Tejo um grande estabelecimento de banhos publicos para todas as estações do anno e para todas as condições de fortuna.

Por não haver onde, as familias pobres de Lisboa não se banham nunca. É horroroso dizer-se esta verdade: Não se banham nunca! Nunca! É incalculavel, é incommensuravel a influição d'esta profunda miseria na saude do corpo, na moral e na intelligencia publica.

A indifferença municipal collobora no rachitismo e na bestelicação do municipio.

. · .

A infecção dos canos, que transundam a podridão e a morte por todos os poros abertos no solo, é tal que, ha poucos dias ainda, foi levado

para o hospital de S. José, onde morreu momentos depois, asphixiado pelos miasmas, um pobre operario encarregado de levantar a tampa do respiradouro de um esgoto.

Não ha em toda a cidade ponto algum que satisfaça ás devidas condições da salubridade. Nos pontos baixos ha a exhalação pestilencial das sargetas; nos logares elevados ha o respiro mephitico dos tubos da ventilisação que se levantam acima dos telhados dos predios.

De modo que não ha corrente atmospherica que se não ache envenenada.

Quando ha pouco tempo o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes se propoz publicar um estudo ácerca do esgoto, da limpeza e do abastecimento das aguas em Lisboa, procurou obter a planta de canalisacão da cidade. Nada existia nos archivos da camara a similhante respeito! O medico a que nos referimos teve por unica fonte de informação para os seus trabalhos um antigo empregado na limpeza dos canos! Não ha direcção technica, não ha organisação alguma em similhante serviço. As immundices da cidade, aliás a mais apta da Europa pelo declive das suas ruas e pela aproximação do mar para um perfeito systema de limpeza, correm (quando

não deixam de correr) directamente para o rio, onde empestam o ambiente com as vaporações putridas da baixa-mar e do calor. Canos collectores que lancem os despejos na corrente da maré não ha.

. ˙ .

Com o systema de canalisação adoptado em Lisboa é indispensavel ao aceio, á conservação dos canos, e á salubridade publica o jogo subterraneo de grandes massas de agua applicadas á limpeza.

Para este fim não se emprega em Lisboa nem uma só gota de agua!

E no entanto está calculado pelos technicos que a porção d'agua indispensavel a este serviço é superior a toda aquella que a população possa dispender em todos os outros usos.

Existe uma companhia das aguas. Fez-se com ella um contracto, indicaram-se-lhe as suas obrigações, estabeleceram-se-lhe os seus direitos, e nunca nem uma só palavra se lhe dirigiu no tocante ao que havia de mais vitalmente importante em similhante questão — a limpeza dos canos.

Os esgotos de Lisboa são depositos de extractos concentrados de epidemias. Nós calcamos

em pleno seculo XIX os germens latentes das antigas pestes que devastaram a meia edade. O segredo d'essas remotas calamidades de que a sciencia e o luxo publico preserva hoje os habitantes da Europa, esse segredo, peior que o do veneno dos Borgias, guarda-o Lisboa, como uma funesta reliquia da barbarie, como uma prenda fatal da sordidez das crusadas, nos recessos do solo canalisado!

Se vós, lisboetas, visseis metade da cidade envolvida nas chammas, gritarieis «Agua! agua!» com o desespero que dá a presença das enormes catastrophes. Pois bem: a immundicie estános devorando a terra que pisamos com linguas muito mais damnosas que as de um incendio pavoroso. Pedi agua, como a pedirieis se tivesseis a arder as vossas casas. Não é precisa a presciencia divina que annunciou a queda de Ninive, para vos prophetisar que se vos não derem agua, cahireis em poucos annos, não amaldiçoados, mas simplesmente pôdres.

A agua de que necessitamos, urgentemente, imprerogavelmente, como de um remedio extremo, é indispensavel que seja, como acima indicamos, em quantidade dobrada, pelo menos, da que hoje consumimos.

Como paleativos a esta urgencia da saude publica, a camara mandou no corrente anno collocar em Lisboa — tres marcos fontenarios. Tres! Com duas biquinhas e duas torneiras cada um. Pretender dar agua á cidade por tal modo manifesta a mesma simplicidade idiota que haveria em determinar extorquir-lh'a levando-lh'a do Tejo em colheres de chá. A camara porém, querendo mostrar em que maneira compensava com a discrição o que lhe faltava em liberalidade, nomeou uma commissão e mandou estudar com reflexão e maduresa a collocação mais conveniente para taes fontes. A commissão nomeada, de tal modo estudou a questão sujeita que, sendo o seu fim dar de beber agua fresca ao habitante, collocou todos os tres marcos — ao sol!

. ˙ .

A questão da ventilação dentro das habitações está inteiramente por estudar. Nas cidades do norte da Europa, onde ha chaminés em todos os aposentos, a renovação do ar pratica-se na quadra calmosa accendendo no interior das chaminés um ou dois bicos de gaz, estabelecendo assim uma tiragem na corrente do ar.

Em Lisboa nem as chaminés existem! a ca-

mara prohibiu os tubos dos fogões, conductores naturaes do ar atmospherico, que a maior parte dos inquilinos collocavam á sua custa nas casas que habitam! Oh! santa sabedoria municipal, o aspecto do tubo pareceu-te feio! O *water-closet* e o *earth-closet* esses encheram-te de um pudico horror, em que entra talvez um grito secreto da consciencia. *Cave latrinam!* A sentina, ó camara, figura-se-te ser uma ratoeira — de vereadores.

. · .

Ha, sobre isto, factos especiaes extremamente notaveis. As ruas são varridas de noite com vassouras enormes, inflexiveis e pausudas, especie de feixe de varas mal emolhadas dos antigos lictores. Estas vassouras manejadas sobre o macadam pelos varredores municipaes levam adiante de si todos os grandes volumes que se lhes oppõem, um cão, uma carroça, um predio ou uma instituição; não fazem porém mais que roçar sobre os pequenos objectos.

Estas vassouras levantam no ar o pó das calçadas. Depois da uma hora da noite, quando a chamada limpeza das ruas principia, não se transita pelas calçadas de Lisboa sem perigo de morrer por asphixia ou por intoxicação. O am-

biente está impregnado de um pó subtil formado pelas particulas moleculares de toda a especie de materia decomposta. É como um nevoeiro de podridões e de excretos pulverisados, nevoeiro expesso e nauseabundo que envolve e inutilisa a luz dos candieiros, penetra na epiderme e no apparelho respiratorio, embebendo-se no viandante que transpira, como a areia ou a cinza se embebe em uma carta acabada de escrever.

Removido assim o po do solo para a athmosphera, o varredor, terminando o seu turno sem levar coisa alguma diante de si, retira-se para casa, e o pó recae em seguida mais moido, mais adelgaçado, mais fino, mais subtil, sobre o solo de que a vassoura o disgregara.

Por este modo o varredor não faz, evidentemente e provadamente, mais do que augmentar, subtilisar, refinar a poeira, e conglubal-a nos ares.

Entre a uma hora e as duas da noite a camara edita quotidianamente esta *livraison* barata, mascavada e nojenta, dos vendavaes do deserto, para envenenamento e recreio do municipe innocente.

A limpeza das ruas, depois de restituida a

poeira ao macadam fica perfeitamente no mesmo estado em que se achava um momento antes da passagem da vassoura municipal.

. ˙ .

O espirito e a illustração dos vereadores escorre dos seus actos e palavras, como dos canos rotos se coam as secreções do municipio.

Ha tempos uma postura prohibia que transitassem pelos passeios pessoas carregadas com volumes de mais de *quarenta centimetros cubicos*. Ora qualquer bengala, a mais fina *badine*, o mais exiguo *stick* tem mais volume que o de *quarenta centimetros cubicos*. De modo que a camara, por meio de tal acto legislativo, prohibia o uso da bengala!

Não o fez por mal a camara. Ella, coitada, referindo-se aos volumes que não devem ser carregados sobre os passeios, tinha o intuito innocente de prescrever-lhes as dimensões de *quarenta centimetros de aresta*. Mas não lhe chega para mais a lingua do que a agua, e, assim, tanto desatrema quando um artigo de legislação se lhe solta, como quando um cano lhe rebenta.

. ˙ .

Os parques, os jardins, os passeios, os aformoseamentos de toda a especie com que é dotada a capital são monumentos da ignorancia mais impertinente e do mais distincto e acrysolado mau gosto. Em todas as galas do luxo publico de Lisboa se vê a nodoa cebacea, a dedada sordida e canhestra do burguez impuro e suado. No Passeio do Rocio, em S. Pedro de Alcantara, no Principe Real, as delicadas formosuras de jardim attestam a direcção imaginosa de Semiramis de chinó, de Neros de botija de agua quente aos pés, de Luizes XIV de tamancos, de Haussmans de chichelos e rabonas de cotim.

O Passeio Publico é um armazem de retem — arborisado. As pessoas que ali se collocam fazem o effeito melancholico de mercadorias que esperam. É uma armazenagem ostentosa com o duplo aspecto financeiro e burocratico. Reprehende-se que nas taças não haja pennas e tinta de escrever. Nota-se com estranhesa que as folhas das arvores não sejam de papel pautado!

S. Pedro de Alcantara parece a horta ajardinada de um agiota que empresta dinheiro sobre bustos esmoucados.

A praça do Principe Real é uma exposição

de artefactos de ferro e de folha de lata com um duche ao meio. As guarnições que circundam todos os canteiros convidam o passeante a plantar n'elles... o guarda-chuva. Pergunta-se pela *corbeille* dos cabides e pelas moitas dos baldes e dos funis. Muitos frequentadores antes de se sentarem mandam saber do vereador d'aquelle pelouro se — se além dos bancos de ferro — não haverá egualmente n'aquelle deposito — cadeiras de semicupios.

Quando uma senhora ou uma creança colhe uma flôr em algum d'estes jardins, um guarda vem, arregaça a manga, cerra o punho, e, em nome da camara municipal, principia o seu discurso dizendo á senhora: «A senhora é uma burra!» e dizendo ao menino: «O menino é um bebado!» Em seguida cobre-os de improperios e de injurias, e termina arrancando-lhes as folhas colhidas e perguntando-lhes — sempre em nome da camara — se querem levar com ellas na cara. Ao que os meninos e as senhoras respondem por via de regra — que não.

Parece que é do codigo das posturas que sobre as pessoas frageis que colhem flores se exerçam estes e maiores rigores, superiores aos que a justiça manda applicar aos mais nefandos cri-

mes, porque emfim quem corta a cabeça ao rei é punido, mas não é insultado. Insultado e punido é somente quem corta o pé de uma papoula.

Quando as pessoas que colhem flores são acompanhadas de homens fortes e bem abengalados, os guardas dos jardins publicos remettem-se á immobilidade e ao silencio, embora lhes despovoem os canteiros. Porque lá lhes diz dentro uma voz de prudente jardinagem: «Não semeies reprehensões quando o horisonte ameaçar bengaladas» — o que além de voz intima, parece que tambem é letra espressa e avisada do dito codigo municipal.

. ˙ .

A camara não tem entre os seus empregados nem um jardineiro paizagista nem um engenheiro florestal. Todas as questões technicas que teriam de ser adjudicadas a estas duas entidades resolve-as a camara de si mesma — por curiosidade.

Ultimamente constou que as arvores do Aterro definhavam e pereciam, não obstante as regas e outros cuidados de cultivo que lhes applicavam.

A camara, tomando conhecimento d'este facto, nomeou uma commissão para ir visitar as arvores enfermas e trazer ao seio do senado

novas especificadas da sua importante saude. A commissão voltou declarando que tinha encontrado as arvores do Aterro muito murchas e muito tristinhas, mas por mais que o presidente e os vogaes da commissão lhes perguntassem o que soffriam, o que desejavam, e que lhes appetecia, quaes eram as suas derradeiras vontades, ellas nada responderam. A commissão empregou os maiores esforços para saber das arvores alguma coisa : Abanou-as, sacudiu-as, puchou-lhes pelas folhas, deu-lhes beliscões na pelle. As arvores — moita!

Depois d'isto a commissão julgou-se auctorisada a declarar que as arvores estavam sem falla, e que denotavam os propositos mais firmes de passarem dentro em pouco tempo d'esta para outra vida.

A camara então mandou consignar na acta um voto de louvor á commissão pela maneira digna, desassombrada e cavalheirosa com que ella se tinha havido no desempenho de tão espinhosa quão triste incumbencia. E em seguida sob a desdita das arvores do Aterro verteu uma lagrima.

Alguem lembrou que, sendo o Aterro uma agglomeração de entulhos e despejos, as arvores

não poderiam ali medrar sem que se desse a cada uma um espaço, proporcional com o seu desenvolvimento, de terra vegetal. Esta ligeira precaução tinha porém esquecido quando as arvores se plantaram. De sorte que hoje ellas já não podem ser soccorridas senão — com ais!

. ˙ .

Tendo deliberado occuparmo-nos do municipio lisbonense até o fim do corrente biennio, temos por emquanto a honra de nos despedirmos de suas excellencias os senadores até o numero seguinte.

O sr. Jayme Moniz, conserva como ministro da marinha — a eloquencia pittoresca e triumphante de professor de historia. Sempre que uma situação grave ou official apparece, sua excellencia sabe achar a phrase colorida, nobre, poderosamente viva — e necessaria.

Quando ultimamente a *Estephania* e o *Lynce*,

iam navegar para os seus destinos obscuros, sua excellencia o sr. ministro, quando a melopea doce e pesarosa do *levantar ferro* começava, reuniu sobre o convez heroico do *Lynce* a officialidade commovida, e de pé, em todo o relevo da sua melancolica figura, pallido, os cabellos no desalinho da gloria, apontando com a mão os horisontes esfumados do mar, disse estas palavras memoraveis que ficarão nas chronicas:

— «Pico, pico, massarico, quem te deu tamanho bico?..»

A guarnição tremia no sobresalto da commoção communicada. Havia um tremor vibrante de enthusiasmo; alguns marinheiros no frenesi da admiração mordiam o mastro grande. Ninguem mordia o mastro pequeno. E o *Lynce* perdeu-se ao longe, nas esbatidas nevoas do mar.

E sua excellencia, voltando ao arsenal na sua galeota, de pé, á ré, com os braços crusados, a cabeça descaida, fitando, na abstracção do ideal, o sulco espumoso, murmurava entre os seus labios melodiosos:

— «Pico, pico...»

E todos concordavam, baixo, que nunca des-

pedida e palavras mais eloquentes, profundas e patrioticas, tinham sido ditas nas aguas do Tejo.

Eis ahi espetada na ponta da nossa penna mais uma proesa ecclesiastica. Os senhores padres prodigalisam-se e os seus feitos despertam a cada momento, com um rumor irritado, o silencio da opinião. O paiz está com o clero, como um homem debil e nervoso que sente umas unhas compridas raspar a cal da parede. Encolhe-se, dobra-se, geme. E termina por mostrar aos senhores ecclesiasticos os seus dois poderosos punhos — fechados e impacientes.

. ˙ .

Assim, que murmuração hostil, em torno do sermão politico do senhor prior de Bellas! Realmente o caso é caracteristico.—Tinhamos o sermão galante — e apparece-nos agora o sermão politico — ou antes tinhamos o sermão obsceno e estamos em presença do sermão injurioso.

O sermão obsceno é uma particularidade mi-

nhota dos senhores missionarios. Um de suas senhorias sobe devotamente ao pulpito, e depois das *ave-marias* murmuradas, olha pausadamente a multidão feminina, apertada e contricta, e com gestos sumptuosos, annuncia que vae *tratar da castidade. Tratar da castidade* significa contar a que se arriscam nos futuros infernos d'além vida—os que commettem os ternos peccados d'amor. E então o senhor padre, revolvendo o assumpto com a soffreguidão com que um avaro revolve o dinheiro, dilata-se, explica, diz as palavras proprias cruamente, descreve, conta anedoctas, especialisa attitudes, faz certas prohibições, marca dias, prescreve abstenções, devide as especies, aprofunda, exalta-se, clama, — e as mulheres coram. E a *Correspondencia de Portugal*, contava ultimamente que n'um d'esses derradeiros sermões o povo rompeu n'um grande tumulto indignado, e saiu do templo como d'um logar deshonesto. Tal é o sermão *galante*.

. ˙ .

Do sermão politico deu-nos o senhor prior de Bellas um exemplo accentuado e conciso. Sua senhoria debruçou-se levemente no pulpito, e a doutrina que ensinou foi que Victor Manuel é

um ladrão, e que é um ladrão o sr. de Bismark. De resto que Pio IX é Christo. — O que nos encanta n'este sermão é a originalidade. É o sermão artigo de fundo. Até aqui o sermão louvava o santo do dia ou commentava a festa sagrada: agora attaca a politica e discute as dynastias. O padre é o jornalista de sobrepeliz. O pulpito alarga-se em tribuna. O sacerdote volta-se para o Christo do altar e grita-lhe: peço a palavra sobre a ordem. O clero sae do ceo, e entra na Arcada. Põe-se de parte Deus e enceta-se o sr. Braamcamp. — E leremos em breve nos jornaes: «Tivemos hontem nos Martyres um bello sermão de opposição!»

E ouviremos, na quaresma o sr. Melicio, o reverendo Melicio, pregar em S. Domingos sobre a questão do real de agua!

⁂

Mas distingamos: o sermão do senhor prior de Bellas não foi uma critica politica, foi uma diffamação pessoal. O senhor prior não analysou historicamente, juridicamente, os actos de Victor Manuel e as ideas de Bismark; não: chamou-lhes simplesmente ladrões.

Isto significa que a nova especie — o sermão

politico — é empregada não na critica mas na injuria.

Quando se quizer commentar a politica d'um ministro lá está a imprensa, a tribuna, a conferencia, o livro, — isso é da competencia profana: mas quando se quizer injuriar o ministro, lá está o pulpito, — isso entra então na attribuição ecclesiastica.

O sermão politico, seguindo o exemplo discutido, nada tem com a critica legal, parlamentar, scientifica; o sermão é para o vituperio. Quem quizer uma apreciação sobre o sr. Fontes, dirija-se á *Gazeta do Povo*: só no caso extremo de o querer injuriar é que se dirige ao pregador: e este, revestido dos seus habitos, sobe ao pulpito, e na presença das imagens, depois de se persignar e de tossir, com gesto devoto, fazendo ondear a estola — debruça-se e clama:

«Meus amados ouvintes. O sr. Fontes é um ladrão. Peço um padre-nosso e duas ave-marias.»

Quando Monsenhor Oreglia, nuncio apostolico de Sua Santidade, partiu para Roma, levou comsigo, como um documento vivo e actual, a collecção das *Farpas*, cheias de historia ecclesiastica: « *Hei de dar isto a ler no Vaticano,*

e ha de fazer seu barulho», disse Sua Eminencia. — E assim a critica inquieta teve a honra de ir depor diante da immutavel tradicção! Pedimos a Monsenhor que deponha estas paginas veridicas, perfil exacto dos sermões portuguezes, aos pés do Santo Padre, — com a uncção dos nossos respeitos e o beijo de paz nas suas mãos apostolicas.

No dia immediato ao da partida da barra de Lisboa o commandante do *Lynce*, não vendo já sobre o ineffavel azul do horisonte a saudosa linha da patria, mandou formar no tombadilho a marinhagem, e abriu a carta de prego que lhe fora entregue ao partir, juntamente com um abraço nervoso, electrico, supremamente expressivo do sr. ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar.

Todos os marinheiros ficaram immoveis e mudos. Tinha parado a machina. Era ao fim da tarde. O navio, repentinamente suspenso na sua marcha, deixava-se balançar sobre o elemento,

como n'um extase. O silencio de bordo era apenas cortado pela pancada meiga da onda. E d'aquella immobilidade da embarcação e do ceu destacava unicamente o candido vôo sereno de uma ave marinha embebendo-se na immensidade.

O commandante leu então na carta de prégo o seguinte:

. ·.

O meu *primeiro* é metade
Do que este prégo vos diz,
E o *segundo* outra metade
Do que no meu todo quiz
Com uma e outra metade
Dizer por prego Moniz.

. ·.

Houve uma vibração magnetica de enthusiasmo como se o antigo archanjo da nossa epopea maritima baixasse do ceu n'aquelle instante trazendo embocada a tuba sonorosa legada por Camões ás choreas sideraes:

Todos, desde o commandante até o ultimo grumete, pallidos pelas caimbras do patriotismo, torcidos pela pontada lancinante da musa, correram á amurada, comprimiram á fronte na

mão convulsa, e tal foi a violencia da commoção que todos — como um só homem — enjoaram.

Existe em Inglaterra, na America e em França, uma instituição intimamente ligada com a da justiça e que é nos paizes a que nos referimos uma das mais sérias conquistas da civilisação e do direito moderno. Esta instituição chama-se — a policia. O seu verdadeiro santuario é Londres. Ali a policia não é politica, não é administrativa, não é preventiva. É exclusivamente judicial. E é outra coisa ainda : é responsavel. Se a policia de Londres aggrava o accusado, este exige-lhe indemnisação, e a policia dá-lh'a. Tal é o segredo da immensa popularidade da policia ingleza, saudada como um beneficio á liberdade humana por auctoridade não menos insuspeita que a de Garibaldi.

A organisação da policia nas grandes capitaes da Europa tem sido desde 1839 até hoje objecto de innumeraveis estudos publicados em

livros e em preleções de direito criminal em todas as universidades.

. ˙ .

Um dia tres viajantes nossos compatriotas e nossos conhecidos desembarcam na costa de França: um d'elles tinha a figura mais perfeitamente similhante á de um criminoso cujas photographias se achavam na mão de todos os agentes policiaes a fim de facilitar a captura em qualquer parte onde elle fosse encontrado. O nosso amigo não soffre no entanto a minima interrogação; entra livremente em uma carruagem de posta com os seus dois companheiros. No logar que elles deixam devoluto no coupé vae, adormecido, um viajante que parece um naturalista inglez que regressa extenuado de uma digressão scientifica pelas montanhas. Os nossos compatriotas, tendo recebido do seu companheiro de carruagem os mais affectuosos cumprimentos, que lhes são dirigidos com altas maneiras e n'um francez tão correcto como o que se falla na *Comedie Française*, deixam-o dormir tranquilamente e conversam entre si em lingua portugueza, o que — mesmo perante os viajantes acordados — é dos Pyreneus para lá

um entretenimento tão secreto como a mudez. Ao chegarem a Paris, a auctoridade era informada de que um dos tres viajantes portuguezes — o similhante á photographia mencionada — era um proprietario opulentissimo da cidade do Porto, e, dos outros dois, um medico e o outro deputado — todos pessoas superiores a qualquer suspeita, de cuja existencia se conheciam minuciosamente tantas particularidades e tantos pormenores quantos de suas pessoas podem revelar em confidencias reciprocas tres peninsulares que viajam em *tête-à-tête* n'uma carruagem de posta durante doze horas. O viajante estrangeiro que os acompanhava era simplesmente um agente da policia franceza, o qual — oh pasmo! — sabia tão perfeitamente o portuguez como nós outros, ou talvez mesmo como tu, leitor conspicuo e sabio!

Em Londres é preso uma noite por desordem em uma taberna um official de pedreiro. Na algibeira do collete do pedreiro encontra-se dobrado, amarrotado, sujo e roido pelo contacto do bolso um pequeno papel em que a auctoridade policial reconhece, tosca e imperfeitamente delineada, a planta de um jardim, em que ha um ponto marcado por um signal. Esta planta

é cotejada com todas as que existem nos archivos da policia. Acha-se que condiz com a de um jardim dos suburbios da cidade, onde annos antes se commettera um homicidio. Escava-se o logar indicado por um ponto na planta do pedreiro, e encontram-se todos os valores, que se suppunham desapparecidos, pertencentes ao proprietario assassinado.

. ˙ .

Lisboa — a cidade em que a alface repolhuda cresce e em que o sr. Jayme Moniz, o pallido, governa — comprehendeu que a policia era uma instituição portentosa, e para fingir que se dotava com esse melhoramento que não tem, introduziu na organisação dos poderes, na constituição dos tribunaes e na doutrina do direito patrio — *O habil policia Antunes.*

Quando a ordem periclita, quando a segurança estremece, quando a lei e a justiça se veem ameaçadas, Lisboa estomagada, acorda, segrega Antunes, e readormece na consolação do dever cumprido.

Pela sua parte Antunes, o habil, compenetrado da enorme responsabilidade que tem para com o seu paiz um solitario bipede represen-

tando uma instituição, corre, busca, vigia, occulta-se, espiona, captura, reprehende, admoesta, ameaça, condemna; elle é a ordem, é a força, é a lei, a justiça, o direito. Interroga, inquire, investiga: pergunta a este porque motivo está parado, áquelle qual a razão secreta que o determina a passeiar, corre atraz de um que se lhe tornou suspeito por tomar um cabriolet á hora, regressa perseguindo outro que subiu á imperial de um omnibus; manda Pulcheria para o Aljube; aprisiona Pedro no governo civil; sepulta Paulo na esquadra policial, e vae continuando sempre a correr e a suar atraz do resto da sociedade que Antunes odeia porque ella anda solta. Uma vez por mez Antunes descança dois minutos — um minuto para ler a portaria de louvor que lhe é dirigida, outro minuto para cortar os calos — e recomeça com novo brio.

. ·.

Ha dias praticou Antunes uma das suas proesas mais gloriosas. Entregou no commissariado seis individuos que elle prendera no campo, perto da Cruz Quebrada, accusando-os *de se acharem ali com uma caixa*. É o que consta do auto do corpo de delicto levantado no governo

civil sob o depoimento solemne de Antunes. Ora da circumstancia de serem encontrados seis homens com uma caixa, a unica suspeita que se pode deduzir é que os homens encontrados, pelo facto de terem uma caixa comsigo, se iam dar ao vicio de tomar rapé.

Não havendo fundamento para aprehensão de um crime mais nefando que o aludido, o juiz a quem Antunes relaxou os seis presos, pôz estes em liberdade. Finalmente para que aos seis individuos referidos se pudesse instaurar um processo de tentativa de duello foi preciso que elles mesmos se declarassem, publicando as actas da solução dada a uma pendencia de honra.

E assim se conheceu que os sujeitos capturados por Antunes na Cruz Quebrada e trazidos por elle debaixo de prisão para o governo civil não eram, como poderia suppôr quem os visse atravessar as ruas de Lisboa sob as garras do habil policia, nem os ladrões dos ultimos relogios furtados na feira das Amoreiras nem os cumplices das ultimas facadas dadas nas tabernas d'Alfama.

Antunes foi no entanto louvado pelo governo e elogiado por toda a imprensa da capital por

occasião de tão heroico feito. Consta-nos que lhe vae ser dado o titulo de visconde.

Parabens a sua ex.ª

Por occasião do jantar dado a bordo da corveta *Nitheroy* pelo almirante brazileiro o sr. Silveira da Mota, sua excellencia o actual sr. ministro da marinha, considerando que o alludido almirante tinha praticado um grande acto de valor tomando o Paraguay e uma não menor proesa contribuindo efficazmente em Lisboa para extinguir o incendio da rua dos Capellistas, e hesitando sua excellencia o ministro em decidir qual dos feitos mais conviria celebrar no seu inspirado verbo, meditou profundamente e erguendo-se a final, levantando na mão direita uma taça de Champagne, com a mesma graça poetica com que um trovador provençal suspenderia a mandora, e arrojando da fronte a sua formosa cabelleira appolinea exclamou vibrante de ardor:

— « O meu primeiro é o que dizemos de um *i* que se transforma n'um *u* grande.

O meu segundo é o que dá Silveira.

O meu todo... »

— Advinhei! interrompeu um guarda marinha da armada brazileira, erguendo-se de golpe e cravando os olhos perspicazes no actual sr. ministro da marinha. Advinhei! repetiu elle com enthusiasmo juvenil e candido. O primeiro de vossa excellencia, sr. ministro, é: « *U* grande feito *d'i;* o segundo de vossa excellencia é: « Mota » por isso que Silveira dá Mota. O todo de vossa excellencia vem a ser: *O grande feito di Mota!*

O sr. ministro da marinha, vendo com sobresalto que a penetração do joven official brazileiro lhe irrompia com intrepida garra na região secreta do cerebello, onde o mesmo ministro e secretario de estado aferrolha para as glorias da inanidade as flôres da rhetorica parlamentar e os segredos augustos do gabinete, beijou á pressa a mão de el-rei, e fugiu de esfuziote, dizendo que ia mandar varrer, com o immortal pavilhão das quinas, o oceano que treme sob os lusitanos lenhos.

E nas brumas aquaticas e vespertinas que

esfumavam a linha do Aterro desappareceu d'ahi a pouco, esvahindo-se como as sombras ambulantes dos heroes nas sagradas espessuras dos bosques elyseos, o vulto de Moniz, o dubio.

Na Foz, ha pouco, voltou-se uma lancha. Morreram 14 homens.

Os soccorros foram dados por uma lancha de pilotos, que se apressou corajosamente, e por outro barco, que veiu, n'um risco agudo, da praia do Cabedello. Conseguiram salvar 10 homens: os outros 14 morreram.

. ˙ .

A 10 passos do mar, repousava placidamente o *salva-vidas*. O *salva-vidas*, não desceu ao mar. Fez como o Palacio da Torre da Marca, ou como a estatua de D. Pedro IV — deixou tranquilamente os pescadores, na agonia das vagas. Entendeu que não era com elle. Eram apenas 14 homens que iam morrer affogados. Quem tinha obrigação de vir era a bomba dos incendios.

O *salva-vidas*, não. O *salva-vidas* só se moveria para algum caso especial, em que elle podesse dar os seus serviços especiaes — como, por exemplo, se tivesse desabado um muro.

Então correria. Assim, como era um naufragio, o *salva-vidas* conservou-se immovel, aboborando.

. ˙ .

O *salva-vidas* da Foz tem um fiscal remunerado e tem a Commissão do *salva-vidas*.

Esta commissão, cujas attribuições ignoramos, revela ás vezes a sua existencia, na proza das gazetas. Lê-se: «Hontem reuniu-se a Commissão do *salva-vidas*, em assembléa geral, para deliberar» ou «foi mandada louvar pelo governo civil a commissão do *salva vidas*».

D'estas deliberações e d'estes louvores — resulta, que quando se volta uma lancha, com 24 homens morrem 14; resulta, que tem de se aprestar, rapidamente, na afflicção, um barco casual, com homens voluntarios e compassivos, que ás vezes se volta, n'uma violencia de mar, e complica o desastre; e resulta que o *salva vidas*, nem sequer *finge*. Podia descer, molhar-se, navegar um instante: não: conserva-se agasalhado na sua habitação onde, dizem rumores

gloriosos, elle está embrulhado em algodão, n'um cofre.

No entanto a opinião interroga o senhor fiscal. O senhor fiscal explica:

— Não saiu o *salva-vidas*, porque não ha tripulação.

Assim foi muito tempo.

O *salva-vidas* não tinha tripulação. O Porto confiou sempre que o *salva-vidas* se tripularia a si mesmo. Porque emfim, um barco que tinha a forma, a construcção apparente, o tamanho dos outros e que se chamava *salva-vidas*, devia ter qualidades originaes, exclusivas, de excepção — e que naturalmente possuia o poder de se dirigir e de se tripular. E esperou-se sempre que, se houvesse um naufragio, o *salva-vidas* *se* desamarraria, *se* metteria cordas e cabos, *se* desceria ao mar, *se* remaria, *se* iria ao leme, e elle mesmo estenderia a prôa, como mão salvadora e firme, — aos naufragos desolados. Esperava-se isto do brio do *salva-vidas*. Vem um naufragio. Bom! Abrem-se-lhe as portas e a commissão fica á espera que elle se espreguiçasse e corresse febrilmente ao desastre.

O *salva-vidas* não se moveu. — *Está a dormir*

disseram entre si, e sacudiram-no, robustamente.—*Agora, agora!* murmuravam. Mas com um espanto aterrado viu-se que o barco estava immovel como n'um alicerce. Gritava-se na praia e o grosso mar bramia. A commissão suava, pedia-lhe, increpava-o, cospia-lhe: — o barco, inabalavel estendia a sua sombra bojuda sobre a quente amarellidão da areia. Então a intelligencia da commissão deu um grito e comprehendeu — que para fazer navegar um barco é necessario tripulação.

Quando a commissão, em assembléa geral, affirmou definitivamente esta idéa — foi que o governador civil, surprehendido justamente por tanta agudeza e engenho — os mandou louvar, em portaria. — E começou-se a procurar uma tripulação…

Mas ahi foi a crise temida. Cada marinheiro, cada remador, que era convidado a ajustar — acercava-se do *salva-vidas*, apalpava-o, olhava-o, e recusava resolutamente. Foram chamados os affoutos, os destemidos, os heroicos. Torciam o barrete entre os dedos, e diziam seccamente: Menos eu!

A commissão tinha os cabellos brancos. A cada recusa affastava-se melancolicamente, e ia

deliberar. Os naufragios seguiam o seu curso tragico. O *salva-vidas* dormia.

Em fim um dia a commissão exasperada, veiu, em grupo, interrogar o segredo estranho. Approximou-se do *salva-vidas*. Olhou e levou violentamente o lenço ao nariz. O *salva-vidas*, o joven *salva-vidas* estava podre!

Se descesse á agua desfazia-se — foi a opinião dos peritos. E a commissão com o olfacto resguardado, saiu e continuou a deliberar. Sempre que uma lancha se volta reune-se, e grave, delibera. E o senhor fiscal, concentrado e pontual, recebe o seu ordenado. A areia do Cabedello reluz ao sol, as senhoras passeiam na Cantareira, as gaivotas voam, e os que naufragam morrem.

E de vez em quando o senhor governador civil civil, despertando do seu scismar, manda louvar a Commissão!

Depois que se divulgou que sua excellencia o sr. ministro da marinha se esquiva ás responsabilidades de qualquer solução pendente do seu

ministerio, traçando o manto do enygma pittoresco sob a arcada do Terreiro do Paço, com o mesmo interessante mysterio com que os vates namorados da edade media escondiam o rosto na capa das aventuras cosidos á barbacã dos paços acastellados das suas damas, — e que sua excellencia dedilha a charada nos terraços das secretarias, ao luar, com o mesmo estro recatado e pudico com que os ditos trovadores dedilhavam a tiorba, principiou a formula final dos requerimentos que sobem aos pés de Sua Magestade pela secretaria da marinha a ser a seguinte:

« Pede o supplicante a Vossa Magestade que, attentas as rasões expostas, Vossa Magestade haja por bem declarar qual é sobre este assumpto a *primeira* de Vossa Magestade, a *segunda* de Vossa Magestade, e bem assim o esclarecido e real *conceito* de Vossa Magestade.

E. R. M.

Depois da dispersão d'uma guerrilha carlista — que operava junto da raia portugueza — um carlista, um sargento, entrou a fronteira e depoz as armas.

Este homem, que sob a garantia dos tratados, da dignidade civil e da piedade humana, se entrega, na confiança da sua miseria, — ás auctoridades portuguezas, foi tratado d'este modo singular:

Veiu de Melgaço, até Vianna, de cadeia em cadeia, entre privações e rudezas. Em Vianna foi atirado para o aljube e não lhe lhe deram de comer. Teve fome. Requereu, então, que lhe abonassem, não já o soldo devido pelos tratados, mas a ração de preso devida pela compaixão.

De Vianna foi, pelo Porto, para Peniche, com uma escolta de 20 soldados, commandada por um tenente, o sr. M. Este official portuguez levava o preso desarmado, e 20 homens, com as espingardas carregadas. Teve ainda receios do soldado hespanhol. Exigiu que o algemassem. É necessario ter visto o soffrimento das algemas. Os braços inertes incham, adormecem, os pulsos arrocheam, a respiração difficulta-se, um entorpecimento febril enerva, e os mais duros, os mais fortes, os mais concentrados, não marcham

a pé duas leguas, com os pulsos encadeados, sem que a dôr lhes faça correr as lagrimas em fio.

Deu-se isto com o soldado hespanhol.

Tomar um militar, um vencido, um hospede, um homem que se entrega aos respeitos da lei e ás protecções da piedade, fatigado, desarmado, inutil, — leval-o, fazel-o atravessar as immundicies e as fomes das nossas cadeias, maltratal-o, arremessal-o para a negrura de um aljube, não lhe dár sequer o caldo da enxovia, impor-lhe a fome, fazel-o esperar longas horas ás grades a chegada do pão, impellil-o á humilhação de pedir esfomeado, mettel-o n'uma escolta de 20 homens, algemar-lhe os pulsos, e impellil-o para um destino escuro, como um boi que se encurrala, — é bem digno d'este paiz que por isso que tem a inepcia não podia deixar de ter a maldade. Alexandre Dumas tinha um abutre que era o camarada intimo d'um pato. E aquelle espirito radioso dizia sobre este facto — que era a natural ligação da estupidez e da ferocidade.

Portugal tem em si o abutre — e o pato.

Ha tanto tempo nos separamos da intelligencia — que deviamos por fim encontrar-nos com vilesa.

O senhor tenente, commandante da escolta — esse, é um symptoma. É a consciencia do exercito. Tendo de conduzir um soldado hespanhol internado, vencido, pacifico, desarmado, pede 20 homens: mas receia — e manda carregar as espingardas: mas treme ainda — e manda algemar o preso! Dá portanto a entender — que 20 soldados portuguezes — corriam perigos nas estradas povoadas do norte — deante de 1 soldado hespanhol. Ó commissão do 1.º de dezembro! Oh foguetes altivos, soberbas philarmonicas do largo do Rocio! ahi está com o que vos responde o exercito, com o secco ruido do engatilhar de 20 espingardas e com o metallico estalido dos fechos d'uma algema — contra um soldado hespanhol vencido, e pacifico. De tal sorte, que se 1:000 soldados hespanhoes, d'um bairro de Badajoz, passassem o Caia desarmados, os 20 mil soldados portuguezes, de todo o reino, armados, só teriam um meio de os conter — mandar os malsins algemal-os!

Lemos na *Gazeta da Beira* que os padres missionarios que ultimamente haviam prégado na Guarda levaram d'aquella cidade a quantia de *tres contos de réis*, producto da venda de bentinhos, cruzes, rozarios, breves pontificios para a celebração de casamentos independente de quaesquer formalidades, etc.

. · .

Isto não é servir a Deus; é pôr Deus a servir; é utilisar a divindade. Estes sacerdotes não prestam culto: cultivam. Deus é para elles o motor da atafona em cujos alcatruzes sobe do poço da credulidade popular o dinheiro espremido da algibeira dos fieis. Saccam letras sobre a salvação eterna e descontam-as a doze vintens pagos á vista n'este mundo. Fazem beneficios na côrte celeste e vendem as senhas a pataco á porta das sachristias. Teem uma agencia de passagens de recreio, a preços reduzidos, para o Paraizo, mas não admittem bilhetes de ida e volta para que não venham a desforrar-se nas orelhas dos vendilhões os que não acharem logar no outro mundo para o espectaculo da bemaventurança — promettida e paga. Mostram Deus por dinheiro, como se mostra um bicho

de feira: sómente — não teem bicho que mostrar.

. ˙ .

Ora entre descrer da divindade e armar em modo de vida uma similhante agiotagem e falcatrua ao divino, a descrença é menos impia.

Negar Deus pode ser uma convicção religiosa; vendel-o é uma ladroagem sacrilega.

Roga-se aos atheus que peçam a Deus misericordia — para os missionarios.

———

O municipio de Lisboa reconhecendo pelas estatisticas que um certo numero de pessoas desappareciam quotidianamente devoradas pelos cães, deliberou emfim pôr um cobro a este abuso da gulodice indiscreta matando os cães.

A camara de Coimbra, vendo com profunda piedade maternal que os cães deixavam de de ter em Lisboa pessoas vivas com que se manterem, pôz á disposição d'elles o cemiterio da cidade e abriu-lhes para almoço, jantar e ceia — a vala dos mortos.

Isto é humano, mas tem inconvenientes.

Tornou-se desagradavel ás familias que distribuiam entre lagrimas a herança de um parente finado verem repentinamente o *Joli* entrar pela casa dentro, trazendo na boca e pondo em cima de uma cadeira — o morto.

A frequencia d'estes casos obrigou a imprensa a exclamações que terão talvez impressionado o municipio conimbricense.

Lembra-nos um meio de servir as exigencias do publico sem lanhar no coração dos municipios a sua invencivel dedicação pela raça canina: Á similhança do antigo pateo dos leões, crear de commum accordo entre a vereação de Lisboa e a de Coimbra um pateo de cães, e n'este pateo servir pontualmente ao cão, na quantidade exigida pelo appetite d'elle, pessoas para esse expresso fim devidamente preparadas — com hervilhas.

Da universidade de Coimbra sairam no fim do ultimo anno lectivo trinta bachareis formados em direito.

Em cada anno, pelo verão, quando as moscas chegam, a universidade de Coimbra faz isto: abre as suas portas e esparge sobre o corpo social trinta bachareis formados em direito.

O paiz, tendo reconhecido nos ultimos annos que ha cincoenta individuos para cada um dos logares destinados pelo estado para um jurisconsulto intelligente e sabio, havendo por tanto para cada emprego provido um saldo importuno de quarenta e nove sabios desempregados, pede instantemente á universidade que lhe mande bachareis ignorantes a fim de que o paiz, não podendo, como é impossivel, fazer d'elles procuradores da corôa, possa pelo menos estabelecel-os como continuos de secretaria.

A universidade responde solicitamente que os seus filhos teem a inaptidão mais cabal para o exercicio de qualquer cargo. O paiz porém continúa a achar os bachareis insufficientemente ignorantes para o exercicio dos baixos postos a que lhe é licito destinal-os, e exora em successivas supplicas o corpo universitario a que suba a craveira da inaptidão do bacharelato a ponto que o bacharel dê garantia segura de ser um varredor consciencioso e digno.

De modo que, para que um bacharel formado

possa alimentar esperança de serem aproveitadas as suas faculdades em serviço da patria, é preciso que as suas cartas attestem do modo mais eloquente e mais firme a sua inepcia.

Elles, para grangearem uma subsistencia parca mas honesta, vangloriam-se ostentosamente da ignorancia mais satisfactoriamente crassa.

Elles alegam pessimas infamações de conducta intellectual, citam *rr* conquistados nas vigilias da cabula em cinco annos de inanidade e protervia, juram que escrevem *bacharel* com *t* cedilhado, que trocam o *b* pelo *v*, que teem cerrado como o de um peixe o angulo facial, que experimentam ameaças de duas corcovas no dorso, que as orelhas bicudas lhe chegam á copa do chapéo alto, e que amam o esperregado cru.

Elles requerem assim:

« Fulano, bacharel formado em direito, não sabendo ler nem escrever, por mão de um pedreiro que este firma por seu rôgo, pede a Vossa Magestade etc. »

Baldada tentativa! esforço inutil! O paiz que jura pela imbecilidade asinina do bacharel que estuda, acocora-se no extasi esteril e immovel da idolatria perante o doutor esfomeado que es-

quecido das indicações oratorias requer em ais desfallecidos, em vez do prato rhetorico das classicas lentilhas, — um simples salamim de fava.

E os mesmos que na prosperidade litteraria lhe chamavam *burro*, recusam-se na adversidade financeira a confiar dos recursos physicos do bacharel a simples direcção de uma nora, e chamam-lhe então — *doutor!*

Que o bacharel, para ganhar honradamente a sua vida, affirme que não sabe nada, vê-se pois que não basta. É preciso que a universidade tambem o atteste de uma maneira terminante, clara e cathegorica.

Que a universidade diga, que ella se não envergonhe dizer, que as suas maternaes entranhas não corem de falso pudor, ao affirmar que o bacharel que deu á luz é acephalo; que ella, chocando sob a asa negra do Pegas uma aguia, botou fora do ôvo partido por seu bico um parreco.

Que o confesse, que o affirme, que o jure pelo seu grau: «Que a este, em cujos hombros eu lancei um capello, deite a civilisação um barril!».

E então a patria abrirá carinhosa os seus bra-

ços ao bacharel, e beijando-lhe por entre as folhas do loiro os cabellos juvenis, dir-lhe-ha com ternura : — Bem, filho : agora — vae-me engraxar as botas !

O sr. Jayme Moniz, sempre que — como ministro — preside ás commissões na sua secretaria, conserva durante a discussão um grave silencio. Mas se as opiniões se começam a entrechocar, se, a solução se difficulta, sua excellencia por uma palavra rapida, luminosa como um traço de luz — explica, harmonisa, conclue e resolve.

Ultimamente, n'uma sessão do conselho ultramarino, como se questionava a melhor organisação a dar ás colonias, e as opiniões divergissem como os raios de uma roda, sua excellencia, levantando-se, fitando a parede, atirando os seus numerosos cabellos para traz com um gesto radioso, crusando altivamente os braços, como os que teem em si a idéa, deixou cair de seus labios a doutrina que ha regenerar, erguer,

glorificar, enriquecer, povoar, enobrecer as colonias.

E as suas palavras que todos decoraram com soffrega profundidade foram estas:

«Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.»

Veja-se quanta sciencia no pensar, quanta eloquencia no dizer, — quanta originalidade no governar!

. ˙ .

Dizer isto, esta palavra sublime — e ter impedido um de nós de embarcar no *Tete*, — que mais quer o orgulho humano? Que mais queres, ambicioso espirito?

Ter tido a maior palavra da intelligencia, e ter feito a maior acção da historia, que quer mais o sr. Jayme Moniz? Quer a tiara? Que se lhe dê.

———

Quando o Senhor D. Pedro v subiu um dia as escadas da Relação do Porto, disse com uma tristeza irritada: *isto precisa de ser arrasado!* A cadeia da Relação é das melhores d'este reino

venturoso onde florecem d'accordo — a papoula e Vidal.

. ˙ .

O regulamento das cadeias *é provisorio*. Conheceu-se ao fazel-o quanto era incompleto, difficiente, anti hygienico, mal seguro, barbaro, antigo, sujo: fez-se *provisorio*, por alguns mezes. Sabem ha quanto tempo dura este regulamento *provisorio?* Ha vinte e nove annos.

. ˙ .

Mas hoje é uma curiosidade toda particular que queremos revelar. D'entre tantas faltas das cadeias — a falta de espaço, a falta d'ar, a falta de pessoal, a falta de segurança, a falta de aceio, a falta de alimento, a falta de moral, a falta de hygiene, queremos destacar, como um diamante de um colar — a falta de roupa.

Os presos — não teem roupa. Na ultima leva de degradados os que partiram foram vistos sair do Limoeiro, em farrapos a maior parte e um ou dois quasi nús. Parece que os cobria apenas um resto esfrangalhado de ceroula.

O Limoeiro tem um lugubre guarda roupa: calças de linho, camisas de riscadinho, sapatos brancos e *bonets* de cotim. D'aqui fornecem-se

os *faxinas* que são os presos encarregados de varrer e lavar dormitorios e corredores — e, alem dos *faxinas*, os presos pobres.

Ora quando se embarca uma corda de degradados, o carcereiro deve ter de vespera a relação dos que partem, para lhes preparar o enxoval, fatal e definitivo como a mortalha — uma camisa, uma calça, um bonet e um par de sapatos!

. ˙ .

Fiquemos a ver um pouco esta avaresa immunda. Um preso tem em Portugal, para o seu degredo d'Africa — uma camisa e uma calça. A França, que não é exemplar na organisação dos seus serviços penaes, dá ao deportado seis camisas, tres blusas, seis calças, seis lenços, dois pares de sapatos, etc., um enxoval commodo, logico, facilmente transportavel na sua mochila, e novo. Elle mesmo tem obrigação de lavar, a bordo, de tres em tres dias a sua roupa, e a sua limpeza é fiscalisada com o rigor de um dever. Em Portugal, paiz quente, para a Africa, terra affogueada — dá-se a um homem uma camisa e uma calça. É sujo.

Mettido atulhadamente no negro porão de um navio, na accumulação bestial dos corpos,

na promiscuidade dos suores, sem disciplina, sem agua, com a indifferença pelo corpo que dá a miseria do destino, em que estado chega ao seu desgraçado fim, aquella miseravel creatura condemnada, com a sua camisa unica e a sua calça solitaria?

Por isso os que teem visto um porão de degradados nos nossos navios, o descrevem como a maior deformação da miseria. Corpos que se não lavam, cabellos que se não penteam, confusão de enchergas, a quente exhalação de todos os cheiros, ar coalhado e torpe, uns enjoados, outros doentes, o fervilhar dos vermes, a vil confusão dos farrapos, o abatimento do tedio, o chão escorregadio de immundicies, a abafada negrura d'aquelle vão soturno, — e ali vão apodrecendo, em nome da lei, aquelles lugubres restos de gente. É infame.

E é um castigo maior, para além da sentença; porque se alguma coisa humilha, avilta, amollece a dignidade, coalha e petrifica a alegria, enodoa a esperança, debocha o caracter, amollece e amiasma o sentimento, dá um irremissivel despreso proprio, — é a porcaria forçada.

E deve perder o pudor, a vontade, a consciencia, cair n'uma desmoralisação bestial, o homem,

que sente o seu corpo suar e verminar-se na sua unica camisa.

Quem decretou esta infamia? Se foi o regulamento das cadeias — reforme-se essa disposição como se lava uma nodoa. Esse regulamento não é inepto — é sujo. Não obriga só a reagir a consciencia, obriga a por o lenço no nariz. Não precisa critica — precisa benzina.

E porque o não reformam? As auctoridades que o consentem dão uma idéa bastante escura da sua limpeza pessoal, tolerando para enxoval d'um homem — uma camisa. Suas senhorias, essas auctoridades, não podem exhalar de si um aroma fino. Quem consente que um homem leve para um degredo — uma camisa — pode ser um jurisconsulto que se respeite, mas é um corpo que se evita. Tal auctoridade não deve ser reprehendida, deve ser lavada. Para ser reconhecida não precisa a toga — basta-lhe o cheiro. Não lhe façamos critica, atiremos-lhe bacias de agua. Que o sr. ministro da justiça, lhes faça pagar os seus ordenados em sabão. E emquanto ás suas cabeças, não pediremos á lei que as inspire — mas sim que as cate.

E sabem porque se dá ao degradado essa camisa? Não é aceio, nem hygiene, nem dignida-

de, nem dó. É porque o preso, até ao caes, tem de passar na Baixa, e não se quer enojar os curiosos que param com o aspecto devastador dos remendos de enxovia. É para que os srs. logistas e ourives, immoveis em seus chinellos aos portaes da loja, na tranquillidade de sua digestão, não se enojem, não se enjoem, com os farrapos pendentes d'aquelle pobre corpo machinal que vae para o seu porão! É uma attenção aos senhores logistas. É só para atravessar a Baixa. Para isso com effeito basta uma camisa. Depois, na viagem, que apodreçam! Ah! como estas coisas poem ao claro sol do desdem as baixas feições d'um paiz! Uma camisa para um desterro, a camisa da lei. A auctoridade é mais suja que o degradado e a lei é mais suja que a auctoridade. Terra de ruas infectas e de corpos immundos! Ao menos sejamos francos; em logar das cinco quinas, ponhamos as cinco nodoas.

. . .

Pois bem. Essa mesma camisa unica — foi julgada excessiva. Tirou-se a camisa ao degradado. N'essa ultima leva, a 5 do mez passado, iam todos em trapos, alguns quasi nús. As auctoridades entenderam, e bem, que para um degra-

dado, um zero, um farrapo humano, uma sombra pisada, uma vida em rodilha, — uma camisa era de mais. Era. Para um degradado, em Portugal, uma camisa era affrontoso. Uma camisa tem um desembargador!

E por isso tirou-se a camisa ao preso.

Pela nossa parte achamos bem: e só pedimos a todos os nossos amigos que indaguem cuidadosamente quaes foram as auctoridades que dando esta ordem suja — deram uma tão especial idéa do seu proprio aceio — para que não succeda aproximarmos-nos d'ellas, desprevenidamente — sem desinfectantes!

Acabamos de ler com summo gosto um opusculo intitulado *Os farpões* e publicado em Pernambuco pelo cidadão pernambucano José Soares Pinto Corrêa.

Analysa José o numero das *Farpas* consagrado á viagem de Sua Magestade o Imperador do Brazil, e dizendo-nos coisas pesadas e gordurosas como avalanchas de cebo, tanto a nós am-

bos—como a Sua Magestade o Senhor D. Luiz I, destroe finalmente pela base todas as nossas observações, todos os nossos ditos, todas as nossas gargalhadas com o seguinte argumento admiravel de logica, de gravidade, de eloquencia e de concisão:

Diz José que se algum dia nós formos a Pernambuco « Nos ha de ahi bater com um cipó. »

. ˙ .

Em vista d'esta lucida analyse de José Soares, declaramos aos nossos compatriotas, aos nossos leitores e aos nossos amigos, que desistimos solemnemente do projecto que tinhamos de ir ámanhã pela manhã para Pernambuco.

E todavia sabe Deus, sabem todos os nossos amigos, que fôra sempre esse o premio que pedimos á gloria, o galardão que esperavamos da fortuna, o ideal que sempre afagamos em nosso peito — irmos para Pernambuco!

Conhecemos entre outras pequenas partes do mundo, Paris e Londres, o Cairo e Jerusalem. Em quanto um de nós valsava nas Tulherias, na mesma sala em que o sr. de Bismark com o uniforme de dragão fazia a sua côrte a madame de Meternich, ou bebia *claret-cap* nas corridas de

Epson, o outro beijava o tumulo de Jesus ou caçava o chacal nas maravilhosas ruinas de Memphis. Mas oh Deus! como tudo isto nos parecia semsabor e mesquinho! Pernambuco era o nosso appetite constante, o nosso desejo permanente! Todos os partos da nossa imaginação vinham ao mundo com algum indicio do insaciado desejo materno. Os nossos escriptos nasciam de bocca aberta e com o signal de um côco nas costas. Pernambuco! Pernambuco — era o que nós queriamos!

E desmaiavamos de jubilo ao lembrarmo-nos de que dentro em poucos dias cumpririamos o voto de toda a nossa vida saltando sob o coqueiro pernambucano, e caindo para todo sempre nos braços de José Soares.

. ˙ .

Agora porém não. Uma vez que nos tratam assim, uma vez que nos promettem isso — uma roda de cipó — não! nunca!

Espera por nós, José, que te fartarás de esperar!

Querias-nos lá para te regalares de nos bater, maroto?

Não, mil vezes não, vil sicario, não malharás

nossas carnes! Não, Pernambuco, não comerás nossos ossos!

Se Sua Magestade El-Rei quizer ir, que vá — lavamos d'ahi as nossas mãos — mas que vá só: não saciarás assim senão a terça parte da tua vingança, ó sanguinario Juca!

Pernambuco para nós morreu. É como se não existisse sobre a bola terraquea. Na carta geographica, aqui onde diz *Pernambuco*, riscamos nós, e puzemos *Cipó de José*.

No nosso album de viagem lançamos esta nota: «Não vos esqueça deixardes completamente de ir findar os vossos dias em Pernambuco, onde uma coça vos espera.»

Juca! foste cruel, sequestrando-nos Pernambuco, jurando cevares em nossos lombos a elasticidade dos cacetes do teu mato virgem, do teu patrio cipó.

Por uns simples gracejos, por uns innocentes risos, propões-te tu descadeirar-nos a pau, e então ao pau mais rijo que ha, ó vibora, ó milhafre, ó monstro dos monstros!

Mas tambem deixa estar, Juca, que, se em vez de irmos nós a Pernambuco, como nos propunhamos antes da tua ameaça, vieres tu a Lisboa, o Caes do Sodré verá o que nunca viu. Olá!

Podes contar, José, que ao pôres o pé em terra, tens sobre o teu corpo dois marmeleiros reaes!

Dois sómente, se El-Rei se não quizer associar comnosco para te punir. Se o poder moderador, como é de esperar do seu brio, se quizer reunir a este acto de nobre despique, então em vez de dois marmeleiros a cingirem-te as vertebras, terás tres — os de cada um de nós e o de — *um alto personagem.*

. ˙ .

Esperamos que o chefe do estado terá a bondade, logo que leia estas linhas, de mandar dizer-nos quaes são os seus projectos no tocante á vingança que havemos de tomar de José Soares.

Pela nossa parte já dissemos a resolução em que estamos. Folgariamos porém de proceder de accordo com Sua Magestade, para o que não seria talvez mau — conversarmos.

Quererá o poder moderador associar-se á nossa manifestação, desancando juntos José Soares? Este é o primeiro ponto.

Segundo: No caso de sermos nós os sovados — o que a Divina Providencia de modo algum

permitta! — quer egualmente el-rei associar-se para chucharmos, ou prefere desistir para as urgencias do estado d'esta parte supplementar e extraordinaria da sua dotação damnadamente votada por José?

Aguardamos as reaes ordens.

.˙.

Em todo o caso, qualquer que venha a sér o resultado d'esta pendencia, agradecemos a Juca o ter-nos proporcionado, pela maneira brilhantemente delicada com que a encetou, o ensejo de escrevermos este profundo artigo, no qual, se nos não cega a vaidade, a questão se acha tratada a toda a altura dos principios.

Os nossos cordeaes cumprimentos aos pessimos figados de José Soares, e visitas a todos os cipós do imperio do Brazil, com os quaes desejamos ardentemente não estreitar relações. Respeitamol-os demasiado — os cipós — para que nos não seja em extremo doloroso que entre nós e elles uma demasiada intimidade gere o negro despeito.

Tendo-se espalhado com uma insistencia indecorosa e inteiramente incompativel com o lucido bom senso de uma cidade intelligente — que o sr. Jayme Moniz é ministro da marinha, sua excellencia pede-nos para declarar que em tempo algum, nem agora nem em passadas eras, teve a seu cargo e zelo o citado ministerio, — e que nem o mais mal intencionado poderá apresentar decreto, lei, regulamento, relatorio, projecto, decisão, ordem, portaria, assignatura, idéa, lembrança, dito, palavra, gesto, movimento de labios — por onde se prove que elle exerceu, por espaço sequer de uma hora fugitiva, o alto e difficil encargo de ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e ultramar.

. · .

Folgamos de dar publicidade e garantia a esta declaração veridica — porque sempre nos escandalisou ver o sr. Jayme Moniz, considerado injustamente e gratuitamente como ministro da marinha. Tal boato, robustecido pela complicidade geral, prejudica os creditos elevados e legitimos do terno e gentil professor. Tanto mais que em sua occulta consciencia, Lisboa sabe bem que o sr. Jayme Moniz, nunca foi ministro

da marinha, nem jámais, por actos ou palavras, deu logar a esta suspeita affrontosa.

Assim, por exemplo, todos sabem que a ordem tão intelligente, tão grave, tão maduramente pensada, tão dicisivamente intimada — que impediu a um de nós o pôr pé illegitimo no tombadilho do *Tete*, partiu não de Moniz o Bom, mas de Tiberio, o Vil.

O que pretendemos do sr. Jayme Moniz, professor, deputado e ministro da marinha?

Duas simples coisas:

Arrancal-o á politica,

Restituil-o á philosophia da historia.

. · .

O sr. Jayme Moniz era um pensador e um artista. O estudo meditado e ininterrompido da sciencia da historia, do progresso e da revolução tinha-o collocado na emminencia em que se dominam pela critica todos os movimentos e todas as evoluções da humanidade, sacudindo

todas as questões e fazendo-as girar sob todos os aspectos. O seu espirito impressionavel e imaginoso sobredourava-lhe a palavra com violencias fulgurantes que a incutiam e entalhavam na memoria dos que o ouviam. Os seus discipulos escutavam-o com amor, e elle servia nobre e elevadamente a sua patria creando para a liberdade espiritos impregnados de idea e ambiciosos de luz.

. . .

Um dia, repentinamente, o fecundo professor, abandonando a altiva independencia da sua missão, lançou-se nas especulações esterilisadoras e subalternas da politica.

O espirito do illustre academico baqueou n'esse momento, com o seu temperamento nervoso e femenil, fascinado pela ambição, pelo genero de ambição que mais captiva os imaginosos e os tibios — não a ambição do governo: a ambição do espectaculo.

Ha uma virtude respeitavel em alguns ambiciosos: é o stoicismo austero dos que dominam, ignorados e invisiveis, na sombra. Não era esta paixão ardente dos grandes solitarios a que excitava, na obscuridade, a mente do joven professor.

O sr. Jayme Moniz sabia pela lição da historia que ninguem governa sem o sentimento — que s. ex.ª não tem — de um grande poder exercido sobre os destinos dos outros; sem uma convicção energica da isenção mais perfeita, da mais completa independencia individual; sem a rude consciencia de uma vontade poderosa e inabalavel.

O sr. Jayme Moniz sabia, pelo seu proprio exame psychologico, que lhe faltava o espirito essencialmente politico, experimental, austero, implacavel — que domina e reforma.

Por dois modos pode o pensamento influir nos destinos do futuro: fazendo a revolução politica ou preparando a revolução social. A primeira intima-se pela energia e pela força; a segunda opera-se, docemente e lentamente, pelo ensino e pela direcção dada ao movimento das idéas. O sr. Jayme Moniz, abandonando a propaganda e lançando-se na politica, abdicou a unica influencia que podia ter. Derribou-o a ambição. Não a ambição do poder — porque d'esse desistiu na orbita em que o podia exercer. A ambição do apparato. E só o apparato conquistou.

O disserto professor sabia que Bruno e Sava-

narola foram queimados vivos; que Vanini foi entregue ás chammas depois de lhe ter sido arrancada a lingua pelo carrasco; que Campanella viveu vinte e sete annos em um carcere e soffreu sete vezes a tortura em vinte e quatro horas; que Bacon foi encarcerado como suspeito de bruxaria; que Telesio e Harrington morreram envenenados; que Spinosa escapou por meio de uma vida mysteriosa a coleras implacaveis; que Hobbes foi obrigado a homisiar-se em casa de um dos seus discipulos.

Esta dura sorte dos pensamentos independentes e livres satisfazia mediocremente o systema nervoso do sr. Jayme Moniz. S. ex.ª estarreceu diante das consequencias terriveis da maldição do sr. Carlos Testa e do anathema do sr. José de Sousa Monteiro. Não era esse o genero de gloria que o professor ambicionava.

D'ahi o converter-se de pensador em politico. Não tinha idéas algumas de governo? Que importava? Teria a pompa, embora não tivesse a gloria do cargo. E era a pompa o que elle sobretudo appetecia. Era vestir a farda agaloada de secretario de estado; traçar por cima de seu colleto de baile a fita de uma grã-cruz; entrar nos salões da corte; apertar a mão de el-rei; conver-

sar com Sua Magestade a rainha; fazer *vis-à-vis* aos principes nos saraus do paço; ouvir as senhoras chamarem-lhe — Conselheiro; trotar-lhe á portinhola da carroagem um correio de secretaria; receber memoriaes, ter visitas, passar na arcada entre alas de pretendentes que se descobrem; vir de descascar uma pera em um almoço na Ajuda e repousar suavemente a vista, fascinada pelo fulgor da realeza, sobre a humildade baça do amanuense que se inclina a seus pés no lixo da secretaria.

Este pobre ideal do dandysmo burguez, da carolice burocratica, realisou-o o sr. Jayme Moniz. Na administração dos negocios porém, no exercicio do poder, sua excellencia reconheceu que lhe eram inteiramente inuteis as lições que tinha da historia e da philosophia. Hegel e Vico nada lhe tinham dito das necessidades coloniaes de Cabo Verde. Guizot, Thierry e Michelet nada especificavam da navegação da Africa ou do orçamento de Macau. Gibbon e Momsen eram mudos sobre construcções navaes. De Leibnitz, de Mahomet, de Descartes ou de Confucius, dir-se-hia que nunca tinham entrado no arsenal da marinha!

. ˙ .

Agora o sr. Jayme Moniz libou as apparatosas doçuras do poder, o qual tem atravessado conservando em folha as suas faculdades, levando intacto o cabedal dos seus conhecimentos.

O professor de philosophia da historia tem-se conservado no ministerio da marinha, armado de todas as habilitações e de todos os recursos que pode desenvolver um peixe transportado ao meio de um pinhal.

Todavia tem permanecido. É pois tempo de lhe perguntarmos se depois de haver interrogado a junta consultiva e o sr. visconde da Praia Grande, sua excellencia teve já occasião de interrogar tambem uma vez a sua consciencia. Encontra por ventura n'ella o sr. Jayme Moniz o alto applauso incorrupto do dever cumprido?

Entende que está realisando a missão para que estava destinado?

Acha que sobre o caminho que obstinadamente recalca deixará a sua passagem algum vestigio na civilisação, nos principios, nos sentimentos ou nos factos do seu tempo?

Não sente dentro em si o grande vacuo desconsolado e triste, que é a lenta punição devoradora dos inertes e dos nullos?

Não percebe que os negocios que devia dominar e reger lhe fogem, como um elemento incompressivel, por entre os dedos da sua mão delicada e inexperiente?

Não lhe lembra a sua especie de influencia e de preponderancia aquella lenda tão magoada e symbolica da sombra do escudeiro limpando a sombra do cavallo com a sombra da escova?

Compensa-lhe por acaso o movimento do apparato este apodrecimento da energia?

Dá-lhe a politica manejada na secretaria do estado, entre mediocres, sem ideal, sem grandeza, sem elevação, os nobres contentamentos que lhe prodigalisava a sciencia? a plenitude grave, resignada, satisfeita, que inspira o estudo? o applauso intimo que procede dos grandes triumphos da palavra posta ao serviço da verdade ou da justiça, no professorado, ou no foro?

Não. A politica aos que a exercem em proporções tão mesquinhas, tão estreitas, tão intrigadas, tão estereis, tão inglorias, não pode dar a um caracter ainda não inteiramente prevertido — senão a desconsolação, o aviltamento e o tedio.

Depois, pouco e pouco a altivez do caracter humilha-se, as exigencias da justiça cedem e

contemporisam, os moldes do nosso primitivo ideal, affastando-se a pouco e pouco da nossa vista, desapparecem a final; o meio que primeiro dominavamos principia depois a absorver-nos; a nossa personalidade deprime-se de dia para dia; até que finalmente começamos a achar-nos bem, e ahi estamos para todo sempre na baixesa, na mediocridade e na intriga.

. · .

É d'essa crise, inevitavel e fatal nas doenças moraes do constitucionalismo, em que tantos espiritos succumbem, em que tantos caracteres perecem, que nós nos impomos o dever de salvar o sr. Jayme Moniz, ao qual ainda por emquanto estendemos amigavelmente a mão com que escrevemos estas linhas.

Isto não é um artigo de opposição é um artigo de amisade. Áquelles que desmerecem a nossa estima, antes que o odio venha, chega-nos sempre primeiro o esquecimento.

Attenda pois o sr. Jayme Moniz a esta palavra verdadeira e leal:

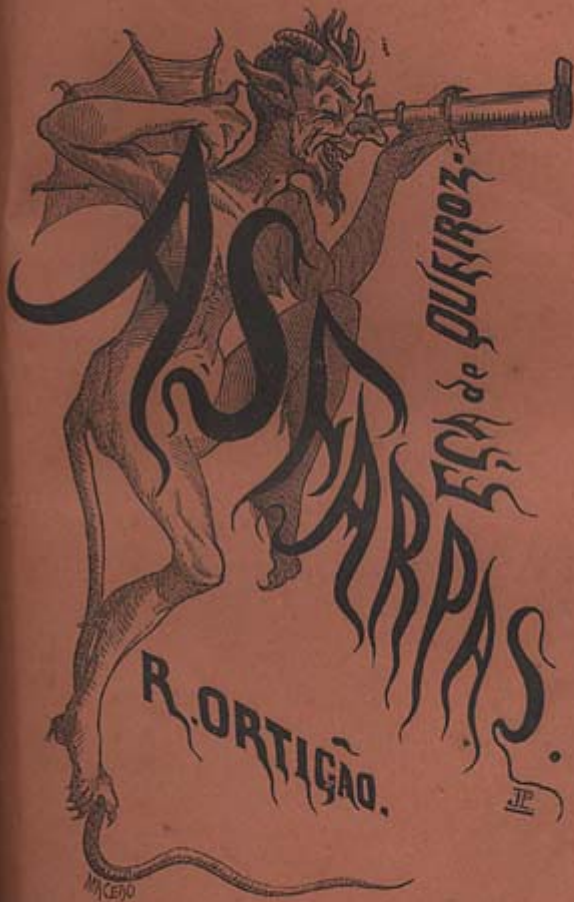
A sua inhabilidade como ministro destingue-se sobre a sua reputação como sabio. Perante a critica attenta cada um dos seus erros no pre-

sente corresponde a um desfalque na reputação do seu passado. Tal é a logica d'este processo que muita gente duvida já — que tão mau ministro tivesse jámais sido um professor elevado.

Volte á sua cadeira, e attente n'isto:

Que o mais seguro meio de cada um amar verdadeiramente a sua patria é amar simplesmente a sua profissão.

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes da provincia o obsequio especial de satisfazerem em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

2.º ANNO

Julho a Agosto de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

Ao presidente da provincia de Pernambuco. As *vesperas pernambucanas*. *As Farpas* e a consciencia brazileira. Nós testas de ferro das degolações de innocentes. Se convirá que tornemos a descobrir a Terra de Santa Cruz — A questão litteraria. O sr. Theophilo Braga, o mosarabe, o wehr-man e outras coisas. A burguezia e a litteratura. O unico que não é burguez — Ao sr. marquez de Angeja, sobre averiguações genealogicas e ibericas — A instrucção e a Revista das Sciencias Ecclesiasticas. De como o clero entende a instrucção — A sua magestade o imperador do Brazil ácerca de condecorações e de luminarias — A questão hospitalar, o hospital de S. José em Lisboa e o de Santo Antonio no Porto — Ao mesmo imperial senhor de folhas 44 — Noticias do Timor — A alma de D. Pedro IV, nos Elysios, a respeito do dia 24 de julho, epistola — A Sua Magestade Catholica D. Amadeu I. A exposição de Madrid, pintores e architectos portuguezes. Os srs. Sampére e Amador de los Rios — *Te Deum* reformista — Ao mesmo citado personagem im-

perial de laudas 75, a respeito dos livros nossos e das edições d'elles — Trezentas e cincoenta cadeiras devolutas no professorado — O que podemos dizer da revolta

Ex.mo sr. presidente da provincia de Pernambuco — Brazil

Ex.mo sr.

Temos diante de nós um jornal de Lisboa — o *Diario de Noticias* que refere estranhos acontecimentos passados n'essa provincia: diz-se — que em Pernambuco, sobre tudo na cidade de Goyanna, as discussões travadas em torno do volume das *Farpas*, relativo ao imperio e ao imperador, teem causado conflictos irritados, mortes, «e que os portuguezes estão ameaçados na sua segurança.»

Estas noticias atravessaram o mar, e o mar exm.º sr. faz ás noticias debeis o que faz aos vinhos fracos — tolda-os e azeda-os.

O que ahi seria simplesmente *questão* chega-nos aqui, sob as influencias salinas, avinagrado em *morte*. Queremos, no entanto, acreditar que a colonia portugueza é ahi repellida, aviltada, deteriorada, esfaqueada em detalhe e está sob o terror de umas *Vesperas pernambucanas*. Ora

o que nós pretendemos saber de v. ex.ª, que está ahi, na perfeita sciencia e consciencia dos factos e das suas origens — é se realmente o volume das *Farpas*, cem paginas de prosa humoristica, foi de repente, sem precedentes, de repellão — erguer n'um levantamento geral de vontades, com a força de uma insurreição — o espirito de uma provincia inteira! para que nós emfim, depois de quarenta seculos de historia, possamos affirmar a possibilidade d'este facto — tres tiras de folhetim levantando um povo!

Ha muito, ex.^{mo} sr., que nós ouviamos fallar das agitações de Pernambuco causadas pelas *Farpas*. Nunca julgámos dever tomar a sério — a orgulhosa honra que nos attribuiam de ter lançado com algumas palavras distraidas — a perturbação n'um grande imperio! No entanto, desde que se falla insistentemente *em mortes*, e que Pernambuco faz ás *Farpas* uma *réclame* ensanguentada — pedimos permissão de nos erguer tambem, a dizer a nossa palavra.

Ex.^{mo} sr. presidente:

Devemos, antes de tudo, averiguar o que no volume das *Farpas* irritou a consciencia brazileira: foram as paginas sobre o imperador, a sua mala, o seu amor das linguas orientaes e o seu

chapéo braguez na sala dos capellos? Permitta-nos v. ex.ª que o não acreditemos: não é a v. ex.ª que nós vamos ensinar que existe no Brazil um poderoso partido politico, hostil ao imperador: que esse partido escreve, argumenta, attaca e actua: que nos seus jornaes, nas suas *mofinas*, nos seus discursos, tem desconsiderado, demolido o imperador; que esse partido é essencialmente *brazileiro*, exclusivamente *brazileiro* por quanto os amigos mais sinceros do imperador, no Brazil, são exm.º sr., os portuguezes. Concebe-se, por tanto, que o partido brazileiro depois de ter durante vinte annos lançado sobre o imperador todos os desdens e todas as hostilidades — fosse de repente escandalisar-se, assombrar-se, revoltar-se, por causa de paginas fugitivas sobre o imperador — que estavam para certos artigos de jornaes brazileiros ou para certos attaques do deputado Ottoni, como o contacto meigo de um setim — está para a mordedura do ferro em braza? Não se pode crer.

O que resta portanto nas *Farpas* de irritante para essa provincia tão susceptivel, que se encarrega de representar, de rugas na testa, a vingança amarellada do imperio? As ultimas paginas finaes sobre o brazileiro, o seu collete

verde salsa, a sua voz d'onde escorre o melaço... Pois é por isso que os brazileiros desembainham os estoques? O que! Pois brazileiros e portuguezes vivem ha cincoenta annos n'uma provincia, na communhão de negocios e de interesses, com cruzamentos de familias, na fraternidade inteira do trabalho, pacificamente, domesticamente — e de subito por tres paginas escriptas em Portugal, a 1:000 legoas, sem factos e sem accusações, mal risonhas e apenas malignas, os brazileiros arrancam-se a essa ligação, e esquecendo interesses, familias, amisades, serviços, a união municipal e provincial de 50 annos, deitam a capa para traz e aperram a clavina? De duas uma: ou a amisade dos brazileiros era tão debil, tão tenue, tão *fio*, tão *pellicula* que um epigramma bastou para a romper — e n'esse caso não podemos deixar de notar que Pernambuco é hypocrita: ou a intelligencia e a vontade de Pernambuco são de tal modo conformadas que basta uma phantasia de *folhetim* para as impellir aos excessos, e n'esse caso Pernambuco é idiota.

No primeiro caso, succede que durante 50 annos esconderam o seu odio como uma arma prohibida, — e então são indignos tanto são hypo-

critas. No segundo succede que revellaram uma organisação de sagui, a quem o voar de uma mosca põe em assombro e ira — e então são irresponsaveis tanto são levianos.

Ora não se comprehende uma população de milhares de almas — hypocrita ou doida.

Portanto, além da influencia das *Farpas, ha outra coisa*. Ha. E o que ha, v. ex.ª sabe-o superfluamente. Ha — que n'essas provincias semi-barbaras onde só ha interesses e instinctos, as relações entre os homens estão entregues ao acaso muscular da brutalidade: ha que entre portuguezes e pernambucanos sempre tem havido desordens regulares e periodicas: ha que o commercio de Pernambuco está nas mãos e nos cofres dos portuguezes que, mais activos ou mais intelligentes, o arrancaram dos cofres e das mãos pernambucanas: ha que Pernambuco não supporta esta colonia que se apossa, pela superioridade, da riquezá do paiz, em quanto os naturaes cáem em subserviencia: ha que em Pernambuco nos dias de regosijo, pela festa da independencia, sempre foi costume da parte dos srs. brazileiros matar alguns portuguezes — como aqui para festejar o santo do arraial se mata o leitão: ha que ultimamente, os animos

brazileiros, educados n'esta tradicção hostil, tiveram uma grande occasião de explosão, por causa da *companhia de navegação fluvial*. Esta companhia que v. ex.ª deve conhecer melhor que nós, tinha desencadeado uma grande effervescencia contra a colonia, por questões de dinheiro e de interesse — quando o volume das *Farpas* fez em Pernambuco a sua apparição risonha. A *Tribuna*, jornal sem credito e sem valor, mostrou-o como a decisiva expressão da infamia portugueza — e despertou a idéa da vingança brazileira. A *Tribuna* que era conhecida pelos seus attaques aos portuguezes, na confusa questão da *Companhia Fluvial*, ficou sem ecco, como um som esteril. Nenhum dos seis jornaes sérios de Pernambuco a acompanhou n'esta carga a *marche-marche* contra a colonia. E foi n'um grande silencio da opinião que a *Tribuna* continuou a floretear o seu odio estipendiado. Eis o que é exm.º sr. É que Pernambuco, nas *Farpas* não podia ver uma causa, mas encontrou um pretexto: teve vergonha de se bater com os portuguezes por uma questão de agiotagem e de usura, e tomou por motivo da sua ira uma questão de nacionalidade: encobriu a questão de dinheiro sob a questão de brio!

A verdade é esta, dizem-no todos os portuguezes que visitaram o Brazil, dizem-no todos os brazileiros intelligentes — o brazileiro detesta o portuguez. Detesta-o. Um pouco mais ainda talvez do que o americano detesta o inglez. O imperador com a sua vontade illimitada e pessoal impõe moralmente ao Brazil a colonia portugueza — que por outro lado a industria, o commercio, a importação de braços lhe impõem socialmente. Se ámanhã o Brazil como é logico, se desagregar n'uma confederação republicana, á americana, nós veremos estalar para os portuguezes a mesma hostilidade que repelle a Inglaterra dos Estados Unidos.

Esta é que é a verdade.

Emquanto ás *Farpas*, creia v. ex.ª que não são epigrammas que devidem nações. Sobretudo o Brazil. Essa enorme massa plebea só se agita sob a aguda sollicitação do juro e da agiotagem. Santo Deus! Seria sobrenatural, Pernambuco levantando-se por uma questão de espirito, de litteratura, de *phrase!* Seria indigno dos *sessenta por cento!*

Não está no espirito moderno e nos seus costumes que um povo, irritado por uma satyra, corra ás armas. Sobre tudo o povo bra-

zileiro na sua insensibilidade monetaria. Elle tem na consciencia alguma coisa da dureza metalica do pinto e da ferrugem do pataco: debalde a vespa dourada e faiscante morde o bloco de pedra, sr. presidente. Viu-se outr'ora isso entre chefes aventureiros e romanescos. Quando o voluptuoso e brilhante Thibalto, conde de Champagne, do seu castello de Provins em cujas muralhas estavam desenhadas a azul e oiro as suas poesias, entre folhagens e rosas de Saaron — lançava algumas das suas boas satyras cheias da *verve* d'aquelle paiz onde o vinho espuma — contra os seus visinhos dos castellos de Poitou, de Languedoc e de Toulouse, viam-se logo aquelles homens sanguineos e ingenuos, erguerem bandeira e descerem á planicie, e os paizes do vinho, do bello sul da França, ardiam em guerra. Ora, ex.^{mo} sr., nós não somos o brilhante Thibalto conde de Champagne — mas onde está o brazileiro, que seja o bravo conde de Toulouse, poeta e cavalleiro?

Sr. presidente, nós não consentiremos que Pernambuco nos tome para pretexto. Nós somos sempre *causa*. Repellimos o emprego subalterno e humilhante de *pretexto*. Além d'isso, sr. presidente, que se massacre uma colonia de portu-

guezes em virtude das *Farpas*, bem: mas que se attribuam ás *Farpas* massacres que lhe não pertencem, que se não originaram d'ellas, de que ellas são apenas o indistincto pretexto — isso não!... Nós não somos *os testas de ferro* da degolação dos innocentes: Se Herodes, o pobre Herodes acceitou, na religião e na historia, este papel grotesco, nós não estamos dispostos a seguir o exemplo d'este bom aziatico. Que os *massacres* pertençam a quem de direito. Ora os cadaveres de que se trata não podem ter a estampilha das *Farpas*. Ide bater a outra porta, oh senhores assassinados!

Nós sr. presidente, estimamos os brazileiros, decerto: admiramos alguns dos seus artistas, poetas e pintores; mas agora rir-mo-nos dos seus amarellos, dos seus barões de Ipatitilá, isso, estimavel sr. presidente, havemos de nos rir! Tanto mais que seria estranho que os senhores brazileiros se escandalisassem com o nosso riso, elles que nos prodigalisam lá os nomes injuriantes, os murros, os pesados fardos ás costas, a offensa e o desdem: pagam-nos é verdade, pagam-nos bem: por isso, não nos queixamos: sómente depois d'isso, julgamo-nos no direito de lhes fazer — o que faziam os *lazzaroni* aos

tyrannos que lhes davam pau e pão — pol-os em cantigas. E não seria menos estranho ainda que os srs. pernambucanos se irritassem com as nossas paginas sobre o seu imperador — que são delicadas e impreceptiveis ironias, onde ha respeito — elles que escrevem sobre o nosso rei, paginas que são pesadas e torpes como cebo derretido.

Essa provincia está barbara, sr. presidente. Esse odio commercial a uma colonia, manifestado por aggressões e pancadas, — não se vê na anarchia das republicas hespanholas que orlam o golpho do Mexico, não se vê já na instinctiva e rude California, não se vê já no centro d'Africa, nas regiões negras de Ujiji. É necessario que a intelligencia, o espirito, a consciencia estejam muito affogadas na bestialidade nativa e sertoeja — para que se decidam questões commerciaes — á faca. Teria que vêr se os srs. brazileiros depois de serem celebres pela sua ridicula bonhomia aspiravam a serem gloriosos pela sua ensanguentada ferocidade. É se elles, fartos de verem caricaturar os seus colletes, de um amarello de *canario* — querem mostrar-nos, emfim, colletes avermelhados de sangue.

Seja como fôr, sr. presidente, o que é verdade

é que Pernambuco está passando aos olhos portuguezes, sob a influencia dos jornaes — como uma cidade barbara, sem intelligencia, sem policia, disputando saccos d'arroz á faca, e inteiramente entregue aos habitos de sertão. Entendemos e é o fim d'esta carta — que v. ex.ª deve dar um desmentido radical — a esta opinião que se forma e que se solidifica. De outro modo, ex.mo sr., julgaremos que ha verdade no que se diz de Pernambuco e de seus costumes — e então, vendo que nada fez a Pernambuco a civilisação que ha tres seculos lhe mandamos, e que o Brazil recaiu na selvajaria de então, julgaremos dever recomeçar pacientemente a nossa obra, e tornar a mandar Pedro Alvares Cabral, para tornar a descobrir o Brazil. Acceite, sr. presidente, os protextos da nossa estima e não nos esfaqueie, sr. — e não nos esfaqueie!

Desde muito tempo a doce paz reinava entre os espiritos portuguezes. Ha um anno e dois mezes que nós percorremos a litteratura rufando

nos nossos tambores uma alegre alvorada belicosa. Apenas um ou outro Achilles pacato, em piugas e barrete de dormir, tem vindo á porta da sua tenda intimar-nos, em nome da somnolencia publica e da ordem, a que nos recolhâmos!

De resto os srs. Carreira de Mello e João Felix Pereira escrevem os seus compendios; Vidal, em fervidos anhelitos, pela varzea, colhe a bonina e pede senhora; Melicio, o provido, surte o escabeche do centro historico e o empadão burguez do *Commercio do Porto*, com o saboroso loiro que lhe enrama a fronte; as musas demolham o systema nervoso na *Deusa dos Mares*; Apolo pastorea a pasta da marinha, e Pegaso, á argola, encalmado, saccode a mosca.

E assim iamos vivendo todos: estes de peixe frito, aquelles de gloria, uns de brisas, outros de palha — e do mais que é preciso para a vida correlativa!

. ˙ .

Eis senão quando o sr. Theophilo Braga, apparecendo á janella com a bacia em que se lava a roupa suja em familia, despeja a turva discordia sobre a raça latina. D'aqui o diluvio.

. · .

O sr. Theophilo Braga, insigne erudito, entende que Portugal se acha actualmente dividido em duas facções irreconciliaveis e antinomicas, de cujo contacto inevitavel resultam os terriveis choques que abalam o equilibrio nacional e perturbam o progresso historico.

Estes dois elementos de lucta permanente e fatal são: para um lado o *mosarabe*, para o outro lado o *wehr-man*. O wehr-man, para que o definamos de uma maneira experimental e accessivel a todas as comprehensões, vem a ser, segundo o sr. Theophilo, aquelle individuo que pela fatalidade da sua origem aristocratica possue mais roupa branca no gavetão das camisas e mais agua *ambrée* nos frascos do lavatorio do que o jogral oriundo da Arabia, amante platonico da guitarra e da redondilha moirisca.

O mosarabe, fiel ás tradições da sua raça, odeia a nobresa gothica e o elemento latino, vilmente bandeado com ella, até o ponto de lhe sobrevirem escumas biliosas aos cantos da bocca sempre que olha para o sr. Melicio, por este se parecer com Livio, o historiographo, no nariz!

Para que possaes apoderar-vos completamente da indole do movimento litterario que agita hoje

o paiz, e de que nós damos conta, procurae, ó leitores, seguir com attenção o nosso raciocinio...

Estavamos no nariz de Melicio, suspeito de aberração latina. Prosigamos.

O sr. Theophilo Braga é mosarabe, o sr. Adolpho Coelho, seu amigo, tambem é mosarabe. Ambos teem talento, são ambos instruidos, ambos amam a redondilha, e como affirmação de raça ambos se dão o *chic* de escreverem — moiro. Ora o mosarabe tem sido sempre até hoje vilmente opprimido e calcado pelo wehr-man orgulhoso e alvar: tal foi a verdade historica, politica, litteraria e economica que o sr. Theophilo Braga arrancou com erudita mão das profundezas archeologicas. A eguaes resultados chegava parallelamente o sr. Adolpho Coelho espremendo sobre os manes de frei Domingos Vieira, o extincto lexicographo, os sumos vitaes da moderna glotica.

De modo que o sr. Theophilo disse um dia ao sr. Coelho: Démos o pontapé de exterminio no coxis latino.

Os mosarabes porém eram só trez, os srs. Theophilo e Adolpho e o povo oppresso.

Como o povo oppresso não podia comparecer

nos actos da conjuração, porque tinha mais que fazer, nomearam para o substituir o editor dos mosarabes o sr. Anselmo de Moraes, encarregado das vociferações insoffridas, das raivas concentradas, dos eccos longiquos, dos murmurios temerosos, da agitação das praças, dos supremos raptos vingadores da anarchia, e das mais coisas que n'estes espectaculos se incumbem ao povo — mulheres, creanças, anciões, tropa e camponezes — que passam ao fundo.

Assim em todos os episodios da memoravel lucta que em seguida se travou, vemos sempre Anselmo que perpassa ás carreiras no horisonte. E esta é a mais sympathica figura do quadro que temos diante dos olhos. Anselmo despedaçando os grilhões da tyrania! Anselmo arrancando com as mãos e com os pés a mordaça do fanatismo! Anselmo com a amuntulia do petroleo espargindo as instituições nefastas! Anselmo atolando os molares famintos nos reis e nos padres, causas de sua ignorancia e erros! Anselmo ancião amaldiçoando as cidades condemnadas com sua mão descarnada e tremula! Anselmo, infancia desvalida e brutalisada, que foge! Anselmo, pallidas e aterradas mães apertando ao peito creanças que maceram ás dentadas

o seio de Moraes... É sempre elle! elle que corre, elle que agatanha, elle que brame, guincha, trepa, sua, archeja, desfallece, deita a lingua de fóra. Basta, Anselmo, basta! Já percebemos tudo: tu és o povo *oppresso, anarchico e sublime*.

Se não queres mais nada, podes-te ir deitar, Anselmo de Moraes Plebe.

. ˙ .

O sr. Theophilo Braga, pela sua parte, é a historia, a critica, o processo de inducção, a sciencia moderna, Hegel, Taine e Sainte Breve, combatendo no primeiro plano, contra a rotina, contra o sentimentalismo, contra o espirito de tradicção, contra o stylo. No derradeiro folheto do sr. Braga, occupa-se o illustre professor do Curso Superior de Lettras, dos srs. Anthero do Quental, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins e Germano de Meirelles, considerados como adversos á theoria já exposta do mosarabe e do wehr-man, suas correlações, influencias e destinos.

Para refutar os seus adversarios o sr. Theophilo cita-nos d'elles o temperamento, o theor de vida, a dieta, as conversações, as anedoctas

biographicas, as cartas particulares, os gestos, os actos, os tiques!

Diz-nos que o sr. Quental leva a sua ignorancia dos factos da historia e dos processos da critica até o ponto de usar bebidas alcoolicas! Que o sr. Chagas é tão superficial de doutrina e tão exiguo de entendimento que procurou ser apresentado ao sr. Theophilo, fazendo-lhe cortezias, apertando-lhe a mão e chegando a dizer-lhe que estimava muito ter a honra de fazer o seu conhecimento! Que o sr. Oliveira Martins desmascarara as profundezas da sua inopia escrevendo ao mesmo sr. Braga uma carta em que lhe pedia que o apresentasse a um editor portuense! Que finalmente o sr. Germano de Meirelles é tão estupido e está tanto abaixo de toda a attenção da critica que até chega a ser aleijado dos pés!

Taes são em resumo os resultados scientificos apurados pelo illustre critico por meio dos novos processos de inducção na sua derradeira obra. Dizemos *em resumo*, porque o sr. Theophilo Braga dilata-se nas accusações com que verbera os seus amigos até o ponto de produzir affirmativas que nos não é permittido repetir e que poderiam caber apenas em tratados patho-

logicos especiaes de *males vergonhosos* e de *enfermidades secretas.*

Alguns dos individuos accusados no folheto do sr. Braga retorquiram com grandes violencias de palavras.

. * .

Finalmente, depois de varios golpes trocados entre os contendores a polemica expirou no meio da indifferença publica sem que o ponto historico que se pretendia discutir se tirasse aclarado da refrega.

Esse grupo de mancebos, o mais vivido da mocidade portugueza, a guarda intelligente e briosa da tradicção artistica, os portadores das novas idéas que agitam o nosso tempo e que hão de revolucionar e transformar o futuro, elles, os eleitos, pugnaram pelos seus mais altos interesses, pelos interesses da intelligencia, com o sceptismo molle, abandonado, das naturezas vulgares.

Poetas, publicistas, escriptores, a bohemia terrivel dos antigos doidos, insultam-se e desdenham-se com o sangue frio de potencias bancarias, com o tradiccional e barrigudo desleixo burocratico!

Bom indicio para a tranquilidade dos animos

conservadores! A mocidade contamina-se ao contacto estreito e permanente dos egoismos de uma sociedade senil.

E todavia cremos positivamente que esses moços são no seu intimo graves, honrados e dignos. Teem o brio de homens, o que lhes falta são os orgulhos altivos e percacientes de escriptor.

A burguezia achatou-nos até este ponto: que se extinguiram todos os interesses moraes de classe. A republica litteraria acabou. Porque? Pela mesma razão porque acabou tambem a politica. Quem governa os ministerios é o sr. José Ribeiro da Cunha, o sr. Chamiço, os srs. Fonseca Santos e Vianna. Os srs. Fontes e marquez de Avila preponderam, porque são banqueiros.

Na litteratura quem manda é o sr. Filippe de Carvalho, da *Correspondencia de Portugal* e o sr. José de Sousa Carqueja, do *Commercio do Porto*.

Como a imprensa não passa de uma burocracia officiosa, o escriptor em colera descobre o fio ao amanuense despeitado. A ultima obra do sr. Theophilo Braga versa sobre uma questão de *concurso*. A polemica litteraria foi de insultos na imprensa. Tal qual como a polemica politica no parlamento, como a polemica commercial na al-

fandega, como a polemica individual na arcada, no Gremio ou no Martinho. Decididamente o laço da grande irmandade burgueza cingiu-nos a todos.

Isto é a paz geral, é a santa concordia entre as differentes aggregações constuitivas do povo portuguez — artistas, litteratos, poetas, philosophos, politicos, professores.

Ha um unico receio, ha um só ponto negro na claridade lisa do horisonte: é o proletario.

O proletario começa a metter medo. Attribuem-se-lhe as revoltas, as conspirações, as vagas hostilidades latentes no seio social. Isto ainda não tem grande fundamento, mas já tem muita razão. Uns dizem que o proletario é internacional, outros que é communista, que ou é Fourrier, ou é Luiz Blanc, ou é Karl Max. Não se sabe ao certo o que elle é. O que se sabe é que o proletario não é burguez. E entre nós o unico homem que não é burguez — eis o horror — é o proletario.

Por tudo isto, pelo sr. Theophilo Braga, pelo mosarabe, pelo wehr-man, e pela litteratura em geral, as nossas saudações á Baixa, e os nossos parabens — aos cambistas.

A s. ex.ª o sr. marquez de Angeja

Depois das innumeras cartas que Nicolau Tolentino de Almeida dirigiu em prosa e em verso ao avô de v. ex.ª pedindo-lhe as pernas de perú que sobravam dos seus jantares, é talvez esta, no seculo XIX, a primeira carta impressa que os magnanimos Angejas tornam a receber de litteratos humildes!

Vão ficar por certo extranhamente surprehendidas as sombras gloriosas dos antepassados de v. ex.ª, habitantes das galerias brasonadas d'esse antigo solar, quando nós declararmos, como solemnemente declaramos, que não trazemos os cotovellos rotos, que não temos a côr terrea e macilenta da fome, que nos não sáem os manuscriptos cebaceos pelas aberturas esgaçadas das algibeiras, que nos não surgem palhas das empeçadas cabelleiras, que finalmente não vimos pedir a v. ex.ª — nem jantar, nem mote!

De tal modo, sr. marquez mudaram os tempos para fidalgos e para poetas no prazo dos ultimos oitenta annos!

A que saudosa distancia não estamos da côrte toireira, de rabicho, do mui alto e poderoso rei D. José e da não menos alta e virtuosissima rai-

nha a senhora D. Maria I, os quaes Deus Nosso Senhor tenha na gloria sob a sua santissima guarda!

Pois, sr. marquez, nós lemos com attenção e muito apreço litterario e archeologico o manifesto ultimamente feito por v. ex.ª ao paiz. Emquanto á parte propriamente politica d'este notavel documento nada se nos offerece dizer senão que a achamos bem. V. ex.ª ataca frente a frente os seus inimigos e assigna lealmente o seu vigoroso libello. Isto é logico, é claro e é digno. É sobre tudo de bom gosto. Quaesquer que sejam as razões que obriguem um cidadão, á luz do dia, a pegar na hypocrisia constitucional e burgueza por uma orelha, e a pol-a fóra da sua porta, o facto em si agrada-nos sempre como um testemunho publico de aceio de costumes.

O nosso unico reparo, ex.ᵐᵒ sr., é puramente na questão genealogica.

Disse-nos v. ex.ª que descendia do grande Affonso de Albuquerque. Depois do que, entende v. ex.ª ser mister que a mais cega malevolencia insista em denegrir o seu caracter para que immediatamente se não veja que v. ex.ª está pela natureza, pelo sangue, pela stirpe, acima de

toda a suspeita de rebelião contra a independencia e contra a autonomia da sua patria.

Ora com o sr. D. Affonso de Albuquerque, por cuja infausta e prematura morte aproveitamos este ensejo para dar ainda uma vez os nossos sinceros pesames a v. ex.ª, succede que elle, s. ex.ª o sr. D. Affonso, houve apenas um unico herdeiro, seu filho o sr. D. Braz. Este edificou em Lisboa a egreja da Graça e expirou sem descendencia, mas não sem uma avultadissima herança. Mais tarde um dos Noronhas succedeu no vinculo tomando para esse fim o appelido dos Alquerques. Temos pois que o descendente de D. Affonso de Albuquerque é seu filho Braz, o qual serve de tronco em seguida aos Albuquerques de Noronha, entre os quaes, sr. marquez, v. ex.ª figura. Ora do alludido sr. D. Braz de Albuquerque sabe-se que não só não amou a autonomia e a independencia da sua terra até o ponto de legar aos seus descendentes uma egide impenetravel ás setas envenenadas do *Diario Popular* e da *Revolução de Setembro*, mas que pelo contrario entrou na reunião da *Casa dos bicos*, cuja era dono, onde varios cavalheiros e fidalgos decidiram unanimemente offerecer a Filippe de Castella a corôa portugueza.

Dizendo-nos v. ex.ª que não conspira, e bastando-nos inteiramente sobre este ponto a honrada palavra de v. ex.ª, folgamos de cumprimental-o, sr. marquez, porque v. ex.ª herdou de Albuquerque o appelido e o morgado, succedendo-lhe nas honras, porém não lhe succedendo nas manhas.

De v. ex.ª admiradores dedicados, posto que divergentes.

A *Revista das sciencias ecclesiasticas*, o orgão mais qualificado e mais grave das idéas e opiniões do clero portuguez, offerece-nos ácerca da instrucção o seguinte alvitre :

«Que não é mister adoptar o systema de excessiva propagação das luzes, que acabaria por desclassificar os individuos e as familias» (*Revista das sciencias ecclesiasticas* tomo II pag. 443.)

. . .

Isto é claro, concludente, terminante. Os illustres ecclesiasticos emquanto a instrucção são pelo exclusivo e pelo monopolio. No momento em que todas as sociedades são concordes em

admitir absolutamente, na egualdade dos direitos humanos, o direito de aprender, o clero portuguez, como se se tractasse de um problema casuistico, distingue. Quando a instrucção não desclassifique, *sim*; quando desclassificar, *não*.

. · .

Ora se os senhores ecclesiasticos entendem que a instrucção *desclassifica as familias*, é claro que para suas excellencias reverendissimas as familias se acham classificadas pela instrucção. Familia A — a que não sabe ler nem escrever. Familia B — a que soletra. Familia C — a que sabe os verbos... E assim por diante, até á familia Z, que será o do sr. Theophilo Braga, o qual sabe tudo, razão que o desculpa de não ter tido tempo para estudar mais nada.

Tal é a familia como o clero a divide, interpondo a prohibição de que tal ordem jámais se confunda ensinando-se aos debaixo o que aprenderam os de cima.

O que suas excellencias se esqueceram porém de ordenar foi que as familias superiores invadissem pela sua ignorancia as classificações que lhes ficam subalternas.

Convem, sim, como suas excellencias dizem

que cada familia saiba o que sabe, e que nunca aprenda mais do que sabe, para que se não *desclassifique*. Mas notae, senhores que não estudando, como vós ordenaes, as familias por fim esquecem-se, e *desclassificam-se*, vindo para baixo do mesmo modo que se fossem para cima!

Dizem com dôr os senhores padres «que as letras são a desgraça do mancebo que sáe da *classe baixa* porque nutrem n'elle sentimentos de orgulho e pensamentos de cubiça» (*obra citada, folha referida*).

Ora o seculo não pode, como suas excellencias inculcam, intervir n'estas fatalidades. A sociedade secular por tal modo se acha instituida que entende que a instrucção é uma sagrada garantia de egualdade evangelica, porque destroe as castas nivelando o tal mancebo que sáe da classe baixa com o mancebo da *classe alta*.

Portanto os poderes temporaes não podem ter senão indifferença para a doutrina clerical das restricções do saber.

. ˙ .

Para estes males não vemos senão um remedio, de que vamos fazer presente aos senhores ecclesiasticos para complemento do seu systema. O melhor é que a gente em cada anno se

desobrigue aos pés de suas excellencias, não só d'aquillo em que peccou, mas tambem d'aquillo que aprendeu. Assim poderão os senhores ecclesiasticos encaminhar o mancebo para a perfeição e para a pureza, perguntando-lhe os peccados e os nominativos, catando o rebanho na doutrina christã e na grammatica latina, e raspando a ponto no coiro tenro da ovelha a lepra do orgulhoso *sum-es-fui* e a tinha do cúpido *qui-quae-quod*.

A Sua Magestade o Imperador do Brazil

Senhor

Ha cinco mezes, escreviamos a Vossa Magestade imperial, nas *Farpas*, uma carta finamente argumentada e cheia de supplica — em que pediamos para os cavalheiros que illuminaram tão originalmente o Rocio, — a ordem da Rosa. Acabamos, senhor, de ler os seus nomes com uma alegria victoriosa, entre os agraciados, por esse

continente fóra, com a estimavel condecoração que é uma grinalda de rosas de todo o anno, sobre um fundo de relva verde. Vossa Magestade não podia realmente deixar n'uma penumbra desdenhosa pessoas que tão fervorosamente entreteceram os ares de festões de gaz, na semana historica em que Vossa Magestade esteve n'esta capital desbotada, simples como um sabio e sabio como um grave *in-folio*. — Todos os obsequios acham reconhecimento n'um coração lar-go, e por isso Vossa Magestade foi justo, mandando a Rosa tanto ao sr. Thiers, que lhe deu perdiz — como a estes, que lhe deram gaz.

E se em algum peito essa condecoração tem uma collocação legitima e logica é decerto no d'aquelles que torceram com mão tão engenhosa ligeiros tubos de chumbo sobre obeliscos de pau. Por que Vossa Magestade não esqueceu decerto os trabalhos violentos a que se deram esses espiritos robustos e amigos: seus suores; seus cabellos embranquecidos; seus sopros pelo tubo ingrato. Se succedeu que nos dias consagrados, o gaz não ardeu é porque vieram dos céos inimigos ventos amargos e depois — como dizia a uma antiga infanta de Hespanha, triste por se lhe ter desfolhado uma rosa, a sr.ª mar-

queza de Campo Dueño — « tudo na terra pertence aos principes excepto o vento. » E nem por isso devia ter esquecido a Vossa Magestade que elles, se tiveram um exito cheio de trevas, tinham tido uma intenção cheia de luminarias.

Emquanto a nós, senhor, que pedimos para elles a Rosa — em paginas convincentes, vimos pôr aos pés de Vossa Magestade um reconhecimento ineffavel.

Vossa Magestade deu, além d'isso, por este facto um grande incentivo á luminaria. Não imagina Vossa Magestade quanto ella andava entre nós, desdenhada e desacostumada do triumpho. Vossa Magestade recompensa-a, condecora-a, nobilita-a. Vossa Magestade põe-n'a ao par das grandes batalhas ganhas, dos nobres serviços prestados, dos bellos livros escriptos. Vossa Magestade condecora o sr. Alexandre Herculano, e condecora-os a elles: seguro juizo, agudo criterio: porque em verdade não vemos muito em que a *Historia de Portugal* seja superior ás luminarias do Rocio.

A luminaria, senhor, era atrozmente desprezada no senso publico: ella era como a *paria*, ella era como o escravo. Vossa Magestade dá-lhe a alforria, a fidalguia, os altos destinos,

D'aqui por diante pôr luminarias será como ter ganho a batalha de *Sadova*, e dir-se-ha com orgulho, entre os vindouros : o author das luminarias da rua da Bitesga ! — como hoje se diz Meyerbeer, author dos Huguenotes !

Que ao menos a luminaria, nos seus profundos destinos, se não esqueça dos obscuros authores das *Farpas*, que foram, quando ella era pobre, despresada, e vivia no aviltamento da indifferença, os unicos a escrever por ella, e provando a sua grandeza, revindicaram o seu direito.

E Vossa Magestade creia que a luminaria não lhe será ingrata. Nós conhecemol-a bem : sobre tudo quando é de azeite é de uma fidelidade animal e ainda que se diga que ella alumia e reluz tanto pelo rei como pela republica — nós sabemos oh principe, que ella, vos será fiel, a luminaria !

E em quanto a nós a quem Vossa Magestade concedeu a honra de attender n'esta alta sollicitação — pomos os nossos respeitos aos pés do throno imperial, a que as sombras da Tijuca e o gorgear da aroponga — deem um encanto inextinguivel.

Existem em Portugal dois estabelecimentos monumentosos de caridade, os quaes nós pomos em nosso dever mostrar-te, leitor amigo, para que tu vejas quanto póde a maior das inepcias corrompendo a maior das virtudes.

Trata-se do hospital de S. José na cidade de Lisboa e do hospital da misericordia no Porto.

. · .

A sociedade das sciencias medicas, em uma das suas ultimas sessões, definiu nas seguintes palavras o hospital de S. José:

É um mau edificio, um grande casarão, impossivel de ventilar. Com as janellas fechadas damnifica-se promptamente a atmosphera, tornando-se infecta. Com as janellas abertas ha um vento insupportavel. Quando chove é necessario que os empregados corram a affastar as camas e a collocar bacias em differentes pontos para aparar a agua. As administrações teem diligenciado melhorar o edificio para evitar tudo isto, mas nada teem conseguido, porque o edificio tem vicios insanaveis» (Jornal da sociedade das sciencias medicas n.º v pag. 145.)

O sr. dr. Bernardino Antonio Gomes publicou esta phrase: «O hospital de S. José é uma

sentina onde se arremessam todas as miserias humanas.»

Não obstante os relevantes progressos que tem feito a sciencia nos ultimos tempos e as obras porque tem passado o hospital, a mortalidade é hoje egual á que havia ha cem annos. De seis doentes morre um. (Vide estatistica official.)

Está provado que o hospital não póde conter mais de 450 doentes. Encerra 850.

Nos sotãos do quarto pavimento (!) fizeram-se ainda ultimamente enfermarias para creanças.

No primeiro pavimento ha muitos doentes que estão em casas sem soalho.

O edificio está situado entre varios foccos de insalubridade, o hospital do Desterro, o de S. Lazaro, o asylo de Mendicidade.

Junto do hospital plantou-se uma horta, achando-se no entanto provado que as exhalações das couves e das chicoreas são tão nocivas á saude como as dos pantanos. A horta é das dependencias do hospital de S. José a que mais prospera.

Dentro da casa onde está estabelecido o primeiro monumento hospitalar do paiz grassam de continuo enfermidades especiaes d'a-

quelle sitio, — como as febres negras nas regiões dos tropicos. Basta residir no hospital de S. José para adoecer das molestias que elle, de per si só, origina, influe e contamina. Estas doenças, que teem nomes locaes, intitulam-se: *a diarrhea da casa, a erysipela, a gangrena do hospital.*

O sr. V. F. de Moura é auctor das seguintes linhas: «Ha doentes que morrem porque são envenenados pela atmosphera impura do hospital de S. José. Houve um doente que ha poucos mezes entrou n'esse hospital para se curar de uma doença ligeira e saiu d'alli com a *diarrhea da casa*. Este doente foi-me recommendado por um amigo meu; tentei salval-o, mas, apezar de todos os meus cuidados e de um tratamento desvelado, não foi possivel evitar-lhe a morte. O hospital de S. José é uma fabrica de *erysipelas*, de *diarahea do hospital*, de *gangrena do hospital.*»

O medico sr. Theotonio disse: «Estou convencido que com o processo de inhumação hoje usado entre nós é provavel que se enterre gente viva.» Creou-se então no hospital uma casa mortuaria, onde o suspeito cadaver é posto em communicação com um jogo de campainhas desti-

nadas a tangerem ao menor movimento do corpo a que são communicadas por um systema de fios de arame. Ha dias, na referida casa mortuaria, appareceu viva de manhã uma mulher que estivera durante a noite ligada ao carrilhão mortuario: todavia nem uma só campainha telintou! A casa mortuaria é portanto inteiramente inutil e continua por conseguinte a ser *provavel*, hoje como no tempo a que o sr. Theotonio se referia, que pelo actual processo de inhumação se *enterre gente viva!*

∴

Nada mais horrivel, mais negro, mais pavoroso do que essas simples notas que extrahimos de documentos scientificios officiaes e que damos, sem commentarios — descarnada anathomia dos factos!

O publico na sua miseravel indifferença pelos assumptos mais vitaes da humanidade, da civilisação e da sciencia, passa por cima d'estas importantes questões com a insensibilidade do agricultor morto, levado á mão pelo silencio dos campos, sobre a devastação das cearas de que elle já não enfeixará as pavêas nem amontoára as médas.

Para que a politica e a imprensa se consagre a tão elevado objecto é preciso que a polemica converta de quando em quando em questão pessoal a questão hospitalar, a questão hygienica, a questão humana, a sciencia, a moral e a vida. Puff! Não é d'isso que se trata. Trata-se do sr. Alves Branco e do sr. Torres Pereira. E então a publicidade, inquieta e avida, discute o sr. Torres Pereira e discute o sr. Alves Branco. Então os prelos gemem, os deputados puxam o catharro do officio, pedem o copo d'agua da occasião, e do governo baixam portarias.

. · .

Todavia tal é ás vezes a força das coisas que ellas arrastam comsigo a inercia dos individuos. Nomearam-se commissões technicas encarregadas de escolher local, de planear casa, de determinar o numero dos enfermos, e o governo prometteu a edificação de um novo hospital.

O qual hospital não se fará.

Por muitas razões, das quaes a ultima é esta:

Por muito que o actual ministerio se demore no poder, o novo hospital demorar-se-ha mais do que elle nas informações, nas consultas e

nos projectos. Porque um ministerio tem uns poucos de partidos que o empurram para irem para o logar d'elle. Os partidos na opposição esperam, fazendo bulha, que o seu momento chegue, e mandam todos os dias ao Paço queixas ao poder moderador de que ha tantos mezes e tantos dias que os seis correios de secretaria choitam atraz dos mesmos individuos com exclusão e desaire do resto dos cidadãos. Até que um dia o poder moderador chama os seus correios e diz-lhes: «Perguntem lá em baixo qual é o partido que está á vez e desde ámanhã por diante principiem a trotar atraz d'elle.»

Ora o hospital está quieto ao seu canto, digerindo pacatamente os seus doentes, sorvendo-os por um buraco da infecção e da miseria das ruas, e depositando-os por outro no silencio dos cemiterios. O hospital não passa de carroagem no Chiado, não viaja nas provincias, não tem centro nem jornal, não vae a Cintra levar representações a El-Rei, não recebe grã-cruzes de S. M. o imperador do Brazil, e ninguem trota atraz d'elle. De sorte que os ministerios passam, os hospitaes ficam.

. ˙ .

Da santa casa da misericordia do Porto são muito mais antigas que a respeito do hospital de S. José as queixas, as accusações e as invectivas.

Collocado na depressão de duas encostas, cujas vertentes se empoçam no ponto em que elle está construido, o hospital de Santo Antonio do Porto assenta n'um pantano. Em 1868 tratando-se de estabelecer ali uma lavanderia, abriu-se um poço na cerca do edificio. O relatorio official d'esta obra diz que a 16,^{m}28 o poço produzia 54 pipas d'agua em vinte e quatro horas!

Os alicerces do edificio, immensa mole de granito, com abobadas e paredes de *tres metros* de espessura, — mergulham-se em agua atravez de oito metros de entulho poroso e movediço. As aguas subterraneas, em virtude da pressão e da capillaridade, sobem pelas paredes junctamente com as exhalações da *drenagem* e evaporam-se em miasmas aquosos e putridos dentro do edificio. Tem este hospital por visinhança intima, os seguintes estabelecimentos: o quartel da guarda municipal, o mercado de peixe, o hospital do Carmo e as cadeias da relação. Está a cavalleiro do rio, cujos nevoeiros letaes o envolvem e penetram. De resto no coração da cidade.

De dados officiaes publicados em 1868, colhe-se que n'uma das enfermarias, a de Santo Antonio, com capacidade legal para 36 doentes, havia 49. Esta enfermaria communica por um corredor escuro em que estão estabelecidas as latrinas, sobre um saguão, com a enfermaria de S. Pedro. Nem uma nem outra teem ar nem luz. As janellas dão sobre uma arcaria interior. Sobre estas enfermarias ha outras duas com 30 camas cada uma, e exactamente em identicas condições. O mesmo saguão, egual corredor, similhante falta de ventilação e de luz.

A enfermaria de clinica cirurgica, com capacidade para nove camas, tem 13 doentes. As paredes escorrem agua. Nunca lhes bate o sol.

A enfermaria de Nossa Senhora do Pranto tem apenas a altura de 4,^{m}27. A sua capacidade offerece ar para 11 pessoas. Encerra 32 doentes.

A enfermaria do Senhor de Mattosinhos, tem capacidade para 10 pessoas, altura 4,^{m}60, contem 23 camas. Ao lado d'esta enfermaria e com serventia para ella ha outra, que não poderia conter mais de 16 camas, e onde no entanto se acham 40 doentes. Segue-se na mesma sala a enfermaria de Santa Catharina, com capacidade para 10 doentes, e com 39 camas.

Isto é horrivel, é pavaroso, é inacreditavel! Todavia os dados a que nos referimos bem como outros que citaremos ainda, foram publicados ha quatro annos em um jornal do Porto, o *Correio Mercantil*, e ninguem contestou que fossem authenticos e cabaes. Não ha commentarios para factos d'esta natureza. Em tão lugubres profundidades a palavra extingue-se.

Além de que temo-nos occupado até agora unicamente de algumas das enfermarias que existem em dois pavimentos do hospital da misericordia da cidade do Porto. Restam-nos ainda as aguas-furtadas. E nas aguas-furtadas ha tambem enfermarias. Uma d'ellas é a de S. Luiz. Tem 2,^{m}20 de altura e de capacidade o espaço exigido para duas camas. Sabes, leitor, quantos doentes contém a enfermaria de S. Luiz? *Quatorze!*

A accumulação no terceiro andar e nas aguas furtadas do hospital do Porto é tal que por vezes tem sido necessario adoptar o seguinte expediente:

Metter dois doentes na mesma cama!

Vós, os que morrestes no fundo de um carcere, ao canto de uma enxovia, no tormento dos tribunaes secretos, na inclemencia das ondas,

ou no campo da batalha sob as rodas da artilheria, consolae-vos porque na violencia do desastre, morrestes docemente, se compararmos o vosso passamento ao d'alguns que expiram na quietação sob a aza da caridade no hospital do Porto! Ahi, velhos, apodrecidos pela enfermidade, cadavericos, moribundos, acorrentam-vos no mesmo leito a um companheiro de morte, egualmente cadaverico, egualmente moribundo. Quem sois? d'onde viestes? que recordações da vida tendes um e outro para vos communicardes? Não o podeis dizer. N'esse mysterioso e derradeiro *rendez-vous*, tendes apenas a communhão da transpiração tabida da agonia e dos soluços finaes. Sois um para o outro como um espectro pavoroso. Até que, uma noite, á luz tibia de uma lanterna suspensa do tecto, um dos moribundos sob o mesmo lençol, no mesmo suor, na mesma exhalação, sobre o mesmo travesseiro, vê o outro convertido em cadaver, com os olhos immoveis e vidrados, o peito frio e a bocca escancarada pela desarticulação das maxilas. E ha um dos dois que ainda vive e espera na mortalha do seu companheiro que a manhã appareça e que levem o outro para a cova.

Ao mesmo augusto personagem de laudas 30

Senhor

Por mais uma vez acabamos de ler a lista das imperiaes graças e mercês honorificas com que á alta sabedoria e imperial munificencia de Vossa Magestade approuve galardoar o merito dos mais distinctos litteratos nossos compatriotas.

Acabamos de o ler, senhor, porém não acabamos de o acreditar! Será uma atroz illusão do nosso orgão desvairado, ou seria Vossa Magestade vil e infamemente atraiçoado em seus propositos pelo *semanario* encarregado da expedicção do ultimo correio de Vossa Magestade?

Não o sabemos decidir, ó magnanimo principe, porque a dôr e o despeito offuscam-nos por egual o olho e o criterio.

É certo, imperial senhor, e d'isto damos a Vossa Magestade a nossa palavra, que na lista dos escriptores portuguezes agraciados por Vossa Magestade com as condecorações brazileiras, não encontramos os nossos nomes. Não, senhor! agora mesmo teimamos em tornar a ler o rol tão honroso, quanto defficiente. Os nossos nomes foram eliminados — eliminados por mão

traiçoeira e venal comprada por uma invejavil e por uma animosidade tão negra que estamos certos de que se ella estivesse aqui, no logar d'este papel, nós, com esta negra tinta lhe deitariamos em cima um borrão branco! Fomos comidos, senhor, fomos roubados. Pesa-nos, ó principe, vir lançar tanta magoa em tão grande peito, revelando-vos a abjecta intriga que suspendeu em detrimento de nossas pessoas o vosso punho munificente e dadivoso. A verdade porém é esta: aqui está a lista dos condecorados — cá estão elles todos! E os nossos nomes onde é que estão? Que fizestes dos nossos nomes, ó Cezar?

E esta pergunta, que humildemente vos dirigimos, a posteridade, que ainda hoje interroga Varro ácerca das suas legiões, esta nossa pergunta ella a repetirá sobre o vosso tumulo:

Que fizeste dos nomes d'elles, ó tyranno?

E a vossa sombra perpassará melancolica, sob os pallidos silencios da lua, amaldiçoada pela historia! pela historia tremenda, incorruptivel, implacavel! pela historia que viu o nosso presado collega e amigo Molière á mesa de Luiz XIV, que viu o nosso collega e sempre chorado amigo Voltaire nos sophás do grande Frederico, que viu Francisco I aos pés do Ticiano!

Quando a vossa sombra, imperial senhor, apparecer na gloria — com a mala — a procurar reunir-se aos grandes reis que amaram os grandes homens, a historia affastar-vos-ha com a sua mão d'aço e dir-vos-ha: Para traz, ingrato! Mostrae essa mala, ou declarae onde os mettestes, e que lhes fizestes, aos nomes *Elles?*

E *Elles*, aquelles de quem a historia dirá simplesmente *Elles, Elles* seremos — nós!

E emquanto por tal modo a historia vos interrogar, como a um soberano cuja magnanimidade carecerá de garantias, nós, no empirio, com o bigode ungido pelas immortaes pomadas, com o loiro immarcessivel na casa da casaca que deixastes devoluta, de perna traçada, nos esplendores siderios, lançaremos o fumo dos nossos charutos ao rosto de Leão X, que olhando-vos de revez sorrirá de orgulho, emquanto nós sorriremos tambem, se nos der para ahi, olympicamente, de desdem.

Esperamos ainda, esperamos o proximo paquete, esperamol-o com firmeza, na attitude elevada e nobre de quem sabe, porque uma voz intima lh'o está bradando, que da Tijuca, atravez dos mares, o dedo grande de Pedro aponta o nosso peito.

. ˙ .

Espalharam em Lisboa os inimigos do imperio, pessoas assalariadas pelos parentes do infame Lopes e pelo nefasto governo da republica argentina, com o manifesto fim de desacreditarem Vossa Magestade, que Vossa Magestade conversando debaixo de segredo com alguns academicos nos antepusera o sr. Alexandre Herculano. Nunca nos deixamos embair por tão ridicula invenção. Acima de nós, o sr. Herculano? Em que? perguntariamos. Porque razão? Por um triste e exiguo coelho cosinhado á burgueza, que elle offereceu a Vossa Magestade em Val de Lobos, um coelho manso, caça de artificio, creada na horta, sem o bravo sabor das hervas do monte ou da salsugem das ribeiras, engordado a couve, molle, flascido, desenxabido? Mais do que a gente, elle, por isso, por um coelho — manso? Não! Vossa Magestade não poderia allegar sobre nós uma semelhante superioridade sem que lhe tremesse a sua imperial voz de remorsos e de enguilhos.

Vossa magestade sabe quanto nós extranhamos que não viesse jantar egualmente comnosco... E — oh! — não seriamos nós que dariamos a uma pessoa como Vossa Magestade coe-

lho manso! Coelho! Dizemos nós coelho! Ninguem porém ignora as mystificações a que se presta um similhante alimento. Nós queremos crer que fosse coelho, todavia sempre diremos a Vossa Magestade que é voz publica no districto de Santarem que, quando Vossa Magestade d'ali se retirou, coincidentemente se retirara tambem — um gato!

Nós seguimos Vossa Magestade em toda a sua peregrinação. Fomos os seus chronistas. Narramos os seus factos e feitos. Descrevemol-o, pintamol-o, cantamol-o como principe, como sabio, como viajante e como incognito, esculpimos nas paginas das *Farpas* a sua *Illiada*, consagramos-lhe finalmente um dos volumes d'esta nossa obra, a unica na Europa a que Vossa Magestade serviu de assumpto.

Seria acaso possivel que depois d'isto, Vossa Magestade, calando a voz profunda da gratidão...

Somos sobresaltadamente interrompidos.

Dão-nos a noticia de que chegou um paquete. É talvez o que traz as nossas nomeações cheias de louvores e as respectivas insignias cravejadas de brilhantes.

Corremos ao seu encontro e desde já pedimos

licença a Vossa Magestade para termos a honra de assignar-nos

De Vossa Magestade e da imperial ordem da Rosa

COMMENDADORES, SERVOS E AMIGOS.

Post-scriptum á bem elaborada carta precedente enderessada ao notavel personagem do já citado folio.

O correio chegado d'esse imperio nenhuma condecoração trouxe ainda para nenhum de nós! Sem querermos por nenhuma forma prescrutar os secretos designios de Vossa Magestade a nosso respeito, cremos ter adivinhado parte, pelo menos, da surpresa que Vossa Magestade sabiamente nos prepara para o correio proximo, e pomos de antemão os nossos profundos agradecimentos aos pés de Vossa Magestade, passando a assignar-nos

De Vossa Magestade e da imperial ordem da Rosa, bem como da do Cruzeiro do Sul

COMMENDADORES, SERVOS E DIGNITARIOS MUITO AGRADECIDOS.

Noticias de Timor

Eis o que um viajante inglez, Russell Wallace, diz em resumo d'quella colonia, onde chegou depois de ter atravessado as ricas e poderosas colonias holandezas :

« Metade de Timor, pertence aos portuguezes : é extraordinario o contraste entre esta região e a parte holandeza : ha tres seculos que os portuguezes a possuem e não ha em todo o paiz uma legua de estrada, nenhum residente europeu no interior. Os empregados do governo roubam os indigenas, como n'um saque, e apezar d'isso nenhum meio de defeza no caso de um attaque da cidade de Delli. Os officiaes portuguezes, são ali tão ignorantes que tendo recebido um pequeno morteiro e obuzes não sabiam servir-se d'elles. Durante a estada de Russell Wallace, rebentou uma insurreição : o commandante que a devia combater fechou-se em casa dando parte de doente : os insurgentes cortavam com toda a facilidade os viveres á cidade, de sorte que foi necessario ir supplicar um soccorro tardio ao governador hollandez d'Amboine... »

Desleixo, roubo, estupidez e covardia ! Parece-nos que Portugal seria exigente, — desejando

aos que governam e defendem as suas colonias, — maior somma de qualidades nobres.

Á alma de D. Pedro IV, nos Elysios

Senhor:

Esta carta, a exemplo das que os humoristas de 1830 escreviam a Voltaire, que Vossa Magestade deve ahi conhecer, com o seu adunco perfil cortante e subtil, — é escripta na supposição que ha uma região cheia de silencio e de immobilidade, como a dos paizes Cimmerios onde as almas vivem n'uma abstracção transparente, possuindo a vitalidade do espirito, sentindo, interessando-se, conversando e recebendo o seu *correio*. Doce deve ser esse logar: lagos calados como a neve; alamedas de myrto tranquillas como as vegetações dos sonhos; regatos mudos que vão com a tranquillidade rithmica de um verso de Virgilio; sombras profundas como tumulos; e em tudo um repouso augusto e inef-

favel. Que Vossa Magestade nos perdõe — o arremeçarmos para ahi como glebas grosseiras, noticias da vida — mas nós queremos contar-lhe o que se passou aqui, n'esta cidade onde Vossa Magestade viveu, por occasião do dia 24 de julho de 1872.

Não sabemos se Vossa Magestade se lembra ainda do dia 24 de junho. Para as almas que palpitam ahi, na sombra inevitavel, os factos da vida terrestre devem ser como farrapos fuscos de sonhos extinctos, sem intenção e sem idéa. Mas Vossa Magestade pode perguntar ahi ao seu velho amigo duque da Terceira; lembre-lhe a batalha de 23, e os fogos accesos de noite no pontal de Cacilhas!

Ora deve saber Vossa Magestade que durante 36 annos o dia 24 de julho e as suas glorias, estiveram sepultadas insondavelmente no fundo das memorias veteranas. Nunca ninguem se lembrou que n'aquelle dia o duque da Terceira tivesse dado uma capital ao constitucionalismo. Os velhos, senhor, teem a memoria fugitiva como a agua dos rios: e os novos, a quem a educação revolucionaria alterou a curiosidade — nunca voltaram os olhos para traz, para a região calada onde jazem as suas batalhas e as suas leis.

Todos os annos, senhor, passava por nós entre a sequencia dos dias o 24 de julho e ninguem o notava, como se não nota, na passagem de um regimento, um soldado sem nome.

Deve parecer-lhe pois singular, senhor, que passados 39 annos de indifferença sobre o 24, o fossem repentinamente desenterrar do passado — vestil-o de gala, e fazel-o reinar — como aquella monotona Ignez de Castro

> « Misera e mesquinha
> « Que depois de morta foi rainha.

Eis, senhor, o que se tinha passado. Sua Magestade o Rei actual, neto de Vossa Magestade tinha ido ao Porto. O Porto, senhor, está bem differente do que Vossa Magestade o conheceu, n'outras épocas de batalha e de necessidade.

O Porto já não é aquella secca e escura cidade, rude e plebea, de ruas estreitas e agitadas, impertinente e cheia de opposição, comendo alegremente arroz e bacalhau, dançando nos bailes improvisados onde as mulheres iam com o pobre vestido de chita da rua das Flores e donde os homens saiam, cançados da *gavota*, para o fogo das linhas — o Porto, ainda com feições de

burgo antigo, com as suas dynastias de commerciantes honrados, os seus tamancos estoicos, impassivel diante dos reductos, sensivel diante dos melodramas do theatro nacional, patriota, resmungão e resando ao Senhor de Mattosinhos! O Porto hoje, é uma cidade larga, bem anafada, com ventre, brazileira, um pouco somnolenta, cheia de poetas lyricos e avida de baronatos.

O Porto, pois, imperial senhor, lembrou-se por occasião da presença de el-rei, de fazer uma festa constitucional. Uma festa constitucional, para fazer perrice aos jesuitas. Porque ha cinco ou seis mezes o Porto foi tomado d'esta doença singular: o tedio, o terror, o odio ao jesuita. Aquella boa cidade ficou dos tempos de Vossa Magestade com os habitos de se bater. Vossa Magestade acostumou-os tão bem que elles não podem dispensar-se de ter um inimigo a vencer. Mas o Porto hoje, pacato, pansudo e pesado, pretende um inimigo commodo, que não obrigue ao peso da espingarda e ao frio das alvoradas, que se combata com palavras, artigos de fundo, versos e *meetings*. Ora o jesuita é um bom inimigo, que não desarranja os habitos da digestão, a quem se dá batalha, conversando á porta do Moré ou em volta de um *bock* na Aguia d'Oiro. De

sorte que o Porto adoptou o jesuita — como inimigo figadal. E combate o padre Couto. Vossa Magestade não conhece o padre Couto? nem nós: o padre Couto é uma reproducção barata do jesuitismo — para uso do Porto.

Ah Vossa Magestade imperial conheceu padres bem differentes: o grandioso frade crusio, vasto e burro, que enchia a caleça ao lado da qual trotavam dois lacaios de cabelleira: o anafado frade dominicano cheio dos favores da côrte, demandista e rabula, occupado na intriga e dirigindo occultamente as venerandas cabelleiras do desembargo do Paço: a multidão pitoresca dos frades eruditos, cheios de rapé e de textos, esquecidos nos silencios das altas livrarias: o padre plebeu, brutal e devasso que tomava a monte a clavina: o padre fanatico, possuido de um Deus inquieto, avido de dominio, absolutista e sujo.

Hoje temos o padre Couto e o José Maria, genero constitucional. Aquillo intriga nas secretarias, aquillo negoceia uma missa de *doze* ou de crusado, aquillo seduz as cosinheiras, aquillo faz negocio de *bentinhos*. É contra isto que o Porto se revolta.

Portanto o Porto queria fazer alguma coisa

solemne, estrondosa, festiva, contra estas *sotainas*, diz elle.

Fez a festa do dia 8 de junho. Outra data de que Vossa Magestade se não recorda, não é verdade? Tal é o ephemero da vida. Se Vossa Magestade encontrar ahi sob alguma placida ramagem de myrtos, Napoleão falle-lhe em Austerlitz, falle a Shakepeare em Hamlet abrirão olhos surprehendidos, calar-se-hão. Não se lembram!

Ora pensando que o jesuita representa o absolutismo, o legitimismo, a forca, o convento, o dizimo, — a boa cidade do Porto, tratou de organisar a festa do dia 8, como uma desfeita, uma replica aos jesuitas — enchendo-a de elementos liberaes, aproveitando a presença do rei, prodigalisando as bandeiras azul e branco etc. — E então para caracterisar a intenção liberal e democratica do dia — o que fez? Fez representar no Baquet a *Boceta de Pandora*, comedia em tres actos; Vossa Magestade não sabe o que é? nem nós. Pode interrogar um velho risonho e subtil, que por ahi deve ter encontrado murmurando como memorias extinctas *couplets de vaudeville* e que é o sr. Scribe.

Representou-se a *Boceta*, senhor. E assim ficou batida victoriosamente em brecha — a pro-

paganda jesuita. Se Vossa Magestade ler esta carta alto, ás sombras curiosas e saudosas da terra ha de ver um velho encovado, secco e ardente, ascetico, mas com grande doçura no olhar, rir-se com o seu estreito triste riso de jacobino, vendo a maneira portuense de combater o jesuita — com *vaudevilles*. Esse homem, senhor, é Mazzini.

Ora quando em Lisboa se soube que o Porto dava esta grande festa — Lisboa teve um estremecimento de colera. Lisboa teve a tradicional, a costumada inveja. O Porto tinha feito uma grande festa constitucional — Lisboa não tinha nenhuma!

É necessario que Vossa Magestade saiba que existe uma incuravel rivalidade moral, social, elegante, commercial, alimenticia, politica, entre Lisboa e Porto. Lisboa inveja ao Porto, a sua riqueza, o seu commercio, as suas bellas ruas novas, o conforto das suas casas, a solidez das suas fortunas, a seriedade do seu bem estar. O Porto inveja a Lisboa a Corte, o Rei, as Camaras, S. Carlos e o Martinho. Detestam-se. As damas de Lisboa riem-se da pouca distincção, da pequena sciencia, da falta de *chic*, e de *qué* das toilettes do Porto? O Porto rubro de

odio, cobre as suas senhoras da sumptuosidade dos estofos e das faiscas dos diamantes.

Lisboa tinha toiros. O Porto quiz ter este *bom tom* de leziria. Mas faltavam-lhe o bom gado, os artistas, a faisca da troça, o estonteado especial, o sal das toiradas d'aqui. Ah sim! Em lugar de uma praça o Porto ergue duas. Mas consegue apenas ser duas vezes peior. Bem! O Porto, sorri-se e para se desforrar faz corridas de cavallos. Grande troça nos *sportmen* a pé do Chiado: vamos battel-os, diziam, vamos batel-os desalmadamente. Chegaram lá; foram chatamente batidos.

O Porto tinha a Foz, praia de banhos, rica, de um grande pittoresco de paisagem. Lisboa, rancorosa, improvisa Cascaes, sitio enfesado entre pinheiros ethicos e rochedos *de opera comica*.

Os poetas do Porto fazem sorrir, no Chiado, os lyricos da côrte, descendentes dos vates parasitas do adro de S. Domingos: mas os da *Aguia de oiro*, abrem sobre as mesas as odes de Vidal, e entornam-lhe em cima, como unico commentario digno, molho de carne assada.

O Porto, por circumstancias, é reformista: eis que Lisboa, se veste de um grande desdem, pelo sr. bispo de Vizeu, Antonio.

Em Lisboa houve ultimamente um certo movimento subterraneo, indistincto, informe, do espirito republicano: o Porto recebe El-Rei, com um delirio que só Vossa Magestade inspirou nos dias em que passeava a pé, com a sua estreita farda de coronel de caçadores, de cravo ao peito, e batia com as pontas dos dedos, nas faces rochunchudas das mulheres do Candal.

Lisboa come com pretenções francezas e phantasistas: logo, o Porto, se affoga cada vez mais, no chorume da velha cosinha portugueza, e abraça-se, como a um estandarte, á travessa do cosido.—Mas em quantas coisas estamos fallando, que são para Vossa Magestade como as syllabas irritantes de um dialecto barbaro? Era-se, mais conciso, não é verdade, nos tempos apressados de Vossa Magestade? Hoje, a gente põe-se a caminho, mas pára a cada momento, como um anemico e um precioso, a fumar as *cigarrilhas* azues da phantasia. — O facto, é senhor, que, como o Porto tinha a sua festa constitucional, Lisboa quiz ter a sua: mas qual? — Escavou-se, desentulhou-se, aprofundou-se e foi-se achar, no fundo de um passado esquecido, o esqueleto do dia 24 de julho: o que! és tu! existe! és! Vem! serás homem celebre, estrondoso, res-

plandescente, illuminado, cheio de honras e de colchas de damasco. — E puseram-n'o de pé!

Aqui começa, senhor, uma intriguinha constitucional e burgueza — a que não sabemos se Vossa Magestade, acostumado ás commoções abrasadas da guerra, achará encanto: sobre tudo ahi, n'esse mundo interessante e sublime, onde Vossa Magestade tem Voltaire para conversar, Meyerbeer e Beetowen e Mozart, para lhe fazerem musicas de almas em sombras de violoncellos, e onde tem para o entreter com desenhos improvisados a lapis — Rubens, Miguel Angelo e Velasquez!

Mas, emfim, isto senhor, são coisas da sua terra: e depois, se um bocadinho de maledicencia é já um tão bom encanto, entre nós, os vivos occupados e apressados — o que não será n'essa grande ociosidade da Morte, nas largas tardes pallidas, quando, aos grupos, as Sombras passeiam, sob o silencio dos sycomoros, junto á mudez dos lagos.

Assim Vossa Magestade saberá, que logo que se tratou da festa do dia 24 — a opposição viu n'isto um *bello cabo para uma vassoura*... Perdão! esperamos que Vossa Magestade não tenha ahi convivido tanto com Racine e outros rhetori-

cos, que se tenha impregnado do horror ás phrases populares e energicamente significativas... *Um bello cabo para a sua vassoura.*

Realmente se podesse acontecer que toda a iniciativa d'esta festa de liberdade pertencesse á opposição — seguia-se naturalmente que ella ficava perante o paiz e a cidade — com a honra de ter feito uma grande festa liberal, de restaurar as datas historicas do regimen constitucional, de ser a mais intimamente affeiçoada ao espirito democratico — emquanto que, implicitamente,— o governo, que não podia ter iniciativa ficava naturalmente com o aspecto de quem — em questões de celebrar a liberdade — *tolera mas não promove*. Ora que melhor *réclame* para um partido do que celebrar por commissões suas, idéas suas, dinheiro seu e homens seus — uma festa á liberdade! Boa tactica, imperial senhor. Que quer? no seu tempo, era outra cousa, murrão sobre as peças e fogo! Hoje somos todos pessoas de ordem: servimos a Idéa. Servimol-a assim. Guerrasinhas de homemzinhos. E ahi tem Vossa Magestade que a festa do dia 24 foi não uma idéa de liberdade festivamente manifestada: nem uma celebração tardia das glorias do constitucionalismo: nem um enthu-

siasmo retrospectivo e bem arranjado, pelas campanhas de Vossa Magestade e dos seus generaes. Que nem Vossa Magestade, nem elles, se regosijem, como de uma grande justificação — foi apenas, senhor, uma *parada* da opposição historica contra o ministerio regenerador.

Saiba agora Vossa Magestade como foi esta festa augusta. Nomearam-se duas grandes commissões uma em Lisboa — outra em Cacilhas. Vossa Magestade lembra-se ainda dos logares? Lisboa, aqui, vastamente espapada nas collinas, o rio de fronte, de agua esverdeada—e do outro lado os montes pellados e amarellados de saibro, com um pontal agudo encravado na agua, onde Cacilhas estende o seu focinho.

Como Vossa Magestade se póde informar com o duque da Terceira, elle depois da batalha de Cacilhas, a 23, acampou ali, e n'essa noite accendeu em toda a extensão das linhas occupadas, grandes fogos. Ao outro dia, pela manhã, desembarcava em Lisboa. O desembarque foi o exito do dia, a decisão. As commissões entenderam que deviam solemnisal-o, symbolisal-o, com um cerimonial expressivo. Que fizeram?

A commissão de Cacilhas partiu de lá, de casaca, de madrugada, n'um vapor alugado, com

phylarmonicas — symbolisando as tropas do duque da Terceira — e de cá a commissão de Lisboa foi esperal-a, de gravata branca, ao Terreiro do Paço, symbolisando a opinião constitucional, que ia ao encontro do libertamento. — Ria-se, principe! Chame Nicolau Tolentino, o calvo mestre de rhetorica, chame a macerada figura ossea de Bocage, chame aquelle inquieto personagem curto, de cabello hirsuto, olhos faiscantes, nariz adunco, de toga curta á maneira ibera, que é Marcial; chame Scarron, chame o Aretino e os grandes escarnecedores de outros seculos, mostre-lhes isto, e chame a alma de Rebello da Silva, o alegre espirito, cheio ainda das recordações da terra, para que elle lhe descreva os personagens, e lhe narre as figuras! Riam! Que se viu nada mais Manuel Mendes Enxundia, mais *Lourinhã*, mais *cyrio*, mais *barrica de manteiga*, mais *irmandade da Senhora da Luz!* O desembarque, as tropas, a lucta, o terror da cidade, os fugitivos, os medos que se escondem, a vingança que reapparece, as familias esparvoridas, os saques desconhecidos, os crimes — toda a violenta desordem do encontro de uma realeza vencida com uma idéa victoriosa — tudo, desgraça e gloria — symbolisado por alguns ca-

valheiros, de gravata branca, que se abraçam gravemente no Caes de Sodré! Ah! Melicio! Ah! cruel!

Depois que assim se encontraram as commissões, senhor, dirigiram-se com as phylarmonicas para diante da estatua de Vossa Magestade. Por que Vossa Magestade tem uma estatua! — e é mesmo para nós uma felicidade ter esta occasião de dar a Vossa Magestade esta nova soberba e as nossas felicitações. Ha tres annos que Vossa Magestade a tem. É no Rocio. No meio. As costas para o theatro de D. Maria.

Vossa Magestade está no alto de uma columna, esguia, polida e branca como uma vela de estearina, e mostra, equilibrando-se sobre uma bola de bronze, um papel, a Carta — ao club do Arco do Bandeira. É a quem Vossa Magestade a mostra. O club do Arco do Bandeira pela sua attitude, modesta e digna, parece não dar por tal. Vossa Magestade está com a espada na bainhe. Vossa Magestade passa á posteridade com um rolo de papel na mão — como um tabellião, ou um vate. Nada que lembre o soldado. É uma estatua — domestica.

Ora se era necessario representar, sobre uma peanha o espirito politico, juridico, legista do

constitucionalismo — não era Vossa Magestade que devia lá estar, com a *carta* na mão, mas a figura de Mousinho da Silveira. Ora n'esse dia 24 a estatua de Vossa Magestade estava coroada. Mas como? Tinham passado dos telhados de um dos lados do Rocio aos do outro, um fio de arame, e d'esse fio astuto pendia, a um metro da cabeça da estatua, bamboleando-se, enorme, uma corôa larga como a roda de um omnibus! Em baixo, as phylarmonicas, arquejavam. — De resto, foguetes, buxo, *agua fresca* bem apregoada e bandeirolas.

Que quer Vossa Magestade, — Lisboa faz o que póde: quem tem um temperamento saloio não póde tirar d'elle requintes de artista. Lisboa é uma cidade saloia: é uma cidade de fóra de portas: é cidade de aldeia. A sua imaginação violentada para conceber uma festa — não póde produzir mais que o arraial. Foguetes e phylarmonicas — eis o que ella sabe dar de mais delicado — aos heroes que ama. — De modo que este dia de festa como se póde definir? — Um arraial de opposição. Mais nada.

Senhor, temos conversado muito. Vossa Magestade deve estar fatigado, na sua delicadeza de sombra, com estas noticias que levam o peso

grosseiro da terra viva. Se Vossa Magestade poder, escreva-nos, peça-nos historias d'este paiz que foi seu, que já foi uma patria, e que é hoje apenas um *chinfrim provisorio.* — Nós, emquanto não descemos tambem a essas regiões definitivas e purificadoras, beijamos as mãos de Vossa Magestade Imperial, pedindo-lhe que nos recommende ahi a todos aquelles que nós estimamos, desde Rabelais até Camillo Desmolins — e se Vossa Magestade entender que é delicado e da etiqueta apresentar ahi os nossos respeitos de portuguezes e de vassallos, aos Sanchos e Affonsos, etc., que reinaram n'este canto da terra, — tenha Vossa Magestade a condescendencia de dizer aos ditos Sanchos e Affonsos... sim, diga-lhes que aqui estamos ás ordens.

A Sua Magestade Catholica el-rei D. Amadeu I

Senhor:

Nós nos llamamos Pepes!

Esta breve phrase popular em Madrid parece

ter sido mandada fazer expressamente por nós na *Puerta del Sol* para nos servir de apresentação a Vossa Magestade Catholica. Ahi tem Vossa Magestade n'essa pequena linha, sonora como o fremito de um pandeiro roçado pelo dedo polegar de um gaditano, a nossa biographia, os nossos diplomas e as nossas credenciaes. *Señor, nos llamamos Pepes.*

O que não impede que nos inclinemos diante de Vossa Magestade com tanta consideração e tanto respeito como se fossemos muito mais coisas do que simples Pepes, admiradores das virtudes de Vossa Magestade, d'entre as quaes sobresae a que mais scintilla, quer como diamante n'uma corôa real, quer como tope n'um barrete frigio — a coragem.

Agora, senhor, o que nos traz aos pés de Vossa Magestade:

Á ultima exposição celebrada em Madrid concorreram os pintores nossos compatriotas. Convidados a exporem as suas obras na patria gloriosa de Murillo, o sublime idealisador da belleza meridional, e de Velasquez, o immortal Homero de Carlos v, os pintores portuguezes julgaram espirituoso e delicado não ensombrarem com toda a altura das suas corpolencias a

augusta tradicção da arte hispanhola, e, para o conseguirem, como se apresentaram elles? Humildes, modestos, encolhidos. As telas dos nossos artistas tinham o ar de quererem parodiar o peregrino de Almeida Garrett, apontando para elles, em vez de serem elles que apontassem para ellas, e exclamando — as tellas: — *Ninguem!*

A critica hispanhola comprehendeu quanto havia de sublime n'esta attitude humildemente acocorada da arte portugueza, e depois de conferir um premio a cada quadro, comprou os quadros todos premiados.

Succede porém, senhor, que, decorridos tantos mezes depois de encerrado o certame internacional de Madrid, os nossos compatriotas não receberam ainda nem os diplomas da sua qualificação nem o preço das suas obras.

Nem premio nem dinheiro. Até aqui nada extraordinario. Os nossos pintores vinham apenas por esta fórma a receber da exposição hispanhola o mesmo que ordinariamente recebem das exposições portuguezas — menos uma coisa, que não recebaram ahi, e que sempre recebiam cá: os quadros.

Porque, senhor, no tocante ás nossas pin-

turas ha um direito que nós nunca, mas nunca absolutamente, nos lembramos de discutir aos auctores: o direito que elles teem de as levar para casa.

A Hispanha, procedendo de um modo diverso, deu-nos da sua brilhante e larga munificencia uma idéa que tem apenas o deffeito de recordar um pouco a exhuberancia caudalosa d'aquelles rios que fertilisam o paiz adoptivo de Vossa Magestade, nos quaes rios, segundo somos prevenidos pelo sr. Théophile Gautier, o viajante incauto deve ter sempre a precaução de passar por baixo da ponte — para não molhar os pés.

.·.

Interessando-se pelos concorrentes portuguezes á exposição de Madrid, terá feito Vossa Magestade uma sympathica acção, porque os nossos pintores, senão são uns artistas immortaes, são uns rapazes excellentes, resignados no seu pouco, alegres, desinteressados, não fallando nunca em dinheiro.

Já não diremos o mesmo a respeito dos nossos architectos. Estes, senhor, são umas feras. O sr. Sampére y Miquel, subdito de Vossa Magestade, deputado republicano, adversario do

governo de Vossa Magestade e nosso amigo, veiu ultimamente a Lisboa expressamente com a idéa sinistra de se fazer architecto portuguez: elle sabia de certo que, se conseguisse isto, voltaria ao congresso hispanhol convertido n'um chacal. Felizmente para socego da dynastia de Vossa Magestade o sr. Sampére nada obteve.

Soube-se por essa occasião na nossa Academia das Bellas Artes que os architectos portuguezes não teem carta nem diploma. Nós acreditamos fielmente que os architectos o são quando elles nos dão a esse respeito a sua palavra. Documento não o ha.

De modo que, quando o nosso amigo se apresentou, prestando-se a ser examinado, a seguir um curso, a submetter-se a um jury, etc., sollicitando um diploma, a Academia respondeu-lhe:

— Ah! o senhor quer um diploma? Pois não! aqui tem. (E offerecia-lhe uma cadeira.)

O sr. Sampére, notando que havia da parte da Academia um leve erro de interpretação do seu requerimento, explicava-se melhor.

— Agora percebo! exclamava a Academia, o que o sr. pretende é então um diploma, o

bem conhecido diploma, isto a que toda a gente chama um diploma! Vae tel-o immediatamente. (E serviam-lhe um copo de agua.)

O supplicante, atterrado, accudia com novas explicações, additamentos, commentarios, supplicas, traducções em varias linguas, tudo tendente a cravar bem na comprehensão da Academia que era um diploma de architecto o que elle requisitava.

A Academia a cada requerimento que chegava respondia com uma nova exclamação de quem tinha acabado por fim de entender. — Até que finalmente! — Ora emfim! — Graças a Deus! — Aleluia! — Mas por que o não disse logo! — Ahi vae já n'um pulo!

E a Academia a cada uma d'estas exclamações, com o ar de entregar o diploma, ia dando ao sr. Sampère — Lume! — Diccionarios! — Chá com leite! — A corôa de Portugal! — Sinapismos! — O poeta Vidal! — Sal amoniaco! — Finalmente o supplicante tanto insistiu que a Academia, batendo na testa e, expedindo um grito repentino de jubilo, chamou-lhe uma sege, entregou-lhe o paletot e o chapeu, que elle tinha deixado a um canto da casa em cima de uma cadeira, e elle foi-se embora, e voltou a Hispa-

nha e ao congresso, desarmado das peçonhas do diploma que queria.

Somos amigos de Sampère, mas tambem somos amigos de Vossa Magestade, e não podemos deixar de dizer que foi bem feito!

O sr. Amador de los Rios, o illustre philosopho da arte, de quem acabamos de nos despedir, aproximou-se egualmente dos nossos architectos e foi do mesmo modo ensinado.

Amador de los Rios encontrou entre os specimens archeologicos das collecções portuguezas dois sarcophagos notaveis. Um acha-se no museu do Porto e foi de um consul ou de um imperador, o outro está na associação dos architectos lisbonenses e denota ter sido de um musico romano.

Afim de estudar e publicar estes monumentos no *Museu español de antiguidades*, precisava o sr. Amador de los Rios de ter d'elles uma copia photographica. No Porto obteve immediatamente dos conservadores do museu a copia sollicitada a qual lhe foi offerecida em um officio redigido nos termos que a mais elementar delicadesa impõe a quem se dirige a uma pessoa de tão elevada qualificação litteraria e scientifica como o sr. Amador.

Em Lisboa a associação dos architectos congregou-se em assembléa geral para despachar o requerimento que lhe era submettido e decidiu que ao sr. Amador de los Rios se concedesse a licença pedida para photographar o sarcophago, *com a condição porém* que o supplicante reconheceria este obsequio mandando á associação o presente de 60 exemplares da collecção do *Museu espanol de antiguidades*, cujo valor em réis portuguezes, no estado em que a publicação se acha, é já hoje de dois contos e seiscentos mil réis.

Foi precisa a intervenção do ministro das obras publicas para que a associação dos architectos concedesse *de graça* licença para se photographar o sarcophago a que a dita associação chama *seu*, não obstante termos nós já dito a Vossa Magestade que elle é simplesmente, como se prova, de um musico intestado. De modo que, se litigassemos juridicamente esta questão de herança, talvez que tivessemos de retirar o sarcophago aos srs. architectos e de o entregar á phylarmonica União e Capricho.

Concluindo enviamos a Vossa Magestade os nossos parabens pelo malogro da tentativa feita em Madrid contra a vida de Vossa Magestade.

O partido reformista, chamado o partido das economias, celebrou na cathedral de Vizeu este successo por meio de um solemne *Te Deum*. Não se póde explicar á primeira vista como é que o citado partido encabeça no seu programma economico esta manifestação de jubilo, porque a verdade é que, por mais que queiramos dilatar os beneficos effeitos da salvação dos preciosos dias de Vossa Magestade, não vemos que d'ella resulte a minima reducção de despeza no nosso orçamento do estado! É certo porém que n'este sentido o partido reformista alguma coisa vê que por emquanto escapa á perspicacia vulgar. Pela nossa parte achamo-nos inteiramente preparados para lermos no *Diario do Governo*, logo que s. ex.ª o sr. bispo de Vizeu reassuma o poder, as seguintes linhas:

«Attendendo a que a Divina Providencia houve por bem salvar a vida de Sua Magestade Catholica o Rei Amadeu, irmão de Sua Magestade a Rainha, minha muito amada esposa, quero e me apraz, que de ora ávante, todos os funccionarios portuguezes, para os quaes este fausto acontecimento não pode de nenhum modo deixar de ser considerado como uma justa, posto que por ventura excessiva remuneração dos

seus serviços ao estado, passem de ora ávante a receber em dinheiro metade apenas dos ordenados que lhes estavam anteriormente fixados. Os srs. bispo de Vizeu, Luiz de Campos, Osorio de Vasconcellos, Marianno de Carvalho, Coelho do Amaral e Pinto Bessa, assim o tenham entendido e façam executar.»

Que Deus guarde os preciosos dias de Vossa Magestade e preserve Vossa Magestade de novas tentativas regicidas, como todos nós desejamos e havemos mister.

Ao mesmo augusto senhor de pag. 44

Senhor:

Encontrámos em Vossa Magestade uma benevolencia tão larga e tão tropical — quando pedimos para os illuminadores do Rocio—a Ordem da Rosa — que animados por este favor imprevisto, voltamos, n'esta pagina, senhor, com um novo pretendente. — Este pretendente, além de tudo,

está ha muito na intimidade de Vossa Magestade. É a elle que Vossa Magestade concede toda a actividade, que lhe não toma o seu imperio verde e amarello, é por elle que Vossa Magestade, na sua viagem pela Europa perguntava soffregamente nos lazaretos, nos hoteis, nos paços e na proa dos paquetes: era para o ver, absorver-se n'elle, conhecel-o em *robe de chambre*, que Vossa Magestade subia, com um *sans-façon* de alta escola, os terceiros andares das casas particulares: era para o considerar no exercicio solemne da sua actividade que Vossa Magestade pedia todas as semanas a reunião de uma academia: e era para o lisongear nas suas maneiras desprendidas e familiares, que Vossa Magestade, segundo disseram os jornaes serios, não vestia colete! — Este pretendente, senhor, é o Espirito. Tambem se chama a Litteratura e tambem se chama a Sciencia. Senhor, o que nós pedimos a Vossa Magestade é que defenda o espirito portuguez — contra o negocio brazileiro. Senhor, é o Romance, o Jornal, o Drama, o Folhetim, o Pamphleto, que veem, com os cabellos soltos, na supplica e na afflicção — pedir a Vossa Magestade protecção contra os vassallos de Vossa Magestade.

Vossa Magestade comprehende que tem diante de si, solemne e fardada a velha questão da *propriedade litteraria*. Sabemos que Vossa Magestade tem uma instinctiva repugnancia, por este personagem complicado, argumentador, logico, altivo do seu direito, um pouco ironico e inteiramente saqueado. Espiritos illustres, diplomatas subtis, amigos familiares não ousaram quando Vossa Magestade esteve em Lisboa apresentar-lhe resolutamente esta questão infeliz. Nós, que ha muito perdemos para com Vossa Magestade a timidez e o rubor, vimos muito nitidamente dizer a Vossa Magestade: Senhor, os vassallos de Vossa Magestade roubam-nos de um modo indecoroso; senhor, tenha Vossa Magestade a bondade de açamar os seus ladrões!

Vossa Magestade é, como nós, um escriptor. Mas Vossa Magestade é imperador: Vossa Magestade tem uma lista civil de alguns milhões: Vossa Magestade tem propriedades onde a araponga cança o seu vôo silencioso. Quando escreve as suas paginas eruditas, é por um delicado regalo do espirito e do orgulho, por voluptuosidade de sensação, como se toma um gelado —não é para comprar *roast-beef*, ou pagar um *frak*. Os seus *fraks* e os seus *roast-beefs*, milha-

res de brancos e de negros teem a honra, duramente suada, de lh'os fornecer. Nós não. Portanto se Vossa Magestade não comprehende que se queira tirar de um livro erudito ou de um pallido e vehemente romance — algumas notas de 20$000 réis, — nós o que não comprehendemos, é que depois de ter dado á idéa a liberdade do macadam, ella nos volte, sem fazer saltar na mão um *tlin-tlin* esterlino: e que vejamos ao contrario, depois das difficuldades amargas do trabalho, ao longe, sob as palmeiras do seu imperio barbaro, os senhores brazileiros batendo com a nossa idéa sobre o balcão dos cambistas, e trocando-a — a dinheiro.

Senhor: o facto é explicito: Portugal é para a litteratura um mercado pequeno e pobre. O paiz não póde dar ao livro o que precisa para a carne. — Por outro lado diremos — ainda que isto faça brancas ao orgulho de Vossa Magestade — que o espirito brazileiro não é bastante captivante e productivo, para que satisfaça por si só o mercado litterario do Brazil; além d'isso o Brazil é um sertão povoado de portuguezes: portanto o Brazil, já pela raridade das suas obras originaes, já por que é composto de consumidores portuguezes, já por que reconhece em nós

mais alguma faisca — é sobretudo guloso das nossas obras. O Brazil aprende a sentir pelos nossos romances — como aprende a contar pelas nossas arithmeticas. De sorte que o escriptor — aqui — que publica um livro faz naturalmente este calculo: 1:000 exemplares para Portugal, 2:000 para o Brazil fazem 3:000 exemplares de venda: a 500 réis são 1:500$000 réis. Se as despezas de impressão são 500$000 réis é um lucro de 1:000$000 réis. No entanto o que succede? É que, no Brazil, um ladrão qualquer toma um exemplar d'esse livro, reimprime-o lá, vende-o lá, esgota-o lá, explora-o lá. De modo que o Brazil compra ao ladrão brazileiro os 2:000 exemplares brazileiros — em vez de comprar os exemplares portuguezes ao escriptor portuguez, isto é: o escriptor tem de menos no seu lucro provavel de 1:500$000 réis a quantia decisiva de 1:000$000 réis. É um exemplo abstrato, puerilmente construido: e se explicamos a Vossa Magestade estes pormenores cifrados, por aproximação, como se faz a uma creança, é por que Vossa Magestade tem parecido até hoje não comprehender a questão, na sua nitidez positiva e arithmetica. Veja agora Vossa Magestade, como os editores, que teem sempre diante

de si, atterradora, como o espectro de Hamlet, a presença do ladrão brazileiro — se defenderão energicamente, dentro dos seus balcões, contra os manuscriptos exigentes e avidos de impressão.

Quando nós publicámos, senhor, o volume das *Farpas*, de março, que era o poema pittoresco e vehemente da vossa viagem, ó principe, o sr. fulano, ladrão astuto, apressou-se a reimprimir as *Farpas*, n'um papel indecoroso e n'um typo pelintra, *sem ser com o fim de ganhar*, dizia, n'um prologo, a fera!

O sr. Pinheiro Chagas tem no Rio de Janeiro um ladrão habitual, que tem o impudor de lhe escrever: — Ex.^mo^ sr. Tudo o que v. ex.^a^ publica é admiravel; eu faço o que posso, para o tornar conhecido no Brazil, *reimprimindo tudo*, etc.

Ultimamente o nosso amigo Teixeira de Vasconcellos, publicava no seu *Jornal da Noite*, um excellente romance a *Lição ao mestre*; o *Diario de Pernambuco*, apressou-se a roubar para folhetim a *Lição ao mestre*: nem a deixou concluir; na sua avidez brazileira, ia-a metendo para a sua algibeira de *pic-poket* esfomeado, aos pedaços de folhetins: o que succede? É que o

editor do sr. Teixeira de Vasconcellos lhe diz piedosamente: meu bom amigo, o seu romance é admiravel, mas, você comprehende, está tão conhecido já, no Brazil, que na verdade etc.. O sr. Teixeira de Vasconcellos, escriptor emminentemente nacional, encontra, nos limites litterarios do paiz, um largo consumo — o que não impede que pensando no seu romance saqueado e no *Diario de Pernambuco* triumphante — olhe instinctivamente para a sua bengala.

Ora sabe Vossa Magestade o que resulta? É que as obras portuguezas acham difficilmente editor portuguez: que portanto o escriptor se retrahe e esmorece, e, sem incentivo, sem paga, sem producto, arranca se á somnolencia litteraria para se entregar aos empregos publicos. Vossa Magestade vê hoje quasi todos os escriptores procurando sair violentamente da litteratura, como de uma região secca, sem pão e sem sombra. Reduzido ao silencio, o espirito que vive de animação, de actividade, de vibração, de echo, estagna-se, adormenta-se e o nivel moral das intelligencias desce. E quando o espirito decae n'um paiz, tudo aquillo que elle vivifica e inspira instituições, politica, adminis-

tração, sciencias, industrias, abate-se e cae como uma vela a que falta o vento.

Ora para este esmorecimento concorrem os ladrões do imperio de Vossa Magestade. E realmente custa-nos que esteja aqui este verme viscoso do roubo brazileiro, tirando pela sucção, a substancia, a vitalidade, a força da litteratura — para que no Rio de Janeiro quatro senhores salteadores de lettras, tenham mais uma roça ridicula de baixo do coqueiro, ou mais um diamante nos suores do peitilho.

E Vossa Magestade evita cuidadosamente esta questão! Que significação tem pois esse amor tão celebrado, tão famoso de Vossa Magestade pelas letras portuguezas? Ama-as Vossa Magestade tanto e tanto, e deixa-as roubar vilmente nas baiucas do seu imperio? Diriam os epygrammaticos que Vossa Magestade só ama as letras de Portugal — pelo lucro que ellas dão á ladroagem do Brazil. Vossa Magestade aqui pediu, com gula, escriptores portuguezes, conversou-os, condecorou-os, visitou-os, almoçou com elles; aqui eram dignos das adulações dos reis — lá só são bons para a o enrequecimento dos ladrões!

Ah! nós comprehendemos bem o affan que tem

o Brazil em devorar as nossas obras: basta ver as d'elle: e é natural que quem tem em casa um pão de ló grosseiro, appeteça o gelado do visinho. — Mas, por Deus, compre-lh'o! Roubar-lh'o, só no imperio de Vossa Magestade é que não merece as galés!

Nós infelizmente, senhor, não podemos defender-nos — nem com o codigo, nem com a bengala. O que fazemos, portanto? — Tendo visto aqui um imperador, tão interessado nas coisas do espirito, dizemos-lhe francamente a nossa justiça, sob o nosso ponto de vista nacional. E o que acontece? É que Vossa Magestade volta o rosto, como Susana, a casta nudez biblica. — Por que senhor? — por impotencia? — Dar-se-ha acaso que o roubo esteja tanto nos costumes do paiz e nas profundidades do seu temperamento, que Vossa Magestade, com todo o seu poder imperial — não se atreva a dar-lhe batalha? — Por interesse? — Dar-se-ha que Vossa Magestade seja tão negociante como lettrado — e apreciando muito para si a belleza moral das obras impressas — aprecie ainda mais para o seu paiz o producto material das obras roubadas?

Aqui diz-se, que Vossa Magestade, não quer

tomar a iniciativa d'esta questão — por ella pertencer especificamente á competencia do ministro. Mas então — a quem se quer enganar como dizia o barbeiro Figaro? Por que todos sabem que Vossa Magestade possue no Brazil, um poder pessoal illimitado, *despotico* no sentido philosophico da palavra, e os seus ministros são apenas assignaturas de chancella: os jornaes do Brazil, revelam, ferem, abalam este facto ha 20 annos. Seria Vossa Magestade só irresponsavel, involuntario, impessoal, quando se trata d'esta questão moral e policial?

Alguns jornaes portuguezes ponderam — que o Brazil nunca cederá n'esta questão por que tem a perder. Horror, se assim fosse! Por que isso seria dizer: o Brazil não consente em deixar de roubar, por que não quer prescindir do producto do roubo! Seria um facto imprevisto na historia — uma nação declarando, pelos seus representantes officiaes e pelos seus tratados — que não póde deixar de roubar para viver — e que a sua fortuna publica conta, logo desde o começo do anno economico, com o que lhe produzem os seus ladrões!

E ainda Vossa Magestade aconselhava aqui, nas suas conversações interessantes e cultas,

aos escriptores portuguezes — que produzissem, trabalhassem: — para quem? — Para favorecer a ladroagem do Catete? Estranha recommendação: parece-se com a busca do furão. Trabalhae vós outros — para que os meus enriqueçam! Levanta-te ó perdiz para que eu te coma!

Senhor, uma medida de resolução. Vossa Magestade diz, explicitamente — *que não póde fazer nada officialmente*. Bem, principe, faça-o particularmente. É o que pedimos. Vossa Magestade não póde actuar como imperador, actue como Pedro de Alcantara. Nós não queremos lançar o Brazil n'uma revolução de costumes. Vossa Magestade não póde castigar os ladrões? Bem. Peça-lhes por obsequio que se contenham. É o que nos basta.

Affague-os: já que não lhes póde dar calaboiço — dê-lhes condecorações. «Queridos, não roubeis, e faço-vos barões!» Ahi está como se porta um estadista: chama-se a isto — *conciliar*. Leve-os por bem, senhor. Nós sabemos o que são ladrões: nada os commove e amansa como uma doce, terna palavra. Dê-lhes nomes carinhosos. Diga-lhes *Lulu! Pipi!* Irrital-os não, ás vezes é peior. Affagal-os, sim, convidal-os a jantar, passar-lhes a mão pela cinta: *Vês*

tu, meu anjo, deixa lá os romances portuguezes! Coitados! Vá, faze-me isto. Não os roubes, não Fifi?

Desgoste-os, senhor, das nossas obras. Diga-lhes, com a sua grande authoridade litteraria, que os nossos livros não prestam: cuspa quando fallar na *Mocidade de D. João* v, tenha ancias quando disser *Frei Luiz de Sousa*. Distraia-os, leve-os aos theatros: ás vezes os ladrões roubam por tedio, questão de vencer o tempo. Dê-lhes *chás abailaricados*, á maneira indigena: nada captiva mais um coração brazileiro. Senhor, já que não póde ser com elles justo, domando-os pela lei — seja terno, vencendo-os pelo carinho. A ver se nos deixam — e ao nosso dinheiro. E Vossa Magestade terá ahi as benções d'estes pobres trabalhadores do espirito, escravos do ideal, que tomaram, n'este armazem fusco e inintelligivel da vida, o trabalho ridiculo de estarem a um canto revolvendo o espirito para ter dinheiro — em logar de terem primeiro revolvido o dinheiro para ir depois ter espirito!

No *Diario do Governo* de hoje vemos acharem-se a concurso trezentas e cincoenta cadeiras de instrucção primaria.

No *Diario de Noticias* de hoje pede-se esmola para um professor de *instrucção primaria*. Este desgraçado professor está velho e doente, tem dez pessoas de familia, a sua mulher soffre uma lesão de coração, elle rebateu os recibos dos seus vencimentos com o adiantamento de dez annos, e pede por meio de um annuncio que alguem lhe empreste 30$000 réis a qualquer juro que seja.

O governo faria bem juntando a noticia d'este caso ao programma do concurso acima referido. Que o candidato ao magisterio, a quem o governo offerece a remuneração annual de réis 90$000, saiba qual é o futuro que o espera!

.·.

Vimos qual é a receita, vejamos qual é a despeza annual de que não pode exhimir-se um professor de instrucção primaria:

Roupa branca....................	5$000
Vestuario e calçado...............	30$000
Despezas diversas, medico, botica, barbeiro, parocho, papel, pennas, estampilhas, agua, luz, lenha, mobilia, etc....................	35$000
Uma pessoa que prepare a comida, esfregue a casa e lave a roupa...	12$000
Somma.......	82$000

.·.

Sobejam de 90$000 réis, que o professor recebe, 8$000 annuaes, 675 réis por mez, 22 réis por dia. Com os quaes 22 réis por dia o professor ha de comprar um almoço e um jantar!

Isto é ao mesmo tempo um escarneo estupido e uma perversidade infame.

Se o paiz não tem senão 90$000 réis por anno para fazer instrucção, que prescinda de instrucção. Querer fazer ensino com 90$000 réis é o mesmo que pretender preparar um chouriço de carne de porco, sem carne e sem porco.

O governo que ostenta uma instrucção assim organisada está dando ao mundo o espectaculo de um idiota, que seria talvez sympathico, se não

fosse perigoso. O programma do concurso faz rir de escarneo; o magisterio porém ou faz mendigar de miseria ou faz morrer de fome.

As conspirações e as revoltas portuguezas parece-nos que pertenciam ás *Farpas*, assim como os lyrios pertencem aos zephiros. A revolução luzitana é a bandeira que pende melancholica e mole de uma janella suspeita, nós somos a viração que passa palpitante e livre. O sr. Fontes Pereira de Mello, mandando recolher o pavilhão belicoso, parece ter-se esquecido de uma coisa: é que nós ainda o não sopramos.

O melhor, o mais poderoso volume de quantos temos publicado, cheio de razões, de argumentos, de observações psychologicas, de factos sociaes, de inducções historicas e de anedoctas humoristicas, privou-nos o governo de o fazermos n'este mez, amordaçando assim a nossa veia, coarctando o nosso programma, restringindo os nossos direitos.

No modo como o governo tem tratado o assumpto, que de direito e de tradição nos pertencia, ha pontos especiaes e flagrantes em que suas excellencias os ministros invadem os poderes do folhetim com uma arrogancia que nos aterra. O cerco da casa do sr. conde de Magalhães e a tactica planeada para a captura d'aquelle titular, para não citarmos senão este episodio, denotam que o governo tem designios artisticos, secretos e profundos sobre a conspiração abortada. Começaram já a folhetinisal-a com interpollações joviaes e comicas; receiamos que terminem pondo-a em musica, cantando-a ao piano ou calçando as luvas e tirando pares para a tratactarem n'uma marca de Lanceiros.

E todavia, archivando o assumpto no tribunal da Boa Hora, ou aferrolhando-o nos carceres do Limoeiro ou nas casas matas da Torre de S. Julião, o governo monopolisa a discussão, e restringe particularissimamente em si proprio o direito de a agitar, de a deduzir, de a desenvolver, de a desenlaçar. O que é que nos resta a nós? Pela nossa parte, não nos sendo licito apreciar as circumstancias de um processo que corre secreto, contentamo-nos em esperar que elle termine para soltarmos a palavra que temos aqui

presa por um escrupulo delicado ao bico da nossa penna.

Uma parte da imprensa, menos paciente que nós, egualmente impedida de criticar a nova conspiração, resigna-se occupando-se de conspirações antigas, e assim vemos este curioso facto: Que ao mesmo tempo que os partidos conservadores, a que o governo pertence, accusam de attentarem contra as instituições os srs. conde de Magalhães e visconde de Ouguella, são na imprensa d'esses mesmos partidos os srs. Anselmo Braamcamp e Rodrigues Sampaio, seus chefes, os que vemos accusados de inimigos do throno, de republicanos e de revoltosos!

Não sabemos como o paiz acceitará estas e as outras revelações que se lhe preparam: se será com a indignação se será com o tedio... Socegae, srs. politicos, nós cá estamos para examinarmos ao paiz as pulsações do coração e os spasmos do esophago, e voltaremos a dizer-vos se, depois de vos ouvir, o publico pede uma espingarda — ou uma bacia.

Declaração

A empresa da *Republica*, periodico do Rio de Janeiro, considerando

1.° Que tem publicado por sua propria conta todos os volumes das *Farpas* escriptos pelos cidadãos Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão,

2.° Que d'essa exploração do trabalho d'outros tem cobrado os avultados lucros de alguns contos de réis,

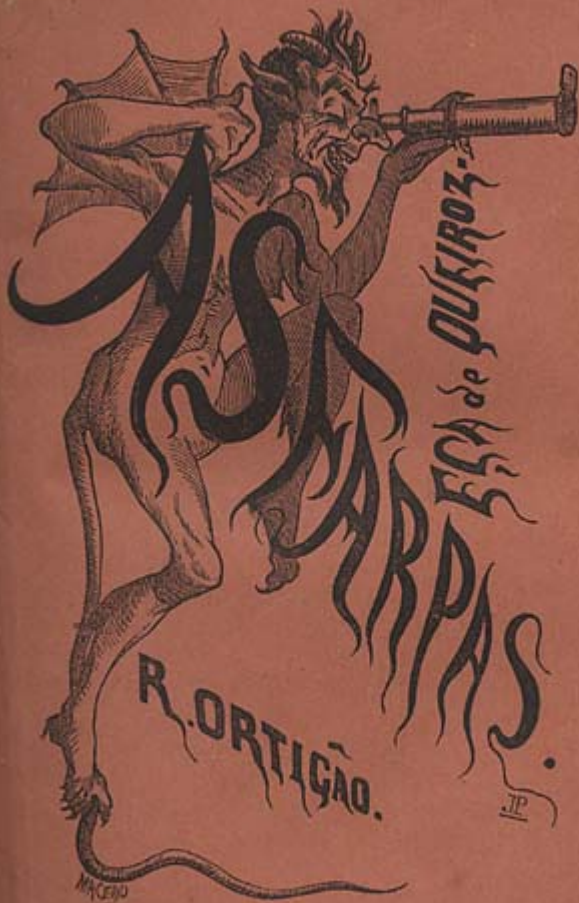
3.° Que com o titulo de *Republica* se não póde alliar em um periodico a ignorancia dos caracteres democraticos e legitimos que distinguem a propriedade, o capital e o trabalho,

Declara:

1.° Que a somma alludida, abatidos os gastos de imprensa, pertence de direito, segundo a *Republica*, aos ditos cidadãos Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz;

2.° Que toda e qualquer demora havida na

restituição do seu a seu dono a *Republica* a qualifica uma extorsão e um roubo ;

3.º Que se no praso de dois mezes a *Republica* não publicar recibo authentico dos redactores das *Farpas*, por essa ommissão ella confessará á democracia e ao mundo ter extorquido e roubado.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO—EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

2.º ANNO

Setembro a Outubro de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

Doce ironia! só tu és pura, casta e discreta; dás a graça á belleza e o requinte ao amor; inspiras a caridade pela tolerancia; dissipas o erro homicida; ensinas a modestia á mulher, a audacia ao guerreiro, a prudencia ao estadista; apasiguas com o teu sorriso as dissenções e as guerras; pacificas os irmãos, curas o fanatico e o sectario; és a mestra da verdade; serves de providencia ao genio e á virtude, ó deusa, és tu mesma!

Proudhon.

SUMMARIO

O adulterio. O sr. Dumas filho. A rethorica e o temperamento. Casos tristes. Por que se tem um amante. As inglezas. A educação da mulher para o amor. Cumplicidade do padre. A valsa e as suas virtudes hygienicas. O preto. As ociosas. A vida burgueza e a sua elevação. O adulterio segundo a opinião. O amante. O fim publico do celibatario. O Lovelace nacional. Que a seducção é uma gloria social. O adulterio póde ser interessante. As justificações de sala. O odio á virtuosa. O que o padre lucra com o amante. O marido, segundo os tempos. Impossibilidade contemporanea da vingança. As commodidades da complacencia. Os maridos que não sabem francez.—A corveta *Sagres* ou a tibia pastoril? — **As gréves.** Carta aos senhores operarios.— **A pena de morte.** O caso do soldado Barnabé. — A camara municipal de Lisboa. A caça. A policia do Tejo. A policia marginal. Os botes e os trens. — **O casamento ecclesiastico.** O que a dignidade exige. O padre e a familia. O amor. A solidão. A inveja. — Os banhos de mar. A praia. A vida á beira mar e as queijadas da Sapa. O chá, instituição burgueza. Os que tomaram chá em pequenos. — **A guerra dos dembos.** A *toilette* no sertão. A tanga e a *redingote anglaise.*

Uma questão singular tem, ha tempos, sobresaltado legitimamente os maridos, as pessoas

sensiveis e os fabricantes de armas prohibidas. Referimo-nos, como comprehendem, á questão do *Adulterio*.

Quando, em Paris, mr. Dubourg foi ultimamente condemnado em cinco annos de prisão, por ter assassinado sua mulher ás facadas — os srs. jornalistas arrastando esta desgraça atravez da sua prosa, envolveram-se, por cima da memoria da pobre senhora nervosa e infeliz, n'uma discussão vibrante ácerca do amor, do adulterio, do casamento e da morte. Mr. d'Ideville, um bom rapaz que foi secretario de legação em Italia na missão de La Tour d'Auvergne, escrevendo sobre este caso impertinente, teve a ingenuidade de pedir ao sr. Alexandre Dumas filho — a sua opinião e a sua prosa.

Provocar a penna indiscreta e aparada em *bistori* do sr. Dumas, é acordar o escandalo que dorme. Sobretudo em questões femininas: porque ahi o sr. Dumas suppõe-se uma especie de Santo Padre do amor, julga possuir a plena comprehensão da mulher, saber desde as leis até ás *pantoufles* toda a phisiologia do casamento, e ser no tempo presente um S. Thomaz de alcova. De sorte que sempre que se trata de um caso sentimental, o sr. Dumas filho entorna so-

bre o *boulevard* como um barril de lixo o seu deposito de observações: porque o sr. Dumas é observador como outros são trapeiros: é de noite, com uma lanterna e um gancho, cosido com os muros conjugaes, apanhando e fisgando em segredo tudo o que cae da alcova, trapos, panos revolvidos, *cuias* velhas, farrapos reveladores — que elle vae colligindo a sua sciencia. Sabe pelo que esgaravata no lixo. É doutor — em roupa suja.

Foi assim que o sr. d'Ideville provocou *L'homme femme. L'homme femme* tornou-se então um rebate atravez das alcovas: jornalistas, *lorettes*, publicistas retirados, tudo correu pelo faro do escandalo. Ganiu-se um grande charivari philosophico — com pamphletos, com livros, com artigos e com vaudevilles. — E o amor, o casamento, a virgindade, a maternidade, o pudor, o adulterio, a mulher, saias e consciencias, tudo foi saccudido, revolvido, remexido, voltado ao sol e a vil publicidade, como um guarda-roupa na tristeza de um leilão.

Ora a conclusão da questão era estranha: tratava-se de decidir, a sangue frio, com argumentos e boa grammatica—se os maridos deviam matar suas mulheres. O sr. Dumas tinha dito

com o charuto na bocca, folheando a Biblia — *mata-a!* Outros, fechando a navalha no bolso, diziam generosamente: *não a mates*. Alguns vaudevillistas ensinavam entre um bock e uma pilheria — *vae-a matando sempre!* E outros accrescentavam, expondo que era necessario estudar mais a questão e consultar diccionarios: *por ora não a mates!*

E no entanto, de faca na mão, os maridos esperam.

. ˙ .

Antes de tudo, não os escandalisa esta questão? Laplace, o antigo, o astronomo, era um homem sereno e recolhido, firme como a sciencia e tranquillo como a verdade. Uma só coisa o fazia irritar e sacudir como uma juba o seu comprido cabello á Convenção: era ouvir algum pau ralvilho da mocidade doirada, algum Incrivel dos que tinham feito fechar o club dos jacobinos e traziam a reacção entalado na alta gola do sefrak á Barras — fallar de astronomia. Então o sereno Laplace rugia. Ora se alguma coisa deve irritar e fazer rugir é ver os srs. Dumas, Ideville, e outros galantes fallar e decidir, como Evangelistas do macadam, sobre o casamento, esse angulo tão perigoso da difficuldade social.

Não a resolveu, esta questão esmagadora, a Biblia; não a resolveu, com toda a sua grandesa, o velho espirito romano: perturbaram-n'a e lançaram-n'a em confusão a theologia e o christianismo: apenas a revolução, pela sciencia de Proudhon, começa a dar-lhe uma solução racional e positiva; — e no entanto o sr. Dumas filho, auctor da *Lorette* e propheta do Gymnasio, estende-se mollemente á sombra dos castanheiros, ouvindo cantar os passaros, e faz-nos o obsequio n'um momento de bonhomia, de resolver no direito e na moral esta difficuldade tenebrosa. Como?—Com uma navalha de seis tostões.

. · .

Que, devemos confessal-o, nós dois, nós ambos, julgando inoportuna a estação de banhos para esta leitura que pede o recolhimento do inverno e o silencio do fogão, não lemos ainda nem *L'homme femme* do sr. Dumas, nem nenhum dos folhetos que rolaram como um enchurro, atravez da opinião parisiense.

Não lemos tambem, sobre o caso, as discussões portuguezas.

O que sabemos apenas é que todas estas prosas incitam a mulher, em periodos commoven-

tes, á pratica da virtude! Ora observa-se que se uma mulher tem um amante, poderá succeder que ella leia, pela manhã ao almoço, um artigo magnifico e pomposo com interjeições, lagrimas e flores:

Sobre o adulterio as suas afflictas miserias.

Sobre a fidelidade e os seus claros esplendores;

Mas nem por isso deixará, em vindo a noite, de ir pé ante-pé, em todos os ardores do susto e do mimo amoroso, abrir a porta do jardim á impaciencia de Arthur. E isto porque?.. Porque a rhetorica não annulla o temperamento.

Porque um periodico bem escripto não abafa uma paixão bem movida;

Porque os adjectivos não dirigem os nervos;

E porque, oh senhores prosadores, a verdade é esta: entre um folhetim, que condemna o adulterio, impresso a tinta preta n'um papel amarellado e um amante vivo, sensivel, forte e amado — nenhuma mulher deixará o amante que é a realidade para seguir o folhetim que é linguagem;

E não despedirá o homem que lhe dá a sensação — em attenção ao sr. Beserra, localista do *Rei e Ordem* que lhe dá prosa.

É por isso que estas declamações soluçantes a que se entregam, com os braços erguidos, o jornal e o drama — são pelo menos inuteis. Não evitam o peccado. E tambem não inspiram o ideal – porque não ha felizmente senhoras tão estranhamente desgraçadas — que vão aprender a virtude nas gazetas ou nas rampas dos theatros.

E depois esta questão de adulterio é equivoca. Porque ou é tratada n'um folheto pelo sr. fulano, bom rapaz e empregado publico — e então torna-se tão monotona, tão banal, tão recalcada, que nem Robinson Crusoé na sua ilha deserta, com todo o seu tedio, e sendo esse folheto o unico folheto e sendo essa distracção a unica distracção — a quereria: ou então é tratada por espiritos subtis, analyticos, originaes como Dumas e succede que, com os detalhes, as anedoctas, os quadros, as revelações, o estudo torna-se uma divulgação de alcova e uma pimenta amorosa! De modo que quando não é uma trivialidade esteril, é uma provocação irritante!

. . .

Ou o adulterio é um facto fatal da natureza eterna, ou é um facto fatal da moral moderna.

No primeiro caso, se elle é a antiga e primitiva lei da pormiscuidade animal, que apesar do apuramento nervoso da humanidade, da civilisação, do direito, da moral, permanece e impelle pela sua fatalidade physiologica — seria necessario para o extinguir, mudar a propria constituição natural ou esperar mais vinte seculos.

No segundo, se elle provem da corrupção do matrimonio e da sua decadencia e descredito como instituição social, se nasce da extincção da fé conjugal nos esposos, se deriva da perversão lançada na dignidade matrimonial pelo idealismo amoroso, se tem a sua origem na moral, então é necessario fazer uma revolução nos costumes tão profunda como foi o christianismo, que nos dê uma outra religião, outra moral, outra familia e outro direito.

Ora qualquer d'estas coisas, tanto uma alteração de constituição physiologica, como uma transformação na ordem social, acham-se os srs. Dumas filhos — com forças de a emprehender, no quintal, fumando *brevas* e cozendo prosa?

Mas mais absurdo que tudo é a palavra final da questão: *o mata-a* ou *não a mates!* a decisão do destino que o marido desvalido deve dar

á esposa revoltada! Para todo o homem, o mais lymphatico ou o mais endurecido, Sgarello ou Marneffe, o momento em que sabe o seu desastre, é fatalmente um momento de excitação, de offensa, de vergonha, de despeito, e não póde subtrahir-se a palpitar com uma pulsação de febre: ora aconselhar um procedimento fixo para este momento allucinado, é querer impôr ao que ha de mais desvairado — a paixão, o que ha de mais raciocinado — a regra. É dizer de antemão ao pulso — tu baterás d'este modo, é aconselhar previamente á colera — tu rugirás d'esta fórma. Quem vae estudar de antemão ao espelho as attitudes que deve tomar na dôr? quem decora no seu quarto a palavra que deve dizer na colera? A febre não calcula — improvisa.

Depende sobretudo dos temperamentos. Segundo se é sanguineo, lymphatico, bilioso, melodramatico, bonacheirão ou egoista — assim se faz *sangue*, se faz *sermão* ou se faz *negocio*. Basta ver quantas soluções differentes a verdade e a arte teem achado para este momento agudo, para se perceber a inutilidade pedagogica e rhetorica de marcar de antemão um procedimento. Othello, que é negro, sanguineo, ba-

talhador, barbaro e justo, toma o travesseiro, e mata por asphixia. O general de Campvallon que é gotoso, cheio de achaques, encosta-se, ao surprehender sua mulher, á umbreira da porta e morre de apoplexia. Um negociante hollandez fleugmatico, pratico e frio, toma sua mulher pelo braço, põe-na á porta da rua com uma mala e uma nota do banco, afferrolha a porta e volta tranquillamente para o seu escriptorio. Um fidalgo de Bourges, cheio de opiniões feudaes, desfecha a carga de um rewolver no peito de Arthur. Um outro encontra sua mulher anediando uns cabellos de homem que não são os seus, vae ao seu quarto, toma a sua roupa branca e parte para sempre para o Egypto. Um outro, infelizmente bem conhecido, vae ao seu quarto, toma um rewolver e parte para a eternidade. Outro surprehende, fecha-se no quarto com a mulher e quando os creados assombrados imaginam que elle a matou, veem-no sair risonho, trazendo-a pelo braço, rendido e mais amoroso. O general Pallavicini, seguindo a velha tradição dantesca da casa de Rimini, degola com a espada os dois, sobre o sophá. Outro espera Arthur no fundo da escada, e obriga-o a assignar uma letra. E um outro, tranquillo e

risonho, diz durante dois annos a sua mulher todos os dias de manhã passeando com ella no jardim, a mesma palavra vil.

Tal temperamento, tal solução. Todos estes infelizes se desesperaram: — mas com a logica do seu caracter — o barbaro generoso mata, o civilisado infame faz assignar a letra. Mas a raiva é a mesma. E no entanto o sr. Dumas entende que o procedimento colerico se póde ensinar como um passo de contradança, e sem querer saber dos temperamentos, dos caracteres, das condições, faz para a infinita diversidade dos desesperos — um cathecismo uniforme.

E — riamos! — esse cathecismo que conclue pela morte — quando quer o sr. Dumas filho que os maridos, curiosos d'essa materia, o estudem e tomem apontamentos? Se o sr. Dumas faz um tratado e uma lei de morte, com argumentos e exemplos, é para que os maridos o leiam, aprendam a lei, se convençam, se apropriem d'aquella idéa e decorem aquelle procedimento. Mas quando, em que momento preciso do seu casamento? — Não póde ser logo que casem: qual é o marido bastante torpe para ir no dia seguinte ao do noivado, vendo sua mulher apenas saida da virgindade, noiva e pela

Graça quasi sagrada, estudar muito tranquillamente no sr. Dumas o que lhe deve fazer — quando ella fôr adultera? — Não póde ser tambem no momento da revelação, porque seria estranho que um marido surprehendendo sua mulher e Arthur — lhes dissesse :

Sr.ª esposa e sr. amante, eu vou para a minha bibliotheca consultar os auctores e ámanhã lhes darei parte do destino que lhes reservo: tenham a bondade de me passar d'ahi os documentos da infamia e um diccionario!

. ˙ .

Em quanto ao adulterio, essencia da questão, não queremos privar as curiosidades intelligentes de algumas pequenas notas que não resolvem, mas explicam.

A maior parte da gente imagina que para uma mulher esta idéa e mesmo esta palavra — *ter um amante,* significa muito simplesmente — *ter um homem que amam.*

De modo nenhum: só muito raras, as descendentes de Phedra, pensam no homem. Para a generalidade das mulheres, — *ter um amante* significa — ter uma quantidade de occupações, de factos, de circumstancias a que pelo seu

organismo e pela sua educação, acham um encanto ineffavel. *Ter um amante* — não é para ellas abrir de noite a porta do seu jardim. *Ter um amante* é ter a feliz, a dôce occasião d'estes pequeninos affazeres — escrever cartas ás escondidas, tremer e ter susto: fechar-se sós, para pensar, estendida no sophá; ter o orgulho de possuir um segredo: ter aquella idéa d'elle e do seu amor, acompanhando como uma melodia em surdina todos os seus movimentos, a toilette, o banho, o bordado, o penteado: é estar n'uma sala cheia de gente, e vel-o a elle, serio e indifferente, e só elles dois estarem no encanto do mysterio; é procurar uma certa flôr que se combinou pôr no cabello; é estar triste por ideaes amorosos, nos dias de chuva ao canto de um fogão; é a felicidade de andar melancolica no fundo de um coupé; é fazer *toilette com intenção*, o maior dos encantos femeninos! etc.

Estas pequeninas coisas que enchem a sua existencia, que a complicam em côr de rosa, que a idealisam — são a sua grande attracção. É o que amam. O homem, amam-no pela quantidade de mysterio, de interesse, de occupação romanesca que elle dá á sua existencia. De

resto amam o amor. Havia muito d'este sentimento nas mysticas e nas antigas noivas de Jesus. Amavam a Deus porque era o pretexto do culto.

Por aqui se explica uma coisa que surprehendeu Taine. E foi que na sua ultima viagem a Inglaterra — contava-se então nas chronicas intimas que em toda a vasta aristocracia ingleza que faz a *season* em Londres, havia apenas um adulterio! E todavia que luxo, que idealismo, que vagares, que requintamentos de sensação, quo excitações do *chic*. Taine explica isto por muito finas razões, subtis e profundas: temperamento, publicidade, boas saudes, rectidão de idéa, etc.: esqueceu-lhe uma razão, a mais ingleza. É que a lady romanesca, sensivel e fria — o que pretende sobretudo e exclusivamente no amor, são as suas occupações, é a sua melancolia: a ingleza com a sua carnação saudavel, as suas risadas francas, os seus cabellos espalhados e impertinentes, a sua hygiene, as suas corridas a cavallo, a sua virilidade de pensamentos — conserva todavia, sob o seu movimento excentrico e resoluto, no fundo do seu peito, como a recolhida flôr do segredo, uma ponta, uma semente de melancolia. Alguma

coisa de vago, de sahido de Ophelia, d'Osseanico, de exhalado da harpa de Erin, ficou no fundo d'aquellas naturezas femininas dos paizes loiros. A ingleza não se póde dispensar de ter aquella melancolia de certas horas, azulada e terna — a que ella chama com certos requintes finos — *ter o coração sentido.* — De sorte que de mil senhoras da aristocracia ingleza, das que tem a mocidade e o espirito do sentimento, uma poderá ter um amante e os seus peccados — mas as outras restantes contentam-se em ter o *coração sentido.*

De tudo isto uma consequencia logica : — procurando dar uma occupação ao espirito disponivel da mulher, impedir que ella procure as occupações do amor.

Hoje, justamente, faz-se o contrario.

. ˙ .

Hoje a mulher é educada exclusivamente para o amor — ou para o casamento, como realisação do amor. É claro que, como Dumas, fallamos das classes ricas e improductivas.

É facil de ver. Que se lhes ensina desde o momento em que a pequenina mulher de 7 annos, nos bicos dos pés, diante do espelho, com

a sua sainha tufada e o seu *puff* pueril, se enfarinha de pó de arroz, rindo com os seus brancos dentinhos de rato?

Educa-se-lhe primeiro o corpo para a seducção. Não pela gymnastica — isso agora apenas começa vagamente, como uma imitação ingleza — mas pela toilette: ensina-se-lhe a vestir, estar, andar, sentar-se, encostar-se com todas as graças para sensibilisar, dominar as attenções, ser espectaculo, vencer o noivo. Ensina-se-lhe a arte sentimental e inutil de bordar flôres e passaros; o bordado é a mais perniciosa excitação da phantasia: sentada, immovel, curvada, picando delicadamente a talagarsa, o vôo inquieto das imaginações e dos desejos palpita-lhe em roda, como um enxame de abelhas: e é isto o que perde as rosas, como diz um velho poeta ascetico: é porque a rosa não póde fugir, andar, sacudir o enxame — que é ella sempre ferida no calice.

Depois ensina-se-lhe a musica, o piano, o canto, Bellini, Donizetti, todos os amorosos. A musica classica, os velhos menuetes, os motetes, as fugas, as arias simples — eram uma serenidade para o espirito, um correr d'agua fresca. Os romanticos são como uma chamma impa-

ciente. — Prepara-se-lhe assim um meio de encantar, de sensibilisar, de adormecer, e dá-se-lhe alguma coisa da habilidade das sereias. — Depois o seu espirito como é educado? Pelo romance, que lhe descreve o amor, pelo theatro que lh'o dialoga, pela opera que lh'o suspira, pela opereta que lh'o assobia.

No mundo, nas *soirées*, ao gaz dos bailes, na intimidade das mulheres, que interesses vae encontrar? os da politica? os da sciencia? os da arte? os da economia domestica? os da guerra? Decerto que não — os do amor.

Que lhe diz o luxo, por meio das sedas sonoras, das cachemiras, das pedrarias, da vitrine das lojas, das rendas loucas, dos saltos á Luiz XV, da fôfa penumbra dos coupés? Amor.

Que idea lhe dá a familia, a maternidade? O encanto de um amor legitimo.

Que lhe ensina a mesma religião? o amor. Duvidam? — aqui estão os trechos d'um livro de orações approvado pelo sr. arcebispo de Rouen — traduzido por toda a parte:

« *Acto de desejo*. — Oh vem, meu bem amado, carne adoravel, minhas delicias, meu amor, meu tudo, meu alento! Minha alma impaciente enlouquece por ti!

« *Acto de amor.* — Tenho pois em fim a feli-
« cidade de te possuir! Abraza-me, queima-
« me, consome-me com o teu amor. Jesus é
« o meu, o bem amado é meu. »

Que lhes parece? Approvado por monseigneur de Rouen, o cardeal Bonnechose, principe da Egreja. É um cathecismo francez, quasi um cathecismo universal. Trata-se do amor de Jesus — dirão: pois tambem seria excessivo que se tratasse de Arthur! A egreja não o faz expressamente — dirão ainda: quem o duvida? Nem um momento desconfiamos da austera intenção da egreja. Mas é innocentemente e sem intenção, que as mães deixam as creanças ao pé do lume, e quantas vezes a casa arde!

Querem saber agora como fallam e pensam as mulheres educadas n'este elemento abrazado? Vejam a ultima peça de Octave Feuillet, o casto, o pudico, o catholico, o que escreve para as virgens aristocraticas e loiras do faubourg Saint-Germain. Feuillet põe na bocca de uma menina de 15 annos, educada n'um convento, assucena coberta de rendas, Pomba, Arminho, Neve, estas palavras: adoro os rapazes para valsistas, mas para maridos não! — E na platéa velhos

sargentos de cavallaria coram até ás dragonas!

Bom Deus! Não somos caturras! Dizemos a verdade. De resto como não temos a responsabilidade da corrupção humana, tambem não fugimos para o deserto. Quem é que disse que o inferno era um logar bem interessante? Foi Brantome. Pois era um sabio.

N'esta educação da mulher uma só coisa é profundamente boa — a *valsa*. E é justamente o que mais lhe regateia uma moralidade banal. A valsa é hygienica, moral, depurativa, educadora e positiva.

Um hygienista celebre recommendava a todas as mulheres de 14 annos para cima duas horas de valsa por dia. Os movimentos rapidos, galopados, fortemente sacudidos, a transpiração egual, outras circumstancias, tornam a valsa um exercicio radicalmente salutar, quasi egual á gymnastica: desenvolve a firmeza do andar, a solidez das articulações, faz girar abundante e egualmente o sangue, robustece o peito, exercita e excita a facilidade da respiração. É um dôce medicamento contra a anemia, a pallidez, os suores. É sobretudo uma fadiga. Toda a mulher que se não cança, idealisa. Dá os bons somnos saudaveis e frescos, o appetite inglez.

Dá ás raparigas uma boa alegria de ave que vôa. E tem-se visto doenças inexplicaveis de mulheres curarem-se com uma valsa. As boas valsas são as de Strauss, ageis, alegres, radiosas, impellidas, firmemente resvaladas—que teem alguma coisa de ataque e muito do triumpho.

A valsa é moral e educadora: porque acostuma as mulheres a ter dos homens uma idéa positiva e burgueza. É por isso que os romanticos, os netos de Byron e de D. Juan não valsavam: pallidos, encostados á humbreira, com a gravata de setim negro em nó, o olhar triste e dominante, os dedos errantes em longos bigodes sentimentaes, estavam immoveis em todo o encanto do seu mysterio, exhalando romance. O homem que na frescura da sua toilette, a pelle macia e secca, a claque debaixo do braço, sereno, fresco, perfeito, intacto, conversa e ri n'um baile, póde excitar o sentimento: quem nunca o excitará é o valsista—com a pelle oleosa, a testa cheia de gotas, a respiração offegante, um arquejar pesado, o nariz luzidio, a aba da casaca esvoaçando, as pernas pulantes como as de um gafanhoto que vae para os seus negocios, o ar embezerrado, vermelho, sopran-

do, feliz e grotesco. A mulher olha e sorri. Porque ella é que não perde a graça se a tem, e o arfar dá-lhe a delicadesa, todos os abandonos mimosos da ave que cança. Além d'isso os vestidos compridos, rojados, leves, foram feitos para a valsa e accentuam-na como um palpitar d'aza. De sorte que se póde rir, legitimamente, de cima de seu encanto, do pobre homem que a seu lado resfolga, escarlate e esfalfado. E depois o homem que valsa, como póde ter espirito? O que naturalmente lhe sahiria pela bocca fóra, se a abrisse, não seriam as graças — seriam os bofes: é por isso que elle, duro, cerrado, espesso, alagado, guarda dentro em si para seu uso cuidadosamente — a pilheria e a viscera.

Na valsa a mulher faz a poesia do movimento —o homem faz-lhe a farça. O homem, de resto, nunca deve dançar : o seu movimento são as armas, a lucta, a marcha, o salto, a gymnastica : já Napoleão o dizia. O Oriente, tão profundo e tão subtil, comprehendeu isto admiravelmente : ahi as mulheres dançam sós entre si; o homem, encostado no divan, contempla e fuma o *chibouk*.

Valsem! valsem! — e creiam que esta glo-

rificação é desinteressada: o que escreve estas linhas não valsa. Valsou. Valsou um dia. Era de madrugada ao fim d'um baile, dado muito longe d'aqui, ao Oriente e ao Occidente. Valsou com um preto. Na sala deserta, luminosa e scintillante como uma visão do sultão Achmed, quatro pessoas assistiam gravemente áquella valsa solitaria: um chefe de tribu dos confins da Nubia, immovel na sua tunica de linho e fio de oiro, lord C... que agora morreu em Florença, um sabio doutor prussiano, mademoiselle J... dos *Bouffes* e um capitão de artilheria ingleza, que olhava gravemente a cavallo n'um creado. E tantas saudades lhe ficaram ao que isto conta, d'aquella valsa — que assim como o rei de Thule nunca mais bebeu, elle nunca mais valsou.

Ora o que se faz a esta mulher inteiramente, exclusivamente, educada para o amor? Esta mulher, assim formada, casa. O marido vae, de certo, dar a esta natureza, que vem curiosa, impressionavel e agitavel, uma occupação que a absorva e que a preencha? — Não. É nas classes ricas: o marido trata de lhe tirar todo o trabalho, todo o movimento, toda a difficuldade, alarga-lhe a vida em redor e deixa-a no meio,

isolada, fraca e tenra, abandonada á phantasia, ao sonho e á chamma interior: a cabelleireira penteia-a, as creadas vestem-n'a, a governante trata-lhe da casa, a ama cuida-lhe dos filhos, as moças arrumam-lhe os quartos, o marido ganha-lhe dinheiro, a modista faz-lhe os vestidos, — um *coupé* macio caminha por ella, um *jornal de modas* pensa por ella. — O que resta a esta infeliz creatura, encolhida no tedio da sua *causeuse?* Resta-lhe a sua genuina occupação, a que lhe ensinaram e em que é perfeita — o amor.

Se o marido se conserva um amante—bem. Mas se o marido naturalmente, como deve ser, se occupa dos seus negocios, do seu escriptorio, da sua politica, dos seus fundos, do seu club, dos seus amigos — mal. Ella naturalmente faz como um amanuense que tendo por profissão escrever, quando tem escripta e cheia a primeira folha de papel, toma outra — para continuar a escrever.

Tal é a verdade.

. ˙ .

E querem uma prova? É que as mulheres mais occupadas, são as mais virtuosas. É isto evidente na pequena burguezia, no mundo proletario, nas classes agricolas. Os adulterios ahi, a

não ser as excepções de temperamentos, são quasi todos originados na necessidade e na pobreza. Outra prova é que Lisboa é uma terra de mulheres virtuosas: podem rir-se os incredulos da cidade, *les rieurs de la ville*, como dizia Tallemant de Reaux. A verdade é esta, e a razão é que Lisboa é uma terra pobre; a maior parte das familias são de empregados publicos, e portanto as mulheres sem creadas, sem aias, e sem carruagens teem, de manhã á noite, o rude trabalho de uma casa a dirigir: teem de se vestir, de lavar os filhos, de alinhavar vestidos, de tomar roes, de fazer as suas compras, e fica-lhes um dia *cheio e trabalhado*.

Uma mulher assim fatigada, cheia de pequenas preoccupações, de attenções caseiras, de economias, de chaves, não tem vagares para o sentimento. A sua natureza torna-se excessivamente pratica, positiva, domestica, hostil á phantasia e aos seus cortejos. Além d'isso, vendo o marido sobrecarregado e sustentando pela firmeza do trabalho *aquella nau*—toma-se por elle d'um grande respeito. O casamento torna-se assim uma associação de trabalho. A mulher adquire uma alta idéa da sua missão. Vendo-se centro d'actividade, na casa, e que é necessaria

a todos, e que a sua presença consola, e que a sua coragem fortifica, e que pelo seu trabalho e a sua ordem a familia está confortada, aceiada, farta, alegre—julga-se e tem o orgulho de Providencia, reina verdadeiramente, e nem por todos os encantos quereria descer na estima do seu pequeno mundo honrado.

Além d'isso, mesmo que fosse sentimental, o que é extremamente raro, as condições de existencia burgueza defendiam-n'a como muralhas. As casas são pequenas, o contacto da familia é permanente, a todas as horas, nas mesmas salas; torna-se impossivel toda a intelligencia secreta com o exterior. Não poderia ter muito tempo mesmo um segredo do coração, a familia adivinhar-lh'o-ia na preoccupação do rosto, na voz e no silencio.

Dê-se á mulher um alto interesse domestico, e dá-se-lhe uma virtude invencivel. Dê-se-lhe uma casa a governar, uma familia a dirigir, e ella encontrará no seu coração mais valor para ser virtuosa do que nós encontramos razões no nosso espirito para sermos honrados.—Ora agora se o marido faz da sua mulher uma amante *mignone* e luxuosa, se a torna um pequenino mimo e um goso de voluptuosidade, se faz d'ella

um ornato de theatro e quasi um embellezamento publico, se a quer como uma sultana de Georgia que se transporta nos braços — n'esse caso está mal, e então o risonho *Offenbach* adianta-se com a sua batuta e o seu *couplet* garoto, e aconselha-lhe a que nunca entre em casa — sem prevenir.

Proudhon disse que a mulher só tem um destino — *menagère ou courtisane* — dona da casa ou mulher de prazer.

Seria longo explicar a alta moral que esta palavra encerra, mas se aos maridos basta um resumo concludente e firme, diremos que cada um — encarregue sua mulher de fazer casa, e a dispense de fazer moda. Quando fallamos assim de *moda*, com irreverencia, não queremos dizer que a mulher não cuide da sua belleza. Bem ao contrario. Para a mulher a belleza é o mais alto dos seus direitos e o mais grave dos seus deveres!

. • .

Collocar a mulher nas occupações da familia, eis o que achamos de mais generico para evitar a dissolução do casamento. Se porém nos interrogam directamente sobre o adulterio e os seus motivos, pedimos que observem o que se passa nos costumes.

. . .

O espectaculo é curioso. O adulterio é um facto approvado pela opinião: querem a prova? No adulterio entra — o seductor, para que lhe demos este nome classico, a mulher e o marido. Vejamos como a opinião os considera e como elles mesmo se consideram a si: consciencia propria e consciencia publica.

Vejamos o seductor:

Dizia Napoleão: o adulterio que é um tão grande facto no codigo e na moral, não é na vida real mais que um entretenimento de baile ou uma distracção de theatro. Palavra profunda. O celibatario sentado na sua cadeira, n'um entreacto, enfastiado, fita uma certa mulher, que o fere pela côr dos cabellos ou pelo feitio da *toilette*: d'ahi ás vezes uma tragedia. No entanto o celibatario, o *dandy*, o *leão*, está na sua occupação habitual. Não é para dissolver a familia, provocar os desastres, — que elle ali está de luvas *gris* — é para cumprir a sua elegancia. Está nos costumes. Ninguem lh'o estranha.

O celibatario não é o carrasco official da felicidade conjugal. É um bom rapaz, é um *dillettante*, é um ocioso, é um voluptuoso. A sua distincção honra a civilisação e o luxo; a cidade

por vezes tem orgulho n'elle; Alcibiades, *crévé* foi uma gloria d'Athenas e Plutarcho narrou-o. Não é por mal que o celibatario olha: é por obrigação da sua profissão, é por *dever d'officio*. Não é com intenção fatal, que elle *faz a sua côrte* a uma mulher; é porque, se conhece uma mulher, se é recebido em sua casa, tem obrigação de *lhe fazer a sua côrte. Fazer a sua côrte*—é necessario que saibam, é uma cousa muito differente *de fazer a côrte*.

Fazer a corte é olhar de longe, seguir, adivinhar a mulher, procurar fallar-lhe, ter a attitude sentimental. Se o celibatario *faz a corte* é porque não é da intimidade da casa, ou está posto em suspeição pela desconfiança marital. Opera de longe, com largos vôos. Não é perigoso.

Outra coisa porém é o celibatario que *faz a a sua côrte*. Fazer *a sua côrte* é sentar-se ao pé de uma mulher, fazer-lhe uma conversa interessante, provocar-lhe o espirito, dar-lhe o braço á saida, por-lhe o seu burnous com a ponta dos dedos. Diz-se muito legitimamente a um marido: *Vou fazer a minha corte a tua mulher*. Por coisa alguma se lhe diria, sob pena de bengaladas, vou *fazer a corte a tua mulher*. O que faz a sua côrte é sempre intimo de casa: tem o seu

talher, ri em segredo com madame, traz-lhe ramos de que tira um botão de rosa para o marido pôr na *boutonniere*—entra no camarote e diz-lhe: *se queres vae fumar eu fico a fazer a minha côrte a tua mulher.* — *Onde está fulano?* perguntam no corredor ao marido que fuma. — *Ficou a fazer a sua côrte a minha mulher.*

O que *faz a sua côrte* vae com ella ás lojas, traz-lhe a *valsa* da vespera e o escandalo do dia, conta-lhe ao ouvido o enredo da opera, e é elle que — quando o marido o encontra saindo da sala de sua mulher, lhe diz:

— Tenho estado a fazer a minha côrte a tua mulher.

— Não queres ficar para jantar?

— Não. Vou fazer ainda a minha côrte a fulana.

O scelerado! o bom rapaz!

Ora bem: este homem que — para que o digamos desde já é o amante — como é considerado pelo mundo e pela opinião? Optimamente. Bem recebido, rodeado de braços abertos, tomado como typo e mestre pelos solteiros, invejado pelos maridos mancatados ao casamento, como uma ave que voa pode ser invejada por uma couve que está, olhado curiosamente, intencio-

nalmente e medrosamente pelas mulheres, — torna-se centro e toma no seu mundo uma attitude victoriosa.

Assim o ter tido um certo numero de amantes, isto é ter desorganisado um certo numero de familias, é na moral contemporanea um *chic*. Na moral antiga teria as penas infamantes da mutilação. Hoje é um *chic*. É mais: é um complemento de educação. Na *Princesse Georges*, a mãe, a marqueza, diz do principe de Birac:

— É um homem de bem que viajou e teve aquelle numero de aventuras *que fazem parte da educação*, mas teve-as no seu mundo.

Esta palavra é um traço photographico da opinião moderna. E quem o diz é uma mulher honesta, attenta á devoção. E ahi temos pois que ter seduzido algumas mulheres casadas, é na mocidade de um homem e para garantia do seu destino, tão indispensavel como ter aprendido a grammatica: e póde dizer-se das perfeições de um *gentleman* — perdeu uma mãe de familia e sabe os verbos.

O homem que nunca teve uma amante casada é, segundo a apreciação mundana, ligeiramente ridiculo, *philosopho, caturra*, nega-se-lhe a experiencia feminina, e passa á situação hirsuta e

florestal *de bicho do matto*: é a opinião dos cafés. E a opinião das salas não lhe é mais favoravel: é considerado um inhabil e um collegial sem valor; se elle não interessou nem fez palpitar ninguem é porque é sem espirito, sem originalidade, sem belleza, sem *toilette* e sem discripção; é um inutil, é um seminarista estraviado; attribue-se-lhe falta de coragem e de dominio, dá-se-lhe aquella indifferença que se dá *ás coisas sem dono*. Mas se teve uma amante com publicidade e relevo, ah! É um homem. A sua phisionomia interessa e exhala mysterio. Se teve tres é *leão*, torna-se celebridade, tem o sorriso escravo das mulheres e um logar no Estado. Se tem tido mais—e um marido morto em duello, é o caso de Cade Rousse, e fica n'uma civilisação como typo perfeito da fina flor dos bravos. E assim a gloria cresce, com o numero de seducções, até D. Juan, que por ter tido tres mil, é cantado pelos poetas, escolhido pelos pintores como a expressão do ideal, posto em musica pelos maestros divinos, tornado Symbolo, e depois de 400 annos ainda a sua legenda faz suspirar de amor.

E se o *leão* envelhece não é abandonado como o de Lafontaine. A protecção feminina segue-o como um amparo providencial. É collo-

cado n'uma embaixada ou n'um senado: o Estado encarrega-se d'elle, como de uma gloria publica: e como Romieu, depois de governar as alcovas, vae governar as provincias — ou como o duque de Morny vae descançar das almofadas de *boudoir* na cadeira de primeiro ministro.

E emfim, pormenor fatal, não ha mãe que não deseje para sua filha, não ha filha que não deseje para si—um homem *que tenha já passado as primeiras verduras*: isto é deseja que, para dar garantia de felicidade á sua familia, tenha já d'antemão gasto a chamma impaciente: por onde? Pelas familias dos outros!

Sendo assim uma alta gloria a seducção — é evidente que todos desejam a aureola perfumada e que todo o moço de 20 annos livre de recrutamento, que se sente um pouco de espirito e roupa branca, arremeça-se de *badine* em riste, ao movimento amoroso — o que faz, diria Marivaux — um vôo de milhafres sobre as tenras pombas.

Perigo que não temos em Portugal—e que mais accentua a nossa virtude: Aqui ha o celibatario, mas não ha o *leão*. E não é difficil á mulher mais fraca resistir ao encanto do Lovelace nacional: por que o celibatario está nas secretarias ou está

nas cavalhariças. Os das secretarias são excellentes rapazes, com boa letra, espirito d'ordem, boa mão de bilhar, muito entendidos em hespanholas, mas estão realmente longe de ter em espirito, em distincção, em petulancia, em replica, em sentimento, em valor, aquella alta superioridade que fazia com que madame Recamier se erguesse, ao cumprimentar, duas linhas acima do seu eterno sophá de damasco amarello.

Em quanto aos que estão nas cavalhariças — são tambem excellentes, dignos, perfeitos, mas inteiramente dados ao gado.

De modo que por este lado, ó filhas de Maria, Satanaz anda longe.

Se o amante é assim julgado, como é julgada a mulher?

....

....

NOTA

Os auctores resolveram de commum accordo, ao lerem as provas d'este artigo, eliminar a ultima parte d'elle, que se referia ao *adulterio segundo a opinião e os costumes actuaes*. Os auctores reconheceram que os nossos habitos burguezes não supportam criticas realistas.

Pessoas que hontem pela manhã passaram no Passeio Publico pretendem ter ali visto, sob uma olaia, junto do lago, por traz da estatua do Tejo, o sr. Jayme Moniz sentado em um escabello rustico, tendo um cordeirinho aos pés e tangendo elle — sua excellencia — em compassadas modulações uma bucolica frauta.

Por outro lado o *Diario de Noticias*, que temos presente, diz o seguinte:

«Hontem pela manhã esteve o sr. ministro da marinha na ponte do arsenal, olhando para a *Sagres*.»

Ora não é possivel que sua excellencia podesse achar-se sob a olaia, espairecendo seus penares nas modulações de uma tibia pastoril, e ao mesmo tempo ser visto na ponte do Arsenal dispendendo em beneficio da patria os mais profundos e estuosos recursos do seu genio, devotado a esta missão tão séria, tão grave, tão altamente scientifica, tão intimamente patriotica: «olhar para a *Sagres!*»

Nem o paiz, nem a historia, nem a posteridade devem ficar em duvidas sobre um tão interessante ponto da biographia do joven e pallido ministro.

Em nome da verdade historica pedimos pois

humildemente a sua excellencia que se sirva dizer-nos, se estes ultimos tempos de sua preciosa vida sua excellencia os tem passado soprando a interessante gaita dos antigos zagaes, como alguns dizem, ou — como o *Diario de Noticias* pretende e nós muito desejariamos poder confirmar — confundindo os seus inimigos e engrandecendo a sua patria acima de toda a medida por meio d'esse trabalho tão improbo, tão philosophico, tão rigoroso, de tão profunda e tragica responsabilidade, como é o collocar-se na ponte do arsenal, e d'ahi com a cabeça descoberta, os cabellos soltos, os braços crusados no peito, immovel, austero e terrivel, olhar a *Sagres*.

Aguardamos, anciosos porém tranquillos, a resposta de sua excellencia.

Srs. operarios:

Pouco temos a dizer-lhes, mas não queremos deixar de os felicitar pelo bom resultado das suas *grèves*; nem apreciamos menos a attitude que tiveram, cheia d'um espirito fraternal, d'uma

moderação resoluta e d'aquella tranquillidade que
é a melhor garantia de que se possue o direito.

Os senhores estão no seu momento histo-
rico.

Nós outros os que pertencemos ao *terceiro
estado*, nós que ainda não ha cem annos deixa-
mos pela primeira vez de ajoelhar, quando fal-
lavamos na sala dos Estados geraes, diante do
rei immutavel e sagrado sob o seu docel d'armi-
nhos; nós que ainda ha pouco, na noite de 4 de
agosto, repelliamos para a archeologia o privi-
legio aristocratico; nós que ha apenas noventa
annos estavamos ruminando tranquillamente a
nossa authoridade no alto da cidade—ahi está
que nos pomos a descer lentamente—porque os
senhores se approximam!

O *terceiro estado* vae-se, o *quarto estado*
vem!

E ainda ha pouco em Hispanha, o sr. Martos
ministro dos estrangeiros annunciava no con-
gresso a sua chegada official, dizendo: *a re-
volução de setembro é o advento do quarto
estado!*

Mas os senhores foram mais felizes que nós.
Nós levámos a alcançar a roupa branca indepen-
dente que hoje temos, alguns seculos de trabalho

consciente! E os senhores, caloiros que sois, ainda ha trinta annos, em 1848, a presença do operario Albert no governo provisorio, era a primeira apparição muda e instinctiva do vosso temeroso mundo. — Parece incrivel! e estamos em 72, e já vamos descendo para a penumbra historica, nós, os filhos de Robespierre!

Paciencia. Vamos-lhes abandonando a terra. Resignemo-nos. Desçamos. Dá cá o braço, Milicio!

Mas, senhores operarios, não se regosijem excessivamente; que os senhores teem o seu dia, mas terão o seu fim; e já por traz dos senhores que são o *povo*, nós vemos uma temerosa sombra que murmura e rosna — a *populaça*.

Emfim, senhores operarios, no meio dos seus triumphos algumas circumstancias queremos levar á sua attenção. E a primeira é que não se devem os senhores julgar os mais opprimidos da cidade. Porque aonde existe o empregado publico, ninguem tem o alto da desgraça. E, se a sua Fraternidade Operaria os póde conter a elles, lamentaveis como o pó e como o pó abandonados, terão os senhores reunido a si o verdadeiro proletario — o proletario burguez. —

Os senhores fallam do seu direito, reclamam-n'o com *grèves*, conseguem-n'o com cotisações; mas a verdade é que muitos dos srs. não são desgraçados. Em Portugal as industrias são quasi todas privilegiadas, a importação é grandemente limitada pela taxa das alfandegas, de tal sorte que succede que a media dos senhores ganham 800 réis diarios, e alguns 1$000 réis. E com isto os srs. vivem em casas operarias baratissimas, andam perfeitamente com a sua jaqueta, suas esposas trazem com muita graça as chitas sympathicas dos tempos simples, seus filhos vão aprender um officio e ganham logo, — os senhores não teem visitas, nem theatros, nem convites, porque teem a vantagem da vida pobre; talvez não comam carne todos os dias, o que é um grande mal, mas muitos empregados publicos a não comem tambem. Agora accresce que elles, por exemplo, a classe infinita dos amanuenses, com os seus ordenados de 600 a 800 réis, teem de viver n'um andar na baixa, de andarem elles, os filhos e as mulheres, vestidos com certa decencia de panno e de seda, teem de mandar os filhos aos collegios e todas as desvantagens da sua posição official. Isto em breves palavras, sem fazer o quadro mais minucioso e realista

da vida de um empregado publico — lhes fará comprehender — que a pequena burguezia já está mais pobre que o proletariado: que ella vivendo sob a pressão feroz da carestia dos alugueres, do alto preço dos generos, da agiotagem, — não pode todavia fazer *gréves* — e que por exemplo, um primeiro official de secretaria é mais pobre e bem mais proletario do que um operario pintor de carruagens, cujo salario póde elevar-se a 2$000 réis por dia.

É verdade que um pintor de carruagens é a excepção — mas o director geral não é a regra.

Se além dos empregados publicos — o que lhes póde parecer uma approximação humoristica — os senhores se lembrarem das classes agricolas e da miseria dos trabalhadores do campo, que são, como os senhores, proletarios e não sei se diremos que elles, creados na salutar educação da terra e da cultura, nos merecem mais sympathias que o proletario da cidade que tem uma polidez de mau agoiro — verão que no fim de tudo, para além dos senhores, muita miseria existe callada — que deveria fallar.

Outra cousa porém lhes pedimos com todo o empenho — é que estudem melhor as suas *gréves*. Porque tendo os patrões o meio de se des-

forrar do augmento do salario que os senhores lhes exigem, augmentando o preço porque vendem aos que consomem, não vão os senhores por excessivas *grèves* causar um encarecimento geral; de tal sorte que succeda este facto impertinente: os senhores terem um vintem mais por dia no que ganham, e gastarem por dia um pataco mais no que consomem. Vejam que uma parte dos homens eminentes da Internacional, por ventura os mais scientificos, se estão oppondo ás *grèves*, as quaes já deram em Inglaterra para os operarios o resultado igual — ao que tira um homem que lança ao ar uma pedra e ella lhe vem rachar a cabeça. Assim por exemplo, os senhores chamam-se a *Fraternidade Operaria*. Se são irmãos, não devem deixar na sua miseria atroz os seus irmãos, que trabalham nos campos; mas se houver uma *grève* agricola, os senhores, da cidade, teem immediatamente uma tal alta nos generos de primeira necessidade que não cobrirão com todas as *grèves* industriaes o desastre que lhes causou a *grève* agricola. E esta todavia é d'uma justiça irrecusavel: sómente arruina-os. Estudem por tanto esta questão temerosa. Mas estudem-n'a. Não cantem um pouco de mais o *fado*. O fado é bom e bo-

nito. Mas não é inteiramente á guitarra que os senhores hão de conhecer a questão do salario; e olhem que ella envolve uma cousa positiva e nitida — a fome. Estudem, consultem os experientes, que residindo nos grandes centros industriaes teem a plena intelligencia da lei economica das *grèves*. Os senhores teem de chegar e de vencer. É uma lei historica. Ninguem lh'o nega. A questão está toda no *meio*. Estudem-n'o bem — e pacificamente.

Outra cousa lhes pedimos,senhores operarios: é que contenham certas tendencias que os senhores vão mostrando para a litteratura. Apparecem aqui e acolá, nos annuncios, prosas d'operarios que em termos poeticos e com muita rhetorica agradecem aos patrões, exprimem o seu direito, ou suscitam a sua opinião. Os senhores não teem que fazer prosa. Prosa fazemol-a nós — e é mesmo uma das causas porque teremos de responder amargamente — no dia de juizo social. Os senhores o que fazem — é producção e industria. Se porém os senhores sob a sua dignidade d'operarios, escondem apenas organisações de localistas — tenham a bondade de esperar ahi um momento, que vamos buscar as bengalas.

Somos, srs. operarios, fraternaes amigos e antigos admiradores.

Deu-se ultimamente um facto singular: o soldado Barnabé, mata o seu alferes, com um tiro, e é, pelo conselho de guerra, condemnado a *ser passado pelas armas*. Immediatamente a imprensa apossa-se vorazmente d'este facto e, durante um mez, trava-se entre sanguineos e lymphaticos esta discussão: deve o soldado Barnabé ser fuzilado? deve o soldado Barnabé conservar-se vivo? E no entanto na sua prizão o soldado Barnabé, espera que os srs. jornalistas e curiosos decidam, — se elle póde continuar a aquecer-se ao sol, ou se deve ser encostado a um poste vermelho e atravessado de balas.

Podia suppôr-se ainda que o soldado Barnabé, na reclusão mortuaria da sua casamata, não conhecia esta discussão que era para elle alternadamente—bandeira da misericordia e dobre de finados. Mas qual! O soldado Barnabé conhece os jornaes. O soldado Barnabé lê os jornaes, e

o que é peior — tendo um correspondente improvisado, sobre elle, uma anecdota excessiva — o soldado Barnabé escreveu para os jornaes. O soldado Barnabé *rectificou*. De modo, que devemos crer que elle todas as manhãs abre a gazeta e vae procurar no artigo de fundo, soletrando a prosa florida — a probabilidade de viver ou a probabilidade de morrer!

. · .

Ora os que pedem a commutação da pena comprehendem-se, teem por si a belleza do sentimento: é a piedade, o respeito da vida, o odio das penas irreparaveis, — que vivem e supplicam na sua prosa. São sympathicos, são sensiveis.

Mas os srs. sanguinarios que pedem a morte, em que se fundam?

Na Disciplina militar.

E é a primeira vez em Portugal que a Disciplina se estreia como *razão*. Nunca fôra invocado este personagem: desde a deserção do soldado até a insurreição do general — tudo se tem passado tranquillamente, sem que a disciplina se adiante a reclamar os seus direitos; — estava ha tanto tempo callada, tacita, inactiva, indiffe-

rente, desinteressada que todos suppunham que ella pedira a sua reforma e gemia, nos suburbios, um reumathismo antigo. — Mas trata-se d'uma vida — e vemos de repente, surprehendidos, a disciplina apparecer entre as columnas dos jornaes — e pedir essa vida em seu nome e para sua garantia. Sem o que a disciplina não responde por si. Ou lhe dão o soldado Barnabé crivado de balas, ou a disciplina se rebaixa inteiramente, e publicamente nas ruas — desabotoa-se.

. · .

Esta apparição da Disciplina, que nunca ninguem vira, é tão singular que o movimento instinctivo é olhar para ella. E que desillusão! Vindo pedir sangue — podia suppôr-se que ella vinha forte, musculosa, aceada, correcta, intacta, pudica e grave. Qual! Vem tropega, caturra, esfarrapada, encebada, esmoucada, babando-se e pedindo sangue para se reconfortar, como um mendigo escavacado pede um caldo. Um copo de sangue para a disciplina! E todo o mundo se admira que ella não prefira meio de Lavradio!

Entendamo-nos com a disciplina. Ella tem em nós dois respeitadores immutaveis. Ella é a honra

activa do exercito, a sua consciencia, a sua dignidade. Para ella se manter intacta e perfeita, se forem necessarios cadaveres, encostem-se homens ao muro e forme-se o piquete d'execução; nós não temos o respeito sentimental e lyrico da vida humana, ou antes temos o respeito excessivo da vida publica e social, para hesitarmos em lhe sacrificar Barnabé ou João. Mas o que é necessario é que a disciplina militar, que vem pedir essa vida para garantia da sua conservação, seja verdadeiramente e legitimamente a disciplina militar; isto é—a disciplina perfeita, sem nodoa, virgem de deserções e de revoltas, sem defecções e sem traições, tendo a religião da lei até á superstição, a obediencia do dever até á minuciosidade, rigorosa, exemplar, intacta, rigida e prussiana. Se esta disciplina, para se conservar assim, pede sangue, atirem-se-lhe baldes de sangue!

Mas se é uma disciplina exautorada e desmoralisada, desfigurada e polluida por todas as revoltas e todas as desobediencias,—que nos vem pedir, para se desaffrontar, a execução de um homem—encolhem-se-lhe os hombros. É como se uma prostituta se viesse queixar que lhe deram mais um beijo! Pois tudo a disciplina tem soffrido

sem se queixar! Corpos desorganisados, regimentos insubordinados, desordens nos quarteis, dissolução nos costumes, traições nas fileiras, roubos nos armamentos, desfalques nos ranchos, — está ferida, está extincta, está perdida — e de repente ergue-se e grita que a quizeram violar e que matem o violador! E ha quantos annos te estás tu deixando violar, de semana em semana?

És tu que fazes os Barnabés. Quando um exercito se sente desorganisar, sem reagir, alimenta a desobediencia; e como perde o brio militar, o espirito de camaradagem, a attenção pelos inferiores e o respeito pelos superiores — termina-se pelo tiro; á anarchia da disciplina segue-se a tyrannia da brutalidade. Um general que leva os seus soldados á revolta — termina na ultima escala pelo soldado que dá tiros nos seus officiaes. É a quem tem melhor pontaria.

Quando uma mulher se queixa, á uma hora da noite, que a insultaram, não tem andado desde as sete da tarde a offerecer-se aos tumultos. Se á primeira falta contra ti, oh disciplina, tivesses reclamado, tinhas agora o teu cadaver: assim não; se queres carne em sangue come *roast-beef*.

E diz-se que sem este exemplo, o exercito em Portugal não póde ter *seriedade*. Escreve-se isto. Não é mau. De modo que temos o exercito sem espirito militar, sem instrucção, sem manobras, sem habitos de marcha e de acampamento, sem vigor physico, sem fé patriotica, os arsenaes sem armas, a artilheria sem peças, os quarteis sem condições, as escripturações sem regularidade, os quadros sem gente, os estados maiores sem talento, os coroneis sem fidelidade, os soldados sem disciplina — e qual é o remedio para tudo isto? — Matar o soldado Barnabé!

. ˙ .

Nós bem sabemos que são os novos officiaes saídos das escolas e cheios de um espirito vivo — que querem este exemplo, para impedir o *fim de tudo*; e se ha classe com que sympathisemos é a d'estes moços officiaes, homens positivos, instruidos, educados pela sciencia, tendo alguma cousa no espirito da rectidão mathematica, novos inteiramente no vigor e nas tendencias sociaes; mas estes bons rapazes estão na illusão. Elles não concorreram para a desorganisação militar — acharam-n'a assim e são como filhos, tardiamente nascidos, que acham arrui-

nada a casa de seus paes e desmoronando-se ao inverno.

Ora se elles são energicos e sentem em si a força das creações proveitosas, devem estar concertando a casa, vidro por vidro, e sustentando a disciplina caduca, cadaver por cadaver? — Não. Arrazem a casa e façam-n'a de novo. Depois se algum soldado resmungar, então sim: encostem-n'o ao muro e crivem-n'o de balas.

. · .

Até lá, sejamos mais benovolos — e não seja o pobre Barnabé, que vá estrear, — o novo systema d'armas!

Se a excellentissima camara municipal de Lisboa nos concede licença, alongaremos respeitosamente e com a devida venia para tão insigne e illustre corporação, as pontas da tenaz que temos aqui ao lado — com o sagrado fim de armarmos convenientemente a nossa dedicação e o nosso profundo respeito, sempre que se trata de bulir nos mysteriosos ingredientes que con-

stituem a mexordia nacional da civilisação e do progresso.

Nós sempre respeitámos muito a camara. Todavia — não nos pejaremos de o confessar — este respeito tinha-nos vindo espontaneamente, sem a intervenção pessoal das nossas faculdadés, animalmente, como póde vir a bortoeja.

Ao fogo dos nossos enthusiasmos municipaes o nosso respeito aos vereadores, rompeu, como rompe na pelle, pelos calores, a borbulha.

Data o conubio da nossa razão com o nosso instincto nas ligações affectuosas que nos prendem ao vereador, d'aquelle dia entre todos memememoravel em que o *Diario de Noticias*, o periodico plutarchiano que nem zombando mente, nos contou que o presidente do municipio lisbonense, indo a bordo de um navio inglez cuja carga se incendiara no Tejo, elle, o vereador, dirigindo a palavra ao maritimo *lhe fallára em inglez*.

Em inglez! E não haver ali, assim como houve o *Diario de Noticias* para o contar, não haver ali um pincel que atirasse á tela com este quadro tão commovente, tão patriotico, tão elevado: s. ex.ª o presidente da camara de Lisboa fallando ao estrangeiro — em inglez!

Outro fosse elle, outro fosse s. ex.ª que, sabendo que o nauta era inglez, lhe fallasse n'aquella linguagem atica, tão expressiva e tão vehemente de Eschilo e de Xenophonte ; ou que, preferindo a antiguidade latina, abrisse a bocca no portaló e botasse dentro Cicero ; ou que retrahido modestamente nas tradições biblicas, fallasse elle e se ouvisse Jacob !

Porém não ! S. ex.ª não hesitou, s. ex.ª não lhe tremeu o labio, s. ex.ª subindo á embarcação ingleza, commandada por um cidadão inglez, sentiu dentro uma picada, uma dôr, um toque, um bacorejar secreto, o rugido intestinal e prophetico que impelle o homem aos arrojos extremos, e, ali, debaixo do glorioso pavilhão britannico, nas aguas lusitanas, á vista dos paços dos nossos reis — e do gazometro, s. ex.ª, o vidente, com grande pasmo de todos os circúmstantes, exclamou ! « *Oh yes !* » — Notavel exemplo de quanto póde no discreto emprego das linguas uma nobre e independente selecção !

Quando soubemos pelo dito *Diario de Noticias* que o presidente da camara municipal era tão grande homem, tão illustre sabio, nós não só arregalámos os olhos, não só estendemos uma perna á frente especando os nossos corpos

para traz sobre as bengalas, mas até — coisa que nunca até ahi nos tinha succedido — deitámos as linguas de fóra, acto que em outros é muita vez um costume reprehensivel e feio, mas que em nós — então o reconhecemos — é indicio terrivel de uma admiração illimitada!

E dizemos mais uma coisa:

Se no que o *Diario de Noticias* refere da escolha tão peregrina que s. ex.ª fez do idioma em que interpellou o nauta não ha alguma parte meramente fabulosa e legendaria, então, a ser isso verdade, perdoará o municipio, mas não merecia á providencia que esta lhe propinasse, para reger os seus destinos, tão grave e tão distincto cavalheiro!

. . .

Excellentissimo sr. presidente: Dirigimos a v. ex.ª a nossa debil e humilde voz, na esperança de que v. ex.ª não seja menos perito em abrir orelha benevola á lingua de Melicio do que o foi em soltar do labio rispido o idioma de Cromwell.

Sr. presidente: Lisboa, graças aos magnanimos esforços de intelligencia, de espirito, de bom gosto e de boa vontade da corporação il-

lustre a que v. ex.ª preside, é ainda hoje aquella terra inhospita, boçal e immunda de que falla no *Child Harold*, paginas 6, linha 3, o poeta Byron, o qual v. ex.ª e os seus collegas conhecem por certo tão profundamente como o povo da Outra Banda conhece o pontal de Cacilhas.

Estamos em setembro, exm.º sr., no mez da caça. Fallemos da caça.

A caça, como toda a gente sabe, menos a municipalidade de Lisboa, é um veio abundantissimo da alimentação publica. Aqui então, onde a carne de boi e a carne de carneiro attingiram um preço que nenhuma consideração explica e que equivale para muita gente a um preceito municipal de jejum, parece que a caça deveria merecer a v. ex.ª e aos seus dignissimos collegas alguma ligeira attenção. Porque, em fim, nem só de bife vive o homem, e uma coisa que nos parece que não seria desagradavel áquelles operarios que ultimamente se felicitavam em communicados aos periodicos de poderem deixar as officinas ao *poetico toque das Ave-Marias*, seria, depois do dito toque poetico, poderem achar na mesa a prosa tosca de uma boa perdiz assada.

Ora vejamos o que em beneficio do custo e da

abundancia da caça tem feito a exm.ª camara, a qual no tocante á carne de boi não tem ainda achado um meio que enfreie o monopolio.

A excellentissima camara no tocante á caça nada tem feito.

Talvez v. ex.ª nos observe que a fiscalisação da caça pertence á policia rural nos campos. Pedimos licença para replicar a v. ex.ª que ainda mesmo nos paizes em que ha uma policia rural, esta fiscalisação se não exerce, nem se póde exercer inteiramente, nos campos onde a caça se mata, mas sim nos mercados onde ella se vende. Assim acontece, exm.º sr , que em Madrid, em Paris, em Londres, e em muitas cidades ainda de provincia, fazem as direcções municipaes pesar uma forte multa, acompanhada da apprehensão do objecto multado, em toda a peça de caça que dentro do tempo defeso para caçar apparece á venda nos mercados, nos restaurantes e nos hoteis.

Succede porém em Lisboa que durante todo o verão tivemos nós como bons municipes o orgulho de ver nas exposições de todas as tabernas das ruas da Baixa, as quaes ruas os srs. vereadores calcam gloriosamente com pé diurno e nocturno, abundantes pratasadas de perdigo-

tos assados pouco maiores do que pardaes.

Ora sabe v. ex.ª, sr. presidente, o que é assar perdigotos? É roubar perdizes.

E este roubo, que esperamos que não faça sorrir impudicamente a ignorancia da camara em questões de subsistencias, este roubo, que é avultadissimo, que affecta directamente o agricultor dos campos devastados pelos cães e o consumidor da cidade profundamente cerceado na abundancia de um alimento importante, este roubo faz-se descaradamente em Lisboa sob o olho catacego da policia e nas barbas venerandas da vereação eximia.

. · .

Este mez é tambem *o mez dos banhos* — expressão terrivelmente symptomatica, cujo alcance não passará decerto despercebido da muita perspicacia de v. ex.ª! Lisboa tem o *mez dos banhos*, o que vem a dizer que Lisboa não só não tem o banho de todos os dias, mas nem sequer — oh! pudor! — o banho de todos os mezes! Uma das razões d'isto, exm.º sr. é que a agua que v. ex.ª e os seus immortaes collegas, de accordo com a companhia das aguas nos fornecem custa em Lisboa, onde a exploração da

agua é difficil e dispendiosa, quasi dobrado do que custa em Paris, por exemplo, onde essa exploração é muito mais dispendiosa e muito mais difficil.

Mas, revertendo ao ponto: Visto que estamos no mez dos banhos no Tejo, fallemos do Tejo.

Sr. presidente da camara municipal de Lisboa: Nós fazemos a v. ex.ª a justiça de acreditar que v. ex.ª nunca foi ao Tejo senão no dia anterior áquelle em que a cidade teve a noticia de que v. ex.ª ali se tinha achado lançando palavras inglezas aos ventos da immortalidade.

Pois, sr. o Tejo é um rio tão policiado como o Zambeze nas regiões d'Africa em que são deshabitadas as margens do Zambeze.

Eis o que succede no Tejo aurifero:

Vae por exemplo rio acima um sr. vereador, em um bote, discreteando á brisa matinal com sua ex.ª esposa. Ao mesmo tempo vem, rio abaixo, na corrente, um bote com cavalheiros. O que fazem os cavalheiros, sob as proprias vistas de s. ex.ª? Despem-se!

Nós nunca acompanhamos senhoras no Tejo; temos porém passeiado ali sosinhos em algumas d'estas ultimas manhãs, meditando em v. ex.ª, sr. presidente, e na camara... E verificamos este

facto que não commentamos, contentando-nos apenas com expol-o: Ha individuos que vão para o Tejo despir-se.

Talvez nos digam que os alludidos cavalheiros pretendem banhar-se; e não é certamente a este justo desejo que nós pretendemos oppor-nos; somente o que vivamente desejamos não é que se não banhem, é que — se não dispam.

Porque, sr. presidente, note v. ex.ª que, generalisando-se este principio de que o appetite do banho auctorisa uma pessoa a prescindir do vestuario, poderemos brevemente começar a ver no Passeio Publico, no Chiado e em S. Carlos, sitios onde não é prohibido por nenhuma postura que o banho appeteça, a sociedade de Lisboa começar a despojar-se inopinadamente dos seus colletes de flanella.

. · .

Ha mais, sr. presidente: A policia marginal tambem não existe. De modo que os catraeiros do Terreiro do Paço e do caes do Sodré estabelecem nos preços dos transportes e das passagens a tarifa que querem. Desculpe-nos v. ex.ª o atrevimento de lhe pôrmos uma pergunta: Se ha um regulamento para os cocheiros, porque

razão não ha de existir um regulamento para os catraeiros, quando se dá que em terra todo o habitante póde prescindir de um trem, ao passo que no mar não pode ninguem prescindir de um bote. De modo que a termos de passar sem uma tabella d'estes serviços poderiamos dispensal-a em terra, não a podemos dispensar no mar?

No mar, sr. presidente, quando nos achamos a bordo de um paquete, e o catraeiro nos pede uma libra para nos trazer da embarcação para o caes, nós não temos senão uma alternativa: ou dar a libra para virmos para o Terreiro do Paço, ou não dar a libra e sujeitarmo-nos a que o paquete nos leve comsigo e nos arroje a longinquas plagas hostis: a Pernambuco, por exemplo, onde o vingativo José Soares nos espera com a sua bengala venenosa e facunda.

Se vamos do caes para o vapor que já fumega e arqueja ao largo, e os catraeiros n'este caso nos exigem tres mil réis, é este o nosso dilemma: ou perdermos o preço da nossa passagem ou lançarmo-nos submissos entre os remos das feras.

Ora, exm.º sr., organisar este serviço dos botes pelo mesmo modo como está organisado o

serviço dos trens não é realmente uma difficuldade invencivel. Pelas seguintes razões:

Nas carruagens a tarifa é uma formalidade puramente nominal. A policia, que tanto pode, ainda não pôde obrigar os cocheiros a fixarem a tabella patentemente, á vista do passageiro, no interior do trem. O numero da carruagem, que o cocheiro nos deveria entregar com o seu bilhete apenas pomos o pé no estribo, não se nos entrega. Os algarismos que estão fixados á carruagem são collocados tão engenhosamente para commodo de quem a toma, que toda a gente vê esse numero menos quem vae dentro, de modo que o que parece que se teve idéa de numerar não é propriamente o vehiculo, é o passageiro. Não ha estações onde as duvidas suscitadas entre os cocheiros e o publico se liquidem e decidam. O serviço dos omnibus e dos *char-à-bancs* tem tomado as proporções de uma patuscada publica, exm.º sr., de uma bombochata nacional. Ir d'aqui a Belem n'um *char-à-bancs* é comprar por um tostão o quadro mais expressivo, a imagem mais fiel, do grande chinfrin a que v. ex.ª chama nos discursos da vereação, por meio de uma sempre elegante e applaudida figura de rhetorica a *nossa patria commum*.

Os srs. cocheiros e conductores em transito por essa estrada fóra, insultam-se, desafiam-se, despicam-se, enviam-se palavras obscenas e estalos de chicote, mettem as parelhas a toda a brida com as tremelicantes carrimonias pela Pampulha abaixo, em certames olympicos; desconjunctam os esqueletos e partem os craneos dos passageiros saccudidos dentro da berlinda como uma hervilha em cima da pelle de um tambor, e por fim, felizes, triumphantes, jubilosos despejam nas praias os restos d'aquelles que foram passageiros, e animam o interesse dos cavallos quasi tão deshonestos como elles promettendo-lhes vilmente (e não tardará que o cumpram) que na volta para Lisboa serão os passageiros os que hão de vir á ponta de lança sob o latego do phaetonte, emquanto que os cavallos virão dentro, de perna traçada e chapeu de palha na cabeça, palestrando.

Ora realmente, sr. presidente, confessemos que organisar o serviço dos botes por este modo profundo com que está dirigido o serviço dos trens não é um trabalho em cujas combinações haja o risco eminente de se extinguir pela força da applicação o encephalo municipal !

Recusará a camara, sob o falso pretexto da falta

de genio, dar esse passo tão luminoso e tão agigantado na senda da civilisação e do progresso?

Não cremos, nós não cremos, que a camara tão eloquentemente abalada por nossa penna a esta empresa patriotica hesite em policiar os botes como policia os trens, passando a lançar-se immediatamente nos braços dos catraeiros, que hoje podem apenas leval-a a Cacilhas, e que ámanhã a levarão á gloria.

Terminando pedimos visitas para todos os srs. vereadores e suas familias, e, despedindo-nos, deixamos n'esta pagina uma palavra particular, que suppomos doce e grata ao esclarecido ouvido de v. ex.ª

Sr. presidente, *good night!*

Não, senhores, o casamento não é, como denotam suppôr os que combatem o celibato ecclesiastico, um freio para a incontinencia.

Pedimos ás pessoas que teem tido a bondade de receitar ultimamente ao clero o casamento, considerando este como a triaga soberana contra o terceiro peccado mortal, a fineza de serem

um pouco menos injustos com a sua sociedade, e um pouco menos torpes com a sua familia.

Seria muito para desejar, como coisa demasiadamente delicada para andar entre os dedos dos compositores de periodicos, o abstermo-nos de cotejar as vantagens que nossas mães poderiam ter tirado das suas nupcias, com os inconvenientes que os senhores ecclesiasticos poderiam ter achado nos seus votos.

Porque a veneranda verdade, superior a toda a grosseria de polemica, é esta:

O casamento não póde nem deve ser — por emquanto ao menos — considerado como uma dadiva de bordel feita pela hypocrisia das instituições á fatalidade dos temperamentos.

. · .

Não nos importa saber e desprezamo-nos de indagar a questão baixa e sordida que a carta do padre Jacinto levantou na imprensa: Se o padre precisa ou não precisa da mulher. Senhores jornalistas, o unico problema que n'este ponto a nossa dignidade nos consente resolver ou estudar, é: Se o padre precisa ou não precisa — da familia.

A familia não é a alcova, é o lar domestico.

Perante o preceito canonico do celibato ecclesiastico, o que a nós mesmos nos perguntamos é o seguinte:

Se o padre, na sua residencia parochial, nos campos, ao pé da sua egreja, junto dos cemiterios, só com a sua consciencia elevada e com a plenitude perfeita do seu dever, póde conservar-se permanentemente indifferente ao amor — ao amor na mais alta, na mais philosophica, na mais pura accepção d'esta palavra — ao facto intimo, profundo, transcendente, de amar e de ser amado.

Se se póde humanamente dar com a pureza do caracter com a nobre sensibilidade das grandes almas a indifferença egoista, celibataria, catholica, pelas vivas e poderosas fecundações da natureza que rodeiam o padre no ermiterio.

Se a necessidade de se sacrificar por alguem, de se transmittir, de se perpetuar, no lar, na familia, nos filhos, não poderá um dia converter-se em uma paixão profunda e fatal.

Se finalmente a inveja, a inveja terrivel, mordente, devoradora, implacavel, não rebentará um dia ou outro na alma solitaria do parocho, cingindo-a e envolvendo-a como a hera envolve os troncos seccos e estereis, perante as dedica-

ções, as responsabilidades, os sacrificios, as alegrias que lhe são vedadas a elle, condemnado a contemplal-as, a bemdizel-as, a abençoal-as, quando ellas passam constantemente aos seus olhos tristes e ardentes, personalisadas nas mães que levam os seus filhos pela mão, nos noivos que se beijam nas espessuras dos arvoredos, nos trabalhadores que jantam á sombra dos campos com as suas mulheres, nos velhos que fazem saltar nos joelhos os seus pequenos netos ás resteas do sol de inverno, á porta das cabanas.

E perguntamos por ultimo se esta inveja, procedente da chaga aberta na mais nobre fibra do nosso coração, não póde levar o padre, principalmente o padre meriodinal, ardente e solitario, imaginoso e mystico, ás profundidades tragicas da perversão, ás allucinações tenebrosas em que se geram os monstros? e se as medonhas flagellações bestiaes que ensanguentam as paginas do catholicismo e a historia das relações da igreja com a sociedade em Portugal e na Hispanha não serão apenas os resultados naturaes d'estas causas remotas, no intimo tão humanas e tão sympathicas — o delirio da solidão, a raiva do amor?

. · .

Ha porém uma consideração: a familia é tambem uma religião; no lar domestico o marido e o pae cumprem um sacerdocio da mais alta responsabilidade, arduo e austero. O lar domestico é o templo em que se sacrifica ao culto da honra e á religião da dignidade. O padre que ingere nos seus deveres com Deus os seus deveres com a familia, não simplifica o rigor dos seus encargos, complica-os com novos encargos e com novos rigores, e, para aligeirar o peso de uma responsabilidade, contrae uma responsabilidade nova. Deseja-se saber agora, se quem não tem força para um, póde ter força para dois, e se poderá inculcar-se capaz do mais quem não foi capaz do menos.

Não dá garantias de ser marido bom, quem foi padre mau.

Na familia como na religião, temos o direito de indagar se o neophyto traz pura a consciencia do dever e provada a força precisa para o cumprir.

Parece que os srs. padres sollicitam o casamento. Não basta. É preciso que quando por um lado o sacerdote queira a familia, por outro lado a familia queira o sacerdote.

Ora sem divagarmos em conjecturas, citaremos um facto estatistico: durante um anno doze ecclesiasticos foram degredados para a costa de Africa por traição ao voto e offensa á moral.

Individualmente sabemos bem, e folgamos de o dizer com respeito, ha sacerdotes exemplares e dignos, que seriam exemplares maridos e dignos paes: estes estão incluidos no numero dos que nem sollicitam nem discutem o casamento. Como classe porém a ecclesiastica deverá fixar a nossa consideração pelas suas convicções e pelos seus principios indo para a Africa um pouco mais em missão — e um pouco menos em degredo.

A estação balneatoria — stylo caro de jornal barato—está prestes a findar. Mais alguns dias, as primeiras chuvas, a companhia lyrica, a remessa dos chapeus de inverno á Marie (vão ser enormes os chapeus de inverno) a feira de Belem que descampe: e as nevroses em via de cura por essas praias regressarão a conva-

lescer-se nas distracções que o outomno da capital prepara á pallidez e á anemia, no Aterro, em S. Carlos, na egreja do Loreto, no Club.

Está pois a terminar a convivencia da sociedade de Lisboa com o mar.

Oh! o mar é um grande medico, um grande conselheiro, um grande amigo!

Livre-nos Deus de pretendermos sorrir do mar. Somos uma pobre geração mesquinha, dessorada, melancolica, debil. Temos o sangue descorado, os ossos frageis, a alma triste. A base universal da vida sentimol-a escapar-se debaixo dos nossos pés. Precisamos de ferro para o nosso sangue, precisamos de calcario para os nossos ossos, precisamos de iodo para os nossos tecidos, precisamos de phosphoro para o nosso cerebro. Tambem precisamos de conselho, de consolação, de esperança. Pois bem: o mar — simplesmente o mar — abunda em tudo aquillo de que nós carecemos. Por isso Michelet dizia: O mar é o grande mysterio revelado, é a regeneração humana. Todos os principios que no homem estão juntos existem n'elle separados, no mar, n'essa grande pessoa impessoal. Tem os teus ossos, o teu sangue, a tua seiva o teu calor. Todos os mais preciosos elementos da ani-

malidade terretre estão no mar, como um thesouro, inteiros, invariaveis, vivos.

Para que o mar nos penetre de todas estas influencias tão profundamente vitaes, para que nos sare d'esta vaga enfermidade, a mais vulgar de todas, a mais perniciosa, a mais difficil de ser scientificamente, especialisadamente, diagnosticada, e que podemos diffinir *a dor de viver*, é preciso que saibamos utilisar os meios que o oceano nos prodigalisa.

A praia assim considerada é um claustro, é um templo, onde se exerce um culto, onde se pratica uma religião, onde todas as mães se deveriam devotar fervorosamente durante alguns mezes do anno ao futuro, que não é mais que a compleição, o temperamento, a energia e o vigor de seus filhos. Para isto uma pequena casa á beira do mar bem trespassada de sol, de luz, do acre perfume das algas. A solidão, o recolhimento, as pequenas tarefas regulares do trabalho, o exercicio, os longos passeios, a exposição dos pequenos anemicos ao sol da manhã, o banho, a natação, o cuidado de lhes enxugar o corpo rolando-os na areia quente, a pesca aos mariscos nas rochas, a escolha dos alimentos, o maximo agasalho interior: finalmente a vida

simples, honrada, maternal, sem luxo, sem ostentações, na integridade e na isempção ingleza, sem nenhuma especie de concessão á frivolidade, á moda, aos usos, ás theorias, ás exigencias da turba.

É de uma estação de dois ou tres mezes assim feita e mantida religiosamente, como um voto de castidade social e moral, que as creanças regressam mais crescidas, mais pesadas, mais fortes, e as mulheres mais dignas, mais saudaveis, mais integras, mais novas e mais bellas.

Os homens que precisam todos de trabalhar, —na sua fabrica, no seu negocio, no seu jornal, na sua secretaria ou na sua casa—estão muitas vezes adstrictos a logares de que não podem sair para habitarem longe, nas costas, durante dois ou tres mezes. As mulheres e as creanças devem então ir sós. Estas pequenas separações temporarias tornam o regresso desejado, e são meia saude conjugal adquirida. A ausencia tem esta virtude: que escurece os pequenos defeitos e avulta os merecimentos relevantes a que o habito da convivencia muitas vezes nos torna despercebidos ou indifferentes.

Vejamos agora se o aspecto de uma das praias

tão concorridas, tão frequentadas dos suburbios de Lisboa, nos dá pelo que é alguma idéa do que devia ser.

Fileiras de casas dispostas parallelamente, de modo que da janella de um lado se pode cheirar a flor que está dentro de um copo na janella do lado fronteiro. Entre estas duas alas de predios, estreitos, empilhados, pequenos, desconfortaveis, uma estrada de macadam pulverisado pelas rodas dos vehiculos, cheia de pó, de moscas e da immundicie terrivel, caracterisca de Lisboa, immundicie burgueza e burocratica, de que sobresáe como um grito afflictivo o trapo e o papel velho. Alguns officiaes de secretaria, conselheiros ou commendadores, e ás vezes uma e outra coisa, de chapeu baixo e sapato branco — em villegiatura — com o *Diario do Governo* debaixo do braço. Algumas poucas creanças de tacões *regencia* e chapeus de palha com grandes abas, guarnecidos de papoulas de setim encarnado, encarregadas de moverem um arco ou de puxarem por um boneco que rufa n'um tambor, sem desfrisarem o cabello, sem sujarem o vestido e sem fracturarem as pernas caindo dos seus tacões. Senhoras em cabello, de cuia, ligeiramente arregaçadas, aos pulinhos, visinhan-

do de umas casas para outras. Interiores de *rez de chaussée* alumiados com candieiros de petroleo, onde um piano — de praia, legitimamente de praia, elle! — choramiga a valsa do inverno, como um ecco lacrimoso do Club, emquanto alguem, junto do candieiro, procura demonstrar-nos que, entre o estrepito de um omnibus que nos passa quasi por cima dos pés e o interesse que nos inspira um volume da *Bibliotheca Romantica* espiritos estudiosos jámais hesitam.

Os omnibus passam, e elles lá ficam com o *Diario do Governo*, com os romances de capa azul, com o boneco que rufa quando o rodam, com o candieiro de petroleo, e com o piano a ares tossindo a valsa.

E no entanto em toda a orla da praia, pela margem do Tejo, desde Belem até Cascaes, depois do banho até á noite, ninguem! As diversas populações dos banhistas encontram-se, reconhecem-se, acham-se fóra dos circulos em que as senhoras em cabello visinham sobre o macadam — uma vez por semana, á quinta-feira em Belem na barraca da Lima. Occorre se á virtude do banho de mar devemos therapeuticamente acrescentar como unica, mas poderosa efficacia supplementar — as queijadas da Sapa.

Mas, minhas estimaveis e excellentes senhoras, é um puro engano em que vossas excellencias estão o supporem, simplesmente pelas suspeitas affirmações da Lima, que é utilisarem o mar, utilisarem-o assim!

Lisboa, esta mesma Lisboa, que todos nós tão bem conhecemos por nossos peccados, ella propria, depois que vossas excellencias partiram e que as amigas de vossas excellencias fingiram que fizeram outro tanto, Lisboa, actualmente, é mil vezes mais campo, mais beira mar, mais sem luvas, mais ar livre, mais *pic-nic*, mais regalo, mais brincadeira do que isso!

Querem o desenfado, a liberdade, a independencia dos habitos, das *toilettes*, dos movimentos, finalmente todos os predicados saudaveis do exercicio, da hygiene, da saude? Façam uma coisa: venham até o Chiado. Lá estivemos nós hontem, vestidos de flanella branca, com bonets escocezes... sabem.... d'estes bonets que teem um pequeno laço de fita preta na frente, sobre a esquerda, preso com um broche de prata... Pois lá estivemos assim, assim e de sapatos rasos, a jogarmos o *criket*. Oh! como o Chiado é bom — para o *criket!*

Venham por ahi um dia, minhas senhoras,

um dia d'estes, antes de acabar o verão! Os que se acham aqui aos ares, não querem que isto se espalhe, para não principiar a metter povo, mas não imaginam como se está bem! Passa-se como n'uma quinta. A gente não põe chapeu alto senão para ir — ás praias. O ministerio e o conselho de estado andam pelas ruas em cabello, a assobiar.

De sorte que quem verdadeiramente e unicamente tem estado este verão em plena *estação balneatoria* é a capital. Meditae-o, banhistas!

. ˙ .

Com o outomno que entra os banhos de mar — symptoma sociologico — cessam; e os *chás* — outro symptoma — principiam.

O chá em Lisboa é uma instituição. Sabe-se que ha pessoas que tomam chá. Como? porque razão? Com que fim?

O chá não alimenta, não estimula, não refrigera, não medica, não embriaga, não tem nenhuma das virtudes que explicam a existencia de todas as outras bebidas. Não alegra como o vinho generoso, não alimenta como o substancial chocolate, não esperta como o perfumado café. O chá porém tira o somno, o que prova

que elle ataca os centros nervosos, mas ataca-os produzindo uma melancolia secca e uma inquietação esteril como a da loucura. Aquillo a que querem chamar no chá a cor e o perfume são propriedades extranhas ás odiosas folhas aziaticas; communicam-lhes os chins esse predicado por meio do sulphato de cal, do *olea fragans* e da *camellia desanqua*. Apezar de todas estas misturas o chá não tem melhor cor do que qualquer casaca desbotada, nem menos mau cheiro que qualquer outra infusão ou cosimento. Para o poderem tragar, os mais desvairados amadores misturam-lhe substancias addiccionaes: deitam-lhe assucar, deitam-lhe leite, cognac, rhum, ou pingos de limão. Dir-se-hia, ao ver preparal-o com similhantes precauções tendentes a disfarçar-lhe o sabor, que é oleo de castor ou de figados de bacalhau que se trata de beber. E, depois de tudo isto, não ha ninguem do paladar tão corajoso que possa tragar uma pequena taça de chá senão aos poucos, golo por golo, ás colherinhas.

A historia do chá não é menos antipathica que a côr, o cheiro, o sabor e os effeitos pathologicos d'essa ridicula droga.

A introducção do uso do chá na Europa de-

ve-se a traficantes e a chatins: trouxe-nol-o a companhia das Indias no seculo XVII. É por tanto da origem mais burgueza, mais especieira, mais costal de bacalhau e mais saca de arroz.

Foram os burguezes que o adoptaram, preconisaram e espargiram. As classes medias, prenteciosas, arrogantes, e no fundo avaras e mesquinhas, festejaram o chá como o elemento principal das suas festas de *arrière boutique* ou de casa nova. Para o burguez pomposo, para o logista feliz, para o bufarinheiro retirado, nada por certo mais commodo do que fazer-se senhor, fidalgo, dissipador, generoso, liberal, dando simplesmente — chás.

Depois nem todos sabem mandar preparar uma fina ceia ou um jantar delicado: ha pessoas muito illustres, titulares até, que quando se mettem n'isto desmascaram, por entre a urdidura das suas pompas, o primitivo fio carrejão e gallego.

Para uma ceia é preciso saber ordenal-a, fazel-a, cosinhal-a, servil-a, pagal-a caro; é preciso tambem saber comel-a, o que se não aprende depressa.

O chá nenhum d'esses precalsos apresenta. Fazel-o, a mais boçal cosinheira com uma brasa

e um pucaro prepara aquillo; bebel-o, quem o não souber, aprende-o logo, fazendo de conta que se trata de um emetico. O preço da coisa é então o que mais arregala o olho aos Mecenas de andar ao ganho: com um pataco, meio barril d'agua e um tição, cumula-se uma familia!

Os fidalgos só tomam chá depois que principiaram a abastardar-se, a distituir-se, a empobrecer, a encanalhar-se. No alto *dandysmo* da Régence, na côrte espirituosa e artistica de Luiz XIV, na farta e ainda rica nobreza picadora e toireira de D. João V e de el-rei D. José, o chá seria incomprehensivelmente estupido, ridiculamente inconcebivel.

O povo com o seu bom senso nativo, com a sua segura intuição das coisas boas, justas e legitimas, nunca tomou chá. Generoso, sem preconceitos, sem basofias e sem velhacarias, o povo tem esta bella maxima: «O meu chá é de parreira.» E isto é a desaffronta do povo ao reparo do espirituoso e finissimo escriptor Méry, o qual dizia: «Que tome chá o inglez que gosta de quanto é extravagante e excentrico, entendo; mas que tome chá o allemão senhor do precioso vinho do Rheno, o hispanhol que possue o Xerez, e o portuguez que tem o Madeira e o

Porto, que estes povos prefiram a estes vinhos aquella tisana immunda, eis o que eu não entendo.»

Não, o avisado povo portuguez não bebe chá; quem o bebe, quem o adopta, quem o propagou é o burguez, que o cosmopolitismo do interesse converte em degeneração patriotica. O povo quando quer banquetear os seus amigos leva-os ao Beato, leva-os ás hortas, leva-os á tasca, e comem juntos rim grelhado, cabeça de porco com feijão e chispes com hervas; e, por cima d'isto e das amendoas torradas, bebe o chá do Cartaxo, do Lavradio, de Carcavellos. Ri-se, graceja-se, dão-se abraços, e se se não tem espirito, porque o portuguez o não póde ter, teem-se pelo menos boas pilherias, amantes petas e ricas chalaças. Depois dormem-lhe bem em cima, sonham em coisas alegres, e acordam ao outro dia com o beiço encarnado, o olho humido e o pulso forte.

Ora só a nobresa e a plebe é que se regalam assim.

O burguez acha que os chispes estão pela hora da morte, que as cabeças de porco se estão pagando mais caras do que a cabeça d'elle e depois de feitas estas contas convida para a

chicara de agua morna: Vintem da herva seca, vintem de assucar, dez réis d'agua: meio tostão de banquete! E ainda em cima se desvanecem, se orgulham, se gloriam com isso! Gabam-se. Nos casos em que os paes d'elles, arrogantes, expectoravam simplesmente boas postas de pescada, estes agora expectoram chá.

Fizeram do chá um caracteristico aristocratico, um destinctivo de raça, uma genealogia, um brazão. Quando querem encarecer a familia, a educação, o nascimento, dizem uns dos outros que — *tomaram chá em pequenos*. Olhem a grande coisa! é o que sáe mais barato para desmamar creanças, — é o chá. Que aproveitaram com isso — em que os desmamassem com chá?! Não ficaram menos mazorros nem com os pés menos largos e menos chatos que os seus avós; e sairam todavia com o sangue mais pobre e o musculo mais fraco. Ora melhor fôra — com quanto custasse um pouco mais caro — que os tivessem desmamado — a brôa!

Quando elles teem esta embofia com um pouco da miseravel burundanga que uma ama brejeiral e villôa lhes metteu ao engano pela bocca dentro n'uma chuchadeira de trapo em noites de colica, de rabugem e de açoites, o que não

seria se descobrissem na geração um avô de luvas e de espada, um d'aquelles antepassados que, quando se tracta dos outros, tanto obrigam o burguez a cuspir fóra em estelicidios de gosma democratica!

Ah! burguezes! burguezes! vós cuspis sempre que podeis na fidalguia e na plebe. Um dos vossos prazeres especiaes é voltardes o caldo dos outros; para espetardes a carne entornaes-lhes a panella. Pedi a Deus que não chegue aos outros o dia de vos entornarem a vós — o bulle! quebrando-vos no alto da cabeça essa ridicula chinezeria de aza e bico, que ha cem annos tem sido nas sociedades modernas o symbolo augusto, a honra, o escudo, o brazão de classe, do vosso espirito, da vossa educação e da vossa preponderancia. Meditae-o, chasistas!

Ha um risco tragico na historia do corrente mez: temos a guerra dos Dembos.

A guerra, a crua guerra, ó leitor pacifico, saccode o seu facho homicida ao rosto livido e maternal da patria confrangida.

Que o mundo saiba qual foi a verdadeira causa da lucta que vae travar-se entre nós e o negro! Rendamo-nos á exacção da historia, e —qualquer que haja de ser a sorte das armas— que, pelo que vamos dizer, a posteridade nos julgue!

. · .

A guerra dos Dembos, ó vindouros, teve a sua origem em um melindre de *toilette*.

Nós, os luzos, a batermo-nos pela *toilette* e a derramarmos por ella o nosso sangue, daremos aos posteros a lembrança de um povo de surdos deixando-se morrer heroicamente pela defeza de um sustenido!

Nós, os eternos parvalheirões, os incuraveis mazorros, os homens mais mal ageitados e mais mal vestidos da Europa, vamos dar-nos finalmente o *chic* burguez de salvaguardarmos a integridade do figurino e caminharmos para o inimigo sob o pendão glorioso do *Jornal dos Alfaiates*.

Que a *Moda Illustrada* nos proteja, e que sob a sua aza bordada a *soutache* ella traga novas nossas á patria — e á Aline!

. ˙ .

A questão foi assim: Um regulo africano apresentou-se a prestar homenagem ao governador geral de Angola. Este preparou-se para a entrevista vestindo o grande uniforme, pregando as suas condecorações e calçando as luvas côr de perola. Depois do que pretendeu sua excellencia saber como vinha trajado o regulo. Respondeu-se-lhe que o preto se achava na sala de espera, de tanga.

O governador, á idéa de encarar com a nudez do preto sentiu-se corar de nobre pejo, em parte por si mesmo e em parte pelo pavilhão das quinas. Consultando a pudicicia e a pragmatica sua excellencia decidiu que a toilette de visita do negro era demasiadamente ligeira e descerimoniosa para quem penetra nos paços de um vice-rei portuguez, e sua excellencia em nome da praxe e do pudor recusou audiencia ao negro. D'aqui o despeito, a animadversão e a guerra.

Ora a *toilette* do regulo não era certamente a que nós usamos em Portugal quando nos propômos fallar com o chefe do estado, porque o portuguez não vae ao paço dos seus reis senão vestido de *valet de chambre*. Notemos todavia que

este uso é exclusivamente metropolitano e que ninguem mais senão nós, em parte nenhuma do mundo, põe a casaca preta e a gravata branca de dia senão para servir á mesa, e devemos presumir que o que o regulo tinha projecto de fazer nos salões do palacio do governador não seria levantar um reposteiro, metter um guardanapo enrolado debaixo do braço, deixar pender as mãos ao longo do corpo, e exclamar : *Madame est servie!*

Excluida por tanto a casaca preta, resta-nso averiguar como *casus belli* as relações em que se acham uma para a outra — a tanga africana e a *redingote anglaise*.

Quer-nos parecer que o sr. governador geral poderia vir a ser taxado de excessivamente exigente solicitando do negro a sobrecasaca azul cortada pelo Pouhl, a roupa branca de Blanc a calça alvadia, os burzeguins envernisados, a meia de seda *gris perle*, a derradeira gravata do Boulevard dos Italianos e as luvas de pellica côr de chumbo pespontadas a preto. Porque, emfim, desenganemo-nos d'isto: por maiores que tenham sido os elementos de civilisação ultimamente lançados sobre as colonias pela prodiga mão do sr. Jayme Moniz, o sertão d'Africa

não pode ainda ser considerado sob todos os seus pontos de vista como um centro tão radicalmente elegante como o Bois de Boulogne. Por conseguinte o regulo, por mais pronunciadas que fossem as suas tendencias para o *chic*, teria forçosamente de restringir-se ás modas um pouco mais atrazadas das selvas africanas. Ora dados estes ligeiros descontos, francamente e sem nos deixarmos obsecar pela cegueira patriota, parece-nos que a *toilette* do preto não estava mal. Alguma coisa temos visto dos elegantes centros que tem o mundo, e com a mão no coração podemos affiançar ao governo e ao paiz que a tanga, ainda na mais alta sociedade, é em certos casos *très bien portée*. Para nadar, por exemplo, o principe de Galles, o imperador de Austria, o duque de Hamilton e os srs. de Maza e de Galifet não põem senão tanga. Portanto, achando-se de tanga o preto, de quem é a culpa de elle não estar perfeitamente bem, ainda perante as mais estreitas exigencias da etiqueta? Não é certamente do seu traje, que estava magnifico para certas circumstancias, é das circumstancias que estavam singularmente pessimas para o seu traje. Ninguem de boa fé ousará opinar que se devam pedir contas ao sertão pelo

facto de que, achando-se um seu representante nu, o governador geral de Angola aproveitasse capciosamente esse momento, tão solemne da *toilette* de todos os mortaes, para o receber n'uma cadeira — em vez de o receber n'um banho.

Se a altiva e legitima dignidade do governo de Sua Magestade Fidelissima em Africa se melindrava em fazer mais ceremonias de vestuario com o preto do que o preto fazia com o governo de Sua Magestade Fidelissima, porque é que o governo de Sua Magestade Fidelissima não recebeu o preto egualmente de tanga? E se isto ainda podia parecer um acto aviltante para Portugal por denotar entre nós e o preto considerações de egual para egual, uma coisa poderia fazer ainda o governo geral — com o que evitaria a guerra por um golpe profundamente diplomatico, humilharia o gentio, guardaria as apparencias, e salvaria intacto do conflicto o esplendor glorioso da corôa portugueza. Esta coisa seria: apresentar-se de tanga, e em seguida, com urbanidade, mas com energia e firmeza, dizer ao regulo:

— Com licença do sr. regulo...

E depois, repentinamente, antes que o bar-

baro tivesse tempo de pôr uma objecção ou de fazer um gesto, ir-se o governador portuguez á sua propria tanga — e tiral-a!

Depois o cafre que se mordesse.

O sr. ministro do reino acaba de praticar, segundo lemos no *Jornal da Noite*, um acto governativo que ficará na historia como a baliza de um periodo de perturbação e de annihilamento para a aristocracia moderna. O sr. ministro prohibiu que pela sua secretaria se communicasse aos jornaes noticia das mercês honorificas.

. · .

O sr. ministro vedando por este modo a publicidade da mercê honorifica, colloca tacitamente a mercê honorifica na cathegoria da offensa á moral e do insulto ao pudôr.

De ora ávante o decreto de honras e mercês passará a ser secreto como o acto vergonhoso.

Quando s. ex.ª o ministro sentir a necessidade urgente de fazer um commendador, s. ex.ª

pedirá licença aos circumstantes, recolher-se-ha n'um pequeno quarto escuro, fechará a porta por dentro, e mudo, recolhido, afferrolhado, expellirá a commenda.

. · .

Prohibida a publicidade da mercê, claro é que fica por esse mesmo facto prohibida a palavra que a designa.

Ora uma palavra prohibida, qualquer que tenha sido a sua significação até esse momento, fica sendo depois da prohibição uma palavra obscena. Assim de hoje em diante, apenas entre rapazes, sem ceremonia, nas petulancias da Bohemia ou nas conferencias secretas da clinica, poderemos, ao nosso intimo, ou ao nosso medico, por meio de uma arrojada mas expressiva figura de rhetorica, dizer a palavra — *commendador* — nos casos em que até aqui diziamos a palavra — *cambrone*.

Em sociedade, quando tivermos de nos referir aos novos titulos nobiliarios, teremos de fazer circumloquios, rodeios de phrase, tergiversões de stylo para communicarmos o nosso pensamento sem o enodoarmos no emprego do vocabulo defeso.

Se por exemplo, em uma recepção no paço, n'uma *soirée* de Sua Magestade a Rainha, um alto personagem, baixando sobre a nossa humildade a sua real vista e querendo honrar-nos com a sua curiosidade munificente se dignasse perguntar-nos o que significa a ponta de fita encarnada com que illuminamos a casaca preta uma ou outra vez — quando não ha jasmins — teriamos de responder :

« Senhor ! permitta Vossa Magestade áquelle, cujas faces um pudico rubor inflamma, a liberdade de dizer com o devido perdão a Vossa Magestade que elle tem o vexame de ser um d'aquelles cujo nome a obediencia á lei, o respeito das instituições, a augusta presença de Vossa Magestade e da sua luzida côrte lhe vedam proferir. »

Passará a formular-se da seguinte fórma uma noticia que principia a correr em alguns circulos : « Diz-se que com o fim de elevar um cidadão prestante ao mais alto degrau do fastigio nobiliario, Sua Magestade projecta dar brevemente ao novo presidente recentemente nomeado para a camara dos pares o titulo — *do que a decencia nos obriga a calar* de Avila e de Bolama.

E finalmente, chegado aos ultimos effeitos o

impulso dado á cathegoria das mercês por sua excellencia o ministro do reino, não tardará muito que nos conste o seguinte:

Que o gatuno *Pera Cosida* chamou á policia correccional o moço *Rei Bamba* por o Rei ter injuriado o Pera chamando-lhe (com perdão de quem nos lê) — *visconde!*

Nos jornaes da semana passada deparou-se-nos um communicado extremamente original, posto que bem simples! Um musico pede a Sua Magestade El-Rei que Sua Magestade tenha a benignidade de lhe mandar pagar a quantia que lhe está devendo, ha sete annos, como um dos executantes de um *Te Deum* com que se celebrou em uma das egrejas de Lisboa o casamento d'aquelle alto personagem com Sua Magestade a Rainha.

. · .

Ora depois d'este communicado em que o musico pedia ao Rei que mandasse pagar-lhe o que lhe devia, uma coisa nos surprehendeu:

foi não vermos um communicado do Rei dizendo-nos que tinha pago ao musico.

. . .

Ha simples cidadãos que devem sommas a musicos ingenuos e incautos. E tem muito pouca desculpa isto. Porque se se comprehende que a fome possa levar quasi naturalmente ao crime, não se admitte que nenhuma das tenebrosas suggestões da miseria e da penuria—obrigue o sujeito necessitado a abusar da arte até o ponto de obrigar um pae de familias a perder o seu tempo, tocando-lhe corneta de chaves durante tres horas no côro da egreja de S. Domingos.

Todavia o cidadão, quando não paga em dinheiro as suas dividas, paga-as em humilhações e em vexames. O credor, agiota vil, oleoso, ordinario, sujo, repimpa-se-lhe nos seus *fauteuils*, bate-lhe no hombro, aperta-lhe a mão na rua, trata-a por tu diante de gente, e, se é mais forte que elle, offerece-lhe bengaladas uma vez por semana, aos sabbados; e apparece-lhe sempre em toda a parte, agoirento e lugubre, desmanchando-lhe a alegria e enturvando-lhe os prazeres mais puros com o seu olhado

mau, reluzente e fixo como o dos gatos negros dos contos de Poe.

De sorte que para os particulares o não pagar em dinheiro é o pagar mais caro. Com os reis porém acontece que quando não pagam em moeda de suas effigies, não pagam de modo nenhum — o que é dar muito pouco ás exigencias do credito.

Portanto se el-rei não pagasse aos musicos, el-rei abusaria realmente de um modo reprehensivel e unico — o que não cremos que Sua Magestade faça.

O que pedimos aos poderes competentes é que punam a calumnia perfida do artista queixoso, patenteando ao publico até que ponto póde bufar a calumnia e a traição sobre frontes inviolaveis — um clarinete despeitado e astuto.

———

A expressão mais insuspeita e mais fiel da vida nacional e do valor historico de um povo é o seu exercito.

Goethe dizia que se podia julgar seguramente

do caracter de um imperio pela simples organisação da sua justiça e pela sua força guerreira.

Na associação scientifica de Berlim um homem de grande erudição e talento dedicava ultimamente uma serie de conferencias — ao estudo dos exercitos, como symbolos do caracter nacional.

Esta idéa penetrou todas as intelligencias. Comprehendeu-se que hoje a organisação militar não era somente a garantia da força, tão precisa ao equilibrio europeu no meio das terriveis perturbações sociaes e economicas que o ameaçam; verificou-se mais que o exercito, o *exercito-povo*, como já ha muitos annos o queria Montesquieu, era o elemento mais poderoso e mais efficaz da civilisação, da instrucção e da moral.

D'ahi o serviço militar obrigatorio, como uma exigencia imprescriptivel do progresso, como uma necessidade da maior e da mais perfeita associação para a communhão das idéas, para a vulgarisação dos conhecimentos, para a discussão dos principios, para a comprehensão dos interesses e finalmente para a fixação definitiva da justiça na humanidade.

. ˙ .

É n'este momento historico, gravissimo para todas as nacionalidades e para todos os povos, — porque no meio do abalo geral das instituições antigas está pendendo d'elle a organisação do futuro, é n'este momento que Portugal representado na pessoa dos seus cidadãos mais poderosos, mais ricos e mais intelligentes, funda a *sociedade protectora das remissões militares*, dando ao mundo o espectaculo ou da mais profunda inepcia, ou da mais venal cubiça, ou da mais criminosa indifferença.

. ˙ .

Está já organisada, está estabelecida, está definitivamente fundada essa poderosa sociedade bancaria. É ainda o banco! O banco sempre! O banco a dominar a politica, o banco a dominar a arte, o banco a dominar a religião, o banco finalmente a dominar o exercito!

O banco que nos governa — desenganemo-nos bem d'isto — governa-nos de boa fé segundo o seu ponto de vista, inconscientemente mas fatalmente, para o abysmo. O banco, que está sendo o nosso exclusivo governo, ha de ser a nossa catastrophe, a nossa ruina e a nossa morte. Aquelle

que pelo dinheiro mata morrerá pelo dinheiro.

. ˙ .

Desde este momento o exercito portuguez acabou. Considerado o despego patriotico do paiz e a absoluta indifferença d'elle pelos seus destinos futuros, e posta ao lado d'esta consideração a facilidade de cada um se remir do serviço da patria pelas armas por meio da annualidade de 495 réis ou pela prestação unica de réis 4$970, — ponderado isto — o exercito portuguez deffinitivamente acabou.

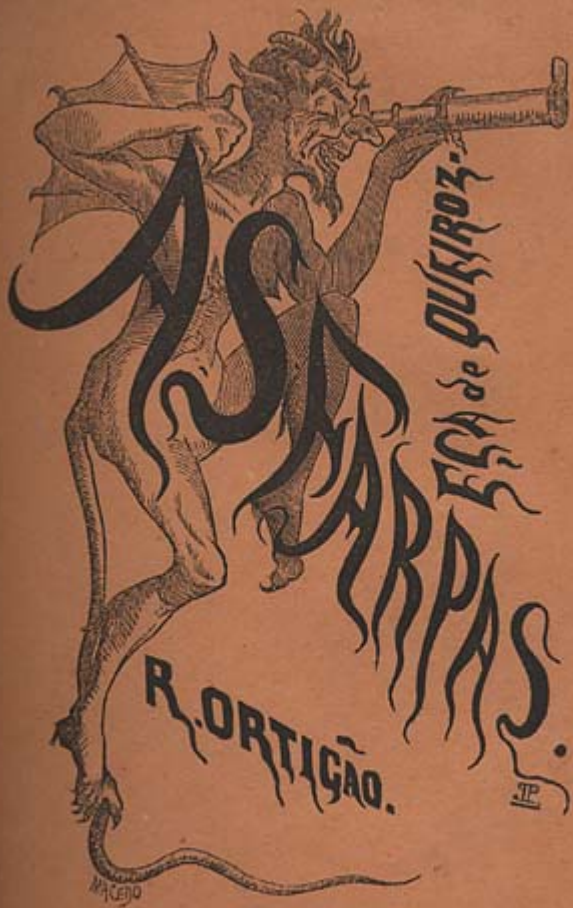
Em vez da força publica, nacional, desinteressada e austera, que tanto convinha engrandecer e moralisar cada vez mais, não teremos dentro em pouco senão legiões de mercenarios corruptos, indisciplinaveis, sem votos, sem principios, sem convicções, sem interesses ligados aos interesses geraes, comprados pela agiotagem, promptos a vender-se á tyrania, á revolta, á conspiração e ao ganho.

Os operarios dos campos serão os primeiros a aproveitar os beneficios da remissão e ficarão para todo sempre nos campos, separados de toda a participação nos direitos e nos deveres da nacionalidade e da civilisação.

A mocidade ociosa, aquella mocidade portugueza da qual o *Times* dizia ha dias que era menos occiosa ainda pela indole do que pela inepcia, continuará apodrecendo na relaxação e no deboche, e o remedio immediato e prompto para estes grandissimos males, — o serviço militar obrigatorio — não se votará nunca.

Não venham dizer-nos a palavra banal e hypocrita que o novo banco desapparece no momento em que a lei appareça. Não! desde que o banco se fundou a lei morreu. Porque todos nós sabemos isto: actualmente em Portugal não são as leis que desfazem ou que fazem os bancos, são os bancos que fazem e desfazem as leis.

. ˙ .

As Farpas não podendo dedicar já a este assumpto todo o espaço que elle pede, reservam-se para se occuparem d'elle no proximo numero, mas protestam desde já contra a *Protectora, companhia de seguros de remissão do recrutamento militar*. E protestamos menos pelo empenho patriotico que pelo interesse da justiça: porque onde não ha patria não ha patriotismo, mas onde não ha justiça é absolutamente preciso que haja — justiça.

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.
MACEDO

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

2.º ANNO
Novembro de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1872

SUMMARIO

A Eça de Queiroz. A separação. O mundo litterario, seu aspecto, sua influencia, seu encanto. O jornalismo. Os escriptores que desapparecem. A arte em poder dos curiosos. A litteratura de saguão. — Ao sr. Patriarcha de Lisboa. O dia de finados. A vala. Os enterros em Lisboa. O imposto sumptuario lançado pela egreja. A dignidade e os canones. — A corveta «D. João». Os guardas marinhas e as baratas. O despotismo do absurdo e a cumplicidade da obediencia. — A «grève» das costureiras. O salario, o trabalho, o preço da «toilette». A mulher na familia operaria. A lei moral. — Vieira de Castro. Historia de um caracter. — Outra grève. Os banqueiros do Purgatorio. — O anniversario de el rei. O banquete militar. O pennacho de Henrique IV e o charuto de Xabregas. O que suas magestades comem. Philosophia da sopa, vacca e arroz. O regime antigo. Proudhon e ostras cruas. Revolucionarios e conservadores. O povo pede bailes. Que se lhe dêem. — O alfaiate de Pedro. — O adulterio em vernaculo. Segunda edição portugueza do Homem-mulher. — As cinco opiniões de Melicio. O processo Angeja. O caso Rocha. A prisão do redactor do «Oriente». O emigrado Sabariego. — O sr. padre Amado, os sopranos agudos e os divinos flagellos.

A Eça de Queiroz

Seria indigno, no momento cerimonioso em que a jurisprudencia consular se aproxima grave

e solemne dos umbraes da litteratura, procurando-te, meu querido amigo, para te levar comsigo, que não descesse a escada para te conduzir até á porta e para te dizer adeus o teu fiel e inseparavel companheiro.

Estás-me vendo um pouco pallido ao separar-me de ti, e sentes de certo ao abraçar-me que me deixas apprehensivo e nervoso. Que se te não communique a impressão d'este derradeiro contacto do mundo litterario e artistico de que te vaes desquitar!

Se tens no teu coração algum resto de amor á publicidade, a essa caprichosa *lorette* sempre despresada e sempre querida, arranca do teu peito esse amor, passa-o para a minha mão, não abotôes sobre elle o teu grave e austero uniforme consular!

Sê encantador e ingrato! Sê D. Cezar de Bazan ou Child Harold, sê D. Juan Tenorio, o qual só á sua parte teve cento e tres amantes e um descendente que lá irás encontrar estabelecido em Sevilha com uma loja de licores! Toma a attitude desdenhosa e equestre dos antigos satanazes do byronnismo. Ao abandonares a litteratura faze telintar alegremente no marmore dos patamares a ponta da tua espada e as

rosetas das tuas esporas. Empina o bigode, carrega para o olho o largo chapéo á Rivera, traça bem petulantemente a capa romantica a Benvenuto Celini, de veludo azul, como aquella com que o defuncto Gautier dava caimbras de rancor aos burguezes da Restauração. Sê passageiro e leviano como uma chronica de *L'oeil de boeuf*, sê Regencia, Pompadour, Richelieu, *talon rouge*, Brantôme, *Parc-aux-cerfs!* Que a investidura consular entre no teu animo «comme un clou qui chasse l'autre.»

Amar a publicidade não é ter sómente na entranha um affecto, é ter uma laboração occulta, uma gestação continuada e fatal; não ha espartilhos que nos comprimam e disfarcem bastante, tanto importa trazer como tu uma farda de capitão de fragata como uma batina de clerigo ou um arnez de couraceiro: se o terrivel embrião nos ficou cá dentro a questão depois é simplesmente uma questão de mais ou menos luas: um bello dia o litterato rebenta, o artista reapparece e o escandalo não tem remedio. Vê que vergonha para todas as dragonas de cachos, tão castas, tão timidas, tão virginaes, se um dia se vae saber que uma d'aquellas que a patria te confiou appareceu de repente no seu estado in-

teressante de um folhetim! Que diria a secretaria dos estrangeiros — e Melicio!

Oh! responde-me que a detestas, — a publicidade venal e impudica — que a achas odiosa, desmaselada, estupida e burgueza. Inventa-lhe coisas. Propala que a viste uma manhã com chichellos de homem. Conta que roe as unhas. Divulga na America hispanhola que ella resona alto de noite e que usa uma cuia de retroz de dia. Affiança ao novo mundo que a fera tem um dente cariado, que come o peixe com a faca e que mette os dedos no nariz — a infecta!

Desacredita-a, querido, faz essa grande obra de misericordia! Converte-a n'um ouriço de desdens, n'uma pregadeira de epigrammas, n'um *pudding* de desgostos. Recheia-a de consumições. Sê implacavel e tremendo. Chama-lhe serpente.

Se o teu pé, firme e resoluto, suspenso no ar, calçado n'uma solida bota ingleza, se prepara definitivamente para entrar na estrada da justiça e da verdade, rompe o teu caminho pousando affoito esse pé justiceiro e cru sobre o joanete d'ella! Se queres provar ao mundo que tens a verdadeira «mão d'aço» e que nunca vacilará n'ella o pesado alfange da lei, experimenta essa mão incorruptivel e nobre despejando-lhe

dentro do copo do Champagne que ella bebe um cartucho da santa magnezia calcinada!

Dize-me, promette-me pelas cinco mil chagas da grammatica portugueza, que tudo isto farás para desgosto, punição e agonia, da miseravel, da sordida, da estupida publicidade lusitana, á qual por nossos horrendos peccados, nós ambos fizemos a côrte, juntos, por tantos annos! Não é verdade que n'essas relações nos occupamos? que n'esse amor vivemos? que n'essa paixão nos consumimos? ó melancolia, ó lethargo, ó Eduardo Vidal, ó desalento?!...

Que a nossa convivencia com a publicidade te não esqueça nunca! Lembra-te sempre do que ella foi para nós — a vibora! Sirva-te isto de constante lição e eterno escarmento! Vimol-a uma vez por mez durante anno e meio. Punhamos para nos fazermos annunciar as nossas melhores intenções e as nossas melhores camisas, as nossas opiniões mais dignas e as nossas luvas mais frescas. Tinhamo-nos banhado, tinhamos perfumado o bigode, tinhamo-nos abstido de fumar para que os nossos corpos não cheirassem a corpos da guarda. Por fim a publicidade vinha. Eramos introduzidos em enormes aposentos frios e desconfortaveis, cheios de cartazes,

de *réclames*, de publicações a pedido e de annuncios de amor.

Não, não era positivamente na *Abbaye-aux-bois* que nós nos encontravamos! Não havia o circulo brilhante das intelligencias escolhidas, as delicadezas do gosto, as altas maneiras, as finas susceptibilidades, os elevados sentimentos. Não era madame Récamier, a elegante fada de Chateaubriand, de Guizot, de Thiers, quem nos estendia d'entre uma nuvem de rendas a sua branca mão estreita e aristocratica. Não era a pallida e loira madame de Girardin, a confidente de Balzac, a amiga dilecta de Dumas e de Victor Hugo, com o seu collo de Niobe e os seus hombros eburneos cobertos de perolas, quem presidia ao salão, fazendo ondular com o mysterioso encanto da sereia as prégas scintillantes e macias do seu longo vestido de veludo preto, tão celebre nas velhas legendas da elegancia.

No meio em que entrámos achámos um luxo emphatico e burguez, uma rhetorica velha, pedante e tabaquenta, a zoocracia da linguagem, a liberdade, a egualdade e a fraternidade da opinião e do estylo, as reverencias hypocritas de sacristia, os abraços de missa cantada, no meio

de uma multidão formada dos principes do noticiario, dos lyricos, da politica, e dos philosophos do cifrão, de que falla Beaudelaire. Entre os duques de Loulé e de Saldanha e os srs. Fontes e bispo de Vizeu ha um que apregoam e tres que acham maus; tudo mais vae bem. A arte, a moral, o sentimento, a humanidade, a justiça, que se arranjem como poderem! Tal é a força d'estes poderosos motores do progresso que se elles houvessem nascido contemporaneos de Confucius teriam deixado o Terreiro do Paço acorrentado á civilisação chineza.

N'outro tempo, ha poucos annos ainda, eram alegres, bohemios, moviam-se, agitavam-se, eram escriptores, tomavam como Chonard o seu cabriolet á hora, para andarem de dia a arranjar uma idéa para o artigo que se fazia á noite; tinham petulancias, argucias, repentes, *gamineries* engraçadas. Agora fizeram-se serios, pesados, espessos; não escrevem o seu jornal, escripturam-o; teem as verbas e os dizeres consagrados, estatuidos, pautados. Não são gazetas, são circulares que elles fazem. Na parte litteraria, espirituosa, amena, lançam estes mimos de dicção: *Chegou a esta cidade José Joaquim. D. Rosa teve um menino. Amanhã anda a roda.*

O artigo de fundo tende visivelmente a basear-se de um modo definitivo n'esta formula imaginosa e arrojada: «Amigo e sr. — Estimo que esteja logrando perfeita saude, pois a minha é boa. Os ladrões continuam no poder. Dê lá visitas, e mande-me na volta do correio o dinheiro da assignatura.» De resto Xavier de Maistre achar-lhes-hia — o cheiro de armazem.

Acolheram-nos pouco mais ou menos como se fossemos cães damnados.

O primeiro titulo sob o qual tiveram a obsequiosa defferencia de nos receberem foi o de *cavalheiros de industria*. E então a veneravel opinião, olhando-nos por cima dos oculos, cochichou aos famulos palavras secretas e começou por acautelar as pratas.

Á segunda visita tomaram-nos por conspiradores, inventaram que vinhamos embuçados em capas, que traziamos chapeus derrubados nos olhos e que o que nos appettecia para beber era o sangue do ultimo dos reis no craneo do ultimo dos padres. Pelo que a *Nação* e o *Bem Publico* nos lançaram devotamente a sua excomunhão, e algumas senhoras antigas começaram a persignar-se quando nos viam.

Por occasião da terceira visita percebeu-se

que eramos simples mercadores de escandalos e que negociavamos os nossos productos clandestinamente nos interiores das familias.

Em seguida e á proporção que iamos apparecendo espalhou-se: Primeiro que se nos tinha esgotado a prosa e que nos retiravamos á vida privada; depois que estavamos requerendo do estado pingues empregos e rendosas collocações; em seguida que nada havia para nós de sagrado e que eramos as mais venenosas viboras que a sociedade tinha acalentado no seu seio. A este tempo um publicista brazileiro explicou que a secreta verdade a nosso respeito é que eramos *moedeiros falsos*. Deram-nos mais tarde descomposturas, disseram-nos insolencias, escreveram-nos pamphletos, — são já sete ou oito os pamphletos com que nos teem distinguido — dirigiram-nos cartas anonymas; ameaçaram-nos de morte no continente, e prometteram-nos pauladas no novo mundo.

Ora ahi tens tu, meu bom e honrado amigo, succintamente feita, a resenha das finezas impagaveis e dos obsequios immarcessiveis que devemos á publicidade patria!

Tivemos tambem a gloria. Em Portugal alcançar um sujeito a gloria por meio da celebri-

dade litteraria corresponde ao seguinte: Ser conhecido dos differentes logistas da cidade, tractarem-o pelo seu nome nas estações do caminho de ferro, darem os periodicos noticia das enfermidades que soffre e das viagens que faz, ter a sua photographia publicamente exposta entre a de uma *cocotte* e a de um salteador, e receber convites para escrever em albuns e collaborar em almanachs.

No intimo, no mais profundo, no mais resguardado e secreto dos seus sentimentos a sodiedade odeia-nos, porque ella é essencialmente conservadora, commodista, amante da serenidade, da placidez, do *statu-quo*. E nós temol-a interrompido, temol-a perturbado, temol-a contraditado, temol-a remechido em todas as suas convicções e em todos os seus interesses: na sua politica, na sua arte, na sua religião, nos seus costumes. Onde cada um escondia as suas verdades, como coisas prohibidas á luz, para as vir desabotoar na rua em pequenos conciliabulos de maledicencia tenebrosa e covarde, creamos nós da missão do jornalista este conceito estranho:

Que era inutil aquelle que não tinha a faculdade de achar uma verdade; e que era abjecto

e indigno o que não tinha a força de publicar a verdade que possuia.

Tal era o caracteristico distinctivo do programma com que ousamos apresentar-nos a uma sociedade, na qual para a gente se introduzir e passar é preciso ser docil, complacente e molle, ceder a todos os contactos, ladear todas as resistencias, metter para dentro os seus angulos, esbater os seus contornos, apagar o seu perfil, desfazer a sua personalidade. Ora o jornalista sincero como cada um de nós o tem sido é a figura acentuada por excellencia. A publicidade das suas idéas, dos seus sentimentos, das suas opiniões, dá á sua individualidade um relevo que elle não póde disfarçar e uma transparencia que não póde encobrir. Pelo facto de ter dito algumas verdades imaginam que elle sabe as verdades todas. As creaturas mais perigosas e mais terriveis na sua hostilidade e no seu odio — as falsas grandezas, os falsos talentos e as falsas virtudes — suppõem que apparecem aos olhos d'elle transparentes como se fossem de vidro, e que trouxessem uma luz dentro. Odeiam-o como um espião, repellem-o como um desmancha-prazeres.

Se elle tem o infortunio immenso de ter es-

pirito, acha-se então irremissivelmente condemnado e banido. Só os habitos e os costumes francezes supportam na convivencia os encontros agudos e percucientes da viveza e do traço. O descredito de lord Byron na alta sociedade ingleza começou quando a alta sociedade ingleza descobriu que elle tinha espirito. Admittiam-se-lhe de bôamente as iniquidades do coração e as desordens da existencia; o que não se lhe pôde perdoar foi a sua vivacidade de critica e as suas promptidões de replica. *Levity and irreverence!* silvavam por entre os dentes cerrados pela colera as despeitadas *ladies.*

Nós tinhamos algumas vezes uma coisa ainda mais ultrajante que o espirito que nos faltava: tinhamos razão. Desencadearam-se contra nós todas as grandes loquacidades de todas as pequenas paixões aggravadas e feridas por este insulto — o bom senso, e por esta calumnia — a risada.

Os nossos melhores amigos, os que tinham o grande valor de não nos atacarem, não se atreviam tambem a defender-nos inteiramente, e havia um ponto em que elles mesmos inclinavam a cabeça, lamentando o triste estado de espirito em que nós denunciavamos uma duvida

constante e uma indifferença permanente. Não se lembraram nunca, perante os rigores que nos attribuiam, de que não ha nada que mais prove os aviltamentos e as depravações egoistas do scepticismo mais incuravel e mais podre do que — as complacencias universaes e as misericordias infinitas.

A par de tudo isto teriamos nós tido pelo menos a dôce compensação de instruir ou de moralisar? Não. Diz Proudhon que um milhão de volumes não desilludem durante um seculo quatro mil leitores. Os nossos pequenos livros risonhos e modestos, que ha dezoito mezes fazem burguezmente o seu passeio hygienico pelo mundo, pedindo apenas um pouco de ar puro para os nossos pulmões e um pouco de terreno livre para os nossos pés e para as nossas bengalas, não podem certamente aspirar a exercer sobre a moralisação das massas a influencia que não conseguiram ter : a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, com o seu cotejo de uma cidade imperfeita e terrestre em lucta constante com uma cidade ideal ; a *Salento*, de Fenelon com a sua magistratura de anciãos de encanecidas barbas ; a *Utopia*, de Thomaz Morus com o seu rei coroado de espigas ; as colo-

nisações religiosas de Guilherme Penn, os pacificos conselhos de Bernardin de Saint-Pierre, as viagens emancipadoras de Kossuth, as excursões e as epistolas de Garibaldi, os poemas humanitarios de Victor Hugo, e os systemas reformadores de Daniel Foë, de Zinzendorf, de Fontenelle, de Penn, de Rousseau, de Saint-Simon, de Harrington, de Jeremias Bentham, de Owen, de Fourrier e de Proudhon...

Pobres espiritos sympathicos, bemfazejos e ardentes, immolados á humanidade! não: nós declaramos terminantemente que não pertencemos á vossa galeria melancolica e veneranda. Se alguma vez vos invocámos não foi para que nos permittisseis seguir-vos, foi para que vos dignasseis perdoar-nos.

A verdade é que se nos achassemos com a faculdade de influir e de reformar, a primeira coisa que fariamos seria calar-nos antes que os doutores do Pretorio e do Areopago, dos que deram a cruz a Jesus e a Socrates a cicuta, nos fizessem viscondes, que é uma das maneiras que ha agora entre os pretorianos e os areopagistas de obrigar a calar os que bufam.

Vae pois em paz, meu bom companheiro, sem pesadas reminiscencias e sem agudas san-

dades. Sacode dos teus sapatos o inutil pó que levantamos juntos, e quando, ao longe, te não puder esquecer esta escarpada collina em cujo alto amanhecemos um dia, alegres caminheiros banhados nos frescos vapores rosados e azues da mocidade, não voltes para traz o teu rosto, que nunca eu veja fitarem-me morbidamente humedecidos pela nostalgia, esses teus olhos amigos! Não queiras collocar-me lyricamente na horrivel situação de espirito de dizer sentimentalismos á mãe patria. Que ella se não persuada que tu a deixas com pena ou com magoa. Um paiz em que os escriptores eminentes teem de exilar-se para as Antilhas ou de se fazerem ministros da marinha — um exilio mais affastado ainda das regiões do espirito — para poderem dotar-se com o luxo de encommendarem d'uma vez uma duzia de camisas, não é paiz: é um logarejo vil desmerecedor da chronica espirituosa do seu barbeiro, da arte despremiada do sarapintador das suas taboletas, e do a b c inutil do seu mestre-escola.

A litteratura, que felizmente nada significa para os interesses commerciaes da nação, que tu como consul vaes ter obrigação de defender e zelar, significa tudo n'um povo como padrão

dos seus costumes e das suas relações de espirito e de moral. Porque é por meio da litteratura que o capital das idéas geraes que constituem a riqueza commum do entendimento nacional circula e se espalha. É evidentemente na leitura das obras litterarias que não sómente o espirito se educa mas que o caracter se fórma. A comprehensão, a medida da honra, da justiça, da dignidade e do valor é a litteratura que a dá, que a ensina, que a estabelece. A litteratura de um povo é o grande codigo complexo da sua legislação moral. Nas sociedades modernas então, onde o espirito de critica e de analyse matou a fé e o enthusiasmo, as influencias litterarias são mais estreitas, mais profundas, mais efficientes que nunca. Tem portanto uma auctoridade e uma influição fatal o livro, e, mais fundamentalmente o jornal, porque, segundo a phrase de Proudhon, o livro não é senão a aprendizagem do jornalismo, e o jornalismo a mais natural e a mais logica manifestação intellectual d'este seculo. Ora os livros mediocres e os mediocres jornaes são como as baixas companhias, cuja convivencia deprime e relaxa progressivamente aquelles que as frequentam.

Os verdadeiros e legitimos escriptores tiram das mesmas condições do seu trabalho, dos habitos do seu sacerdocio, dos fortes elementos da vida artistica, do seu forçado mysticismo, do seu isolamento no ideal, a comprehensão mais elevada dos destinos da personalidade humana, porque não ha nada que ultrage mais flagrantemente o bello que elles cultivam do que aquillo que é vicioso por ser mesquinho ou injusto.

Quando a obra litteraria de um povo, que é a sua tradição, a sua lei transcendente, a sua jurisprudencia subjectiva, sae das mãos dos seus artistas para cair em poder dos amadores, dos *dilettanti*, dos curiosos das lettras ou dos jornaleiros da escripta, essa queda, que é uma temerosa catastrophe para a moralidade e para os costumes, reflecte-se logo em todo o machinismo social, na politica, na sciencia, na religião e até na familia.

Com o rebaixamento da arte, com a degradação do gosto, tudo esbamba, tudo se desmancha, tudo se afadista, tudo se acanalha.

Os que não teem a faculdade de tornar a idéa vibrante e a palavra luminosa, não podendo atacar pela astucia, nem pela força, ferem pela in-

triga; não podendo interessar pela critica promovem o interesse pela indiscrição, fazem-se mexeriqueiros, intrigantes, maldizentes; revistam a sociedade pelos barris do lixo, levantam dos pés da sua geração que passa os velhos trapos e as flôres seccas que ella deita fóra; registam-lhe as piugas, contam-lhe as nodoas da roupa suja, e não podendo dizer-nos o que lhes passa a elles nos cerebros e nas consciencias contam-nos as coisas que cahiram nos saguões ou que escorreram nos canos da cidade.

Que idéa terá de si mesmo, da sua dignidade, dos seus direitos, dos seus interesses e dos seus destinos o espirito de um povo assim creado intellectualmente no soalheiro, na mediocridade e na intriga?

Ora se esta hypothese não é já um mal effectivo e consumado, sel-o-ha dentro em pouco tempo. Os litteratos vão-se. O sr. Alexandre Herculano é mercador de azeite. O sr. visconde de Castilho, inteiramente separado das idéas, dos problemas, das lutas e das commoções do seu tempo, traduz velhos poetas estranhos e extinctos. O sr. Latino Coelho é ministro de estado e chefe de partido. O nosso amigo Pinheiro Chagas é deputado da nação, está na politica

militante, tem todos os direitos a ser na semana proxima ministro da marinha, e ha de sel-o — como todo o litterato espirituoso e distincto—se quizer fazer ao proximo gabinete o sacrificio de completar os dotes que tem dando-se um pouco menos de vivacidade no seu stylo e um pouco mais de comprimento nos seus paletós. O sr. Mendes Leal é embaixador em Hispanha. Camillo Castello Branco está refugiado em uma aldeia do Minho. Rebello da Silva morreu, Arnaldo Gama morreu, Julio Diniz morreu: tres pennas tão vivas, tão jovens, tão encantadoras, tão populares, desappareceram para sempre dentro de dois annos! Os nossos austeros amigos do extincto cenaculo de Anthero do Quental estão recolhidos e mudos. O mesmo Quental, Oliveira Martins, Batalha Reis, Theophilo Braga, e outros que pensam e que trabalham ainda com dignidade, com desinteresse, com elevação, fazem n'uma penumbra isolada da grande massa do publico os seus livros que a critica escarnece e que a opinião não lê.

Vê como está sendo estreito, desconsolado e triste o pobre mundo litterario portuguez de que te retiras!

Eu cá fico para ver o destino que Melicio, o

mui amado, dará a todas as coisas que esperam graves e interrogativas nas brumas do horisonte: a ruina da aristocracia, o pauperismo dos funccionarios publicos, a ignorancia palavrosa e arrogante dos burguezes, a revolução dos proletarios, a guerra dos Dembos, a pateada do Rabagas, e as gallinhas de D. Antonia.

Se um dia voltares, cá encontrarás guardadas por mim, em tropheu, as tuas delicadas bandarilhas, e sobre a nossa porta, para signal, o teu nome encruzado com o meu — como duas espadas n'um muro.

Na tua ausencia uma idéa me consola: se por um lado perco aquillo que mais se ama — um elevado companheiro de espirito, por outro lado lucro aquillo que mais se deseja — um leitor honrado e benigno.

E com isto um abraço, e adeus, que eu vou para a camara dos pares, onde o senado reunido vae salvar o imperio dos Cezares da invasão das hordas barbaras sobre as quaes se estende a sombra revolucionaria e nefasta de um Alarico cognominado «O Sousa!»

A sua eminencia reverendissima o sr. Patriarcha de Lisboa

Reverendissimo e eminentissimo senhor— Estamos em dia de finados e tendo de commemorar os nossos mortos praticando uma acção piedosa, pedimos humildemente licença para o fazer dirigindo a vossa eminencia estas linhas.

A manhã nublada e serena está boa para se fallar da morte — o bello ideal das imaginações resignadas e tranquillas. O céo côr de lousa parece um marmore coberto por um véo negro. Não bole folha nas arvores. A naturesa outonal apresenta uma immobilidade suspensa e meditativa. Não ha viração nem sol, nem aves no ar, nem pó nos caminhos: um dia do limbo, como os que devem convir ás almas sem premio nem pena que esperam no infinito.

Chegamos do cemiterio. Das grades que circumdam os jazigos pendem corôas de perpetuas côr de milho estrelladas de saudades roxas. Dentro dos carneiros ardem velas de cera, vicejam ramos de flores tristes e symbolicas em vasos de porcelana, e longos bambolins de crepe adornam as lapides tumulares de disticos de oiro em fundo negro. Algumas senhoras de vestidos pre-

tos passam silenciosas e graves. Á porta algumas carruagens esperam. Eis tudo o que vimos no cemiterio.

Digne-se agora vossa eminencia ponderar por um momento no que não vimos.

Não vimos a gente pobre. Porque os pobres não teem nos cemiterios onde ir chorar aquelles que lhes morreram. A vala, eminentissimo senhor, é um tumulo collectivo, sem epitaphios, indifferente e mudo, insondavel como o oceano.

Os que morrem na miseria de Lisboa são como os que morrem sobre as aguas do mar: não teem campa.

Nos terrenos reservados ás sepulturas individuaes não se entra sem uma certa *toilette*, como na superior de S. Carlos. O Alto de S. João e os Prazeres são o *Gremio Litterario* e o *Club* — dos mortos. Os esqueletos dos que morreram nas abundancias do *chic* podem ali assestar-se reciprocamente os seus binoculos e cumprimentar-se de uns sepulchros para os outros com as pontas dos dedos que a terrivel semcerimonia da podridão despojou não só das luvas mas tambem da carne. Suas excellencias as ossadas elegantes estão ali em companhia selecta, em *partie fine*.

Os esqueletos da gentalha esses ou se transformaram em herva e esperam ser assimilados a novas existencias por meio dos apparelhos digestivos das mulas de vossa eminencia, ou passeiam o Aterro resignadamente cosidos ás nossas polainas em formas de botões.

Não pode ser de outro modo succedendo isto: que morrer, eminentissimo senhor, custa em Lisboa ainda mais caro do que estar vivo. De sorte que a poucos é dado morrer — com decencia.

A egreja a que vossa eminencia tão dignamente preside, logo que se tracte de dar o meu corpo á terra, exige-me em propinas parochiaes sommas que reputamos abusivas.

O designio da terra sobre o meu corpo morto é simplesmente comel-o, — e aqui se nota já ácerca dos direitos dos senhores parochos sobre a minha morte uma exigencia original: pedirem-me dinheiro para que me devorem! Entre os viventes o uso geralmente recebido é que o objecto devorado não paga. Eu tenho frequentado os restaurantes e nunca me succedeu que, depois do café, ao quarto de hora de Rabelais, os criados viessem, e para entregar a conta perguntassem — pelo peru.

Vejamos porém quanto, depois de mortos, a egreja nos pede para que a terra nos coma.

A tarifa das sachristias divide os preços pelas graduações do luxo, do maximo ao minimo pela fórma seguinte:

Em coche, primeiro grau de ostentação; *De berlinda*, segundo; *caixão á cova*, terceiro; *corpo á terra*, quarto.

Pelo morto que vae em coche paga-se á sachristia, simplesmente para que a sachristia deite o corpo ao cemiterio, isto é — como direitos parochiaes sobre a morte do cidadão, réis 38$400.

A *berlinda* está taxada em menos que o *coche*, o *caixão á cova* em menos que a *berlinda*, o *corpo á terra* em menos que o *caixão á cova*.

Assim vemos os direitos parochiaes assentando perfeitamente nas bases de um imposto sumptuario bem medido e bem lançado. Nada se nos offerece oppor como contradicção ou como censura a que os senhores parochos collectem o luxo.

O que porém nos parece é que a escala sumptuaria deveria terminar na berlinda. D'ahi para baixo, desapparecendo o luxo, deveria desapparecer o imposto. Ora o luxo desapparece de fa-

cto com a berlinda, porque não poderemos nunca, sem um exforço demasiadamente violento, considerar como ostentação faustuosa o apresentar-se cada um á beira da sepultura levado por quatro homens. A verdade, eminentissimo senhor, é que, por maior e mais profunda que seja a miseria de um desgraçado, elle não será nunca tão desprovido de meios de fortuna que se submetta a ir para a cova — pelo seu pé.

O unico exemplo que vossa eminencia nos póde citar para justificação d'essa hypothese é Lazaro, que andou em defunto; mas Lazaro em primeiro logar obedecia a immediata intimação divina, a qual não sei se os srs. parochos estão habilitados a repetir com exito completamente garantido, e em segundo logar quando Lazaro andou, note vossa eminencia que não foi para se metter na sepultura, foi para sair d'ella, — o que, tratando-se de enterros, é uma circumstancia que altera a natureza dos factos.

Portanto que um imposto canonico recaia sobre os bens do que vae para o tumulo em coche ou em berlinda comprehende-se; que ainda se exija dinheiro pelo que é levado á cova por qualquer outro modo, em nome da humanidade

declaramos sinceramente a vossa eminencia que nem se entende nem se admitte.

A differença que perante os alludidos direitos parochiaes se estabelece entre *corpo á terra* e *caixão á cova* é — releve-nos vossa eminencia esta palavra secca mas justa — uma brutalidade monstruosa e indigna.

Imagine vossa eminencia que chega ao cemiterio um pobre homem acompanhando o cadaver da sua mulher ou da sua filha, estirado n'um esquife, na compostura da immobilidade eterna, com os olhos cerrados, com os braços cruzados no peito. Á beira da cova aberta o sr. parocho manda examinar quantos tostões traz na algibeira o desgraçado que acompanha esse mesquinho feretro. Se os tostões do miseravel chegam a prefazer a cifra da tabella, o corpo da defunta baixa á terra dentro do esquife em que a trouxeram de casa. Se os haveres do pae ou do marido sobrevivente são inferiores ao calculo canonico, a filha ou a esposa morta é descomposta da sua derradeira attitude pelos braços arregaçados do coveiro ; o caixão fica em cima sobre a relva ; o corpo é levantado na sua rigidez solemne como um poste, e arrojado ao fundo lamacento da valla como um espanta-

lho arrancado das sementeiras pelo vendaval.

Tal é, eminentissimo senhor, a differença que existe nas tarifas parochiaes entre as especies *caixão á terra* e *corpo á cova*.

Quatro taboas de pinho, em que se fecha um cadaver por attenção não direi já ao parentesco ou á amizade, mas ao decoro, ao pudor, á dignidade da figura humana, quatro miseraveis ripas são taxadas pelo clero do patriarchado lisbonense como uma sumptuosidade cuja permissão suas reverendissimas computam em 8$000.

Eminentissimo senhor, isto é um grande mal, não tanto para a humanidade, como para a egreja. Porque a egreja, hoje mais do que em tempo algum, se quizer manter illesos os seus direitos espirituaes precisa de conservar-se perfeitamente recta na dignidade e na justiça, e multar a miseria, taxar um preço pecuniario ao decoro, lançar um imposto sumptuario ao pudôr, isto, eminentissimo senhor, não é justo nem é digno.

Se vossa eminencia fôr tão bom e tão sabio que se digne desde já ordenar que no seu patriarchado os enterros pobres sejam decentes e gratuitos, vossa eminencia terá por esse facto conquistado santamente e evangelicamente aos

inimigos da egreja um terreno em que a egreja não tardará a ser rudemente batida pelos seus inimigos.

Um publicista arrojado propoz ha tempos em França que os cemiterios se substituissem pelas distillações. Não consinta vossa eminencia que se pense que entre a distillação e o enterramento póde algumas vezes não haver senão uma differença: ficar a distillação mais barata.

Bem sabemos que Portugal é um paiz eminentemente catholico e que nos conflictos do poder temporal com o poder religioso o espirito publico pende quasi sempre mais para o respeito dos canones do que para cumprimento da lei.

No entanto advirta vossa eminencia que bem catholica era egualmente a Hispanha, e veja-se como a legislação civil lá está devorando insaciavelmente os velhos dominios das jurisdicções ecclesiasticas. Ha pouco tempo ainda, no congresso de Madrid, um deputado punha ao ministro dos cultos esta hypothese:

« Quando os conjuges forem casados perante a egreja mas não validado o casamento d'elles perante os registos civis, como é que para a successão e mais effeitos legaes devemos considerar os filhos procedentes d'este matrimonio? »

O ministro dos cultos levantou-se e proferiu esta simples palavra:

« Adulterinos. »

Depois do que o ministro tornou a sentar-se, e a Hispanha ficou sabendo com a tranquillidade mais perfeita qual é a lei em que vive.

Ora ao lado do casamento civil está uma coisa que sentimos ser forçados a nomear a vossa eminencia — é o *enterro municipal.*

Accresce que o Evangelho manda enterrar os mortos por caridade e não por modo de vida.

Nas constituições d'esta diocese colligidas pelo licenceado João Serrão lê-se no titulo XVI, « que o uso de sepultar os mortos é pio e obrigatorio. » E na parte que respeita ás esmolas que os clerigos hão de receber decreta-se nas mesmas constituições que

« Se o defunto fôr notoriamente pobre, não o obriguem a fazer coisa alguma pela sua alma; *antes lhe façam enterramento sem lhe pedir esmola;* e quando não fôr notoriamente pobre, se comtudo o fôr em modo que não possa cumprir tudo o costumado, o parocho o não obrigue a fazer mais do que puder. »

Concluindo, sem citarmos os santos padres e os concilios, inclinamo-nos com o mais profundo

respeito aos pés de vossa eminencia reverendissima.

Hoje, partida da corveta *D. João* em viagem de ensino. Duas palavras de despedida — talvez derradeira — a essa pobre velha, idiota e cachetica, que pelo triste estado em que vae nos não dá esperanças nenhumas de que volte!

. ˙ .

A corveta *D. João* conta quarenta e cinco annos de edade. É de teca. Ha muitos annos que se lhe não examina o fundo. O governo tem pelo aspecto do fundo da corveta *D. João* um melindre secreto repassado de repugnancia e de pudor. Não o quer ver. Por coisa nenhuma consentiria em vel-o! A ultima viagem que este navio fez foi á China. Voltou coberto de insectos asquerosos como uma chaga immunda, e exhalando o cheiro pestilencial de um corpo morto. Era o momento, ou nunca, de se lhe ver o fundo. Não se lhe viu. Elle é considerado vergonhoso

e obsceno. Se o governo algum dia se achar violentado em sua pudicicia a occupar-se do fundo d'esta corveta, não será de certo para lhe mandar que se mostre, será para lhe advertir — que se abotõe.

É uma embarcação de vela. O porão tem exhalações paludosas, nauseabundas e mephiticas. É toda ella um assombroso viveiro de baratas.

Se as baratas tivessem um dia a phantasia de comprometterem a harmonia do cosmos, desapparecendo repentinamente do universo, a corveta *D. João*, só á sua parte, poderia cobrir o desfalque da natureza, indo pelos espaços, com o seu interior, a povoar de baratas os orbes. Sómente haveria conflictos... Porque a mesma natureza — tão entendida como é em historia natural — não acceitaria facilmente como verdadeiras baratas, garantidas e legitimas, as baratas da corveta *D. João*.

Este vaso de guerra, cultivando exclusivamente a especialidade barata, conseguiu dar a esse bichinho um desenvolvimento inteiramente local e prodigioso. As pessoas que visitam a *D. João* e que pela primeira vez vêem fervilhar na tolda as suas baratas, julgam-n'as — rézes. E, effectivamente, n'um momento de fome, quem

sabe!... Mas não, que como ellas teem por si a vantagem do numero e da força, se tal contingencia se désse, os primeiros devorados não seriam os bichos — seriam os marinheiros. O mesmo sr. Bocage, um naturalista tão experimentado e tão distincto, estamos em apostar que se lhe trouxessem á terra firme uma barata d'esta corveta, o illustre professor se não poderia esquivar a consideral-a — cadella. E s. ex.ª mesmo, querendo chamar a si o extranho fructo do ventre da *D. João*, não deixaria de o fazer — assobiando-lhe.

Ellas teem — as mais pequenas — quatro e cinco centimetros de comprimento! E tambem teem azas — o que não as impede de possuirem a força muscular proporcional á sua estatura e de cheirarem tão mal, que, se o compararmos com o cheiro, parece pequeno — o tamanho. Tanto é o cheiro!

De sorte que a barata «D. João» pelos effeitos da sua hostilidade sobre o corpo humano é uma triplice combinação do vigor do tigre, com a villesa da mosca e com a infamia do persevejo!

. · .

A corveta *D. João* não tem alojamento para

os guardas marinhas. Ainda assim quinze guardas marinhas foram mandados alojar-se e partir na corveta *D. João*.

Estes quinze desgraçados vão empilhados n'um pequeno espaço que mal daria ar para quatro pessoas. Este alojamento improvisou-se na coberta. A um lado vae dormindo a marinhagem, apenas separada dos jovens officiaes por um pedaço de lona. Uma parte d'estes aposentos é ainda invadida pelo paiol dos mantimentos. De sorte que os guarda-marinhas em viagem de instrucção a bordo d'este curioso navio vão sem ar, sem espaço, na sordidez de uma agglomeração vilipendiosa e suja, n'uma promiscuidade animal, sem decoro, sem limpeza, sem *toilette*, sem banho, na exhalação insalubre dos comestiveis, das fructas, do bacalhau e da carne salgada.

E vão á véla. E sabem para onde? Para o Cabo da Boa Esperança! A isto não cabe sómente o nome vago de inepcia. Isto é um crime. Chama-se-lhe uma experiencia de envenenamento ou uma tentativa de assassinato.

O commandante protestou em nome da dignidade militar. Inutilmente. O governo mandou-o calar-se e partir.

. · .

Nós tambem protestamos, não pela dignidade militar, mas pela dignidade humana.

Os navios da nova marinha portugueza não teem alojamentos para os guarda-marinhas. A bordo da *Tejo* um guarda dorme debaixo da escada.

Isto é infame.

Nenhum marinheiro poderá considerar-se verdadeiramente humilhado em fazer a baldeação, em lavar o convez, em lustrar os bronzes, em engraxar as botas, porque por mais humilde que seja esse trabalho, lá tem uma nobilitação: é que é sempre o trabalho. Mas dormir por ordem de alguem debaixo de uma escada, isto é ultrajar a civilisação, é commetter com a sociedade o sacrilegio. Que um desgraçado procure no desamparo da miseria abrigar-se n'um buraco, em que não quereria talvez acoitar-se um bicho, está na terrivel fatalidade do pauperismo. Mas que se mande, que se ordene, que se legisle como governo, como estado, como instituição, que alguem durma debaixo de uma escada, não, isso não!

Debaixo de uma escada pode-se mandar dormir um cão, não se pode mandar dormir um

homem, quer esse homem seja o nosso official de marinha, quer seja o nosso aguadeiro.

. · .

Se o governo portuguez pelo modo como manda embarcar os seus marinheiros nos navios do estado é, como acabamos de ver, inepto, sujo e torpe, a obrigação restricta dos marinheiros é simplesmente reunirem-se e

Desobedecer ao governo.

O peor, o mais terrivel, o mais nefando dos despotismos é o despotismo do absurdo. Porque debaixo de qualquer outra invocação o despotismo pode ter a sua razão philosophica ou a sua rasão social: o despotismo da inepcia não tem rasão nenhuma.

A mais criminosa das responsabilidades perante o despotismo — é a obdiencia. Porque qualquer outra transigencia serve apenas para manter o despotismo nominal, auctoritario, cezareo, virtual: só a obdiencia tem a faculdade ominosa de o tornar — effectivo.

. · .

Portanto, queridos marinheiros, reagi. Tendes em vossa mão uma quantidade de direito

que só podereis salvar assim: desobedecendo.

Todos os demais recursos de justiça e de legalidade são inuteis. Estas mesmas linhas, honradas e sinceras, consagradas a um interesse tão elevado, ninguem as attenderá. O publico dirá do que as escreveu: o extravagante! O ministerio da marinha dirá: o biltre! O mesmo poder moderador, que tambem lê estas paginas obscuras, dirá: o insolente! E só vós é que direis: — a justiça! Mas nenhum ecco terá a vossa vóz porque chegamos a esta corrupção: que ninguem quer saber da justiça que só teem — os outros.

Attendei bem n'isto: se algum resto de tradicção, de historia, de valor existe ainda vivo em Portugal, essa pequena amostra do que foi um thesouro desbaratado e extincto é a marinha que a guarda.

Pois bem, com similhante administração a marinha portugueza ha de acabar em breve por falta de officiaes, como acabará em pouco o exercito por falta de soldados. Porque não ha nada que mais deprima o caracter, o brio, a dignidade, do que uma educação militar assim recebida, a bordo de um navio pódre, com alojamento n'uma dispensa, sem o decoro, sem o respeito que cada um deve ter de si mesmo,

sem nenhuns elementos de estudo ou de applicação, sem um simples gabinete de trabalho, sem uma bibliotheca de bordo, e tendo por estação d'aprendizagem um rio de Africa, para onde muitos se transportam em paquetes mercantes!

A desobediencia é para vós o unico meio de salvardes aquillo que ella mais parece contradizer: —a disciplina.

Reuni-vos e resisti. Quando uma classe inteira quer uma coisa — e essa é o direito — a classe que o requer, conquista-o. A que por fraqueza o sacrifica ou o desdenha, pode salvar a ordem, mas compromette o progresso.

Que vos importa a vós um governo que vos hostilise e que vos puna? Os governos passam; a dignidade e o mar ficam... E a vós, os que navegaes, os que talvez tenhaes de nos ler no Oceano, sob o infinito azul, ao som tão saudoso da pancada que bate a onda, ousaremos mesmo dizer uma palavra antiga, que vos fará sorrir quando puzerdes o pé de volta no Caes das Columnas: fica-vos tambem — a patria!

Fallou-se este mez em uma *grève* entre todas sympathica e justa — a grève das costureiras de modistas.

A media dos salarios d'estas pobres operarias é de 150 réis diarios. Ha algumas que trabalhando o dia inteiro desde que amanhece até ás oito horas da noite, vencem apenas 80 réis! Recebem a obra talhada: teem depois sómente um trabalho machinal, monotono, embrutecedor, horrivel — coser, coser sempre, direito, miudo, cerrado. Ter de fazer dez mil pontos em um panno; dar primeiro a picada com o bico da agulha, carregar depois com o dedal no fundo da agulha, puxar em seguida a agulha a todo o comprimento de um fio, e repetir isto dez mil vezes, como quem fura dez mil atomos — eis o que é aprómptar um vestido. E parece que se não fica inteiramente idiota!

Ellas estão juntas, agglomeradas n'um pequeno quarto, porque as salas espaçosas são destinadas a receber as senhoras, a provar os vestidos, a expôr as *toilettes*. Ha officinas de costura, onde agora no inverno se conservam accesos os candieiros todo o dia. As operarias não teem ar, estão nas exhalações nauseabundas do petroleo, da lama das botinas e da humidade

da chuva aquecida pelas vaporações do corpo, em cadeiras baixas e estreitas — dobradas pela espinha dorsal, inclinadas para diante, com o joelho perto da face, e os olhos na tarefa dos seus innumeraveis pontos, em que é preciso não parar um momento, não descançar um minuto. Porque fóra d'aquelle quarto escuro e fetido ha os bailes, a opera, os passeios, as visitas, os jantares, a grande corrente magnetica e sonora que vae passando. Em quanto senhoras ricas e impacientes esperam o vestido que está ali, scintillando em opulentos reflexos, em espelhadas ondulações, nos joelhos d'aquellas raparigas que lhe pegam com um lenço branco para não mancharem o estofo com o suor das suas mãos descarnadas e anemicas.

E por tudo isto, ás nove horas da noite, um tostão. Um tostão, meus senhores, o preço d'este mau charuto que eu vou accender!

. · .

Por esta razão essas tantas raparigas, no caminho da officina para casa, enfraquecidas pela fome e pela fadiga, bestialisadas pelo trabalho, pallidas, febris, com o peito concavo, com os cabellos empastados pelo suor, com o dedo pi-

cado pela agulha até o sangue, entregam-se com uma passibilidade animal e irresponsavel ao interesse clandestino que as provoca.

De modo que succede que esta coisa tão enleante e amada — a bella onda fôfa de setim ou de renda que na ultima volta da valsa se enrosca em nossos pés — tem muita vez o encanto de uma dupla significação: é o luxo de uma grande dama e a deshonra de uma miseravel rapariga. Duas ostentações em vez de uma.

As contas das vossas modistas, minhas elegantes senhoras innocentes e puras, não encerram todo o preço por que foi paga a vossa *toilette*. Ha vestidos que custaram ainda mais caros a quem os fez do que a quem os traz.

. · .

E não obstante tudo isto, a annunciada *grève* das costureiras foi a unica que não vingou em Lisboa. Parece que se entendeu aqui que o facil e espirituoso conselho do sr. Alexandre Dumas — *mata-a* — tão sabiamente se póde applicar á mulher que cáe no adulterio como á que cáe no trabalho.

Parece-nos que não deveria talvez ser assim. A mulher que trabalha tem em Portugal um

papel tão obscuro, tão desgraçado, tão desprotegido, que seria opportuno, n'este momento em que o operario apregoa tão poderosamente os interesses d'elles, que alguem pensasse em lembrar tambem um pouco os direitos d'ellas. Ora é isto o que *As Farpas* projectam fazer revelando de quando em quando qual tem sido e qual é entre as classes operarias o miseravel emprego dado á mulher não só na officina, o que já é mau, mas na casa e na familia, o que ainda é peor.

. ˙ .

Os operarios teem visto nos seus livros, nos seus jornaes e nos seus theatros as mulheres. Conhece-as. Tem-lhes feito a sua critica. Applaude-as, assobia-as, ama-as ou despresa-as — como entende.

Uma das boas lições que podem receber os homens é essa: mostrar-se-lhes como são as mulheres que elles tem creado com a sua convivencia e com o seu exemplo. É pela qualidade das mulheres que tem, que cada povo póde seguramente julgar aquillo que vale. Porque é ainda mais das mulheres que dos governos que Montesquieu poderia dizer «que tem cada um aquellas que merece.»

Sómente as mulheres que até hoje temos feito vêr ao operario são as nossas mulheres, não são as d'elle. Está sem esse meio de analyse para a comprehensão da sua psychologia, para a justa critica dos seus sentimentos, dos seus costumes, da sua moralidade.

. ˙ .

Ora é de saber que na familia operaria, mais que em nenhuma outra classe, são extremamente desproporcionadas as condições da existencia entre a mulher e o homem.

Elle come os melhores alimentos e traja os melhores vestidos, tem a sua associação e a sua phylarmonica, vae ao café, bebe com os amigos, e frequenta os theatros.

Ella é na casa um ente subalterno e passivo, que se manda, que se força, que se espanca se desobedece, uma coisa que se possue com o *jus utendi et abutendi — a ominosa propriedade* emfim, a propriedade que os srs. proletarios tão cordealmente detestam e guerreiam. Frequenta a egreja, vae á missa e á confissão: não conhece outra lei moral porque ninguem lh'a ensinou. Tem os instinctos do coração e nada mais. Ninguem a instrue, ninguem a dis-

trae, ninguem procura tornar-lhe a existencia dôce e risonha, dar-lhe o nobre orgulho de se sentir amada, querida, necessaria no mundo para mais alguma coisa do que lavar a casa, coser a roupa e cosinhar a comida.

Ide á Baixa ao domingo de tarde; encontrareis os predios fechados e desertos: as mulheres dos logistas foram passear com os seus maridos. Ide aos bairros de Alcantara ou á Mouraria nos mesmos dias: todas as mulheres estão nas suas pequenas casas, ás janellas ou ás portas, n'uma inacção desconsolada e abatida. E não encontrareis um homem.

Vêde pelo contrario os divertimentos populares, a trincheira do lado do sol na praça dos toiros: não ha uma mulher. Assistimos ha dias a uma recita do theatro popular de D. Augusto em Alcantara; era um sabbado; enorme enchente de homens — e onze mulheres.

. . .

Os senhores operarios — por mais de uma vez o temos dito já — estão exercendo na sociedade uma influencia poderosa e irresistivel. Velhas instituições orgulhosas de malignidade e de astucia, ás quaes os senhores jogaram arrojada-

mente a sua primeira carta, empallidecem com a conjectura vaga do jogo que lhes presumem na mão. Seria pueril, n'este momento em que os senhores são os fortes, que nós lhes occultassemos as nossas verdades unicamente pela razão tão simples e tão inoffensiva de que começa a haver justamente um certo perigo em lh'as dizermos.

Querem os senhores saber ao que se estão arriscando? Não querem. É mais uma rasão para que lh'o digamos:

. ˙ .

Na desgraça os senhores tinham sobre nós uma vantagem terrivel: a vantagem que dá o exercicio da vontade e o emprego da força — a vantagem da reacção e da lucta. Emquanto nós apodreciamos os senhores enrijavam.

No bem estar material, no appetite satisfeitos, se não ganharem idéas e não adquirem principios, ha de succeder-lhes o que nos succedeu a nós — corromperem-se e inutilisarem-se.

Os senhores operarios occupando-se exclusivamente da questão dos interesses e não se occupando nunca da questão dos principios, questionando constantemente o salario e não tratando nunca da interpetração do dever e da lei moral,

fazem o que Mazzini, um coração tão nobremente e tão lealmente democratico, chamava *materialisar o problema*. Immobilisam a sua causa e perdem-n'a.

Acreditem que, se eu não estivesse de antemão convencido, como estou, da alta superioridade que os distingue de mim, não seria decerto unicamente pelo facto de ganharem agora mais alguns tostões por dia e de terem menos algumas horas de trabalho por noite, que qualquer dos senhores poderia rapidamente convencer-me de valer muito mais do que eu.

Em quatro jornaes de Lisboa publicados esta manhã, acabo de ler que por cartas de Africa trazidas da ilha da Madeira por um paquete inglez, se sabe que morreu em Loanda o sr. José Cardoso Vieira de Castro.

E nem mais uma palavra — de piedade, de commiseração ou de lastima — por parte dos jornaes de Lisboa para esse caso contado com a simplicidade crua de uma chronologia ou de um auto!

. · .

Assim acabou pois na indifferença ou no desdem da publicidade o homem publico que mais ruido teve em volta do seu nome, aquelle dos nossos companheiros de trabalho e de lucta intellectual que mais viveu nos applausos da celebridade e nas commoções da gloria!

A amizade não deixará de vir ámanhã trazer a esta desafortunada sepultura o dôce tributo das suas lagrimas. A opinião porém essa ahi a estamos vendo já na sua definitiva attitude, de olhos enxutos e de coração calado, perfeitamente indifferente, diante do cadaver d'aquelle, cujo maior defeito, e talvez o unico, foi ter amado a opinião — de mais!

. · .

Eu, que estou na amizade pessoal, direi aos que estão na opinião publica: sois crueis na vossa indifferença, porque sois cumplices na desgraça que arrancou esse homem tão novo, tão exhuberante de mocidade, de talento e de vida, ao seu amor, á sua familia e á sua patria. Porque elle rendeu-se inteiramente, inexperiente e desarmado, desde os primeiros passos que deu no mundo, á consciencia da opinião e

ao julgamento do publico. Foi, mais que ninguem, do seu tempo e da sua sociedade. Em quanto outros luctavam tenazmente contra a corrente das idéas, dos principios e dos sentimentos consagrados, elle arrojava-se ao largo, entregando o seu baixel á providencia da onda. O seu caminho foi sempre para aquelle ponto onde os vossos applausos pareciam denotar que se achava o triumpho. Guiado pelas vossas acclamações suppunha que a verdade estava no foco ruidoso e ardente onde a gloria apparecia.

Devotou-se-vos integralmente essa alma infantil e candida. Acreditou na vossa politica, na vossa arte e na vossa honra. Ora a vossa politica era uma intriga de partidos degradante e baixa. A vossa arte era uma velha convenção doutrinaria e emphatica. A vossa honra era uma versão da cavallaria feita com as accommodações necessarias para uso de burguezes bondosos e pacificos, — um mixto de alta barbarie e de estreita civilisação — os cavalleiros da tavola redonda interpretados pelos irmãos terceiros de S. Francisco.

Um dia este homem, que fôra tantas vezes o vosso idolo, achou-se repentinamente repellido por vós como um monstro. E todavia elle

estava ainda, então como sempre, na logica fatal do seu destino. A sua intelligencia tinha-se-vos sacrificado. Sacrificou-se-vos tambem o seu coração. Nos arrebatamentos vertiginosos da sua eloquencia, nos denodos da sua palavra e dos seus escriptos, nos ostentosos requintes da independencia e da isempção, nos repentes mais altivos e mais ruidosos das opiniões e dos actos, nos mais frequentes e extraordinarios sacrificios que póde fazer a abnegação e o desinteresse, elle mostrou sempre, nos seus triumphos, nas suas derrotas, e até na sua derradeira catastrophe, que considerava a sociedade uma coisa digna, austera, inilludivel e sagrada. E eis aqui, resumidamente, como no meio das influencias de uma opinião profundamente desorganisada se eleva ou se despenha no conceito publico o mais coherente e o mais honrado caracter!

Quando é que nos applaudis, e quando é que nos condemnaes? A mesma linha de conducta leva-nos á victoria e leva-nos egualmente ao abysmo. O successo é uma charada.

O tribunal chamado da opinião publica não tem portanto razão de ser; não se póde acceitar, nem admittir. Uma sociedade que tão claramente

patenteia pelas suas caprichosas incoherencias carecer dos principios em que se basea a fiel, a permanente, a immutavel interpretação do dever, não tem opinião. A consagração da collectividade das incompetencias, das inepcias ou das maldades é um opprobrio. Quando quizerdes convencer-nos de que vos assiste o direito de nos julgar no mal, provae-nos primeiro que tendes e que exerceis a faculdade de nos guiar para o bem.

. . .

E tu, meu desgraçado amigo, descança finalmente na paz dos mortos! Que o silencio dos que tanto te debateram e discutiram na vida, cubra, agora pelo menos, a sepultura em que tu jazes, tão longe das orações de tua mãe, sob o sol d'Africa, na terra devoradora do exilio, no cemiterio dos degradados!

Entre os que te conheceram, um, que foi o companheiro da tua infancia, o teu amigo, o conviva das tuas festas e das tuas alegrias, a testemunha dos teus duellos, o confidente das tuas penas, dos teus desalentos, das tuas aspirações e dos teus enthusiasmos, guardará sempre com saudade a parte que por tua morte lhe tocou d'aquella porção menos ephemera da es-

sencia humana que nos sobrevive — dispersões da nossa alma — repartida pelas almas d'aquelles que amámos.

Outra *grève* no Porto, em uma fabrica de fundição no Ouro. N'esta *grève* ha uma coisa que não podemos entender. Esta coisa inteiramente incomprehensivel, — e todavia bem simples, ao que parece — é sua senhoria o patrão.

. ˙ .

Os operarios da fabrica do Ouro fizeram parede recusando trabalhar pela razão de não querer o proprietario das officinas ceder á repugnancia manifestada por elles de continuarem a concorrer, como era de uso, com a quantia de 10 réis semanaes para a *caixa das almas*.

Indagámos se a caixa das almas da fabrica do Ouro era um utensilio de trabalho, uma instituição de ensino, um banco economico, uma invenção de hygiene, — ou um simples comestivel.

Não. A *caixa das almas* da alludida fabrica

é unicamente a caixa das almas, isto é: um correio para a transmissão de sommas entre aquelles que andam pelo mundo e os que se acham no fogo do Purgatorio.

Como se transmittem entre este mundo e o outro estes valores depositados nas caixas? Sabem-n'o aquelles que se encarregam de as abrir.

Uns passam esse dinheiro ás almas, empregando-o em ramos de altar, outros trocando-o em missas, differentes comprando um badalo novo para o sino ou um catavento para o campanario da freguezia.

Ora supponhamos que eu, ignorando a especie de applicação dada pelos que teem a chave das caixas ao dinheiro que eu consagro ás almas, em vez de o enviar á memoria dos que amei convertido n'um palmito, n'um sino ou n'uma missa cantada, prefiro transformal-o n'um pouco de caldo para os que teem fome, em sapatos para os que estão descalsos ou em roupa para os que estão nús?

Com que direito me impedis vós, senhores banqueiros do Purgatorio, que eu me corresponda, por este meio e não por outro, com almas que são minhas conhecida e não vossas, e ácerca das quaes devo por tanto saber, melhor do que

vós sabeis, o modo mais estreito de nos entendermos e communicarmos?

Eis o que nos parece que pode ser objectado pelos operarios ás determinações do patrão da fabrica do Ouro sobre as entradas de 10 réis mensaes na respectiva caixa das almas.

Se as almas da caixa são as do conhecimento e obrigação dos operarios parece-nos que não pode ser outro o criterio que se applique.

. · .

Se as almas para que os operarios subscrevem são porém simplesmente as do conhecimento do patrão, achamos n'esse caso que este andaria mais galantemente retirando-as do Purgatorio á sua custa.

Mesmo porque isto de querer dar a alforria a uns, á custa de dinheiros obtidos contra vontade de outros, pode parecer entre os mortos uma especie de extorção aos vivos, e vir a dar em resultado esta questão dos 10 réis para as almas — o ficar a alma libertadora do patrão no mesmo logar em que jaziam as almas que o patrão pretendia libertar.

Ora talvez que não seja isto inteiramente o que o patrão deseja.

———

Para os que amam as coisas scintillantes e sonoras não ha nada mais convidativo do que um banquete militar. O que escreve estas linhas jantou um dia em Paris com os officiaes de um regimento de hussards. Era o jantar ordinario ao qual cada um dos officiaes tinha direito de levar um convidado. A sala da *papotte* era rodeada de espelhos, d'entre os quaes se suspendiam tropheus d'armas apparatosas e reluzentes. Os lustres com globos côr de opala davam um intenso clarão sumptuoso e suave. Ao longo da mesa por entre as peças do *plateau*, as flôres e as fructas, estavam os geladores de prata com o Champagne. Os hussards vestiam para ir para a mesa o seu grande uniforme de alamares de ouro e as calças de baile de casimira encarnada com sapatos de polimento. Muitos d'elles eram moços e elegantes, tinham sido educados litterariamente nos mais modernos interesses do espirito, tinham viajado, tinham-se batido, eram espirituosos e vivos. Saboreavam a replica, o paradoxo, os repentes agudos, a esgrima das idéas e das palavras. Havia finos ditos subtis de salão, e alegres gargalhadas sonoras de acampamento. A conversação, acompanhada pelo estalar do Champagne

e pelo telintar dos copos e das espadas, adquiria a ligeiresa de uma valsa de Strawss e a vivacidade impetuosa e espumante de um galope de Offenbach. Nunca esquecemos esses *steeple chases* da jovialidade rabelaiseana, essas famosas cargas a toda a desfilada do espirito sobre as trufas e as risadas.

. · .

De modo que, quando hoje lemos que Sua Magestade el-rei tinha celebrado o seu anniversario natalicio com um banquete militar, devorámos gulosamente no *Diario de Noticias* e no *Diario Popular* a narrativa da festa.

. · .

O *Diario Popular* diz que o jantar constou de trinta e tres talheres, que o chronista nos assegura serem de prata — interessante detalhe para a tranquillidade dos espiritos hostis ao pechisbeque. E accrescenta a dita folha que em serpentinas do mesmo metal, acima contrastado, ardiam vinte lumes.

Ora, em cima de uma chaminé, defronte de um espelho, vinte luzes, mettidas em duas serpentinas para allumiar um *crêvé* que ata uma gravata branca, não é pouco, mas tambem não

é muito; vinte lumes porém, ainda mesmo que os phantasiemos encastoados em prata de lei e sem liga, para alumiarem um festim de trinta e quatro talheres — um pouco menos de uma luz para cada dois olhos — folgamos de o declarar á approvação do partido reformista: é uma verdadeira economia regia e magestatica de cotos de véla.

. ˙ .

O official encarregado de introduzir na sala a *força* convidada ao jantar, receando que este se evadisse astuciosamente ao recontro que se lhe destinava, planeou um movimento estrategico ditado por muita finura e prudencia. Refere o já citado *Diario Popular* que o bravo militar fizera avançar as tropas do seu commando de modo que « *a fileira da vanguarda entrou pela direita e a da rectaguarda pela esquerda da mesa.* » Graças a esta sabia evolução cheia de valor e de tactica, a sópa repentinamente colhida de assalto cahiu em poder dos sitiantes, os quaes, senhores do inimigo, começaram com ardor patriotico a engulil-o — ás colheres.

. ˙ .

« Logo que começou a refeição, prosegue a

folha de que extrahimos estes importantes pormenores, el-rei D. Luiz entrou na sala e mandou entregar pelo ajudante de campo, sr. Caula, uma caixa de charutos ao commandante da guarda... El-rei assistiu por algum tempo ao jantar, e retirou-se depois jubiloso e commovido. »

Comprehendemos bem o jubilo e a commoção do soberano! Sua magestade offerecendo ao seu exercito uma caixa de charutos desempenhava-se galhardamente do dever moral que o seu animo dadivoso e munificente lhe impunha. Não podendo servir aos seus dedicados e valentes soldados uma revista, uma parada, uma campanha, uma guerra, uma victoria, sua magestade offereceu-lhes commovedoramente charutos. Não lhe sendo possivel no actual momento conduzir ao triumpho os seus cavalleiros, como Henrique IV o fazia por meio de um penacho branco, sua magestade fidelissima guia-os á Casa Havanesa pelo fumo de uma *breva*. Quando a espada inquieta e valorosa não lampeja aos clarões igneos do combate é uma compensação gloriosa e plena que o havano arda ao lume industrioso e pacato de um pavio phosphorico. Depois do aspecto monumentoso e legendario das pyramides

do Egypto nada ha por certo que mais abraze o impeto guerreiro e a phantasia bellicosa de um exercito do que darem-lhe a certeza de que, quaesquer que hajam de ser os seus destinos, elles são contemplados pela fabrica de Xabregas.

E sobre a existencia d'esta garantia, tão solida, da immortalidade e da gloria não é desde hoje licito ao espirito militar portuguez alimentar duvida. Sim, ó soldados, compenetrae-vos bem d'isso, e tende uma fé viva no galardão insuspeito da *folha picada*, e no estimulo augusto do *meio grosso!* Lembrae-vos para todos os effeitos de que tereis sempre ao vosso lado — a tabacaria Neves, *habilitada*, e o monarcha luso, *jubiloso e commovido.*

. . .

Depois do cozido o mui inflammavel sr. capitão Silva, levantando um copo, dirigiu ao corpo do seu exercito de trinta e tres homens uma proclamação fogosissima — a primeira que o exercito escuta depois das campanhas da *Maria da Fonte* — e que principiando pela palavra sacramental *Soldados!* terminava pela fórmula egualmente sacramental *Viva el-rei D. Luiz I! Viva S. M. a rainha! Viva a familia real!*

As palavras chammejantes do seu chefe tal

effeito puzeram no animo dos soldados que, apenas o illustre cabo de guerra terminou a sua falla, os descendentes dos heroes de Aljubarrota e de Montes Claros saltaram no guizado com tanta frescura de forças como se não acabassem de assistir á sangrenta derrota do cozido e á temivel refrega do arroz!

. . .

Quando o jantar terminou, contam as folhas que nos relatam estas coisas tão grandiosas e todavia tão simples, que recolhida a guarda ao quartel, o sr. commandante fizera aos soldados uma allocução brilhante. Não a encontrámos, esta falla, nas ordens do exercito, mas estamos bem certos que o dito sr. commandante não poderia deixar de se exprimir, pouco mais ou menos, na substancia seguinte:

. . .

« Soldados!

« A infame e execranda sopa, vacca e arroz, acabam de experimentar mais uma vez quanto póde o vosso valor quando um apetite constitucional, monarchico e representativo vos punge as entranhas, e quando o mais fiel amor ás ins-

tituições vigentes e á dynastia reinante vos guia o pulso!

«Soldados! cumpristes o vosso dever. O rei e o paiz estão contentes comvosco, — jubilosos e commovidos.

«Sómente não vos esconderei, para que toda a verdade saia da minha boca n'este momento solemne, que a patria ficaria muito particularmente agradecida ao 22 da 4.ª e ao 35 da 6.ª se nos proximos encontros que tivermos com o inimigo o primeiro se abstiver de levar o seu zelo patriotico até o extremo temerario, e para assim dizermos louco, de comer o arroz com a faca, e o segundo de limpar os dentes com o dedo.

«Soldados! ide ao grande sabio João Felix Pereira, auctor do immortal compendio da Civilidade, e dizei-lhe que na batalha que acabamos de ferir dois portuguezes ficaram mal por não haver na obra d'elle nada de determinado em quanto aos meios mais cortezes de cada um comer o arroz e limpar os dentes—em palacio. Dizei a Felix que na primeira reedição da sua obra elle se abra com a tropa na verba—arroz e queixaes, illuminando-nos e esclarecendo-nos sobre este ponto obscuro, com a mesma competencia

e profundidade com que nos seus livros tem posto de sobreaviso as pessoas finas—e os militares—ácerca do destino a dar ao escarro e da reserva a manter no arroto.

«Viva Sua Magestade el-rei! viva a familia real! viva a Carta Constitucional da monarchia!»

. * .

O *Diario Popular* não nos dá o *menu* do festim militar com que o soberano celebrou o seu anniversario natalicio; diz-nos apenas a similhante respeito que «o serviço foi o dos *dias ordinarios* de Sua Magestade.» O *Diario de Noticias* porém especifica que o jantar constou de: *cosido, guisado e assado;*—jantar de abbade ao domingo—mau jantar, jantar terrivel, jantar fatal, principalmente para quem não é abbade, o jantar ordinario de Sua Magestade!

Carne, carne e carne—é carne de mais.

Este regime engrossa os tecidos mas entorpece o cerebro. Ás raças que abusam assim da carne alargam-se-lhes os dentes e crescem-lhes as maxilas como aos tigres e ás onças. Se em tão grave e melindroso objecto nos fosse permittido aventurar o nosso humilde voto, recommendariamos a Suas Magestades e Altezas muito

cuidado n'isto! Para nós os homens actuaes que temos a obrigação de viver nas complicadas agitações do mundo moderno, as solidas comidas grossamente azotadas são prejudiciaes á nossa alimentação regular. Precisamos do iodo, do ferro e do phosphoro, porque temos de ser rijos mas leves, tão fortes no pensamento como no pulso, promptos na comprehensão, ageis na critica, espertos, vivos, penetrantes, decisivos nas deliberações e nas replicas. Porque atraz de nós vem uma mocidade terrivel, pequena e magra, enormes vontades de vapor em apparelhosinhos de aço. E esta mocidade, plethorica de cerebro, quasi allucinada á força de penetração e de saber, discute-nos, critica-nos, chacotêa-nos, ridiculisa-nos, desconjuncta-nos, demole-nos com o seu processo de critica nova, desusada e extranha, da qual o bom senso — um bom senso inesperado do lyrismo e da rhetorica de nossos paes — rompe e salta em cabriolas, implacavel e feroz como uma diabrura horrivel de creança que nos estatella e nos apupa. Elles, os pequenos, trazem tudo de novo, até a lingua, uma lingua infernal, cujas palavras elles vergam, retorcem, encanastram, reviram como vergastas de aço, obrigando o digno e austero

edioma de Lucena e de Filinto, aos gestos ás deslocações, aos pulos, aos guinchos, ás visagens endemoninhadas de um palhaço. As palavras são as mesmas, com que o reverendo Brito e o beato Bernardes fizeram a *Monarchia* e a *Silva dos apothegmas*, mas estes diabos d'agora parece que lhes puzeram azougue por dentro e lancetas por fóra, de modo que vemos os mesmos velhos vocabulos innoffensivos, pansudos, gotosos, que roncavam nos in-folios classicos a pedirem á antiguidade respeito e rapé, saltarem repentinamente das paginas modernas assetinadas e lustrosas,—vivos como lebres, penetrantes como furunculos e aguçados como estyletes.

Não se sabe realmente, a não ser por obra de Satanaz, como os rapazes se sahiram com esses peçonhentos prodigios de escripta! O grande caso é que com os retalhos da murça do cardeal Saraiva e da roupeta de frei Luiz de Sousa, elles talham as mais alegres phantasias de costumes de arlequim e as mais atrevidas invenções de *toilette* á Rabagas. A gente espera pela saragoça nacional engordurada na gola pelo rabicho de nossos avós, abre, e onde contava achar Jacintho Freire de Andrade apparece-lhe — Robert Macaire!

Tomamos a liberdade de fazer notar á dynastia e á corte que todos nós precisamos de luctar com esta mocidade impetuosa que vem, implacavel e invencivel, alegre e armada. Porque é do poderoso encontro da nossa vontade conservadora com a vontade revolucionaria d'elles que ha de sair o equilibrio e a ordem por meio de conciliações mutuas e concessões reciprocas. Pois muito bem: se nós, os antigos, nos puzermos tranquillamente á comer boi cosido, boi guisado e boi assado, não haverá quem resista á geração nova. No meio d'ella os carnivoros do regime absoleto farão a figura roliça e apopletica de espessos elephantes picados, mordidos e devorados por aguias. Preparemo-nos para o sitio que se vae fechando em volta de nós. Armemo-nos e abasteçamo-nos.

O alimento é uma das principaes influencias do caracter e do espirito. Portanto saibamos comer. De boi só o indispensavel. Uma fatia de *roast-beef* com mostarda, no fim do jantar, é boa coisa e necessaria para enrijar o musculo. Antes d'isto os mariscos, o peixe, as hervas e os vinhos fracos. Sobretudo os mariscos.

Ah! como nós desejaramos ter a auctoridade precisa para podermos abertamente aconselhar

á côrte os mariscos! Proudhon e ostras cruas são uma armadura, são uma blindagem, são um arnez. Se não ousamos prescrever o uso dos mariscos, mais coactos e mais incompetentes ainda nos achamos no que diz respeito ás leituras de Proudhon! Que, no fim de contas, é menos por Proudhon que pelos mariscos que nós quizeramos desafogar. Como seriamos felizes, como ficaria consolada, tranquilla, satisfeita a consciencia do qué escreve estas linhas se elle podesse entrar no paço á hora do real jantar, atirar por uma janella fóra a travessa do cozido, e em seguida, em nome da razão, em nome do direito, em nome da justiça, em nome do espirito e em nome do seculo, bradar aos illusos pela verdade, bradar aos cegos pela luz:

Ostras cruas, serenissimos senhores! muitas ostras! muitissimas ostras cruas!

Ah! elles franzem as sobrancelhas os vossos leaes e antigos servidores!

Elles regeitam as ostras, querem o seu velho cosido pomposo e banal, grave e inepto, semsabor e despotico, feito de carne do acem com a capinha de gordura por cima, o chouriço estendido a um lado como um pagem severo e gordo,

ao outro lado o toicinho oleoso e mole, bolindo, e transpirando como um prégador varatojano; e em volta da travessa os fructos da terra — mais vis e mais despresados que o boi — as batatas e as cenouras, prostradas a uma distancia respeitosa.

Amam o cosido porque elle lhes dá uma lembrança saudosa, uma imagem symbolica da velha côrte, da velha politica, do velho regime em que foram creados e em que viveram com valor e com honra. — Bons homens os antigos servidores, porém caturras!

Os servidores modernos carecem de defeitos ou de qualidades para imitarem servilmente os antigos no que elles tinham de bom e para os contradizer no que elles tinham de mau. De modo que Sua Magestade não tem quem o admoeste nem a expulsar abertamente o cosido, nem a seguil-o á risca em toda a extensão do dogma que elle exprime. N'esta hesitação, proveniente da falta de conselho, a corôa entrega-se á rotina, que é uma das fórmas de ficar na inercia.

. ˙ .

É o mesmo que está succedendo com os bailes. Uns disseram:

Com que direito esbanja a corôa os proventos da lista civil festejando-se com saraus faustuosos, *emquanto o orphão e a viuva gemem na desolação?*

Outros opinaram:

A corôa precisa de se impôr em certo modo ao respeito e á consideração das massas por meio da grandesa e do fausto: portanto — as danças.

Sua Magestade, na cruel incertesa resultante do encontro d'estes dois oppostos alvitres, absteve-se de deliberar, d'onde proveiu que os bailes terminaram.

Pois bem: é lastimoso que terminassem.

O dever de todo o bom cidadão é espalhar em volta de si por meio do emprego da sua fortuna a maior porção de actividade. O que se fecha com os seus lucros é um egoista. Ora Sua Magestade el-rei não pode, sem uma resistencia um pouco violenta aos usos estabelecidos, fundar um jornal de modas, nem estabelecer uma camisaria, nem montar uma casa de penhores. A nobresa não veria nunca sem uma angustia difficil de disfarçar que o principe com o pretexto de animar o commercio ou a industria me descontasse as minhas lettras ou me tomasse medida das minhas calças.

Logo : restam-lhe apenas as suas festas para produzir dentro da esphera das suas posses a animação e o trabalho. Porque, na verdade não é certamente com a sua augusta presença no theatro de S. Carlos, onde os homens vão de «jaquetão» e as senhoras com os vestidos afogados de trazer por casa, que a magestade contribuirá para que a sua côrte se lance na rede das exiguas despezas que são a alma do pequeno commercio e a vida das grandes cidades.

Ha ainda outra rasão : é que Sua Magestade, como rei constitucional, recebe de cada um dos seus ministerios uma pasta, que, por um modo tanto mais delicado quanto mais tacito, lhe é evidentemente consagrada — a pasta do bom gosto.

Nos paizes monarchicos — e é este um dos brazões d'elles — a primeira escola do gosto é o paço. É unicamente pela arte com que os principes dirigem essa escola que elles conseguem immortalisar os seculos em que florecem e que se ficam chamando depois na posteridade os seculos de Augusto, de Leão x ou de Luiz xiv.

Pela nossa parte suppomo-nos habilitados a conjecturar que não será unicamente passando no Aterro ou no Chiado dentro de um «Phae-

tonte» de uma elegancia insufficientemente demonstrada, tirado por uma parelha de Alters evidentemente adulterinos e espurios, que Sua Magestade creará as maneiras, a moda, o gosto litterario, a feição da arte, o genero e o stylo que hão de immortalisar o seu reinado.

Não será tambem exclusivamente sobre o modo como Sua Magestade, no parapeito do seu camarote, escuta Verdi, limpando as lentes do seu binoculo ou abotoando as suas luvas, que dos bancos da platéa ou da varanda das galarias cunharão para a immortalidade o real perfil os artistas, os historiadores e os poetas do seu tempo.

É absolutamente preciso, é indispensavel para o commercio, para a industria, para a arte, que Sua Magestade abra as suas salas e receba o seu mundo. E o mundo de Sua Magestade não podemos crer que se componha unicamente dos sessenta barbatolas da 6.ª do 10 (ou do que foi) que jantaram ás reaes mezas no solemne dia do real anniversario.

O mundo de Sua Magestade é todo o mundo conservador, e este tem obrigação de se mostrar bello, elegante, contente e feliz, para que nós acreditemos que lhe prestam as instituições em

que vive, para que amemos o culto no aspecto dos sacerdotes.

Se suas excellencias se declaram deffinitivamente desgraçados, tristes, feios, pobres e mazorros, — diabo! — então que regime triumphante é esse? que vem a ser, visto isso, o que similhantes conservadores se obstinam em conservar?!... Salvo se é um calculo da sua politica isto: affastarem os partidos revolucionarios do poder — por desgosto e desdem! Mas tambem, assim, arriscam-se a que os devotos e os mysticos lh'o empolguem — por mortificação e penitencia!

Vamos, meus senhores, resolvam-se! Ponham os seus colletes decotados, atem as suas gravatas brancas e aconselhem Sua Magestade a que os faça valsar!

Vejam na Inglaterra, o paiz onde melhor se comprehendem os interesses da monarchia, como o chefe do estado é reiteradamente e violentamente accusado porque se recolhe e isola!

E lá ha uma razão pessoal de saudade e de luto — que em Portugal se não dá. Em Londres ha ainda os bailes e os jantares do lord maire, ha as partidas de jardim, os concertos matinaes e as *soirées* esplendidas de uma aris-

tocracia poderosa, riquissima, cheia de saude, de energia, de creados, de cavallos, de cães, de castellos e de dinheiro — o que em Portugal tambem se não dá.

Notem que todos os annos, por occasião de se discutir o orçamento se falla na reducção da lista civil. Porque? Porque Sua Magestade nos obriga a ponderar que fez voto de pobresa e que o dinheiro o incommoda; finalmente porque Sua Magestade — não gasta!

No entanto um numero grande de operarios esperam a despeza da côrte como a receita d'elles, e o povo sabe que quanto o rei dispende o povo o ganha. Por isso a mesma gente que não vae aos bailes pede ao soberano que dê bailes aos que lá vão. O acto que faz immediatamente com que estes dansem faz indirectamente com que aquelles outros comam.

Não seremos nós que contribuamos por nenhum modo para que Sua Magestade Fidelissima reconduza ao concelho de Belem o luxo que assignalou a Roma de Nero e de Caligula. Não seremos nós que digamos a el-rei:

— Senhor, sêde Heliogabalo! Sêde Cleopatra, senhor!

Sómente observaremos com humildade e res-

peito o que aliás é publico e notorio, e vem a ser

Que Sua Magestade celebrou o seu fausto anniversario natalicio com um jantar de carne «cozida, guizada e assada»; e outro sim que Sua Magestade foi visto ha poucos dias em passeio, fóra de palacio, por estes olhos que a terra ha de comer, trazendo uma *jaquette* de veludo inglez, das que se usaram ha seis annos.

Se com isto magoamos o poder modarador, que o poder moderador se digne perdoar-nos. Se Sua Magestade houver por bem determinar que para desaggravo da purpura a nossa cabeça role aos pes do verdugo, nós caminharemos tranquillos para o supplicio, — advertindo porém que nada nos impedirá de repetirmos até o nosso ultimo alento e por um numero incalculavel de vezes

— Que ella tinha seis annos de existencia, que era de veludo inglez!

Dizem algumas folhas de hoje que foi nomeado alfaiate de Sua Magestade o imperador

do Brazil o subdito portuguez Antonio Alberto Pereira Torres, estabelecido na rua Lafayette em Paris.

É um acto de dura mas necessaria justiça, *dura lex sed lex*, o declarar-se por este modo quem é o perpetrador do fato de Sua Magestade.

Posto assim o nome do auctor por baixo das batas, dentro das quaes os povos tiveram a honra de admirar a augusta pessoa do imperial viajante, cremos que a illustre classe dos alfaiates se deve considerar satisfeita.

Em quanto a Antonio Alberto, que elle se apresse a entrar na inactividade da gloria assignalado á immortalidade pelo fundilho virente da munificencia imperial!

Annuncia-se a segunda edição da traducção de *L'homme-femme* por Santos Nazareth. Quer dizer que a primeira edição de alguns mil exemplares foi rapidamente absorvida, e que o publico pede mais.

Isto prova duas coisas:

A primeira é que a traducção está boa;

Pelo que fazemos os nossos cumprimentos ao auctor.

A segunda é que a curiosidade litteraria dos escandalos de alcova invadiu inteiramente em Portugal, não só os espiritos um pouco derrancados pelas demasias de cultivo, mas tambem aquelles simples para quem os rudimentos da lingua franceza são um portico mysterioso cheio das trevas mais impenetraveis e augustas.

Por esta segunda parte, os nossos cumprimentos ao paiz!

. ˙ .

Porque, realmente, seria uma grande lastima que os maridos que pretendem desaffrontar-se ficassem privados do sabio conselho de matarem as suas respectivas mulheres unicamente pelo facto de conhecerem a perfidia domestica um pouco antes de terem aprendido a grammatica franceza! que tivesse de crusar desalentadamente os seus braços na desdita aquelle que antes de haver descoberto os crimes da esposa infame se tivesse esquecido de contar como indispensaveis auxiliares da honra — os verbos *avoir* e *être*!

. ˙ .

Assim, uma vez archivada, para o que der e vier, uma traducção elegante e nacional do *Homme-femme* na bibliotheca das familias, o emprego das linguas damnadas deixará de ter um pretexto para se exercer sobre a ignorancia innocente das linguas vivas.

. ˙ .

E depois, em absoluto, é muito commodo isto: que os que acceitam um codigo para regimento do seu amor, da sua dignidade e da sua paixão, tenham á mão esse codigo expresso em termos que não admittam ambiguidades nem delongas de interpretação. Seria pungente que perante a affronta suprema á sua honra, o marido, sacando da estante o *Homme-femme*, dissesse á esposa culpada:

— Espere ahi, miseravel, que eu vou buscar um diccionario! Sua... não sei que lhe chame em vernaculo! em nome da linguistica, espere-me! Primeiro a elle, ao nome appellativo! depois tu, ó furia innominada! Que são duas as coisas que a honra me obriga a tirar hoje n'esta casa: — uma vida e um significado!

. ˙ .

Leitor amigo. Se quando fôres munir-te do livro legislativo de Dumas, encontrares já extincta a segunda edição, assim como rapidamente se extinguiu a primeira de tão gostada obra, console-te a idéa de que, se não satisfazes com isso a tua curiosidade, serves pelo menos o teu bom gosto não tendo em casa, aos olhos castos e delicados da tua mulher e das tuas filhas essa droga, que deve ser secreta como aquellas que se ministram nas enfermidades vergonhosas, e que nem mesmo em annuncios, se consentem patentes senão nos logares em que só entram homens.

Emquanto ás tuas opiniões sobre o adulterio regula-te pelo que se sabia d'elle no tempo em que o unico commentario que a philosophia e o espirito lhe faziam era o riso tão saudavel, tão fino e tão profundo de Molière.

Emquanto á candura e á castidade do teu lar domestico, toma lá uma receita velha, para os prasos de secca em que os escriptos sobre o adulterio deixem de correr das fontes publicas sobre a séde social:

Casa-te com mulher honrada e sê um homem de bem.

Por occasião da primeira sessão da camara dos pares ultimamente convocada para instaurar o processo do sr. marquez de Angeja, lemos a seguinte noticia em uma das correspondencias de Lisboa insertas no *Commercio do Porto*, o respeitavel dromedario honesto, em que Melicio exporta a sua prosa consignada aos posteros :

« Aquelles dos dignos pares que entendem que foi *legal* a convocação da camara acham-se divididos em cinco opiniões. »

Ora dando-se de barato que os dignos pares que acham a convocação *illegal* se não dividam em mais do que outras cinco opiniões, aqui temos já dez opiniões ácerca de um caso que, antes d'esta epistola de Melicio aos do Porto, nós suppunhamos, com uma credulidade levada até o fanatismo, que não admittia senão duas. A saber : *É legal a convocação*, primeira opinião; *Não é legal a convocação*, segunda e ultima.

Poderia ter errado Melicio?

Vejamos. Melicio podia errar como escriptor, porém Melicio não é escriptor. Melicio podia errar como philosopho, porém Melicio não é philosopho. Melicio podia errar como critico, porém Melicio não é critico. Melicio podia errar

como artista, como poeta, como dramathurgo, como historiador, como phantasista e até como pedicuro ou como tocador de corneta de chaves; porém Melicio não é poeta, nem phantasista, nem operador de calos, nem tocador de instrumentos perniciosos.

Melicio é uma conclusão moral, é o resultado feito carne da nossa evolução constitucional e burgueza, é a incognita encarnada do problema politico em Portugal. Elle, só, á sua parte é a philosophia do systema que caminha parallelamente com elle. O paiz todo está em Melicio como o Parthenon póde estar n'um alfinete de peito. Os criticos futuros poderão reconstruir sobre Melicio sobrevivente d'aqui a alguns seculos o cyclo politico, litterario e artistico de que elle fez parte, assim como Cuvier reconstruia por um osso o esqueleto de uma creação extincta.

E é por esta unica razão que nós citamos sempre Melicio: não podemos deixar de cital-o! é o nosso instrumento de applicação e de estudo, é a esphera armilar do systema que nos occupa, é o pequenino globo terracheo de cima da nossa mesa. Fazemol-o andar á roda, girando nos seus polos, e temos debaixo dos olhos tudo o que

ha que ver no mundo moral que habitamos.

Nada temos — bem vêem — com o cidadão, com o operario, com o chefe de familia: julgamol-os inviolaveis como se estivessem dentro da arca santa, estando dentro do paletó sagrado de Melicio. O nosso caso é elle symptoma social, é elle phenomeno politico: Melicio — instituições, Melicio — governo, Melicio — arte, Melicio — sciencia, Melicio — melicia.

Ora, considerado assim, e nunca o consideraremos de outra maneira, Melicio não póde errar, porque, posto isto, elle não é uma hypothese, é uma lei.

. . .

Portanto se na correspondencia do *Commercio do Porto* se lê que no estado actual das coisas e dos espiritos ha entre o *legal* e o *illegal* cinco opiniões declaradas para um lado, e cinco opiniões presumptivas para o outro, é que essas cinco opiniões effectivamente existem. Elle o disse!

Entre ser uma coisa e deixar de ser essa mesma coisa, cinco outras coisas se podem ser, e, sendo-se cada uma d'estas cinco coisas, o que verdadeiramente se é é a coisa que se deixou de ser para se ser deffinitivamente todas as cinco

coisas que realmente se está sendo; mas sendo-se todas estas cinco coisas, que por outro lado se não é, não se deixa por isso de não ser separadamente cada uma das cinco coisas que, em totalidade, se não foi. Nada mais simples!

Tal é a praxe e a norma da opinião politica! Tal é a methaphysica parlamentar ensinada ás massas portuenses pelo espirito apocalyptico do seu correspondente em Lisboa!

———

Ponderemos agora como a precitada theoria das cinco opiniões é a chave de alguns enygmas, os quaes ficariam, sem ella, para todo sempre indecifraveis.

. · .

O emigrado carlista D. Joaquim de Sabariego, refugiado em Lisboa sob a hospitalidade da bandeira portugueza, é preso e mandado para bordo de um navio do estado, onde é retido durante alguns mezes sem que se lhe mande abonar subsidio nem distribuir ração desde 25

de agosto até 20 de novembro. Notificado este caso a um periodico pelo sr. Theophilo Braga, discute-se na imprensa se é legitimo ou illegitimo o procedimento do governo portuguez com o refugiado alludido.

Eis as soluções achadas pela imprensa ministerial, de um lado, e por alguns orgãos da opposição, do outro:

Primeira — O sr. Theophilo Braga é tolo.

Segunda — O sr. Theophilo Braga não é tolo.

Discussão durante uma semana sobre se é tolo ou não o sr. Theophilo Braga.

E com isto se fecha o debate suscitado sobre a legalidade ou a illegalidade do acto do governo que supprime a liberdade e o subsidio estabelecido pela pratica em territorio portuguez a um emigrado politico.

São as cinco opiniões a que se refere Melicio.

. · .

D. Joaquim de Sabariego, o emigrado preso, aproveitou com a questão a que deu origem o adquirir a certeza ineffavel — tão dôce para todos os vencidos e para todos os desterrados, principalmente carlistas — de que sobre a imbecilidade de Theophilo divergem os pareceres.

Ou nós nos enganamos muito a respeito dos effeitos que póde ter um balsamo lançado sobre uma ferida, ou o coração do hispanhol deve estar a estas horas completamente resignado e tranquillo.

Porque emfim, sr. Sabariego, por muito que o senhor tivesse outr'ora padecido na guerra, na fuga, na perseguição, no carcere, no exilio, quem sabe, no fim de contas, se Theophilo será tolo effectivamente, ou se o não será?!... Altos mysterios de Deus, sr. D. Joaquim!

Imagina, leitor amigo, que são cinco horas da tarde e que volto do meu escriptorio, por um tempo d'estes, com as minhas calças arregaçadas e o meu chapeu de chuva aberto, patinhando a lama. Trago os pés frios e os joelhos molhados. Subo cançadamente a ladeira da minha rua. Outros a vão subindo em carroagem, consolados e enxutos. Mas tambem quem sabe se elles terão o regalo que eu vou ter de trepar ao meu terceiro andar, de lavar dos dedos os

meus borrões, de mudar o meu fato e de me sentar á mesa para jantar — o jantar que sinto o incomparavel prazer de ter ganhado, — quente, agasalhado, sob o *abat-jour* do candieiro, defronte da minha mulher que me espera, com a minha pequena familia, á qual levo aqui dentro no bolso do paletó uma surpresa de biscoitos!

Chego emfim ao alto da escada, páro á cancella, sinto no fundo do meu appetite o cheiro da sopa e no meu coração a fresca risada conhecida e alegre do meu pequeno. Vou puchar a campainha, quando dois policias me prendem.

— Mas porque, meus bons senhores? Poderei eu ser tão summamente feliz que lhes mereça a fineza de me dizerem porque sou preso?

— Ah! elle não sabe porque é preso! diz um dos policias com ironia espessa.

— Nada! elle não o sabe! confirma o outro com malignidade bronca.

E lá vamos todos tres para o commissariado geral da policia. No commissariado encontro-me com duas pessoas, uma das quaes exclama ao ver-me:

— É este mesmo!

Então a outra pessoa, que é a do sr. commissario, dirige-me estas vozes:

— Acha-se disposto a confessar tudo?

— Acho.

— Então confesse.

— Confesso que vinha do meu trabalho, que chegava a minha casa, que projectava ir jantar, que ia bater á minha porta, e que estes senhores me prenderam; confesso mais que ignoro o direito com que sou retido no meu caminho, e que me seria inteiramente agradavel ir-me immediatamente embora.

— E o roubo que fez, onde o metteu? acrescenta o commissario.

— Diga, diga!... Confesse... Revele onde escondeu o roubo... Que diabo! que lhe custa?... Confesse! vamos!... Elle ahi vae fallar! exclamam successivamente os circumstantes.

No entanto como eu me não encontro sufficientemente habilitado para confessar coisa alguma a respeito de um roubo que não fiz e que não conheço, a policia retem-me em custodia, e procede a uma busca em minha casa. A minha familia recebe a noticia de que eu me acho preso por ladrão. Os meus quartos e os de minha mulher são invadidos pelos agentes da auctoridade. Abrem-se os armarios e as gavetas, rabusca-se a roupa branca e a roupa suja, despejam-se os

meus cofres e as minhas pastas, examinam-se os meus papeis, lêem-se as minhas cartas; e depois de bem revistado, de bem saccudido, de bem profanado o interior da minha casa, vem a policia e diz-me:

—Vá-se lá embora, vá jantar em paz, você no fim de contas é — um bom homem!

E eis-ahi, caro leitor, figurado comigo, assim como o poderia ter sido comtigo mesmo, o caso da prisão do sr. Rocha, da qual tanto se fallou n'este mez.

. ˙ .

Não sabemos perfeitamente quaes são as cinco opiniões a que este successo tem dado origem. Suppomol-as muito boas. Pela nossa parte fazemos apenas uma advertencia:

Como é possivel que á hora a que nós escrevemos estas linhas esteja alguem depondo no commissariado de policia que os receptadores do roubo sômos nós, e como parece que teremos de ser obrigados depois d'isso a confessar a tal respeito alguma coisa, confessamos desda já o seguinte:

Que o roubo que o sr. commissario nos attribue nós o guardamos — na casa do sr. com-

missario. E agora, se querem dar busca, déem-lh'a a elle.

Que a policia se não esqueça de tomar lá esta nota!

O sr. padre José de Sousa Amado tem hoje a bondade de nos prevenir por meio de uma carta publicada no *Diario de Noticias* — de que brevemente cahirão sobre Lisboa *terriveis flagellos*, consequencia da divina indignação excitada por *actos publicos contra a moral e contra a religião*. Estes actos, segundo o mesmo sr. padre Amado, são os que praticam as mulheres pelo facto de — *cantarem nas egrejas!*

. · .

Suppónhamos que desde os primeiros tempos do catholicismo tinham as freiras e as menjas elevado ao céo as preces, os louvores e as graças, cantando juntas nas egrejas, sem que por esse facto viessem accusal-as de terem promovido por meio dos exercicios do côro os flagellos

que padeceram as gerações de que ellas fizeram parte.

Mas uma vez que o sr. padre Amado nos declara tão formal e terminantemente que se acha auctorisado por S. Paulo, e outros, a expulsar do templo as tiples assim como Jesus expulsou d'elle os vendilhões, achamos bem que cada um se submetta, e que as senhoras da irmandade de Santa Cecilia, das Filhas de Maria e do Sagrado Coração se resignem a depôr as partituras das suas proximas novenas nas mãos puramente masculinas, tão gloriosas e tão lusitanas, do baritono Lisboa — o qual temos a honra de apresentar a suas excellencias.

. ˙ .

Ha um leve inconveniente, que decerto terá sido já devidamente ponderado pelo illustre e benemerito sr. padre Amado:

É que com a ausencia das mulheres nos vão faltar completamente os sopranos agudos indispensaveis para a execução cabal de innumeraraveis trechos da musica sagrada!

N'este ponto porém estamos certos que os cantores ecclesiasticos, e á frente d'elles, com toda a certeza, o proprio sr. padre Amado, não

recusarão á musica da egreja o sacrificio, alias insignificante, de se sujeitarem áquella pequena operação que, se não mentem as gloriosas tradicções musicaes da capella sixtina e a clara fama das vozes de Girolamo Rosini e de Farinelli, os tornará facilmente aptos a substituirem os sopranos femininos — com grandes vantagens da religião e da moral — como o dito sr. padre Amado muito bem diz.

Qual será o cantor sagrado assaz tibio para recusar, ás imperiosas necessidades do cantochão e ás suas, o fazer a si mesmo por dever musical aquillo que a rainha Lythusa e Semiramis foram as primeiras a mandar fazer aos outros por simples capricho gentilico da phantasia ?!

. . .

E depois d'isto assim estabelecido, segundo os desejos do sr. padre Amado — o qual dentro de pouco tempo estará talvez habilitado a cantar na opera *Romeu* a parte de Julieta — que os celestes flagellos vão a quem de direito : e que, tanto na terra como nas alturas, pese exclusivamente sobre a cabeça neutra do chantre a responsabilidade terrivel do moteto !

Estavam escriptas com mão piedosa e cirurgica as linhas antecedentes quando sobre o mesmo ponto do capitulo anterior lemos uma nova carta escripta pelo sr. padre Brito.

Ao contrario do reverendo Amado declara agora o theologo Brito que as mulheres podem continuar a cantar nas egrejas sem que offendam por tal acto a religião catholica nem cavem mais fundo do que elle está o sulco por onde ha de vir a Lisboa a torrente do divino castigo.

. ˙ .

Vemos que o sr. Brito funda a sua opinião no mesmo texto de S. Paulo em que o sr. Amado basea a opinião opposta á do sr. Brito. D'onde parece quererem-nos fazer acreditar que S. Paulo por consideração com estes dois doutores foi do parecer de ambos.

Seria talvez opportuno que o digno prelado d'esta diocese lembrasse aos dois polemistas que elles estão obrigando um dos maiores Santos da egreja a uma figura mediocremente satisfatoria.

. ˙ .

Como quer que seja lembramos aos senhores ecclesiasticos a conveniencia de chegarem com

a possivel brevidade a um accordo qualquer, porque no côro da egreja da Lapa e em outros, uma multidão elegante, rica e burgueza, tomando a religião por um laço ao mesmo tempo celeste e aristocratico, espera.

Que a liturgia se apresse a decidir se teem de debandar ou não estas delicadas *matinées* cantantes ao divino. As senhoras, de vestidos de veludo ornados de marta zibelina, com violetas no seio, e os homens em *toilette* de etiqueta, abotoados em azul sobre colletes brancos e luvas côr de perola, cochicham, riem, procedem a apresentações, trocam entre si camelias e *bonbons à la vanille*. E, emfim, se se não dá breve o signal para que rompa a novena, ninguem, nem o bom Deus, nem o doce e pallido Jesus que os contempla da sua cruz, agonisante e moribundo, extranhará que elles — os piedosos servos e servas de Maria — comecem naturalmente por organisar — um *cotillon!*

Fogo em um predio a Buenos Ayres. Soccorros prontos. Premio á bomba numero tal.

Grande intelligencia e acerto em todas as medidas tomadas por parte da direcção technica do serviço dos incendios. Extraordinaria dedicação. Prodigios de valor. Falta de agua. Dois bombeiros feridos, e um quasi morto.

Resultados : Ardeu tudo.

Pouco tempo antes, no Aterro, outro incendio. Inspecção, bombas, o ministerio, o commandante da guarda municipal e Sua Magestade el-rei no logar do sinistro. Inexcedivel bravura. Devoção infatigavel. Completa ordem. Exemplar disciplina. Falta de agua. Tres bombeiros no hospital. O inspector ferido.

Resultados : Ardeu tudo.

As duas noticias precedentes são o molde e a norma invariavel de todas as noticias de todos os incendios de todos os predios de todos os bairros de Lisboa.

. ˙ .

Occorre naturalmente advertir uma coisa :

Que sendo o resultado final e deffinitivo de todos os esforços, de toda a sciencia, de toda a coragem, de toda a phylantropia, de toda a disciplina, de todos os bombeiros estropiados e mortos — o arder tudo—seria mais natural, mais

logico, mais phylantropico, mais humano e por ventura mesmo mais producente, que ao darem as torres signal de incendio começassem os soccorros por ficar em suas casas. As chammas ver-se-hiam prodigiosamente embaraçadas se depois de terem devorado tudo, quizessem ainda, só pelo facto de estarem ausentes os soccorros, devorar mais alguma coisa! Demais está hoje exhuberantemente provado pelas mais successivas experiencias que o expediente até agora empregado de lançar aos incendios alguns bombeiros é insufficiente para dominar as chammas. Actualmente está na convicção de todas as pessoas que têem presenceado o fogo que elle tem o capricho indomavel de se não apagar senão com agua.

Ora nem a companhia das aguas nem a camara municipal têem a condescendencia de servir a Lisboa a agua sufficiente para inundar um predio. Estamos n'esta contingencia: que se apagamos os incendios não temos com que lavar a cara. É serio e é respeitavel; sómente não nos parece que a razão de não haver agua para lançar a um incendio obrigue absolutamente a lançar-lhe bombeiros.

Por consequencia:

Que se continue a lavar as caras e a deixar arder os predios — como até aqui — mas que se isolem os bombeiros.

Se os soccorros presistirem na teima inconcebivel de acudirem aos incendios, se a camara não puzer termo a esse abuso, arrisca-se muito a um desastre que lhe está emminente, e é — arderem-lhe as bombas!

O actual sr. governador de Macau e Timor, sua excellencia o sr. visconde de S. Januario, está dando ás colonias portuguezas, á metropole e á sciencia uma interessante medida de quanto pode sobre um ser organico a influencia do «meio», do solo, do clima, da latitude.

É curioso observar na historia dos actos do dito sr. governador como á força de residir nas regiões asiaticas, sua excellencia se vae tornando progressivamente chinez... Chinez ou homem monstruoso, *homo monstrosus*, de Linneu!

. ˙ .

Ultimamente o sr. visconde de S. Januario mandou responder a conselho de guerra um facultativo militar, redactor do *Oriente*, jornal de Macau, accusado pelo sr. governador de ter exorbitado da liberdade de imprensa, em um artigo a respeito de irmãs da caridade!

Depois o mesmo sr. visconde dispensou o jornalista de responder a conselho e condemnou-o summariamente a dez dias de prisão!

Por ultimo o dito sr. governador, sempre pelo mesmo delicto de imprensa, mandou o jornalista desterrado para Timor!

Não sabemos se depois das ultimas noticias s. ex.ª teria mandado applicar ao delinquente o grande ou o pequeno bambú, as bastonadas, a canga, ou a pena ultima. Vemos já em todo o caso que o sr. governador está, pela sua comprehensão da justiça, na legislação plenaria do celeste imperio. Somos levados a crêr que s. ex.ª faz já preceder o seu palanquim pelos dois mil guardas portadores das differentes chinesices que servem de emblemas ao despotismo oriental na passagem do filho do céo pelas ruas de Pekin. Mais nos auctorisa s. ex.ª a suppôr que — botou rabicho.

Quem sabe, de resto, se s. ex.ª não estará já sendo, como todos os chins: — de porcelana!

Quem sabe se Sua Magestade el-rei se não verá em pouco tempo obrigado a transferir de Macau este seu delegado para o collocar no seu proprio palacio, em um logar de honra — como jarra!?...

Se não fôr antes sua magestade a rainha quem definitivamente venha a adoptal-o, com outros mandarins, — em leque.

A instabilidade e as vicissitudes dos destinos chinezes são taes que mal nos atrevemos a conjecturar qual virá a ser, pelo caminho que leva, o futuro do sr. visconde de S. Januario. Dizemos temerariamente jarra e dizemos leque! Bem pode ser no fim de contas que os deuses Fo e Tao-tse estejam preparando lentamente em s. ex.ª — um bule.

E que aquelle que começou por lançar exterminios, acabe por deitar chá preto!

AS FARPAS.
EÇA de QUEIROZ.
R. ORTIGÃO.

RAMALHO ORTIGÃO — EÇA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL DA POLITICA
DAS LETRAS
E DOS COSTUMES

2.º ANNO

Dezembro de 1872

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1873

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. Proudhon.

SUMMARIO

O sr. Barros e Cunha, leitor do *Times* por Tavira. O relatorio ácerca da emigração portugueza. De como os partidos conservadores não podem reformar. — **O Brazil a vôo de sabiá**. A sociedade brazileira. A escravidão. A agricultura. O commercio. A industria. As estradas. A sciencia e a litteratura. As artes. As missões religiosas. Os colonos extrangeiros. Nova Friburho, Petropolis, Mucury. O relatorio do naturalista Tschudi. Missão diplomatica de Avè Lallemant. A possessão do solo. A politica do Rio de Janeiro e a de Washington. Constituição da propriedade. O emigrado portuguez. A cruz e a forca de Alvares Cabral. A roça. A vida na fazenda. A paizagem. A embaixada portugueza e o sr. Mathias de Carvalho. Os emigrados portuguezes no Rio de Janeiro. As mulheres dos Açores. O *cortiço*. Opinião do Brazil ácerca da emigração portugueza. O que fariamos dos emigrados. A revolução economica e social. A falta de braços. A crise pela *grève* nos campos. — **As bexigas**. A sociedade das sciencias medicas. Os srs. ministros e as vaccas. O proximo discurso da corôa — A banheira obrigatoria — **Os sabichões**. A peça. Os typos. A arte. A calumnia. A sciencia, a philosophia, a litteratura, os grandes homens, o pronome relativo e o sr. Biester = **Na universidade**. A festa do centenario. Os estatutos e a agua a ferver. A liberdade do ensino. Racionalistas e atheus. — **As dançarinas**. O corpo de baile pateado. Os srs. barão de Rio Zezere,

Meilhac e Alévy, e as batatas cozidas — **Os perjuros** e o sr. presidente da relação — **O Natal**, a religião, o *chic*. — A Julio Machado, *rosière*

Pela primeira vez em nossa vida, e talvez ultima, vamos encontrar-nos n'estas linhas com o sr. Barros e Cunha, deputado da nação e leitor do *Times*.

Entre assignar a famosa folha britanica e dar o seu voto ao sr. Barros e Cunha o Algarve por algum tempo hesitou. Entendeu-se a final que a especialidade d'aquelle cidadão devia ser aproveitada e s. ex.ª recebeu definitivamente e *ad perpetuum* o competente mandato para lêr o *Times* — por Tavira.

Tavira, aquella britanica Tavira, a loira Tavira, a candida *miss* dos figos de comadre, que todos nós conhecemos, nomeia expressamente o sr. Barros e Cunha para que elle represente por ella no parlamento — os jornaes inglezes.

Por tal razão os discursos d'esse vehemente e consciencioso tribuno ficariam muitas vezes inintelligiveis e desdenhados, se elle não tivesse sempre o cuidado de os terminar arrancando de sobre o seu coração um numero do *Times* banhado por suas lagrimas, embebido nos suores de seu rosto. S. ex.ª afaga maternalmente o

jornal londrino, acarinha-o nos seus braços, aperta-o aos seios, encara-o com ternura maternal, parece disposto a ir amamental-o !...

A camara toda, commovida, olha.

Por fim s. ex.ª desfralda a folha, e com voz penetrante, decisiva, potente e nasal, como uma das trombetas de Jerichó tocada pelo nariz de um propheta, exclama : — « Elle aqui está, sr. presidente ! elle aqui está ! — Disse. »

Pelo que, Tavira, cahida com spasmos nervosos de satisfação e de orgulho, bate com a nuca e com os calcanhares no chão, de alegria.

. ˙ .

Querendo a camara na passada legislatura nomear uma commissão encarregada de estudar a grave questão da emigração para o Brazil, escolheu para esse fim varios srs. deputados, os quaes srs. deputados nem conhecem o Brazil para onde se emigra, nem o Minho de onde a emigração se faz, nem pela especialidade dos seus estudos nos provaram nunca que fossem nem colonisadores, nem viajantes, nem geographos, nem medicos, nem economistas, nem agricultores. De modo que a respeito da emigração para a America os dignos vogaes da

commissão alludida não podiam offerecer nem á camara nem ao paiz garantias algumas de poderem emittir o seu voto nem ácerca do solo, nem do clima, nem da organisação do trabalho, nem do estado da industria, nem da proporção dos salarios, nem finalmente de nenhum dos elementos que constituem o problema tão complexo da colonisação.

Esta commissão nomeou seu relator o acima referido sr. Barros e Cunha, que a estas horas tem o seu relatorio feito, e que nós estamos d'aqui vendo já, em desempenho da sua missão, levantar-se na camara, conspicuo e grave, com o seu pequenino craneo escalvado e deprimido pyramidalmente pelas leituras do *Times*, soltando a voz peregrina, intencional e pomposa, e fazendo com a mão no ar o gesto explicito de quem espeta discretamente pequeninos alfinetes invisiveis em pequeninos pontos egualmente invisiveis.

. · .

Inclinamo-nos diante de s. ex.ª e tiramos respeitosamente o nosso chapeu á sua gravidade austera, imperturbavel, doce e inutil. Sómente, emquanto ao relatorio que s. ex.ª fez, sentimos profundamente annunciar-lhe uma coisa : é que

não prestará para nada, o que será a sua unica qualidade boa. Não será nocivo, será apenas banal. Por duas razões.

A primeira é que os partidos conservadores a que o sr. Barros e Cunha pertence não tomam de questão nenhuma senão a parte academica, oratoria, parlamentar. O que é revolucionario, isto é: activo, pratico, efficiente, demolidor e reconstituitivo suas excellencias não o podem fazer: seria comprometterem os seus principios e comprometterem-se a si mesmos. O meio official, grave, tradiccional em que suas excellencias vivem não lh'o consentiria, e a obra de um homem não póde ser infelizmente o fructo exclusivo da sua intelligencia ou da sua vontade individual, ha de ser tambem fatalmente um producto do centro social em que elle vive. Ora para o mundo que constitue o espaço, o solo e a athmosphera em que o sr. Barros e Cunha e a sua commissão respiram, a questão da emigração para o Brazil é o caldo de gallinha de Bossuet — uma coisa em que se não poderá fallar senão com tantos rodeios oratorios, com tantas figuras, com tantas imagens, com tanta rhetorica, que no fim de tudo se fique sabendo que aquillo de que se trata é um

caldo de gallinha — sem gallinha e sem caldo.

A segunda razão é que os meios empregados pela commissão parlamentar encarregada de estudar o modo de evitar a emigração para o Brazil são insufficientes para se chegar a um resultado definitivo.

O sr. Barros e Cunha sabe necessariamente pelo *Times* como procedeu em Inglaterra uma commissão do governo encarregada de trabalhos identicos aos da actual commissão parlamentar portugueza. Estabeleceu-se um questionario admiravelmente bem concebido para elucidar todos os pontos do problema, foram convidados a depôr todos os cidadãos, sem distincção alguma, aptos a responder a todos ou a alguns dos quesitos do interrogatorio proposto. E do conjuncto de todas essas respostas lançadas em um grande livro tirou-se uma opinião ao mesmo tempo collectiva e impessoal, justa, clara, nitida, precisa e insuspeita.

. . .

Pela nossa parte offerecemos ao leitor algumas das nossas notas concisas e rapidas ácerca da colonisação do Brazil e da emigração portugueza.

O Brazil, no estado em que actualmente se acha a civilisação no continente colombiano, não é um paiz de colonos; é um paiz de escravos.

A escravatura está obolida no imperio brazileiro. É um grande impulso dado á liberdade americana pelo governo do imperador D. Pedro II, mas não é a conquista da liberdade.

Para que o escravo deixe de ser escravo é preciso que primeiro lhe ensinem a ser livre, isto é: que lhe deem a faculdade de sustentar a independencia pelo trabalho.

Ora emquanto o Brazil não passar por uma profunda transformação economica e social a independencia pelo trabalho é inteiramente impossivel ao pequeno cultivador nacional e ao colono.

A exploração da terra no imperio brazileiro faz-se exclusivamente pela grande lavoura. Pernambuco, Maranhão e Bahia cultivam o algodão e o assucar; S. Paulo tem a pequena especialidade do chá; o Rio de Janeiro e provincias lemitrophes produzem o café. Só á sua parte o Rio de Janeiro abastece o mundo de metade do café que elle consome.

Esta cultura colossal e luxuosa só pode ser sustentada pelo trabalho servil do negro.

horrivelmente assombroza a onda do sangue de escravos com que teem sido regadas até hoje as abundantes searas brazileiras.

Em 1857 o barão de Mauá dizia no parlamento «que até 1851 o Brazil tinha importado cincoenta e quatro mil escravos por anno.»

Houve anno em que oitenta mil negros, escondidos á vigilancia dos cruzeiros inglezes, foram arrancados dos sertões d'Africa e despejados semi-mortos, dos porões infectos dos navios que carregavam o *ebano*, sob o açoite do fazendeiro americano.

Em 1855, quando o cholera-morbus transpoz pela primeira vez o equador, esta epidemia devorou, em dois annos, cento e dez mil negros. É incalculavel o numero dos negrinhos que succumbem na infancia pelos desleixos e pelos erros da educação, porque, sob este ponto de vista como em todos os demais ramos da instrucção, o senhor de escravos no Brazil está longe da sciencia especial dos que vivem na mesma exploração do homem na Virginia e no Maryland.

De parte o algodão, o café e o assucar, semeados, cultivados e colhidos nas sangrentas dilacerações da carne viva do escravo, o Brazil

quasi que nada mais produz. Em muitas plantações os negros não teem mandioca, nem arroz nem feijão. No interior das provincias exclusivamente agricultadas pelo trabalho servil vê-se frequentemente mendigarem populações inteiras de negros famintos.

Esse paiz tão fertil e tão opulento compra aos Estados Unidos, á Inglaterra e ao Uruguay uma grande parte dos generos com que alimenta os seus habitantes. O valor annual das substancias alimenticias importadas pelo Brazil é o da quarta parte da sua exportação.

De modo que, se um grande conflicto internacional cortasse repentinamente as communicações do continente brazileiro com o resto do mundo, a consequencia seria a fome, a ruina, a miseria e a morte resultantes d'esta catastrophe inegualavel — o Brazil entregue ao Brazil.

Eis o estado em que se acha depois do decurso civilisador de tres seculos uma sociedade fatalmente viciada de origem, porque proveiu da conquista e porque se baseou na escravidão.

. ˙ .

O Brazil não tem estradas. Os meios de communicação e de transporte no interior do impe-

rio operam-se com tanta difficuldade que ali, no paiz das florestas, as cidades do littoral recebem da Scandinavia as suas madeiras de construcção.

A raça indo-latina é desleixada e fraca. Não tem pulso para o machado com que o yankee rasga o seu caminho atravez da asperesa emaranhada e hostil do mato virgem. O mundo civilisado não tem eccos para o estrepito da catarata de Paulo Affonso, rival do Niagara.

O commercio do Brazil recebe ainda hoje do indio nu, armado do arco e da frecha de cana, a baunilha, o cacau, a borracha e outros productos dos tropicos que o indigena colhe nos logares em que os acasos da invasão o lançaram.

Caminhos abertos com enormes despezas encontram-se por toda a parte obstruidos pela vegetação fantastica dos paizes humidos e electricos, perdendo-se nos matos, onde a civilisação não conseguiu ainda caçar nem a onça nem o guarani, nem o tigre nem o botocudo.

. · .

O Brazil não tem industria. Uma estatistica official attesta que, em 1859, onze mil seiscen-

tos e noventa e oito brazileiros e oito mil trezentos e trinta e nove extrangeiros pagavam imposto pelo exercicio de varias industrias. Se porém, seguindo a mesma estatistica, tirarmos do numero dos nacionaes mil trezentos e nove tabelliães, duzentos e vinte e seis advogados e oito mil trezentos e setenta e um estalajadeiros, achamos que a industria brazileira propriamente dita conta no Brazil a quinta parte apenas dos individuos que representam a industria extrangeira.

. · .

A iniciativa e a acção da sciencia são quasi nullas no Brazil. Uma expedição de sabios, organisada ao modo inglez, sob os immediatos auspicios do imperador, limitou os seus trabalhos a fazer promessas, e custou ao estado trezentos contos.

Não se publica um livro didactico, experimental, scientifico. Apenas alguns poetas morbidos, languidos, voluptuosos, inspirados, suspiram em redes de pennas suspensas das palmeiras, emquanto a araponga corta no seu vôo silencioso o infinito azul do deserto.

Em 1857 o numero dos estudantes que recebiam alguma instrucção nas escolas, nos lyceus

ou nos collegios, estava na proporção de um para cada noventa habitantes.

O viajante francez Biard refere que na escola das Bellas Artes do Rio de Janeiro havia em 1858 nove professôres e — tres alumnos.

. . .

A convivencia animal do elemento servil, a vida da «fazenda» e do «rancho» e a submissão indifferente e bestial da escrava, deslaçam no Brazil o vinculo moral da familia. De uma estatistica dos nascimentos em Minas, deprehende-se que n'esta provincia, uma das mais importantes do imperio, os filhos illegitimos formam um terço da população total. Em Paris e em Munich a proporção dos nascimentos legaes e illegaes é a mesma, as causas porém são outras.

A influencia moral e christã dos missionarios nas differentes regiões do interior é apenas uma hypothese de oratoria sagrada.

Os sacerdotes das missões offerecem cachaça aos homens e lenços encarnados ás mulheres, unico meio de os attrahir ás praticas e aos exercicios religiosos. Homens, mulheres e creanças acodem sem nenhuma falta á evocação do sa-

cerdote, prostram-se-lhe aos pés, batem nos peitos, rojam a fronte no pó, deixam-se baptisar, convencer, reduzir, cathechisar, emquanto dura a cachaça e os lenços encarnados. Depois abandonam a missão, até que outro sacerdote venha com mais lenços e mais alcool para elles tornarem de novo a deixar-se submissamente baptisar, convencer, arrastar brandamente ao gremio catholico. O mesmo preto baptisa-se seis vezes e faz a gloria da eloquencia e do prestigio de seis padres — que tenham aguardente.

O capellão das fazendas, nas fazendas em que ha capellão, é o amigo do feitor; fuma, caça, joga, entende de alveitaria, negoceia um pouco em mulas, e diz aos domingos uma missa — pequena.

O sr. Assier que viveu muitos annos no Brazil conta n'um trabalho critico da vida nas feitorias brazileiras que encontrou nas suas viagens um d'estes padres, que era « tropeiro. » Este clerigo, que andava sempre nos caminhos como legitimo e consciencioso almocreve, era o supposto encarregado de muitas das missas deixadas por testamento em toda a redondeza que percorria. O expediente d'este ministro da egreja para angariar as missas encommendadas por le-

gado consistia em acceitar metade da quantia deixada pelo defuncto para encommendação da sua alma e passar ao testamenteiro recibo total da verba designada pelo testador.

. : .

O negro da America brazileira não reage contra a escravidão; acceita-a como um jugo natural da sua existencia subalterna. D'entre a raça negra destacam-se apenas com a dignidade e com o valor de homens, os Minas, altivos e indomitos, os quaes no seculo XVII fundaram na provincia de Pernambuco a republica dos Palmares, a qual resistiu tenazmente por espaço de trinta annos aos ataques dos brancos. Os demais negros submettem-se sem resistencia alguma. Os adultos, que beijam a mão do senhor, despicam-se d'essa baixeza fazendo-se beijar a mão pelas creanças, estas dão por seu turno a mão a beijar aos macacos. O escravo desforça-se escravisando. A cadeia servil tem o seu primeiro elo no homem e o ultimo no sagui. O branco ou puxa por esta corrente ou faz parte d'ella. Tal é o Brazil.

. : .

Vejamos os colonos.

A primeira tentativa de colonisação com trabalhadores livres data de 1819, dois annos antes da independencia. Mil e setecentos aldeões suissos do cantão de Fribourg estabelecem-se no Val de Parahiba do Sul e fundam a Nova Friburgo no extremo limite meridional da zona torrida, perto de uma grande cidade. Dez annos depois a colonia suissa estava em dois terços do que primitivamente fôra. Actualmente a Nova Friburgo é uma cidade inteiramente brazileira, onde raras familias friburguezas se encontram ainda.

* * *

Em 1845 uma nova tentativa feita sob os auspicios do governo brazileiro levou alguns milhares de trabalhadores de Baden e de bavaros do Palatinado ao Rio de Janeiro. Estabeleceram-se em Petropolis, perto do palacio imperial. Em 1859—quatorze annos depois—de tres mil e dezeseis colonos que ainda habitavam Petropolis rarissimos tinham passado de simples cavadores de enxada. Esta colonia tem-se concentrado cada vez mais em torno da residencia imperial, e vive quasi exclusivamente da actividade que o soberano e a côrte espalham necessariamente em torno de si.

O celebre naturalista suisso Tschudi, mandado pelo seu governo ao Brazil, como plenipotenciario, a fim de estudar a historia dos emigrados, fez uma viagem de muitos mezes atravez de differentes feitorias, e em um relatorio de 9 de outubro de 1860, no qual consignou as suas impressões e as suas idéas, deixou um monumento historico pavoroso e indiscutivel contra a colonisação do Brazil.

A Suissa prohibiu a emigração dos seus filhos para aquelle ponto do globo.

Avé-Lallemant, encarregado officialmente de visitar as colonias allemãs no imperio brazileiro dá pormenores aterradores da sorte dos obreiros que encontrou nos estabelecimentos do Mucury, na provincia de Porto Seguro.

Dolorosamente penetrado da desgraça que presenceou, Avé-Lallemant, dirigiu-se pessoalmente ao imperador, expoz-lhe as condições em que estavam vivendo os seus compatriotas no Mucury, e conseguiu de Sua Magestade que um navio fosse mandado áquella colonia afim de trazer para os hospitaes do Rio de Janeiro os infelizes, os doentes e os *desesperados*. *Desesperados* palavra que sobre a colonisação do Brazil

se empregou então officialmente pela vez primeira e talvez unica no mundo!

A primeira leva dos emigrados recolhidos do Mucury ao Rio de Janeiro a bordo do alludido vapor do estado foi composta somente dos enfermos, e constou de oitenta e sete individuos.

A praça do Rio de Janeiro deve de recordar-se ainda do dia memoravel na historia da emigração em que se viu chegar esse tragico e funebre comboio.

Os possantes e valorosos mancebos allemães que o Rio vira passar poucos mezes antes corajosos, esperançados e alegres para os trabalhos do Mucury eram desembarcados em macas nos caes ruidosos da capital de um dos mais ricos paizes do mundo.

Vinham devorados pelas febres paludosas exhaladas de um rio podre, cobertos de lepra e de *vermine*, immundos de chagas e escalavrados de contusões.

Um tinha morrido no trajecto, a bordo. Outro expirou justamente no momento em que o collocavam em terra.

Poucos dias depois chegava do Mucury uma segunda leva de emigrados com cerca de outros tantos enfermos e outros dois cadaveres.

A opinião no Rio de Janeiro tinha-se mostrado tão profundamente commovida com este espectaculo de uma barbaridade suprema e de uma miseria unica, os poderes publicos estavam tão evidentemente instruidos do que era a colonia do Mucury, que Avé-Lallemant, tendo depositado nas mãos do governo o relatorio que fizera, entendeu que podia deixar o Rio de Janeiro e proseguir para o norte a viagem de exploração de que se incumbira, sem receio de que jámais se podessem repetir as calamidades que presenceara.

Apenas o viajante allemão deixou o Rio de Janeiro o director da colonia do Mucury publicou uma nota justificativa do seu procedimento. Um delegado imperial enviado ao Mucury para liquidar a verdade, expirou ao regressar ao Rio. De sorte que tudo ficou no estado em que se achava antes do relatorio de Lallemant. Com uma unica differença. Immediatamente depois do que acabava de se passar, o senado brazileiro votava á companhia do Mucury um credito de cerca de 500 contos com a garantia de um juro de 7 por cento! Era o applauso do governo e a gratidão nacional sanccionando um dos maiores vexames que teem sido impostos á civilisação e á humanidade.

Ha mais ainda: Os eleitores de Minas Geraes propozeram por duas vezes o nome do director da colonia do Mucury no primeiro logar da lista senatorial.

Dois unicos homens, honrados e benemeritos, protestaram nobremente contra este opprobrio da justiça — o imperador, que riscou da lista dos senadores o nome do eleito por Minas Geraes como inapto para representar os interesses de um povo, e o sr. Silva Ferraz, ministro da fazenda, o qual aboliu o credito votado á colonia que tal cidadão dirigia.

De resto, sem citarmos outros factos especiaes, á colonisação do Brazil por meio do trabalho livre falta de raiz a primeira garantia da liberdade, que é a possessão do solo. É esta garantia a que o governo do Washington dá a todo o emigrado que desembarca na America ingleza.

No Brazil a constituição feudal da propriedade entregou metade do paiz aos senhores de escravos. Estes poderosos fazendeiros, cujos dominios vastissimos são indecisamente limitados pelos rios, pelas florestas ou pelas montanhas, predominam fatalmente na administração e na politica, e governam em seu proprio interesse os

destinos do grande e fertilissimo paiz brazileiro.

A unica porção do territorio do imperio felizmente previligiada para a liberdade pelas vantagens da sua posição geographica é o Rio Grande do Sul, cercado quasi completamente por pequenas republicas, onde ha muito tempo que a escravidão não existe. N'essa provincia a pequena propriedade assim como o trabalho livre e individual não teem que luctar contra a colligação nefasta dos fazendeiros. As terras quasi todas compradas ao estado por diversas companhias teem sido vendidas aos agricultores em pequenas fracções e a prasos de cinco annos para o pagamento integral da compra.

Tanto n'esta provincia do Rio Grande como na de Santa Catharina que lhe fica adjacente, mais de quarenta mil individuos da raça germanica absorvem de dia para dia os elementos brazileiros, abrem escolas, fundam egrejas protestantes, espalham pela industria, pelo commercio, pelo ensino, pela imprensa, uma poderosissima influencia, e fundam finalmente um estado que não deixará de ter um logar importantissimo nos futuros destinos da grande peninsula austral.

. . .

De todos os emigrados europeus o mais desprotegido, e podemos acrescentar ainda o mais detestado, é o colono portuguez. Pesa ainda hoje sobre elle o velho odio de raça.

O hollandez Hans Stade foi aprisionado pelos botocudos, cuja região é atravessada pelo rio Mucury de que acima se fallou. Os botocudos não o mataram immediatamente porque tinham resolvido engordal-o um pouco mais para o comerem depois mais tenro. Hans Stade engaiolado como um pato a que se está fazendo crescer o figado, desejando despertar nos seus inimigos o asco ou o fastio protestava-lhes que era hollandez, ao que o chefe da tribu lhe retorquia: «Tenho já comido cinco brancos e todos elles me juravam como tu que não eram portuguezes.»

O hollandez salvou a vida lembrando-se de argumentar pela legitimidade authentica da sua origem com a côr dos cabellos loiros que tinha. Os botocudos, lembrando-se então que os cinco portuguezes que elles tinham comido assados no espeto, eram effectivamente de cabello preto, mandaram embora o de Hollanda.

Este facto, referido pelo proprio viajante com

quem elle se deu, prova bem de que modo se invetera nas raças conquistadas o odio ás raças conquistadoras, principalmente quando entre os vencedores e os vencidos se trocaram razões da ordem d'aquellas que assignalaram as primeiras convivencias do europeu de Portugal e do indio brazileiro. Pedro Alvares Cabral quando desembarcou nas costas do Brazil não arvorou sómente na praia uma cruz symbolo da fraternidade christã: ao lado d'essa cruz levantou egualmente, como instrumento da moral evangelica e da civilisação do velho mundo, uma forca.

Os guaranis, por sua parte, não fugiam espavoridos como os indigenas do Mexico e do Peru ao estrondo das descargas dos mosquetes. Resistiam como hienas assaltadas pelos cães, disputavam palmo a palmo o solo que iam cedendo ao inimigo, e só muito lentamente descobriam os seus rastros de sangue, embrenhando-se no mato, ameaçando, e rugindo como as feras que recuavam com elles.

. ˙ .

O colono portuguez no Brazil nem tem os direitos dos nacionaes nem os privilegios dos extrangeiros. Em uma nota do barão de Cotegipe,

ministro brazileiro, a mr. George Bukley, ministro inglez, ácerca da deserção de marinheiros extrangeiros para a marinha brazileira, encontra-se consignada nos seguintes termos a condição dos individuos que compõem a tripulação dos navios do estado — escravos, portuguezes, nacionaes e extrangeiros.

O colono portuguez, *engajado*, como se costuma dizer, pelos delegados dos fazendeiros brazileiros, e escolhido entre a mocidade mais vigorosa, mais activa e mais forte das provincias do Minho e de Traz-os-Montes, é acolhido no Brazil, no Rio de Janeiro quasi sempre, por um senhor esquivo, desconfiado, que vê n'elle um capital seu exposto aos riscos da deserção ou da fuga, ao eminente perigo da enfermidade e da morte: é preciso exploral-o á pressa e fazel-o render de pronto. D'ahi as tarefas mais violentas e pesadas impostas desde logo ao colono que chega.

O *engajado* por sua parte entra na colonia esmagado por uma divida assustadora — o preço da sua viagem, o passaporte, a folha corrida, o enxoval, a passagem, os alimentos, os remedios, as visitas do medico, as custas de installação etc. — outras tantas quantias abonadas pelo

senhor, a quem tem de pagar o capital, amortisação e juro de 6 por cento. Elle, com a sua intelligencia e a sua actividade, é por tanto, desde então, uma coisa que está pertencendo a outrem. Mette pela primeira vez a sua enxada na terra do exilio com a amargurada consciencia de quem já não trabalha nem tão cedo tornará mais a trabalhar para si. N'este momento ou se revolta e é um criminoso, ou se submette e é um escravo.

A maior parte d'esses desgraçados rapazes humilham-se e cedem á força com que não podem lutar. Resignam-se no desalento e na desgraça. Então a nostalgia vem. Como todos os montanhezes, os trasmontanos e os minhotos teem o sentimento instinctivo da patria penetante e profundo. O estranho aspecto portentoso da grande natureza equatorial trespassa essas intelligencias estreitas e humildes de uma melancolia devoradora. A natureza inanimada e a natureza viva tem para elles aspectos novos e phantasticos que lhe põem o passado, a familia e a patria, nas perspectivas longinquas e nublosas dos sonhos. As estranhas vegetações da roça; os infinitos palmares; as plantas sarmentosas emaranhando as florestas como os primeiros

lineamentos de um tecido inextrincavel; as longas plantações do café; as aves de deslumbrantes plumagens; os quadrumanos medrosos e rapidos, de sarcasticas visagens; o zumbido inaudito dos insectos desconhecidos; os homens negros esfarrapados, em grandes grupos, cavando a terra, e manchando a paizagem com nodoas movediças como as que produzem nos prados os rebanhos; grossas figuras de feições contorsidas pelo caracteristico da raça e desformadas ainda pela erysipela e pela elephancia; guardando esta legião de forçados o feitor, um mulato armado de um azurrague e tendo á cinta uma palmatoria; a distancia o caldeirão do rancho sobre a fogueira ateada pelas pretas semi-nuas acocoradas no chão com os seus filhos pendurados ás costas n'um alforge; e por cima d'isto a abobada lisa de um céo ardente, de cujo azul se destaca no horisonte o sol de um vermelho de oiro opaco, como um disco de metal, perfeitamente supportavel á vista pelo phenomeno resultante da interposição dos vapores translucidos dos longinquos incendios enormes dos matos.

Depois, ahi tudo é hostil ao emigrado portuguez. Emquanto ás influencias da vida physica, o sol chammejante, a humidade das noites, os

miasmas febris do solo, a exhalação mephitica dos pantanos. Emquanto á vida moral, a estranhesa dos habitos e dos costumes, a isolação, a tristeza, a saudade, a impotencia absoluta da reacção individual contra o poder immenso, exclusivo, absoluto, dominante em toda a organisação do Brazil — a colligação irresistivel dos fazendeiros. A roça no imperio brazileiro é como em Portugal o banco. É ella que faz a lei, a justiça e o direito. Com uma differença nos resultados d'esta influencia do capital e da propriedade no Brazil e em Portugal: é que em Portugal ella é contrastada pelas beneficas resistencias de alguns milhares de cidadãos que manteem a liberdade por meio da independencia facultada pelo trabalho; no Brazil não, porque no Brazil quem trabalha é o escravo, e a quantidade chamada povo não existe.

Que garantia nos pode offerecer um paiz assim constituido de que respeitará a fé dos contractos com miseraveis trabalhadores de um paiz remoto, pobre, fraco e pequeno?

O actual consul de Portugal no Rio de Janeiro, um homem intelligente e honrado, propoz á commissão parlamentar que por convenio entre os dois paizes se considerasse irrito e nullo

todo o contracto feito entre o proprietario brazileiro e o colono portuguez que não fosse firmado e reconhecido pela chancella consular. Era um meio muito pratico, de uma execução perfeitamente simples e facilima, de illucidar o emigrado com a informação, o esclarecimento e o conselho do representante do seu paiz, soltando-o das presas do engajador e evitando com uma só palavra talvez, esclarecida e dedicada, que elle compromettesse por ignorancia em uma transacção leonina a sua liberdade e a sua vida. Isto nunca se conseguiu, porque ha muitos annos que nada se consegue do governo brazileiro em beneficio dos subditos portuguezes. Para se ajuizar perfeitamente do disvello com que os nossos diplomatas sustentam os nossos direitos e velam pelos nossos mais legitimos interesses junto do governo de Sua Magestade o senhor D. Pedro II, basta dizer-se que a importancia dos espolios de cidadãos portuguezes fallecidos no imperio, depositada no thesouro do Brazil, monta a cerca de trinta mil contos. Nunca se publicou a escripturação relativa á procedencia de tantas e tão avultadas quantias. Os herdeiros d'aquelles cujos espolios foram arrecadados pelo governo brazileiro não

teem hoje meio nenhum de obter noticia da herança a que tenham direito. No thesouro do Rio de Janeiro é expressamente prohibido dar esclarecimento algum ácerca de similhante ponto. Ora, segundo a lei brazileira o direito á herança prescreve no espaço de trinta annos.

Até ha poucos annos a embaixada portugueza no Rio tinha por effeito dar á colonia a moda das ultimas casacas em dois ou tres bailes annuaes, e de sustentar patrioticamente em alguns jantares delicados o gosto da cosinha europeia contra as invasões indigenas da mandioca e do feijão preto. O ultimo dos nossos ministros na côrte do Brazil, o sr. Mathias de Carvalho, acabou com estes beneficios da representação elegante do velho mundo, supprimindo no palacio da legação os jantares e os bailes.

Considerado unicamente como enviado extraordinario da *toilette* lisbonense nos saraus do Catete, parece-nos que o sr. Mathias deve acharse antigo. Lembremo-nos que s. ex.ª deixou a metropole no tempo em que ainda se usava em bico a abertura dos colletes. Quem sabe poranto em que vergonhoso estado de colletes de bico se não achará hoje aquella triste embaixada!

Como quer que seja, ella não serve absolutamente para nada, a não ser para nos dar aos olhos dos brazileiros o ar impertinente, irritante, algumas vezes provocador, de uma importancia que não temos e de uma força que não usamos.

Emquanto nas regiões officiaes e diplomaticas vae medrando esta inercia justamente suspeita de já não saber vestir-se e de se alimentar nas trevas com pirão, o colono portuguez *engajado* para o trabalho dos campos é traspassado pelo fazendeiro que o *engajou* a outros fazendeiros que pagam um tanto pelo trabalho d'elle ao seu primitivo possuidor. Os colonos passam d'este modo de mão em mão como uma coisa alugada ou vendida. Muitos d'elles não se desempenham nunca da divida contrahida com o senhor, morrem na gleba e deixam os filhos herdeiros da servidão paterna.

. . .

Succede porém que a maior parte dos emigrados portuguezes não vão ao Brazil para serem empregados como trabalhadores nos campos. Ficam nas cidades e entregam-se ás pequenas industrias ou á aprendizagem do commercio. Segundo uma nota official do governo

civil do Porto o numero dos emigrantes sahidos d'aquelle ponto para o Brazil durante os ultimos dez annos foi de 24:000. N'este numero figuram 8:969 menores e 3:564 mulheres. A parte do paiz que envia maior quantidade de mulheres para o Brazil são os Açores. Estas mulheres são escripturadas ao chegarem ao Rio de Janeiro, muitas d'ellas a bordo mesmo dos navios que as transportam. Escolhem-se pelo aspecto physico : uns preferem as louras, outros as morenas. As mais bonitas são as que se acommodam mais depressa. Os fazendeiros encommendam-as do interior aos seus correspondentes : « Quando chegar o paquete proximo mande-me duas caixas de vinho do Porto e uma *ilhôa* gorda de dezoito annos e olho preto. »

Muitos d'estes emigrados, homens, mulheres e creanças, que não encontram de pronto uma collocação qualquer ficam na mizeria e entregam-se para terem de comer a todos os misteres, os mais baixos, os mais aviltantes, os mais ignominosos. Quem precisa de portuguezes não os vae buscar nunca a estas tribus dos preteridos : espera pelo paquete seguinte. A melancolica legião dos relegados vae-se augmentando assim progressivamente com os refugos de cada

carregamento. Estes miseraveis constituem no Rio de Janeiro uma parte numerosissima da colonia portugueza. Vivem junctos, agglomerados como gado, em umas especies de casa de malta ou de albergaria, a que chamam no Brazil *o cortiço.*

O *cortiço* é a mais affrontosa de todas as vergonhas nacionaes. É o corollario vivo da nossa decadencia. É o commentario profundo da nossa inepcia. É o espelho do nosso vicio, do nosso desleixo, da nossa corrupção.

Não se confunda o «cortiço» dos portuguezes no Rio de Janeiro com a «casa de malta» dos galegos em Lisboa. Da Galiza não emigram senão os homens. A galega rarissimamente vem a Portugal, permanece na sua aldéia creando e educando as suas creanças. A mulher portugueza é muito mais desgraçada : desterra-se como o homem, e desterra os seus pequenos.

No Rio de Janeiro, á noite, essa multidão infecta, andrajosa e faminta recolhe-se no *cortiço*, sem distincção de sexos nem de edades, em uma agglomeração completamente bestial. Dormem a esmo pelo chão n'uma premiscuidade torpe. A falta de hygiene, o excesso de trabalho, a fadiga, a insufficiencia do alimento produzem na-

turalmente n'essa população quasi nomada as viciações do sangue, as escrophulas e a thysica. Os contagios secretos e vergonhosos propagam-se e radicam-se no *cortiço* por um modo pavoroso, entre os adultos, as mulheres e as creanças. São frequentes entre esses desesperados os casos de alienação mental. Os doidos furiosos, á falta de hospitaes, são algumas vezes recolhidos, para não ficarem expostos ao desamparo e ao suicidio, nas cadeias do estado, em que o governo brazileiro lhes dá por caridade uma enxovia devoluta; outras vezes até as masmorras faltam. A desgraça levada a estas profundidades tenebrosas apaga no espirito dos que arrasta comsigo todas as noções moraes da dignidade, do dever, do orgulho, — do tão altivo como fragil orgulho humano! A miseria em taes quilates converte naturalmente o homem que subjuga na besta servil ou na fera. A indole nativamente doce do portuguez preserva-o da ferocidade. Resta-lhe fatalmente a servidão.

. · .

As benemeritas sociedades de soccorros e de beneficencia que existem no Brazil fundadas por cidadãos portuguezes são insufficientes para prover de remedio tão grandes males.

Se os transportes da nossa marinha percorressem o littoral brazileiro e concedessem passagem aos emigrados arrependidos, esses navios voltariam ao reino carregados de gente. Seriam alguns milhares de cidadãos perdidos, que d'esse modo se restituiram á patria.

. ˙ .

Mas, de resto, para que quereria a patria esses trabalhadores? Que destino lhes prepara? Que futuro lhes promette?

Esta é que é a questão.

O existirem na America alguns mil homens que ainda chamam a isto uma patria é um phenomeno que procede unicamente dos flagrantes erros da politica brazileira.

Tudo quanto um paiz, e principalmente um paiz novo, uma sociedade nascente e um solo inexplorado podem lucrar em receber no seu gremio todos os homens eminentes do resto do mundo, o Brazil tem-o desdenhado e perdido. Se no Brazil como no Washington o emigrado adquirisse ao chegar por meio de uma simples inscripção de recenseamento paga com cinco dollars, todos os foros de naturalisação, sem excepção alguma, até o direito de candidato á

presidencia da republica, o Brazil teria por esta simples medida desangrado Portugal dos seus espiritos mais cultos e das suas intelligencias mais vivas, assim como o tem já empobrecido pela absorção das mais energicas das suas forças physicas.

Caso extraordinario e verdadeiramente inexplicavel : Até hoje a unica opposição á emigração de portuguezes para o Brazil tem sido feita unicamente — pelo Brazil! Nunca lh'o agradeceremos com sufficiente gratidão. Parece que é elle o que tem estado constantemente querendo pelo que diz respeito ás colonias, colonisar-nos a nós antes de se colonisar a si mesmo. O Brazil tem denotado sempre pela sua politica, pela sua legislação, pela mesma arte, pela sua litteratura, pela sua opinião publica e pela sua imprensa, que elle tem dos emigrados esta comprehensão fabulosamente estranha : que quem os perde não é quem os dá, mas quem os recebe. Na analyse singelamente grammatical dos elementos da sua prosperidade, a America brazileira não tem sabido achar — o agente.

Ora nós é que não estamos certamente seguros, se continuarmos a repousar como até agora n'um tal ou qual equilibrio economico que não

tem mais fundamento do que um grosso erro brazileiro de syntaxe.

. · .

O Brazil, por maiores que possam parecer os obstaculos que o separam da perfeição, não está menos destinado por isso a um grande papel no mundo civilisado. Quando a escravatura tiver completamente desapparecido, quando aquella sociedade, que se baseava na servidão, se basear deffinitivamente na liberdade e na justiça, o Brazil será o paiz riquissimo de um grande povo. É possivel que os interesses dos fazendeiros diametralmente oppostos aos dos trabalhadores livres produzam ainda por algum tempo uma resistencia nociva ao progresso. Poderá ainda vir a guerra como uma expiação providencial e terrivel. Lincoln, referindo-se á guerra dos estados do sul com os do norte, proferiu em uma das suas mensagens como presidente da republica estas palavras profundas de fé na eterna justiça : Os escandalos são precisos, mas desgraçados d'aquelles que lhes dão causa ! Se podemos suppôr que a escravatura americana é um d'esses escandalos permittidos por Deus, mas que a elle lhe apraz destruir ; se elle des-

encadeou a um tempo ao norte e ao sul essa terrivel guerra como o devido castigo para aquelles que produziram esse escandalo, poderemos nós vêr n'isso a derogação dos attributos que todos aquelles que creem em Deus lhe reconhecem?... Esperemos que essa guerra maldite acabe. Se porém a vontade de Deus é que ella continue até que a riquesa adquirida durante duzentos e cincoenta annos pelo trabalho dos escravos se extinga, até que cada gota de sangue arrancado pelo açoite seja resgatada por uma gota egual de sangue arrancado pela espada, repetiremos n'este caso o que se dizia ha tres mil annos: os juizos de Deus são justos e rectos.

Quaesquer que sejam no Brazil os males novos com que um bem repentino possa temporariamente aggravar os males antigos, nenhum brazileiro justo e honrado poderá deixar de repetir a palavra evangelica do immortal iniciador da liberdade no novo mundo.

A civilisação e a paz duradoura virão a final necessariamente e fatalmente com a transformação economica do Brazil fundada na liberdade, na justiça, e no grande sentimento americano da confraternisação universal de todos os espiritos e de todos os povos.

. · .

Em Portugal ou continuará ou não o progresso da decadencia.

Se continua, seremos impreterivelmente absorvidos como incapazes da independencia e como indignos da liberdade.

Se a nossa decadencia encontra um embate poderoso e energico, teremos então consumada a revolução social.

Ora a revolução poderá ser feita por dois modos: ou pela sabedoria do poder ou pela anarchia das massas.

No primeiro caso a reforma economica poderia operar-se pacificamente na independencia completa da revolução politica. O que seria um grande bem, porque as revoluções politicas não servem nunca senão para deslocar interesses e abusos das mãos de uns que comiam para as mãos de outros que vão comer.

No segundo caso haverá uma conflagração geral. As ambições victoriosas da plebe assaltarão o poder, invadirão os mais altos dominios do estado e na sua guerra de exterminio á burguezia anniquillarão a tradicção constitucional e monarchica. E não poderemos então admirar-nos de que queimem tudo o que nós

adoramos aquelles a quem nós negamos systematicamente e absolutamente tudo quanto elles admittiam.

Resta agora aos poderes constituidos o optarem por uma d'essas duas soluções: ou adiantarem-se rapidamente para a revolução pela sciencia, ou esperarem a explosão d'ella pela revolta.

A crise que ha de determinar um d'esses resultados está mais proxima talvez do que geralmente se cuida. A emigração leva-nos do paiz os homens mais válidos e os mais possantes trabalhadores. No entanto a agricultura carece de braços. A producção da terra, no deploravel abandono em que ella se acha, não dá, em partes, para o imposto e para o salario. O preço das subsistencias cresce proporcionalmente n'uma progressão assustadora. Finalmente no dia da primeira *grève* dos operarios dos campos todos nós ficaremos sitiados pela fome.

Não obstante, alguns milhares de colonos portuguezes espalhados pelo Brazil mendigam soccorros para regressarem a Portugal, e no Alemtejo enormes áreas de optima terra vegetal continuam devolutas — e hypothecadas!

. · .

Isto posto, leitor amigo, sentemo-nos commodamente, e preparemo-nos para escutar com attenção e respeito o que vem propôr-nos a commissão parlamentar encarregada d'estes estudos, por via do orgão tão conspicuo como nasal de Barros e Cunha — o calvo!

No theatro de D. Maria, primeira representação do drama *Os sabichões*, em quatro actos, por Ernesto Biester.

O objecto d'esta peça, o assumpto que ella toma da sociedade para o resolver na scena é tão peregrinamente inesperado, tão retumbantemente original, que não podemos deixar de lhe consagrar algumas linhas de contemplação e de analyse.

. · .

Uma senhora, casada em Bragança com um marido velho de quem não gosta, namora-se do secretario do governo civil do districto, individuo novo e solteiro. O velho marido morre, a

viuva é livre, o secretario do governo civil tambem é livre, ambos são de maior edade, ambos catholicos apostolicos romanos, ambos vaccinados, ambos livres do recrutamento, ambos com folha corrida, ambos gostando immenso um do outro.

Eis a situação... situação terrivel arrancada com mão firme e corajosa das entranhas corruptas de uma sociedade desorganisada! O olho perspicaz e profundo de Biester descobriu, por entre os rasgões investigadores do seu escalpello implacavel, este cancro pavoroso! Patenteando esse caso, descarnado, na arte, aos olhos pavidos das multidões, o auctor aclara uma infinidade de phenomenos sociaes e physiologicos do mundo moderno e explica muitos outros com esse simples traço vivo, palpitante, luminoso, das existencias contemporaneas — a saber:

Dado um districto administrativo com um secretario geral namorado de uma viuva, a mesma viuva namorada do mencionado secretario geral do dito districto.

.˙.

Oh! a situação é boa, é grande, é profundamente commovedora e dramatica! Não se está

vendo que ella abraça o immenso espaço do mundo moral, do mundo psychologico, do mundo politico e do mundo physico, em que se debatem os mais interessantes problemas que actualmente agitam os espiritos, os temperamentos, as curiosidades scientificas, as ambições devoradoras e as paixões secretas e insaciaveis?!... É ao mesmo tempo o amor e a descentralisação districtal—é a paixão, é a reforma administrativa, é o funccionalismo, é a viuvez e é Bragança! Que tela! que quadro! que agrupamentos! que fundos! que perspectivas!

. · .

Todavia, no theatro, possuir unicamente uma situação, compenetrar-se d'ella, comprehendel-a inteiramente, e dominal-a, não basta. É preciso ter ainda um segundo trabalho, mais grave, mais delicado, mais scientifico e mais profundo: decidir e desenlaçar a situação proposta.

O problema está dado. Temos a viuva namorada do secretario do governo civil, e temos o secretario do governo civil namorado da viuva. Ahi está patente, claro, indiscutivel, fatal e tremendo esse extraordinario caso, esse arrojadissimo encontro — em dado ponto do tempo e do

espaço — de dois entes, elle e ella, cuja approximação dará necessariamente em resultado o choque dos elementos heterogeneos que um e outro representam. Elle, por seu lado, homem, solteiro, secretario do governo civil! Ella, á sua parte, em primeiro logar, mulher! e ainda por cima, viuva! Que contrastes, ó meu Deus! que assombrosos e horriveis contrastes vós algumas vezes permittis que se dêem no embate das vossas creaturas! E todavia como tudo isto é verdadeiro! Como em tudo isto se sente o profundo caracter humano, a vida! Este, homem e solteiro; aquella, mulher e viuva. Elle porém é secretario do governo civil, sel-o-ha ella tambem, pelo menos? Não. Elle só é que é secretario do governo civil. Ella, a misera, não o é!

Notem agora mais: todas estas coisas succedem — onde? Em Bragança!

Toda a gente, sem excepção alguma, todos os que conhecem Bragança como se a tivessem trazido pendurada ao pescoço desde o primeiro dos seus dias, bem como todos os que ignoram quanto ha de mysterioso na secreta verdade da posição geographica de Bragança, seriam de opinião que o modo de desenlaçar esta situação

dramatica, que no theatro nos apparece por espaço de quatro actos, seria, naturalmente, que o secretario geral e a viuva se casassem...

Pois bem: Biester, por um d'esses arrojos da imaginação a que só o genio se aventura, foi exactamente da opinião de todo o mundo: casou o secretario e a viuva.

Todos diziam que visto o estado em que estavam as coisas não poderia evidentemente succeder senão isso. Biester deixou-os dizer; elle, o audaz, não tremeu, levantou-se pelo contrario arrebatadamente diante do seu seculo e da sua sociedade, e disse — o mesmo que diziam a sua sociedade e o seu seculo!

Logo no principio do primeiro acto, apenas o temivel problema, que constitue o pensamento da peça, se enuncia, comprehende-se que o amor dos dois personagens, visto que não ha absolutamente obstaculo nenhum que o empeça, deve terminar pelo casamento; o resto do primeiro acto, o segundo acto todo, o terceiro acto desde o principio até o fim, e o quarto acto desde o começo até o desenlace final, confirmam brilhantemente a philosophia de tal solução.

Sómente occorre perguntar uma coisa: por-

que se não casaram elles antes de começar a peça?

. · .

Porque — se elles se casassem antes de começar a peça, como á primeira vista parece logico que tivesse succedido por isso que a peça em nada intervem, nem para que elles casem nem para que elles não casem, succedia que a protogonista deixaria immediatamente, por esse facto, de ter um pretexto acceitavel para andar durante uma noite a entrar e a sair da scena movida pela logica das situações, que a obriga a apparecer de quando em quando, com um vestido, e a retirar-se em seguida para ir pôr um vestido novo. Os actores perderiam tambem uma boa occasião de produzirem algumas das suas gravatas.

Verdade é que por este lado tudo se podia remediar sem prejuizo do interesse, concorrendo os actores sobre a scena em silencio concentrado e mysterioso, e havendo apenas um personagem que dissesse: « Agora acaba o acto para esta senhora ir pôr uma *polonnaise* e para este senhor mudar de calças. »

Recebido porém este alvitre, apparentemente o mais sensato, os merecimentos artisticos do

auctor ficariam privados de todo o applauso do publico, pelo menos até o momento em que o contra-regra apparecesse no fim e dissesse: « Declara-se que são feitos exclusivamente pelo sr. Biester — os vestidos da sr.ª Emilia Adelaide e os casacos do sr. Brazão. »

Além do que, por tal modo, o dramaturgo seria ainda cohibido: de fallar em Hegel como um opprobrio, de citar como exemplares e modelos dos trabalhos da geração nova Shelegel na philosophia, Humboldt na sciencia, Victor Hugo na litteratura, e Shakspeare no drama, e finalmente de apresentar ao publico o typo dos *Sabichões*. Portanto: a peça.

. · .

Ora, emquanto a Shelegel, a geração nova tem de fazer notar ao sr. Biester que esse interessante sujeito é a todos os respeitos da geração antiga.

Emquanto a Humboldt, velha inviolabilidade official, o qual, como todas as consagrações dogmaticas, damnificou por muito tempo a profundidade dos estudos e os progressos experimentaes da sciencia, elle tem sido ultimamente tão rigorosamente batido no Washington

e em Berlim, que a justiça poderia talvez absolvel-o da punição de ser citado ainda em D. Maria, com vista de bosque, pelo sr. Theodorico, pae nobre.

No que toca a escrevermos todos tão bem como Victor Hugo e Shakspeare, achamos o conselho de todo o ponto bom e digno de se seguir. Sómente receamos que por parte dos escriptores se manifestem resistencias. Esta manhã, por exemplo, lêmos nós no *Diario da Tarde*, um dos mais vivos e mais espirituosos jornaes do paiz, uma correspondencia escripta de Lisboa pelo sr. Theotonio Patricio, na qual se dá o *compte rendu* da nova peça do sr. Biester em um estylo, que não é facil confundir com o das *Orientaes*. Todavia como o dito sr. Theotonio Patricio, além de escriptor, nos dizem que é tambem escrivão, bem póde ser que este litterato, simples Theotonio nos artigos, seja perfeito Victor Hugo nos autos. Não teremos portanto uma grande duvida em acreditar que depois de nos ter dado conta de uma obra d'arte no estylo rudo de quem refere que a ré furtou á parte uma caixa de prata, o sr. Patricio, chamado em seguida a consignar o crime na costaneira da lei, tome na Boa Hora a attitude

scismadora e imaginosa que o sr. Biester lhe recommenda, e lance no auto : que a testemunha, suspensa da rede, bate com timido pé a frescura da onda !

E outros... Melicio, por exemplo ? quem sabe até que ponto poderá ir a vehemencia de Melicio perante a austera, a tremenda prescripção de Biester ? Quem será o bastante animoso para ir a casa de Melicio e dizer-lhe :

— Melicio ! venho de Biester e trago ordens. Melicio, seja immediatamente Shakspeare ! Melicio, escreva-me já aqui n'este papel *Romeu e Julieta !*

Não aconselharemos a ninguem que o faça. Perante similhante provocação Melicio transformar-se-hia em fera... Oh ! nós conhecemol-o bem ! elle tem a reduzir-se a Shakespeare uma aversão meditada e terrivel : se lhe fallarem n'isso, o despeito poderá leval-o ao crime !

De modo que, é talvez licito recear que não obstante os saudaveis conselhos litterarios do sr. Biester, continuemos todos a escrever tão mal que Victor Hugo não tenha, como até aqui, ninguem que cumprimentar na litteratura portugueza senão o sr. Brito Aranha.

. ˙ .

Pelo que diz respeito ao typo dos *Sabichões* exposto ao publico pelo sr. Biester notamos o seguinte:

Pretendendo-se transportar para a scena os escriptores de sciencia mal digerida que fallam do que não sabem e decidem do que não entendem (os Sabichões), parece que deveria o autor tomar da classe que pretende pintar os caracteres essenciaes que a distinguem e tornar esses caracteres, que achou dominantes na naturesa, dominadores na arte. É como Taine define a missão do artista.

Posto isto, se os caracteres pintados pelo auctor não forem os dominantes, ou se elle não tiver a sciencia de os tornar dominadores, a obra será simplesmente imperfeita e mediocre. Se porém o artista, representando-nos um certo meio social, não toma os caracteres essenciaes d'esse meio, mas em vez d'isso lhe attribue caracteres extranhos, a obra então é falsa. Se esses caracteres, além de estranhos, são offensivos, a obra passa desde esse momento a ser calumniosa.

Os *Sabichões*, do sr. Biester, que são litteratos porque se occupam de todos os estudos mo-

dernos, e que são escriptores porque um d'elles tem publicado um livro de critiça e o outro um livro de versos, não são sómente pretenciosos, arrogantes, insipidos, pedantes e tolos, são tambem infames — intrigam nas familias, desacreditam as mulheres honestas, difamam, escrevem cartas anonymas.

Ora os homens que em Lisboa se empregam mais ou menos em trabalhos litterarios e scientificos, os que «publicam livros de critica e livros de versos» não teem como distinctivo, nem dominante, nem particular nem sequer excepcional do seu caracter, frequentar as familias, intrigar, calumniar, difamar, escrever cartas anonymas. Os individuos que fazem essas coisas — já o disse com justiça um jornal — não se chamam os *Sabichões*, chamam-se os *Tratantões*.

Pois muito bem: Nós acrescentamos, que fazer o tratante e chamar-lhe o sabichão é calumniar o sabichão, e é mais ainda: é infamar ao mesmo tempo os individuos todos da classe em que os sabichões se encorporam pelo facto de «escreverem e publicarem livros de critica e livros de versos.»

Portanto:

A obra do sr. Biester, em primeiro logar, é

imperfeita, em segundo logar é falsa, e em terceiro logar é calumniosa.

Estamos porém perfeitamente convencidos de que o auctor dos *Sabichões* não é um calumniador. Não lh'o dizemos por amenisação ridicula e piegas de stylo. Não nol-o agradeça sob esse ponto de vista. Se o que escreve estas linhas deduzisse, por um processo critico de analyse a uma obra publicada, que o auctor d'ella era fundamentalmente um calumniador e um infame, dizia-o, tinha o dever de dizel-o, e dizia-o com a mesma despreocupação e a mesma simplicidade como diria qualquer outra verdade: por exemplo, que é dia agora e que está a chover.

O que por emquanto queremos consignar é:

Que o sr. Biester, fazendo os *Sabichões*, deu inconscientemente á sua peça um relevo absurdo, e foi um artista tão deploravel que chegou a parecer um deploravel homem.

Parece que todos assim o entenderam, pois que em uma noticia de jornal ácerca da primeira representação d'esta peça lemos que os «sabichões presentes na sala» a patearam... evidentemente pela razão de que a acharam inoffensiva e mais semsabor do que maligna. Antes assim. Quando perante uma obra d'arte se le-

vantam iradas as bengalas de uma platéa é melhor que ellas comprehendam que devem antes quebrar-se nas costas dos bancos do que nas do auctor.

. · .

Ainda uma observação e será a ultima:

Um dos personagens que na obra do sr. Biester representa o elemento litterario, grave, serio, consciencioso e instruido, emprega a palavra *cujos* em vez da palavra *os quaes* — erro hediondo que nunca ouvimos proferido fóra do palco do theatro de D. Maria, senão uma vez — um sabbado — pela nossa lavadeira.

Leva-nos isto a pedir ao sr. Biester que, deixando aos outros Shelegel, Humboldt, Victor Hugo e Shakspeare adopte por algum tempo para seu uso pessoal — Lobato; e que entre os variados e complexos ramos do saber humano o sr. Biester cultive especialmente aquella parte aliás tão interessante da grammatica que se refere — ao pronome.

A illustre e benemerita sociedade das scien-

cias medicas tem-se occupado, em todas as suas sessões celebradas no decurso do corrente mez, da importante questão das bexigas, que lavram prodigiosamente os habitantes de Lisboa, matando uns e desfigurando outros, o que é uma dupla calamidade, principalmente em Portugal, onde mesmo sem as bexigas tanta gente morria já por outras causas e tanta outra mantinha com vigor os seus direitos a ser considerada feia por outros fundamentos!

. · .

Mas o processo empregado pela sociedade das sciencias medicas para combater o terrivel flagelo parece-nos em demasia novo. Porque suas excellencias os medicos, occupando-se particularmente de averiguar no seu congresso se a vaccina deve ser facultativa ou obrigatoria, se a obrigação se deve impôr por meio de multa, por cadeia, pela rescisão dos direitos civis ou por outros termos, figura-se-nos que o que debatem é evidentemente a politica, e não a therapeutica.

O processo é em verdade novo, porém não é mau. Nós vemos com prazer os senhores medicos, postos n'esse caminho, invadirem docemente por via da receita, do medicamento e da

dieta os dominios parlamentares e burocraticos do projecto de lei, da portaria e do decreto. Declaramo-nos inteiramente favoraveis a esta ampliação dos direitos medicinaes. Que os senhores facultativos tomem conta do estado. Curem-nos e governem-nos. Apoderem-se-nos dos ventres e das matrizes; vejam-nos a lingua e taxem-nos a decima. Se os ministros não governam, ventosas nas fontes! Se as camaras não legislam, causticos nas costas! Combinados sabiamente com a carta e com o acto addiccional, os emeticos ajudarão a natureza.

. ˙ .

Lembramos apenas que seria vantajoso que se dissessem algumas palavras ao paiz sobre esta nova distribuição dos poderes. Que se saiba bem o que toca ao executivo, o que compete ao moderador e o que incumbe ao medico. Agora que vão ser abertas as cortes seria propicio o momento. O discurso da corôa poderia dizer, por exemplo, o seguinte:

. ˙ .

« Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza.

«Cumprindo gostosamente o preceito constitucional, venho n'esta occasião solemne, rodeado pelos representantes da nação, annunciar-vos que varias e importantissimas propostas de lei vos serão apresentadas — pela illustre sociedade das sciencias medicas.

«O meu governo pela sua parte vos dirá quaes os meios scientificos que empregou — para curar os povos atacados de bexigas.

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza. O governo entendendo que a questão das bexigas é actualmente muito mais importante do que a questão das colonias, resolveu, como vedes, obrigado pelas urgencias da vaccina, a eliminar do seu gremio o sr. Jayme Moniz, ministro da marinha, substituindo vantajosamente este cavalheiro—por uma vacca.

«Confio inteiramente na vossa sabedoria e patriotismo em favor da therapeutica, do governo, das leis, da felicidade publica e da vacca.

« Está aberta a sessão. »

Nos ultimos dias do semestre findo no mez corrente, innumeras mudanças de casa em todas as ruas de Lisboa.

Pela nossa parte contámos cincoenta e nove transportes de mobilia. Não vimos — nem nós mesmos nem nenhum dos nossos informadores — entre os *ménages* transportados, uma unica banheira.

Pelo que deduzimos: que Lisboa continua a não lavar o seu corpo.

Se no semestre que entra a sociedade das sciencias medicas tiver liquidado a questão das bexigas — a não serem antes as bexigas que no mesmo semestre liquidem a questão da sociedade das sciencias medicas — propomos á consideração dos doutores este assumpto:

A banheira obrigatoria.

A universidade de Coimbra continua indefinidamente celebrando a festa do seu glorioso centenario.

Porque o programma da festa do centenario

da universidade de Coimbra tinha differentes partes. Tinha a parte musical, a parte pyrotechnica, a parte numismatica, a parte culinaria e a parte scientifica. Tocaram-se todas as musicas, lançaram-se todos os foguetes, cunharam-se todas as medalhas commemorativas do caso, e não só se comeu todo o arroz doce tributado á consagração do grande dia pelas familias dos senhores doutores, mas até se comeria mais — a tal ponto foi profunda a commoção e vivido o enthusiasmo de toda a universidade!

Unicamente na parte scientifica e litteraria está-se desempenhando ainda o programma, porque não poderam ser concluidas por emquanto as memorias cuja publicação se annunciára.

Portanto a festa continua, e emquanto as memorias não apparecerem o jubilo da universidade pela fausta celebração do seu glorioso centenario conservar-se-ha — indiscriptivel!

Na aula do primeiro anno de chimica da universidade de Coimbra um alumno despejou so-

bre a cabeça do sr. doutor Leão, lente, uma chocolateira de agua a ferver.

Ora como a universidade, entre outras operações scientificas com que projecta festejar o centenario, tem em mente um projecto de reforma de estatutos, tomamos a liberdade de sugerir a conveniencia de se consignar no programma novo dos estudos um convite ao estudante para que este se cohiba, tanto quanto possivel seja, de derramar agua a ferver em cima dos professores.

Não que o argumento da agua a ferver pela cabeça nos não pareça inteiramente decisivo, mas porque receamos que generalisada um pouco esta dialectica, o corpo docente venha dentro de algum tempo, á força de argumentar com os alumnos, a não ter para metter dentro dos capellos senão cabeças — cosidas.

Em um dos dias d'este mez parece que nas aulas da universidade um estudante dissera que era christão, — o que todavia, segundo elle, não queria inteiramente dizer que admittisse a di-

vindade theologica de Jesus. O que o sr. doutor Jardim, professor, apoiou.

Um jornal catholico de Coimbra aggride o doutor Jardim pelo seu opoio official aos que duvidam da divindade de Christo. Alguns periodicos liberaes deffendem o acto do professor.

. ˙ .

Nós pediremos licença para fazer uma distincção:

Se o sr. doutor Jardim foi levado pelos seus estudos da methaphisica e das religiões a differençar como racionalista a convicção christã e a interpretação theologica de Deus, o sr. Jardim, fazendo publica essa affirmação scientifica, tem direito a ser visto e respeitado como um pensador sincero e um philosopho plausivel.

Se porém o sr. doutor Jardim é entre os livres pensadores menos pensador do que livre, se sua ex.ª é apenas atheu ao modo dos guerreiros de 1834—hoje reformados—que se bateram pela extincção dos conventos, e que principiaram a embirrar com Deus em virtude d'esta comprehensão — aliás vulgar entre os antigos coroneis — de que Deus era frade, então, o sr. doutor Jardim é ridiculo.

. · .

No primeiro caso diremos ao senhor lente—pensador positivo — com o devido acatamento e respeito: que a universidade de Coimbra, como o marquez de Pombal a organisou, é catholica apostolica romana, e que sua ex.ª, racionalista, deveria antepôr a defesa da liberdade religiosa á pratica da liberdade de ensino, e antes de discutir a religião imposta pelo instituto a que pertence, tombar o instituto que lhe fixa uma religião indiscutivel.

. · .

No segundo caso diremos a sua ex.ª — impio de caserna—que modere a sua impavidez, porque se lhe é permittido considerar longinquo o abysmo em que o reprobo encontra o ranger dos dentes, ahi bem perto da cadeira de sua ex.ª ha a aula de chimica, onde a livre discussão ergue sobre a fronte dos precitos — a tremenda chocolateira das aguas que fervem!

O sr. visconde de Monte São fez ultimamente

á mocidade academica uma revelação formidavel. S. ex.ª, professor na universidade, disse da sua cadeira

Que a faculdade de philosophia — ia levantar a bitola.

. ˙ .

E ahi teem, em bem poucas palavras, um grande successo verdadeiramente memoravel! Reconhecimento e gratidão ao visconde de Monte São, que depois de cem annos de rotina, acha bem que na universidade de Coimbra a philosophia — levante a bitola!

O que não irá na Allemanha, entre os sabios, quando elles de lá virem a philosophia portugueza apresentar-se ao mundo — de bitola levantada!

Um dos mais espirituosos dos nossos amigos citava-nos ha pouco tempo as dançarinas como um thermometro das influencias do meio nos productos da elegancia. A dançarina que chega a Lisboa é, no primeiro anno, vaporosa; no segundo anno é redonda; no terceiro anno é chata.

Sendo o corpo de baile que actualmente se acha em S. Carlos o mesmo que vimos ha quatro annos, o publico antes de hontem pateou-o.

Pobre corpo de baile! O que elle todavia inspirava era mais o desejo de se lhe abrir uma subscripção do que vontade de se lhe dar uma pateada...

Entre velhos bastidores, representando arvoredos e jardins da côr de presuntos de fumeiro, umas vinte mulheres, de riso idiota, dentes sujos e olhos contornados a carvão, surgem n'uma onda de estafadas bareges. A uniformidade e a pobresa dos vestidos dá-lhes á *toilette* o aspecto miserando de educandas fugidas de um recolhimento de caridade. Teem os braços magros, caiados com giz, as mãos grandes e ossudas, as pernas grossas, de musculos desenvolvidos como as dos carrejões e dos funambulos.

Sobre o soalho enegrecido, em que se desenham os arabescos do regador, ellas veem nos bicos dos pés, caminhando para o proscenio ao som dos violinos, aproximando-se da indifferença e do desdem da sala, com os beiços arregaçados em sorriso, um dos braços, arqueado para cima da cabeça, evidenciando o osso de

um cotovello aspero e escuro; os dedos da mão esquerda, entumecidos e avermelhados pelas frieiras, apontando o coração.

Chegam á linha do proscenio, sobre o gaz da rampa, arquejantes, suando tinta branca e carmim; suspendem-se então, arqueiam-se para traz e estendem-nos—para nós peninsulares!—os seus grossos e chatos pés saxonios, calçados em sapatos de setim esfarpado e sujo.

Pobres raparigas! algumas d'ellas teem o peito estreito e concavo, de uma configuração de mau agouro, tossem no bastidor, e algumas vezes os sulcos do suor no pó de arroz descobrem-lhes em volta dos olhos circulos escuros e profundos.

Coitadas! Não, não seremos nós que vos pateemos! Emquanto vamos lá fóra fumar um charuto no café, passeae em paz e em bicos de pés, ao som da valsa, as redes dos vossos *maillots* e o môfo dos vossos *tulles* amarellados. Que Deus vos preserve do flagello dos calos, e vos conceda logo, á sahida, um espesso e succulento bife, e um bom copo de vinho secco, para que possaes vir a ter um dia as sólidas carnes macissas dos carpinteiros que vos estão espreitando do urdimento como se vós fosseis estrellas cahidas do

ceu para cima das nodoas lamacentas d'essas tabuas!

. . .

Como porém alguem pateasse o corpo de baile, a policia interveio, a guarda municipal oppoz-se, o sr. commandante prendeu os espectadores mais descontentes e mandou encarceral-os no Limoeiro.

Todos sabem que não ha disposição nenhuma na carta nem no codigo que auctorise a jurisprudencia a considerar a pateada ás dançarinas como uma aggressão, ou ainda como um simples desprimôr para com a municipal. Por consequencia desde o momento em que o sr. commandante da guarda se considera contrariado na sua dignidade official por aquelles que pateiam um corpo de baile é absolutamente preciso para que esta contrariedade se explique que o mesmo sr. commandante tenha primittivamente dado palmas. Ora, n'este caso, parece-nos que pretender s. ex.ª que sempre que s. ex.ª der palmas os espectadores todos de S. Carlos se ponham de cocoras, é da parte de s. ex.ª uma ambição tragica a parecer-se demasiado... com o rei Bobeche.

Que s. ex.ª estabeleça estas praticas de sub-

missão e de obediencia nas fileiras do seu regimento comprehende-se. Quando s. ex.ª se achar á frente do seu exercito de patrulhas, que ao bater s. ex.ª as palmas, todos os seus soldados se prostrem no chão em vassalagem, cosendo os ventres submissos ao campo das batalhas, nada mais sublimemente disciplinar e offenbachico! Que ahi—sempre no regimento—s. ex.ª mande decapitar Alvares, praça da sexta companhia, ou o conde Oscar, cabo da terceira, porque qualquer d'elles teve a imprudencia de bater o pé a algumas cantatas, bem, muito bem, muitissimo bem! Viva Boheche!

Mas em S. Carlos, n'um theatro, n'uma sala, entre cidadãos armados apenas dos seus binoculos... No meio de senhoras desprevenidas, que não esperavam a catastrophe, que não trouxeram os seus saes, nem os antipasmodicos, nem o livro de orações, nem o commodo *fauteuil* em que estão habituadas a achar-se mal... Ahi, sob o lustre, no fremito das conversações espirituosas, na doce palpitação dos leques, no perfume dos pós de *maréchale* e das luvas de oito botões... Quando os nobres e os cavalleiros destinados a cultivarem as artes da paz discreteando com as suas damas, deixaram as lanças inven-

civeis nas salas d'armas dos seus castellos, ao lado dos languidos bandolins em que nas vesperas de toiros se tange o *fado rigoroso*... Quando os mesmos plebeus deixaram as bengalas penduradas no vesteario por cima das galochas... Quando Sua Magestade a Rainha se acha na sala, ella mesma, o mimo, a graça, a alta elegancia na sua expressão mais pura, o vivo ideal da feminilidade dos tempos cavalheirosos da inspiração da meia edade, em que os cavalleiros e os poetas se matavam ás estocadas pelo seu Deus e pela sua dama, sem ir ninguem para o Carmo... N'estas especiaes circumstancias apparecer um guerreiro com a sua espada á cinta e o seu kepi na cabeça e principiar a levar para as masmorras os sujeitos que desapprovam o baile, isto — permitta-nos a policia e a guarda municipal que lh'o digamos — isto excede os limites que se concedem ao comico.

É verdade que a arte scenica nos tem dado por vezes a exposição de casos analogos em operas comicas passadas no ducado de Gerolstein e no principado de Monaco; e ninguem poderá levar a mal que a guarda municipal concorra com os srs. Meilhac e Alévy no genero das obras d'arte que delibere dar-nos em espectaculo.

Unicamente lembramos uma coisa: é que os srs. Meilhac e Alévy permittem á galeria, quando a galeria os desapprova, o direito de atirar-lhes com batatas cosidas e de soltar gritos imitantes da voz de varios brutos. Quereriamos saber: se a guarda municipal concorda em que a opinião se manifeste egualmente perante os seus ardores guerreiros, os seus apparatos bellicos, os seus despotismos cesareos — e a sua protecção ás danças.

Porque n'esse caso pedem-se os legumes, e vamos cantar de gallo.

Alguns episodios da festa do Natal.

Em um annuncio de amor publicado n'um periodico no dia seguinte á missa do galo deparam-se-nos estas linhas:

Não te encontrei na egreja como tinhamos combinado. Dize-me onde te poderei vêr. Saudade eterna.

As folhas do Porto annunciaram que no palacio de Cristal seria exposto ao publico um brilhante presepe, representando o nascimento de Deus menino. Com a exposição d'este quadro sagrado coincidiria no mesmo local a representação de uma comedia intitulada

Quem é o pae da creança?

. ˙ .

Parece-nos que:

Se em vez do nascimento de Jesus, fosse o anniversario natalicio do sr. Fontes Pereira de Mello o caso que se tivesse em vista celebrar, ninguem ousaria fazer representar publicamente, ao lado da alegoria em que o menino Fontes Pereira de Mello apparecesse recemnascido no seu berço — com uma perna fóra da roupa e um dedo mettido no nariz —, uma farça ridicula e baixa, intitulada um pouco torpemente *Quem é o pae da creança?*

. ˙ .

Egualmente nos parece que:

Se em vez de ser na missa do galo, fosse em uma *soirée* dada pelo sr. Antonio de Serpa, que o annunciante a quem acima nos referimos désse pela falta da depositaria da «sua saudade eterna»,

o mesmo annunciante se não atreveria a queixar-se pelos periodicos á sua amada de a não ter visto na vespera, decotada e suspirosa, nas salas do ministro da fazenda.

. · .

Pelo que deduzimos:

Que ha mais fé na inviolavel omnipotencia de dois pobres ministros constitucionaes, enfesadas creaturas debeis, franzinas, com catarrho e camisolas de flanella, do que no simples poder modesto, obscuro e humilde de um outro, que é apenas — Deus.

Mas, presadissimos concidadãos catholicos apostolicos romanos, se os senhores entendem que a influencia de Deus está tão deprimida que Elle não pode já dar-lhes o habito de Christo nem despachal-os aspirantes da alfandega;

Se o não admiram por Elle ter feito simplesmente a luz e o universo, não tentando nunca fazer os romances sentimentaes, nem os sorvetes de marrasquino;

Se tambem o não amam, porque Elle, dando-se a crear as ultimas coisas — as mais asquerosas e as mais vis — dá os sapos e dá os persevejos, e não dá os deputados nem os viscondes;

Se egualmente o não temem, porque emfim não será Elle, que veiu uma vez ao mundo para lhes dar a liberdade e o amor, quem volte cá outra vez para demittir do seu emprego o atheu sr. A., amanuense sem orthographia, ou para quebrar uma bengala nas costas do atheu sr. B., maldizente e covarde...

Seria n'este caso talvez mais digno, mais delicado, de melhor gosto, que os senhores se mostrassem simplesmente indifferentes a esse pobre bom Deus ao qual sobrepõem em consideração, em respeito, em amor e em estima o sr. Antonio de Serpa, ministro da fazenda, e o sr. Fontes, presidente do conselho.

Vão devotamente depôr em casa d'esses os seus respeitos, as suas preces, os seus votos, os seus memoriaes e os seus bilhetes de visita; façam-lhes promessas, entoem-lhes novenas, accendam-lhes velas bentas. E cortem completamente as suas relações—com o outro. Nada receiem, porque Deus não se offenderá com isso. Não será por os senhores deixarem definitivamente de lhe tirar o chapeu que elle virá intrigar na secretaria para que se supprima uma gratificação de quatro libras, ou que fará discursos para que não vingue a candidatura do deputado

por Bajoica ou se não faça a estrada em projecto para Celeirós.

Depois, a indifferença com Deus terá principalmente a vantagem de ser muito mais aceiada nos costumes do que uma religião que dá em resultado celebrar a divindade com festas em que, nos bazares, se allia a apotheose com a farça de cordel, e em que, nas egrejas, se dá *rendez-vous* ás cosinheiras esquivas que se namoram por annuncios de jornaes, a 10 réis.

. · .

Em um salão de altas finanças antes da missa do gallo:

Armou-se a arvore do Natal, illuminou-se um pequeno pinheiro plantado em um caixão verde; penduraram-se na arvore, por entre as vélas e os globos do gaz, os bonecos, os cartuchos de pastilhas e os livrinhos illuminados, e mandaram-se vir alguns pequenos com o pretexto de mostrar aos adultos uma *soirée* allemã. Não se dança; tambem se não conversa. Abrem-se os quartos e mostra-se a mobilia, os tapetes, os candelabros, as cortinas, as floreiras sem flôres, os quadros com reproducções baratas, as

estatuas fundidas, os bronzes imitados em zinco, os livros virgens, os creados immobilisados pelo peso estranho das luvas brancas de algodão, que não calçam senão tres vezes por anno. N'um quarto de dormir, esquecida, espreitando para fóra com a curiosidade compromettedora, labrega, estupida, de uma parenta que ficou tendeira, vê-se debaixo de uma cama de rendas e seda côr de rosa, uma chinella torpe.

A dona da casa mostra ás suas amigas os presentes que recebeu:

—Este *prie-Dieu* foi o papá que m'o deu para ter aqui aos pés da minha cama, sobre o tapete de arminho, defronte do meu Christo de marfim, com o meu livro de orações de fechos de oiro e letras gothicas esmaltadas. Oh! como se está bem aqui! que recolhimento e que paz em Deus! Vê como se fica bem de joelhos... Toma-se a linha que tem a figura de Maria Antoinette, commungando, em uma gravura que eu vi na Margotteau. Deixa-me erguer por um momento as mãos, minha amiga, deixa-me elevar o meu pensamento ao céo... «Meu amado Jesus! sêde comigo e protegei-me...» Olha que é de ebano, querida, de puro ebano esculpido, com estofo de setim de Lyon! Foi o Gardé que o fez!

. . .

Em uma correspondencia de Lisboa:

«Apezar do grande numero de pessoas que transitaram nas ruas com o fim de assistirem á missa do gallo, segundo a antiga usança de nossos paes, nem uma só desordem, nem um só disturbio temos que consignar. Tal é a indole pacifica do nosso bom povo!»

Effectivamente parece impossivel que tantas pessoas podessem ouvir missa simultaneamente sem que nenhumas d'ellas tivessem a idéa — aliás naturalissima ao que parece — de virem em seguida para as ruas esfaquear-se no transito. Decididamente Lisboa ouve a sua missa com a mesma cordura com que faz as suas conspirações e as suas revoltas: — sem morrer ninguem!

A Julio Cesar Machado — O teu livro *Á Lareira* foi annunciado por quasi todos os periodicos d'este mez em termos que me encheram

das mais serias apprehensões e dos mais negros cuidados a respeito do teu espirito. Os jornaes diziam todos: « *O nosso bom Julio! O nosso sempre querido Julio! O nosso bem amado e nunca bastante estimado Julio!* Depois, um accrescentava: *A sua penna é de prata, mas o seu coração é de oiro.* Outro dizia: *Mas o que é preciso é conhecel-o! que bonhomia! que benevolencia! que candura!* E todos eram concordes n'estas exclamações unisonas despertadas pela tua obra: *Iih!... Aah!!... Uuuh!!!... Meu Deus — altos ceus — virgem Maria — que bom homem!*

De sorte que, achando-me eu, por tudo isto, estupido como o Cinna de Corneille, fui ler ancioso o teu livro, e venho dizer-te que te calumniaram vilmente — os torpes. Mas pelo contrario! O teu livro está bom. Ha mesmo n'elle paginas com tanta graça que nem se percebe que estão bem escriptas!

Não! elles mentiram: tu não estás idiota, bandido! tu tens espirito, malvado! tu escreves bem, assassino!

O que vejo é que os teus confrades pretendem comprometter-te e affligir-te muito, denunciando-te ao mundo como a *Rosière* da tua

freguezia. Coitado! Como deves estar abatido com os teus olhos baixos, com o teu ramalhete no seio, com o teu rubôr nas faces e as tuas flôres de larangeira na fronte!

Se os teus verdugos te permittirem um pequeno golpe de canivete na fama que te fizeram, e se os jejuns e as dietas vegetaes a que deves sujeitar a tua candidatura ao premio *Monthyon* te consentirem desenjoar-te uma manhã comendo um arenque grelhado com manteiga fresca, e bebendo um copo de Pauillac, lembra-te que ha dois mezes que te não vejo e vem almoçar com o teu antigo e fiel

Scelerado e amigo
R. O.

O sr. patriarcha acaba de cortar a grave questão ha pouco suscitada na egreja olysiponense ácerca de ser ou não permittido que as mulheres cantem nas egrejas. Sua eminencia prohibiu que as mulheres cantem.

Na Inglaterra discute-se actualmente se as

mulheres devem ou não devem ter o direito do voto, o qual miss Augusta S... requer e sustenta no seu jornal, publicado em Boston, com argumentos irrespondiveis.

Nos Estados Unidos algumas mulheres apresentam-se como candidatos á representação de varios circulos eleitoraes, e além das que são já bachareis, medicos e professores, apparecem outras que pretendem ser admittidas no exercito.

Em França o sr. Emilio de Girardim propõe que para todos os effeitos da jurisprudencia e da legislação, a paternidade — que é uma questão — seja substituida pela maternidade — que é uma evidencia —; que os filhos sejam todos eguaes perante a mãe; que finalmente para a sociedade a mulher seja a unica responsavel da familia.

Na Allemanha estabelece-se o ensino secundario e superior das mulheres, e sabios eminentes tractam, em conferencias que lhes são especialmente consagradas a ellas, os mais elevados problemas da sciencia.

Os cabeças do grande movimento revolucionario do socialismo atacam as questões da liberdade no casamento e do direito de testar

n'um sentido que firma a independencia da mulher em relação aos direitos do homem.

Em summa: no mundo civilisado opera-se, está-se operando lentamente, pacificamente, scientificamente, uma revolução profunda na liberdade, a qual revolução se pode chamar — um 1793 feminino.

. ˙ .

Ao lado d'este grande movimento das idéas e dos sentimentos modernos, é doce ver Portugal contribuir com a sua parte para a solução de um dos maiores problemas d'este seculo, discutindo a respeito das mulheres: se ellas devem ou não — cantar nas egrejas! E decidir sua eminencia o sr. patriarcha — que não devem cantar!

Porque não?

Porque o cantico das mulheres offende a gravidade do culto.

Algumas mulheres que deixaram de cantar perguntam-nos se essa gravidade theologica não será melindrada um pouco na parte instrumental da musica religiosa, permittindo-se que a ostia consagrada continue a elevar-se entre os dedos ungidos do sacerdote ao som do ritor-

nello do general Boun e da cavatina da Traviata — a consagração dos pinchos de um bôbo e da tysica divertida de uma *cocotte*.

Sabia-se que o tribunal da Boa Hora era o «santuario da justiça», onde varios senhores advogados ganham a sua vida deffendendo quotidianamente — com a maior eloquencia e o maior ardor — a santa causa dos opprimidos, e bem assim — a causa contraria.

No dito santuario uma multidão de ociosos assistem todas as manhãs á glorificação de um que roubou o seu patrão ou esfaqueou o seu companheiro, e a respeito do qual um magistrado vestido de toga exclama:

Nunca, senhores jurados, nunca, desde o principio da minha longa e obscura carreira no foro, tive a honra, em cumprimento da augusta missão que a lei me confere, de erguer minha debil voz em favor de ente mais desgraçado, mais innocente, mais vil e ferozmente ultrajado por seus inimigos, do que aquelle que

vedes n'este momento sentado ali... (Com «lagrimas na voz» e apontando o reu com um gesto tremulo e antigo:)... *n'a-quel-le ban-co!*

(Viva commoção. O sr. advogado bebe alguns golos de agua, e leva um lenço aos olhos.)

. ˙ .

E algumas mulheres, de chale traçado para o hombro, com os punhos fincados nos quadrís, levantadas nos bicos dos pés, espreitando por cima da multidão, ao fundo do tribunal, ouvindo estas palavras referidas ao seu conhecido Pera de Satanaz, choram...

Um inexperiente, enternecido, pergunta:

— Foi este o que levou as facadas?

— Não, o malvado que as levou fugiu... para o outro mundo; este — coitadinho — foi o que — as deu!

. ˙ .

O que porém não sabiamos do tribunal da Boa Hora é o que se deprehende da seguinte noticia que acabamos de ler:

«O sr. conselheiro Lopes Branco, presidente da Relação de Lisboa, expediu ordens terminantes aos senhores juizes criminaes da Boa Hora para que estes (palavras de s. ex.ª o sr. conselheiro) *façam expulsar d'aquelle edificio todos*

os vadios que costumam ser testemunhas «ad hoc» em tudo e para tudo.

Tal é o raio da terrivel punição vibrado corajosamente pelo referido sr. conselheiro contra as testemunhas falsas, ou « testemunhas *ad hoc*, que testemunham em tudo e para tudo» —como s. ex.ª mais graciosamente diz!

De modo que, seguida esta determinação, veremos de ora ávante os juizes criminaes, começarem a audiencia por se levantarem e proferirem estas palavras:

«Por ordem de s. ex.ª o sr. conselheiro presidente da Relação são convidadas suas senhorias as testemunhas falsas a terem a bondade de retirar-se da sala.»

Espera-se que os senhores juizes, desejosos de afervorar nas senhoras testemunhas falsas o desejo de mudarem de sitio, lhes offereçam tambem as suas casas e as convidem a jantar... Ou que pelo menos se lhes faça notar que: Se suas senhorias quizerem ter a bondade de preferir ao recinto do tribunal o Gremio Litterario, a a Confeitaria Italiana, ou o bufete de Baltresqui, n'aquelles estabelecimentos se lhes participa por ordem do sr. presidente da Relação que a toda a testemunha falsa que se apresente se

servirá gratuitamente fatias de presunto de York e *pale-ale*.

Porque uma das coisas que mais captivam as testemunhas falsas—depois de se lhes não cortar as mãos como mandava fazer Carlos Magno—é offerecer-se-lhes presentes.

. ˙ .

Todavia nas *Ordenações*, titulo 54, lê-se:

Pessoa, que testemunhar falso em qualquer caso que seja, morra por isso *morte natural*; e *perca todos os seus bens* para a corôa de nossos reinos. E essa mesma pena haverá o que induzir e corromper alguma testemunha, fazendo-lhe testemunhar falso em feito crime de morte, ora seja para absolver ou para condemnar. Porém, se fôr para absolver, não se fará n'elle execução, até nol-o fazerem saber declarando-nos as causas por que foi movido a tal fazer. E se fôr em outros crimes, que não sejam de morte, e assi nos civeis, *será degradada para sempre* para o Brazil; *e perderá sua fazenda*, se descendentes ou ascendentes legitimos não tiver. E em cada um d'esses casos *não poderá a parte haver perdão de nós*; e se o houver, mandamos

que lhe não seja dado; porque o havemos por subrepticio.

E nos paragraphos do mesmo titulo diz-se:

1.° E provando-se que alguma pessoa subornava testemunha, promettendo-lhe dinheiro, ou qualquer outra coisa, por que testemunhasse falso, posto que o não quizesse acceitar, nem dar testemunho, nem ser apresentado por testemunha, se a causa para que assi subornava fôr civel, *seja açoutado pela villa com baraço e pregão* E se fôr feito crime, em que não caiba morte, *haverá a sobredita pena*. E se fôr em crime de morte para condemnar, *seja degradado para o Brazil dez annos e mais será açoitado*. E se fôr para absolver, *seja degradado dez annos para Africa*.

2.° E o que apresentar testemunhas falsas, haverá a mesma pena, posto depois de apresentadas diga que não quer usar d'ellas.

No Codigo Penal dispõe-se no artigo 238.° que a testemunha falsa seja punida — conforme a gravidade das circumstancias que concorrem no crime — em prisão maior, em trabalhos publicos ou em degredo.

. . .

As *Farpas* perguntam agora:

Está o sr. conselheiro Lopes Branco, presidente da relação de Lisboa, auctorisado a annular toda a legislação que se refere ao feito crime das testemunhas falsas? Está sua ex.ª bem certo de que lhe assista a precisa auctoridade para aliviar com um traço de penna as testemunhas falsas da pena de degredo, de prisão, de trabalhos publicos, substituindo toda a penalidade applicavel a tal crime pela simples expulsão dos criminosos do tribunal da Boa Hora?

Sabe ou não sabe sua ex.ª que «os vadios que enchem aquelle edificio» são, como sua ex.ª affirma, *testemunhas «ad hoc» em tudo e para tudo?*

Se o sabe, porque razão não manda immediatamente processar esses criminosos duplamente cumplices de *vadiagem* e de *falso testemunho?*

Se o não sabe, se não tem d'isso evidencia ou prova, com que direito ousa um magistrado tão qualificado, occupando na justiça um logar tão eminente, imputar, sem provas, a uma designada multidão, o mais baixo, o mais vil, o mais hediondo dos crimes?

. · .

E, depois, lançar fóra do tribunal as testemunhas falsas é bom de mandar! Mas onde quer sua ex.ª o sr. presidente da relação que os senhores juizes criminaes depositem os indigitados malfeitores?

Na rua não. A camara municipal que tem o direito de prohibir que os moradores lancem as suas immundicies das janellas abaixo, sobre a via, deve com mais forte razão oppôr-se a que os tribunaes ponham fóra da sua porta, no macadam, os seus criminosos.

Que por tanto o sr. conselheiro Lôpes Branco se digne de dar a este respeito as suas ordens. Em nome da decencia e em nome da moral publica, nós mandamos ao sr. presidente da relação este aviso:

É prohibido despejar sobre a cidade testemunhas falsas.

A commissão encarregada de recolher os productos nacionaes que teem de figurar na exposição de Vienna d'Austria, trata de fazer repre-

sentar n'aquelle certame a instrucção primaria portugueza. Assim o lemos em todos os periodicos d'este mez, accrescentando-se que está particularmente empenhado no successo d'esta empreza o sr. commissario dos estudos do districto de Lisboa, membro da commissão alludida.

Esperamos que a commissão se não esqueça dos seguintes artigos:

1.º O celebre compendio (approvado) em que os estudos de historia patria apparecem reformados em um sentido tão radical, que é levado o auctor — a começar pelo fim.

2.º O compendio de arithmetica (egualmente approvado) no qual pela primeira vez se revela ao mundo — *que o melhor meio de saber o numero das coisas que existem é contar as coisas que existem.*

3.º A obra do grande professor o sr. Victor Pereira, em que se lê: *A sciencia que trata dos fluidos chama-se mineralogia.*

4.º O immortal livro da *Agricultura* em que

o professor Moreira de Sá responde a esta temerosa pergunta que a si mesmo dirige: *Que ha a respeito do feijão?*

5.° O incomparavel codigo de *Civilidade* em que o insigne João Felix Pereira — «arrancando o sceptro aos tyrannos e os gazes á natureza» — vinga a boa educação, lançando para todo sempre um grilhão — ao arroto.

.˙.

Quando os austriacos virem esses assombrosos prodigios da grande fertilidade intellectual portugueza, terão tristezas, como os famintos hebreus do dezerto perante as grossas cebolas do Egypto.

E Lysia sorrirá de orgulho.

.˙.

Pedimos sobretudo que não esqueça mandar, dentro de uma gaiola, para a secção da historia natural, um dos nossos professores de instrucção primaria, que o estado consegue sustentar com noventa mil réis por anno. Que se faça notar a todos os visitantes que a gaiola não tem comedouro e que o professor se alimenta exclu-

sivamente com a leitura do *Manual Encyclopedico* que tem debaixo do braço. Que principalmente não esqueça — a fim de podermos continuar a aproveitar no serviço publico o professor que exposermos — affixar no recinto da exposição um rotulo em que se leia:

Pede-se ao publico o obsequio de não comer nem mostrar comestiveis diante da gaiola do sr. professor portuguez, para não despertar no objecto exposto ideias que o governo de sua magestade fidelissima julga incompativeis com o exercicio do magisterio no territorio nacional.

Ao sr. bispo de Vizeu

Exm.° e revm.° senhor. — Estará v. ex.ª lembrado de que, ha mezes, visitando o edificio da academia real das sciencias de Lisboa e entrando em um gabinete onde eu estava trabalhando, teve o signatario d'esta carta a honra de ser apresentado a v. ex.ª pelo seu amigo o professor Augusto Soromenho.

Conversámos perto de duas horas. E eu fiquei-o estimando desde esse dia, exm.º sr., e julgando-o dignissimo não só do meu respeito, mas da minha amizade:

Amicus dulcis, ut æquum est,
Quum mea compensat vitiis bona, pluribus hisce,
Si modo plura mihi bona sunt, inclinet, amari
Si volet: hac lege in trutina ponetur eadem.

... Digo-o em latim de Horacio porque me sae mais breve do que em vernaculo meu.

Então reconheci, com pasmo, que v. ex.ª tinha — um pouco mais para seu uso que para o dispensar com a patria — o mais raro dote que Deus concede á intelligencia humana, o menos apparatoso, o impolitico, o que se traz escondido, o que se não póde publicar sem muito denodo, sem muita coragem, sem um profundo cynismo... Refiro-me, exm.º senhor, a esta coisa tão extraordinaria e ao mesmo tempo tão simples chamada — o juizo. « Juizo na terra aos homens » seria a maior das revoluções por que tem passado o mundo. Se amanhã pela manhã todos nós acordassemos com juizo, ninguem teria mais necessidades, nem hu-

milhações, nem vexames, e passariamos o resto dos nossos dias n'uma alegria illimitada, rindo-nos até á hora da nossa morte das tolices que nunca deixamos de fazer desde que nascemos até hoje. O superfluo que nós pagamos tanto mais caro do que o necessario, o superfluo na casa, na rua, na politica, na *toilette*, na religião, na arte, o estupido superfluo, a que sacrificamos constantemente o nosso dinheiro, a nossa paz, a nossa consciencia, a nossa dignidade, acabaria com a simples distribuição de um bocado de juizo a toda a gente. O resultado seria o socego e a paz dos que tomam da vida unicamente o lado serio; seria a regularidade dos habitos, a tranquillidade do espirito e a dos nervos, a saude, portanto, a alegria, a extrema facilidade da existencia na extraordinaria abundancia do que nos é realmente preciso.

Foi talvez esta idéa perfeitamente philosophica e justa que inspirou a v. ex.ª como estadista o seu bem conhecido programma «das economias.» Succedeu porém que v. ex.ª, que estava inteiramente na verdade como philosopho, não fez como politico senão commetter o deploravel erro de estabelecer como lei de revolução aquillo que não poderia manifestar-se

senão como o resultado de uma profunda reforma nos principios, nas instituições, nos caracteres e nos costumes.

Em todo o caso como o não poder dizer *O Fortunatam natam me consule Romam!* não é uma inteira razão para que v. ex.ª deixe de ser realmente o mais estimavel dos homens, despedi-me de v. ex.ª por occasião da nossa entrevista com os sentimentos da mais perfeita dedicação. E quando v. ex.ª chegou hontem de Vizeu a Lisboa, fui esperal-o á estação de Santa Apolonia. Hoje vejo-me citado em um periodico, pelo facto d'esta manifestação da minha particular estima por v. ex.ª, como um «dos cavalheiros influentes do partido reformista.» Ora é isto o que eu tomo a liberdade de vir rectificar, dirigindo a v. ex.ª estas linhas.

Não, exm.º senhor, eu não pertenço ao partido reformista, nem a partido nenhum. Assim como não sou do sr. Fontes, nem do sr. duque de Loulé, tenha v. ex.ª a bondade de tomar nota de que — tambem não sou de v. ex.ª Habituado a viver com pouco, eliminei por tal modo as minhas ambições e restringi de tal maneira as minhas necessidades, que posso sem sacrificio nenhum dar-me o luxo de ser unicamente

de mim mesmo. *Alterius non sit, qui suus esse potest.*

O que não entendo é a razão porque se decidiu peremptoriamente que por ir ao encontro de v. ex.ª era eu o que ia encorporar-me no partido reformista! Porque se não conjecturou antes que era v. ex.ª o que vinha reforçar-me na redacção das *Farpas?* Esta hypothese seria a mais sensata. Alliado a um partido politico eu não faria mais do que augmentar ingloriamente o *mutum et turpe pecus* (Estou com uma *latinite* aguda!) Associado comigo na redacção d'esta chronica, v. ex.ª, que é um homem de bom humor e de fina zombaria, — *emunctae naris* — v. ex.ª revelaria certamente o mais util dos philosophos e o mais interessante dos escriptores. Portanto, se das nossas relações de amizade tiver de resultar a collaboração dos nossos espiritos alliados em serviço da patria, tenha o publico entendido que foi v. ex.ª, homem de espirito, quem veiu occupar o logar de Eça de Queiroz — *arcades ambo* — e não eu o do sr. Coelho do Amaral — *impares virtute.*

De v. ex.ª
Dedicadissimo criado.

NOTA

Nas duas primeiras folhas d'este volume, cujas provas não poderam ser attentamente lidas pelo auctor antes de dadas ao prelo, passaram alguns erros de letras, que o leitor poderá facilmente emendar. Cita-se no artigo consagrado ao drama *Os Sabichões* o nome de *Schlegel*, o qual, desfigurado no texto por esta fórma *Shelegel*, póde não ser entendido.